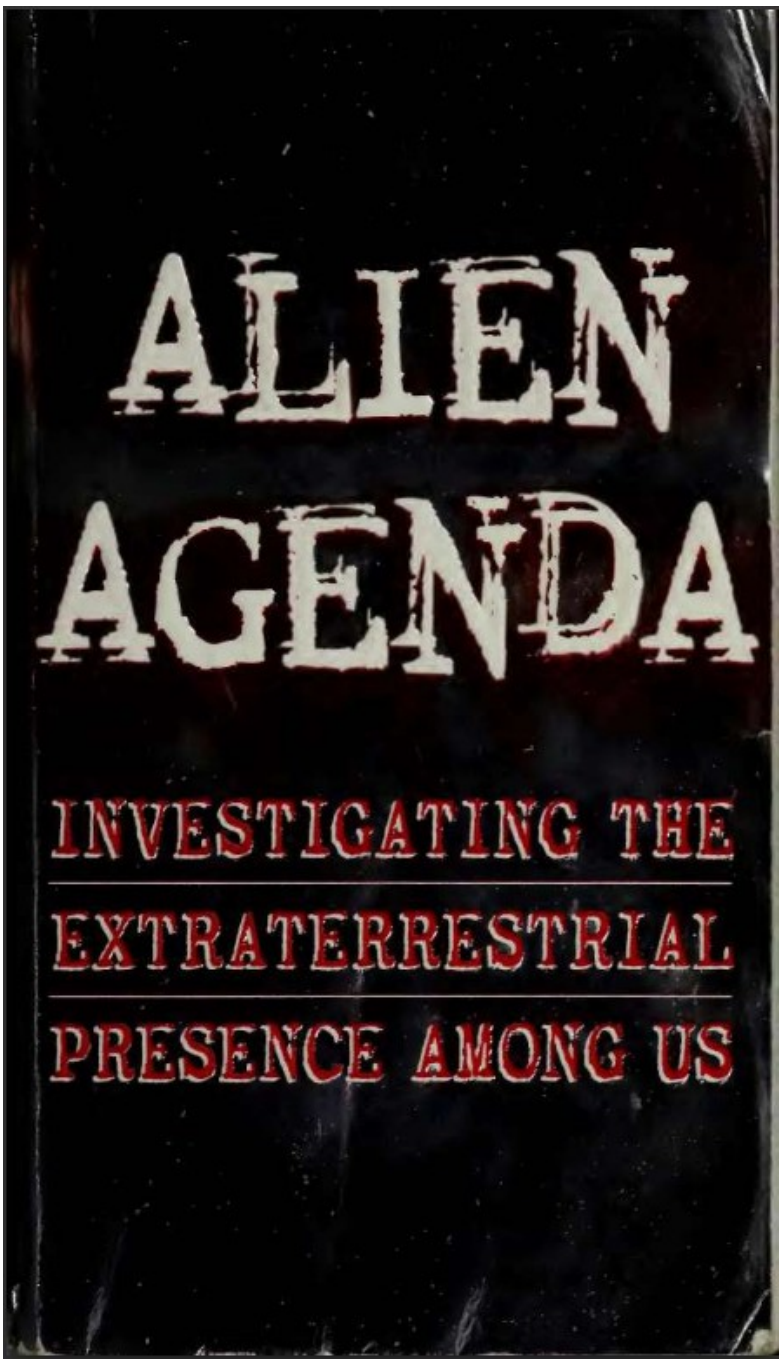


INVESTIGANDO A PRESENÇA EXTRATERRESTRE ENTRE NÓS

AGENDA ALIENÍGENA

JIM MARRS

CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO
Uma Luz Silenciosa e Brilhante
A Queda de Aurora de 1897
A Coisa no Lago

CAPÍTULO 1 – A Maior Nave Alienígena?
A Teoria da Nave Espacial Lua
Luzes e Monumentos na Lua
NASA Nunca Dá uma Resposta Direta
Manobras no Espaço Sideral

CAPÍTULO 2 – Astronautas Antigos
OVNIs na Bíblia
Artefatos Antigos
Mapas Misteriosos
As Espantosas Pirâmides
A História de uma Vítima de Queda

CAPÍTULO 3 – Observadores Militares
O Ataque Aéreo de Los Angeles
Caças-Fantasma (Foo-Fighters)
Discos Voadores do Reich

Voo Águia
Foguetes Fantasmas
Arnold e o Mistério da Ilha Maury

CAPÍTULO 4 – O Caminho para a Recuperação
A Queda de Roswell
Uma Visão dos Projetos
Os Documentos MJ-12
Aviso Oficial sobre OVNIs
JFK, Marilyn e os OVNIs

CAPÍTULO 5 – Negação Plausível
OVNIs sobre Washington
A CIA Assume o Controle
Satélites Artificiais Gigantes

NICAP Combate o Sigilo
Um Pouso em Socorro
O Grande Apagão
O Relatório Condon

CAPÍTULO 6 – OVNIs Subterrâneos
O Caso Bentwaters
Fluxograma de Comando dos OVNIs
Anotações do Subterrâneo
A Terceira Alternativa
O que Acontece na Área 51?
O Cientista e os Discos Voadores

CAPÍTULO 7 – Cara a Cara
O Homem de Vênus
Além das Colinas
A Conexão Pleiadiana
Conheça Seus Vizinhos

CAPÍTULO 8 – Tempo Perdido

CAPÍTULO 9 – Morte Vinda do Céu
Os Dias Perdidos de Walton
Crianças Estelares
Olhe nos Meus Olhos
O Ataque Mack
Um Tempo de Comunhão
Visitas Noturnas
O que Está Incomodando Você?
Uma Mutilação Típica
O Diabo Me Fez Fazer Isso
O Último Ataque
Características das Mutilações
O que Diz Howe Sobre as Mutilações?
Uma Abdução Lembrada
Ataque do Chupacabra

CAPÍTULO 10 – Andando em Círculos
Anatomia de um Círculo
A Saga de Doug e Dave
A Ciência Examina
Mensagens Mal Compreendidas

A Bíblia Me Diz Isso
Como Fazer um Círculo
Um Futuro Sombrio
Nativos de Marte
O Problema com a Visualização Remota
Quartel-General da Federação Galáctica
O que os Videntes Veem

CAPÍTULO 11 – Na Mente
Intergalácticos em Busca de Abrigo
Visualizando à Distância
Uma Visão do Espaço

CAPÍTULO 12 – Um Exame Metafísico
O Pequeno Povo
Os Deuses da Guerra
Vozes do Éter
Aliens Salvam a Terra
Um Alienígena por Qualquer Outro Nome

EPÍLOGO – Novas Realidades

APÊNDICE – Leve-me ao Seu Líder
A Tentativa de Golpe de 1934
Passar a Responsabilidade
Governo por Poucos

FONTES

ÍNDICE REMISSIVO

INTRODUÇÃO

A controvérsia sobre a existência dos OVNIs acabou.
OVNIs são reais.
Apenas aquelas pessoas cuja visão de mundo as impede de lidar honestamente com a enorme quantidade de documentação e relatos coletados nas últimas cinco décadas ainda se agarram à ideia de que nada sobrevoa os céus da Terra além da imaginação humana. As evidências acumuladas ao longo do último meio século indicam claramente que os OVNIs representam objetos reais e tangíveis exibindo características diferentes de qualquer coisa que o homem ainda possa produzir.
É claro que argumentos e protestos continuarão. Afinal, ainda existem algumas poucas pessoas que se recusam a acreditar que o mundo é redondo.
Mas, quer você acredite neles ou não, os OVNIs agora fazem parte da nossa realidade. Reúna mais de meia dúzia de pessoas em uma sala e é provável que pelo menos uma delas já teve uma experiência pessoal com OVNIs ou conhece alguém que teve. Histórias de avistamentos de OVNIs permeiam nossa sociedade — de trabalhadores rurais migrantes a ex-presidentes. Estamos cercados por OVNIs. Eles estão conosco em livros, quadrinhos, publicidade, filmes e televisão; em pôsteres, camisetas, outdoors, bugigangas, bonés e adesivos de para-choque.
Há aqueles que ainda preferem ignorar o fenômeno, esperando que ele simplesmente desapareça e pare de invadir sua visão de mundo confortável. Outros estão profundamente fascinados pelo que a realidade dos OVNIs pode pressagiar. Pesquisadores de OVNIs, organizações e convenções continuam a crescer em todo o mundo.
As perguntas agora são "O que são eles?" e "O que eles querem?" Qual é a agenda alienígena?
As respostas podem ser encontradas ao se ter uma visão geral da experiência total com OVNIs, uma investigação abrangente através do labirinto da literatura sobre OVNIs — grande parte dela sensacionalista, contraditória, distorcida, desconexa e deficiente de uma forma ou de outra, embora certos temas comuns possam ser discernidos.
Essa confusão é agravada pelo engano governamental documentado e pela duplicidade, auxiliados pela relutância da ciência convencional em abordar publicamente as evidências. Pois poucas pessoas — particularmente entre a arrogante intelligentsia científica e política — estão dispostas a dar qualquer crédito público ao assunto. Ao não reconhecer publicamente o fenômeno, esses bastiões da conformidade e do conservadorismo deixaram o campo aberto para uma ampla gama de pesquisadores particulares, que vão desde investigadores sérios e dedicados até os mais loucos dos charlatões e aventureiros. Essa situação significou que qualquer olhar sério e imparcial sobre os OVNIs imediatamente expunha o pesquisador a uma enxurrada de ridículo e rejeição arrogante por parte daqueles que têm alguma razão para ignorar o assunto.
Portanto, este não é realmente um livro sobre OVNIs. É mais um livro sobre mentalidade. A mentalidade envolve o que você sabe e, talvez mais importante, como você sabe. Desde o momento do nascimento, somos continuamente marcados por nossas experiências, nossos

pais, as pessoas e lugares ao nosso redor, e nosso condicionamento social — os mais dominantes dos quais são a educação pública e a religião. Esse condicionamento continua ao longo da vida, auxiliado principalmente pela mídia impressa e transmitida.
"Embora a mídia obviamente não possa ditar como devemos pensar, ela certamente define a agenda sobre o que devemos pensar." Quem tem tempo para histórias tediosas de conspirações governamentais e manipulações financeiras quando os jornais e as ondas de rádio estão cheios de crimes, acidentes e celebridades? Quem se incomoda em notar quando um "intervalo de notícias" de uma rede de TV em horário nobre não contém nada além de resultados esportivos?
Para a maioria das pessoas — talvez a maioria — os OVNIs representam uma questão a ser evitada. Então elas enterram suas mentes no mundo seguro e convencional do jornal local e de seu âncora favorito que todas as noites lhes diz que está tudo realmente bem — logo após entregar a ladainha do dia de morte e tristeza. Essas pessoas então se asseguram de que estão bem informadas.
Somando-se a essa autoconfiança está a infusão regular da mídia de pensamento convencional por vários especialistas, a maioria dos quais deve seu sustento ao governo de uma forma ou de outra. A maioria cede à imensa pressão do status quo e não diz nada publicamente que possa causar controvérsia. Aqueles que o fazem são geralmente rotulados como malucos ou caçadores de lucro.
Uma ilustração clara pode ser encontrada na comparação de dois autores de OVNIs com opiniões amplamente divergentes. O Major Donald E. Keyhoe, formado em Annapolis, piloto do Corpo de Fuzileiros Navais e associado de Charles Lindbergh, começou a estudar a questão dos OVNIs quase desde seu início em 1947. Durante sua carreira, Keyhoe desenvolveu relacionamentos próximos com muitos oficiais de alta patente do governo e das forças armadas. Keyhoe escreveu em *Aliens from Space*: "Durante minha longa investigação sobre esses objetos estranhos, vi muitos relatos verificados pela Inteligência da Força Aérea, relatos detalhados de pilotos da Força Aérea, operadores de radar e outros observadores treinados provando que os OVNIs são naves de alta velocidade superiores a qualquer coisa construída na Terra. Antes de a censura se intensificar, também recebi as conclusões secretas de cientistas da Força Aérea e oficiais da Inteligência Técnica Aérea."
Em 1957, Keyhoe foi nomeado diretor do Comitê Nacional de Investigações sobre Fenômenos Aéreos (NICAP), uma das primeiras organizações privadas de pesquisa de OVNIs.
Em 1968, o notável físico americano Dr. James E. McDonald disse a um comitê do Congresso: "Devo enfatizar que muita verificação da minha parte me convenceu de que a precisão jornalística de Keyhoe era uniformemente alta... sua confiabilidade deve ser reconhecida como impressionante." O Major Keyhoe parecia ser um comentarista bem relacionado e confiável sobre OVNIs que, após um estudo cuidadoso dos dados, chegou à conclusão de que o fenômeno representava uma visitação extraterrestre.
Um autor mais recente, Curtis Peebles, também apresentou credenciais impressionantes. Em 1995, Peebles viu a publicação em brochura de seu livro sobre OVNIs, *Watch the Skies!* O título é enganoso porque Peebles, após apresentar uma visão geral bem organizada e

documentada dos OVNIs, concluiu que toda a questão constitui algum tipo de psicose em massa — um mito sem realidade objetiva. Então, por que olhar para cima?
De acordo com Alex Doster, editor-chefe da Smithsonian Institution Press, que publicou originalmente o trabalho de Peebles, sua conclusão de que os OVNIs não existem representa "geralmente as opiniões do Smithsonian".
Agora considere como Peebles, que seguiu os passos de desmascaradores de OVNIs como Philip J. Klass e Dr. Donald H. Menzel, tratou Keyhoe. Primeiro, ele fez a declaração não documentada de que "no início de 1949, Keyhoe estava tendo problemas para equilibrar as contas e estava procurando ideias", insinuando que Keyhoe provavelmente escreveria qualquer coisa para ganhar dinheiro. Em seguida, Peebles relatou como Keyhoe foi designado para estudar OVNIs por Ken Purdy, editor da revista *True*, e afirmou: "Uma coisa se destaca na reunião de Keyhoe com Purdy. Desde o início, ambos estavam convencidos de que os discos voadores eram reais, e que a Força Aérea sabia disso e estava encobrindo... Cada comentário, cada ação, cada boato foi encaixado nessa crença preexistente." Em outras palavras, a conclusão de Keyhoe de que os OVNIs representam visitantes extraterrestres estava errada porque ele construiu seu caso com base em uma preconcepção.
Mas e Peebles? Na introdução de seu livro, ele admitiu abertamente sua própria preconcepção quando escreveu: "Sou um cético. Acredito que os relatos de discos voadores são interpretações equivocadas de objetos, fenômenos e experiências convencionais. Não acredito que as evidências indiquem que a Terra está sob vigilância maciça por naves espaciais alienígenas em forma de disco." Ele também não operou a partir de uma ideia preconcebida — sua mentalidade de que não há nada lá? Isso colore sua interpretação de todas as questões subsequentes sobre OVNIs, como evidenciado por seu comentário leviano sobre vigilância "maciça" da Terra por "naves espaciais alienígenas em forma de disco". Nem todos os pesquisadores de OVNIs concordariam com "maciça", "em forma de disco", "alienígena" ou "naves espaciais" como uma representação verdadeira do fenômeno. Peebles e outros de sua laia não são verdadeiros céticos. Eles são desmascaradores — determinados a defender sua mentalidade contra OVNIs a todo custo — e serão referidos como tal nestas páginas.
O verdadeiro cético deve avaliar especialistas — particularmente especialistas do governo — da mesma forma que avaliaria qualquer indivíduo: esta fonte se mostrou confiável no passado? Infelizmente, o histórico do governo em veracidade é vergonhoso. O embaixador da ONU Adlai Stevenson, com base em informações fornecidas por fontes governamentais, assegurou ao mundo que os Estados Unidos não tinham absolutamente nenhuma ligação com a malfadada invasão da Baía dos Porcos em 1961. O público foi informado de que havia "luz no fim do túnel" no Vietnã pouco antes da ofensiva comunista do Tet em 1968. O presidente Richard Nixon disse que não era um ladrão pouco antes de renunciar para evitar o impeachment. Em 1975, o público foi informado de que havia uma grave escassez de gasolina, mas os tanques de armazenamento no Texas estavam cheios até a borda. Em 1980, o presidente Ronald Reagan ganhou o cargo prometendo equilibrar o orçamento federal e depois acumulou um déficit de US$ 2 trilhões. O presidente Bill Clinton admitiu que fumou

maconha, mas declarou que nunca inalou. A lista é interminável. Se o governo dos EUA fosse um indivíduo, ninguém teria nada a ver com ele.

Para ir além de uma mentalidade tão restritiva, é preciso estar aberto a todas as possibilidades — a considerar seriamente teorias e explicações alternativas. É preciso olhar além dos especialistas da mídia que definem estreitamente as questões e paradigmas da atualidade. É preciso buscar a verdade em qualquer forma que ela possa aparecer — seja em publicações alternativas, documentários em vídeo, boletins informativos ou até mesmo em quadrinhos. Somente após absorver o máximo de informações possível sobre OVNIs, das fontes mais divergentes possíveis, o indivíduo pensante pode começar a obter a visão geral necessária para determinar as realidades do fenômeno.

Com a proliferação de câmeras de vídeo e automáticas baratas, dificilmente passa um mês sem que mais um OVNI seja capturado em filme ou fita. Some-se a essa crescente evidência fotográfica os relatos pessoais cada vez maiores, retratados tanto na mídia impressa quanto na transmitida.

Embora seja verdade que o mistério dos OVNIs seja profundamente agravado pela falta de evidências físicas concretas, qualquer um que possa afirmar inequivocamente que os OVNIs não existem ou negligenciou o estudo da enorme quantidade de literatura agora disponível ou está em estado de negação que nenhuma quantidade de evidências penetrará. "Se você apostar contra os OVNIs, estará apostando contra uma certeza", declarou o astronauta americano John W. Young. "Há tantas estrelas que é matematicamente improvável que não haja outras fontes de vida no universo."

Muitos cientistas conhecedores e visionários falaram seriamente sobre OVNIs. O professor alemão Hermann Oberth, que pioneering a tecnologia de foguetes, escreveu: "É minha tese que os discos voadores são reais e que são naves espaciais de outro sistema solar. Acho que são provavelmente tripulados por observadores inteligentes que são membros de uma raça que pode estar investigando nossa Terra há séculos." Um dos ex-alunos de Oberth e outro famoso cientista de foguetes, Wernher von Braun, observou: "O Professor Oberth sempre esteve 20 a 40 anos à frente do resto de nós."

Hoje, toda a questão dos OVNIs se tornou um fenômeno multifacetado envolvendo muito mais do que o hardware de naves espaciais. Questões periféricas envolvendo física, história, evolução, dimensões espaciais e tempo entram na discussão, assim como assuntos espirituais e psíquicos. No entanto, uma realidade tangível existe dentro desses vários aspectos.

Pelo menos é isso que a vasta quantidade de material agora disponível sobre o assunto sugere para mim. E "mim" é a palavra-chave aqui. Grande parte da crença em OVNIs e do peso dado às evidências é subjetiva.

Será que alguém aceita sem críticas todos os relatos de avistamento ou abdução por OVNIs? Ou será que automaticamente desconta tais relatos? Pode-se dar crédito inquestionável a relatórios e especialistas do governo, ou todos eles são suspeitos? Na falta de experiência pessoal, em quem se acredita e em quem não se acredita?

É um problema genuíno. Eu tinha ouvido falar de lama caindo do céu, mas até passar por algo assim enquanto morava no oeste do Texas, eu considerava isso apenas mais uma das

notórias histórias exageradas do Lone Star State. Como as crenças de uma pessoa estão inextricavelmente ligadas às suas experiências de vida, sinto que é necessário entrar nesta narrativa jornalística por um curto período e apresentar uma introdução pessoal ao assunto.

Uma Luz Silenciosa e Brilhante
Até onde sei, nunca vi um OVNI. A única possível exceção ocorreu quando eu tinha nove anos. O ano era 1952 e minha família morava em um subúrbio de Jackson, Mississippi. Era véspera de Natal. Cheio da empolgação e expectativa do feriado, eu não conseguia dormir. Bem depois da meia-noite, eu me revirava na cama quando, por capricho, me ajoelhei e olhei pela janela. O bairro de casas modestas de madeira estava banhado pelo luar e particularmente silencioso. Nem mesmo os latidos habituais de cães podiam ser ouvidos. Enquanto olhava pela janela contemplando as atividades do dia seguinte, percebi uma luz brilhante no céu se movendo da minha esquerda para a direita. Ela passou baixo sobre a casa ao lado da nossa. Não vi luzes coloridas e nada piscando. Era uma luz constante e muito brilhante que imediatamente pensei ser a luz de pouso de uma aeronave. Decidi que um avião devia estar chegando para pousar.
Mas então dois pensamentos me ocorreram. Um, não havia aeroporto nenhum nas proximidades, e segundo, não havia som. Escutei atentamente. Como muitos meninos daquela época, eu era fascinado por aeronaves e podia recitar nomes e especificações à vontade. O P-51 Mustang e o P-38 Lightning, dois cavalos de batalha da Segunda Guerra Mundial, ainda voavam e estavam entre meus favoritos. O confiável C-47, conhecido em sua função civil como Douglas DC-3, ainda era amplamente utilizado. E, graças à Guerra da Coreia, eu e meus amigos estávamos familiarizados com os jatos militares F-86 Sabre e MiG. A ameaça sempre presente de aniquilação nuclear tornava os grandes bombardeiros B-52 e os soviéticos Bison muito bem conhecidos por nós. Mesmo naquela tenra idade, eu não era nenhum ingênuo quando se tratava de aeronaves.
No entanto, não conseguia ouvir nenhum som da luz brilhante que passava sobre a casa do meu vizinho. Nenhum som de motor a pistão. Nenhum grito de jato. Fiquei perplexo, mas não estava pasmo. Eu não era bem lido o suficiente para estar ciente do alvoroço sobre "discos voadores". Pensei que talvez estivesse a favor do vento e o som do motor se afastasse de mim. Ou talvez fosse um meteorito. Voltei para a cama e finalmente adormeci. Mas o incidente ficou na minha mente e, à medida que fui crescendo e aprendendo sobre OVNIs, muitas vezes me perguntei sobre aquela luz brilhante e silenciosa.
Muitas pessoas tiveram uma experiência semelhante ou conhecem alguém que teve. Luzes em movimento rápido no céu, iluminações brilhantes e intermitentes que pairam no ar são experiências comuns. Meu próprio sogro descreveu uma vez um objeto brilhante de comportamento mais incomum que observou na costa leste do México. Este homem teve uma carreira responsável durante toda a vida na Braniff Airlines. Não era dado a devaneios e imaginações selvagens.
No entanto, tais episódios não provam nada. Minha própria experiência poderia ter sido uma aeronave voando baixo ou uma nave espacial de Alpha Centauri. Após o evento, simplesmente não há uma maneira objetiva de determinar com certeza. Desmascaradores

sem imaginação provavelmente diriam que eu vi apenas Vênus ou, como Ebenezer Scrooge, foi apenas produto de carne não digerida. E eles podem estar certos.
Portanto, é preciso ter uma visão mais ampla da questão dos OVNIs. Considere todos os fatos, incluindo as anedotas humanas. Afinal, somos a soma total não apenas do que experimentamos pessoalmente na vida, mas também do que ouvimos ao longo do caminho.
Minha experiência no Mississippi aguçou minha curiosidade pelo incomum e comecei a ler ficção científica. Autores como Ray Bradbury, Isaac Asimov, Robert Heinlein e Arthur C. Clarke expandiram meus horizontes e estimularam minha imaginação, além de aumentar meu conhecimento científico do universo.
Minha mãe, uma devoted batista do sul, reclamava que eu estava entulhando minha mente com bobagens. Afinal, como ela pacientemente explicava, todos sabiam que não havia nada fora do nosso planeta e a ideia de voo espacial e satélites em órbita era absurda.
Mas em 4 de outubro de 1957, ela parou de dizer essas coisas. Ainda consigo lembrar da expressão confusa no rosto da minha mãe quando mostrei a ela as manchetes proclamando que os russos haviam colocado o Sputnik I em órbita ao redor da Terra. Eu também aprendi algo com o Sputnik. Aprendi que só porque figuras de autoridade dizem que algo é impossível, isso não o torna verdade.
Uma figura de autoridade que parecia acreditar que nada era impossível era o presidente John F. Kennedy. Em 25 de maio de 1961, pouco depois de assumir o cargo, ele comprometeu os Estados Unidos a colocar seres humanos na Lua dentro da década, quando afirmou: "Agora é a hora de dar passos mais longos, hora de uma grande nova empresa americana, hora de esta nação assumir um papel claramente de liderança na conquista espacial, que de muitas maneiras pode conter a chave para o nosso futuro na Terra."
No ano seguinte às palavras de Kennedy, eu estava na faculdade e tive uma conversa muito perturbadora com um dos meus companheiros de quarto. Nessa época, eu já tinha lido muito sobre OVNIs e estava completamente confuso sobre o assunto. Muitas pessoas credíveis afirmavam que eles eram reais e que eram naves de outros mundos, mas o governo dos EUA, incluindo a Força Aérea dos Estados Unidos, tinha explicações mais mundanas.
Certa noite, eu estava discutindo o assunto com meu colega de quarto da época, cujo pai era um coronel da força aérea estacionado no Pentágono. Doug ficou bastante sério e contou esta história: Apenas alguns anos antes, Doug e seu pai, que ele via apenas raramente devido às missões militares, fizeram uma viagem de pesca juntos. Tarde da noite, ao redor da fogueira e depois de algumas cervejas, o assunto dos OVNIs surgiu. Doug perguntou ao pai o que ele pensava sobre o assunto, e seu pai começou a descrever como fez parte de uma equipe militar que havia feito contato com uma nave alienígena que pousou em uma instalação militar na Costa Oeste. Seu pai começou a descrever os ocupantes da nave quando de repente interrompeu a conversa, dizendo que já havia dito demais. Apesar dos apelos de Doug, ele se recusou a dizer mais uma palavra sobre o assunto.
Essa era uma história que podia ou não ser verdadeira. Doug poderia estar me provocando, mas acho que não. Ele estava sério demais sobre o assunto e sua história claramente trouxe à tona o relacionamento tenso com seu pai, um assunto que duvido que ele tratasse de forma leviana. Era óbvio que Doug acreditava na história. Então, talvez o coronel da força aérea

estivesse brincando com seu filho. Mas, se sim, por que confundir seu filho recusando-se a elaborar ou mesmo terminar seu relato? Também fiquei impressionado com as credenciais do pai de Doug. Ele não era brincalhão, mas um oficial de alta patente da força aérea. Por que contar algo tão absurdo se ele estava apenas brincando com seu filho? E por que não admitir a brincadeira mais tarde? Em vez disso, Doug disse que depois foi instruído por seu pai a nunca repetir o que lhe foi dito.

Infelizmente, agora, tarde demais, não tenho como verificar esta história. Perdi o contato com Doug há muito tempo e não me lembro se algum dia soube o nome do pai dele. Mas é uma história que tipifica muitas que ouvi ao longo dos anos como jornalista cobrindo aviação, polícia, governo e forças armadas.

Ouvi relatos extraordinários de policiais, pilotos, oficiais militares, controladores de tráfego aéreo e muitos outros. Embora alguns possivelmente fossem interpretações equivocadas de ocorrências explicáveis ou produto de uma mente desequilibrada, a maioria veio de fontes credíveis que eram sinceras em seus relatos. Mas, embora essas histórias tenham permanecido comigo, poucas podem agora ser substanciadas. Outras histórias sobre casos de OVNIs agora famosos ficaram comigo.

Por exemplo, em meados da década de 1960, enquanto trabalhava para o *Lubbock Avalanche-Journal*, conheci muitas pessoas que se lembravam claramente das "Luzes de Lubbock" de 1951. Elas se lembravam de como a Força Aérea dos EUA concluiu que as luzes eram a parte inferior de patos refletindo luzes de rua. Elas riam com desdém, certas de que o que tinham visto não podia ser explicado como "traseiros de pato".

Mais tarde, trabalhando como repórter de notícias para o *Fort Worth Star-Telegram* durante o final dos anos 1960 e 1970, em três ocasiões separadas, conheci ex-militares da força aérea que afirmavam ter sido destacados na Base Aérea de Carswell, em Fort Worth, em 1947, quando o infame acidente de OVNI em Roswell supostamente ocorreu. Todos os três disseram que pedaços do objeto acidentado foram trazidos através de Carswell, e dois dos homens afirmaram ter realmente visto os detritos. Nenhum dos três acreditava que fosse um balão meteorológico. Apenas um desses homens afirmou ter conhecimento de corpos alienígenas. Este homem disse que, embora não tivesse visto os corpos pessoalmente, um companheiro da força aérea os havia guardado e lhe contou sobre eles. Ele foi enfático de que a história dos alienígenas recuperados era verdadeira. Infelizmente, não tomei notas de nomes, datas e lugares ou, se tomei, elas se perderam há muito tempo.

Mais recentemente, eu estava entrevistando um homem com laços documentados com o trabalho secreto de defesa do governo. Ele de repente começou a relatar uma história surpreendente.

A pedido de uma unidade ultrassecreta de OVNIs ligada ao governo, ele foi convidado a se juntar a uma expedição a um pequeno lago no Noroeste que era regularmente visitado por um OVNI. Determinados a estudar a nave, um grupo, incluindo meu contador de histórias, montou vigília até que uma nave tridimensional em forma de diamante se materializou acima do lago, onde pairou no ar, aparentemente sugando água. De repente, um feixe de luz brilhante disparou da nave, explodindo terra e rochas próximas. Os homens, incluindo tipos durões das Forças Especiais, fugiram como crianças assustadas.

Minha fonte riu alto ao relatar esta demonstração de fortaleza militar, mas mesmo assim obteve meu compromisso de não revelar sua identidade.
Eu peguei essas histórias durante o trabalho em outras atribuições. Mas tais relatos permaneceram comigo. Como não posso documentar nomes ou outros detalhes, você não encontrará essas histórias neste livro. Mas estas, juntamente com muitas outras histórias que ouvi durante meus anos de reportagem, estimularam meu interesse pelo fenômeno OVNI.
Mas não pense que aceito todas as histórias estranhas que encontro. Em 1969, fui o primeiro repórter a contar a história de um monstro "homem-cabra" que aterrorizava as pessoas no Lago Worth, a noroeste de Fort Worth. Essa criatura ficou conhecida como o "Monstro do Lago Worth" e se tornou uma lenda na área. Tão recentemente quanto outubro de 1992, a história do Monstro do Lago Worth foi repetida em uma edição da revista *Fate*. O editor consultor Mark Chorvinsky escreveu: "Alguns acreditam que o monstro ainda está solto, perambulando pela Ilha Greer [no Lago Worth] e arredores..."
Embora eu hesite em estragar uma boa história com os fatos, rastreei a história do Monstro do Lago Worth por quase dois anos até que, como devidamente observado por Chorvinsky, finalmente determinei que todo o susto do monstro foi iniciado por alguns alunos da vizinha Brewer High School usando uma roupa de gorila velha e uma máscara de plástico transparente. Entrevistei os alunos que confessaram sua brincadeira à polícia sob a promessa de que não haveria processo ou publicidade. Os primeiros relatos eram genuínos — as pessoas tinham encontrado algo —, mas no final foi tudo uma grande farsa. No entanto, como envolvia menores que eu não podia identificar, a resolução da história nunca foi publicada, deixando o Monstro do Lago Worth livre para vagar por relatos do estranho e bizarro.
Então, em 1973, tive a oportunidade de investigar um mistério genuíno. Ele dizia respeito a uma queda de OVNI que ocorreu a apenas algumas milhas de onde moro agora. Foi uma investigação ilustrativa dos problemas e questões envolvidos na tentativa de resolver o mistério dos OVNIs. Para contar toda a história novamente, é necessária uma narrativa pessoal.

A Queda de Aurora de 1897
17 de abril de 1897 amanheceu claro e fresco no norte do Texas quando, vindo do sul, um grande objeto prateado em forma de charuto foi descendo, cada vez mais baixo, à medida que se aproximava da pequena vila de Aurora, Texas, a menos de vinte milhas a noroeste de Fort Worth. Lá, ele atingiu um cata-vento e explodiu, espalhando detritos — e pelo menos um corpo — em todas as direções.
Ou será que não?
Apesar da cobertura de cara séria nos jornais locais da época, a queda de Aurora continua sendo uma fonte de controvérsia. Eis o que sei:
Na primavera de 1973, Bill Case, redator de aviação do extinto *Dallas Times Herald*, escreveu uma série de artigos sobre a queda de Aurora depois de ouvir a história de Hayden Hewes do Escritório Internacional de OVNIs (International UFO Bureau). Case

imediatamente procurou o artigo de 19 de abril de 1897 na biblioteca de microfilmes de seu jornal.
A matéria dizia:
"Por volta das seis horas desta manhã, os madrugadores de Aurora ficaram surpresos com o súbito aparecimento da aeronave que tem navegado por todo o país. Ela viajava para o norte, e muito mais perto da terra do que antes. Evidentemente, alguma da maquinaria estava com defeito, pois fazia apenas dez ou doze milhas por hora e gradualmente se dirigia para a terra. Sobrepujou a praça pública e, quando chegou à parte norte da cidade, colidiu com a torre do cata-vento do Juiz Proctor e se despedaçou com uma terrível explosão, espalhando detritos por vários acres de terra, destruindo o cata-vento e o tanque de água e arruinando o jardim de flores do juiz.
O piloto da nave é supostamente o único a bordo, e embora seus restos estejam horrivelmente desfigurados, o suficiente do original foi recolhido para mostrar que ele não era um habitante deste mundo.
O Sr. T. J. Weems, o oficial do Serviço de Sinalização dos EUA neste local e uma autoridade em astronomia, dá sua opinião de que ele era um nativo do planeta Marte. Papéis encontrados em sua pessoa — evidentemente os registros de suas viagens — são escritos em alguns hieróglifos desconhecidos e não podem ser decifrados. Esta nave estava tão destruída que não foi possível tirar qualquer conclusão sobre sua construção ou força motriz. Era construída de um metal desconhecido, assemelhando-se um pouco a uma mistura de alumínio e prata, e devia pesar várias toneladas. A cidade hoje está cheia de pessoas que estão vendo os destroços e coletando espécimes do metal estranho dos detritos. O funeral do piloto ocorrerá amanhã ao meio-dia. Assinado: E. E. Hayden."
Uma história semelhante foi publicada no *Fort Worth Register*, mas neste relato não mencionava os hieróglifos e afirmava simplesmente: "O piloto, que não era um habitante deste mundo, recebeu sepultamento cristão no Cemitério de Aurora."
As semelhanças entre o relato de Aurora e os casos modernos de OVNIs — objeto prateado, metálico, em forma de charuto, ocupante humanoide pequeno, hieróglifos ilegíveis — eram marcantes e argumentavam contra a tese da farsa.
Na época, eu era redator de aviação/aeroespacial do *Fort Worth Star-Telegram* e decidi seguir a história de Aurora. Contatei Bill Case e descobri que ele era exatamente o que se esperaria de um redator de aviação. Era um homem prático, altamente conhecedor da indústria aeronáutica e, como a maioria das pessoas nesse campo, muito preciso e técnico em sua abordagem às questões.
Case me disse que havia conversado com alguns dos antigos moradores de Aurora e estava convencido de que algo realmente havia ocorrido lá em 1897. Combinei encontrar Case no cemitério de Aurora, onde ele me mostrou o que disse ser o túmulo do piloto da aeronave. O túmulo não era de tamanho normal. Era obviamente o túmulo de uma criança ou de um homem muito pequeno. Na cabeceira do túmulo havia uma lápide de pedra bruta. Parecia que metade da lápide tinha se quebrado e estava faltando. Na metade restante estava gravado um desenho que se assemelhava a um grande V deitado de lado. Dentro da forma de V havia três pequenos círculos. O desenho inteiro realmente se assemelhava a uma

extremidade de uma estrutura em forma de pires, e os pequenos círculos pareciam ser vigias. Eu estava familiarizado com os cemitérios antigos da área, muitos contendo sepulturas dos primeiros colonizadores e as marcas da cruz de Malta de soldados confederados. Esta era uma lápide muito incomum e intrigante.
Case me disse que havia usado um detector de metais no local do túmulo e ele indicou pelo menos três grandes pedaços de metal no túmulo. Enquanto Case procurava alguém para analisar o que quer que pudesse ser recuperado do túmulo, comecei a pesquisar o período de 1897, tentando colocar a história de Aurora em perspectiva. O que descobri foi surpreendente. A história de Aurora não foi um incidente isolado. As edições em microfilme dos jornais da área do período estavam cheias de vários relatos de objetos voadores e até mesmo contatos com suas tripulações.
Foi o Grande Mistério da Aeronave de 1896-97, que tudo começou no outono de 1896, quando uma grande aeronave foi vista na Califórnia na noite de 17 de novembro de 1896 por várias centenas de residentes de Sacramento. Os observadores conseguiram discernir uma forma oblonga definida atrás da luz e disseram que ela se movia propositadamente contra o vento predominante.
Da Califórnia, os avistamentos da Grande Aeronave começaram a se mover pelo país. Dezenas de milhares relataram ter visto a nave, ou naves, e as estimativas de sua velocidade variavam de cinco milhas por hora a mais de duzentas milhas por hora. As altas velocidades relatadas são notáveis. Lembro-me de ler um artigo nos jornais de 1897 em que cientistas proeminentes afirmavam com autoridade que os seres humanos não poderiam sobreviver a velocidades superiores a quarenta milhas por hora. Portanto, considerando que o transporte mais rápido da época — os trens — avançavam a velocidades não superiores a trinta e cinco milhas por hora, afirmar que algo se movia a mais de cem milhas por hora significava que estava viajando mais rápido do que qualquer coisa conhecida.

Deve-se notar que, em 1878, um fazendeiro de Denison, Texas, chamado John Martin viu um disco voador escuro no alto do céu. De acordo com o *Denison Daily News*, Martin descreveu seu OVNI como um "pires" ("saucer"), cunhando assim um termo que não entraria em uso comum por quase cem anos.
Houve farsas associadas ao alvoroço. Na década de 1960, um telegrafista ferroviário envelhecido confessou que toda a história da aeronave era apenas uma piada inventada por ferroviários em Iowa. Ele disse que, quando a piada se espalhou para o Texas, o trabalhador ferroviário Joseph "Verdadeiro" Scully foi selecionado para iniciar a história. Brincalhões em Iowa admitiram que fizeram balões de ar quente luminescentes com papel de seda e velas, provocando avistamentos no sul do estado em 10 de abril de 1897.
No entanto, farsas não podiam explicar todos os avistamentos. Estava claro que algo estava voando no ar em 1897. Se esse algo era um dirigível feito pelo homem, ninguém jamais se apresentou para assumir o crédito. O primeiro voo de dirigível registrado nos Estados Unidos foi em 1904, quando a "California Arrow" de Thomas Balwin decolou de Oakland, Califórnia.

Também estava claro que o Grande Mistério da Aeronave não terminou em Aurora. Relatos da nave continuaram por dias após a queda relatada. O autor Philip J. Klass escreveu: "Durante um período de cinco dias entre 15 e 19 de abril de 1897, o *Dallas Morning News* relatou avistamentos de 21 cidades diferentes no Texas. Durante os nove dias seguintes, o *Houston Post* trouxe outros nove."

O desmascarador Klass, após revisar os relatos da aeronave, concluiu: "Os eventos demonstram que, quando o público é condicionado pela mídia a acreditar que existem objetos estranhos nos céus, muitas pessoas relatarão ter visto tais objetos — mesmo quando os objetos realmente não existem." Embora a tese de Klass seja indubitavelmente verdadeira às vezes, ela não se sustenta quando se considera o lento transporte e comunicação de 1897. O rádio era inexistente e os jornais levavam dias, até semanas, para serem entregues. Muitas das testemunhas da aeronave em pequenas cidades do Texas não poderiam ter ouvido falar dos outros avistamentos distantes.

Após revisar a literatura sobre a aeronave, não pude tirar nenhuma conclusão definitiva, então comecei a entrevistar pessoas em Aurora.

A população da pequena vila em 1973 era de menos de quinhentos habitantes. Eles pareciam quase igualmente divididos em suas crenças sobre a queda — metade afirmava que realmente aconteceu, enquanto a outra metade afirmava que era meramente uma farsa perpetrada por Hayden, um "colaborador" dos jornais locais que já havia escrito várias peças satíricas.

Aprendi que Etta Pegues, uma "colaboradora" do *Fort Worth Star-Telegram* em 1973, era uma fonte importante para a mídia sobre a queda. "É tudo uma farsa", disse ela categoricamente. "Conversei com pessoas que estavam vivas naquela época. Todas disseram que o Juiz Proctor não tinha cata-vento." Sua fonte primária de informação era Robbie Hanson.

Robbie Reynolds Hanson disse: "Eles ainda estão tentando ressuscitar a farsa sobre a nave espacial." Ela tinha doze anos no dia da queda, sua família morava fora da cidade e ninguém soube de nada até que um homem passou a cavalo vários dias depois e contou a história. "Lembro que meu pai comentou que o juiz se superou daquela vez", recordou. A presidente da Comissão Histórica do Condado de Wise, Rosalie Gregg, tem consistentemente criticado a história de Aurora como uma farsa. Sua fonte primária de informação era Etta Pegues.

Brawley e Etta Oates compraram a propriedade do Juiz Proctor em 1945 e moraram lá por anos. Brawley morreu por volta da época em que a publicidade de 1973 sobre Aurora estourou. "Eu ouvi a história por anos", disse a Sra. Oates, acrescentando: "Nada cresceu por anos naquele local no campo onde supostamente a nave espacial caiu." A família Oates toda sofreu sérios problemas de saúde, incluindo cistos e bócios, que, segundo me disseram, eram causados pela água do poço antigo onde a queda ocorreu. "Me disseram que é radioativo", confidenciou a Sra. Oates.

Em 1973, havia apenas três pessoas ainda vivas que poderiam ter conhecimento direto da queda. Uma era Robbie Hanson, que admitiu não ter conhecimento pessoal. Outra testemunha viva era Mary Evans, então com quase noventa e dois anos. Ela disse: "Eu tinha apenas quinze anos na época e quase havia esquecido o incidente até que ele apareceu nos

jornais recentemente. Estávamos morando em Aurora na época, mas minha mãe e meu pai não me deixaram ir com eles quando foram ao local da queda, no poço do Juiz Proctor. Quando voltaram para casa, me contaram como a aeronave explodiu. O piloto foi despedaçado e morto no acidente. Os homens da cidade que juntaram seus restos disseram que ele era um 'homenzinho' e o enterraram no mesmo dia no cemitério de Aurora. Essa queda certamente causou muita comoção. Muitas pessoas ficaram assustadas. Não sabiam o que esperar. Isso foi anos antes de termos aeronaves regulares ou outros tipos de dirigíveis."
Destas duas mulheres idosas, nenhuma tinha conhecimento direto e uma disse que aconteceu porque seus pais lhe contaram sobre isso, enquanto a outra disse que foi uma farsa porque foi o que seu pai disse. A favor e contra, você podia escolher.
Então havia Charlie C. Stephens. Ele tinha oitenta e três anos em 1973 e, embora um tanto fisicamente enfraquecido, parecia manter a mente clara. Falando através da porta de tela da casa de um parente, ele me disse que sempre se recusou a falar com repórteres sobre o acidente porque "não queria se envolver". Finalmente, após alguma conversa de vizinhos — na minha parte do país chamam isso de "visitar" — Stephens relaxou e deu este relato.
Quando menino com menos de dez anos, ele estava com seu pai colocando gado para pastar na manhã de 19 de abril de 1897, quando os dois viram um objeto em forma de charuto com uma luz brilhante passar sobre suas cabeças. A nave estava muito baixa e se moveu em linha reta em direção a Aurora, cerca de três milhas ao norte. Os dois então ouviram o que parecia ser uma explosão, e um fogo iluminou o céu do norte por vários minutos. "Eu queria ir imediatamente ver o que tinha acontecido", lembrou Stephens, "mas meu pai disse que tínhamos que terminar nossas tarefas."
Stephens disse que seu pai montou em um cavalo e foi para a cidade no dia seguinte. Voltando à fazenda da família, ele descreveu uma massa de metal rasgado e entulho queimado. Ele não mencionou o piloto. Isso me pareceu um detalhe crível. De acordo com os relatos da época, o piloto foi enterrado no mesmo dia da queda. Então, quando o pai de Stephens estava na cidade, não havia corpo para ver e, sendo um fazendeiro conservador, ele se recusou a falar sobre qualquer coisa que não tivesse visto pessoalmente. Mas o pai de Stephens não teve problemas em falar sobre a queda.
"Durante os anos em que eu estava crescendo, ele me contou a história muitas vezes", lembrou Stephens, acrescentando que tinha quase vinte anos quando ouviu falar do piloto morto.
Um mapa do Cemitério Maçônico não mostrava sepulturas não identificadas. No entanto, a Sra. Isla Finlayson, residente da vizinha Rhome que cuidou do cemitério nas décadas de 1960 e 1970, disse que muitas pessoas foram enterradas sem lápides e que os mapas antigos não listavam todos os sepultamentos. "Há muitas pessoas lá fora que não conhecemos", disse ela a um repórter.
E assim continuou. Para cada afirmação, havia uma contranarração. Tudo o que me restou foi uma testemunha, Stephens, alguns pedaços de metal recolhidos do local da queda e o túmulo. Evidência pouco convincente.
Então a história tomou um rumo intrigante. Após analisar parte do metal do local da queda de Aurora, o físico Dr. Tom Gray, da Universidade do Norte do Texas em Denton, afirmou

em um comunicado à imprensa que pelo menos um fragmento era "intrigante". Gray disse que três de quatro amostras que estudou usando equipamento "altamente sensível" tinham "propriedades e conteúdo comuns aos metais desta área". Mas o quarto "pode exigir mais investigação", disse ele. O quarto fragmento parecia derretido e parecia ter sido "respingado no chão". Gray disse que o aspecto mais intrigante do fragmento era que, embora fosse composto principalmente de ferro, não exibia propriedades magnéticas. Ele acrescentou que a peça era brilhante e maleável em vez de opaca e quebradiça como o ferro. Determinou-se que a peça continha 75 por cento de ferro e 25 por cento de zinco com "alguns elementos traço". No entanto, não era magnética como o aço inoxidável, que contém apenas 15 por cento de ferro.

O desmascarador Klass escreveu mais tarde: "Uma análise subsequente dos fragmentos por cientistas do Estabelecimento Aeronáutico Nacional do Canadá supostamente mostrou que os fragmentos de metal eram comuns, sem composição ou características estruturais incomuns." No entanto, Klass não ofereceu citação para esta afirmação, e eu continuei sem saber desse desenvolvimento. Qualquer pessoa com uma mente suspeita poderia perguntar se o estudo canadense realmente ocorreu e, se sim, eles receberam todos os fragmentos originais ou apenas os comuns? Como será visto, há uma razão para minhas suspeitas.

Enquanto os fragmentos estavam sendo estudados, Bill Case e eu havíamos escrito mais sobre a história de Aurora e gerado algum interesse em exumar a pequena sepultura. Eu estava animado. Uma exumação poderia resolver a questão de uma vez por todas. Mas não aconteceria.

Apesar de nenhuma ação legal ter sido tomada para buscar a exumação, vários residentes de Aurora, incluindo os diretores do cemitério, montaram guarda no cemitério para impedir qualquer escavação não autorizada e ameaçaram buscar uma liminar contra qualquer um que tentasse. "Eles têm medo de que vocês desenterrem a avó", explicou o advogado de Decatur, Bill Nobles. H. R. "Pig" Idell, então marechal da cidade de Aurora, "fez escolta" no cemitério por cerca de duas semanas para impedir qualquer escavação. "Não chamamos a Guarda Nacional", lembrou Idell. "Éramos eu, o xerife e alguns deputados. Isso foi o suficiente." Na noite seguinte ao fim das patrulhas, a estranha lápide foi roubada.

Vândalos, caçadores de souvenirs, qualquer um poderia ter levado a lápide. Mais inexplicável foi o destino do metal no túmulo. Alguns meses depois que o furor da exumação diminuiu, Bill Case me encontrou no cemitério de Aurora, dizendo que havia algo que queria me mostrar. Quando ele passou seu detector de metais sobre a pequena sepultura, não houve leituras. Ele se ajoelhou e me mostrou três pequenos furos que haviam sido perfurados exatamente no local do metal.

"Eles o levaram", disse ele enigmaticamente. "Quem você acha que fez isso?" perguntei. Case olhou em meus olhos e respondeu: "O governo." Case morreu cerca de um ano depois.

Com a lápide e o metal da sepultura desaparecidos, uma exumação impossível, e até os antigos moradores discutindo sobre a verdade da queda, a empolgação em torno da história de Aurora desapareceu rapidamente. Demonstrando uma óbvia falta de compreensão sobre a rudeza da vida no Texas rural do século XIX, o desmascarador Curtis Peebles resumiu a queda de Aurora assim: "Em retrospecto, está claro que não há nada que sustente a história

da 'queda' de Aurora, exceto o único artigo de jornal. Não houve artigos de acompanhamento, nenhuma foto, nenhum boletim de ocorrência, nenhuma carta ou diário mencionando a queda, nenhuma amostra dos destroços, nem os papéis do homem espacial foram jamais publicados. As outras histórias de aeronaves no *Dallas Morning News* eram todas 'histórias exageradas'. Não há evidências de que o jornal ou seus leitores jamais tenham acreditado que fosse mais do que isso."

Continuo indeciso. Tentei me convencer de que não havia nada na história, mas havia muitas estranhezas — o contexto do Grande Mistério da Aeronave, a pequena sepultura contendo pedaços significativos de metal, o fragmento "intrigante", as deformidades da família Oates, a lembrança de Charlie Stephens. E, se a história era meramente uma farsa, por que alguém usaria equipamento sofisticado para remover furtivamente o metal da sepultura?

Para aumentar o mistério, anos depois minha esposa, que lecionava na área, foi informada com toda seriedade pelo filho de Pig Idell, James Idell, que seu avô havia ajudado a enterrar o piloto, descrito como "um homem espacial de um metro de altura com uma cabeça grande". O filho também disse que seu pai sabia quem levou a lápide, mas não quis elaborar, indicando algum tipo de sigilo oficial.

A história da queda de Aurora destaca os problemas e questões envolvidos na busca pela verdade sobre os OVNIs. O problema de testemunhas não confiáveis de todos os lados é ampliado pelo que parece ser conivência oficial na irritante falta de evidências físicas. Aqui está outro exemplo.

A Coisa no Lago

Na segunda-feira, 10 de janeiro de 1977, após uma das mais severas nevascas daquele inverno, William McCarthy de Wakefield, New Hampshire, descobriu um buraco de três pés de diâmetro no centro de um lago de patos congelado que ele havia cavado cinco anos antes. O aparecimento do buraco durante a noite pareceu estranho a McCarthy, pois o resto do lago estava coberto com gelo grosso. Era como se algo tivesse caído do céu. Pensando sobre o buraco a maior parte do dia, McCarthy finalmente chamou a polícia e a saga começou.

Tomei conhecimento da história no dia seguinte, quando a máquina de fios da Associated Press no jornal onde eu trabalhava recebeu um despacho de doze parágrafos com a manchete: "A Guarda Nacional e as autoridades de Defesa Civil estadual foram enviadas hoje a uma pequena fazenda em New Hampshire, onde um objeto misterioso abriu um buraco no gelo de um lago." A matéria dizia que o procurador-geral adjunto de New Hampshire, Thomas Rath, disse que testes haviam sido feitos no objeto, que ainda estava no lago. Também citou um porta-voz do Comando de Defesa Aérea da América do Norte, que afirmou: "Nenhum satélite artificial caiu na área."

Em poucas horas, a AP transmitiu novamente a matéria, mas acrescentou dois parágrafos dizendo: "Enquanto isso, em Washington, autoridades da Força Aérea disseram hoje que os testes realizados no local não revelaram radioatividade. O Major John Duemmel, oficial de informação da Força Aérea, disse que os relatos de radioatividade foram 'superenfatizados'. Em Concord, uma fonte da Guarda Aérea Nacional que pediu para não ser identificada disse

que os últimos relatórios que viu mostram 'nenhuma atividade nuclear'." Como o primeiro relatório não havia mencionado radioatividade, fiquei intrigado com as repentinas negativas e continuei monitorando a máquina de fios.

Em mais algumas horas, veio uma nova matéria afirmando: "Autoridades estaduais que se concentraram em um pequeno lago de fazenda devido a relatos de que um objeto possivelmente radioativo havia caído através do gelo não encontraram nenhum objeto e nenhuma radioatividade, disse hoje um porta-voz do governador Meldrim Thomson."

Esta matéria foi seguida por uma longa peça do redator da Associated Press, George Esper, que escreveu: "Wakefield, N. H. — O Grande Caso do Gelo se dissipou no ar. Mas causou muita comoção enquanto durou nesta comunidade normalmente serena e pitoresca de casas de madeira branca, árvores cobertas de neve e 1.400 pessoas na fronteira entre Maine e New Hampshire." A matéria de Esper descreveu todo o caso como uma "comédia de erros" e continuou dizendo que os primeiros relatos de alta radioatividade foram substituídos por equipamentos mais sofisticados. Ele escreveu: "Uma segunda leitura doze horas depois foi negativa." Lembre-se desse fator de doze horas.

Esse foi o fim da história, pelo menos no que diz respeito à mídia. A matéria inicial e as retratações chegaram aos fios tão rapidamente que a maioria dos veículos de notícias, incluindo meu próprio jornal, nem sequer publicaram a história. Mas eu não estava satisfeito de que toda a história tivesse sido contada. Meus instintos jornalísticos foram despertados. Então comecei a verificar por telefone a história da coisa no lago. Eis o que aprendi:

Poucos dias após o incidente, obtive um relato da Sra. McCarthy, que me disse que seu marido ainda estava lá fora tentando limpar a bagunça deixada pelas autoridades e pela mídia.

Ela disse que McCarthy descobriu o buraco na segunda-feira, 10 de janeiro, após uma neve particularmente pesada, o que o tornava ainda mais conspícuo. Olhando dentro do buraco, McCarthy viu o que parecia ser um cubo preto no fundo do lago. Ficando mais curioso, ele sondou o fundo do lago com um pedaço de madeira de seis pés de comprimento. "Ele não conseguia sentir nada e, como o lago tem apenas cerca de três pés de profundidade, ele achou isso curioso", disse sua esposa. "Na verdade, ele não conseguia dizer realmente se estava atingindo o fundo. Parecia que tudo era mole, o que foi estranho porque o fundo daquele lago é duro como pedra." Ela disse que mais tarde naquele dia, seu marido notificou a polícia local, que veio e verificou o lago com um pequeno contador Geiger. "Eles voltaram correndo para a casa dizendo que haviam encontrado alta radioatividade", recordou.

Por volta das 2h da manhã de terça-feira, ela disse que a polícia voltou acompanhada por um oficial da Defesa Civil. "Eles queriam saber se podiam fazer alguns testes, então dissemos: 'Claro', e voltamos a dormir. Não ouvimos mais nada até de manhã."

Mais tarde na terça-feira, de acordo com a Sra. McCarthy, o gabinete do governador ligou e pediu permissão para realizar mais testes, o que foi concedido. Depois de esperar algum tempo, os McCarthys saíram para resolver alguns assuntos. "Quando voltamos para casa, o pessoal do estado estava lá", disse ela. "Eles estavam andando por toda parte e então entrevistaram meu marido. Então esse assistente do procurador-geral foi fazer uma ligação. Eu achei isso estranho. Não entendo por que ele não ligou da nossa casa."

A Sra. McCarthy disse que tanto as autoridades estaduais quanto a polícia local disseram a ela e a seu marido para não dizerem nada a ninguém sobre o objeto no lago. Na quarta-feira, todos haviam ido embora e os McCarthys pensaram que o incidente havia terminado. Mas por volta das 16h, ela disse que receberam a primeira de mais de quinhentas ligações perguntando sobre o objeto, principalmente da mídia. No final daquela noite, a polícia local ligou para informar os McCarthys que as autoridades estaduais estariam em sua casa na quinta-feira para drenar o lago e recuperar o objeto.

No início da manhã de quinta-feira, o engenheiro de manutenção rodoviária local chegou e disse que o estado havia lhe ordenado que removesse a neve do campo ao redor do lago para que um caminhão bomba pudesse ser trazido. Ele disse que lhe disseram para estar na fazenda McCarthy às 6h da manhã. "[Isso é] como o meio da noite aqui", comentou a Sra. McCarthy. Conforme a manhã avançava, as pessoas começaram a chegar à fazenda. "Eles estavam congelando e com frio, e seus carros estavam enfileirados descendo nossa pequena entrada", lembrou a Sra. McCarthy. "Eu poderia ter feito uma fortuna vendendo café quente. Então a polícia evacuou a área. Eles não deixavam os repórteres se aproximarem. Isso deixou a mídia louca."

Com a mídia mantida à distância, as autoridades continuaram seu trabalho até que um oficial lhes disse que era muito difícil drenar o lago e o trabalho cessou. "Eu os vi levar alguns sacos plásticos. Não sei o que havia naqueles sacos. Lama do fundo do lago, eu acho", disse a Sra. McCarthy.

De repente, todos os oficiais foram embora e logo a mídia inundou o local e ficou até tarde da noite. As ligações estavam vindo de tão longe quanto Canadá e Havaí. "Desde que os oficiais foram embora com aqueles sacos plásticos, nenhuma autoridade nos contatou", disse a Sra. McCarthy. "Eu realmente não entendo isso."

McCarthy, no fio inicial, foi citado dizendo que havia recebido ordens para não discutir o objeto. Ele acrescentou que "toda a atenção dada ao buraco no gelo é ridícula". Em matérias posteriores, não houve menção à ordem de silêncio e ele foi citado simplesmente dizendo "ridículo", deixando a impressão de que toda a história era infundada.

Fazendo mais investigações por telefone, descobri:

- O porta-voz do governador, Roland Jenkins, disse: "Todo o assunto foi causado por leituras preliminares falsas de instrumentos" em equipamentos que se revelaram "defeituosos". Ele acrescentou que "aqueles que relataram ter visto um objeto foram aparentemente enganados por sombras no gelo rachado".
- O Departamento de Polícia de Wakefield negou saber de qualquer coisa sobre o incidente. O oficial com quem falei disse que deve ter acontecido em outro lugar.
- O chefe de polícia de Wakefield, que inicialmente disse a várias pessoas que havia visto o objeto e confirmado as altas leituras de radiação, depois negou ter dito qualquer coisa assim. "Sem comentários", disse-me ele.
- Um repórter da United Press International que estava no local foi perguntado se as matérias iniciais do fio eram verdadeiras ou resultado de reportagem descuidada. "Bem, posso dizer que não foi reportagem descuidada", respondeu ele. No entanto, ele não quis detalhar o conhecimento que tinha sobre o incidente.

- Duas vizinhas dos McCarthy, Sra. Ernest Bellow e Sra. Frederick Fisher, disseram-me que entendiam que um objeto de cerca de dezoito polegadas de diâmetro foi recuperado do lago.
- O escrivão da cidade de Wakefield disse que achava todo o caso "uma baita tolice", mas admitiu que não tinha ido à fazenda McCarthy.
- O selectman de Wakefield, William Tomley, disse-me que também havia sido intimado pelas autoridades estaduais a não discutir o objeto. Ele confirmou que houve "leituras suspeitas" inicialmente nos equipamentos de radiação, mas que depois não houve mais leituras.

Havia alguma coisa no lago? Havia radiação? O objeto foi levado às escondidas no meio da noite? Ou foi levado pelas autoridades naqueles sacos plásticos? Ou nunca houve nada lá em primeiro lugar? Se houve, poderia ter sido um meteorito? Uma arma secreta? Um pedaço de satélite? Uma parte de um OVNI? Um brinquedo de criança?

Seu palpite é tão bom quanto o meu.

Mas a história de Wakefield ilustra claramente como a mídia pode ser manipulada e como as autoridades podem contornar o que deveria ser um sistema aberto e democrático. Quase ninguém soube dessa história quando aconteceu e ninguém se lembra dela hoje. Quantas outras histórias como esta foram varridas para debaixo do tapete? E o que aconteceu com o cubo preto, se é que existia um? Ele poderia estar ao lado da Arca da Aliança naquele depósito do governo retratado por Steven Spielberg?

A soma total das minhas experiências me deixou aberto e receptivo a todas as informações — não importa a fonte — mas, igualmente, cético em relação a todas, particularmente aos pronunciamentos oficiais. A história do cubo preto e muitas outras como ela geraram em mim uma profunda desconfiança das explicações fáceis e egoístas do establishment.

O governo obteve evidências sólidas da atividade de OVNIs? Não posso dizer sim ou não com qualquer confiança. Mas, com base na minha experiência, posso dizer com considerável confiança que existem pessoas dentro do governo que sabem muito mais sobre OVNIs do que admitirão publicamente. Não estou sozinho nessa crença. Uma pesquisa de 1995 do Scripps-Howard News Service e da Universidade de Ohio perguntou se era provável ou não que o governo federal estivesse encobrindo a existência de OVNIs. Quarenta e três por cento responderam que era "improvável", mas 50 por cento responderam que tal encobrimento era provável e 7 por cento estavam incertos.

Enquanto houver reticência oficial em abordar a questão dos OVNIs, ela continuará a ser uma questão de crença pessoal e conjectura baseada na mentalidade. E a questão da crença é agravada pelo fato inegável de um esforço concertado por parte de certas autoridades para ocultar a realidade do assunto. Esse esforço amplifica um desejo natural e inato de negar sua existência a nós mesmos. Todos desejamos fervorosamente preservar nossos sistemas de crenças sobre nosso mundo e o universo. O mais revelador é o fato estabelecido de que o governo negou a existência de OVNIs e qualquer interesse no assunto, enquanto documentos internos tornados públicos ao longo dos anos mostram que um interesse muito real e sério existiu — e continua a existir.

Este interesse documentado sustenta a afirmação confiante de que os OVNIs representam um fenômeno real. Eles não são simplesmente fogos-fátuos ou alucinações. Eles são reais.

Mas qual é a sua agenda? Nos capítulos seguintes, as muitas questões que cercam o mistério dos OVNIs serão abordadas. Estudantes veteranos da literatura sobre OVNIs serão lembrados de casos clássicos e controvérsias. Sua inclusão é necessária para apresentar o espectro completo da experiência com OVNIs. Mas também há muitas questões não divulgadas ou esquecidas, juntamente com alguns novos relatos. Esperançosamente, todos ganharão algum novo conhecimento ou percepção ao longo do caminho.

Procurei as fontes que acredito serem as mais confiáveis, embora isso não signifique necessariamente sempre a grande mídia corporativa. Também confiei em fontes que, com o tempo, provaram ser confiáveis tanto em fatos quanto em afirmações. Um físico de renome mundial é, sem dúvida, mais suscetível à pressão do governo do que um cidadão comum que tem feito silenciosamente seu próprio estudo aprofundado de OVNIs por muitos anos. Portanto, deve-se dar mais escrutínio à informação e sua fonte do que à pessoa que a apresenta. Neste trabalho, a ênfase será nas questões, não nas personalidades. A informação está onde você a encontra. O truque é estudar tudo, procurando por consistências e concordâncias. A visão geral geralmente produz linhas discerníveis de verdade.

Então, voltando a um estilo jornalístico mais formal, vamos buscar a agenda alienígena.

— Jim Marrs

CAPÍTULO 1 - O MAIOR OVNI?

Um objeto circular particularmente brilhante tem sido observado se movendo pelos céus da Terra desde o início da história humana. Cada pessoa no planeta já viu este objeto. Nós o chamamos de lua.

Embora este objeto seja identificado — pelo menos temos um nome para ele e sabemos que ele está lá — a lua não pode ser apressadamente desqualificada como um OVNI. Apesar de seis visitas de astronautas americanos entre 1969 e 1972, a lua permanece um enigma para os cientistas em muitos aspectos. As soluções para esses enigmas podem indicar um aspecto alienígena da nossa familiar lua.

Antes das missões Apollo, os cientistas lunares ansiavam pelo momento em que os humanos pudessem andar na superfície da lua. Ao estudar a composição do nosso satélite, eles esperavam resolver alguns dos mistérios de como nosso planeta e sistema solar surgiram. O conhecido especialista em espaço e primeiro presidente do Comitê de Exploração Lunar da Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA), Dr. Robert Jastrow, afirmou: "A lua é a pedra de Roseta dos planetas."

Após seis alunissagens, a percepção pública era de que havíamos aprendido tudo o que precisávamos sobre a lua. No entanto, esses mesmos cientistas lunares não estavam mais perto de um consenso sobre como responder até mesmo às questões mais básicas — como a lua foi criada. Apesar do retorno de cerca de 842 libras de rochas e amostras de solo, fotos e videoteipe, e da colocação de cinco estações científicas movidas a energia nuclear na superfície lunar, ainda não há soluções claras para os mistérios da lua.

Muito pelo contrário: o que aprendemos sobre a lua após as missões Apollo só levantou mais perguntas. O escritor científico Earl Ubell declarou: "A pedra de Roseta lunar permanece um mistério. A lua é mais complicada do que qualquer um esperava; não é simplesmente um tipo de bola de bilhar congelada no espaço e no tempo, como muitos cientistas acreditavam. Poucas das questões fundamentais foram respondidas, mas as rochas e gravações da Apollo geraram uma série de mistérios, alguns verdadeiramente de tirar o fôlego."

Considere alguns desses mistérios "de tirar o fôlego", ou anomalias, como os cientistas preferem chamá-los:

A lua é muito mais velha do que se imaginava anteriormente, talvez até muito mais velha do que a Terra e o Sol. Ao examinar marcas queimadas nas rochas lunares por raios cósmicos, os cientistas as dataram como tendo bilhões de anos. Algumas foram datadas de 4,5 bilhões de anos, muito mais velhas do que a Terra e "quase tão velhas quanto o sistema solar", de acordo com Jastrow. As rochas mais antigas já encontradas na Terra datam apenas de 3,5 bilhões de anos. É aceito pelos cientistas hoje que a Terra tem cerca de 4,6 bilhões de anos.

O respeitado periódico de astronomia de Harvard, *Sky and Telescope*, relatou que na Conferência Lunar de 1973, foi revelado que uma rocha lunar foi datada em 5,3 bilhões de anos, o que a tornaria quase um bilhão de anos mais velha do que nosso planeta. Este enigma foi agravado pelo fato de que a poeira lunar na qual as rochas foram encontradas provou ser um bilhão de anos mais velha do que as próprias rochas. A análise química

mostrou que as rochas lunares eram de uma composição completamente diferente do solo ao seu redor. Como o solo empoeirado é geralmente produzido pelo intemperismo e desintegração das rochas circundantes, as rochas lunares devem ter vindo de algum lugar diferente de onde foram encontradas. Mas de onde?

A lua tem pelo menos três camadas distintas de rochas. Ao contrário da ideia de que objetos mais pesados afundam, as rochas mais pesadas são encontradas na superfície. Afirmou Don Wilson: "A abundância de elementos refratários como titânio nas áreas de superfície é tão pronunciada que vários geoquímicos propuseram que compostos refratários foram trazidos para a superfície da lua em grande quantidade de alguma forma desconhecida. Eles não sabem como, mas que foi feito não pode ser questionado. Esses materiais ricos que geralmente estão concentrados no interior de um mundo estão agora do lado de fora." Ubell, ex-editor científico da CBS Television, reconheceu este mistério, dizendo: "A primeira [camada], com 20 milhas de profundidade, consiste em material semelhante a lava, similar aos fluxos de lava na Terra. A segunda, estendendo-se até 50 milhas, é composta de rocha um pouco mais densa. A terceira, continuando a uma profundidade de pelo menos 80 milhas e provavelmente abaixo, parece ser de um material pesado semelhante ao manto da Terra..." Ubell perguntou: "Se a Terra e a lua foram criadas ao mesmo tempo, próximas uma da outra, por que um corpo tem todo o ferro e o outro [a lua] não tem muito? As diferenças sugerem que a Terra e a lua surgiram longe uma da outra, uma ideia que esbarra na incapacidade dos astrofísicos de explicar exatamente como a lua se tornou um satélite da Terra."

A lua é extremamente seca e não parece ter tido água em quantidades substanciais em nenhum momento. Nenhuma das rochas lunares, independentemente do local onde foram encontradas, continha água livre ou mesmo moléculas de água ligadas aos minerais. No entanto, instrumentos deixados pelas missões Apollo enviaram um sinal à Terra em 7 de março de 1971, indicando que um "vento" de água havia atravessado a superfície lunar. Como qualquer água na superfície da lua sem ar vaporiza e se comporta como o vento na Terra, a questão se tornou: de onde se originou esta água? As erupções da nuvem de vapor duraram quatorze horas e cobriram uma área de cerca de cem milhas quadradas, levando os físicos da Universidade Rice, Dr. John Freeman Jr. e Dr. H. Ken Hills, a declarar o evento como uma das "descobertas mais empolgantes até agora", indicando água dentro da lua. Os dois físicos afirmaram que o vapor d'água veio do interior profundo da lua, aparentemente liberado durante um terremoto lunar. Autoridades da NASA ofereceram uma explicação mais mundana e questionável. Eles especularam que dois tanques nos estágios de descida da Apollo contendo entre sessenta e cem libras de água ficaram tensionados e se romperam, liberando seu conteúdo. Freeman e Hills recusaram-se a aceitar esta explicação, apontando que os dois tanques — da Apollo 12 e 14 — estavam a cerca de 180 quilômetros de distância, mas o vapor d'água foi detectado com o mesmo fluxo em ambos os locais, embora os instrumentos estivessem voltados para direções opostas. Os céticos também questionaram, compreensivelmente, a probabilidade de dois tanques separados se quebrarem simultaneamente e como uma quantidade tão pequena de água poderia produzir cem milhas quadradas de vapor. Além disso, os astronautas da Apollo 16 encontraram

rochas lunares que continham pedaços de ferro enferrujado. Como a oxidação requer oxigênio e hidrogênio livre, esta ferrugem indica que deve haver água em algum lugar da lua.

Rochas lunares foram encontradas magnetizadas — não fortes o suficiente para pegar um clipe de papel, mas magnéticas mesmo assim. O que torna isso tão estranho é que não há campo magnético na própria lua. Então, de onde veio o magnetismo? O argumento de que talvez a lua tenha absorvido seu magnetismo do contato próximo com a Terra desmorona quando se considera que, se a lua chegasse perto o suficiente para absorver um campo magnético, estaria perto o suficiente para ser despedaçada pela atração gravitacional da Terra.

A presença de *maria*, ou grandes mares de rocha derretida sólida e lisa, na lua indica nada menos que uma vasta efusão de lava em algum tempo distante. Agora foi confirmado que algumas das crateras da lua são de origem interna. No entanto, não há indicação de que a lua já tenha sido quente o suficiente para produzir erupções vulcânicas. Afirmou Ubell: "O relativo frio do interior lunar (cerca de 1.800 graus Fahrenheit em comparação com a temperatura do interior da Terra entre 3.600 e 9.000 graus) sugere que a lua era bastante fria desde o início e que o interior contém menos radioatividade do que a Terra ou a superfície da lua." Jastrow tentou explicar este enigma afirmando que a lua foi vulcanicamente ativa há alguns bilhões de anos, mas, sendo um mundo pequeno, perdeu rapidamente seu calor. "Aqueles antigos fluxos de lava parecem ter acontecido ontem", escreveu ele. "Este fato enganou os cientistas da 'lua quente' fazendo-os acreditar que a lua foi vulcanicamente ativa durante grande parte de sua história." Existem certas áreas da lua que permanecem "quentes" tanto durante eclipses quanto durante o dia, indicando calor interno. Outro enigma é que quase todas — quatro quintos — das *maria* estão localizadas no hemisfério da lua voltado para a Terra. Poucas *maria* marcam o lado oposto da lua, muitas vezes erroneamente referido como "lado escuro". No entanto, o lado oposto contém muitas mais crateras e áreas montanhosas. Em comparação com o resto da lua, as *maria* estão relativamente livres de crateras, sugerindo que as crateras foram cobertas pelo fluxo de lava. Somando-se a este mistério estão os *mascons* — grandes massas circulares densas localizadas vinte a quarenta milhas abaixo do centro das *maria* lunares. Os *mascons* foram descobertos porque sua densidade distorceu as órbitas de nossas naves espaciais voando sobre ou perto deles. Um cientista propôs que os *mascons* são pesados meteoritos de ferro que mergulharam profundamente na lua enquanto ela estava em um estágio macio e moldável. Esta teoria foi descartada, pois os meteoritos atingem com velocidades tão altas que vaporizariam no contato. Outra explicação mundana é que os *mascons* não passam de cavernas cheias de lava, mas os céticos dizem que não há lava suficiente presente para conseguir isso. Como as *maria* parecem ter sido formadas por lava quente, por que esses *mascons* pesados não afundaram no fundo? "O que eles são é um grande mistério lunar", escreveu Wilson. "Agora parece que os *mascons* são objetos largos em forma de disco que poderiam ser possivelmente algum tipo de construção artificial. Pois discos circulares enormes não provavelmente estariam abaixo de cada *maria* enorme, centrados como alvos no meio de cada uma, por coincidência ou acidente."

Durante as missões Apollo, equipamentos sismográficos foram colocados em seis locais separados na lua. Entre 1969 e 1977, quando este equipamento parou de operar, até três mil "terremotos lunares" foram detectados durante cada ano de operação. A maioria das vibrações era bastante pequena e causada por impactos de meteoritos ou queda de foguetes auxiliares. Mas muitos outros terremotos foram detectados no interior profundo da lua. Acredita-se que este ranger interno seja causado pela atração gravitacional do nosso planeta, pois a maioria dos terremotos lunares ocorre quando a lua está mais próxima da Terra. No entanto, um evento ocorreu em 1958 na cratera Alphonsus da lua que abalou a ideia de que toda atividade de terremoto lunar interno era simplesmente o assentamento de rochas. Em novembro daquele ano, o astrônomo soviético Nikolay A. Kozyrev do Observatório Astrofísico da Crimeia surpreendeu o mundo científico ao fotografar a primeira erupção gasosa registrada na lua perto do pico da cratera. Kozyrev atribuiu isso à fuga de gases fluorescentes. Ele também detectou um brilho avermelhado característico de compostos de carbono, que "parecia se mover e desapareceu após uma hora". Alguns cientistas se recusaram a aceitar as descobertas de Kozyrev. No entanto, astrônomos do Observatório Lowell também viram brilhos avermelhados nas cristas da região de Aristarchus em 1963. Dias depois, luzes coloridas com duração de mais de uma hora foram relatadas em dois observatórios separados. Algo estava acontecendo dentro da lua vulcanicamente morta. E seja o que for, ocorre da mesma maneira ao mesmo tempo. À medida que a lua se move para mais perto da Terra, sinais sísmicos de diferentes estações na superfície lunar detectam vibrações idênticas. Será que o deslocamento interno dentro da lua sempre ocorre exatamente da mesma maneira? Dificilmente provável. O escritor do *New York Times*, Walter Sullivan, escreveu: "É como se os altos e baixos do mercado de ações se repetissem precisamente para cada período de flutuação." A questão das vibrações idênticas levou Wilson a concluir que "é difícil entender como isso poderia ser um fenômeno natural. No entanto, algo construído artificialmente poderia produzir o mesmo resultado sísmico idêntico, que poderia ocorrer repetidamente". Por exemplo, uma placa de casco quebrada poderia se deslocar exatamente da mesma maneira cada vez que a lua passasse perto da Terra.

Há muitas indicações de que a lua pode ser oca. A densidade média da lua — cerca de 3,34 gramas por centímetro cúbico, ou 3,34 vezes a de um volume igual de água — é significativamente diferente da densidade de 5,5 gramas do manto terrestre. Estudos de rochas lunares indicam que o interior da lua difere do manto terrestre em aspectos que sugerem um núcleo muito pequeno, ou mesmo nenhum. Já em 1962, o cientista da NASA, Dr. Gordon MacDonald, afirmou: "Se os dados astronômicos são reduzidos, descobre-se que os dados exigem que o interior da lua seja menos denso do que as partes externas. De fato, pareceria que a lua é mais como um oco do que uma esfera homogênea." Não querendo acreditar que a lua é oca, MacDonald acreditava que seus dados poderiam estar com defeito. No entanto, outros estudos tenderam a confirmar suas descobertas. O químico ganhador do Nobel, Dr. Harold Urey, sugeriu que a questão da densidade poderia ser respondida pelo que ele chamou de "mascons negativos", ou grandes áreas dentro da lua onde "ou há matéria

muito menos densa do que o resto da lua ou simplesmente uma cavidade". O Dr. Sean C. Solomon do MIT escreveu: "Os experimentos do Lunar Orbiter melhoraram imensamente nosso conhecimento do campo gravitacional da lua... indicando a possibilidade assustadora de que a lua pode ser oca." Por que assustadora? O significado foi afirmado pelo astrônomo Carl Sagan em sua obra de 1966 *Intelligent Life in the Universe*: "Um satélite natural não pode ser um objeto oco."

A evidência mais surpreendente de que a lua poderia ser oca veio em 20 de novembro de 1969, quando a tripulação da Apollo 12, após retornar à sua nave de comando, enviou o estágio de subida do módulo lunar (LM) de volta à lua, criando um terremoto lunar artificial. O LM atingiu a superfície cerca de quarenta milhas do local de pouso da Apollo 12, onde equipamentos sísmicos ultrassensíveis registraram algo inesperado e surpreendente — a lua reverberou como um sino por mais de uma hora. A onda de vibração levou quase oito minutos para atingir um pico e depois diminuiu de intensidade. Em uma coletiva de imprensa naquele dia, um dos codiretores do experimento sísmico, Maurice Ewing, disse aos repórteres que os cientistas estavam perplexos para explicar o toque. "Quanto ao seu significado, prefiro não fazer uma interpretação agora. Mas é como se alguém tivesse batido em um sino, digamos, no campanário de uma igreja, um único golpe e descobrisse que a reverberação dele continuou por 30 minutos." O Dr. Frank Press do MIT acrescentou: "Nenhum de nós viu nada assim na Terra. Em toda a nossa experiência, é um evento bastante extraordinário. Que este impacto bastante pequeno... tenha produzido um sinal que durou 30 minutos está muito além do alcance da nossa experiência." Mais tarde, foi estabelecido que pequenas vibrações continuaram na lua por mais de uma hora. O Dr. Press tentou mais tarde explicar o fenômeno dizendo que a queda do LM pode ter desencadeado "uma cascata de avalanches e desmoronamentos em uma área muito grande". No entanto, essa ideia não conseguiu explicar por que os dados sísmicos mostraram leituras longas e sustentadas após o impacto. O fenômeno foi repetido quando o terceiro estágio da Apollo 13 foi enviado à lua por comando de rádio, atingindo com o equivalente a onze toneladas de TNT. Segundo a NASA, desta vez a lua "reagiu como um gongo". Embora o equipamento sísmico estivesse a mais de 108 milhas do local do impacto, as gravações mostraram que as reverberações duraram três horas e vinte minutos e viajaram a uma profundidade de vinte e duas a vinte e cinco milhas. Estudos subsequentes de impactos feitos pelo homem na lua produziram resultados semelhantes. Após um impacto, a lua reverberou por quatro horas. Este toque, juntamente com o problema da densidade na lua, levou alguns a concluir que a lua pode ter um núcleo excepcionalmente leve — ou até mesmo nenhum. Eles esperavam registrar o impacto de um meteorito grande o suficiente para enviar ondas de choque ao núcleo da lua e de volta, resolvendo a questão. Essa oportunidade surgiu em 13 de maio de 1972, quando um grande meteorito atingiu a lua com uma força equivalente a duzentas toneladas de TNT. Depois de enviar ondas de choque profundamente no interior da lua, os cientistas ficaram perplexos ao descobrir que nenhuma retornou, confirmando que há algo incomum no núcleo da lua. De acordo com o autor Wilson, um cientista da NASA admitiu que o governo dos EUA conduziu experimentos "que não foram anunciados publicamente"

para determinar se a lua é oca ou contém grandes cavernas. O Dr. Farouk El Baz foi citado dizendo: "Suspeita-se que existam muitas cavernas não descobertas sob a superfície da lua. Vários experimentos foram levados à lua para ver se tais cavernas realmente existiam." Os resultados desses experimentos não foram tornados públicos.

Parece aparente que a lua tem uma casca externa dura e resistente e um interior leve ou inexistente. A casca da lua contém minerais escuros como titânio, usado na Terra na construção de aeronaves e veículos espaciais. Muitas pessoas ainda se lembram de assistir na TV nossos astronautas tentando em vão perfurar a crosta de uma *maria* lunar. Suas brocas especialmente projetadas só conseguiam penetrar alguns centímetros. O enigma da superfície dura da lua foi agravado pela descoberta do que pareciam ser metais processados. Especialistas ficaram surpresos ao encontrar rochas lunares contendo latão, mica e anfibólio, além do titânio quase puro. Eles concluíram que é a grande quantidade de titânio no mineral negro ilmenita que dá o tom escuro aos mares lunares. Urânio 236 e netúnio 237 — elementos não encontrados anteriormente na natureza — foram descobertos em rochas lunares, de acordo com o Laboratório Nacional de Argonne. Embora ainda tentando explicar a presença desses materiais, os cientistas ficaram ainda mais surpresos ao saber de partículas de ferro à prova de ferrugem em uma amostra de solo do Mar da Crise. Em 1976, a Associated Press informou que os soviéticos haviam anunciado a descoberta de partículas de ferro que "não enferrujam" em amostras trazidas por uma missão lunar não tripulada em 1970. Ferro que não enferruja é desconhecido na natureza e está muito além da atual tecnologia terrestre.

Sem dúvida, o maior mistério sobre a nossa lua é como ela surgiu em primeiro lugar. Antes das missões Apollo, uma teoria séria sobre a origem da lua era que ela se separou da Terra há eões, embora ninguém pudesse localizar positivamente onde na Terra ela se originou. Esta ideia foi descartada quando se descobriu que há pouca similaridade entre a composição do nosso mundo e a lua. Uma teoria mais recente sugeria que a lua foi criada a partir de detritos espaciais deixados pela criação da Terra. Este conceito provou ser insustentável à luz da teoria gravitacional atual, que indica que um objeto grande acumulará todo o material solto, não deixando nenhum para a formação de outro corpo grande. É agora geralmente aceito que a lua se originou em outro lugar e entrou no campo gravitacional da Terra em algum ponto do passado distante. Aqui as teorias divergem — uma afirmando que a lua era originalmente um planeta que colidiu com a Terra, criando detritos que se combinaram para formar a lua, enquanto outra afirma que a lua, enquanto vagava pelo nosso sistema solar, foi capturada e puxada para a órbita pela gravidade da Terra. Nenhuma dessas teorias é especialmente convincente devido à falta de evidências de que a Terra ou a lua tenham sido fisicamente perturbadas por um encontro próximo no passado. Não há detritos no espaço indicando uma colisão passada, e não parece que a Terra e a lua se desenvolveram durante o mesmo período de tempo. Uma enciclopédia atual afirma que "parece haver um registro de processos magmáticos lunares [rocha derretida] em operação muito antes de quaisquer processos que possam ser deduzidos diretamente por estudos geológicos terrestres". Quanto à teoria da "captura", mesmo o cientista Isaac Asimov, tão conhecido por suas obras de ficção, escreveu: "É grande demais para ter sido capturada pela Terra. As chances de tal

captura ter sido efetuada e a lua então ter assumido uma órbita quase circular ao redor da nossa Terra são pequenas demais para tornar tal eventualidade crível." Asimov estava certo em considerar a órbita da lua — ela não é apenas quase um círculo perfeito, mas estacionária, com um lado sempre voltado para a Terra com apenas a menor variação. Até onde sabemos, é o único satélite natural com tal órbita. Esta órbita circular é especialmente estranha considerando que o centro de massa da lua está mais de uma milha mais perto da Terra do que seu centro geométrico. Este fato, por si só, deveria produzir uma órbita instável e oscilante, muito parecida com uma bola com sua massa fora do centro que não rola em linha reta. Além disso, quase todos os outros satélites do nosso sistema solar orbitam no plano do equador de seu planeta. Não é o caso da lua, cuja órbita está estranhamente mais perto da órbita da Terra em torno do Sol ou inclinada em relação à eclíptica da Terra em mais de cinco graus. Some-se a isso o fato de que a protuberância da lua — localizada no lado oposto à Terra, negando assim a ideia de que foi causada pela atração gravitacional da Terra — produz um mundo desequilibrado. Parece impossível que tal anomalia pudesse naturalmente cair em uma órbita tão precisa e circular. É um enigma fascinante, como articulado pelo escritor científico William Roy Shelton, que escreveu: "É importante lembrar que algo teve que colocar a lua em ou perto de seu atual padrão circular ao redor da Terra. Assim como uma nave Apollo orbitando a Terra a cada 90 minutos a 100 milhas de altitude tem que ter uma velocidade de aproximadamente 18.000 milhas por hora para permanecer em órbita, algo teve que dar à lua a velocidade precisamente necessária para seu peso e altitude... O ponto — e é um ponto raramente notado ao considerar a origem da lua — é que é extremamente improvável que qualquer objeto simplesmente tropeçasse na combinação certa de fatores necessários para permanecer em órbita. 'Algo' teve que colocar a lua em sua altitude, em seu curso e em sua velocidade. A questão é: o que foi esse 'algo'?"
Se a órbita precisa e estacionária da lua é vista como mera coincidência, também é coincidência que a lua esteja exatamente na distância certa da Terra para cobrir completamente o Sol durante um eclipse? Embora o diâmetro da lua seja de meras 2.160 milhas contra os gigantescos 864.000 milhas do Sol, ela está, no entanto, na posição adequada para bloquear tudo, exceto a coroa flamejante do Sol, quando se move entre o Sol e a Terra. Asimov explica: "Não há razão astronômica para que a lua e o Sol se encaixem tão bem. É a mais pura das coincidências, e somente a Terra entre todos os planetas é abençoada desta forma."
Como explicar estes e muitos outros mistérios da lua? Os cientistas são um grupo conservador que muitas vezes tendem a ignorar quaisquer dados não pertencentes à sua área específica de especialização. Eles estão tão perdidos para explicar o nosso satélite mais próximo quanto para explicar tectitas — pequenas bolhas vítreas extraterrestres encontradas em apenas alguns locais na Terra. Por anos, os cientistas acreditaram que as tectitas foram sopradas para a Terra por impactos de meteoritos na lua. No entanto, esta teoria foi derrubada quando as missões Apollo falharam em encontrar qualquer coisa comparável na lua.
Em julho de 1970, dois cientistas russos ofereceram uma teoria bizarra para a origem da lua — mas uma que fornecia uma resposta para todos os mistérios.

A Teoria da Nave Espacial Lua

Pouca atenção foi dada quando Michael Vasin e Alexander Shcherbakov publicaram um artigo no periódico soviético *Sputnik* intitulado "A Lua é a Criação de uma Inteligência Alienígena?" Afinal, quem poderia levar a sério um conceito tão ultrajante?

Eles avançaram a teoria de que a lua não é um mundo completamente natural, mas um planetoide que foi escavado há eões em recônditos distantes do espaço por seres inteligentes possuidores de uma tecnologia muito superior à nossa. Máquinas enormes foram usadas para derreter rochas e formar grandes cavidades dentro da lua, ejetando o refugo derretido para a superfície. Protegida por uma casca interna semelhante a um casco, mais uma casca externa reconstruída de entulho metálico rochoso, esta gigantesca nave foi conduzida através do cosmos e finalmente estacionada em órbita ao redor da Terra.

Em seu artigo, Vasin e Shcherbakov escreveram: "Abandonando os caminhos tradicionais do 'senso comum', mergulhamos no que à primeira vista pode parecer uma fantasia desenfreada e irresponsável. Mas quanto mais minuciosamente examinamos todas as informações reunidas pelo homem sobre a lua, mais estamos convencidos de que não há um único fato para descartar nossa suposição. Não só isso, mas muitas coisas até agora consideradas enigmas lunares são explicáveis à luz desta nova hipótese."

A teoria da Nave Espacial Lua foi revitalizada em 1975 com a publicação de *Our Mysterious Spaceship Moon*, de Don Wilson, que coletou um impressionante conjunto de fatos de apoio. Wilson instou os cientistas do mundo a levarem a sério a teoria de Vasin-Shcherbakov, afirmando: "Muitas evidências parecem se encaixar para rejeitar a teoria 'selvagem' sem investigação."

Wilson disse que rejeitou a teoria no início como "inatingível", mas mudou de atitude à luz das informações obtidas através das missões Apollo. "Os próprios cientistas continuam a descobrir fatos científicos desconcertantes e intrigantes que indicam que a lua não é o que parece, mas um mundo que pode não ser inteiramente natural", escreveu ele.

Por mais ultrajante que a teoria da nave espacial lunar possa parecer inicialmente, considere como todos os mistérios da lua são reconciliados por este modelo:

Isso explicaria por que a lua dá evidências de ser muito mais velha que a Terra e talvez até mesmo nosso sistema solar.

Isso explica por que existem três camadas distintas dentro da lua, com os materiais mais densos na camada externa. Este é exatamente o tipo de "casco" que se esperaria encontrar em uma nave espacial.

Esta teoria poderia explicar por que nenhum sinal de água foi encontrado na superfície da lua, mas há evidências de que ela existe no interior profundo.

Isso também explicaria o magnetismo encontrado nas rochas lunares. Essas rochas foram magnetizadas à medida que a nave lunar passava por planetas e sóis em sua jornada pelo espaço.

As estranhas *maria*, ou mares lunares, são explicadas como poços de despejo de rocha derretida ejetada do interior da lua. Os *mascons* — aquelas massas densas localizadas

logo abaixo do centro de cada *maria* — podem ser os restos da maquinaria usada para escavar a lua.
Um satélite artificial poderia explicar os estranhos e rítmicos "terremotos lunares" como construções artificiais reagindo da mesma maneira durante períodos de estresse causado pela atração da Terra. E equipamentos artificiais abaixo da superfície da lua podem ser a fonte das nuvens de gás que foram observadas.
A "terraformação" da lua poderia provar a solução para a discussão entre os cientistas da "lua quente" e da "lua fria" — ambos estão certos! A lua era originalmente um mundo frio que foi transformado em uma nave espacial pelo aquecimento artificial e expulsão de vastas quantidades de seu interior.
Esta teoria também poderia explicar as aparentes contradições sobre a questão de uma lua oca. Se a lua era originalmente um mundo sólido que foi artificialmente escavado, haveria evidências de ambas as fases — exatamente o que temos com o conhecimento atual da lua. Uma lua artificialmente escavada explicaria por que o satélite toca como um sino por horas após ser atingido e por que espécimes de metais duros e refratários, como titânio, cromo e zircônio, bem como ferro "à prova de ferrugem", urânio 236 e netúnio 237 foram encontrados lá.
Finalmente, a teoria da nave espacial lunar pode chegar mais perto do que qualquer outra para reconciliar as questões sobre a origem e a incrível órbita da lua.

Há até evidências tentadoras de que nos recônditos sombrios da memória humana existem recordações de uma época anterior à chegada da lua.
Aristóteles falou de um povo chamado Proselenes que vivia na Arcádia, uma região montanhosa no centro da Grécia, muito antes da chegada dos gregos. O nome Selene — a deusa grega da lua — passou a se referir à própria lua, e o termo Proselenes significa "antes da lua". De acordo com a lenda antiga, os Proselenes reivindicavam a Arcádia porque viveram lá "antes que houvesse uma lua nos céus". O escritor grego Plutarco também se referiu a "povo pré-lunar" na Arcádia, e o autor romano Ovídio afirmou que o "povo arcádio é mais velho que a lua". O romano Apolônio de Rodes escreveu que os arcádios "habitavam as montanhas e se alimentavam de bolotas, antes que houvesse uma lua". Em textos tibetanos, há referências a um povo em um continente perdido chamado Gondwana, que seria civilizado antes que a lua brilhasse no céu noturno.
O iconoclasta Immanuel Velikovsky também escreveu sobre uma época inicial antes de existir uma lua. "As tradições de diversos povos oferecem testemunho corroborativo de que, em uma era muito antiga, mas ainda na memória da humanidade, nenhuma lua acompanhava a terra", disse ele. Velikovsky cita o poema épico finlandês *Kalevala* sobre uma época "quando a lua foi colocada em órbita". Lendas e escritos sagrados em todo o mundo indicam que a lua já esteve muito mais perto da Terra. Sedimento marinho encontrado nas montanhas dos Andes, atingindo doze mil pés acima dos níveis atuais do mar, adiciona evidências de que a lua pode ter estado muito mais perto e exercido atração de marés há milhares de anos. No entanto, o astrônomo britânico John D. Barron apontou que o estudo dos anéis de crescimento de corais nas Bahamas indicou que há 350 milhões de anos,

um dia na Terra tinha apenas 21,9 horas de duração. Ele atribuiu isso à atração da lua, que alongou o dia em cerca de dois milésimos de segundo por século, sugerindo assim que a lua está em seu lugar há milhões de anos.
Na cidade boliviana de Tiahuanaco, há um grande pátio chamado Kalasasaya, construído por pessoas que viveram lá muito antes dos Incas. Este antigo calendário apresenta descrições precisas dos equinócios, solstícios, estações astronômicas e até mesmo o movimento da lua, que leva em conta a órbita da Terra. Com base nos alinhamentos astronômicos e solares apresentados nas paredes do Kalasasaya, o autor Graham Hancock concluiu que a edificação foi originalmente construída há mais de dezessete mil anos, muito antes da história registrada. Alguns pesquisadores chegam a afirmar que os símbolos no vizinho Grande Ídolo indicam conhecimento de uma Terra redonda e da lua chegando em sua órbita. Intimidados pelo estudo dos corais, os autores H. S. Bellamy e Dr. P. Allen escreveram: "Os símbolos do ídolo registram que o satélite entrou em órbita ao redor da Terra há 11.500 a 13.000 anos."
Tais fragmentos de lenda fornecem especulação provocativa, mas nenhuma prova real da teoria da Nave Espacial Lua. Quer a lua venha ou não a ser eventualmente demonstrada como uma "nave espacial" oca, permanecem amplas evidências de que ela abriga muitas anomalias.

Luzes e Monumentos na Lua
Vários milhares de avistamentos de nuvens gasosas, neblinas coloridas e luzes brilhantes em movimento na superfície lunar foram relatados em todo o mundo por muitos anos, muitos deles por astrônomos e instituições de prestígio. Em 1968, um ano antes de os astronautas dos EUA pousarem na lua, a NASA publicou o Relatório Técnico R-277 intitulado *Chronological Catalogue of Reported Lunar Events* (Catálogo Cronológico de Eventos Lunares Relatados), que listou mais de 570 anomalias lunares de 1540 a 1967.
Alguns dos eventos mais intrigantes neste estudo incluíram:
Uma "estrela" foi vista dentro do corpo de uma lua crescente "diretamente entre as pontas de seus chifres" em 5 de março de 1587.
Uma pequena "nuvem" branca foi vista na lua em 12 de novembro de 1671, pelo astrônomo francês Gian Domenico Cassini, que era diretor do Observatório de Paris.
Flashes de luz vistos na lua em 18 de maio de 1787 por dois astrônomos foram explicados como "relâmpagos", embora relâmpagos não pudessem ocorrer em um mundo sem ar.
Durante março e abril de 1787, o britânico Sir Frederick William Herschel, pioneiro do telescópio refletor e descobridor de Urano, afirmou ter avistado três "pontos brilhantes", quatro "vulcões" e luzes se movendo "acima da lua".
Em julho de 1821, um astrônomo alemão relatou ter avistado "manchas de luz brilhante piscando". O seu foi um dos inúmeros relatos de luzes piscando ou intermitentes vistas na lua.
Em fevereiro de 1877, uma linha ou risco de luz foi visto se estendendo pela Cratera Eudoxus. Esta luz foi observada por cerca de uma hora, descartando a possibilidade de que fosse meramente um meteorito atingindo a superfície lunar com um flash.

Em 24 de abril de 1882, sombras em movimento foram vistas na área de Aristóteles da lua. Um feixe de luz foi avistado na cratera Clavius em 23 de abril de 1915.
Dois riscos de luz de intensidade média foram registrados em 14 de junho de 1940, na Cratera Plato, um local onde relatos de luzes somam milhares.
"Brilho" semelhante a uma descarga elétrica foi visto perto do polo sul da lua em 24 de maio de 1955.
Em 13 de setembro de 1959, algo bloqueou a visão da área de Littrow, e em 21 de junho de 1964, algo escuro se moveu pela superfície da lua perto da área de Ross D. Esta misteriosa massa escura foi observada por mais de duas horas.
Uma "nuvem negra cercada por cor violeta" foi vista no Mar da Tranquilidade por astrônomos canadenses em 11 de setembro de 1967.
Tais Fenômenos Lunares Transitórios (LTP) são bem conhecidos entre astrônomos veteranos. Luzes brilhantes e piscantes, exibições coloridas, nuvens ou neblinas foram relatadas em muitas crateras lunares, especialmente as de Aristarchus, Plato, Eratosthenes, Biela, Rabbi Levi e Posidonius.
O autor Don Wilson apontou que a NASA deve ter ficado impressionada com o estudo dos eventos lunares, "pois logo depois a NASA realizou a Operação Piscar da Lua (Operation Moon Blink), uma busca por luzes e 'acontecimentos' inexplicáveis ocorrendo na lua. Foi feita em conjunto com observatórios cooperantes em todo o mundo, e em pouco tempo a Operação Piscar da Lua relatou mais dez desses fenômenos lunares inexplicáveis, três dos quais foram confirmados independente e separadamente por observadores fora do programa. Na verdade, em agosto de 1966, 10 estações do Piscar da Lua haviam detectado 28 eventos lunares."
A moderna tecnologia de imagem computacional aumentou a capacidade de examinar a superfície lunar, mas ainda não conseguiu explicar o que pode ser claramente visto nas fotografias.
Por exemplo, John J. O'Neill, editor de ciência do *New York Herald Tribune*, em 29 de julho de 1953, afirmou ter visto uma "ponte" de doze milhas de extensão sobre a cratera Mare Crisium. Depois de relatar sua descoberta à Associação de Observadores Lunares e Planetários, O'Neill foi ridicularizado pelos astrônomos. No entanto, um mês depois, a "ponte" foi confirmada pelo astrônomo britânico Dr. H. P. Wilkens, que disse à BBC: "Parece artificial. É quase inacreditável que tal coisa pudesse ter sido formada em primeiro lugar, ou se foi formada, pudesse ter durado durante as eras em que a lua tem existido." Mais confirmação veio de Patrick Moore da Associação Astronômica Britânica, que declarou que a "ponte" havia "surgido" quase da noite para o dia.
Outra estrutura mais surpreendente é conhecida como "Caco" (Shard), localizada na área de Ukert da lua, que fica no ponto mais próximo da Terra. O Caco foi fotografado pelo Orbitador 3 (Orbiter 3) em preparação para as missões Apollo. Este estranho monumento se eleva a uma milha e meia acima da superfície lunar. O Dr. Bruce Cornet, um geólogo independente que estudou extensivamente fotos do Caco, disse: "Nenhum processo natural conhecido pode explicar tal estrutura."

Talvez ainda mais surpreendente seja uma enorme estrutura vertical na região de Sinus Medii apelidada de "Torre". O Dr. Cornet disse: "A Torre representa um enigma da mais alta magnitude, pois se eleva mais de cinco milhas acima da superfície da lua, e foi fotografada de cinco ângulos diferentes e duas altitudes diferentes. Em todas as quatro fotografias, a mesma estrutura é visível e pode ser vista de dois lados diferentes. A Torre existe na frente e à esquerda do Caco na fotografia Lunar Orbiter III-84M. O topo da Torre tem uma geometria muito cúbica e parece ser composto de cubos regulares unidos para formar um cubo muito grande com uma largura estimada de mais de uma milha!"

O pesquisador particular George H. Leonard chegou a uma conclusão surpreendente sobre a atividade e estruturas na lua. Em 1977, após anos "assombrando" os arquivos de fotos da NASA, Leonard afirmou ter encontrado evidências suficientes para convencê-lo de que "a lua é ocupada por uma raça ou raças inteligentes que provavelmente se mudaram de fora do sistema solar". "A lua está firmemente na posse desses ocupantes", acrescentou ele. "A evidência de sua presença está em toda parte: na superfície, no lado próximo e no lado oculto, nas crateras, nas *maria* e nas terras altas. Eles estão mudando sua face. Suspeita ou reconhecimento disso desencadeou os programas lunares dos EUA e da União Soviética — que podem não ser tanto uma corrida, mas uma cooperação desesperada."

Leonard publicou um livro em 1977 intitulado *Somebody Else Is on the Moon* (Alguém Mais Está na Lua), no qual discutiu mais de duas dúzias de fotos da NASA. Embora muitas dessas fotos fossem indistintas para o olho destreinado e pudessem mostrar quase qualquer coisa, algumas eram de fato curiosas. Algumas parecem mostrar "pontes" sobre abismos lunares, evidência de "costura" conectando rachaduras na superfície, objetos em forma de cúpula no centro de crateras iluminadas e longas "trilhas" na poeira lunar. "Os profissionais escolhem ignorar esses sinais. Eles não se encaixam na ortodoxia", escreveu Leonard, acrescentando que um cientista da NASA não identificado lhe confidenciou que "descobertas" foram feitas, mas não anunciadas ao público.

Depois de estudar centenas de fotos lunares, Leonard concluiu que quem quer que esteja na lua está fazendo pelo menos duas coisas: minerando — talvez água e oxigênio — e reparando danos à superfície da lua.

Leonard não está sozinho em suas crenças. Alguns pesquisadores afirmam que as fotos da lua mostram uma série de cúpulas transparentes sob as quais podem ser vistas linhas ordenadas indicando possíveis ruínas de cidades ou grandes estações.

Some-se a essas anomalias o fato de que várias pirâmides distintas foram relatadas como avistadas na lua, especialmente no local de pouso da Apollo no Mar da Tranquilidade. Em novembro de 1966, o Orbitador Lunar II tirou fotos de vinte e nove milhas acima do mar mostrando o que parecem ser várias pirâmides esguias ou obeliscos semelhantes à Agulha de Cleópatra no Central Park, algumas com a altura de um prédio de quinze andares. Previsivelmente, a NASA negou que as fotos do Orbitador revelassem qualquer coisa incomum na lua, mesmo quando divulgou algumas das imagens. Como não houve confirmação oficial, a maioria dos veículos de notícias não cobriu a história. Um que o fez foi o *Washington Post*, que em 22 de novembro de 1966, publicou a história na primeira

página com a manchete: "Seis Sombras Estatuescas Misteriosas Fotografadas na Lua pelo Orbitador".
Alguns cientistas, como o Dr. William Blair do Instituto de Biotecnologia da Boeing, afirmaram que essas estruturas estão posicionadas geometricamente, formando um sistema de coordenadas destro resultando em seis triângulos isósceles e dois eixos de três pontos cada. O engenheiro espacial russo Alexander Abramov aumentou o mistério ao afirmar: "A distribuição desses objetos lunares é semelhante à planta das pirâmides egípcias construídas pelos faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos em Gizé, perto do Cairo. Os centros das agulhas neste 'abaka' lunar estão dispostos exatamente da mesma maneira que os ápices das três grandes pirâmides."
Se essas estruturas são pirâmides e se correspondem ao layout das pirâmides egípcias, elas podem estar conectadas às estruturas em forma de pirâmide fotografadas por uma sonda Viking em Marte em 1976. Objetos que parecem ser pirâmides, juntamente com a controversa "face em Marte", foram vistos em fotos tiradas da área de Cydonia. Alguns pesquisadores se perguntaram se esses monumentos podem representar algum grande sistema de marcação.
"É a semelhança misteriosa entre as estruturas piramidais que chegaram a representar o 'Egito' e aquelas que jazem — vazias e abandonadas — em Cydonia, que quase gritam por alguma 'conexão'", escreveu Richard C. Hoagland, um escritor científico que divulgou a teoria de estruturas artificiais em Marte e na lua. Hoagland sugeriu que talvez as missões Apollo tivessem uma agenda não declarada de buscar a verdade dessas anomalias. Ele e outros pesquisadores de OVNIs de mentalidade suspeita se perguntaram publicamente se os destinos de algumas das missões lunares Apollo — como o Mar da Tranquilidade para a Apollo 11 e a área de Taurus-Littrow para a Apollo 17 — foram selecionados devido à alta incidência de avistamentos anormais nesses locais. Se foram, ninguém na NASA oficialmente está falando sobre isso.
Em março de 1996, Hoagland, juntamente com vários homens ligados à NASA ou à engenharia espacial, realizaram uma coletiva de imprensa no National Press Club em Washington, D.C., com o propósito declarado de alertar o público americano sobre fotografias e filmes espaciais que, segundo eles, provavam a existência de artefatos alienígenas na lua. Um comunicado à imprensa afirmava: "Estes filmes oficiais de missão — analisados ao longo de um período de quatro anos por meio de técnicas científicas e tecnologias de computador literalmente indisponíveis até mesmo para a NASA há 30 anos, quando as fotografias originais foram tiradas — agora fornecem evidências científicas convincentes para a presença de estruturas artificiais antigas na lua. Além disso, agora é aparente que todo o propósito do súbito e total Programa Apollo do Presidente John F. Kennedy de levar americanos à lua dentro de 10 anos era enviar astronautas americanos diretamente a essas ruínas, registrá-las em filme e trazer de volta evidências físicas — incluindo artefatos manufaturados — para análise na Terra." Na coletiva de imprensa, os apresentadores mostraram análises e fotografias para apoiar seus argumentos.
Embora mais de cem representantes da mídia estivessem presentes para ver e ouvir essas evidências, pouca ou nenhuma cobertura foi dada à coletiva pelos veículos de comunicação

em todo o país. A pouca menção que foi feita geralmente foi de maneira leviana, como um repórter que escreveu: "A fita do Barney do meu filho também travou esta manhã. O Barney faz parte desta conspiração? Qual é o planeta de origem do Barney?"
Mas as questões levantadas em Washington merecem respostas sérias. Muitos cientistas proeminentes, incluindo Karl Gauss, Charles Cros e Joseph Johanne von Littrow, afirmaram que a melhor maneira de alertar alguém no espaço sideral de que seres inteligentes habitam este planeta seria construir artefatos enormes, como canais, torres e formas geométricas formadas por rochas ou florestas. "Padrões. Geometricidades. Linhas retas. Assume-se que um triângulo... revelará a existência de nossos cérebros, e assim será", escreveu o autor George Leonard. "Mas então nos viramos e ignoramos exatamente isso e mil padrões ainda mais convincentes na Lua. Isso é ciência?"
Anomalias como luzes, estruturas estranhas e sombras em movimento são provocativas, mas dificilmente uma prova firme de que alguém além dos astronautas da Apollo esteve — ou ainda está — na lua. O que, então, os astronautas têm a dizer sobre suas experiências espaciais? Novamente, é difícil determinar a verdade devido à negação e obscurantismo oficiais.

NASA Nunca Dá uma Resposta Direta
Como um todo, os astronautas dos EUA parecem ter mantido uma frente unida, negando veementemente que qualquer encontro válido com OVNIs tenha ocorrido. Após a coletiva de imprensa de Hoagland em março de 1996, o astronauta Alan Bean disse à mídia: "Não é verdade. Ninguém, certamente não eu e Pete Conrad, com quem estive o tempo todo, viu qualquer coisa que sugerisse civilizações antigas." O porta-voz da NASA, Brian Welch, acrescentou: "Tudo o que encontramos, tornamos público."
Em 29 de dezembro de 1986, Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na lua, disse ao autor Timothy Good: "Não houve objetos relatados, encontrados ou vistos na Apollo 11 ou em qualquer outro voo Apollo, exceto de origem natural. Todas as observações em todos os voos Apollo foram totalmente relatadas ao público."
No entanto, boatos persistem há anos de que os astronautas — quase todos oficiais militares suscetíveis de serem silenciados sob ordens — podem ter visto algo mais na lua do que rochas e poeira. De acordo com transcrições da reunião técnica de debriefing após a missão Apollo 11, os astronautas Armstrong, Edwin "Buzz" Aldrin e Michael Collins relataram um encontro com um grande OVNI cilíndrico antes mesmo de atingir a lua. Aldrin disse: "A primeira coisa incomum que vimos, eu acho, foi um dia depois ou bem perto da lua. Tinha uma dimensão considerável..." Aldrin disse que a tripulação da Apollo pensou no início que o objeto era o foguete auxiliar Saturno 4 (S-IVB), mas acrescentou: "Chamamos a base e nos disseram que o S-IVB estava a 6.000 milhas de distância." Aldrin descreveu o OVNI como um cilindro, enquanto Armstrong disse que era "na verdade dois anéis. Dois anéis conectados". Collins também disse que parecia ser um cilindro oco que estava caindo. Ele acrescentou: "Era um cilindro oco. Mas então você podia mudar o foco do sextante e ele era substituído por esta forma de livro aberto. Foi realmente estranho."

Dois astronautas que parecem ter quebrado a hierarquia são o Dr. Edgar Mitchell e Gordon Cooper. Em um programa de Oprah Winfrey em 19 de julho de 1991, Mitchell insinuou que nem todas as informações sobre OVNIs foram divulgadas, dizendo: "Eu acredito que há muito mais conhecido sobre investigação extraterrestre do que está disponível para o público agora [e] tem estado por muito tempo... É uma história longa, longa. Volta à Segunda Guerra Mundial, quando tudo isso aconteceu, e é material altamente classificado." No *Dateline NBC* em 1996, Mitchell foi ainda mais franco. "Não tenho experiência em primeira mão, mas tive a oportunidade de encontrar pessoas de três países que, no curso de suas funções oficiais, afirmam ter tido experiências pessoais de encontro em primeira mão... com extraterrestres", disse ele. Perguntado se achava que extraterrestres já haviam visitado a Terra, Mitchell respondeu: "Pelo que agora entendo e experimentei e vi as evidências, acho que as evidências são muito fortes, e grandes porções delas são classificadas... pelos governos."

Cooper, que se aposentou como coronel da Força Aérea dos EUA em 1970, foi ainda mais vocal. Em 1978, durante uma reunião nas Nações Unidas para discutir OVNIs, uma carta de Cooper foi lida, afirmando: "Acredito que esses veículos extraterrestres e suas tripulações estão visitando este planeta de outros planetas, que são obviamente um pouco mais avançados do que nós aqui na Terra."

Também naquele ano, Cooper escreveu uma carta ao embaixador da missão de Granada nas Nações Unidas apoiando uma iniciativa da ONU para estudar OVNIs. Em sua carta, que desde então se tornou pública, Cooper afirmou que os astronautas "estão muito relutantes em até mesmo discutir OVNIs devido ao grande número de pessoas que venderam indiscriminadamente histórias falsas e forjaram documentos abusando de seus nomes e reputações sem hesitação. Aqueles poucos astronautas que continuaram a participar no campo dos OVNIs tiveram que fazê-lo com muito cuidado. Há vários de nós que acreditamos em OVNIs e que tivemos a oportunidade de ver um OVNI no chão, ou de um avião."

A menção de Cooper a um "OVNI no chão" aparentemente foi uma referência à sua própria experiência na Base Aérea de Edwards em 2 de maio de 1957. Em 1993, Cooper supostamente deu este relato ao produtor de documentários alemão Michael Hesemann: "Eu tinha uma equipe que estava filmando a instalação de um sistema de pouso de precisão que estávamos instalando no leito seco do lago, e eles estavam lá com fotos estáticas e filmes e filmaram a instalação toda e vieram correndo me dizer que este OVNI, um pequeno pires, havia descido bem sobre eles, baixou três trens de pouso e pousou a cerca de 50 jardas deles, e quando eles começaram a se aproximar para tirar uma foto mais de perto, ele se levantou, recolheu os trens de pouso e desapareceu em alta velocidade... Tive que procurar os regulamentos sobre para quem ligar para reportar isso, o que fiz, e eles me ordenaram que imediatamente revelasse o filme, o colocasse em uma bolsa e o enviasse pelo avião do general comandante para Washington, o que fiz. E essa foi a última vez que ouvi falar do filme."

É interessante notar que, apesar dos protestos contínuos de que não há sigilo governamental em relação aos OVNIs, não há nenhum relatório público sobre este incidente. Embora o

evento tenha sido listado no índice do Projeto Livro Azul, um relatório completo e fotos nítidas estão suspeitamente ausentes. No entanto, Cooper, que afirmou ter relatado o pouso do OVNI, foi selecionado como astronauta da Mercury apenas dois anos depois. Em uma entrevista de 1996, Cooper disse que descarta qualquer explicação convencional para sua experiência. Perguntado sobre seus pensamentos sobre OVNIs, o astronauta disse: "Bem, imaginei que fosse alguém vindo de algum lugar distante para nos visitar."

Um relato de como os astronautas foram silenciados veio do ex-membro do programa espacial da NASA, Otto Binder, que acusou seu antigo empregador de censurar as transmissões da Apollo 11 e outras missões, mudando para canais de rádio desconhecidos do público. Ele afirmou que operadores de rádio amadores não identificados monitoraram as transmissões da Apollo 11 depois que os astronautas pousaram no Mar da Tranquilidade e ouviram um dos astronautas exclamar: "Esses bebês são enormes, senhor... enormes... Oh, Deus, você não acreditaria! Estou lhe dizendo que há outras naves espaciais lá fora... alinhadas no lado oposto da borda da cratera... eles estão na lua nos observando..."

O relato de Binder sobre um inesperado comitê de boas-vindas na lua foi rejeitado sumariamente por todos, exceto pelos pesquisadores de OVNIs mais crédulos. No entanto, uma variação desta história foi repetida por Maurice Chatelain em seu livro de 1978, *Our Ancestors Came from Outer Space* (Nossos Ancestres Vieram do Espaço Sideral). Chatelain escreveu: "Quando a Apollo 11 fez o primeiro pouso no Mar da Tranquilidade e, apenas momentos antes de Armstrong descer a escada para pisar na lua, dois OVNIs pairaram sobre suas cabeças." Ele acrescentou: "Os astronautas não estavam limitados a problemas de equipamento. Eles viram coisas durante suas missões que não podiam ser discutidas com ninguém fora da NASA. É muito difícil obter qualquer informação específica da NASA, que ainda exerce um controle muito rigoroso sobre qualquer divulgação desses eventos."

Seria fácil descartar Chatelain tão rapidamente quanto Binder, exceto pelas credenciais do homem. Chatelain teve todas as oportunidades para saber do que estava falando, pois foi responsável por projetar e construir o sistema de comunicação e processamento de dados da Apollo para a NASA. Desde que veio para os Estados Unidos do Marrocos francês em 1955, Chatelain estabeleceu uma carreira respeitável na indústria aeroespacial. Ele foi responsável pela engenharia de novos sistemas de radar e comunicações para a Ryan Electronics no final dos anos 1950, recebendo onze patentes, incluindo um sistema automático de pouso por radar usado nos voos lunares Ranger e Surveyor. Começou a trabalhar no projeto Apollo após se juntar à North American Aviation.

Chatelain reconheceu que a NASA tinha a capacidade de esconder transmissões secretas da Apollo entre uma ampla variedade de canais de rádio. "Quando a Apollo chegou perto da lua, as portadoras de comunicações usadas anteriormente não podiam alcançar tão longe, então todas as comunicações passavam por um único transmissor muito potente com uma antena direcional na banda S, entre 2.106 e 2.287 MHz [megahertz], com um grande número de canais, cada um transmitindo vários sinais ao mesmo tempo através de multiplexação. Por exemplo, havia sete canais para alimentar informações médicas sobre a

condição física dos astronautas, nove para retransmitir os dados de telemetria armazenados da passagem por trás da lua que não podiam ser transmitidos diretamente", afirmou.
Mais evidências da disposição da NASA em esconder informações do público vieram do representante Howard Wolpe, de Michigan, que no início dos anos 1990 relatou que investigadores do Congresso descobriram um conjunto de instruções de duas páginas para administradores da NASA aconselhando como evitar divulgar informações "controversas". De acordo com Wolpe, "Este documento da NASA instrui funcionários do governo a: 1. reescrever e até destruir documentos 'para minimizar o impacto adverso'; 2. misturar documentos e camuflar a caligrafia para que o significado do documento se tornasse 'menos significativo'; e 3. tomar medidas para 'melhorar a utilidade' de várias isenções da FOIA (Lei de Liberdade de Informação)." Um funcionário da NASA, sem surpresa, disse que o documento era uma "deturpação" da política de abertura da NASA.
A agência espacial não apenas tinha a capacidade de suprimir informações sobre OVNIs, mas a usou, de acordo com o Dr. Garry Henderson, pesquisador da General Dynamics que trabalhou com a NASA. Ele disse que os astronautas estão sob ordens estritas de não discutir avistamentos de OVNIs com ninguém.
Some-se a isso o poder de agências de inteligência secretas, algumas com muito mais influência do que a própria CIA. Como Don Ecker, diretor de pesquisa da revista *UFO*, apontou: "Por trás de tudo isso está a Agência de Segurança Nacional (NSA), que monitora todas as transmissões e seleciona todas as imagens tiradas nas missões."
O refrão da censura foi recentemente acompanhado por Brian O'Leary, um cientista-astronauta durante o programa Apollo e líder adjunto da equipe de ciência de televisão Mariner 10 Vênus-Mercúrio. "Durante o final dos anos 1960, quando eu era astronauta da NASA, não tinha conhecimento de avistamentos de OVNIs por astronautas", escreveu O'Leary mais tarde. "Minha amizade duradoura com um dos astronautas que teria relatado um avistamento não pareceu importar quando perguntei a ele se ele tinha: ele foi conspicuamente evasivo. Os astronautas foram obrigados a guardar segredo? Essa foi a principal razão pela qual todos nós, astronautas — incluindo civis — tivemos que ter autorizações de alto sigilo? Se sim, essa situação colocou os observadores de OVNIs em uma posição difícil em relação ao governo — uma posição não invejável." O'Leary revelou seus sentimentos, no entanto, repetindo a história de um operador de rádio amador que supostamente captou esta transmissão de um voo do ônibus espacial em março de 1989: "Houston, aqui é Discovery. Ainda temos naves espaciais alienígenas sob observação."
Em resposta à pergunta de por que a NASA e o governo esconderiam evidências de vida extraterrestre, vários pesquisadores, incluindo Richard Hoagland, apontaram para um relatório da NASA feito pela Instituição Brookings em 1960. Intitulado "Proposed Studies on the Implications of Peaceful Space Activities for Human Affairs" (Estudos Propostos sobre as Implicações das Atividades Espaciais Pacíficas para os Assuntos Humanos), o relatório afirmava: "Embora encontros face a face com [vida extraterrestre] não ocorrerão nos próximos 20 anos — a menos que sua tecnologia seja mais avançada que a nossa, qualificando-a para visitar a Terra — artefatos deixados em algum momento por essas

formas de vida podem possivelmente ser descobertos através de nossas atividades espaciais na Lua, Marte ou Vênus."
O relatório acrescentava: "Arquivos antropológicos contêm muitos exemplos de sociedades, seguras de seu lugar no universo, que se desintegraram quando tiveram que se associar com sociedades anteriormente desconhecidas que professavam ideias diferentes e diferentes modos de vida; outras que sobreviveram a tal experiência geralmente o fizeram pagando o preço de mudanças de valores, atitudes e comportamento." Essa advertência foi captada por escritores do *New York Times*, que publicaram uma manchete gritando: "Relatório da Instituição Brookings Diz que a Civilização da Terra Poderia Desmoronar se Enfrentasse uma Raça de Seres Superiores."
A ideia parecia ser que o público deveria ser protegido da notícia surpreendente de vida extraterrestre para evitar pânico e caos. Ao longo dos anos, deve ter se tornado cada vez mais difícil para as pessoas no poder admitir que haviam montado um encobrimento. Era a velha síndrome de "uma mentira puxa a outra".
Curiosamente, talvez algumas das evidências mais convincentes de OVNIs até hoje tenham vindo da própria NASA — vídeos feitos a partir do ônibus espacial *Discovery* em 1991.

Manobras no Espaço Sideral
Em 15 de setembro de 1991, uma câmera a bordo do *Discovery* estava gravando a curvatura da Terra durante a missão STS-48 e transmitindo imagens para uma rede de televisão a cabo de canal seleto da NASA. Donald Ratsch, um pesquisador espacial de Maryland, conseguiu gravar o sinal da NASA e ficou surpreso ao descobrir o que pareciam ser objetos em movimento manobrando a algumas milhas do ônibus espacial.
Sua descoberta logo circulou pela comunidade OVNI, e muitos outros acreditaram que a fita mostrava OVNIs no espaço. Logo, uma cópia de boa qualidade da fita do *Discovery* foi obtida dos arquivos da NASA e analisada. A história da STS-48, embora discutida em vários programas de televisão, ainda é amplamente desconhecida do público em geral.
No dramático segmento de fita de quatro minutos, vários objetos brilhantes foram vistos se movendo em várias velocidades para o lado direito do ônibus espacial. Um objeto parecia sair da atmosfera da Terra, então passou a voar paralelamente à curvatura do planeta até que um flash brilhante foi gravado pela câmera do ônibus espacial. Naquele momento, o objeto mudou abruptamente de curso em quase 120 graus e acelerou em direção ao espaço. Um segundo objeto que parecia estacionário antes do flash também acelerou na mesma direção que o primeiro objeto. Enquanto isso, na parte inferior direita da imagem, mais dois objetos brilhantes se moviam paralelamente um ao outro em direção ao topo da imagem. Outros objetos foram vistos se movendo em várias direções.
Com a fita nas mãos do público, a NASA foi forçada a responder. Um porta-voz afirmou que os objetos brilhantes em movimento eram meramente gotículas de água congelada refletindo a luz solar flutuando perto do ônibus espacial. Os pesquisadores de OVNIs não estavam convencidos, já que os objetos brilhantes estavam obviamente acelerando, desacelerando e mudando de curso — uma impossibilidade absoluta para qualquer objeto natural flutuante.

A questão tornou-se ainda mais controversa quando o Dr. Jack Kasher, um físico da Universidade de Nebraska e consultor da NASA desde 1991, decidiu provar de uma vez por todas que os objetos em movimento eram de fato partículas de gelo, como a NASA afirmava. O Dr. Kasher tinha credenciais impressionantes, tendo trabalhado de 1975 a 1992 no Laboratório Nacional Lawrence Livermore em conexão com o programa de Iniciativa Estratégica de Defesa (SDI) "Guerra nas Estrelas". No entanto, após um estudo cuidadoso da fita da STS-48 e trabalhar com a matemática, o Dr. Kasher foi forçado a concluir que a afirmação da NASA de partículas de gelo era uma "posição completamente insustentável". Em uma entrevista gravada em 1994, o Dr. Kasher disse que determinou que a câmera do *Discovery* estava focada no "infinito" durante a gravação, o que tornava impossível gravar pequenas partículas de gelo perto do ônibus espacial. Ele disse que os objetos na fita estavam a cerca de vinte milhas do ônibus espacial. O Dr. Kasher disse que quase meia dúzia de evidências separadas provavam conclusivamente que os objetos não eram partículas de gelo. "E uma vez que a ideia de partículas de gelo é descartada", disse ele, "não restam muitas opções... Esses objetos estão claramente acima do brilho do ar, da atmosfera, manobrando no espaço sideral. Portanto, eles são algum tipo de nave espacial." "A única alternativa viável [à teoria das partículas de gelo]", afirmou o Dr. Kasher, "é que esses objetos brilhantes anômalos são naves espaciais inteligentemente dirigidas que estão claramente acelerando e manobrando acima da atmosfera da Terra." Apesar das descobertas do Dr. Kasher e do movimento claramente visto na fita da STS-48, a NASA continuou a apoiar a ideia das partículas de gelo.

Adicionando mais combustível ao fogo dos rumores de que a NASA encobriu muitos encontros entre astronautas e OVNIs, o ex-funcionário espacial Maurice Chatelain afirmou: "Parece que todos os voos Apollo e Gemini foram seguidos, tanto à distância como às vezes também bem de perto, por veículos espaciais de origem extraterrestre — discos voadores, ou OVNIs (objetos voadores não identificados), se você quiser chamá-los por esse nome. Cada vez que isso ocorria, os astronautas informavam o Controle da Missão, que então ordenava silêncio absoluto." Chatelain chegou ao ponto de afirmar que os rumores dentro da NASA eram de que a Apollo 13 carregava uma pequena carga nuclear para ser detonada na lua para testes sísmicos, mas mal conseguiu retornar à Terra depois de ser desativada por um OVNI aparentemente protegendo "alguma base lunar estabelecida por extraterrestres". Durante anos, tem sido tópico de discussão entre pesquisadores de OVNIs por que as missões lunares pararam completamente após a Apollo 17. Um Chatelain obviamente desanimado escreveu: "O programa, que começou nos anos 1960 com tanto entusiasmo, terminou em meio à crescente indiferença e até mesmo certa hostilidade de muitos americanos, que ficaram chocados ao descobrir o quão alto realmente era o custo de pousar na lua. Alguns até reclamaram que a cobertura ao vivo da TV das missões lunares havia prejudicado seus amados jogos de futebol."

Muitas pessoas, incluindo a maioria dos cientistas, lamentaram o fim das missões lunares quando novos mistérios permaneciam implorando por soluções e estavam céticos em relação à explicação oficial — falta de financiamento. "É como comprar um Rolls-Royce e

depois não dirigi-lo porque você quer economizar dinheiro na gasolina", reclamou o Dr. Thomas Gold, professor de astronomia na Universidade Cornell.
Outros ofereceram uma explicação mais sinistra. "Durante anos, abundaram rumores de que fomos 'convidados' a sair mais cedo — pelo tão especulado 'alguém mais na lua' — mas isso teria causado questionamentos massivos e talvez pânico se parássemos de repente, então completamos o programa e depois entramos em hiato... esta ideia é pura especulação e boato", escreveu o pesquisador de OVNIs Don Ecker.
O autor Timothy Good, geralmente respeitado como um jornalista diligente, acrescentou a este boato quando publicou um relatório não atribuído sobre uma conversa envolvendo o astronauta Neil Armstrong. De acordo com Good, um amigo pessoal não identificado ouviu Armstrong em um simpósio da NASA dizer: "Foi incrível... o fato é, fomos avisados para sair. Nunca houve qualquer questão então sobre uma estação espacial ou uma cidade lunar... Não posso entrar em detalhes, exceto para dizer que suas naves eram muito superiores às nossas tanto em tamanho quanto em tecnologia — cara, elas eram grandes!... e ameaçadoras." Armstrong supostamente explicou que as missões Apollo finais foram concluídas porque "a NASA estava comprometida naquela época e não podia arriscar um pânico na Terra."
O pesquisador lunar George Leonard observou que antes dos pousos lunares havia muita especulação da mídia sobre os aspectos lucrativos de uma colônia e operações de mineração na lua. Toda essa conversa terminou abruptamente após as missões Apollo serem canceladas. "Investimos bilhões o suficiente no [programa espacial dos EUA] para tirar todas as principais cidades americanas da dívida, e mais um pouco. E após os bem-sucedidos voos Ranger, Surveyor, Orbiter e Apollo, abandonamos a exploração lunar tripulada como uma batata quente", observou ele.
Falhas espaciais mais recentes — o desastre do ônibus espacial *Challenger*, várias perdas de satélites, incluindo o Titan 4, Landsat 6 e o telescópio Hubble, além da perda das sondas marcianas soviética (Phobos II) e americana (Mars Observer), bem como a russa Marte '96 — levaram a uma consideração mais ponderada do conceito de uma quarentena alienígena da Terra.
Um caso inicial foi relatado pelo Dr. Robert Jacobs da Universidade de Wisconsin, que no início dos anos 1960 era primeiro tenente da força aérea. O Dr. Jacobs afirmou que em 15 de setembro de 1964, ele era responsável por filmar testes de mísseis na Base Aérea de Vandenberg, Califórnia, e fotografou o lançamento de um foguete Atlas. Poucos dias depois, ao revisar o filme com seu superior, Major Florenz J. Mansmann, e dois homens à paisana não identificados de Washington, Jacobs ficou surpreso ao notar "um OVNI nadando na imagem" quando o Atlas atingiu uma altitude de cerca de sessenta milhas. "Ele voou direto para o nosso míssil e emitiu um flash vívido de luz", lembrou Jacobs. "Então ele alterou o curso e pairou brevemente sobre o nosso míssil... e então veio um segundo flash vívido de luz. Então o OVNI voou ao redor do míssil duas vezes e provocou mais dois flashes de diferentes ângulos, e então desapareceu. Alguns segundos depois, nosso míssil estava com mau funcionamento e caindo fora de controle no Oceano Pacífico, centenas de milhas aquém de seu alvo programado." Perguntado sobre sua avaliação do objeto no filme, Jacobs

disse que era um OVNI. O Major Mansmann então lhe disse: "Você não deve dizer nada sobre esta filmagem. No que diz respeito a você e a mim, isso nunca aconteceu!" Jacobs disse que os dois homens não identificados, acreditados serem agentes da CIA, levaram o filme e ele nunca mais foi visto desde então. "Já se passaram 17 anos desde aquele incidente", disse Jacobs ao recontar sua história em 1982, "e não contei a ninguém sobre isso até agora. Tive medo do que poderia me acontecer. Mas a verdade é importante demais para ser escondida por mais tempo. Os OVNIs são reais. Eu sei que são reais. A Força Aérea sabe que são reais. E o governo dos EUA sabe que são reais. Acho que já é mais do que hora do público americano saber disso também."

Um exemplo recente de tentativas fracassadas de sondar além do nosso planeta é a nave espacial *Clementine*, um projeto conjunto NASA-Departamento de Defesa para retornar equipamento fotográfico sofisticado recém-desenvolvido à lua. Lançada em janeiro de 1994, as esperanças eram altas de que a *Clementine* de 75 milhões de dólares pudesse transmitir fotos que poderiam resolver muitos mistérios lunares. Mas o controle da nave falhou depois que um motor supostamente disparou mal e mais uma sonda espacial com conexões militares foi perdida. No início de 1996, a esperança foi renovada de que o contato com a *Clementine* pudesse ser restabelecido.

É razoável concluir que, se de fato alguém está adulterando nossas sondas espaciais, a nossa lua seria uma base de operações lógica. As evidências sugerem que alguém está lá há muito tempo. Como um mundo artificial criado há bilhões de anos para viajar pelo espaço contendo ruínas antigas na ou sob a superfície lunar, a lua apresenta indicações de atividade obviamente anterior à história do homem — talvez até ao próprio homem.

Já que o homem fez um esforço tão tremendo para enviar astronautas à lua — considerada pela maioria como um mundo sem vida — deve-se considerar que alguém pode ter feito um esforço semelhante para enviar seus astronautas à Terra. Isso pode estar acontecendo hoje ou pode ter ocorrido na história antiga do homem, deixando evidências que levaram à atual crença generalizada em astronautas antigos.

CAPÍTULO 2 - ASTRONAUTAS ANTIGOS

Até bem dentro do século XX, os cientistas acreditavam que tanto a história da Terra quanto a do homem eram marcadas por mudanças graduais e evolutivas.

Essa ideia foi abalada pelas teorias de um judeu russo chamado Immanuel Velikovsky. Médico e psiquiatra em exercício, Velikovsky viajou para os Estados Unidos em 1939 com a intenção de escrever sobre as figuras históricas de Moisés, Édipo e Akhenaton em conexão com os conceitos psicológicos de Sigmund Freud. No entanto, no curso de seus estudos, ele descobriu evidências que o levaram à sua teoria de que as culturas do mundo descrevem todos cataclismos súbitos e violentos na história inicial do homem. Velikovsky teorizou que essas convulsões foram causadas pela passagem próxima de um cometa que causou desastres globais e mais tarde se moveu para a órbita do sol, tornando-se o planeta Vênus. Além de ameaçar a teoria da evolução gradual de sua época, o trabalho de Velikovsky foi

visto como um afastamento radical das tradições da religião, cosmologia, geologia, arqueologia, sociologia e psicologia.
Em uma discussão de teorias novas ou alternativas, é instrutivo considerar a reação às ideias de Velikovsky. Depois de não conseguir interessar a comunidade científica em suas teorias, Velikovsky finalmente publicou suas ideias no livro *Worlds in Collision* (Mundos em Colisão), lançado em 1950 com grande interesse popular. "O que se seguiu foi um caso clássico moderno de demagogia acadêmica", comentou o pesquisador Arthur Bloch. "Cientistas e estudiosos que apoiaram a tese de Velikovsky — e até mesmo aqueles que simplesmente defenderam seu direito de ser ouvido — foram vaiados. Alguns, como o astrônomo Gordon Atwater e o editor da Macmillan James Putnam, foram sumariamente demitidos de seus cargos. Resenhas favoráveis do livro foram canceladas antes de sua publicação, para serem substituídas por ataques fervorosos à 'irresponsabilidade' na indústria editorial. Muitas vezes, esses ataques foram escritos por cientistas que admitiram não ter lido *Worlds in Collision*, enquanto aqueles que leram o livro deturparam grosseiramente a posição do autor e ignoraram ou distorceram suas evidências." Houve até uma tentativa de criar um "conselho de censura de teorias" científico para impedir a publicação dos "tipos errados de livros científicos". Desde então, muitas das teorias de Velikovsky foram comprovadas corretas, e hoje a teoria de convulsões planetárias, como o dilúvio de Noé e a extinção súbita dos dinossauros, é geralmente aceita como fato.
Baseando-se na tese de Velikovsky de que as lendas antigas tinham alguma base na realidade, o autor suíço Erich von Däniken avançou a noção de que astronautas antigos podem ter visitado a Terra séculos atrás. Na publicação americana de 1970 de seu livro *Chariots of the Gods?* (*Eram os Deuses Astronautas?*), von Däniken afirmou corajosamente: "Afirmo que nossos antepassados receberam visitas do universo no passado remoto, embora eu ainda não saiba quem eram essas inteligências extraterrestres ou de qual planeta vieram. No entanto, proclamo que esses 'estranhos' aniquilaram parte da humanidade existente na época e produziram um novo, talvez o primeiro, *homo sapiens*." Como as de Velikovsky, as teorias de von Däniken foram recebidas com grande interesse por parte do público, mas foram violentamente atacadas pelos tradicionalistas, que o acusaram de pesquisa e escrita descuidadas. Até mesmo o autor britânico Colin Wilson, ele próprio um colecionador de conhecimentos ocultos e sobrenaturais, criticou von Däniken por "suposições absurdas" e "distorção dos fatos". Wilson apontou para a descrição de von Däniken de voo espacial e um alto-falante na Epopeia de Gilgamesh assíria, dizendo: "Na verdade, uma leitura cuidadosa da [epopeia] revela que esses eventos não ocorrem." Ele até acusou von Däniken de engano deliberado em um livro posterior, no qual ele descreveu sua visita a um sistema de cavernas no Equador, mas depois admitiu que nunca esteve lá. De acordo com Wilson, von Däniken desculpou essa falha de integridade jornalística explicando que escritores como ele têm permissão para "bordar seus fatos".
Outro crítico chamado Wilson foi Clifford Wilson, ex-lector do Melbourne Bible Institute da Austrália, que atacou von Däniken com base em crenças teológicas. Em um livro de 1972 cuja capa foi modelada a partir de *Chariots of the Gods?* e intitulado *Crash Go the Chariots*, Wilson afirmou: "Von Däniken não é o primeiro — nem será o último — que

fracassou quando presumiu atacar aquela Rocha inexpugnável da Sagrada Escritura." Seus argumentos contra as teorias dos astronautas antigos, geralmente baseados na premissa de que aqueles que acreditam na Bíblia simplesmente sabiam melhor, eram geralmente tão fracos quanto alguns dos alongamentos da lógica de von Däniken.

Von Däniken se viu atacado de todos os lados — desde o establishment científico até conservadores religiosos. "O resultado de tudo isso", comentou Colin Wilson, "é que Däniken foi agora totalmente desacreditado e que a teoria do 'astronauta antigo' associada ao seu nome tem poucos apoiadores sérios. Isso é uma pena, pois há evidências muito mais convincentes do que as apresentadas por Däniken."

De fato, muitos outros escritores sérios, entre eles Andrew Tomas, Maurice Chatelain, Zecharia Sitchin, Harold T. Wilkins, Peter Kolosimo, Serge Hutin, W. Raymond Drake e Jacques Vallée, apresentaram evidências convincentes para o aparecimento de OVNIs na história inicial do homem. "Em suma, não há como contornar von Däniken", escreveu o escritor científico Richard C. Hoagland, que se viu no centro da controvérsia com suas teorias de artefatos alienígenas na lua e na região de Cydonia em Marte. "Para procurar a sombra de Cydonia na Terra — por mais tênue que seja a sombra — devo me voltar para os Monumentos do Egito. Para sugerir transporte entre mundos, devo invocar imagens de astronautas 'humanoides' e naves espaciais gigantes. Assim que o fizer, eles encontrarão seu caminho para exploradores espaciais loiros e brancos e — possivelmente — máquinas antigravidade... *Chariots of the Gods*."

Evidências marcantes conectando culturas de lados opostos da terra surgiram em setembro de 1996, quando Han Ping Chen, uma autoridade na antiga dinastia Shang chinesa, confirmou que marcas encontradas em figuras da América Central datadas de mais de três mil anos atrás eram claramente caracteres chineses. As figuras eram dos Olmecas, precursores das civilizações Asteca e Maia, e foram descobertas no México em 1955. A arqueóloga do Smithsonian, Betty Meggers, apoiou a análise de Chen, afirmando: "Os sistemas de escrita são demasiado arbitrários e complexos. Eles não podem ser reinventados independentemente."

Além disso, um estudo cuidadoso da mitologia em todo o mundo revela semelhanças impressionantes. Lendas de diferentes povos que vivem em todos os cantos da terra parecem contar a mesma história essencial — que no distante passado remoto, certos indivíduos com poderes "divinos" moldaram a humanidade em um estado civilizado após um período de convulsão cataclísmica.

O grande professor dos Astecas era conhecido como Viracocha, para os Maias como Quetzalcoatl, e para os antigos egípcios como o Deus Sol Rá. Sargão, o primeiro grande líder da dinastia Acádia, que sucedeu os Sumérios, atribuiu seu conhecimento ao deus Anu, enquanto o rei babilônico Hamurabi teria ganho poder através de Marduk.

Na Índia, acredita-se que o homem é descendente de deuses que voavam em naves flamejantes. Os Teutões apontam para ancestrais em "Wanen" voadores. Os antigos Maias pensavam que seus predecessores vieram das Plêiades, enquanto os Incas diziam simplesmente que eram os "filhos do sol". Os Nativos Americanos afirmam ser filhos e

filhas do grande "Pássaro-Trovão". Textos chineses falam de governantes longevos dos céus que navegavam pelos céus em "dragões cuspidores de fogo".
Um denominador comum desses deuses antigos era sua capacidade de voar pelo ar. Curiosamente, esses deuses não apenas apareciam ou desapareciam como seria de se esperar de um deus, mas estavam restritos a voar através do uso de dispositivos — rodas flamejantes, carruagens, globos brilhantes e semelhantes.
Os estudiosos sempre enfrentaram duas escolhas ao lidar com tais textos e lendas antigas — assumir que são fantasia alegórica ou tomá-los literalmente. Por muito tempo, eles descartaram as velhas histórias como mito. Mas no mundo moderno, com os avanços recentes na geologia, arqueologia e até mesmo no voo espacial, toda uma nova visão do nosso passado está tomando forma.
Pensava-se que os relatos do poeta grego Homero sobre as Guerras de Tróia eram pura ficção até que as ruínas de Tróia foram localizadas por Charles McLaren em 1822. Mesmo assim, foi somente com as extensas escavações de Heinrich Schliemann em 1870 que a realidade de Tróia foi aceita. Da mesma forma, a antiga cidade mesopotâmica de Ur era considerada amplamente mítica até ser descoberta e escavada por Leonard Woolley após a Primeira Guerra Mundial.
O autor Zecharia Sitchin, que fez um extenso estudo de documentos antigos em sua língua original, afirmou: "Descobertas arqueológicas e a decifração de textos antigos sumérios, babilônicos, assírios, hititas, cananeus e outras epopeias e contos épicos confirmam cada vez mais a precisão das referências bíblicas aos reinos, cidades, governantes, lugares, templos, rotas comerciais, artefatos, ferramentas e costumes da antiguidade."
Se a Bíblia está sendo cada vez mais aceita como contendo precisão histórica, talvez outros escritos antigos mereçam inspeção mais séria.
Por exemplo, três importantes textos hindus — o Bhagavata-Purana, o Mahabharata e os escritos do Ramayana — datam de pelo menos 3000 a.C. Eles estão entre os escritos mais antigos conhecidos pelo homem. Essas obras falam extensivamente sobre máquinas voadoras chamadas *vimananas* que podiam viajar não apenas pelo ar, mas também para outros mundos. Richard L. Thompson, um especialista na cultura Védica da Índia que trabalhou em sensoriamento remoto por satélite financiado pela NASA, afirmou que os *vimananas* hindus "podiam ser máquinas grosseiramente físicas, ou podiam ser feitos de outros dois tipos de energia, que podemos chamar de energia sutil e energia transcendental. Os humanos desta Terra geralmente não fabricavam tais máquinas, embora às vezes as adquirissem de seres mais tecnicamente avançados."
Os escritos védicos falam de deuses de outros sistemas planetários chamados Devas que atuam como administradores para um governo universal hierárquico, contam como a alma humana — nossa energia senciente — habita uma sucessão de corpos físicos, e como o antigo povo védico era regularmente visitado pelos Devas, frequentemente em máquinas voadoras. "Há muito material nos textos védicos que é praticamente desconhecido para os ocidentais que não têm um interesse explícito na cultura indiana. Parte deste material mostra paralelos com características comumente relatadas da aparência e comportamento dos OVNIs e entidades OVNIs", disse Thompson.

Explicando por que a conexão OVNI dentro dos Vedas não foi vista antes, Thompson disse: "Alguns significados podem diferir tão fortemente do que uma pessoa está acostumada a pensar que ela deixará de compreendê-los por muito tempo. Ele tenderá a tirar as palavras do contexto entendido pelo autor e forçá-las para um contexto ditado por seu próprio condicionamento cultural. Isso pode fazê-lo rejeitar o texto como absurdo, e tal rejeição pode criar um impedimento para a verdadeira compreensão." Esta explicação também poderia se aplicar ao lidar com quaisquer escritos da antiguidade.

Thompson relatou como o Décimo Canto do Bhagavata-Purana descreveu um incidente que parecia descrever um ataque aéreo. Falava de um certo Rei Salva que pediu ao seu deus, Senhor Pasupati, que lhe fornecesse um veículo voador inexpugnável que pudesse ir aonde quer que desejasse e aterrorizar seus inimigos. Assim, uma "cidade voadora de ferro" foi construída e apresentada ao Rei Salva. Este "tição giratório" foi usado por Salva para sitiar uma cidade inimiga. Uma descrição do canto diz: "De sua excelente aeronave, ele lançou uma torrente de armas, incluindo pedras, troncos de árvores, raios, cobras e granizo. Um redemoinho feroz surgiu e cobriu todas as direções com poeira."

Muitos outros atributos foram dados aos misteriosos *vimananas* voadores da lenda hindu, como a capacidade de se tornarem invisíveis (tecnologia stealth?), de ouvir e ver a grandes distâncias (rádio e televisão?), de determinar o curso dos inimigos (radar?) e de destruir naves inimigas. Uma descrição dessas máquinas fabulosas afirmava:

Estes verdadeiramente maravilhosos, de tom vermelho,
Apressam-se em seu curso com um rugido
sobre as cristas do céu...
E se espalham com feixes de luz...
Brilhantes, celestiais, com relâmpagos em suas mãos
e capacetes de ouro sobre suas cabeças.

Dentro do contexto dos avistamentos de OVNIs, o significado desta estrofe parece auto-evidente.

Nem tal imagética estava confinada aos Vedas hindus. O *Popol Vuh*, o livro sagrado dos índios Maias da América Central, descreveu seus ancestrais como "homens admiráveis... capazes de saber tudo, e eles examinaram os quatro cantos, os quatro pontos do arco do céu, e a face redonda da terra". Esses índios sabiam que a terra era redonda séculos antes dos europeus, indicando que obtiveram tal conhecimento de alguém capaz de ver a terra de bem alto.

Como nos Vedas, as lendas maias continham uma estreita conexão com os céus. O *Popol Vuh* mencionou que vários deuses, incluindo Hunahpu, Xbalanque e o grande rei-deus Quetzalcoatl, retornaram às estrelas após sua vida na Terra terminar.

O autor italiano Peter Kolosimo fez um estudo aprofundado de Quetzalcoatl, descrito como o filho do deus-céu Mixcoatl, e concluiu: "Na opinião de muitos estudiosos, esta lenda pode ser interpretada como se segue. Sobre a Atlântida desceu um dia uma raça de seres tão avançados que pareciam deuses — Mixcoatl — aos olhos dos primitivos habitantes da terra. Eles eram transportados em uma nave espacial esbelta — a serpente-nuvem — e se

misturaram com o povo da Terra — Chimalman — que eles elevaram a um alto nível de civilização."

Do outro lado do mundo, no Tibete, um livro chamado *Kantyua*, que significa "a palavra traduzida de Buda", fala de "pérolas voadoras no céu" e esferas transparentes contendo deuses que vêm visitar os homens. Um livro supostamente escrito pelo lama tibetano T. Lobsang Rampa apresentou estas ideias de escritos antigos: "Nós [tibetanos] acreditamos, firmemente, que renascemos vez após vez. Mas não apenas nesta Terra. Existem milhões de mundos e sabemos que a maioria deles é habitada. Esses habitantes podem estar em formas muito diferentes das que conhecemos, podem ser superiores aos humanos. Nós no Tibete nunca subscrevemos a visão de que o Homem é a forma mais elevada e nobre de evolução. Acreditamos que formas muito superiores são encontradas em outros lugares, e elas não jogam bombas atômicas. No Tibete, vi registros de naves estranhas nos céus. 'As Carruagens dos Deuses', a maioria das pessoas as chama. O Lama Mingyar Dondup me disse que um grupo de lamas havia estabelecido comunicação com esses 'deuses', que disseram que estavam observando a Terra, aparentemente da mesma forma que os humanos observam animais selvagens e perigosos em um zoológico." Os "Régias Linhagens dos Reis Tibetanos", um documento que data do século VII, afirma que os primeiros sete reis tibetanos vieram das estrelas para as quais eventualmente retornaram.

Na Babilônia, há cerca de 4.700 anos, foi escrito um poema intitulado "O Voo de Etana". Parece ser um relato lúcido de uma ascensão ao espaço, muito como um astronauta moderno descreveria:

Etana olhou para baixo e viu que a terra havia se tornado
como uma colina e o mar como um poço. E então voaram por
mais uma hora, e mais uma vez Etana olhou para baixo: a
terra era agora como uma pedra de moinho e o mar como um pote.
Após a terceira hora, a terra era apenas um grão de poeira,
e o mar já não era visto.

Uma das histórias mais estranhas sobre visitantes antigos começou em 1938, quando o arqueólogo Chi Pu Tei descobriu fileiras de sepulturas regularmente alinhadas nas montanhas Baian Kara Ula, perto da fronteira Sino-Tibetana. Abaixo de desenhos rupestres de seres usando capacetes, juntamente com representações das estrelas, sol e lua, pequenos esqueletos frágeis com crânios excepcionalmente grandes foram encontrados. Chi Pu Tei teorizou que os esqueletos pertenciam a uma espécie extinta de macaco da montanha e que os desenhos foram deixados nas cavernas mais tarde por tribos humanas. Como as sepulturas estavam em fileiras sistemáticas, sua teoria foi ridicularizada e esquecida até 1962, quando placas de pedra encontradas entre as sepulturas foram traduzidas pelo Professor Tsum Um Nui da Academia de Pesquisa Pré-Histórica de Pequim.

A tradução contou uma história misteriosa de um grupo de seres que caiu no terceiro planeta deste sistema estelar há cerca de doze mil anos. Incapazes de reparar sua nave, este grupo tentou fazer amizade com as tribos da montanha, mas foram caçados e mortos devido às suas características não humanas. Como este relato não era compatível com a visão de mundo ocidental, também foi descartado.

Mas um apoio surpreendente para a ideia de homens andando na terra por muito mais tempo do que se reconhece atualmente veio em 1959. De acordo com o autor Serge Hutin, naquele ano, uma expedição paleontológica conjunta soviético-chinesa chefiada pelo Dr. Chu Ming Chen descobriu uma pedra no Deserto de Gobi que provou ter cerca de um milhão de anos; incrustada nela estava "a impressão perfeitamente reconhecível da sola de um sapato". Em 1920, de acordo com o autor Peter Kolosimo, um Professor Julio Tello encontrou vasos na costa peruana representando lhamas com cinco dedos em vez dos dois habituais. Tello passou a encontrar esqueletos de lhamas pré-históricos que de fato tinham cinco dedos. "Os esqueletos de lhamas de cinco dedos escavados por Tello provaram, ao contrário da visão geral, que a humanidade já existia e, em algumas partes do mundo, havia alcançado um grau bastante elevado de civilização, na época em que os primeiros mamíferos apareceram e os grandes saurianos ainda não estavam extintos", concluiu Kolosimo.

Muitas outras estranhezas físicas em todo o mundo atestam conhecimento superior obtido através de observação aérea no passado remoto.

Os mais conhecidos deles são os pictogramas e linhas no planalto de Nazca, no sul do Peru. Raspadas na superfície vulcânica negra e preservadas desde os tempos pré-históricos devido à falta de chuva, estão centenas de figuras diferentes, desde desenhos geométricos simples até imagens intrincadas de animais e pássaros — uma baleia, garça, beija-flor, condor, pelicano, aranha e macaco. Todos esses desenhos só podem ser vistos de bem alto no ar. Até o advento da aviação comercial na década de 1930, ninguém percebeu que este panorama de arte antiga existia em Nazca. A tradição oral peruana afirmava que as marcações no planalto desértico estavam conectadas a lendas dos "Viracochas", estranhos brancos barbados que trouxeram civilização após um grande cataclismo. Esses fatos, além de várias longas linhas retas, tanto paralelas quanto cruzadas, levaram alguns escritores a especular que Nazca era um antigo local de pouso de naves espaciais.

O autor Graham Hancock descarta essa ideia, questionando por que extraterrestres que poderiam viajar pelo espaço interestelar precisariam de pistas de pouso. "Certamente tais seres teriam dominado a tecnologia de pousar seus discos voadores verticalmente", afirmou ele, obviamente acreditando que tais seres seriam muito mais avançados do que nossa própria tecnologia espacial, que ainda requer uma longa pista de pouso para os ônibus espaciais. No entanto, ele admitiu estar perplexo com as linhas de Nazca. "A verdade é que ninguém sabe seu propósito, assim como ninguém realmente sabe sua idade; são um mistério genuíno do passado."

O autor Peter Kolosimo citou o professor da Universidade da Pensilvânia, J. Alden Mason, dizendo que as linhas "sem dúvida... foram feitas para serem vistas por divindades celestiais". "Diz-se que existem muitos outros locais deste tipo no Peru e em partes do Chile", escreveu Kolosimo, "mas os índios que os conhecem não podem explicar seu propósito, embora relatem histórias que sugerem que as figuras se destinavam a guiar o curso de navegadores do espaço sideral que estabeleceram bases na Terra." Von Däniken especulou que no passado distante "inteligências desconhecidas" pousaram em Nazca e estabeleceram duas pistas antes de partir. Homens das tribos pré-Incas testemunharam sua

chegada e mais tarde ampliaram as duas pistas, além de adicionar várias próprias para induzir os "deuses" a retornar.
Se este for o caso, pode ter sido o primeiro "culto à carga" do mundo, que ainda é praticado hoje em certas áreas da Melanésia no Pacífico. Os cultistas acreditaram durante anos que os deuses do céu lhes trariam bens manufaturados (carga) em "grandes pássaros". Eles pensaram que essa crença foi cumprida durante a Segunda Guerra Mundial, quando aviões americanos lançaram comida e material nas selvas para as tropas aliadas que avançavam. Após a guerra, os nativos construíram pistas de pouso falsas e até "rádios" de bambu numa tentativa de se preparar para o retorno dos "deuses". "Através de todas essas crenças infantis, havia algumas bases na realidade", escreveu o autor Andrew Tomas. "Da mesma forma, as antigas lendas dos 'deuses descendo à Terra' e uma era em que 'homens e deuses' se misturavam podem ser uma memória popular de uma época em que naves celestes de uma tecnologia diferente foram vistas em nossa atmosfera."
Outro padrão surpreendente encontrado apenas por observação aérea foi descrito pelo oficial da NASA Maurice Chatelain. Ele descobriu que desenhar um círculo em um mapa e conectar a venerada ilha grega de Delos a treze locais geográficos — "lugares sagrados marcados por ruínas de templos construídos sobre ruínas ainda mais antigas desde tempos imemoriais" — dentro de um raio de 450 milhas produzia a figura perfeita de uma cruz de Malta, um antigo sinal sagrado usado nos escudos dos Cruzados. Delos era considerada um dos locais mais sagrados da Grécia antiga, embora ninguém nunca tenha sabido exatamente por quê. Escreveu Chatelain: "O que nos interessa agora é como e por que um padrão tão gigantesco foi marcado no Egeu e nas terras circundantes. Não acredito que mesmo os agrimensores de hoje pudessem marcar tão precisamente uma figura tão gigantesca de mais de 360 milhas, saltando de ilha em ilha e estendendo-se sobre o mar e montanhas. Exceto de bem alto no ar, esta cruz de Malta não seria visível. Para medir e marcar todos os pontos salientes, duas ferramentas muito modernas de mapeamento são uma necessidade absoluta. Primeiro, um satélite espacial de posição fixa... Então, para manter a cápsula estacionária sobre Delos, um dos nossos mais novos dispositivos que foi aperfeiçoado há apenas pouco tempo — um radar de navegação e medição de distância terrestre."

OVNIs na Bíblia
Na Bíblia, a base do pensamento e filosofia ocidentais, há muitos relatos que parecem descrever eventos com características decididamente OVNI.
O Livro do Gênesis descreve como Jacó, fundador das doze tribos de Israel, acampou enquanto viajava de Bersabeia para Harã. Depois de se deitar para a noite, Jacó sonhou que viu uma "escada posta na terra, cujo topo chegava ao céu" e viu "os anjos de Deus subindo e descendo por ela". No topo da escada estava um ser que se proclamou "Jeová, o Deus de Abraão", que disse a Jacó que seus descendentes se proliferariam e se espalhariam para os quatro cantos da terra como "poeira". Embora a maioria dos estudiosos da Bíblia veja esta história como um sonho alegórico, alguns acreditam que Jacó pode ter visto astronautas antigos saindo de um OVNI.

O início do Salmo 104 parece ser um relato de voo, afirmando: "Ó Senhor meu Deus... Tu que te cobres de luz como de um vestido, que estendes os céus como uma cortina, que pões nas águas as vigas das tuas câmaras, que fazes das nuvens a tua carruagem, que andas sobre as asas do vento..."

Zacarias 6:1-7 (Bíblia Viva) também pode ser interpretado como uma observação de máquinas voadoras em uma missão de reconhecimento quando afirma: "Então tornei a levantar os meus olhos, e olhei, e vi quatro carros que saíam dentre dois montes, e estes montes eram de bronze. No primeiro carro os cavalos eram vermelhos, no segundo carro cavalos pretos, no terceiro carro cavalos brancos, e no quarto carro cavalos malhados. E eu respondi e disse ao anjo que falava comigo: Que são estes, Senhor meu? Então respondeu o anjo e me disse: Estes são os quatro ventos do céu, que saem de apresentar-se perante o Senhor de toda a terra. O carro em que estão os cavalos pretos sai para a terra do norte, e os brancos saem atrás deles, e os malhados saem para a terra do sul. E os cavalos vermelhos saíam impacientes, procurando ir por diante, para percorrerem a terra. E ele disse: Ide, percorrei a terra. E percorreram a terra."

Outra história bíblica familiar com conotações de visitantes OVNIs diz respeito à destruição das cidades de Sodoma e Gomorra no ano de 2024 a.C. Alguns estudiosos bíblicos progressistas tendem a explicar a destruição pelo fogo e enxofre das duas cidades como resultado de algum desastre natural, como uma erupção vulcânica ou terremoto, que foi interpretado como um ato de Deus. Mas as evidências negam essa visão. O relato bíblico é bastante claro de que a devastação foi conhecida antecipadamente, uma vez que Abraão, descendente direto de Noé e o primeiro patriarca hebreu, foi avisado e até conseguiu negociar com seu Deus, revisando o número de pessoas justas pelas quais as cidades poderiam ser poupadas de cinquenta para dez.

De acordo com a história, o sobrinho de Abraão, Ló, encontrou dois homens no portão de Sodoma, que ele de alguma forma reconheceu como sendo muito especiais, pois se prostrou diante deles. A Bíblia os chama de "anjos", embora a palavra hebraica original *Mal'akhim* signifique na verdade "emissários". Este par aparentemente parecia bastante humano, já que Ló os trouxe para sua casa e os alimentou com pão fresco. Mais tarde naquela noite, quando uma multidão de sodomitas exigiu que o par lhes fosse entregue para prazer sexual, Ló os protegeu, até oferecendo suas próprias filhas virgens em troca. Não intimidados, os homens tentaram forçar a entrada na casa, apenas para serem temporariamente cegados pelos dois estranhos.

Após este incidente, os estranhos revelaram a Abraão que as cidades seriam em breve destruídas. Ló tentou avisar seus vizinhos, mas nenhum quis ouvir. No dia seguinte, os dois estranhos disseram a Ló que era urgente que ele e sua família partissem imediatamente, indicando que um prazo específico para a destruição estava em andamento. "Escapa-te por tua vida", foi dito a Ló. "Não olhes para trás, nem pares em toda esta planície; escapa para o monte, para que não pereças."

Os dois estranhos então aceitaram a proposta de Ló de que ele fugisse apenas até a pequena cidade vizinha de Zoar, em vez das montanhas. Uma vez que Ló estava em Zoar, "Então o Senhor fez chover fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra, da parte do Senhor desde os

céus. E destruiu aquelas cidades, e toda a planície, e todos os habitantes das cidades, e o que crescia sobre a terra. Mas a mulher de Ló olhou para trás e tornou-se uma estátua de sal." O estudioso de documentos antigos Zecharia Sitchin argumenta que o significado literal do termo *Netsiv melah* (estátua de sal) deveria ser "pilar de vapor". Assim, a esposa de Ló foi vaporizada pela explosão destrutiva das cidades, vista a milhas de distância por Abraão como "colunas de fumaça e vapor, como de uma fornalha, subindo das cidades ali".
Como alguns escritores apontaram, este relato soa estranhamente como os dos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki. Mas há algo que apoie esta ideia? De acordo com Sitchin, arqueólogos encontraram evidências de que comunidades perto da extremidade sul do Mar Morto — considerado o local de Sodoma e Gomorra — foram subitamente abandonadas no século XXI a.C. e não foram reocupadas por vários séculos. Além disso, um relatório afirmou que a água na área foi encontrada contaminada com quantidades prejudiciais de radioatividade. Isto, mais a alegação de um cientista soviético de que silicone fundido ou areia vítrea foi descoberta na região, indica que uma explosão atômica pode muito bem ter arrasado Sodoma e Gomorra.
Esta história de grande destruição é simplesmente um conto fantástico sobre as consequências da imoralidade, ou as cidades foram destruídas por fogo nuclear? Foi um ato deliberado ou o resultado de guerra entre astronautas antigos? Ou poderia ter sido um OVNI danificado cuja energia nuclear entrou em estado crítico e explodiu?

Outra história bíblica frequentemente conectada com OVNIs é o relato de Ezequiel e a roda flamejante. Novamente, a maioria dos estudiosos da Bíblia acredita que Ezequiel, um profeta do século VI a.C. durante o exílio babilônico dos israelitas, apresentou suas mensagens em histórias alegóricas derivadas de visões. No entanto, um estudo cuidadoso do livro do Antigo Testamento indica que Ezequiel era mais um jornalista preciso do que um visionário de olhos estrelados.
Ao abrir seu livro, Ezequiel não declara meramente que um dia teve uma visão. Ele é muito detalhado ao dar o período de tempo de sua experiência. "Aconteceu no trigésimo ano, no quarto mês, no quinto dia do mês, que estando eu no meio dos exilados, junto ao rio Quebar, se abriram os céus, e eu vi visões de Deus", escreveu ele. Se ele foi tão preciso com sua datação, o restante de seu livro deve ser considerado um relato literal de suas experiências.
Muita confusão decorreu da semântica das várias traduções bíblicas. Por exemplo, na Versão King James, Ezequiel fala de ver "visões de Deus", indicando que ele viu algo que só podia descrever como uma visão de algo divino, além de sua experiência. Essa ideia é reforçada em versículos subsequentes nos quais Ezequiel afirma que as "visões de Deus" o levaram a uma cidade em uma montanha muito alta (Ezequiel 40:2); que o "espírito" de Deus o levantou acompanhado por um grande ruído "impetuoso" (Ezequiel 3:12); e que a "Glória de Deus" apareceu vinda do oriente com um som "como o rugido de águas impetuosas e toda a paisagem se iluminou" (Ezequiel 43:1-2). Parece suficientemente claro que Ezequiel estava tentando descrever um objeto material que ele viu e ouviu e que mais tarde até o carregou pelo ar.

No entanto, em traduções recentes, como a Bíblia Viva, Ezequiel 1:1 diz: "Certo dia, no fim de junho, quando eu tinha 30 anos de idade, os céus se abriram repentinamente para mim e tive visões de Deus." "Visões de Deus" implica uma alucinação sagrada, um pequeno mas muito crítico afastamento de "visões de Deus", implicando um objeto tangível para o qual Ezequiel não tem palavra de descrição. Onde a Versão King James diz "Nas visões de Deus me levou ele à terra de Israel" (Ezequiel 40:2), a Bíblia Viva afirma, "e em visão me levou à terra de Israel". Com diferenças tão pequenas, mas significativas, na tradução — agravadas ao longo dos séculos por mudanças devidas a edição, cópia e interpretação — é fácil ver por que há tanta confusão sobre o significado dos versículos bíblicos.

É claro que Ezequiel parece estar se esforçando para descrever a "visão de Deus". "Olhei, e vi um vento tempestuoso que vinha do norte, uma grande nuvem, com fogo chamejante, e um resplendor ao redor dela. No meio do fogo havia algo como metal reluzente. No centro disso havia o que parecia quatro seres viventes. Quanto à sua aparência, tinham semelhança humana. Cada um tinha quatro rostos e quatro asas... Enquanto eu olhava para os seres viventes, vi uma roda sobre a terra junto a cada ser vivente, com os seus quatro rostos. Este era o aspecto das rodas e a sua estrutura: reluziam como o berilo [uma gema amarela ou esverdeada]; e as quatro rodas tinham a mesma aparência. Eram feitas como se uma roda estivesse dentro da outra. Andando elas, se moviam para os quatro lados; não se viravam quando andavam. Os seus aros eram altos e davam medo; e os quatro aros estavam cheios de olhos ao redor. Quando os seres viventes se moviam, as rodas se moviam ao seu lado; e quando os seres viventes se elevavam da terra, as rodas também se elevavam... Sobre as cabeças dos seres viventes havia uma semelhança do firmamento como que de um cristal brilhante e estendido sobre as suas cabeças. Debaixo do firmamento estavam as suas asas direitas, uma em direção à outra... Esta era a aparência da glória do Senhor." Mais tarde no livro, Ezequiel tem mais dois encontros com a mesma "visão de Deus", afirmando em Ezequiel 43:3, "... e as visões foram como a visão que eu tinha visto junto ao rio Quebar; e caí sobre o meu rosto."

Von Däniken e outros viram nesses relatos a representação plausível de encontros com OVNIs, com Ezequiel tentando o seu melhor para descrever algo totalmente estranho para ele. Uma das leitoras de Von Däniken foi a oficial da NASA Josef F. Blumrich, que disse: "Comecei a ler von Däniken com a atitude condescendente de alguém que sabe de antemão que as conclusões apresentadas não podem de forma alguma estar corretas. No entanto, von Däniken cita, entre outras coisas, passagens do Livro de Ezequiel, cujas informações técnicas vagas ele pensa ser uma descrição de uma nave espacial. Com isso, ele toca em um campo muito familiar para mim, pois passei a maior parte da minha vida profissional com projeto e análise de aeronaves e foguetes. Então decidi usar as declarações do profeta para refutar von Däniken e provar a falácia de suas alegações. Raramente uma derrota total foi tão recompensadora, tão fascinante e tão deliciosa!"

Blumrich, após um estudo exaustivo permitindo o fato de que o Livro de Ezequiel era fragmentário e escrito por alguém diferente de Ezequiel muitos anos após os eventos, concluiu, no entanto, que não apenas a nave descrita por Ezequiel era "tecnicamente viável", mas "muito bem projetada para cumprir suas funções e propósito". Ele disse que tal nave

está dentro das capacidades tecnológicas atuais. "Além disso", acrescentou Blumrich, "os resultados indicam uma nave espacial operada em conjunto com uma nave-mãe orbitando a terra."

"Quero dizer que o fiz do ponto de vista de um engenheiro, por curiosidade técnica, por assim dizer. Meu interesse estava primariamente focado nas partes do Livro de Ezequiel que contêm declarações descrevendo formas e procedimentos relevantes para minha área de atividade profissional. Essas partes, aliás, são quase sem exceção claramente distintas do conteúdo profético", explicou Blumrich. "Em todos os momentos devemos lembrar que Ezequiel não interpreta o que vê, porque não pode interpretá-lo. O que ele faz é descrever ao máximo de sua capacidade a impressão ótica e acústica."

Blumrich prossegue para descrever um módulo de pouso subespacial extraído do relato de Ezequiel, que parece ser um cruzamento entre uma cápsula espacial e um helicóptero. Ele disse que a nave é "soberbamente adequada" para entrada na atmosfera terrestre com a ponta primeiro, onde então poderia estender quatro pás de helicóptero para sustentar o corpo principal em um pouso suave. Ele vê ainda tecnologia espacial conhecida e testada na descrição de Ezequiel do pouso. A aparência de "carvões incandescentes" poderia alternativamente se referir ao aquecimento devido à entrada na atmosfera ou talvez a uma usina nuclear; "dois pares de asas" pode se referir a pás de helicóptero que permitem que a nave voe através da atmosfera; e "uma roda no meio de outra roda" é uma descrição precisa de rodas omnidirecionais modernas, como as rodinhas de uma cadeira, que podem se mover em qualquer direção, uma façanha bastante desconhecida na época de Ezequiel.

Outras explicações das experiências de Ezequiel incluem a frase "a mão do Senhor Deus estava ali sobre mim", que Blumrich afirma que poderia se referir à sensação de peso devido à força da gravidade durante o voo. Quando Ezequiel afirma que foi levantado "pelos cabelos da minha cabeça", ele pode significar que a eletricidade estática fez seu cabelo ficar em pé. Sua descrição do comandante da nave sentado em um trono não pode deixar de sugerir uma comparação com os assentos acolchoados de encosto alto em aeronaves modernas.

"Além disso, com exceção de alguns versículos mal colocados, Ezequiel descreve todas as partes que viu na ordem que corresponde às fases do processo de pouso", disse Blumrich. "Ezequiel começa com o fogo e as nuvens da fase de frenagem; então ele descreve os helicópteros durante o voo aerodinâmico, e o radiador do reator e os foguetes de controle enquanto a nave espacial está pairando; então ele observa o funcionamento das rodas e o rolamento no chão. Assim, as rodas aparecem no texto exatamente onde se tornam necessárias do ponto de vista funcional. Esta sequência é uma confirmação adicional de que as rodas eram retráteis, e uma prova adicional da precisão da descrição."

Quer a interpretação de Blumrich esteja correta ou não, é irônico que a oposição mais severa à sua teoria venha não de cientistas, mas de fundamentalistas cristãos que afirmam acreditar na inerrância da Bíblia por um lado, enquanto rejeitam a história de Ezequiel como um relato verdadeiro de um evento real por outro. "No primeiro verso de sua profecia, Ezequiel diz que viu 'visões de Deus'", afirmou Clifford Wilson, que proclamou "fortes crenças cristãs" e "aceitação da Bíblia como a Palavra revelada de Deus". "'Visões' não são

necessariamente fenômenos literais, e de fato as descrições que se seguem não podem todas ser tomadas literalmente em nosso sentido físico", concluiu Wilson.

As histórias bíblicas sugerindo voo mais de dois mil anos antes da nossa época são espelhadas por relatos semelhantes no lado oposto do mundo. A tradição chinesa conta de Hou Yih, um engenheiro do Imperador Yao, que descreveu um voo à lua no ano de 2309 a.C. em uma nave "montando a corrente do ar luminoso". Uma vez no alto da terra, Hou Yih disse que "não percebeu o movimento rotativo do sol", uma descrição precisa que só pode ser feita de fora da atmosfera terrestre. Tanto Hou Yih quanto sua esposa afirmaram ter visitado a lua, que foi descrita como "uma esfera luminosa, brilhando como vidro, de tamanho enorme e muito fria; a luz da lua tem seu nascimento no sol". Esta é uma representação mais precisa da superfície dura e fria da lua, que reflete a luz solar.

Mas se os relatos de astronautas antigos e fabulosas máquinas voadoras são precisos, por que não foram transmitidas muito mais histórias detalhadas ao longo dos séculos? Não estariam disponíveis hoje documentos adicionais e ainda mais descritivos?

A resposta é um simples "não", graças à natureza destrutiva do homem. Apenas alguns dos poemas épicos de Homero sobreviveram à destruição das obras coletadas do tirano grego Pisístrato em Atenas. Nada sobreviveu à destruição da biblioteca egípcia no Templo de Ptah em Mênfis. Da mesma forma, cerca de duzentos mil volumes de obras inestimáveis desapareceram com a destruição da biblioteca de Pérgamo na Ásia Menor. Quando os romanos arrasaram a cidade de Cartago, destruíram uma biblioteca que se dizia conter mais de quinhentos mil volumes. Em seguida veio Júlio César, cuja guerra contra o Egito resultou na perda da biblioteca de Alexandria, considerada a maior coleção de livros da antiguidade. Com a perda do Serapeum e do Bruchion, um total de cerca de setecentos mil volumes de conhecimento acumulado foi às chamas. O pouco que sobreviveu foi destruído por cristãos em 391. As bibliotecas europeias também sofreram nas mãos dos romanos e mais tarde de cristãos zelosos. Entre o saque de Constantinopla e a Inquisição durante a Idade Média, um número inestimável de obras antigas foi irremediavelmente perdido. As coleções na Ásia não se saíram muito melhor, pois o imperador chinês Tsin Shi Hwang-ti ordenou a queima de livros em grande escala em 213 a.C.

"Por causa dessas tragédias, temos que depender de fragmentos desconectados, passagens casuais e relatos escassos", escreveu o pesquisador Andrew Tomas. "Nosso passado distante é um vácuo preenchido aleatoriamente com tabuletas, pergaminhos, estátuas, pinturas e vários artefatos. A história da ciência pareceria totalmente diferente se a coleção de livros de Alexandria estivesse intacta hoje."

Restam-nos escritos fragmentários, principalmente de tradições orais, para nos informar sobre nosso passado distante. No entanto, essas histórias são cheias de relatos estranhos e inexplicáveis que continuam a intrigar os pesquisadores modernos. Mas por mais convincentes que essas histórias possam ser, dificilmente constituem documentação de visitações antigas. Existe alguma prova tangível hoje para apoiar a ideia de alta tecnologia no passado distante?

A resposta parece ser um claro "sim" após considerar alguns dos mistérios conhecidos do mundo.

Artefatos Antigos

Em 1900, mergulhadores gregos de esponjas descobriram um navio antigo em águas perto de Anticítera, uma pequena ilha ao largo da costa de Creta. Depois de muito trabalho e uma segunda viagem ao local no final daquele ano, os mergulhadores conseguiram recuperar várias estátuas de bronze e mármore do naufrágio, que foram levadas para o Museu Arqueológico Nacional em Atenas, Grécia.

Surpresos tanto pela qualidade quanto pela quantidade das estátuas, os observadores inicialmente deram pouca atenção a alguns pedaços de bronze corroído entre o achado. Quando finalmente estudados pelo arqueólogo Spyridon Stais em maio de 1902, descobriu-se que os pedaços continham engrenagens e rodas dentadas complexas. Houve uma disputa imediata sobre o que esse mecanismo representava. Um pensamento era que poderia ser um astrolábio usado para medir a elevação dos corpos celestes.

Apenas uma coisa parecia certa: Com base nas inscrições encontradas na caixa do mecanismo, sua data de fabricação era por volta de 80 a.C.

O Mecanismo de Anticítera, como veio a ser chamado, permaneceu um enigma até 1958, quando o cientista britânico Dr. Derek J. de Solla Price declarou o dispositivo um predecessor do nosso computador moderno. "Parece que este era, de fato, uma máquina de computar que podia calcular e exibir os movimentos do sol e da lua e provavelmente também dos planetas", escreveu ele em 1962. Price ficou surpreso com a peça, afirmando: "Nada parecido com este instrumento é preservado em nenhum outro lugar", escreveu ele. "Nada comparável a ele é conhecido de qualquer texto científico antigo ou alusão literária. Pelo contrário, de tudo o que sabemos sobre ciência e tecnologia na Era Helenística, deveríamos sentir que tal dispositivo não poderia existir."

O dispositivo consiste em mostradores colocados em uma caixa de madeira contendo pelo menos vinte engrenagens, além de um surpreendente sistema de engrenagens diferenciais, não conhecido por existir antes de relógios feitos no final dos anos 1500. Em 1971, fotografias de raios-X mostraram uma gama completa de engrenagens dentadas no interior da máquina, muito mais complicadas do que até mesmo os primeiros relógios conhecidos. A sofisticação do dispositivo levou Price a afirmar em 1959: "Encontrar uma coisa como esta é como encontrar um avião a jato no túmulo do Rei Tutancâmon."

Apesar do fato de que o Mecanismo de Anticítera foi descrito como "uma das maiores invenções mecânicas básicas de todos os tempos", a maioria dos americanos modernos desconhece sua existência, e mesmo aqueles que conhecem nunca o consideraram como evidência de que alguém com superioridade tecnológica pode ter visitado a terra há quase dois mil anos. O cientista e aclamado escritor de ficção científica Arthur C. Clarke admitiu: "Olhar para esta relíquia extraordinária é uma experiência muito perturbadora." No entanto, Clarke não pode permitir-se vê-la como evidência de visitação extraterrestre, comentando em vez disso: "Podemos ter certeza absoluta de que o computador de Anticítera é produto da habilidade humana; mas se há algum lugar onde seria de se esperar encontrar naves espaciais acidentadas ou outros artefatos alienígenas, seria nos oceanos que cobrem três quartos do nosso mundo." Clarke pode ter refutado seu próprio argumento quando escreveu:

"Se a visão dos gregos tivesse correspondido à sua engenhosidade, a Revolução Industrial poderia ter começado mil anos antes de Colombo. Nesta altura, não estaríamos apenas a vaguear na lua; poderíamos ter alcançado as estrelas mais próximas." Uma vez que o homem ainda não alcançou as estrelas, não poderia esta ser uma evidência de que o Mecanismo de Anticítera foi dado aos humanos ou talvez copiado de um de origem não humana?

Dando credibilidade à ideia de que nossos antepassados podem ter usado eletricidade, uma fonte de energia que nos ensinaram ter sido descoberta apenas pelo anatomista italiano Luigi Galvani por volta de 1786, está uma série de vasos descobertos no Iraque que só podem ser baterias antigas. Em 1936, um cientista alemão chamado Wilhelm Konig estava trabalhando no Museu do Iraque quando encontrou várias peças estranhas, incluindo um vaso de barro contendo um cilindro de cobre preso com asfalto. No centro deste havia uma haste de ferro saliente com ponta de chumbo oxidado. "Depois que todas as partes foram reunidas e então examinadas em suas partes separadas, tornou-se evidente que só poderia ter sido um elemento elétrico. Era necessário apenas adicionar um ácido ou um líquido alcalino para completar o elemento", escreveu Konig.

Naturalmente, as conclusões de Konig foram fortemente contestadas por cientistas tradicionais, mas tornaram-se menos ruidosas depois que outro cientista alemão, o egiptólogo Dr. Arne Eggebrecht, encontrou outro dispositivo de pote e tubo entre tesouros em turnê do Iraque. Testando sua teoria, Eggebrecht despejou suco de uva recém-prensado no cilindro de cobre, o que fez com que um voltímetro conectado registrasse imediatamente meio volt de eletricidade. Eggebrecht afirmou que a corrente elétrica produzida pela "bateria de Bagdá" pode ter sido usada para eletroplacar estatuária dourada mais de cem anos antes do nascimento de Cristo.

Muitos outros objetos misteriosos apoiam o conceito de civilizações antigas desconhecidas ou visitas de viajantes tecnologicamente avançados. O chamado Crânio do Destino (Skull of Doom) é especialmente intrigante. Um crânio humano quase em tamanho natural, este intricado artefato é esculpido em cristal de quartzo puro e é considerado por alguns como o remanescente de uma civilização sul-americana perdida. Apesar de não poder ser datado com precisão e de alguma controvérsia girar em torno de sua descoberta, ele continua sendo um enigma genuíno, agravado pela existência de um segundo crânio de cristal em exibição no Museu da Humanidade (Museum of Mankind), parte do Museu Britânico. O museu não tem ideia da origem de seu crânio, que foi comprado da joalheria Tiffany's de Nova York em 1898.

No entanto, um estudo dos dois crânios em 1936 levou os cientistas do Museu Britânico a afirmar: "É seguro concluir que são representações do mesmo crânio humano, embora um possa ter sido copiado do outro." O conceito de cópia parece forte, uma vez que o crânio do museu é muito mais grosseiro e é de uma peça só em comparação com o artesanato e a mandíbula separada do "Crânio do Destino".

Este último crânio pertencia a Anna Mitchell-Hedges, que afirmou tê-lo descoberto ela mesma em 1927 enquanto escavava a cidade maia de Lubaantum nas Honduras Britânicas com seu pai, o explorador F. A. Mitchell-Hedges. Seu pai recusou-se a detalhar as

circunstâncias da descoberta, dizendo apenas que "tenho razão para não revelar". Esta reticência, é claro, levou a controvérsias sobre o crânio, com alguns afirmando que é mais provável de origem asteca do que maia. Todos aparentemente concordam que a idade dos crânios remonta a mais de três mil anos.

Controvérsias à parte, não pode haver dúvida sobre a existência dos crânios, e exatamente quem os fez e como permanece um mistério para os cientistas modernos. O próprio Mitchell-Hedges especulou que a escultura do crânio "deve ter levado 150 anos, geração após geração trabalhando todos os dias de suas vidas, pacientemente desgastando com areia um bloco imenso de cristal de rocha até que o crânio perfeito emergisse". Para aumentar o mistério, quando o Laboratório do Museu Britânico examinou o crânio do museu recentemente, eles descobriram evidências de que um "cortador motorizado" pode ter sido usado em sua criação. Isto é evidência de uma farsa ou de tecnologia anterior à história do homem?

Estranhezas de diferentes épocas e culturas fornecem apoio para a presença de tecnologia muito antes do que esperaríamos. Em 1869, mineiros perto de Treasure City, Nevada, desenterraram um pedaço de feldspato do tamanho de um punho, um mineral de silicato, contendo um parafuso de metal de duas polegadas de comprimento. Sua conicidade e roscas eram claramente visíveis. A pedra na qual o parafuso estava incrustado foi estimada como muito mais antiga que a humanidade. Tom Kenny de Plateau Valley, Colorado, estava cavando um porão em 1936 quando, a uma profundidade de dez pés, descobriu uma pavimentação lisa e nivelada composta de ladrilhos argamassados de cinco polegadas quadradas. A argamassa usada para cimentar os ladrilhos era de uma composição de material não encontrado em nenhum lugar perto de Plateau Valley, e os cientistas estimaram a data da origem da pavimentação em quase um milhão de anos atrás, uma vez que o fóssil de um cavalo Mioceno de três dedos foi encontrado no mesmo estrato geológico de terra. Esta descoberta foi quase duplicada quando trabalhadores em Blue Lick, Kentucky, descobriram uma ampla pavimentação de lajes de pedra bem cortadas e cuidadosamente ajustadas sob os ossos de um mastodonte pré-histórico.

As perfeitamente simétricas bolas redondas gigantes — algumas com oito pés de diâmetro pesando mais de dezesseis toneladas — encontradas no Delta de Diquis, na Costa Rica, representam uma tecnologia não conhecida até os tempos modernos.

Alan Landsburg produziu programas de televisão tão impressionantes como *The Undersea World of Jacques Cousteau*, *The March of Time* e *The National Geographic Series* nas décadas de 1960 e 1970. Não dado a voos de imaginação, Landsburg, no entanto, ficou intrigado com anomalias históricas em todo o mundo. Seu livro de 1974, *In Search of Ancient Mysteries*, incluiu estes itens intrigantes:

- Ornamentos formados de platina fundida encontrados pelo antropólogo J. Alden Mason no Peru. Como a temperatura de fusão da platina é de 1.730 graus, não está claro como os primitivos antigos poderiam ter gerado tal calor.
- O próprio Landsburg encontrou um objeto de ouro na Colômbia que "era um modelo claro de um caça a jato de asa delta e pensava-se ter 2.000 anos de idade".

- O ex-oficial de Inteligência Naval Britânica Ivan Sanderson descobriu uma corrente de ouro manufaturada em um depósito de carvão na Pensilvânia que se acredita ter pelo menos um milhão de anos.
- Em meados dos anos 1800, cerca de sessenta cubos de pedra foram encontrados na Irlanda contendo inscrições que se revelaram "uma classe muito antiga de caracteres chineses".
- Espelhos côncavos antigos — idênticos aos refletores ópticos parabólicos modernos — foram descobertos perto de La Venta, México.
- Tábuas cuneiformes da Babilônia no Museu Britânico descreviam um planeta externo que não poderia ter sido visto na antiga Babilônia sem a ajuda de telescópios modernos.

A lista continua. Individualmente, tais casos podem ser explicados como farsas ou interpretações errôneas de dados. Muito mais difícil de explicar é a existência hoje de mapas antigos que retratam um conhecimento preciso tanto da geografia pré-histórica quanto da astronomia.

Mapas Misteriosos

O geógrafo grego Estrabão, que viveu na época de Jesus, escreveu que havia pessoas vivendo na zona temperada ao norte do paralelo que passa por Atenas e a oeste do Oceano Atlântico. Lúcio Aneu Sêneca, o trágico romano, escreveu em *Medeia*: "Outro Tifis revelará novos mundos, e terras serão vistas além de Thule." Esta era uma clara referência à América do Norte, pois Tifis referia-se ao piloto do lendário navio Argo e Thule foi identificada como Islândia.

Até o sagrado texto hindu *Vishnu-Purana* fala de um continente composto de duas terras ao sul do Polo Norte, uma descrição adequada da América do Norte e do Sul. Um mapa desgastado pelo tempo encontrado no Tibete foi decifrado pelo filólogo soviético Bronislav Kouznetsov em 1969 como um mapa referindo-se às antigas nações da Báctria, Babilônia, Pérsia, e locais incluindo a cidade persa de Pasárgada, Jerusalém, Alexandria e o Mar Cáspio. Este mapa forneceu algumas das primeiras evidências concretas para apoiar a ideia de que os tibetanos pré-históricos tinham ligações com a Pérsia e o Egito séculos atrás.

O pesquisador Graham Hancock falou de um mapa chinês copiado de um anterior em um pilar de pedra em 1137, que indicava conceitos sofisticados de longitude e trigonometria esférica. "De fato, em exame minucioso, ele compartilha tantas características com os mapas europeus e do Oriente Médio que apenas uma explicação parece adequada: ele e eles devem ter derivado de uma fonte comum", escreveu ele.

Mas uma das evidências mais convincentes indicando um conhecimento pré-histórico da geografia mundial é encontrada nos dois mapas sobreviventes do cartógrafo turco do século XVI, Almirante Piri Reis. Sob o título traduzido *Livro dos Mares*, Piri Reis publicou 210 mapas bem desenhados. Um de seus mapas, ainda em posse do Museu Nacional da Turquia, datado de 1513, retrata a costa oeste da África, a costa leste da América do Sul e a costa norte da Antártida. Em uma carta datada de 6 de julho de 1960, o Coronel Harold Z. Ohlmeyer da Força Aérea, do 8º Esquadrão Tático de Reconhecimento do Comando Aéreo Estratégico, afirmou: "O detalhe geográfico mostrado na parte inferior do mapa [de Piri Reis] concorda muito notavelmente com os resultados do perfil sísmico feito sobre o topo

da camada de gelo pela Expedição Antártica Sueco-Britânica de 1949. Isso indica que a linha da costa foi mapeada antes de ser coberta pela camada de gelo."
O explorador inglês Capitão James Cook tentou a primeira visita científica à Antártida em 1773, mas retornou pensando que toda a área nada mais era do que oceano congelado. A Antártida continental foi avistada pela primeira vez pelo capitão de mar americano Nathaniel Palmer em 1820. A exploração da região antártica continuou bem no século XX. Acreditava-se outrora que o continente mais ao sul estava coberto por gelo espesso desde sua criação. No entanto, a descoberta de algas unicelulares Cenozóicas incrustadas no gelo em 1983 indicou que a Antártida pode ter estado pelo menos parcialmente livre de gelo até três milhões de anos atrás. A descoberta de meteoritos nas camadas de gelo permitiu testes, que indicam que algumas camadas se formaram tão recentemente quanto dez mil anos atrás. O falecido Professor Charles Hapgood, que ensinou história da ciência no Keene College em New Hampshire, avançou a teoria em 1953 de que a Antártida pode ter se movido mais ao sul em cerca de duas mil milhas devido a "deslocamento da crosta terrestre" e, portanto, poderia ter estado parcialmente livre de gelo até 4000 a.C. Isso ainda é mil anos antes de os acadêmicos tradicionais acreditarem que as primeiras verdadeiras civilizações do Egito e da Suméria, com seus exploradores marítimos, começaram.
Então o enigma é como Piri Reis poderia ter desenhado com precisão os contornos da Antártida, uma vez que não foi descoberta até cerca de trezentos anos depois de ele ter desenhado seu mapa e está coberta por uma camada de gelo com mais de seis mil pés de profundidade e pelo menos seis mil anos de idade.
Felizmente, Piri Reis foi útil. Ele deixou notas contando como adquiriu as informações usadas em seus mapas. Piri Reis disse que no ano de 1501, quando tinha trinta e um anos, juntou-se a um tio na luta contra a Espanha. Após uma batalha naval, mapas foram encontrados em um marinheiro espanhol que afirmava ter navegado com Colombo. O cativo disse ter obtido os mapas de Colombo, que os havia feito depois de ler um livro antigo que datava da época de Alexandre, o Grande. No entanto, Piri Reis disse que o mapa de Colombo não era sua única fonte de informação. Em uma nota marginal em seu mapa, ele escreveu: "Ao preparar este mapa, usei cerca de 20 cartas antigas e oito Mappa Mundis, ou seja, das cartas chamadas Jaferiye pelos árabes e preparadas na época de Alexandre, o Grande, nas quais todo o mundo habitado era mostrado." Sabe-se que Piri Reis teve acesso à Biblioteca Imperial em Constantinopla, onde muitos manuscritos antigos eram guardados. Obviamente, Piri Reis estava usando cartas e mapas desenhados muito antes da Grécia antiga, cujos intelectuais reconhecidamente se basearam em fontes egípcias e sumérias ainda mais antigas.
Mas a ideia de que alguém havia mapeado com precisão uma Antártida livre de gelo em tempos pré-históricos empalideceu ao lado do fato de que o mapa de Piri Reis de 1513 também retratava a posição correta das Ilhas Malvinas, não descobertas até 1592, e os rios da América do Sul — o Orinoco, Amazonas, Paraná, Uruguai e outros não totalmente mapeados até o advento dos satélites.
E os mapas de Piri Reis não foram simples acasos. Talvez baseando-se nas mesmas fontes que Piri Reis, os cartógrafos Gerard Kremer, conhecido como Mercator (1569), Oronteus

Finaeus (1531) e Philippe Buache (1737) também produziram mapas da topografia antártica que ainda existem.
Estudando esta questão, o Professor Hapgood comentou: "A evidência apresentada pelos mapas antigos parece sugerir a existência em tempos remotos, antes do surgimento de qualquer uma das culturas conhecidas, de uma verdadeira civilização, de tipo comparativamente avançado, que ou estava localizada em uma área, mas tinha comércio mundial, ou era, em um sentido real, uma cultura mundial."
Hapgood baseou esta especulação em saber que quem quer que tenha produzido os mapas antigos de uma Antártida livre de gelo deve ter viajado para lá milhares de anos antes da nossa história conhecida. O mesmo poderia ser dito sobre o mapeamento dos rios sul-americanos — a menos que ambas as realizações tenham sido realizadas por mapeamento aéreo. Von Däniken viu evidência disso devido a pequenas distorções da costa sul-americana no mapa de Piri Reis. Ele afirmou que o mesmo tipo de distorção é perceptível em fotos de satélite em que os cantos das imagens se distorcem devido à curvatura da superfície terrestre. Von Däniken concluiu que os documentos de origem de Piri Reis podem ter sido desenhados a partir de fotografias aéreas. É claro que o pensamento de que alguém pode ter voado sobre a Antártida e a América do Sul antes de 4000 a.C. não pode ser seriamente considerado dentro do contexto da história tradicional.
Portanto, tanto Hapgood quanto seu aluno, o autor Graham Hancock, concluíram que uma civilização humana anteriormente desconhecida, com tecnologia muito avançada, existiu em tempos pré-históricos. Nenhum dos dois pareceu disposto a postular publicamente que tal civilização poderia ter sido o resultado de contato extraterrestre. No entanto, a evidência para esta teoria continua a crescer.
Em 1912, um antiquário de Nova York chamado Wilfrid Voynich descobriu um manuscrito antigo dentro de um baú trancado em um castelo antigo perto de Roma. Apesar de várias tentativas sérias — incluindo os especialistas que quebraram os códigos japonês e alemão da Segunda Guerra Mundial — ninguém foi capaz de decifrar o manuscrito, que foi datado antes de 1500. Desenhos no documento retratam seções transversais de folhas e raízes que só poderiam ter sido produzidas com a ajuda de um microscópio. Mas ainda mais revelador é um desenho de uma espiral com oito pernas e uma massa nebulosa do que parecem ser estrelas no centro. Uma legenda parcialmente traduzida dizendo "pelo umbigo de Pégaso, o cinto de Andrômeda e a cabeça de Cassiopeia" pode indicar uma referência à galáxia de Andrômeda, que seria invisível sem um telescópio moderno.
De fato, alguns dos artefatos mais substanciais encontrados no mundo parecem todos ter uma conexão com os céus. Uma maravilha antiga são os megálitos de pedra de Stonehenge, construídos na planície de Salisbury, no sul da Inglaterra. Suas características mais notáveis incluem anéis concêntricos de lajes de pedra circundando uma ferradura vertical de pedra e uma laje vertical solitária conhecida como Pedra do Calcanhar (Heel Stone). É geralmente aceito que Stonehenge foi construído no final da Idade da Pedra, entre 1900 e 1400 a.C., como centro religioso e observatório.
Stonehenge é apenas o mais famoso de cerca de mil círculos de pedra na Inglaterra e no norte da França, todos os quais permanecem um mistério total quanto a quem os construiu

ou por quê. Séculos atrás, escritores atribuíram esses círculos megalíticos aos Druidas, místicos sacerdotes celtas que estudavam astronomia, porque foram mencionados por Júlio César. No entanto, não há evidência ligando diretamente Stonehenge aos Druidas e, de fato, os Druidas parecem ter florescido mais de mil anos após sua criação.

Algumas das pedras gigantes usadas em Stonehenge vêm de mais de duzentas milhas de distância, no sudoeste do País de Gales, com pelo menos três rios no meio. No entanto, os cientistas de hoje se concentraram na especulação de que os antigos celtas da Idade da Pedra extraíram essas pedras, flutuaram-nas através de rios e as rolaram sobre toras antes de levantá-las para suas posições atuais. Algumas das pedras pesam até sessenta toneladas. Em 1938, doze homens levaram cinco dias de trabalho usando cabos de aço para restaurar uma pequena pedra de oito toneladas à sua posição original. Dizem-nos que as ferramentas dos antigos consistiam em cordas feitas à mão, machados de pedra e picaretas feitas de chifres de veado descartados. Este conceito levou um autor a comentar: "Nossos ancestrais remotos devem ter sido pessoas estranhas; eles gostavam de dificultar as coisas para si mesmos e sempre construíam suas estátuas nos lugares mais impossíveis. Será que era apenas porque gostavam de uma vida difícil?" Os cientistas ficaram desconcertados ao descobrir que dificilmente algum dos círculos de pedra era realmente circular. Havia evidências claras de que quem os construiu os fez intencionalmente em formas elípticas estranhas, o que indicava algum propósito premeditado. Esse propósito se conecta às estrelas.

Após um estudo computacional detalhado de Stonehenge, o astrônomo da Universidade de Boston, Gerald Hawkins, concluiu que o círculo de pedra nada mais era do que um computador astronômico. Os construtores de Stonehenge revelaram conhecimento do ciclo de cinquenta e seis anos dos eclipses lunares. Relatando seu próprio estudo, o oficial da NASA Maurice Chatelain chegou à mesma conclusão. Em 1978, ele escreveu: "A habilidade científica e o conhecimento astronômico de Stonehenge estão enraizados nos 56 buracos de Aubrey, nos quais, em diferentes datas do ano, eram colocados postes de madeira de diferentes alturas, dando uma variedade surpreendente de alinhamentos precisos com os corpos celestes. Isso fez de Stonehenge uma enorme calculadora, inteligente e habilmente executada."

A teoria de que Stonehenge e outros círculos de pedra foram usados para calcular o movimento das estrelas foi confirmada na década de 1960 com a restauração do túmulo de Newgrange Tumulus, localizado perto de Drogheda, Irlanda. O Professor Michael O'Kelly do University College em Cork descobriu que uma pequena "persiana" de quartzo acima da entrada de pedra de cinco toneladas do túmulo iluminava o túmulo precisamente no nascer do sol do solstício de inverno de cada ano. Outro monumento claramente projetado com base no conhecimento astronômico é o túmulo de Maes Howe nas Ilhas Orkney, ao norte da Escócia, que se alinha com um monólito a cada solstício de inverno. O professor Magnus Spence, que registrou a conexão pela primeira vez em 1893, escreveu: "O alinhamento formado com esta longa passagem de Maes Howe e a Pedra Vertical de Barnhouse indica direções notáveis demais para serem meramente acidentais."

Mais notável do que simples alinhamentos celestiais é a teoria de que Stonehenge é um transmissor de energia. O apoio a este conceito veio em 1979, quando uma equipe liderada

por cientistas detectou pulsos de energia ultrassônica emanando das Pedras de Rollright, um círculo de setenta e sete pedras perto de Oxfordshire.
A maior calculadora astronômica de todas — e outra estrutura que se afirma conter energia poderosa — é a Grande Pirâmide de Quéops. O último membro sobrevivente das Sete Maravilhas do Mundo, a Grande Pirâmide tem sido uma fonte de mistério e controvérsia ao longo da história do homem.

As Espantosas Pirâmides
No século V a.C., o historiador Heródoto foi informado por guias de que as principais pirâmides egípcias foram construídas por Quéops, seu filho e seu irmão. Heródoto repetiu este boato no relato mais antigo conhecido sobre as pirâmides. "Todos os outros comentadores, até o presente, continuaram a seguir acriticamente os passos do historiador grego", afirmou o autor Graham Hancock.
Embora sua criação seja popularmente atribuída ao faraó Quéops, não há evidências indiscutíveis dessa ideia. Na verdade, a melhor evidência aponta para a existência da pirâmide milhares de anos antes dos impérios egípcios. Esta evidência é a óbvia erosão vertical encontrada principalmente na vizinha Esfinge, mas em certo grau também na Grande Pirâmide.
John Anthony West, autor tanto de guias de viagem quanto de estudos sérios, afirmou que a erosão vertical só pode vir de chuvas contínuas e pesadas ao longo de longos períodos de tempo. Uma vez que a Esfinge supostamente foi construída pelo filho de Quéops, Kafré, sua criação foi situada por volta de 2500 a.C. West apontou que nenhuma chuva significativa ocorreu no planalto de Gizé — local da Esfinge e da Grande Pirâmide — desde antes de 10.000 a.C. Isso só pode significar que ambas as estruturas foram construídas mais de sete mil anos antes dos egípcios, uma conclusão convenientemente ignorada pelos egiptólogos tradicionais.
West tomou a iniciativa do cientista francês R. A. Schwaller de Lubicz, que, após fazer um estudo do Templo de Luxor durante a década de 1940, afirmou ter encontrado evidências matemáticas de que a ciência egípcia antiga era muito mais avançada do que se pensava anteriormente. Schwaller também mencionou que o Egito foi submetido a chuvas e inundações devastadoras há mais de doze mil anos. Após verificar essas alegações por seus próprios estudos, West disse que o fato da erosão vertical pela chuva é "evidência irrefutável da existência de uma alta civilização anteriormente não identificada da antiguidade distante".
Embora os antigos egípcios tenham indubitavelmente imitado a Grande Pirâmide construindo pirâmides muito menores e frágeis, a maioria das quais desmoronou há muito tempo, a origem do protótipo permanece um mistério. Seu tamanho físico puro provoca admiração em todos que conhecem técnicas de construção. Elevando-se a quase quinhentos pés no ar, a Grande Pirâmide cobre treze acres de terra em sua base e é construída com pedras com um peso médio de duas toneladas e meia. Alguns blocos de pedra pesam quase cem toneladas, mas são tão bem trabalhados que uma única folha de papel não pode ser inserida entre eles.

No vizinho Templo do Vale de Kafré, centenas de blocos de pedra pesam mais de duzentas toneladas. De acordo com Hancock, "Atualmente, existem apenas dois guindastes terrestres no mundo que podem levantar pesos desta magnitude... Em outras palavras, os construtores modernos com todas as vantagens da engenharia de alta tecnologia à sua disposição mal conseguem levantar pesos de 200 toneladas. Não foi, portanto, um tanto surpreendente que os construtores de Gizé tenham levantado tais pesos em bases quase rotineiras?"
Comentando sobre a tecnologia necessária para construir a pirâmide, I. E. S. Edwards do Departamento Egípcio do Museu Britânico escreveu: "Quéops, que pode ter sido um megalomaníaco, nunca poderia, durante um reinado de 23 anos, ter erguido um edifício do tamanho e durabilidade da Grande Pirâmide se os avanços técnicos não tivessem permitido que seus pedreiros manuseassem pedras de peso e dimensão consideráveis."
Outra estranheza é a falta de história escrita para a Grande Pirâmide. A única menção ao Faraó Quéops, também chamado de Khufu, na pirâmide está em marcações encontradas em 1837 pelo Coronel Howard Vyse. No entanto, a descoberta de Vyse foi questionada, pois sabe-se que ele estava em necessidade desesperada de justificativa para suas despesas; nenhuma outra menção a Quéops foi jamais encontrada; a falta de quaisquer outras inscrições e o fato de que as marcações continham erros tanto de ortografia quanto de gramática. Na verdade, Vyse e seus assistentes foram pegos em uma farsa sobre um caixão de madeira e restos humanos supostamente descobertos por Vyse em uma pirâmide menor. O autor Zecharia Sitchin relatou: "O fato, no entanto — conhecido pelos estudiosos há algum tempo, mas por alguma razão ainda pouco divulgado — é que nem o caixão de madeira nem os restos esqueléticos eram autênticos. Alguém — indubitavelmente aquele Coronel Vyse e seus comparsas — trouxe para dentro da pirâmide um caixão... e ossos de épocas cristãs ainda muito posteriores, e juntou os dois em uma fraudação arqueológica descarada."
Outros documentos egípcios, como a Estela de Inventário, deixaram claro que a Grande Pirâmide já estava construída antes do reinado de Quéops. Estes, no entanto, foram ignorados ou descartados pelos egiptólogos tradicionais. Também é interessante notar que a Bíblia, que, teologia à parte, é uma história detalhada do povo hebreu, nunca menciona trabalho na pirâmide, embora eles tenham sido escravos dos egípcios por muitos anos.
As questões sobre o propósito da Grande Pirâmide igualam as de sua construção. Tradicionalmente, pensava-se que era o túmulo de Quéops. No entanto, nenhuma inscrição ou parafernália funerária foi encontrada. Na verdade, como Graham Hancock apontou, "Nenhum único desses monumentos foi alguma vez encontrado contendo o corpo de um faraó, ou quaisquer sinais de um enterro real." Então, qual era o seu propósito?
Embora as teorias abundem, as mais credíveis envolvem uma conexão com as estrelas. Na década de 1930, o arquiteto americano James A. Kane apresentou um estudo detalhado que ele viu como prova de que as três pirâmides de Gizé foram construídas de acordo com princípios geométricos e topográficos conectados a observações astronômicas. A ideia de que o projeto das pirâmides foi baseado nas estrelas tem sido apoiada pelo egiptólogo I. E. S. Edwards e pelo arqueólogo Martin Isler. R. O. Faulkner, um tradutor dos Textos das Pirâmides, escreveu: "É bem conhecido que os antigos egípcios tinham grande interesse nas

estrelas... inscrevendo mapas estelares e tabelas em seus caixões e túmulos... nos quais as estrelas eram consideradas deuses ou as almas dos abençoados mortos."
Uma olhada na orientação da Grande Pirâmide confirma seu projeto bem planejado e sofisticado. Cada um de seus quatro lados está precisamente voltado para os quatro pontos cardeais com apenas um doze avos de grau de variação, o que foi explicado pelo movimento gradual do eixo da terra, em vez de qualquer erro de seu projetista. Além disso, embora existam pequenas diferenças devido a danos tanto do homem quanto da natureza, a altura da Grande Pirâmide é proporcional ao raio da terra e o perímetro à circunferência. Medidas das duas metades da base fornecem os números 365,256 e 365,259, o número exato de dias que a terra leva para completar sua órbita ao redor do sol e o tempo que leva para retornar ao seu ponto de partida na órbita elíptica. Mais surpreendente é o fato de que durante o Ano Geofísico Internacional (1957-58), a tecnologia de satélite estabeleceu que o raio polar médio da terra era de 150.265.030,4 polegadas britânicas. Um décimo milionésimo desta distância seria 25.026,5 polegadas britânicas — o valor exato encontrado em três medidas separadas dentro da Grande Pirâmide. O número 25.000 também acontece de ser a distância da terra ao sol e o número de anos no ciclo de precessão, o tempo que a terra leva para passar pelas doze constelações zodiacais.
Esses fatos surpreendentes vão muito além de qualquer possibilidade de coincidência ou palpite de sorte. Eles tendem a confirmar a ideia de que quem construiu a Grande Pirâmide estava de posse de conhecimento astronômico e geofísico inigualável até mesmo hoje. O autor Peter Lemesurier descreveu a Grande Pirâmide como "um símbolo arquitetônico do próprio planeta Terra".
Usando os Polos Norte e Sul, o equador e o centro da terra como pontos de referência, a pirâmide secciona com precisão todo o planeta em uma grade tridimensional de trinta, sessenta e noventa graus. Utilizando essas grades, qualquer aeronave pode navegar com sucesso da pirâmide para qualquer local na Terra com apenas um pequeno desvio. Quando construída pela primeira vez, a Grande Pirâmide era coberta por um revestimento refletor de fina pedra calcária branca, tornando-a altamente visível — um excelente marcador de navegação aérea. De fato, vários pesquisadores determinaram padrões geométricos com a pirâmide como centro que, segundo eles, poderiam indicar antigas rotas de voo.
Além disso, sabe-se que as faces da Grande Pirâmide não são planas, mas ligeiramente côncavas. "O resultado mais surpreendente desse arranjo é que ele recua as duas meias-bases da pirâmide em um quarto de grau, de modo que as duas metades formam um ângulo de 1/2 grau. Isso resulta em uma diferença de dois minutos de tempo solar do relógio e poderia ter servido aos antigos astrônomos para ajustar seus relógios de água ou ampulhetas para a hora solar exata", escreveu Maurice Chatelain, que concluiu que a Grande Pirâmide é um guardião do tempo, entre outras coisas.
Chatelain disse que a pirâmide também funciona como um calendário solar. Ele produziu fórmulas matemáticas complicadas baseadas no calendário egípcio que, segundo ele, mostravam claras correlações com o surpreendente Mecanismo de Anticítera. Chatelain também viu a Grande Pirâmide como um observatório astronômico.

Os autores Robert Bauval e Adrian Gilbert acreditam que podem ter encontrado o ponto de referência astronômico secreto para a Grande Pirâmide. Ao estudar escritos religiosos antigos encontrados em pirâmides da Quinta e Sexta Dinastias, conhecidos como os Textos das Pirâmides, eles encontraram referências contínuas a Osíris, incluindo uma passagem que diz: "Ó Hórus, estes reis são Osíris, estas pirâmides são Osíris, estas construções deles são Osíris..." Osíris era o antigo deus egípcio do submundo com poderes de dar vida conectados à constelação de Órion.

Após estudo extensivo, Bauval determinou que a configuração das três pirâmides de Gizé — duas em linha enquanto a terceira é deslocada — de fato corresponde à de Órion. Além disso, um dos pequenos túneis dentro da Grande Pirâmide, há muito descrito como um "poço de ar", de fato se alinhava com o aglomerado de estrelas do Cinturão de Órion.

Mas para sua surpresa, eles perceberam que o arranjo das pirâmides de Gizé refletia a posição de Órion como ela só teria aparecido por volta do ano de 10.450 a.C. — uma data que corresponde mais de perto ao crescente corpo de evidências confirmando uma gênese pré-histórica para a Grande Pirâmide.

Assim como estranhas leituras de energia foram encontradas nas antigas Pedras de Rollright, na Inglaterra, resultados semelhantes foram encontrados nas pirâmides do Egito, levando a contos de magia mística e poder psíquico. Embora amplamente desacreditadas na mente do público, as histórias sensacionalistas do "poder das pirâmides" carregam elementos de verdade. Muitos estudos indicam que as lâminas de barbear permanecem afiadas por mais tempo e as frutas amadurecem mais lentamente quando colocadas dentro de uma pirâmide devidamente orientada.

No final dos anos 1960, o ganhador do Prêmio Nobel, Dr. Luis W. Alvarez, com a plena cooperação do governo egípcio e da Universidade Ein Shams do Cairo, concebeu uma investigação da pirâmide de Kafré — a segunda maior — utilizando raios cósmicos. Como tais raios registrariam maior intensidade em espaços ocos, esperava-se que quaisquer salas ou passagens ocultas fossem reveladas. Mas, de acordo com o *London Times*, nada funcionou corretamente. As leituras dos instrumentos diferiam de um dia para o outro. A análise computacional das leituras produziu "absurdo incompreensível", de modo que nem mesmo a direção em que os instrumentos estavam sendo apontados pôde ser determinada. O equipamento foi verificado novamente. Funcionava bem, exceto dentro da pirâmide. Frustrado, o Dr. Alvarez retornou à América.

"Por mais impossível e improvável que possa parecer", comentou Chatelain, "aparentemente os antigos egípcios devem ter sido capazes de prever o futuro e estabelecer barreiras de radiação contra nós, impenetráveis até mesmo para o reconhecimento eletrônico. Parece que alguém ou algo há milhares de anos instalou fontes de radiação eletromagnética em pelo menos uma das pirâmides ou suas proximidades apenas para impedir que os dispositivos eletrônicos de gerações posteriores descobrissem seus segredos ocultos."

Os mistérios das pirâmides egípcias não representam algum acaso do mundo antigo.

As pirâmides do México e da América Central são tão surpreendentes e tão misteriosas. Um dos artefatos deixados pela civilização Olmeca do México é uma grande pirâmide notavelmente semelhante às encontradas no Egito. Acredita-se que os Olmecas sejam os

ancestrais dos Maias, que também construíram pirâmides, incluindo algumas que tinham um revestimento de calcário como a Grande Pirâmide.
À medida que as semelhanças de culturas amplamente difundidas continuam a ser apreciadas, um padrão de conexões mundiais comuns está emergindo. As lendas egípcias falam de *Tep Zepi*, ou o Primeiro Tempo, uma época em que deuses do céu desceram à Terra, ergueram a terra de sob a lama e a água, voaram pelo ar em "barcos" voadores e deram aos homens leis e sabedoria através de uma linhagem real de faraós. É intrigante notar que esses deuses antigos exibiam atributos muito humanos. Eles precisavam de comida e roupas. Gostavam de beber vinho e não estavam acima de se relacionar com jovens beldades. Da mesma forma, as lendas sul-americanas falam dos brancos e barbudos "Viracochas" que ergueram os nativos indígenas da ignorância e lhes ensinaram a civilização, produzindo intricadas estradas e outras maravilhas. Eles também viveram entre os povos nativos por um tempo, comendo, banhando-se e conduzindo-se de maneira muito humana.
"Uma... influência global existiu claramente há mais de um milênio, como evidenciado pelas notáveis semelhanças entre as antigas culturas Maia e Egípcia", escreveu o autor William Bramley, acrescentando: "Uma coisa que permaneceu consistente foi a construção de pirâmides." O pesquisador Graham Hancock concordou, escrevendo que "um legado global deve ter sido transmitido — um legado de valor inestimável, com toda a probabilidade incorporando muito mais do que conhecimento geográfico sofisticado". Ele acrescentou que "certas estruturas misteriosas espalhadas pelo mundo foram construídas para preservar e transmitir o conhecimento de uma civilização avançada da antiguidade remota que foi destruída por uma convulsão aterrorizante".
Existem muitas tradições japonesas que incluem OVNIs. Estátuas de barro datando de mais de três mil anos foram encontradas retratando humanoides estranhamente semelhantes às descrições de testemunhas modernas de OVNIs — criaturas com braços longos e cabeças grandes que aparentemente usam macacões de peça única juntamente com capacetes com filtros de ar e óculos de proteção.
Diante de tantos monumentos antigos estranhos e inexplicáveis, artefatos e semelhanças de culturas, a presença de uma sociedade tecnológica pré-histórica parece quase certa. Isso deu credibilidade renovada às lendas da Atlântida — aquela grande ilha do Oceano Atlântico que muitas pessoas acreditam ser a progenitora de todas as civilizações antigas. A questão agora é se tal civilização era estritamente humana, que evoluiu naturalmente e depois desapareceu misteriosamente, deixando poucos vestígios, ou se tal civilização, talvez em alguns aspectos tecnologicamente superior à nossa, foi o resultado de contato extraterrestre. Esta última ideia não pode ser sumariamente descartada devido às numerosas e óbvias conexões entre os antigos e o conhecimento astronômico avançado. Além disso, quase todas as culturas do mundo falam de "deuses" vindos dos céus na antiguidade.
Zecharia Sitchin, um autor de Nova York que fez um estudo detalhado da literatura antiga por mais de trinta anos, muitas vezes lendo os textos originais, escreveu uma série de livros intitulada *The Earth Chronicles* (As Crônicas da Terra), que apresenta sua interpretação de muitos escritos antigos — principalmente de fontes babilônicas e sumérias. Sitchin

relatou como a história inicial do homem foi moldada por visitantes de um décimo segundo planeta em nosso sistema solar chamado Nibiru pelos antigos sumérios e Marduk pelos babilônios. Este planeta supostamente está em uma órbita inclinada de trinta graus em relação ao paralaxe do nosso sistema solar, o que o leva para longe no espaço, impedindo sua visualização hoje. Ele se aproxima da terra a cada 3.600 anos e deve retornar entre os anos de 2060 e 2065.

Incrivelmente, em 1983 — doze anos após a publicação do primeiro livro de Sitchin sobre as Crônicas da Terra, *The 12th Planet* (O 12º Planeta) — o *Washington Post News Service* informou: "Um corpo celeste possivelmente tão grande quanto o gigante planeta Júpiter e possivelmente tão perto da terra que seria parte deste sistema solar foi encontrado na direção da constelação de Órion por um telescópio em órbita chamado Observatório Astronômico Infravermelho (IRAS)." Para alguns astrônomos, a descoberta não foi surpresa. Em 1981, o astrônomo Thomas Van Flandem relatou à Sociedade Astronômica Americana que irregularidades na órbita de Plutão indicavam que nosso sistema solar continha um décimo planeta. O *Detroit News* comentou: "Se a nova evidência do Observatório Naval dos EUA sobre um 10º planeta no sistema solar estiver correta, isso poderia provar que os Sumérios, uma antiga civilização do Mediterrâneo oriental, estavam muito à frente do homem moderno em astronomia." A ideia de Sitchin de um décimo segundo planeta e a descoberta de um décimo planeta são compatíveis, pois Sitchin, como os antigos sumérios, contava o sol e a lua como "corpos" no sistema solar.

Em uma análise elaborada e convincente da literatura antiga, Sitchin, nascido na Rússia, um dos menos de duzentas pessoas que sabem ler a língua suméria, começou com este novo planeta, que teria entrado em nosso sistema solar há cerca de quatro bilhões de anos e demolido um planeta, criando o cinturão de asteroides além de Marte. Suas traduções teceram uma história de guerra civil alienígena, confrontos de personalidade e esforços de colonização na Terra, incluindo a criação do homem moderno.

Neste relato, um governante chamado Alalu foi deposto e fugiu do décimo segundo planeta Nibiru, que estava perdendo atmosfera e morrendo. Aterrissando na Terra há mais de quatrocentos mil anos, ele descobriu que o ouro — um dos melhores condutores de calor e eletricidade — podia ser usado para estabilizar a atmosfera de Nibiru. À medida que a quantidade de ouro se esgotava, estações terrestres logo se espalharam do Oriente Médio para a África, onde as dificuldades das operações de mineração causaram uma revolta entre os alienígenas, levando seus líderes a criar o homem moderno como trabalhadores escravos, manipulando geneticamente os primeiros humanos. Esta nova raça de *Homo sapiens* foi levada para o Crescente Fértil na Mesopotâmia cerca de trezentos mil anos atrás e autorizada a se multiplicar. Para grande desgosto de seus companheiros colonos, alguns alienígenas começaram a cruzar com os humanos.

Sitchin afirmou que os descendentes desses contatos alienígena-humanos são os Nefilim mencionados em Gênesis 6:4, e de fato a maioria dos tradutores da Bíblia concluiu que o termo Nefilim "designa heróis antigos que... são os produtos da união sexual de seres celestiais... e mulheres humanas".

Cerca de treze mil anos atrás, os alienígenas perceberam que o retorno de seu mundo natal — o décimo segundo planeta — causaria inundações generalizadas e ondas gigantes na Terra. Eles concordaram em não compartilhar seu conhecimento com os humanos, mas em permitir que o cataclismo reduzisse sua população. No entanto, um alienígena quebrou o acordo ao avisar o humano Noé do desastre iminente.
Após o Grande Dilúvio dos tempos bíblicos, anos de guerras e agitação política interna destruíram a expedição alienígena. Muitos foram mortos, enquanto outros retornaram ao seu planeta natal, deixando apenas ruínas, lendas e vagos fragmentos de conhecimento para os humanos sobreviventes, que começaram as antigas civilizações da Suméria, Babilônia e Egito.
O relato de Sitchin é fácil de descartar — ele chegou a afirmar que a Grande Pirâmide, em um determinado momento, foi equipada com instrumentos para guiar naves auxiliares para um "Espaçoporto" pós-diluviano no Sinai — até que se considere seriamente a profundidade de sua pesquisa. Baseando-se em registros de nossas civilizações antigas, as conclusões de Sitchin são coerentes, internamente consistentes e bem apoiadas.

A História de uma Vítima de Queda
Em 13 de agosto de 1947, pouco mais de um mês após o infame incidente de Roswell, seis nativos americanos descobriram um objeto metálico ainda fumegante caído no deserto do Novo México. Dentro, encontraram uma criatura alienígena que, embora ferida, ainda estava viva.
Ouvindo a aproximação de tropas militares, os homens decidiram impedir que o ser fosse capturado e cuidar dele mesmos. Levando-o para sua casa, descobriram que o ser podia se comunicar com eles através de um dispositivo de cristal que transmitia imagens.
Um dos resgatadores era o já falecido avô de Robert Morning Sky, um nativo americano de ascendência Hopi e Apache, que hoje conta a história de seu ancestral e faz palestras sobre uma história alternativa da Terra reunida a partir da vítima da queda. Seu relato do resgate do ser foi apoiado por outros nativos americanos que afirmaram que também ouviram a história do ser chamado "Ancião Estelar".
Morning Sky disse que a mensagem básica do "Ancião Estelar", cujo nome era Bak'Ti, era simples. "Seres Estelares estão aqui desde que a Terra era uma rocha estéril. Eles estiveram aqui durante toda a evolução. Em alguns casos, seu envolvimento foi benevolente; em alguns casos, não foi. O homem tem sido guiado... e tem sido enganado. Os Seres Estelares têm sido nossos deuses... e nossos demônios. Eles sempre estiveram aqui, e ainda estão aqui agora."
A história da história do homem conforme recontada por Bak'Ti é surpreendentemente semelhante às de Sitchin e outras fontes. De acordo com o trabalho de Morning Sky intitulado "The Terra Papers", os humanos foram criados por manipulação de DNA para fornecer mão de obra para operações de mineração alienígenas. O líder desses alienígenas criadores estava disputando o controle da Terra com seu irmão. Para ganhar vantagem, este líder colocou parte de seu próprio DNA no pool genético humano, tornando-os assim seus próprios "filhos" de certa forma. Outro DNA alienígena foi contribuído por uma raça

semelhante a pássaros que era "emocional e cheia de alma". À medida que os humanos começaram a se reproduzir e crescer em número, dois grupos distintos surgiram — um um grupo dócil facilmente controlado por seus senhores alienígenas e o outro um grupo emocional e inteligente que rapidamente desenvolveu vontade independente.
Uma facção de alienígenas, chefiada pelo ambicioso irmão do criador, tentou destruir os humanos voluntariosos, primeiro lançando-os no deserto para morrer e depois permitindo que um grande dilúvio os consumisse. No entanto, o líder criador conseguiu salvar um pequeno grupo de humanos.
Este conflito sobre a administração da raça humana continua hoje, de acordo com Morning Sky, com uma facção alienígena usando elementos do governo dos EUA para esconder suas atividades. Outra facção tem bases na lua, que foi declarada "proibida" para humanos.
"Não percebemos a extensão da influência alienígena por trás das cenas dos sistemas políticos e econômicos do nosso mundo, por isso somos facilmente manipulados em favor de agendas alienígenas", escreveu Karen Degenhart, que relatou a história de Morning Sky. "Eles usam os recursos naturais do nosso planeta, usam nossos corpos para material genético para continuar seus experimentos de reprodução, e usam nossas agências governamentais, como a NASA e a CIA, para manter o encobrimento dos OVNIs. Os alienígenas não querem que saibamos que estão aqui, ou talvez tentemos recuperar o controle do nosso planeta."
De acordo com Morning Sky, um líder alienígena posterior chamado Rá procurou destruir toda a evidência da verdadeira história do homem para manter os humanos ignorantes e controláveis. Mas Rá perdeu o poder para uma raça alienígena descendente de lagartos, que hoje são conhecidos como os "grises". Hoje, os grises supostamente estão envolvidos com mais outra raça alienígena e estão procurando adicionar DNA humano específico ao seu próprio DNA para melhorar seu intelecto bem desenvolvido com a adição da emoção e intuição humanas.
Quer os relatos de Morning Sky, Sitchin e outros tenham ou não algum fundamento na realidade, a evidência para tecnologia pré-histórica é muito convincente. Mas é possível que uma civilização altamente avançada desapareça tão completamente que, mesmo com métodos científicos modernos, não possamos dizer com certeza se ela existiu?
"Eu mesmo fiz esta pergunta e acho que encontrei uma resposta", escreveu Maurice Chatelain. "Nenhum material exceto rocha sólida, que não é facilmente transportada, e talvez ouro sólido, pode durar 12.000 anos. A maioria dos outros materiais oxida e se transforma em pó." Ele também apontou que muitos objetos agora em museus são os remanescentes não identificados de uma sociedade antiga. Some-se a isso a grande destruição de antiguidades feita pelos romanos, cruzados cristãos, turcos invasores, conquistadores e exploradores do Novo Mundo, e é fácil entender por que tão pouco do nosso patrimônio resta.
Nada no registro conhecido impede a ideia de contato extraterrestre em tempos pré-históricos. Na verdade, considerando as informações anteriores — que mal arranham a superfície do assunto — há muito a recomendar.

Nenhum pesquisador sério quer seguir o caminho tão contestado percorrido por von Däniken, mas a questão dos astronautas antigos se recusa a desaparecer à medida que as evidências de contato extraterrestre na antiguidade continuam a crescer, juntamente com as recentes controvérsias sobre os avistamentos de pirâmides tanto na lua quanto em Marte. Se astronautas antigos operaram na terra no passado distante, eles não devem ter desaparecido para sempre, porque avistamentos de OVNIs continuaram ao longo dos séculos.

CAPÍTULO 3

OBSERVADORES MILITARES

Floyd Thompson estava pilotando seu caça-bombardeiro em uma missão de bombardeio sobre a Itália durante a Segunda Guerra Mundial quando notou um objeto oval de cor clara atrás de sua formação. Após completar a missão, a formação de bombardeiros se separou por segurança e começou a angustiante viagem de volta para casa. Thompson notou que o estranho objeto metálico ainda estava lá. Mas ninguém em sua unidade falou sobre isso até que retornassem à base e fossem interrogados.

"Alguém viu algo incomum durante a missão?" os pilotos foram perguntados. Só então vários admitiram ter visto a estranha esfera, que parecia estar monitorando seu voo. Diante de relatos como este, a maioria dos pesquisadores de OVNIs — ou ufólogos, como são frequentemente chamados — traça o advento dos avistamentos modernos de OVNIs até a Segunda Guerra Mundial.

Luzes no céu ou naves voadoras estranhas foram relatadas ao longo dos tempos, mas foi durante aquele período de conflito global que os primeiros relatos inequívocos de objetos voadores não identificados vieram à atenção do público.

Antes da guerra, avistamentos aéreos estranhos foram registrados ao longo dos séculos, mesmo em civilizações antigas. O autor britânico B. Le Poer Trench citou fragmentos de um papiro de hieróglifos que se acredita datar do Faraó Tutmés III, que governou o Egito entre cerca de 1468 e 1436 a.C.: "... os escribas da Casa da Vida descobriram que era um círculo de fogo que vinha no céu... eles foram ao Faraó... para reportá-lo... Agora, depois que alguns dias se passaram, essas coisas se tornaram mais numerosas no céu do que nunca. Elas brilhavam mais no céu do que o brilho do sol e se estendiam até os limites dos quatro suportes dos céus... Poderosa era a posição dos círculos de fogo. O exército do Faraó olhava com ele no meio deles. Foi depois do jantar. Então, esses círculos de fogo subiram mais alto no céu em direção ao sul..."

Tais relatos eram comuns até a época do Império Romano. Embora muitos fossem provavelmente interpretações errôneas de cometas ou meteoros, outros obviamente se referiam a algo voando pelo ar. Um escritor romano, Júlio Obséquio, relatou que no ano de 212 a.C. "coisas como navios foram vistas no céu". O respeitado historiador Tito Lívio escreveu que no ano seguinte um "altar" foi visto no céu italiano acompanhado pelo "estranho espetáculo de homens vestidos de branco". O cientista romano Plínio, o Velho,

contou como em 66 a.C. uma "faísca" caiu na Terra, tornando-se tão grande quanto a lua antes de retornar ao céu.
Relatos de luzes, naves estranhas e até cruzes no céu continuaram durante toda a Idade Média. Em 840, o arcebispo de Lyon falou de "uma certa região chamada Magônia de onde vêm naves nas nuvens" e como ele impediu a morte por apedrejamento de "três homens e uma mulher que disseram ter caído dessas mesmas naves". W. R. Drake, autor de um artigo intitulado "Spacemen in the Middle Ages" (Homens Espaciais na Idade Média), relatou como uma igreja cristã na Inglaterra foi salva dos Saxões em 776 quando uma nave com "a semelhança de dois grandes escudos de cor avermelhada" pairou sobre suas cabeças, espantando os atacantes.
Embora alguns das centenas de avistamentos durante a história inicial da Europa possam ser explicados como fenômenos naturais ou mesmo farsas, muitos mostram uma correlação definida com os relatos modernos de OVNIs. Em 1113, peregrinos religiosos no sudoeste da Inglaterra viram um "dragão" cuspindo fogo emergir do mar para o ar. Em janeiro de 1254, foi registrado que em Saint Albans, Inglaterra, "em céu sereno e ar limpo, com estrelas brilhando e a Lua com oito dias, apareceu de repente no céu uma espécie de grande navio elegantemente moldado, bem equipado e de cor maravilhosa". Durante uma refeição na Abadia de Byland, em Yorkshire, em 1290, os frades foram assustados por "um objeto plano, redondo, brilhante e prateado" voando sobre suas cabeças. Houve até relatos de uma batalha aérea sobre Nuremberg, Alemanha, em 4 de abril de 1561, apoiada por uma xilogravura do artista Hans Glaser. Objetos em forma de bola, discos e cruzes emergiram de duas grandes naves cilíndricas pretas e pareciam lutar entre si. Em 1566, um avistamento semelhante foi visto sobre Basel, Suíça.
A maioria desses eventos foi vista como "sinais" de Deus.
Já no século XIX, embora as descrições de luzes e objetos no céu continuassem, elas foram expressas em terminologia mais moderna. Os objetos eram descritos como dirigíveis ou aeronaves, e conotações menos religiosas foram atribuídas a eles. Tais avistamentos continuaram bem no século XX, mas, com exceção do já mencionado Grande Mistério da Aeronave de 1896-97, receberam pouca atenção da mídia.
Duas grandes conflagrações militares — Primeira e Segunda Guerras Mundiais — ofuscaram quaisquer preocupações sobre objetos voadores. Projéteis de artilharia não identificados, balas de morteiro, balões de observação, aviões e dirigíveis eram muito comuns, particularmente perto de zonas de batalha. O público havia se acostumado com a tecnologia em constante avanço e perdeu o interesse. Estavam mais preocupados com a segurança e o conforto pessoais. O que quer que estivesse nos céus parecia ser atraído principalmente pela atividade militar.
No início e meados da década de 1930, houve relatos de aeronaves "fantasmas" passando sobre instalações militares nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Escandinávia. Ninguém conseguia identificá-las e nenhuma nação admitiu responsabilidade. A maioria das pessoas descartou esses relatos como missões secretas de reconhecimento dos alemães ou soviéticos. No entanto, havia definitivamente uma estranheza nos relatos. Os voos frequentemente ocorriam em condições climáticas que teriam impedido aeronaves convencionais de voar.

Os relatos afirmavam que a nave cortava a energia, mas circulava várias vezes. Suas rotas de voo pareciam indicar um ponto de origem dentro do Círculo Polar Ártico, e frequentemente eram acompanhadas por holofotes poderosos e luzes coloridas piscando, dificilmente aconselháveis em missões secretas. Outros afirmaram que os europeus estavam simplesmente ficando nervosos durante este período em que Adolf Hitler e Benito Mussolini estavam rearmando suas nações.
Os nervos da guerra também foram culpados por um incidente nunca totalmente explicado na Los Angeles em tempo de guerra.

O Ataque Aéreo de Los Angeles
No final de fevereiro de 1942, apenas três curtos meses após o bombardeio japonês a Pearl Harbor, as tensões estavam altas na Costa Oeste — com justa causa. A América havia sido atacada sem aviso e havia o medo de uma invasão iminente. Exercícios de ataque aéreo haviam sido realizados regularmente desde o ataque, e em 23 de fevereiro, um submarino japonês havia bombardeado a refinaria da Bankline Oil Company em Goleta, ao norte de Santa Bárbara.
Às 2h25 da manhã de 25 de fevereiro, os residentes do Condado de Los Angeles foram despertados pelo uivo das sirenes de ataque aéreo. A maioria acreditava que era apenas mais um exercício. Eles estavam felizmente inconscientes de que um dos mais recentes segredos militares americanos — o radar — havia captado blips indicando um voo de aeronaves se aproximando a cerca de 120 milhas a oeste de Los Angeles, pouco depois das 2h da manhã. De acordo com um relato do incidente enviado ao presidente Franklin Roosevelt no dia seguinte, 1.430 rodadas de munição antiaérea foram disparadas contra a nave que se aproximava, mas nenhum avião foi abatido e nenhuma bomba foi lançada. Não houve baixas entre as forças militares americanas e nenhum avião do exército ou marinha esteve envolvido.
O tiroteio, que durou cerca de uma hora, causou danos consideráveis a várias casas e edifícios públicos. A cidade ficou repleta de pedaços de metal de munições explodidas. Pelo menos seis civis morreram como resultado de acidentes de carro e ataques cardíacos atribuíveis ao tiroteio. O sinal de tudo limpo só chegou às 7h21 da manhã, e os engarrafamentos duraram até o início da manhã.
Para toda a comoção, não havia evidências de que um ataque inimigo tivesse ocorrido. Oficiais militares envergonhados começaram imediatamente a minimizar o incidente. Em Washington, o Secretário da Marinha, Frank Knox, disse "que até onde sei, todo o ataque foi um alarme falso e pode ser atribuído a nervosismo". Mas sua declaração tranquilizadora não foi apoiada por testemunhas da Costa Oeste.
Elas falaram de objetos vermelhos ou prateados em movimento rápido no alto do céu, acompanhados por um objeto grande mais lento — alguns disseram tão lento quanto sessenta milhas por hora — que então pairou imóvel no ar por algum tempo enquanto projéteis antiaéreos explodiam ao seu redor.
Peter Jenkins, que estava na equipe do *Los Angeles Evening Herald Examiner*, disse: "Eu podia ver claramente a formação em 'V' de cerca de 25 aviões prateados acima, movendo-se

lentamente pelo céu em direção a Long Beach." O chefe de polícia de Long Beach, J. H. McClelland, disse que observou do telhado da Prefeitura de Long Beach e deu esta descrição: "Um observador naval experiente comigo, usando binóculos potentes Carl Zeiss, disse que contou nove aviões no cone de um holofote. Ele disse que eram de cor prateada. Este grupo passou de uma bateria de holofotes para outra e, sob fogo de canhões antiaéreos, voou da direção de Redondo Beach e Inglewood, no lado terrestre de Fort MacArthur, e continuou em direção a Santa Ana e Huntington Beach. O fogo antiaéreo era tão intenso que não podíamos ouvir os motores dos aviões." Paul T. Collins, funcionário da Douglas Aircraft Company, observou os objetos enquanto estava ao lado de seu carro. Ele disse que viu vários "objetos vermelhos não identificados... aparecendo do nada e depois ziguezagueando de um lado para o outro". Collins disse que ele e outros observadores estimaram a velocidade máxima dos objetos "conservadoramente em cinco milhas por segundo".

Com tais testemunhas somando milhares e os danos causados à área, a explicação oficial de "nervosismo" caiu em ouvidos suspeitos. "Há uma misteriosa reticência sobre todo o caso", editorializou o *Long Beach Independent*, "e parece que alguma forma de censura está tentando impedir a discussão do assunto." Na verdade, antes da liberação em 1974 do relatório do dia seguinte a Roosevelt, as autoridades militares dos EUA afirmaram que não tinham registro do incidente.

Alguns pesquisadores ofereceram a opinião de que toda a coisa foi causada pela ascensão de balões meteorológicos, um dos quais aparentemente foi de fato lançado carregando um sinalizador vermelho por uma unidade antiaérea em Santa Monica em resposta ao alarme. Embora esta teoria seja apoiada pelo fato de que as baterias foram oficialmente repreendidas por desperdiçar munição em alvos que se moviam muito lentamente para serem aeronaves, ela foi abatida graças a uma foto da Associated Press que mostrou um dos objetos capturado por feixes de holofotes convergentes e cercado por explosões de projéteis. Esta foto levou um comentarista a concluir corretamente: "Que não era um balão parece provável porque a fuga de nenhum balão foi relatada, bem como porque falhou em colapsar sob fogo intenso e aparentemente preciso."

Rapidamente perdido em meio aos relatos das batalhas e campanhas na frente doméstica da Segunda Guerra Mundial, o Ataque Aéreo de Los Angeles de 1942 foi quase esquecido, exceto por aqueles que o vivenciaram. Mas perto do fim da Segunda Guerra Mundial, a guerra aérea assumiu um novo — e inesperado — aspecto.

Caças-Fantasma (Foo-Fighters)

No final de 1944, o Tenente Donald Meiers, de Chicago, voava em um caça noturno bimotor de fabricação britânica chamado Beaufighter sobre o Vale do Reno, na Alemanha, quando o que pareciam ser globos flamejantes apareceram de repente e se moveram em direção ao seu avião. "Virei a bombordo e as bolas de fogo viraram comigo", lembrou Meiers. "Virei para estibordo e elas viraram comigo. Estávamos a 260 milhas por hora e as bolas estavam nos acompanhando... Quando vi as coisas pela primeira vez... tive o terrível pensamento de que

um alemão... estava prestes a apertar um botão e explodi-las... Elas apenas pareciam nos seguir como fogos-fátuos."
Este foi um dos muitos relatos de objetos circulares perseguindo aeronaves aliadas. Eles ficaram conhecidos como "foo-fighters" (caças-fantasma). Houve alguma confusão quanto à origem desse nome. Alguns disseram que "foo" é uma adulteração da palavra francesa para fogo, *feu*, indicando assim um "combatente do fogo". No entanto, o autor Paris Flammonde raciocinou que, como o termo se originou com jovens aviadores americanos, provavelmente veio de um jogo de palavras com o termo Beaufighter, usando as palavras de um personagem de tira de quadrinhos do pré-guerra chamado Smokey Stover, que frequentemente dizia a piada "Where there's foo, there's fire" (Onde há foo, há fogo).
Independentemente da origem do nome, "foo-fighters" logo chamou a atenção da mídia americana. O *New York Herald Tribune* de 2 de janeiro de 1945, informou: "Agora, parece, os nazistas lançaram algo novo nos céus noturnos sobre a Alemanha. São as estranhas e misteriosas bolas Joo-fighter que correm ao lado das asas dos Beaufighters em missões de intrusão sobre a Alemanha. Os pilotos têm encontrado esta estranha arma há mais de um mês em seus voos noturnos. Ninguém aparentemente sabe o que é esta arma espacial. As 'bolas de fogo' aparecem de repente e acompanham os aviões por milhas. Elas parecem ser controladas por rádio do solo, conforme revelam relatórios oficiais de inteligência..."
O Tenente Meiers explicou: "Há três tipos dessas luzes que chamamos de Joo-fighters. Uma são bolas vermelhas de fogo que aparecem nas pontas de nossas asas e [a segunda, que] voam à nossa frente, e a terceira é um grupo de cerca de 15 luzes que aparecem à distância — como uma árvore de Natal no ar — e piscam."
Apesar de uma extensa investigação pela 8ª Força Aérea do Exército dos EUA, não houve solução conclusiva para o mistério dos foo-fighters. Várias explicações foram oferecidas — o fogo de Santelmo ou o relâmpago globular poderiam explicar as luzes dançando nas asas e fuselagem; as luzes da "árvore de Natal" podem ter sido sinalizadores ou tiras de alumínio ("window") lançadas de bombardeiros aliados para confundir o radar alemão. Uma teoria engenhosa era que as luzes eram reflexos de luz de cristais de gelo formados quando o ar interior vazava para o ar exterior mais frio devido a buracos de danos de batalha. É claro que a alucinação por "fadiga de combate" era uma explicação pronta para tudo. E vários avistamentos de uma "bola de fogo" que se pensava ser um avião de ataque japonês equipado com um grande holofote, relatados por B-29 a caminho de bombardear o Japão, foram explicados como uma Vênus excepcionalmente brilhante. Mas nenhuma destas se mostrou uma resposta satisfatória para todos os avistamentos.
Por exemplo, na noite de 22 de dezembro de 1944, o Tenente David McFalls do 415º Esquadrão de Caças Noturnos estava sobre Hagenau, Alemanha, quando observou duas "enormes luzes laranja brilhantes" subindo em direção ao seu avião. Ele rapidamente colocou seu avião em um mergulho e curvou fortemente, mas as luzes permaneceram com ele por dois minutos antes de se separarem e desaparecerem. Relatos semelhantes chegaram do 415º desde setembro. Uma história do *London Daily Telegraph* no início de 1945 afirmou que pilotos da Força Aérea Real descreveram seus atormentadores como "estranhas

luzes laranja que seguem seus aviões, às vezes voando em formação com eles, e eventualmente se separam e sobem".
Como observou o autor W. A. Harbinson: "A maioria dos relatos indicava que eles pareciam estar sob algum tipo de controle e certamente não eram fenômenos 'naturais'."
Incidentes semelhantes foram registrados no teatro de guerra do Pacífico. Já em 1943, pilotos voando sobre a "corcova da Birmânia" relataram ter sido incomodados por objetos brilhantes que causaram falhas em seus instrumentos. Em 10 de agosto de 1944, em uma missão de bombardeio do Ceilão para Sumatra, o Capitão Alvah M. Reida do 792º Esquadrão, 486º Grupo de Bombardeio, relatou um encontro mais incomum logo após fazer um bombardeio em seu B-29. Seu relatório afirmava: "Cerca de 20 ou 30 minutos depois, o artilheiro direito e o copiloto relataram um objeto estranho nos acompanhando a cerca de 500 jardas da nossa asa de estibordo. Àquela distância, apareceu como um objeto esférico, provavelmente 5 ou 6 pés de diâmetro, de uma cor vermelha ou laranja muito brilhante e intensa... Parecia pulsar ou vibrar constantemente. Supondo que fosse algum tipo de objeto controlado por rádio enviado para nos acompanhar, entrei em ação evasiva, mudando constantemente de direção em até 90 graus e altitude em cerca de 2.000 pés. Ele seguiu todas as nossas manobras por cerca de oito minutos, sempre mantendo uma posição a 500 jardas de distância e cerca de duas horas em relação ao avião. Quando saiu, fez uma curva abrupta de 90 graus e acelerou rapidamente, desaparecendo no céu encoberto..."
Aumentando o mistério dos foo-fighters estava o fato de que aviadores inimigos capturados — tanto alemães quanto japoneses — afirmaram que também haviam sido seguidos pelos objetos flamejantes. Eles expressaram a crença de que as esferas eram armas secretas americanas ou russas.
É claro que os Aliados acreditavam que eram armas secretas japonesas ou alemãs — e aí reside uma história fascinante e amplamente não contada que algumas pessoas acreditam que pode lançar luz sobre a origem de pelo menos alguns OVNIs modernos.

Discos Voadores do Reich
Não há dúvida de que os alemães produziram uma série de avanços científicos em sua busca por tecnologia de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. As bombas V-1 (Fieseler Fi 103) — um ancestral dos atuais mísseis de cruzeiro — e os foguetes V-2 que aterrorizaram Londres são dois dos exemplos mais famosos, juntamente com o Messerschmitt 262, o primeiro caça a jato operacional do mundo.
Como observou o respeitado historiador britânico Barrie Pitt: "A máquina de guerra nazista entrou em ação utilizando o máximo possível do conhecimento científico mais atualizado disponível, e à medida que a guerra se desenvolvia, a lista de outras conquistas cresceu para proporções impressionantes. Desde canhões disparando 'projéteis' de ar até discussões detalhadas sobre discos voadores; desde feixes de som que eram fatais para um homem a 50 jardas, até canhões que disparavam em curvas e outros que podiam 'ver no escuro' — a lista é inspiradora em sua variedade."

Pitt afirmou que, embora algumas tecnologias alemãs fossem menos desenvolvidas do que se imaginava na época, "algumas estavam perigosamente perto de um estágio de conclusão que poderia ter revertido o resultado da guerra."
Armas secretas alemãs perto da conclusão em 1945 incluíam o Messerschmitt 163 Komet e os caças-foguete Natter lançados verticalmente, a asa voadora a jato Horten Ho-IX e o Lippisch DM-1 de asa delta. Outra arma secreta que poderia explicar alguns dos relatos de "foo-fighter" foi um dispositivo antirradar não tripulado chamado *Feuerball* (Bola de Fogo). Pilotado por controle remoto, o Feuerball foi projetado para interferir nos sistemas de ignição e operação de radar dos bombardeiros aliados. De acordo com o autor Renato Vesco, o Feuerball era "uma máquina voadora altamente original... circular e blindada, mais ou menos parecida com a carapaça de uma tartaruga, e era movido por um motor turbojato especial, também plano e circular, cujos princípios de operação... geravam um grande halo de chamas luminosas... Controlado por rádio no momento da decolagem, então seguia automaticamente as aeronaves inimigas, atraído por suas chamas de exaustão, e aproximava-se o suficiente sem colisão para destruir seus equipamentos de radar."
Vesco afirmou que os princípios básicos do Feuerball foram posteriormente aplicados a uma "aeronave circular simétrica" conhecida como *Kugelblitz* (Relâmpago Globular), um caça automático que se tornou um "autêntico antecedente dos atuais discos voadores". Ele disse que esta nave inovadora foi destruída após uma "única missão de guerra de sorte" por tropas da SS (Schutzstaffel, ou Força de Defesa) em retirada e depois mantida em segredo dos americanos e russos pelos militares britânicos, que capturaram os planos da nave.
Aqui a história de um disco voador nazista se torna mais fragmentária e questionável. O autor britânico W. A. Harbinson escreveu dois romances baseados na ideia de que os nazistas desenvolveram um disco voador e os esconderam após a guerra em uma base secreta na Antártida. Ele afirmou que teve suas ideias depois de descobrir artigos alemães do pós-guerra sobre um ex-engenheiro da Luftwaffe, Flugkapitan Rudolph Schriever. De acordo com informações obtidas de artigos no *Der Spiegel*, *Bild am Sonntag*, *Luftfahrt International* e outras publicações alemãs, Harbinson soube que Schriever afirmou ter projetado um protótipo de "pião voador" em 1941, que foi realmente testado em voo em junho de 1942. Em 1944, Schriever disse que construiu uma versão a jato maior de sua nave circular com a ajuda dos cientistas Klaus Habermohl, Otto Miethe e um italiano, Dr. Giuseppe Belluzzo. Desenhos deste disco voador foram publicados no livro britânico de 1959 *German Secret Weapons of the Second World War*, do Major Rudolph Lusar.
Lusar descreveu o disco voador como um anel de discos separados carregando jatos ajustáveis girando em torno de uma cabine fixa. Toda a nave tinha uma altura de 105 pés e podia voar vertical ou horizontalmente, dependendo do posicionamento dos jatos.
"Schriever afirmou que seu 'disco voador' estava pronto para testes no início de 1944", escreveu Harbinson, "mas com o avanço dos Aliados na Alemanha, o teste foi cancelado, a máquina destruída e seus projetos ou extraviados ou roubados. Sua história foi, no entanto, contradita por uma suposta testemunha ocular, Georg Klein, que mais tarde declarou à imprensa alemã que realmente viu o voo de teste do disco de Schriever — ou um semelhante — em 14 de fevereiro de 1945."

Schriever supostamente morreu no final dos anos 1950 e, de acordo com uma edição de 1975 da *Luftfahrt International*, notas e esboços sobre um grande disco voador foram encontrados em seus pertences. O periódico também afirmou que Schriever manteve até sua morte que seu conceito original de disco voador deve ter sido tornado operacional antes do fim da guerra. Essa possibilidade é reconhecida pelo autor britânico Brian Ford, que escreveu: "Supõe-se que também houve 'discos voadores' que estavam perto dos estágios finais de desenvolvimento, e de fato pode ser que algum progresso tenha sido feito em direção à construção de pequenas aeronaves em forma de disco, mas os resultados foram destruídos, aparentemente antes de caírem em mãos inimigas."

Outro candidato a inventor de um OVNI alemão é o inventor austríaco Viktor Schauberger, que, após ser sequestrado pelos nazistas, supostamente projetou vários "discos voadores" em 1940 usando uma forma de propulsão eletromagnética sem chamas e sem fumaça chamada "diamagnetismo". Schauberger supostamente trabalhou para o governo dos EUA por um curto período após a guerra antes de morrer de causas naturais. Pouco antes de sua morte, ele foi citado dizendo: "Eles tiraram tudo de mim. Tudo." Ninguém jamais soube ao certo se ele se referia aos nazistas ou aos Aliados.

Embora vários livros e documentários tenham sugerido que a hierarquia nazista se envolveu em práticas ocultistas, não há dúvida de que os alemães estavam experimentando uma variedade de aeronaves inovadoras e sistemas de propulsão no final da guerra e que pelo menos contemplaram a construção de um disco voador. Há evidências tentadoras de que a Alemanha nazista de fato adicionou um disco voador ao seu inventário de superarmas secretas. Mas não há indicação do que aconteceu com ele.

A solução para este enigma pode ser encontrada através do estudo do homem encarregado dos programas de armas de alta tecnologia da Alemanha — SS Obergruppenführer Dr. Hans Kammler. Em meados de 1943, o chefe da SS, Heinrich Himmler, enviou uma carta ao ministro de armamentos e munições da Alemanha, Albert Speer. "Com esta carta, informo-o de que eu, como Reichsführer SS... por meio desta assumo o controle da fabricação do instrumento A-4", dizia a carta. O foguete A-4 foi posteriormente designado por Hitler como V-2 — V de arma de Vingança (Vergeltungswaffe), sendo o V-1 a primeira. O V-2 era o sistema de armas de alta tecnologia mais secreto da Alemanha. Himmler então colocou Kammler no comando geral do programa de foguetes.

De acordo com Speer, Kammler insinuou-se em todas as fases do programa V-2 até que Hitler finalmente o colocou no comando de todos os armamentos aéreos, incluindo qualquer possível projeto secreto de disco voador. "Assim — poucas semanas antes do fim da guerra — ele se tornou comissário geral para todas as armas importantes", escreveu Speer, que lamentou o fato de que, quando a guerra se aproximava do fim, a SS de Himmler gradualmente assumiu o controle total sobre a produção e pesquisa de armamentos da Alemanha.

Trabalhando em estreita colaboração com Kammler no projeto V-2 estavam Wernher von Braun, que após a guerra chefiou a Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA) americana, e seu superior, o Major General da Luftwaffe Walter Dornberger, que

mais tarde se tornou vice-presidente da Bell Aircraft Company e da Bell Aerosystems Company nos Estados Unidos.

Alarmado com o progresso dos foguetes V-2, o Comando de Bombardeiros da Grã-Bretanha enviou 597 bombardeiros na noite de 16 para 17 de agosto de 1943 para atacar Peenemünde — a instalação de foguetes ultrassecreta da Alemanha construída em uma ilha na foz do rio Oder, perto da fronteira da Alemanha com a Polônia. Como grande parte de Peenemünde era subterrânea ou bem camuflada, muito ficou sem danos. O autor Brian Ford descreveu os resultados: "Mesmo assim, mais de 800 pessoas na ilha foram mortas... Depois disso, percebeu-se que parte da instalação deveria ser dispersada por toda a Alemanha; assim, a instalação de desenvolvimento teórico foi transferida para Garmisch-Partenkirchen, o desenvolvimento foi para Nordhausen e Bleicherode, e o principal túnel de vento e equipamentos auxiliares foram para Kochel, cerca de 24 milhas ao sul de Munique. Isso foi batizado de *Wasserbau Versuchsanstalt Kochelsee* — projeto experimental de obras hidráulicas — e deu origem ao mais completo centro de pesquisa para o desenvolvimento de foguetes de longo alcance que, na época, poderia ser imaginado." Foi observado que uma certa parcela do desenvolvimento de armas secretas nazistas de alto sigilo foi transferida para uma área perto de Blizna, Polônia — a mesma área onde as tripulações aéreas aliadas encontraram pela primeira vez os "foo-fighters".

Enquanto Kammler, von Braun, Dornberger e companhia trabalhavam febrilmente para aperfeiçoar os V-2s e outras armas secretas, Himmler estava tomando medidas para separar sua SS do controle normal do partido e do estado. "Na primavera de 1944, Hitler aprovou a proposta de Himmler de construir uma empresa industrial de propriedade da SS para tornar a SS permanentemente independente do orçamento do estado", escreveu Albert Speer.

Em movimentos que seriam copiados nos anos seguintes pela Agência Central de Inteligência (CIA) americana, os líderes da SS criaram várias frentes de negócios e outras organizações — muitas usando mão de obra de campos de concentração — com o objetivo de gerar receita para apoiar as atividades da SS. Esses grupos altamente compartimentalizados, chefiados por jovens e ambiciosos oficiais da SS, não exigiam nem desejavam qualquer conexão com os líderes de alto perfil da Alemanha. Seu propósito era continuar os objetivos nazistas muito depois da derrota da Alemanha.

Speer concedeu que houve desenvolvimentos de armas sobre os quais ele nada sabia e até mencionou um esquema da SS em 1944 para uma fábrica de armas secretas que exigia 3.500 trabalhadores de campos de concentração. "Os protocolos do Führer não fazem nenhuma menção a esta nova arma", escreveu Speer. "[Mas] certamente não eram os 'discos voadores', que círculos de extrema direita agora afirmam ter sido secretamente produzidos pela SS no final da guerra e escondidos de mim."

Mas com projetos secretos nas mãos da fanática SS e com fábricas e instalações de pesquisa espalhadas sobre — e sob — o campo, é perfeitamente concebível que um dispositivo OVNI pudesse ter sido desenvolvido sem o conhecimento de ninguém, exceto Himmler, que cometeu suicídio com uma cápsula de veneno em 23 de maio de 1945, depois de ser pego tentando se esgueirar pelas linhas britânicas disfarçado de soldado raso do exército alemão. Talvez após a guerra, certos círculos de extrema direita com conexões com a SS soubessem

mais sobre os discos voadores alemães do que Speer ou outros líderes nazistas de alta patente. Considere o destino de Hans Kammler.
Quando a guerra se aproximava do fim, Kammler não fez segredo de sua intenção de usar tanto os cientistas V-2 quanto os foguetes sob seu controle como alavanca para um acordo com os Aliados. Em 2 de abril de 1945, por ordens de Kammler, um trem especial transportou foguetes, quinhentos técnicos e engenheiros escoltados por cem soldados da SS para um reduto alpino na Baviera. De acordo com von Braun e Dornberger, Kammler planejava "negociar com os americanos ou um dos outros Aliados por sua própria vida em troca dos principais especialistas alemães em foguetes".
No entanto, em 4 de abril de 1945, quando von Braun pressionou Kammler por permissão para retomar a pesquisa de foguetes, o oficial da SS anunciou calmamente que estava prestes a desaparecer por "um período de tempo indefinido". Fiel à sua palavra, ninguém viu Kammler novamente. Como todos sabem, von Braun, Dornberger e outros cientistas — e muitos dos foguetes V-2 — eventualmente chegaram aos Estados Unidos, tornando-se membros fundadores do nosso programa espacial moderno.
O autor Jean Michel, ele próprio um recluso do campo de concentração de Dora, que fornecia trabalho escravo para o programa de foguetes de Kammler, escreveu sobre Kammler: "O chefe do império de armas secretas da SS, o homem da confiança de Himmler, desapareceu sem deixar vestígios. Ainda mais perturbador é o fato de que o arquiteto dos campos de concentração, construtor das câmaras de gás, carrasco de Dora, chefe geral de todos os mísseis da SS caiu no esquecimento. Há o mistério Bormann, o enigma Mengele; até onde sei, ninguém, até hoje, se interessou muito pelo destino do Obergruppenführer SS Hans Kammler." Michel, juntamente com outros, perguntou-se "por que o 'calculador frio e brutal' descrito por Speer descartou tão abruptamente as cartas na manga que acumulara com tanta paciência?" Kammler teria escapado com planos de armas ainda mais tecnologicamente avançadas e secretas do que o foguete V-2? O Reich, ou uma extensão dele, teria tido a capacidade de produzir um OVNI ou a influência para negociar de uma posição de força com uma das nações aliadas?
Informações, principalmente de Dornberger, sugeriram que Kammler cometeu suicídio quando a resistência tcheca superou as tropas da SS em Praga. No entanto, não houve prova disso, e a questão está longe de ser resolvida. Como Michel mencionou, houve uma controvérsia de longa data sobre as mortes proclamadas do vice de Hitler, Martin Bormann, e do notório Dr. Josef Mengele da SS. Mengele supostamente morreu nos últimos anos depois de se esconder na Argentina, Brasil e Paraguai por décadas. Outro oficial de alta patente da SS, Obersturmbannführer Adolf Eichmann, escapou para a Argentina, mas foi sequestrado para Israel em 1960, onde foi julgado por crimes de guerra e executado.
Mas o maior peixe a escapar foi o Reichsleiter Bormann. Rumores persistiram por anos de que Bormann estava vivendo na América do Sul e comandando um império nazista mundial, que incluía a infame organização para ajudar nazistas a escapar, a *Organisation der Ehemaligen SS-Angehörigen* (ODESSA). Em 1972, o bispo de Munique, Johannes Neuhausler, tornou público um documento da igreja afirmando que Bormann havia escapado de Berlim durante os dias finais e ido para a Espanha de avião. No final daquele

ano, trabalhadores de Berlim desenterraram dois esqueletos perto das ruínas da estação ferroviária de Lehner e, em 1973, autoridades da Alemanha Ocidental realizaram uma coletiva de imprensa proclamando que um dos esqueletos havia sido identificado como Bormann e que ele havia morrido em 1945 tentando escapar de Berlim.
A identificação de Bormann foi baseada em registros dentais preparados de memória em 1945 pelo Dr. Hugo Blaschke por ordens de uma equipe de investigação do Exército dos EUA. Em 1973, Blaschke estava morto e a identificação real foi feita por um Fritz Echtmann, um técnico dentário que afirmou ter feito moldes para Hitler, Eva Braun e Bormann. Todo o caso da morte de Bormann em Berlim baseou-se em registros dentais preparados de memória por um dentista que fora um leal nazista por muitos anos e na única declaração de um técnico dentário que estivera preso na Rússia devido ao seu proclamado conhecimento do trabalho dental de Bormann. Aumentando as suspeitas de que o anúncio da morte de Bormann foi um pouco conveniente demais estava o fato de que o governo de Willy Brandt cancelou todas as recompensas e mandados de prisão para Bormann e instruiu as embaixadas e consulados da Alemanha Ocidental a ignorar quaisquer avistamentos futuros do Reichsleiter. Essas suspeitas foram agravadas por declarações de várias pessoas que afirmaram que o corpo encontrado perto da estação ferroviária foi colocado lá em 1945 por tropas comandadas pelo General da Waffen SS Heinrich "Gestapo" Mueller, que era conhecido por ter usado corpos falsos em outras ocasiões. O anúncio da morte de Bormann não convenceu Simon Wiesenthal do Centro de Documentação em Viena, que disse: "Algumas dúvidas devem permanecer sobre se os ossos encontrados em Berlim são realmente os de Bormann."
Foi possível que Bormann e outros nazistas tivessem poder suficiente para desviar as investigações da Alemanha Ocidental e silenciar governos estrangeiros e organizações de notícias? A resposta simples parece ser sim. Para entender, é preciso olhar para a história empresarial alemã e as atividades de Bormann a partir de meados de 1944.

Voo Águia (Operação Eagle Flight)
No início de agosto de 1944, muitos altos funcionários nazistas já podiam ver a escrita na parede. A cidade francesa de Saint-Lô, centro da linha de defesa alemã em frente à cabeça de ponte da Normandia, havia caído em 18 de julho, abrindo todo o sul da França para os blindados e infantaria aliados. O exército alemão apressou-se para o leste em direção à Pátria, escapando por pouco do cerco total em Falaise. Apenas o rio Reno e as linhas de suprimento excessivamente estendidas diminuíram o avanço aliado no oeste. Com os russos pressionando cada vez mais fundo no Reich na frente oriental, os líderes nazistas sabiam que o fim da guerra era apenas uma questão de tempo.
Adolf Hitler, que de acordo com registros médicos capturados estava em uma montanha-russa de euforia e depressão devido a grandes doses diárias de anfetaminas, perdeu cada vez mais contato com a realidade. No entanto, o segundo homem mais poderoso do Reich, o vice de Hitler, Martin Bormann, não estava tão incapacitado. Em 10 de agosto de 1944, Bormann reuniu líderes empresariais alemães e oficiais do Partido Nazista. Eles se reuniram no Hotel Maison Rouge em Estrasburgo. Bormann explicou o propósito da reunião a um

participante: "A indústria alemã deve perceber que a guerra não pode mais ser vencida agora e deve tomar medidas para se preparar para uma campanha comercial do pós-guerra que, com o tempo, assegurará o ressurgimento econômico da Alemanha."
Essas "medidas" ficaram conhecidas como "Aktion Adlerflug", ou Operação Voo Águia. Não era nada menos do que a perpetuação do nazismo através do voo maciço de dinheiro, ouro, ações, títulos, patentes, direitos autorais e até mesmo especialistas técnicos da Alemanha. Como parte deste plano, Bormann, auxiliado pela SS de uniforme preto, pelo banco central Deutsche Bank e pela poderosa I. G. Farben combinados, criou 750 corporações de fachada estrangeiras — 58 em Portugal, 112 na Espanha, 233 na Suécia, 214 na Suíça, 35 na Turquia e 98 na Argentina.
Os esforços de Bormann foram substancialmente ajudados por estreitas conexões com bancos e empresas estrangeiras iniciadas muito antes da guerra. Conforme documentado pelo ex-escritor do *New York Times* Charles Higham, a International Telephone & Telegraph Corp. (ITT) americana vendeu para a Alemanha material de comunicação e de guerra, incluindo até cinquenta mil fusíveis de artilharia por mês, mais de três anos após Pearl Harbor. Ilustrando as associações empresariais interconectadas dessa época estava o presidente alemão da ITT, Gerhardt Westrick, um associado próximo de John Foster Dulles, que se tornaria secretário de estado dos EUA sob o presidente Dwight Eisenhower, e parceiro do Dr. Heinrich Albert, chefe da Ford Motor Co. na Alemanha até 1945. Dois diretores da ITT eram o banqueiro alemão Barão Kurt von Schroder e Walter Schellenberg, chefe da contrainteligência da Gestapo nazista.
A Standard Oil, de propriedade de Rockefeller, também foi investigada durante a Segunda Guerra Mundial por uma série de negócios complexos que resultaram no envio de gasolina tão necessária para a Alemanha nazista. "Nenhuma dessas transações foi tornada pública", relatou Higham. "Os detalhes delas permaneceram enterrados em arquivos classificados por mais de 40 anos. No entanto, foi impossível para Ralph Gallagher e Walter Teagle (ambos presidentes da Standard) . . . ocultar o fato de que remessas de petróleo continuaram para a Espanha fascista durante toda a Segunda Guerra Mundial, pagas por fundos do [ditador espanhol Francisco] Franco que não foram confiscados pelo Banco de Reserva Federal, enquanto fundos lealistas foram enviados para a Alemanha nazista dos cofres do Banco da Inglaterra, do Banco da França e do Banco de Compensações Internacionais. As remessas para a Espanha auxiliaram indiretamente o Eixo através de transferências espanholas para Hamburgo. Ao mesmo tempo, havia escassez desesperadora nos Estados Unidos, longas filas nos postos de gasolina e até racionamento de petróleo. Enquanto os civis americanos e as forças armadas sofriam igualmente com as restrições, mais gasolina foi para a Espanha do que para os clientes domésticos." Questionado sobre esta situação pelo *New York Times*, um porta-voz do Secretário de Estado dos EUA, Cordell Hull, explicou que o petróleo vinha do Caribe, não dos Estados Unidos. O que não foi explicado foi que a Standard Oil, sob a liderança de William Stamps Farish, havia mudado o país de registro de sua frota de petroleiros para o Panamá. Higham apontou que ambos os chefes da Standard, Farish e Teagle, estavam "hipnotizados pela Alemanha" e eram associados próximos de Hermann Schmitz da I. G. Farben.

Tais laços foram reforçados por conexões bancárias, como a parceria de 1936 entre o J. Henry Schroder Bank de Nova York e membros da família Rockefeller. De acordo com Higham, "Schroder, Rockefeller and Company, Investment Bankers, foi formada como parte de uma empresa global que a revista *Time* divulgou como sendo 'o impulsionador econômico do Eixo Roma-Berlim'. Os parceiros da Schroder, Rockefeller and Company incluíam Avery Rockefeller, sobrinho de John D., Barão Bruno von Schroder em Londres, e Kurt von Schroder do [Banco de Compensações Internacionais] e da Gestapo em Colônia... Seus advogados eram John Foster Dulles e Allen Dulles da Sullivan and Cromwell. Allen Dulles (mais tarde diretor da CIA e membro da Comissão Warren) estava no conselho da Schroder. Conexões adicionais ligavam a filial parisiense do [Rockefeller] Chase National Bank à Schroder, bem como ao pró-nazista Worms Bank e à Standard Oil of New Jersey na França. Os representantes da Standard Oil em Paris eram diretores do Banque de Paris et des Pays-Bas, que tinha intricadas conexões com os nazistas e com o Chase."

É interessante notar que durante toda a guerra, o Chase manteve suas conexões financeiras com os nazistas através de seu banco parisiense e que o chefe da I. G. Farben, Hermann Schmitz, serviu como presidente do Chase por sete anos antes da guerra e eventualmente possuía tantas ações da Standard Oil of New Jersey quanto os Rockefellers.

"A riqueza de Schmitz — em grande parte títulos ao portador da I. G. Farben convertidos nas três grandes empresas sucessoras, ações da Standard Oil of New Jersey..., da General Motors e outras ações industriais americanas de primeira linha, e as 700 empresas secretas controladas em seu tempo pela I. G., bem como ações nas 750 corporações que ele ajudou Bormann a estabelecer durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial — aumentou em todos os segmentos do mundo industrial moderno. A organização Bormann na América do Sul utiliza o poder de voto do truste Schmitz juntamente com seus próprios ativos para guiar as multinacionais que controlam, enquanto mantêm estável o curso econômico da Pátria", escreveu o investigador Paul Manning, que acrescentou: "A organização Bormann não é meramente um grupo de ex-nazistas. É um grande poder econômico cujos interesses hoje superam sua ideologia."

Mais documentação deste poder mundial não divulgado veio em 1996, quando o Arquivo Nacional dos EUA divulgou relatórios desclassificados de várias agências de inteligência provando que os oficiais aliados desde o início sabiam de tudo sobre a relação monetária entre os altos nazistas e seus banqueiros suíços. De acordo com o *The Guardian* de Londres, "A evidência... sugere que algo da ordem de 15 bilhões de Reichsmarks foi depositado, investido, movimentado e lavado através de bancos suíços. Isso era o equivalente a três por cento do produto interno bruto (PIB) da América em 1944. Para colocar isso em termos atuais, três por cento do PIB da América são 200 bilhões de dólares, que é mais do que todo o PIB da Suíça. Permita juros, compostos ao longo de 50 anos, e o valor do esconderijo nazista que passou pela Suíça entra na região de um trilhão de dólares."

Essas conexões bancárias e empresariais de longa data, juntamente com a rede de negócios Schmitz, permitiram que o Reichsleiter Bormann forjasse uma formidável organização controlada pelos nazistas para atividades do pós-guerra. O autor Jim Keith escreveu: "Ao pesquisar a forma de controle totalitário durante este século, vi que os planos dos nazistas

manifestamente não morreram com a perda alemã da Segunda Guerra Mundial. A ideologia e muitos dos principais atores sobreviveram e floresceram após a guerra, e tiveram um impacto profundo na história do pós-guerra e nos eventos que acontecem hoje."

Orvis A. Schmidt, diretor de Controle de Fundos Estrangeiros do Departamento do Tesouro dos EUA, em 1945 ofereceu esta descrição do programa de fuga de capital nazista: "A rede de organizações comerciais, industriais e de cartéis foi simplificada e interligada, não apenas organizacionalmente, mas também pelo que foi oficialmente descrito como 'união de pessoal'. A autoridade legal para operar esta maquinaria organizacional foi investida nas empresas que têm capacidade majoritária nas indústrias-chave, como as que produzem ferro e aço, carvão e produtos químicos básicos. Essas empresas foram deliberadamente soldadas por meio de trocas de ações a ponto de um punhado de homens poder fazer política e outras decisões que afetam a todos nós."

Uma dessas "decisões" poderia ter sido a criação de OVNIs desenvolvidos pelos nazistas? Embora esta noção possa parecer superficialmente um absurdo total, o registro público oferece evidências convincentes — embora incompletas — para apoiar essa ideia.

Há duas teorias oferecidas nesta área. A primeira é que Bormann e outros altos nazistas escaparam para a América do Sul ou uma base secreta na Antártida, onde construíram OVNIs tão sofisticados que seu império nazista secreto tem exercido controle significativo sobre eventos mundiais e governos até hoje. Embora não haja dúvida de que a rede de negócios e financeira criada por Bormann exerce uma certa quantidade de poder ainda hoje, a evidência para a existência de uma grande base nazista contendo OVNIs é virtualmente inexistente, consistindo principalmente da conhecida exploração da Terra da Rainha Maud da Antártida — renomeada Neuschwabenland pelos alemães — em 1938 e algumas declarações não verificadas. Segundo consta, o grande almirante da marinha alemã, Karl Doenitz, declarou em 1943: "A frota de submarinos alemã orgulha-se de ter construído para o Führer em outra parte do mundo um Shangri-lá na terra, uma fortaleza inexpugnável." E foi relatado que o almirante americano Richard Byrd, ao retornar de uma expedição à Antártida em 1947, afirmou que era "necessário para os EUA tomar ações defensivas contra caças aéreos inimigos que vêm das regiões polares" e que a América poderia ser "atacada por caças que são capazes de voar de um polo ao outro com velocidade incrível".

Avançando a ideia de que os nazistas enviaram continuamente homens e material para o Polo Sul durante os anos de guerra, Harbinson escreveu: "Sobre a possibilidade dos alemães construírem fábricas de pesquisa subterrâneas autossuficientes na Antártida, basta salientar que os centros de pesquisa subterrâneos da Alemanha nazista foram feitos de construção gigantescos, contendo túneis de vento, oficinas mecânicas, fábricas de montagem, plataformas de lançamento, depósitos de suprimentos e alojamento para todos os que lá trabalhavam, incluindo campos adjacentes para escravos — e ainda assim muito poucas pessoas sabiam que existiam."

Mas, embora os contos de uma base nazista secreta na Antártida possam parecer plausíveis para alguns, a ideia de que ela permaneceu não descoberta e que ninguém escapou ou desertou do local em mais de cinquenta anos força a crença até o ponto de ruptura. É mais

provável que a Antártida tenha sido meramente uma estação de passagem para líderes nazistas que viajavam para suas novas casas na Argentina e no Paraguai.
A segunda teoria sobre OVNIs nazistas — e muito mais crível — é que o programa de discos voadores alemão foi usado como alavanca de barganha pelos nazistas e secretamente desenvolvido por uma ou mais nações aliadas após a guerra.
Se esta teoria estiver correta, poderia resolver um dos mistérios de OVNIs do pós-guerra — os "foguetes fantasmas" da Suécia.

Foguetes Fantasmas (Ghost Rockets)
Começando em maio de 1946, objetos estranhos cuspindo fogo foram vistos sobre a Suécia. Em agosto, relatos dos OVNIs estavam chegando de toda a Europa e até mesmo das porções norte e leste do Mediterrâneo. Em 11 de agosto, após investigação por um comitê especial de oficiais militares e de aviação, as autoridades suecas reconheceram o fenômeno, afirmando: "Foguetes fantasmas — objetos misteriosos em forma de carretel com caudas flamejantes — tornaram-se uma visão comum na Suécia." Além da descrição dos objetos como dispositivos metálicos em forma de foguete, alguns com pequenas aletas, cerca de trinta fragmentos supostamente caídos dos objetos foram estudados. Eles foram determinados como sendo pedaços de escória que não pareciam fazer parte de nenhum foguete. Em dezembro de 1946, os relatos dos "foguetes" diminuíram e as autoridades suecas afirmaram que 80 por cento dos avistamentos tinham explicações convencionais, restando apenas 20 por cento "não identificados". Eles consideraram seriamente a ideia de que as naves eram armas V alemãs capturadas, enviadas sobre a Suécia pelos russos para fins de intimidação.
O pesquisador britânico Mark Birdsall, após um estudo intensivo das armas secretas nazistas, concluiu: "Sem dúvida, quase todos os relatos de Foo-Fighter e Foguete Fantasma podem ser categorizados como tecnologia avançada canalizada dessas várias instalações científicas secretas alemãs da Segunda Guerra Mundial."
Os autores Renato Vesco e David Hatcher Childress, citando documentos do Ministério da Aeronáutica italiano datados de 16 de setembro de 1946, afirmam que os britânicos podem ter sido os originadores dos dispositivos. Eles relataram que em agosto de 1946, a BBC informou que um novo centro de pesquisa aeronáutica seria construído em Bedfordshire que produziria "máquinas que se espera que possam atingir pelo menos 1.500 mph". O relatório acrescentava: "De acordo com alguns especialistas, esses aviões já foram construídos e testados e é provável que num futuro próximo eles voem sobre a Grã-Bretanha. Se necessário, tais aviões poderiam voar sem escalas ao redor do mundo muitas vezes, porque precisam de combustível apenas para decolagem e pouso. A Grã-Bretanha já surpreendeu o mundo com seus excelentes motores turbojato, mas este novo desenvolvimento de cientistas britânicos é o maior passo que a aeronáutica deu desde que o homem começou a voar."
Como nenhuma nave desse tipo jamais voou na Inglaterra, Vesco e Childress concluíram que os testes devem ter sido realizados em outro lugar — nomeadamente, nos ermos do sudoeste do Canadá.

Eles citaram um relatório do *Toronto Star* no qual o Ministro da Produção de Defesa, C. D. Howe, disse à Câmara dos Comuns que um novo tipo de aeronave estava sendo construído em colaboração entre a Real Força Aérea Canadense e a A. V. Roe Ltd. (AVRO) em instalações perto de Malton, Ontário. O jornal comentou que as palavras de Howe estavam "dando peso aos relatos de que a AVRO está agora mesmo trabalhando em um modelo mock-up de um 'disco voador' capaz de voar a 1.500 milhas por hora e subir verticalmente no ar."

Os Estados Unidos podem ter compartilhado esta nova tecnologia, como sugerido por outra notícia de Toronto que afirmava: "Um mock-up do disco voador canadense, a aeronave altamente secreta em cuja existência poucos acreditam, foi mostrado ontem a um grupo de 25 especialistas americanos, incluindo oficiais militares e cientistas." Esta parceria foi confirmada em 25 de outubro de 1953, quando o Secretário da Força Aérea dos EUA, Donald Quarles, divulgou uma declaração informando: "Estamos agora entrando em um período de tecnologia da aviação no qual aeronaves de configuração incomum e características de voo começarão a aparecer... A Força Aérea voará o primeiro avião de subida vertical movido a jato em questão de dias. Temos outro projeto sob contrato com a AVRO Ltd. do Canadá, que poderia resultar em aeronaves em forma de disco um tanto semelhantes ao conceito popular de um disco voador... Embora algumas destas possam assumir formas novas, como o projeto AVRO, são descendentes diretos de aeronaves convencionais e não devem ser consideradas supranaturais ou misteriosas..." Os discos voadores da AVRO — houve pelo menos duas versões, o AV-9 e o AZ-9 "AVRO-Car" — eram aeronaves em forma de disco movidas a jato projetadas por John Frost para a AVRO Ltd., que supostamente voaram pela primeira vez em 1959.

Quando os Estados Unidos começaram a trabalhar com os canadenses, a ideia de uma aeronave circular não era nova. Os EUA produziram seu próprio disco voador em 1942, quando Charles H. Zimmerman projetou o V-173 "Flying Flapjack" para a Marinha dos EUA. Esta nave experimental em forma de disco foi construída e testada em voo pela Chance-Vought Corp., mas foi abandonada em 1947 como impraticável. Um V-173 original ficou em exibição no Smithsonian Institution por vários anos. Da mesma forma, o projeto do disco voador AVRO-Car foi considerado um fracasso e cancelado em 1960.

"No entanto", escreveu Harbinson em 1991, "enquanto os governos canadense e americano insistiram que não estão mais envolvidos com projetos de construção de discos voadores, há muitos que acreditam que estão mentindo e que os governos canadense, britânico, americano e até soviético continuam a trabalhar em aeronaves supersônicas altamente avançadas em forma de disco, baseadas no trabalho feito na Alemanha nazista." Dando peso a esta alegação estava um memorando da CIA datado de 19 de outubro de 1955, que afirmava: "[O projetista do AVRO-Car] Sr. Frost teria obtido sua ideia original para a máquina voadora de um grupo de alemães logo após a Segunda Guerra Mundial..."

Uma variação mais estranha desta acusação veio do ex-tenente-coronel da Força Aérea dos EUA, George Edwards, que afirmou ter trabalhado no projeto AVRO e chegou a entender que era uma capa para testar uma "verdadeira nave espacial alienígena". Edwards disse: "O VZ-9 seria uma 'capa' para que o Pentágono tivesse uma explicação sempre que as pessoas

relatassem ver um disco voador em voo." Este tema foi retomado pelo escritor Robert Dorr, um veterano da força aérea que afirmou ter sabido de um disco voador alienígena recuperado de uma queda na Costa Leste em 1953. Dorr disse que o uso do AVRO-Car como uma "cortina de fumaça" para desviar a atenção pública do verdadeiro OVNI respondia muitas perguntas sobre o programa AVRO — como por que o sistema de armas nunca foi projetado para ser armado, por que, sendo o atual líder aeroespacial, os Estados Unidos entraram em negócios com uma potência secundária como o Canadá, e por que o AVRO foi tão divulgado quando foi anunciado pela primeira vez em 1955, mas não foi divulgado quando testado em voo em 1959.

É intrigante notar que, como veremos em breve, os primeiros avistamentos de OVNIs altamente divulgados da América ocorreram no noroeste dos Estados Unidos e, em ambos os casos, os OVNIs voaram em direção ao Canadá.

Mas antes que o primeiro grande "surto" de OVNIs ocorresse, deve-se mencionar que um empreendimento literário pode ter construído tanto a recepção pública quanto a percepção dos eventos vindouros.

Em 1938, um anão corcunda nascido em Wisconsin chamado Raymond A. Palmer foi nomeado editor da *Amazing Stories*, uma revista de polpa voltada para adolescentes com contos combinando aventuras heroicas, robôs, ficção científica, fantasmas e patriotismo de guerra. Por exemplo, uma história na edição de março de 1943 tratava de "Um novo asteroide [que] veio para o sistema solar e circulou a Terra — e se tornou uma base para bombardeiros nazistas!" Em janeiro de 1944, Palmer publicou uma carta de um Richard Sharpe Shaver, um trabalhador nos estaleiros da Filadélfia, que afirmava ouvir "vozes" vindas de seu equipamento de solda. Encorajado por ter sua carta publicada, Shaver enviou a Palmer um manuscrito desconexo escrito a lápis em envelopes, sacos, contas e outros pedaços de papel intitulado "Um Aviso ao Homem Futuro". Shaver disse que seus escritos eram baseados em memórias de vida no continente perdido da Lemúria, induzidas nele por "mentes alienígenas" que vieram à Terra há 150.000 anos e ainda viviam em vastas cavernas dentro da terra. Palmer expandiu o manuscrito de Shaver em três vezes e o publicou em março de 1945 como "I Remember Lemuria!" ("Eu me lembro da Lemúria!").

Apesar da natureza extravagante da narrativa de Shaver, Palmer a publicou como uma história verdadeira, embora nos anos seguintes tenha admitido estar ciente de que Shaver passara alguns anos em um hospital psiquiátrico. As vendas da revista dispararam para mais de 250.000 por mês, e as histórias sobre naves espaciais e alienígenas aumentaram. Em meados de 1946, Palmer escreveu: "Se você não acha que naves espaciais visitam a Terra regularmente... e se você pensa que partes responsáveis nos governos mundiais ignoram o fato de naves espaciais visitarem a Terra, você simplesmente não pensa como nós."

O autor Curtis Peebles comentou: "Será difícil encontrar um resumo mais conciso do mito do disco voador. No entanto, isso foi um ano antes do primeiro avistamento amplamente divulgado." O palco estava montado para os primeiros grandes relatos de OVNIs, com visitantes extraterrestres, naves voadoras com sistemas de energia milagrosos e sigilo governamental já fazendo parte do folclore público.

Arnold e o Mistério da Ilha Maury

O ano de 1947 provou ser fundamental, separando os relatos anteriores de objetos no céu dos avistamentos modernos de OVNIs. A maioria das pessoas acredita que isso decorreu de um grande caso naquele ano. Na verdade, houve uma epidemia de incidentes de OVNIs naquele ano. Esses avistamentos contínuos foram mencionados apenas em jornais locais e muitos permaneceram desconhecidos até hoje.

O início de um evento de OVNI amplamente divulgado da era moderna ocorreu em 21 de junho de 1947, na Ilha Maury, no Puget Sound, no estado de Washington. Harold A. Dahl, um patrulheiro do porto, relatou que às 14h00 — junto com dois tripulantes, seu filho adolescente e seu cachorro — havia guiado seu barco para uma baía da Ilha Maury para escapar do mau tempo quando viram seis objetos "em forma de rosca" a cerca de dois mil pés no ar. Cinco pareciam estar circulando o sexto, que parecia estar com dificuldades e perdendo altitude. Eles foram descritos como objetos metálicos dourados e prateados com aproximadamente cem pés de largura, com um buraco no centro e o que pareciam ser vigias ao redor do perímetro e uma janela escura na parte inferior. Após uma pequena "explosão", escória quente choveu sobre a área, matando o cachorro e ferindo levemente o braço do filho, disse Dahl. Temendo que a nave pudesse cair, ele encalhou seu barco e começou a tirar fotos com uma pequena câmera. Logo os seis OVNIs subiram e se moveram para noroeste em direção ao Canadá e ao Pacífico. Dahl disse que tentou transmitir um relatório por rádio, mas seu equipamento foi bloqueado com interferência. Recolhendo um pouco do metal caído, Dahl e companhia retornaram à sua base em Tacoma, onde enviou seu filho para tratamento e deu as amostras de metal, sua câmera e filme ao seu superior, Fred Lee Crisman.

Crisman, irritado com os danos ao barco, não acreditou na história de Dahl, mas concordou em investigar a Ilha Maury e olhar os relatados "20 toneladas" de detritos caídos. Mas no dia seguinte, antes que alguém tivesse sido informado dos eventos na ilha, Dahl disse que um homem vestido de preto visitou sua casa e lhe disse: "O silêncio é o melhor para você e sua família. Você viu o que não deveria ter visto." No dia seguinte, 23 de junho, Crisman visitou a Ilha Maury como prometido. Lá, ele relatou mais tarde ter encontrado material escuro vítreo e folha brilhante espalhados pela praia. Ele disse que sua inspeção foi interrompida pelo aparecimento de um dos OVNIs semelhantes a câmaras de ar, que passou silenciosamente sobre suas cabeças antes de desaparecer nas nuvens.

O assunto permaneceu assim até depois do mais famoso dos avistamentos iniciais de OVNIs modernos.

Em 24 de junho de 1947, Kenneth Arnold, de trinta e dois anos, um bem-sucedido empresário de Boise, Idaho, piloto, vice-xerife federal e membro do Idaho Search and Rescue Mercy Flyers, estava voando para casa quando decidiu ajudar na busca por um avião de transporte Curtiss C-46 dos Fuzileiros Navais que se acreditava ter caído em algum lugar nas Montanhas Cascade. Uma recompensa de $5.000 era um incentivo adicional. O único ocupante de um avião particular Callair, Arnold havia decolado de Chehalis, Washington, com uma parada programada em Yakima, quando desviou de sua rota de voo para procurar o transporte desaparecido no planalto do Monte Rainier. Algum tempo após as 14h00,

enquanto voava a uma altitude de cerca de 9.200 pés, um "flash tremendamente brilhante iluminou as superfícies" de sua aeronave. Procurando a fonte do flash, Arnold só conseguia ver um avião comercial Douglas DC-4 à sua esquerda. Quando estava prestes a decidir que o flash fora causado pelo sol refletindo nas asas de um caça militar que passava rapidamente, outro flash chamou sua atenção para os céus ao norte do Monte Rainier. "Observei muito à minha esquerda e ao norte, uma formação de objetos muito brilhantes vindo das proximidades do Monte Baker, voando muito perto dos topos das montanhas e viajando a uma velocidade tremenda", relatou Arnold mais tarde. "Eles não voavam como qualquer aeronave que eu tinha visto antes... voavam em uma formação definida, mas erraticamente... como barcos de corrida em mar agitado ou semelhantes à cauda de uma pipa chinesa que uma vez vi balançando ao vento... eles esvoaçavam e deslizavam, inclinando suas asas alternadamente e emitindo flashes azuis-brancos muito brilhantes de suas superfícies."

Como os objetos estavam se movendo quase diretamente através da rota de voo de Arnold e passando atrás de algumas das montanhas, ele não teve dificuldade em calcular sua velocidade. Arnold verificou seu relógio quando o primeiro dos nove objetos passou pelo Monte Rainier e novamente quando o último objeto passou pela crista do Monte Adams. Um minuto e quarenta e dois segundos haviam se passado. Mais tarde, após verificar a distância entre os dois picos, Arnold determinou que os objetos estavam voando a quase 1.700 milhas por hora — o dobro da velocidade do som. Nenhuma aeronave daquela época havia atingido velocidades próximas a essa.

Após pousar, Arnold relatou sua experiência a outros pilotos, muitos deles veteranos militares. A suspeita cresceu de que ele havia encontrado testes secretos de novos dispositivos militares, nossos ou dos soviéticos. Arnold escreveu mais tarde: "Eram mísseis guiados, controlados robotizadamente. Eu sabia que velocidades dessa magnitude o corpo humano simplesmente não podia suportar, particularmente considerando os movimentos erráticos e de cambalhota dessas naves estranhas."

Naquela noite, após voar para Pendleton, Oregon, Arnold discutiu seu encontro com um membro da equipe do jornal *East Oregonian*. Ele disse que os objetos "voavam como um pires faria se você o fizesse saltar sobre a água", descrevendo não a aparência, mas as características de voo dos OVNIs. A notícia do avistamento de Arnold chegou à Associated Press, que chamou os OVNIs de "objetos semelhantes a pires" e transmitiu a história para toda a América. O termo "disco voador" rapidamente se tornou parte da linguagem. "O significado disso", escreveu John Spencer, vice-presidente da British UFO Research Association (BUFORA), "é que mostra o poder da mídia em influenciar a percepção do público sobre os eventos e, de fato, pode-se argumentar que a deturpação da mídia da frase de Arnold criou parte da mitologia em torno dos OVNIs que é incorreta e, pior, mascara a realidade."

Embora o avistamento de Arnold certamente não tenha iniciado a era moderna dos OVNIs — sem testemunhas de apoio, sem fotos e sem confirmação de radar, foi um caso bastante fraco — ele desencadeou a primeira atenção generalizada da mídia. E foi a atenção da mídia que precipitou a próxima fase da história da Ilha Maury, que reuniu Kenneth Arnold, o

editor Raymond Palmer e as testemunhas da Ilha Maury — e uma história cheia de enigmas insolúveis que prenunciaram a atual perplexidade sobre os casos de OVNIs.
Algumas semanas após seu avistamento, Arnold disse ter sido visitado pelo Capitão William Davidson e pelo Tenente Frank M. Brown, que disseram ser da Inteligência Militar da Quarta Força Aérea, Hamilton Field, Califórnia. Os oficiais ouviram de olhos arregalados enquanto Arnold relatava sua experiência e depois retornaram à sua base.
Enquanto isso, o editor da *Amazing Stories*, Palmer, foi rápido em direcionar seus leitores para os relatos nacionais de discos voadores como prova das alegações de Richard Shaver de visitantes extraterrestres em naves espaciais. Ele havia recebido uma carta de Dahl e Crisman relatando a história da Ilha Maury. Curiosamente, Crisman havia escrito para Palmer anteriormente, afirmando ter lutado em uma caverna com uma mutação criada por um dos alienígenas de Shaver. Mais tarde, Palmer chegou a dizer que reconheceu a voz de Crisman como a de um homem que o havia telefonado em várias ocasiões de diferentes partes dos Estados Unidos.
Tendo se comunicado com Kenneth Arnold sobre seu avistamento do Monte Rainier, Palmer escreveu novamente pedindo ao piloto que investigasse o caso da Ilha Maury.
Arnold, com sua curiosidade aguçada pela avalanche de relatos de discos voadores e um adiantamento de $200 de Palmer, concordou e voou para se encontrar com Dahl em 29 de julho. Aqui a história começou a se mover para o bizarro. Incrivelmente — e amplamente desconhecido mesmo para pesquisadores sérios de OVNIs — Arnold experimentou um segundo encontro com OVNIs nesta viagem. Durante uma descida para reabastecer em LaGrand, Oregon, Arnold disse que cerca de vinte e quatro pequenos OVNIs de cor latão, semelhantes em configuração aos que ele vira cinco semanas antes, passaram rapidamente a menos de quatrocentas jardas de seu avião. Mas esses objetos pareciam ser muito menores que os anteriores, medindo apenas dois pés ou mais de diâmetro. Arnold filmou este voo de OVNIs, mas devido à brevidade do encontro, seu filme mostrou apenas alguns pequenos pontos e não foi considerado uma evidência forte.
Chegando a Tacoma para seu encontro com Dahl, Arnold descobriu que não havia quartos de hotel disponíveis. Numa tentativa final de alojamento, tentou o hotel mais caro da cidade e ficou chocado ao saber que havia um quarto reservado em seu nome, embora ninguém tivesse certeza de quem havia feito a reserva. Em 30 de julho, Arnold se encontrou com Dahl, que disse estar hesitante em falar após sua experiência com o homem de preto. A pedido de Arnold, Dahl cedeu e repetiu sua história, mas não conseguiu produzir as fotografias dos OVNIs, alegando que Crisman as havia extraviado. Dahl forneceu a Arnold um espécime do que disse ser detritos de OVNI da Ilha Maury. Arnold não ficou impressionado, pois o material parecia nada mais do que rocha vulcânica.
Arnold ficou ainda mais perplexo quando Dahl lhe contou sobre uma carta anônima que recebera depois que a notícia do incidente da Ilha Maury se espalhou. Como posteriormente relatado por Arnold em um livro com Raymond Palmer intitulado *Coming of the Saucers* (A Chegada dos Discos Voadores), o escritor da carta afirmava que os discos voadores eram ocupados por seres menos densos do que nós, que se tornaram visíveis para nós apenas por

causa da radiação liberada por explosões atômicas e que eles estavam aqui para proteger os humanos de influências e inimigos externos.
Após entrevistar Crisman, Arnold sentiu-se desconfortável com a história da Ilha Maury. Mais tarde, disse que sentiu que Crisman estava tentando monopolizar a história, desviando qualquer investigação real e escondendo sua verdadeira identidade. Buscando ajuda, Arnold contatou e foi acompanhado pelo piloto da United Airlines, Capitão E. J. Smith. Ambos analisaram a história e as evidências e ambos sentiram que a história indicava uma farsa ou um complô de espionagem "perigoso". Suas suspeitas aumentaram quando souberam que alguém havia fornecido ao escritório da United Press International em Tacoma transcrições literais de suas entrevistas e conversas. No entanto, uma busca extensiva em seu quarto de hotel não revelou nenhum dispositivo de escuta. O autor Paris Flammonde comentou: "Arnold parece não ter ligado o fato de que quando chegou a Tacoma não conseguiu um quarto em vários hotéis, mas se viu registrado por um benfeitor desconhecido e um funcionário não identificado em um quarto específico de um hotel pré-selecionado. Teria sido um pequeno problema para um operador de inteligência profissional, treinado em vigilância eletrônica, esconder um dispositivo de escuta em aposentos para os quais Arnold seria canalizado por um simples arranjo de circunstâncias."
Arnold e Smith estavam agora altamente suspeitos, tanto de Crisman quanto porque não podiam entrevistar o filho de Dahl — supostamente no hospital para tratamento de seu braço — nem os outros tripulantes, que não puderam ser localizados. Além disso, não puderam verificar se Dahl ou Crisman eram realmente patrulheiros do porto e seu "barco" acabou sendo pouco mais do que um barco de pesca mal conservado. Eles examinaram pedaços de metal dados a eles por Dahl e Crisman como material de OVNI e concluíram que a evidência era "falsa". "Tínhamos visto centenas de pilhas dessas coisas em depósitos de sucata em muitos lugares dos Estados Unidos onde bombardeiros excedentes do Exército haviam sido descartados", escreveu Arnold mais tarde. No entanto, ele observou que a "coisa" não correspondia à descrição anterior de Dahl de "metal branco extremamente leve". Arnold disse que queria trazer a inteligência militar para o caso, uma proposta que encontrou reações mistas. Smith concordou sem entusiasmo, Crisman pareceu extremamente feliz com a perspectiva, enquanto Dahl disse que se recusaria a falar com militares e parecia relutante em continuar com a investigação. Inabalado, Arnold telefonou para o Tenente Brown, que se recusou a aceitar sua ligação em sua base, mas logo retornou a ligação de um telefone público. Brown concordou em se juntar à investigação. Antes que o dia terminasse, tanto Brown quanto o Capitão Davidson tinham chegado para se juntar a Arnold e Smith.
Apesar de sua rápida resposta, uma vez no local, tanto Brown quanto Davidson pareciam estranhamente despreocupados. "Eles me deram a impressão de que pensavam que Smith e eu éramos vítimas de alguma farsa tola", escreveu Arnold mais tarde. "Quando lhes oferecemos pedaços dos fragmentos [do OVNI]... eles simplesmente não estavam interessados." Os desmascaradores acreditam que os dois oficiais de inteligência simplesmente reconheceram tanto a história quanto a evidência como falsas. O par deixou

Arnold e Smith perto da meia-noite, nem se dando ao trabalho de levar os fragmentos do OVNI.
No entanto, de acordo com Arnold, enquanto Brown e Davidson partiam para o aeroporto, Crisman correu até seu automóvel e entregou-lhes uma caixa que se pensava ser detritos de OVNI. Arnold disse que enquanto carregavam a caixa no porta-malas, ele vislumbrou o material, que "parecia semelhante aos fragmentos que tínhamos em nosso quarto", mas de alguma forma "parecia mais rochoso e menos metálico".
Na manhã seguinte, o caso tomou um rumo mais sinistro. Arnold e Smith ficaram chocados ao saber que o B-25 que transportava Brown e Davidson havia caído após a decolagem, matando ambos os homens. Dois homens alistados saltaram de paraquedas em segurança. A queda fatal poderia ter sido simplesmente um fim trágico para uma história de farsa. Em vez disso, apenas acrescentou ao quebra-cabeça.
A convite do chefe da UPI de Tacoma, Ted Morello, Arnold ouviu uma entrevista gravada com o Sargento Mestre Elmer L. Taff, um dos sobreviventes da queda do B-25. Taff disse que só havia pegado uma carona para casa no avião e não conhecia nenhum dos outros três ocupantes. Ele disse que viu os dois oficiais (Brown e Davidson) carregarem uma caixa pesada no avião pouco antes da decolagem. Taff disse que cerca de vinte minutos após a decolagem, o motor esquerdo do avião explodiu em chamas e quando um dos tripulantes tentou ativar o equipamento de combate a incêndio de emergência, ele estava inoperante. De acordo com Taff, o Tenente Brown veio da frente do avião e ordenou que os dois homens alistados colocassem paraquedas e saltassem. Taff lembrou que se passaram aproximadamente dez minutos entre o momento em que saltou e o momento em que o avião caiu na terra. Ele não tinha explicação para o motivo pelo qual os dois oficiais não poderiam ter saltado de paraquedas ou enviado um sinal de socorro pelo rádio.
A força aérea disse que a queda foi causada por um defeito mecânico no motor esquerdo que incendiou a asa, mas outros não tinham tanta certeza. A edição de 1º de agosto de 1947 do *Tacoma Times* trazia manchetes dizendo "Sabotagem Sugerida em Queda de Bombardeiro do Exército em Kelso" e "Avião Pode Guardar Segredo de Disco Voador". Um informante não identificado disse a jornalistas que o avião havia sido adulterado para impedir que os detritos do OVNI chegassem à base dos oficiais na Califórnia. O jornal citou o Major George Sander confirmando que o avião transportava "material classificado". O autor Curtis Peebles não fez menção à caixa pesada e descartou o "material classificado" como "apenas um arquivo de relatórios que eles se ofereceram para levar de volta a Hamilton; os relatórios não tinham nada a ver com discos voadores".
O Major Sander, após chegar ao local, tentou convencer Arnold e Smith de que tinham sido enganados e que os detritos do OVNI eram apenas escória da Tacoma Smelting Company. No entanto, Sander foi enfático que todo o material fosse entregue a ele. "Não queremos negligenciar nem um único pedaço", Arnold o citou dizendo. Foi definitivamente uma exigência estranha de alguém que claramente afirmou que todo o episódio era uma farsa. O pesquisador Harold Wilkins afirmou em um livro de 1967 que parte da escória foi testada independentemente e descobriu-se que continha uma proporção incomumente alta de cálcio

não oxidado, juntamente com ferro, zinco e titânio, o que indicava um processo de fabricação desconhecido.
Entristecido pelas mortes e enojado com as incertezas da investigação, Arnold decidiu abandonar todo o caso. Mas antes de deixar Tacoma, decidiu fazer uma última visita a Dahl e Crisman — apenas para descobrir que ambos os homens haviam desaparecido sem deixar vestígios.
Embora Crisman possa ter desaparecido do caso da Ilha Maury, ele não desapareceu do palco da conspiração. Em mais uma reviravolta bizarra, Crisman apareceu anos depois em outro grande mistério — o assassinato do presidente John F. Kennedy.
Em 1968, Crisman foi intimado a comparecer perante um grande júri pelo promotor distrital de Nova Orleans, Jim Garrison, que afirmou ter descoberto um complô em sua cidade para matar Kennedy. Garrison disse que o complô envolvia o suposto assassino Lee Harvey Oswald, o diretor do New Orleans International Trade Mart, Clay Shaw, o ex-agente do FBI Guy Banister, o agente CIA-Máfia David Ferrie e outros. Em um comunicado à imprensa datado de 31 de outubro de 1968, Garrison afirmou: "O Sr. Crisman tem se envolvido em atividades encobertas para uma parte do complexo industrial de guerra por anos... Nossa informação indica que desde o início dos anos 1960 ele fez muitas viagens para as áreas de Nova Orleans e Dallas em conexão com seu trabalho encoberto para aquela parte da indústria bélica engajada na fabricação do que é chamado, em linguagem militar, de 'hardware' — significando aquelas armas vendidas ao governo dos EUA que são excepcionalmente grandes e caras."
Crisman, por sua vez, declarou de sua casa em Tacoma que estava disposto a testemunhar, mas não sabia nada de um complô de assassinato, embora pessoalmente acreditasse que Kennedy foi de fato morto por uma conspiração. Crisman foi conectado ao caso Garrison através do disc jockey de Nova Orleans, Thomas Edward Beckman. Crisman disse a jornalistas que Beckman era um "banqueiro" para "combatentes da liberdade cubanos", e aparentemente Garrison pensou que ele pudesse saber algo importante sobre Beckman. De acordo com as fontes de Garrison, Crisman também estava intimamente ligado a Clay Shaw e, de fato, era "o primeiro homem que Clay ligou depois de ser informado de que estava em apuros".
O passado de Shaw aumentou a intriga. De acordo com sua biografia oficial, Shaw foi ajudante de campo do General Charles O. Thrasher durante a Segunda Guerra Mundial, um oficial envolvido no manuseio de prisioneiros nazistas de alto escalão, muitos dos quais foram reassentados nos Estados Unidos sob um programa altamente classificado conhecido como Projeto Paperclip. Shaw admitiu ter sido membro do Office of Strategic Services (OSS), precursor da CIA. Ele também foi listado como membro do conselho da Permindex, cuja empresa-mãe, Centro Mondiale Commerciale (World Trade Centers), foi considerada pelas autoridades italianas como uma frente de inteligência chefiada por fascistas proeminentes, como o subsecretário de agricultura de Benito Mussolini, Príncipe Gutierrez di Spadaforo, cuja nora era parente do ex-ministro das finanças alemão e presidente do Reichsbank, Hjalmar Horace Greeley Schacht, o homem que havia reunido Hitler e os industriais alemães ricos.

De acordo com arquivos da CIA, Crisman também foi membro do OSS durante a Segunda Guerra Mundial, servindo como oficial de ligação com a Real Força Aérea Britânica. No final da guerra, Crisman, supostamente dispensado do serviço militar, entrou em uma Escola de Segurança Interna do OSS e foi discretamente transferido para a recém-formada CIA, onde atuou como um "agente estendido", principalmente como especialista em segurança interna em atividades de "interrupção". Os arquivos mostram que Crisman esteve envolvido em uma subseção altamente classificada da Segurança Interna conhecida como 1Sece, Easy Section, uma unidade de planejamento de interrupção cuja própria existência foi negada pela CIA. Os documentos da CIA detalhavam as atividades de Crisman ao longo dos anos — incluindo relatórios secretos à agência sobre oficiais militares durante a Guerra da Coreia e executivos de empresas enquanto trabalhava para a Boeing em Seattle — mas não continham nenhuma menção ao caso da Ilha Maury. Eles afirmavam que "Crisman deixou a área de Rainier, Oregon, e passou vários meses em Nova Orleans, onde parece ter sido muito amigo de várias figuras políticas e fez da cidade de Nova Orleans uma sede para várias pequenas áreas de interrupção... Ele foi... mais tarde lembrado por Garrison. Garrison não sabia naquela época que Crisman era um agente da CIA ou que era de qualquer forma um funcionário federal."

Crisman testemunhou perante o grande júri de Nova Orleans, não divulgando nada útil e negando ser qualquer tipo de agente. O público pouco notou quando ele morreu em 10 de dezembro de 1975.

Em 1987, o autor de OVNIs John Keel publicou a teoria de que Crisman pode ter trabalhado em nome da nascente Comissão de Energia Atômica (AEC) e, após ouvir sobre a experiência de Kenneth Arnold, recrutou a ajuda de Dahl para fabricar a história do OVNI da Ilha Maury para encobrir o despejo ilegal de escória radioativa da usina de processamento de plutônio da AEC em Hanford, Washington.

A maioria dos pesquisadores de OVNIs hoje nem menciona o caso da Ilha Maury em seus escritos, tendo descartado toda a coisa como uma farsa. Mas ao fazer isso, eles perderam o significado mais profundo do que estava por trás da história. Dahl e Crisman realmente tiveram um encontro com naves espaciais alienígenas? Eles foram pressionados por operadores de inteligência a encobrir o evento? Ou foi realmente uma farsa? Com que propósito? Se foi para ganhar fama e fortuna, nenhum dos dois conseguiu. Foi uma armação para desacreditar Kenneth Arnold? Foi para encobrir o despejo ilegal de resíduos pela AEC? A história foi obscurecida para proteger o sigilo do Projeto Paperclip? Ou foi para desviar a atenção dos testes secretos de discos voadores nazistas?

O desmascarador Curtis Peebles aceitou o relatório oficial da força aérea sobre o assunto, que afirmava: "Ambos [Crisman e Dahl] admitiram que os fragmentos de rocha não tinham nada a ver com discos voadores. A coisa toda foi uma farsa..."

Kenneth Arnold não tinha tanta certeza. Escrevendo em 1952, Arnold disse: "Hoje ainda é tão misterioso o que realmente aconteceu em Tacoma quanto era em 3 de agosto de 1947."

O premiado jornalista investigativo Anthony Kimery observou: "O que está claro é que a comunidade de inteligência estava profundamente imersa nos próprios eventos que

lançaram a ufologia contemporânea." Também parecia claro que as testemunhas da Ilha Maury, particularmente Crisman, sabiam muito mais do que estavam dizendo.
Alguns farsantes é uma coisa, mas este caso obviamente envolveu muito mais. Se nada mais, ele estabeleceu o tom para muitos casos posteriores de OVNIs com seus encontros não documentados, evidências desaparecidas, testemunhas questionáveis, "homens de preto" emitindo ordens de silêncio e o envolvimento de agentes de inteligência.
Deve-se notar que quase ninguém na época — exceto talvez Raymond Palmer e os leitores da *Fate*, uma revista que ele fundou após deixar o cargo de editor da *Amazing Stories* — considerava seriamente os discos voadores como naves espaciais extraterrestres. Na verdade, foi na edição inicial da primavera de 1948 da *Fate* que Kenneth Arnold publicou um artigo no qual ele primeiro afirmou que os discos voadores poderiam ser do espaço sideral. A maioria das pessoas acreditava que eles eram armas secretas do governo, tanto dos Estados Unidos quanto da Rússia.
Ninguém estava mais ciente da ameaça de aeronaves estrangeiras avançadas do que o Pentágono, onde certos oficiais militares de alto nível devem ter conhecido os discos voadores AVRO-Car e talvez outros. Embora todos os ramos das forças armadas tenham proclamado desinteresse em tais relatos, em meados de 1947, o envolvimento dos militares dos Estados Unidos na questão dos OVNIs estava bem estabelecido.

CAPÍTULO 4

O CAMINHO PARA A RECUPERAÇÃO
O ano de 1947 foi um divisor de águas tanto para os OVNIs quanto para os militares dos Estados Unidos. As histórias de Kenneth Arnold e da Ilha Maury foram amplamente divulgadas pela mídia, e os relatos de OVNIs começaram a chegar às autoridades. Os militares, sempre preocupados com novas tecnologias estrangeiras, começaram a considerar a possibilidade de recuperar um espécime acidentado — seja por acidente ou por design. Os especialistas da mídia se perguntavam em voz alta se os crescentes relatos de discos voadores representavam alguma nova invasão dos céus ou se os OVNIs estavam lá o tempo todo e estavam apenas agora sendo reconhecidos publicamente. Em retrospecto, pareceria ser o último caso.
Em meados da década de 1990, Jan Aldrich, um suboficial aposentado da Artilharia de Campanha do Exército dos EUA, iniciou seu projeto solo Projeto 1947, um esforço para extrair de jornais norte-americanos e estrangeiros publicados entre 24 de junho e 15 de julho de 1947 os relatos de OVNIs. Aldrich, que eventualmente recrutou outros pesquisadores para seu projeto, descobriu mais de mil incidentes documentados de OVNIs após examinar mais de 3.200 publicações em todo o mundo — e esses foram apenas os relatos que chegaram a ser impressos e foram localizados. Aldrich disse que havia indicações de que mais milhares de casos poderiam ser descobertos com esforço contínuo.
Mas um caso em particular se tornaria a história de OVNI mais divulgada e misteriosa de todos os tempos — dizia respeito à queda e recuperação relatadas de um OVNI em julho de 1947 no Novo México.

A Queda de Roswell

Nenhuma história de OVNI capturou a imaginação do público como a queda relatada em Roswell, Novo México. Continua sendo uma das questões mais bem documentadas sobre OVNIs, mas ainda não há um consenso claro sobre o que realmente aconteceu.

Para buscar a verdade, deve-se primeiro considerar um relato cronológico do assunto.

A história começou na terça-feira, 1º de julho de 1947, quando instalações de radar no Novo México começaram a rastrear um objeto que zigzagueava pelo estado, exibindo velocidades e capacidade de manobra não convencionais. Na quarta-feira, um objeto foi avistado sobre Roswell. Na quinta-feira, alguns funcionários de Washington voaram para observar o objeto. No final da noite de sexta-feira, o objeto foi perdido nas telas de radar e acreditava-se ter caído.

Sábado, 5 de julho, Grady L. "Barney" Barnett afirmou que ele, juntamente com alguns arqueólogos que estavam trabalhando ao norte de Roswell, descobriram destroços e os relataram. O Corpo de Bombeiros Voluntários de Roswell foi chamado ao local, que ficava em um rancho trinta e cinco milhas ao norte de Roswell. O fazendeiro, William "Mac" Brazel, encontrou detritos espalhados por uma área de três quartos de milha de comprimento e várias centenas de pés de largura — tantos detritos que suas ovelhas se recusavam a atravessá-los. No domingo, 6 de julho, Brazel foi de carro até a cidade e conversou com o xerife, que sugeriu que os militares fossem notificados. Logo, unidades militares chegaram e isolaram a área. Mais tarde naquele dia, Brazel falou com o oficial de inteligência aérea, Major Jesse A. Marcel, e mostrou-lhe um pedaço dos detritos. Brazel retornou à sua base e notificou as autoridades superiores de que algo incomum havia ocorrido. Na segunda-feira, 7 de julho, os militares iniciaram um exame sistemático do campo de Brazel, incluindo uma busca aérea.

No início da manhã de terça-feira, o Major Marcel parou em sua casa ao retornar ao aeródromo e mostrou material incomum à sua esposa e filho. As autoridades militares devem ter sentido que os detritos não constituíam um problema de segurança sério, pois mais tarde naquela manhã, o oficial de informação do 509º Grupo de Bombardeio em Roswell Army Air Field — a única unidade armada com armas atômicas na época — foi autorizado a emitir um comunicado à imprensa anunciando que os militares haviam recuperado um "disco voador". Isso despertou interesse da mídia em todo o mundo. Naquela tarde, o Major Marcel foi ordenado a voar com os detritos para a Base Aérea de Carswell em Fort Worth, Texas.

Enquanto isso, em Washington, as altas autoridades militares ou tomaram conhecimento de novos desenvolvimentos — alguns pesquisadores acreditam que eles souberam da descoberta do corpo principal do OVNI e de corpos alienígenas por equipes de busca militares — ou tiveram segundas pensamentos sobre a divulgação dos detritos. De acordo com a Associated Press, o Vice-Chefe das Forças Aéreas do Exército, Tenente General Hoyt S. Vandenberg, moveu-se para assumir o controle das notícias de Roswell. Na noite de terça-feira, o comandante da 8ª Força Aérea, Brigadeiro General Roger Ramey, de seu escritório em Carswell, disse aos jornalistas que Marcel e outros estavam enganados e que o

"disco voador" não passava de um balão meteorológico. O oficial meteorológico de Ramey, Suboficial Irving Newton, foi chamado e identificou os detritos que viu como pertencentes a um balão meteorológico. Os fotógrafos foram autorizados a tirar fotos dos destroços do "balão". Anos depois, os pesquisadores Kevin D. Randle e Donald R. Schmitt afirmaram que os detritos originais foram substituídos por destroços de balão no escritório de Ramey minutos antes de os jornalistas serem conduzidos para dentro.

Após o anúncio da explicação do balão, o interesse da mídia desapareceu rapidamente. Naqueles dias de conscientização de segurança após a Segunda Guerra Mundial, com o medo de um ataque russo se tornando um modo de vida, ninguém pensou em questionar a versão oficial. O assunto permaneceu assim até 1978, quando Jesse Marcel quebrou o silêncio, dizendo aos pesquisadores de OVNIs Stanton Friedman e Leonard Stringfield que o objeto que ele recuperou não era da terra. Desde então, a história da queda de Roswell se tornou um ponto focal da pesquisa de OVNIs, gerando dezenas de livros, documentários de TV e vídeos.

Não pode haver dúvida de que algo caiu dos céus perto de Roswell em 4 de julho de 1947. A questão é o quê. Mais uma vez, encontramos mentalidades conflitantes. Uma mentalidade aceita a explicação oficial de que um balão militar secreto caiu, de alguma forma foi confundido com uma nave espacial por oficiais de inteligência competentes e foi escondido por razões de segurança por quase meio século. Outra aceita que uma nave espacial caída contendo corpos alienígenas foi recuperada pelos militares e escondida do público.

Todos concordam que nenhum destroço de nave espacial ou corpos alienígenas foram tornados públicos. Portanto, o buscador da verdade fica apenas com o testemunho humano e pronunciamentos oficiais. A base para aceitar a versão do balão repousa exclusivamente em relatórios governamentais, que negam qualquer aspecto incomum no caso de Roswell. Uma longa recitação de mentiras oficiais passadas, desinformação e engano não deve ser necessária para estabelecer que tais pronunciamentos não podem ser aceitos pelo valor de face.

Algumas teorias recentes contendem que os destroços eram na verdade um teste secreto de um dispositivo de aglomerado de dez balões sob o Projeto Mogul, que foi lançado em 3 de julho de Alamogordo, Novo México, ou um balão "Skyhook" secreto da marinha. Se fosse qualquer um desses dispositivos, oficiais de inteligência competentes deveriam ter sido capazes de distingui-lo de um disco voador. Além disso, se esta teoria estiver correta, um balão meteorológico comum deve ter sido substituído pelo balão Mogul ou Skyhook para os fotógrafos de notícias em Fort Worth, corroborando alegações de que a força aérea enganou deliberadamente a mídia e o público. E se eles mentiram sobre uma coisa, é razoável pensar que mentiriam sobre outra.

De acordo com vários relatos, tanto os detritos quanto os corpos alienígenas foram levados para o hospital militar de Roswell, depois levados primeiro para a Base Aérea de Andrews em Washington e depois para Wright Field em Dayton, Ohio.

O desmascarador Curtis Peebles mal mencionou corpos alienígenas em seu livro, concentrando-se nos detritos como exibidos em Fort Worth. Peebles deu os relatos de apenas quatro testemunhas, uma das quais foi Barney Barnett, cuja história ele corretamente

descarta, pois a localização do local da queda por Barnett diferia da maioria das versões e porque investigadores em 1990 descobriram que o diário de Barnett de 1947 não continha menção à queda de Roswell. Peebles pôde afirmar que a história de Barnett era "não apoiada por qualquer documentação ou testemunhas adicionais". Após aludir a algumas das teorias mais ultrajantes sobre o incidente de Roswell, Peebles concluiu com suficiência: "Se todas essas histórias estranhas forem removidas, resta apenas alguns fragmentos em um campo." Por outro lado, considere estas "testemunhas adicionais" extraídas do bem documentado livro *The Truth About the UFO Crash at Roswell* (A Verdade sobre a Queda de OVNI em Roswell) dos pesquisadores Randle e Schmitt:

- William Woody, observando os céus ao sul de Roswell em 4 de julho com seu pai, viu um objeto brilhantemente luminoso com listras vermelhas. Ao contrário de outros meteoros que ele tinha visto, era mais brilhante, da cor errada e demorou muito tempo para cair.
- Madre Superiora Mary Bernadette, do telhado do St. Mary's Hospital de Roswell, viu uma luz brilhante ir para o chão ao norte da cidade e registrou a hora entre 23h00 e 23h30 do dia 4 de julho em um livro de registro.
- Irmã Capistrano, uma freira franciscana que estava ao lado da Madre Superiora Bernadette no St. Mary's Hospital, também viu o objeto descer.
- Cabo E. L. Pyles, estacionado ao sul de Roswell Army Air Field, viu o que primeiro pensou ser uma grande estrela cadente com um brilho alaranjado cair pelo céu entre 23h00 e meia-noite.
- James Ragsdale, um campista que viu um objeto flamejante cair perto de seu acampamento na noite de 4 de julho. No dia seguinte, Ragsdale descobriu uma nave circular acidentada e pequenos corpos. Ele fugiu quando os militares chegaram, pensando que poderia ter problemas.
- Trudy Truelove (pseudônimo), uma companheira de acampamento de Ragsdale, confirmou seu relato, afirmando que também viu a nave e os corpos.
- Jason Ridgway (pseudônimo para proteger a identidade do homem) viu o objeto acidentado, identificou-o como uma nave disco, mas recusou-se a falar sobre isso por muitos anos. Ele era amigo de Mac Brazel, o fazendeiro dono da propriedade.
- C. Curry Holden, um dos vários arqueólogos de campo que tropeçaram no local da queda, descreveu uma "fuselagem grossa" sem asas. Ele também disse que viu três corpos, dois fora da nave, um parcialmente visível dentro.
- Dr. C. Bertrand Schultz, um paleontólogo que trabalhava na área, ouviu falar da queda e dos corpos de Holden e encontrou o cordão militar montado ao redor do local.
- Major Jesse A. Marcel, o oficial de inteligência de Roswell que foi o primeiro no local e anunciou a queda de um "disco voador", levou para casa pedaços de metal estranho, que se endireitavam após serem dobrados, para mostrar à sua família. Embora Marcel não tenha contradito a explicação do balão na época, em anos posteriores ele disse que estava correto da primeira vez sobre uma nave do espaço e que foi amordaçado pelas autoridades militares. "Não era nada desta Terra. Disso, tenho certeza", disse Marcel. "Como trabalhava na inteligência, estava familiarizado com todos os materiais usados em aeronaves e em viagens aéreas. Isso não era nada parecido. Não poderia ter sido."

- Dr. Jesse Marcel Jr., filho do Major Marcel e cirurgião de voo da Guarda Aérea Nacional, que se lembrava claramente das marcações no metal trazido para casa por seu pai como consistindo de "diferentes formas geométricas, folhas e círculos" semelhantes a hieróglifos. Seu pai lhe disse que o metal veio de um disco voador e depois teve que explicar o que era um disco voador para o jovem Marcel.
- Coronel William Blanchard, comandante de Roswell Army Air Field, visitou o local da queda e inicialmente indicou a Marcel que a queda envolvia algo altamente incomum, talvez uma arma secreta soviética. Ele imediatamente passou todo o assunto para seus superiores. Nada foi dito sobre um balão.
- Major Edwin Easley, marechal da provost de Blanchard encarregado da polícia militar que guardava o local da queda, disse aos pesquisadores que um grande volume de detritos da queda foi carregado em caminhões e levado para a base de Roswell, onde foi colocado em um avião. Nos últimos anos, Easley disse que prometeu ao presidente que não revelaria o que viu, mas indicou que acreditava ser uma nave extraterrestre.
- Sargento Thomas C. Gonzales, um dos guardas do local, confirmou mais tarde a recuperação de "homenzinhos" com cabeças e olhos grandes.
- Steve MacKenzie, estacionado em Roswell, rastreou o objeto no radar por quase vinte e quatro horas e depois visitou o local da queda, onde disse que um major de Washington assumiu o controle dos corpos mortos, descritos como pequenos com cabeças e olhos grandes. MacKenzie disse que se o objeto que rastreou tivesse sido um balão meteorológico, secreto ou não, seus superiores teriam ordenado que o ignorasse.
- Tenente-coronel Albert L. Duran, membro da unidade de MacKenzie, reconheceu ter visto os pequenos corpos.
- Suboficial Robert Thomas voou para Roswell de Washington com uma equipe de especialistas, incluindo dois fotógrafos, no início de 4 de julho, após saber da trajetória errática do objeto. Todos estavam no local da queda, de acordo com MacKenzie.
- Sargento Mestre Bill Rickett, um agente do corpo de contrainteligência, chegou tarde ao local da queda, mas descreveu o que viu como uma nave curva com uma borda de fuga semelhante a um morcego que atingiu primeiro a lateral de um penhasco, espalhando uma grande quantidade de detritos. Rickett foi designado para ajudar o cientista da Universidade do Novo México, Dr. Lincoln La Paz. De acordo com Rickett, La Paz, aparentemente sem saber dos corpos, concluiu que a nave era uma sonda não tripulada de outro planeta.
- Sargento Melvin E. Brown disse mais tarde a familiares que ajudou a transportar corpos alienígenas do local da queda para um hangar de Roswell. Ele os descreveu como menores que os humanos, com pele coriácea como a de um réptil.
- Frank Kaufmann, da equipe do 509º Grupo de Bombardeio, falou de uma única caixa grande que foi colocada em um hangar vazio em Roswell e protegida por guardas armados. Ele disse que sabia que a caixa continha corpos recuperados no local da queda.
- Suboficial "Pappy" Henderson, um piloto da 1ª Unidade de Transporte Aéreo, voou com a caixa e os detritos em um avião de transporte C-54 para Andrews Air Field em Washington, e depois para Wright Air Field em Ohio, de acordo com Steve MacKenzie.

- A viúva de Henderson, Sappho, disse que ele descreveu os detritos como "estranhos" e nada que ele tivesse visto antes. Ela acrescentou que, após um especial de TV em 1988, Henderson confirmou as descrições de pequenos corpos recuperados.
- Sarah Holcomb, que trabalhava em Wright Field na época, disse aos pesquisadores que ouviu de um membro da tripulação que um avião pousou com corpos de um disco voador. Mais tarde, o comandante da base apareceu e disse que não havia verdade na história, mas acrescentou que qualquer um que mencionasse o "boato" estaria sujeito a vinte anos de prisão e uma multa de $20.000.
- Helen Wachter também estava em Wright Field e disse que ouviu o marido de uma amiga contar animadamente sobre a chegada de "corpos alienígenas". No início, ela pensou que ele se referia a pessoas de fora do país, mas rapidamente entendeu que ele estava se referindo a extraterrestres.
- John Kromschroeder, um amigo próximo do piloto Henderson com interesse em metalurgia, disse que recebeu um pedaço de metal de Henderson, que disse ser parte do interior da nave acidentada. Kromschroeder disse que o metal era cinza e parecia alumínio, mas ele não conseguiu cortá-lo, mesmo usando uma variedade de ferramentas.
- Major Ellis Boldra, que pode ter estudado o mesmo pedaço de metal que Kromschroeder, disse à sua família que o fragmento era incrivelmente forte e não derretia quando ele o submetia a um maçarico de acetileno, mas de alguma forma dissipava o calor.
- Floyd e Lorena Proctor, vizinhos mais próximos do fazendeiro Mac Brazel, lembraram que Brazel lhes mostrou pedaços dos detritos, que não podiam ser cortados ou queimados.
- William Proctor, o filho dos Proctors, viu uma grande quantidade de detritos e levou alguns para casa. Mais tarde, de acordo com familiares, ele foi forçado a entregar tudo aos militares.
- William "Mac" Brazel, proprietário do local da queda, disse que ouviu uma explosão durante uma tempestade na noite de 4 de julho e no dia seguinte, juntamente com William Proctor, encontrou um campo cheio de detritos espalhados e descreveu muitos pedaços grandes de metal cinza fosco que era excepcionalmente leve e não podia ser cortado ou queimado. Quatro dias depois, após ser detido pelas autoridades militares e acompanhado por oficiais militares, Brazel disse à Associated Press que os detritos foram realmente encontrados em 14 de junho e consistiam de barbante, papel, um pouco de fita e pedaços de metal que não cobriam mais de duzentas jardas de diâmetro. Curiosamente, ele terminou esta óbvia descrição de algum tipo de pipa ou balão dizendo: "Tenho certeza de que o que encontrei não era nenhum balão de observação meteorológica."
- Bill Brazel, filho de Mac, disse que seu pai foi detido por oito dias pelos militares e libertado apenas depois de jurar não discutir o incidente. Ele disse ao filho que era melhor não saber sobre isso, mas jurou que o que viu não era um balão. Bill Brazel disse que seu pai foi amordaçado pelas autoridades militares. Ele também disse que manuseou alguns dos detritos encontrados mais tarde no rancho de seu pai e que se assemelhavam a papel alumínio, mas quando amassados em uma bola, se endireitavam novamente. Ele também disse que não podiam ser cortados ou queimados. O jovem Brazel disse que mostrou pedaços do metal a amigos.

- Sallye Tadolini, filha de outro vizinho de Mac Brazel, disse aos pesquisadores que se lembrava de Bill Brazel mostrando-lhe um pedaço de metal de cor fosca que ele amassou em seu punho e, quando abriu a mão, voltou à sua forma original.
- Frank Joyce, em 1947 locutor de rádio da estação KGFL de Roswell, confirmou aos pesquisadores que a história de Mac Brazel depois de ser levado sob custódia militar era "significativamente" diferente de uma entrevista inicial. Joyce disse que quando conversou com Brazel em particular, o fazendeiro admitiu que havia mudado sua história, mas disse que "foi dito a ele para colaborar ou então".
- Glenn Dennis, então agente funerário trabalhando para a Ballard's Funeral Home em Roswell, disse que por volta das 13h30 do dia 5 de julho, recebeu uma ligação do oficial da funerária da base de Roswell perguntando se a funerária poderia fornecer vários caixões pequenos que pudessem ser hermeticamente selados. Dennis disse que percebeu que algo estranho havia acontecido quando o oficial ligou de volta e perguntou como preparar um corpo que tivesse sido queimado ou deixado ao relento por algum tempo. Mais tarde naquele dia, Dennis foi de carro até Roswell Field para entregar um aviador ferido. No hospital da base, ele viu estranhos pedaços de destroços na traseira de uma ambulância, mas logo foi expulso por um oficial, que lhe disse para não falar ou "alguém estará catando seus ossos na areia". Poucos dias depois, Dennis disse que uma amiga enfermeira lhe contou que foi chamada para ajudar na autópsia de três "corpos estrangeiros" que exalavam um odor insuportável. Ela disse que os corpos eram pequenos, com cabeças e mãos grandes e quatro dedos terminando em almofadas que pareciam ventosas.
- E. M. Hall, ex-chefe de polícia de Roswell, confirmou aos pesquisadores que ouviu Dennis falar sobre o pedido da base de caixões para "os corpos de um disco voador" dentro de dias do incidente.
- George Bush, cuja irmã Mary trabalhava como secretária do administrador do hospital da base, disse aos pesquisadores que nunca esqueceria o dia em julho de 1947 em que ela chegou em casa e lhe disse que tinha visto uma criatura de outro mundo.
- O Xerife do Condado de Chaves, George A. Wilcox, manteve uma caixa de detritos da queda deixada por Mac Brazel, mas foi ordenado a entregá-la aos militares. Por algum tempo, Wilcox reclamou de como os militares usurparam sua autoridade, até mesmo impedindo seus deputados de acessar o local da queda. Pior ainda, Wilcox e sua esposa, Inez, foram informados pela polícia militar que se ele algum dia falasse sobre o incidente, toda a sua família seria morta.
- Barbara Dugger, neta de George e Inez, disse que sua avó citou a polícia militar dizendo que se algo fosse dito sobre o incidente de qualquer forma, "não apenas nós seríamos mortos, mas eles pegariam o resto da família". Anos depois, Inez Wilcox também confidenciou à sua neta que um disco voador havia caído perto de Roswell.
- Frankie Rowe era a filha adolescente de Dan Dwyer, um bombeiro de Roswell que foi à cena no sábado de manhã e depois disse à sua família que viu os destroços de uma nave voadora, dois pequenos corpos mortos e "um ser muito pequeno do tamanho de uma criança de 10 anos". De acordo com Rowe, as autoridades militares ameaçaram sua família, e um

homem lhe disse que se ela falasse sobre o incidente, desapareceria no deserto e nunca mais seria vista.
- Brigadeiro General Arthur E. Exon foi um piloto de combate da Segunda Guerra Mundial que passou um tempo em um campo de prisioneiros de guerra alemão e mais tarde foi estacionado no Comando de Material Aéreo na Base Aérea de Wright-Patterson, como ficou conhecido após a fusão de Wright Field e Patterson Field. Nos últimos anos, Exon se tornou o oficial de mais alta patente a confirmar que uma quantidade de material de Roswell chegou a Wright Field para testes por uma equipe de "projeto especial" de trabalhadores de laboratório. Ele disse que o material era "incomum", parecia papel alumínio, mas não podia ser amassado nem por martelos. Ele também disse que voou sobre o local da queda e pôde ver onde a nave havia caído. Exon acrescentou que corpos foram encontrados com a parte principal da nave, que acabou em um local separado dos detritos.
Naturalmente, considerando o choque de mentalidades, questões foram levantadas sobre a competência e veracidade das testemunhas de Roswell. Mas mesmo que metade dessas testemunhas seja descartada, o restante deveria ser mais do que suficiente para convencer qualquer pessoa de mente aberta de que algo bastante extraordinário ocorreu em Roswell no verão de 1947. Que o incidente permaneceu na mente dos homens no poder é ilustrado por uma história contada por William Pitts. Um ex-militar que hoje é palestrante da Society of Manufacturing Engineers, Pitts é o chefe do Projeto Blue Book, uma organização privada sancionada pela Força Aérea dos EUA para investigar avistamentos de OVNIs. Ele disse que no início de 1977, ele e outros, incluindo J. Allen Hynek, foram convocados para uma reunião sobre OVNIs pelo Dr. Frank Press, conselheiro científico do recém-eleito presidente Jimmy Carter. "A primeira pergunta", lembrou Pitts, "foi sobre Roswell. O que sabíamos sobre Roswell? Eu inverti a pergunta e perguntei a eles o que sabiam sobre Roswell e eles não responderam. Passaram para outra coisa." Foi somente mais de um ano depois que os pesquisadores de OVNIs começaram a ouvir a história da queda do disco voador de Jesse Marcel e o interesse no caso Roswell foi reavivado.
Várias teorias foram avançadas para explicar o que foi recuperado em Roswell. Estas incluem um balão meteorológico Rawin Target, uma bomba de balão Fugo japonesa ou uma ogiva de V-2 contendo macacos. Nenhuma dessas teorias pode explicar todas as evidências agora disponíveis sobre este evento, e se alguma dessas teorias estiver correta, ainda assim significaria que a força aérea enganou o público quando a história do balão meteorológico foi anunciada.
Respondendo a um pedido do representante republicano do Novo México, Steven Schiff, o Escritório de Contabilidade Geral (GAO) dos EUA realizou uma busca de documentos em registros relativos ao incidente de Roswell, o que só aumentou o mistério. Em julho de 1995, o GAO informou: "Os registros administrativos do RAAF (Roswell Army Air Field) (de março de 1945 a dezembro de 1949) e as mensagens de saída do RAAF (de outubro de 1946 a dezembro de 1949) foram destruídos." O contato de imprensa de Schiff, Barry Bitzer, afirmou: "Tendo passado 24 anos no exército, [Schiff] expressou alguma surpresa de que esses registros foram destruídos, supostamente contra regulamentos e sem autorização rastreável." Apenas dois registros foram encontrados, um relatório de história da unidade

afirmando que um "disco voador" acabou sendo um balão de rastreamento de radar e um teletipo do FBI afirmando que os militares relataram que um balão meteorológico de alta altitude foi recuperado perto de Roswell. É claro, foram esses dois relatórios — pronunciamentos oficiais produzidos somente após a versão oficial ter sido concebida — que foram usados por desmascaradores para descartar a história da queda de Roswell. O teletipo do FBI foi especialmente estranho, pois indicava que o Bureau pode ter monitorado os telefones da base de Roswell e afirmava claramente que um "disco" foi enviado para Wright Field. O teletipo dizia: "[nome apagado] informou ainda que o objeto encontrado se assemelha a um balão meteorológico de alta altitude com um refletor de radar, mas que as conversas telefônicas entre seu escritório e Wright Field não confirmaram essa crença. Disco e balão sendo transportados para Wright Field por avião especial para exame."
Aumentando a confusão estavam alegações de que outras naves em forma de disco podem ter sido recuperadas em outras épocas e em outros locais. Discos voadores supostamente foram recuperados no Paradise Valley ao norte de Phoenix, Arizona, em outubro de 1947; perto de Aztec, Novo México, em março de 1948; e no México perto de Laredo, Texas, no final de 1948. Qualquer uma das histórias de queda poderia ter sido real, com as outras agindo como cortinas de fumaça, ou todas as histórias poderiam ser falsas. As informações sobre essas quedas são escassas em comparação com Roswell e envolveram as familiares acusações e contra-acusações de mentiras e farsas.
Até mesmo um suposto filme de autópsia de um corpo alienígena recuperado em 1947 foi oferecido como prova da recuperação da queda. Durante 1995, Ray Santilli, proprietário de uma pequena empresa de distribuição de vídeos em Londres, causou um clamor mundial ao revelar o que ele afirmava ser um filme autêntico de 1947 em preto e branco da autópsia de uma criatura alienígena encontrada no Novo México. À primeira vista, o filme — uma "Autópsia Alienígena" completa com telefone, relógio e instrumentos médicos da década de 1940 e uma qualidade "real" de tremores de câmera manual — parecia oferecer evidências objetivas de que corpos alienígenas foram de fato recuperados no Novo México.
Mas o choque entre mentalidades rapidamente engoliu esta peça de evidência, juntamente com outros problemas, como declarações conflitantes e atrasos por parte dos proprietários do filme. Os desmascaradores rapidamente começaram a atacar o filme, e os cientistas assumiram uma atitude de distanciamento. O Dr. Chris Stringer do Museu de História Natural de Londres disse que acreditava que o corpo era falso porque "É muito improvável que alienígenas pudessem ter evoluído para se parecer tanto com humanos".
Argumentos foram travados sobre a legitimidade do filme de autópsia até que mesmo muitos ufólogos se cansaram da questão e ela desapareceu em segundo plano — embora ninguém jamais tenha conseguido provar além de qualquer dúvida que era uma farsa. Tal é o destino de questões atoladas na batalha intransigente entre mentalidades.
Sem recorrer a especulações complicadas com pouca ou nenhuma evidência de apoio, parece que a explicação mais direta da história de Roswell é que uma nave muito incomum caiu e os ocupantes — vivos ou mortos — foram levados sob custódia pelos militares dos EUA, que então realizaram um encobrimento.
Os militares são a chave aqui.

Certamente, na época dos "foo-fighters", os membros de alta patente do establishment militar devem ter sabido que algo novo e incomum estava nos céus. Alguns pesquisadores até argumentam que as autoridades tomaram conhecimento dos OVNIs antes da Segunda Guerra Mundial. Planos de contingência devem ter sido elaborados com vistas à eventual captura ou recuperação de aeronaves incomuns. Tais planos teriam sido ativados após um exame do que quer que fosse recuperado em Roswell.

É fato que este período marcou uma virada definitiva na resposta militar aos OVNIs. Antes de Roswell, os militares estavam intensamente interessados em OVNIs e abertos à ideia de que representavam visitação extraterrestre. Mas com o conhecimento adquirido com o incidente de Roswell, os militares se tornaram secretivos e ofereceram publicamente todas as explicações mundanas possíveis para explicar os avistamentos de OVNIs. Pode até ser que o caso da Ilha Maury tenha sido um plano de contingência da inteligência militar para plantar uma história de OVNI desacreditadora na mente do público, que foi ativado após a queda de Roswell. Embora o incidente tenha supostamente acontecido em 21 de junho de 1947, havia apenas a palavra de Dahl e Crisman para corroborar essa data, pois não foi relatado até depois da época da queda de Roswell. E o histórico de inteligência de Crisman adicionou peso considerável a esta consideração.

Quer Roswell tenha desempenhado algum papel nos eventos subsequentes ou não, é fato que em 15 de setembro — menos de quatro meses depois de Arnold ter visto discos voando sobre o Monte Rainier e apenas dois meses após o incidente de Roswell — o presidente Harry S. Truman sancionou a Lei de Segurança Nacional de 1947, que, entre outras coisas, criou o Conselho de Segurança Nacional (NSC) e a força aérea como um ramo de serviço separado, uniu os ramos militares sob um Departamento de Defesa e criou a primeira organização civil de inteligência em tempo de paz da América, a Agência Central de Inteligência. De acordo com documentos não autenticados — conhecidos coletivamente como os documentos MJ-12 — um pequeno grupo seleto de proeminentes oficiais militares e cientistas responsáveis apenas perante o presidente foi criado nessa época para lidar com OVNIs.

Pouco após o estabelecimento de nossas instituições militares e de inteligência modernas, os militares dos EUA deram seu primeiro passo oficial para identificar a fonte dos crescentes relatos de OVNIs, embora o interesse fosse alto desde os primeiros avistamentos de discos voadores que apareceram na mídia em meados de 1947.

Uma Visão dos Projetos

Pouco antes de a força aérea se tornar um serviço separado, o chefe do estado-maior das Forças Aéreas do Exército, Brigadeiro General George Schulgen, solicitou informações sobre OVNIs. O Tenente General Nathan F. Twining, ex-chefe do estado-maior do Exército dos EUA e naquela época chefe do Comando de Material Aéreo, Centro de Inteligência Técnica Aérea, na Base Aérea de Wright-Patterson em Dayton, respondeu com uma carta carimbada como "secreta" datada de 23 de setembro de 1947.

Em sua carta, Twining começou suas conclusões afirmando: "O fenômeno relatado é algo real e não visionário ou fictício." Embora Twining tenha admitido que alguns relatos de

OVNIs podem ter sido causados por fenômenos naturais, como meteoros, ele disse que as características operacionais relatadas dos OVNIs "levam a crer na possibilidade de que alguns dos objetos são controlados manualmente, automaticamente ou remotamente". Após dar uma descrição comum dos OVNIs, Twining afirmou que, embora possa ter sido possível "dentro do conhecimento atual dos EUA" construir tal nave, seria um processo caro e demorado que apenas desviaria recursos de projetos existentes. Ele recomendou que um grupo permanente fosse estabelecido para estudar OVNIs.

A carta de Twining também continha uma frase que seria usada contra aqueles que argumentavam que um disco voador acidentado foi recuperado em Roswell. Seria de se esperar que um oficial da posição de Twining estivesse a par de um disco recuperado. No entanto, mais de dois meses após o incidente de Roswell, Twining disse que consideração deve ser dada à "falta de evidências físicas na forma de exemplares recuperados de acidentes que provariam inegavelmente a existência desses objetos". É intrigante que ele tenha escrito sobre "exemplares recuperados de acidentes", mas indicou que nenhum existia. Isso foi simplesmente um desejo ou foi sua maneira de dizer algo sem dizer nada?

Como a carta de Twining foi marcada como "secreta" e qualquer referência a uma queda real de OVNI em Roswell teria sido classificada em um nível muito mais alto, dificilmente é surpreendente que Twining obscurecesse o fato. Deve-se notar também que se tanto o incidente de Roswell quanto os OVNIs fossem tão claramente explicados como alguns sugerem — particularmente se a questão envolvesse alguns testes secretos de balões ou aeronaves militares — Twining certamente não teria recomendado um estudo intenso com relatórios a serem repassados à marinha, à Comissão de Energia Atômica e a várias outras agências. Os autores de Roswell, Kevin Randle e Donald Schmitt, sugeriram que a carta de Twining buscava mais estudo do fenômeno OVNI por um lado, enquanto tentava encerrar qualquer discussão sobre um veículo acidentado por outro. Outro item que pode apoiar a ideia de que Twining sabia mais do que estava contando foi encontrado em um memorando secreto da Divisão de Requisitos de Inteligência Aérea do General Schulgen datado de 28 de outubro de 1947. Intitulado "Draft of Collection Memorandum" (Minuta de Memorando de Coleta), o documento de cinco páginas afirmava: "Embora permaneça a possibilidade de fabricação russa, com base no pensamento prospectivo e nas realizações reais dos alemães, é a opinião considerada de alguns elementos de que o objeto pode de fato representar um tipo de nave interplanetária." Os materiais mencionados para tal nave incluíam "várias combinações de metais, folhas metálicas, plásticos e talvez madeira balsa ou material semelhante... para obter peso extremamente leve e estabilidade estrutural." Esta descrição é muito próxima do material descrito pelo Major Jesse Marcel, indicando que Schulgen pode estar ciente do material recuperado em Roswell.

Como resultado direto da recomendação de Twining, um grupo de estudo de OVNIs foi formado dentro da força aérea, completo com uma alta classificação de prioridade nacional — 2A, sendo apenas 1A mais alta — ainda com a classificação de segurança mais baixa, "restrita". Foi designado Projeto Sign.

Alguns membros do Sign podem ter ouvido rumores de uma queda de disco voador, pois logo os oficiais se encontraram nitidamente divididos entre aqueles que acreditavam que os

OVNIs eram tecnologia secreta soviética e aqueles que acreditavam que os OVNIs representavam algo extraterrestre. "A divisão cresceu à medida que se tornou cada vez mais claro que a explicação de 'tecnologia estrangeira' comum era insustentável", escreveu o Dr. J. Allen Hynek, que se juntou ao Projeto Sign no início de 1948 enquanto era diretor do Observatório McMillin da Universidade Estadual de Ohio. Embora tenha concedido que os 237 relatórios originais estudados pelos membros do Sign não eram muito convincentes e não apoiavam "visitantes do espaço", Hynek disse, no entanto, que o grupo se aproximou de aceitar a tese extraterrestre. O autor Peebles observou que pelo menos uma dúzia de relatórios permaneceu "não identificada" mesmo depois de todas as explicações alternativas possíveis terem sido consideradas.

Hynek começou como um cético. "Antes de começar minha associação com a força aérea, eu me juntara aos meus colegas cientistas em muitas gargalhadas sobre a 'mania psicológica do pós-guerra' por discos voadores que parecia estar varrendo o país e sobre a ingenuidade e credulidade de nossos semelhantes que estavam sendo enganados por tal 'bobagem' óbvia", escreveu ele em anos posteriores. "Foi assim, quase como uma espécie de esporte, que aceitei o convite para dar uma olhada nos relatos de discos voadores... Também tive a sensação de que poderia estar prestando um serviço ajudando a limpar a 'não-ciência'. Afinal, não era esta uma oportunidade de ouro para demonstrar ao público como o método científico funciona, como a aplicação da lógica impessoal e imparcial do método científico — convenientemente esqueci meu próprio preconceito por um momento — poderia ser usada para mostrar que os discos voadores eram produtos da imaginação?"

Mas com o tempo, as atitudes de Hynek começaram a mudar. "Não foi até que vários anos se passaram e dados de natureza semelhante continuaram a fluir não apenas deste país, mas de muitos outros, que tive a oportunidade de sentir que o fenômeno estava de fato sendo provado: havia muitas ocorrências que não podiam ser explicadas em termos 'comuns'."

Outros no Projeto Sign começaram a compartilhar as opiniões de Hynek, particularmente após alguns incidentes de OVNIs decididamente estranhos.

Um desses incidentes envolveu o que alguns pesquisadores consideraram a primeira morte humana registrada atribuída a um OVNI.

Em 7 de janeiro de 1948, o Capitão Thomas F. Mantell Jr., da Guarda Aérea Nacional de Kentucky, pilotava um F-51 (uma versão do pós-guerra do famoso P-51D Mustang) a caminho da Base Aérea de Standiford, Kentucky, acompanhado por outros três aviões da Guarda. Pouco depois das 13h30, a Polícia Estadual de Kentucky informou que cidadãos estavam avistando um grande objeto circular sobre Mansville, Kentucky. Relatos semelhantes logo chegaram de Irvington e Owensboro. Foi visto da torre de controle da Base Aérea de Godman. O objeto, descrito como grande, redondo e branco com uma luz vermelha perto da parte inferior, movia-se lentamente para o sul. Por volta das 14h40, o voo de Mantell foi solicitado a investigar. Um piloto recebeu permissão para continuar seu voo, enquanto Mantell e outros dois começaram a subir na tentativa de interceptar o OVNI. Com Mantell na liderança, os três Mustangs logo atingiram quinze mil pés, onde Mantell transmitiu por rádio: "O objeto está diretamente à minha frente e acima de mim agora, movendo-se a cerca de metade da minha velocidade... Parece ser um objeto metálico ou

possivelmente reflexo do Sol em um objeto metálico, e é de tamanho tremendo... Ainda estou subindo... Estou tentando me aproximar para uma olhada melhor."
Atingindo vinte e dois mil pés, os dois companheiros de Mantell voltaram, pois os caças da Segunda Guerra Mundial não estavam equipados com oxigênio. Mantell continuou e aparentemente desmaiou por falta de oxigênio quando seu avião nivelou a cerca de trinta mil pés. Então mergulhou em espiral, caindo na terra na fazenda de William J. Phillips perto de Franklin, Kentucky. De acordo com o relatório oficial do acidente, o corpo de Mantell ainda estava preso nos destroços. Seu relógio parou às 15h18.
Por volta das 15h50, o OVNI havia sido perdido de vista em Godman, mas relatos continuaram a chegar de áreas mais ao sul e até mesmo no Tennessee.
A causa da morte de Mantell gerou debate imediato. Dois dias após o incidente, o *New York Times* publicou uma matéria com as manchetes "Aviador Morre Perseguindo um 'Disco Voador'" e "Avião Explodiu sobre Kentucky Enquanto Aquele Estado e Outros Próximos Relatam Objeto Estranho".
A especulação de que o OVNI causou a morte de Mantell foi rapidamente descartada pela força aérea, que anunciou que os caças estavam perseguindo Vênus e Mantell caiu devido à anoxia (privação de oxigênio). O piloto e seu motor simplesmente ficaram sem oxigênio nas altitudes mais elevadas e a nave caiu na terra. Mas como em muitas questões de OVNIs, nada é tão simples quanto pode parecer.
Embora a anoxia seja a explicação mais provável para a morte de Mantell, ela não explica o relato de uma testemunha citada pelo jornal. Glen Mays, que morava perto de Franklin, disse que viu a aeronave explodir no ar. "O avião circulou três vezes, como se o piloto não soubesse para onde estava indo", relatou Mays, "e então começou a descer em um mergulho de cerca de 20.000 pés. A cerca de meio caminho, houve uma explosão terrível." Também não explica por que o comandante da base de Godman, Guy F. Hix, que disse a repórteres que observou o "disco voador" por quase uma hora com binóculos, confundiria o objeto com o planeta Vênus.
Richard T. Miller, que mais tarde registraria comunicações incríveis do que chamou de "irmãos do espaço", também objetou à explicação oficial. Miller disse que estava na força aérea e na sala de operações da Base Aérea de Scott em Belleville, Illinois, durante o período da perseguição de Mantell e ouviu a conversa de rádio entre os operadores da torre de Godman e os aviões de perseguição. Miller afirmou ter ouvido a última transmissão de rádio de Mantell, que foi: "Meu Deus, eu vejo pessoas nesta coisa!" Em uma reunião de informações subsequente, ele disse que soube que, de acordo com os instrumentos do F-51 acidentado, Mantell voou por mais de uma hora após seu combustível acabar. "Ninguém poderia explicar isso", lembrou Miller. Ele também disse que o fazendeiro Mays não disse especificamente que viu uma explosão. "Ele disse que quando a aeronave atingiu o nível das copas das árvores, foi envolta por um brilho branco brilhante. Essa luz era tão brilhante que era como olhar para o sol. A aeronave pareceu cair dessa luz e bater no chão como uma panqueca. Agora, seja o que for essa luz brilhante, ela tirou a aeronave de um giro e diminuiu sua taxa de descida... Alguma força misteriosa havia de alguma forma interferido na queda desta aeronave. Quando o avião atingiu o chão, as alças de ombro do Capitão

Mantell se quebraram, ele voou para frente sobre o manche e este o trespassou no peito. Foi assim que o Capitão Mantell morreu."
Miller disse que na manhã seguinte à queda de Mantell, os investigadores haviam concluído que Mantell morreu "perseguindo um objeto voador não identificado controlado inteligentemente", mas que à noite, oficiais do Centro de Inteligência Técnica Aérea de Wright-Patterson AFB chegaram e ordenaram que todo o pessoal entregasse quaisquer materiais relacionados à queda. "Então, depois de entregarmos a eles, eles disseram que já haviam concluído a investigação", disse ele. "Eu não era mais cético. Eu tinha sido até então. Agora me perguntava por que o governo tinha passado por todo o trabalho de encobrir, de manter isso longe da imprensa e do público."
Apoiando a versão de Miller sobre a queda de Mantell está o testemunho do Capitão James F. Duesler, hoje vivendo aposentado na Inglaterra. Em uma entrevista recente, Duesler afirmou que foi um dos vários observadores militares que viram o OVNI pairando sobre Godman Field em 1948. Piloto e investigador de acidentes, Duesler descreveu o OVNI como um "estranho objeto cinza" que parecia uma casquinha de sorvete invertida giratória. Duesler, que visitou o local da queda pouco após o corpo de Mantell ter sido removido, ficou perplexo com os destroços. "As asas e a cauda se quebraram no impacto com o solo e estavam a uma curta distância do avião", lembrou ele. "Não havia danos nas árvores ao redor e era óbvio que não houve movimento para frente ou para os lados quando o avião caiu. Apenas parecia ter 'caído de barriga' na clareira. Havia muito pouco dano na fuselagem, que estava em uma peça só, e nenhum sinal de sangue na cabine. Não havia arranhões na fuselagem que indicassem qualquer movimento para frente e a pá da hélice não tinha marcas de arranhões reveladoras que mostrassem que estava girando no momento do impacto, e uma pá estava enterrada no chão. O padrão de dano não era consistente com uma aeronave deste tipo caindo em alta velocidade no chão. Por causa do grande motor no nariz do avião, ele cairia de nariz primeiro e atingiria o chão em ângulo. Mesmo se tivesse conseguido planar, teria aberto uma trilha através das árvores e um canal no chão. Nenhum desses sinais estava presente. Todas as indicações eram de que ele apenas havia caído de barriga na clareira. Devo admitir, achei isso muito estranho." O relatório oficial do incidente Mantell continha uma declaração "certificada" do investigador de acidentes Duesler. No entanto, Duesler disse que nunca fez tal declaração e a apresentada no relatório oficial era uma "falsa".
Embora agora pareça provável que Mantell tenha realmente desmaiado e caído por falta de oxigênio, a questão do que ele estava perseguindo permanece em aberto, assim como a questão das circunstâncias de sua queda.
Por algum tempo, a mídia ficou satisfeita com a explicação da força aérea de que Mantell, um experiente piloto de combate da Segunda Guerra Mundial, estava subindo além dos limites seguros atrás de Vênus. Apenas seus amigos e familiares questionaram este veredito. Um amigo e colega piloto disse: "A única coisa que posso pensar é que ele estava atrás de algo que ele acreditava ser mais importante do que sua vida ou sua família."
Logo após a morte de Mantell, os pesquisadores de OVNIs conseguiram demonstrar que na época do incidente Vênus estava apenas trinta e três graus acima do horizonte, dificilmente

em uma posição de estar "acima" de Mantell, e estava na metade de seu brilho máximo, o que a teria tornado quase invisível, especialmente no meio da tarde. Desconfortáveis com esses fatos, os oficiais da força aérea do Projeto Sign começaram a buscar uma explicação mais defensável. Eles encontraram uma no Escritório de Pesquisa Naval, que em 25 de setembro de 1947 começou a lançar grandes balões "Skyhook" projetados para testar a atmosfera acima dos limites das aeronaves convencionais. Até bem dentro da década de 1970, a marinha lançava uma média de cerca de cem balões Skyhook por ano. Assim, os oficiais de inteligência aérea conseguiram mudar o objeto da perseguição de Mantell de Vênus para um balão, embora não tenham conseguido localizar nenhum registro mostrando que tal balão havia sido lançado durante o período em questão.

Era óbvio, no entanto, que a força aérea não acreditava de todo coração que os OVNIs fossem inexistentes. Imediatamente após o incidente Mantell, o Brigadeiro General Charles P. Cabell, da Diretoria de Inteligência da Força Aérea — que mais tarde se tornaria vice-diretor da CIA — enviou um memorando secreto em 12 de fevereiro de 1948 ao diretor de Planos e Operações, instando que todas as bases da força aérea nos Estados Unidos e no Alasca fornecessem no mínimo um caça "ou tipo de aeronave interceptadora" equipado com "câmera de tiro e tal armamento que se julgue conveniente" para obter dados sobre "qualquer fenômeno incomum relatado e avistado, do tipo 'disco voador', na atmosfera." Embora o pedido de Cabell tenha sido rejeitado como impraticável, o memorando mostrou o quanto a força aérea havia se preocupado em obter mais informações sobre OVNIs.

Deve-se notar que o OVNI de Mantell — ou outro semelhante — foi visto nos dias seguintes à sua morte. Em 9 de janeiro de 1948, residentes de Clinton, Carolina do Norte, relataram um objeto vermelho em forma de cone com uma cauda verde dançando no céu a uma velocidade surpreendente. Era tão brilhante que podiam ver seu contorno mesmo atrás das nuvens. Em 1º de fevereiro, um OVNI metálico emitindo uma luz laranja brilhante foi avistado perto do solo em Circleville, Ohio. No final de fevereiro, avistamentos estranhos foram relatados tão ao norte quanto Boise e Emmett, Idaho.

Outro incidente extraordinário — que nunca foi satisfatoriamente explicado — ocorreu em 1º de outubro de 1948 e foi descrito como um combate aéreo ou duelo aéreo entre um avião e um OVNI. George F. Gorman, um gerente de empresa de construção de vinte e cinco anos e segundo tenente da Guarda Aérea Nacional de Dakota do Norte, estava a sete mil pés se preparando para pousar seu P-51 em Fargo, Dakota do Norte, por volta das 21h00, quando um objeto brilhante passou rapidamente por sua asa direita. Os ocupantes de um Piper Cub próximo também viram o objeto se movendo rapidamente para o oeste. A Torre do Aeroporto Hector informou que não havia outras aeronaves nas proximidades. Para Gorman, o objeto parecia estar se dirigindo para a torre do aeroporto, então ele o perseguiu, mas percebeu que seu avião não podia igualar a velocidade do objeto. Curvando fortemente para a esquerda, ele tentou interceptar o objeto, que então se voltou para ele. "De repente, a coisa fez uma curva fechada para a direita, e estávamos indo direto um para o outro!" Gorman declarou. "Quando estamos prestes a colidir, acho que fiquei com medo. Entrei em um mergulho e a luz passou sobre meu canopy a cerca de 500 pés. Então a coisa fez um círculo para a esquerda cerca de 1.000 pés acima de mim, e eu dei perseguição novamente."

Gorman descreveu o objeto como um globo branco claro, perfeitamente redondo — apenas oito polegadas de diâmetro. Novamente ele se voltou para seu avião. "Quando a colisão parecia iminente, o objeto disparou diretamente para o ar. Subi atrás dele até uma altura de cerca de 14.000 pés, quando meu avião entrou em stall de potência. A coisa então se voltou para uma direção noroeste-norte e desapareceu." Mais tarde, Gorman disse às autoridades: "O objeto não apenas foi capaz de superar meus aviões em curvas e velocidade... mas foi capaz de atingir uma subida muito mais íngreme e foi capaz de manter uma taxa constante de subida muito superior à da minha aeronave... Estou convencido de que havia um pensamento definido por trás de suas manobras."

Com esta descrição clara do encontro, apoiada pelos ocupantes do Piper Cub e pelos controladores da torre, além de uma indicação de leituras de radioatividade incomumente altas no avião de Gorman, os investigadores do Projeto Sign emitiram um relatório de Estimativa da Situação afirmando que algo altamente incomum havia ocorrido. O relatório foi rejeitado e ordenado a ser destruído alguns dias depois pelo Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, Vandenberg, citando evidências insuficientes. No final de 1948, o "combate aéreo" de Gorman foi explicado como um encontro com um balão meteorológico iluminado, suas "manobras" sendo simplesmente uma ilusão da luz e da falta de qualquer ponto de referência. A radioatividade foi explicada como o resultado natural do aumento do bombardeio de raios cósmicos em altitudes mais elevadas.

Esta rejeição oficial dos OVNIs como um fenômeno extraterrestre estabeleceu o tom para o Projeto Sign, que no final do ano havia explicado todos, exceto sete, dos relatórios que lhe foram atribuídos. Em 11 de fevereiro de 1949, o nome do grupo foi alterado para Projeto Grudge depois que a mídia tomou conhecimento de sua existência e erroneamente apelidou o empreendimento de Projeto Disco Voador. "Enquanto eu ainda trabalhava em meu relatório para o Projeto Sign, ele se tornou Projeto Grudge, e o Pentágono começou a tratar o assunto com ridículo sutil", escreveu Hynek.

Enquanto a conclusão dos membros do Projeto Sign de que os OVNIs eram reais e provavelmente de outro mundo foi mantida em segredo, os oficiais do Projeto Grudge iniciaram um esforço de relações públicas assegurando ao público que todos os relatos de OVNIs poderiam ser explicados. "A mudança para o Projeto Grudge sinalizou a adoção da atitude de desprezo estrito em relação ao problema dos OVNIs", comentou Hynek. "Agora, as declarações de relações públicas sobre casos específicos de OVNIs tinham pouca semelhança com os fatos do caso. Se um caso continha alguns dos elementos possivelmente atribuíveis a uma aeronave, um balão, etc., ele se tornava automaticamente esse objeto no comunicado à imprensa."

O Capitão da Força Aérea Edward J. Ruppelt, que mais tarde chefiaria outro projeto de OVNIs, afirmou: "Esta mudança drástica na atitude oficial é tão difícil de explicar quanto foi difícil para muitas pessoas que sabiam o que estava acontecendo dentro do Projeto Sign acreditar... Aqui estavam pessoas decidindo que não havia nada neste negócio de OVNIs exatamente no momento em que os relatos pareciam estar melhorando. Pelo que eu podia ver, se alguma mudança de opinião tivesse que ser feita, deveria ter sido o contrário..."

Este desinteresse oficial e desdém por um fenômeno que estava agitando a imaginação do público é de fato difícil de entender, a menos que tenha desempenhado um papel em outra controvérsia na questão dos OVNIs.

Os Documentos MJ-12

Em 11 de dezembro de 1984, o pesquisador de OVNIs e produtor de TV Jaime Shandera ouviu sua correspondência diária cair pela abertura de sua porta da frente. Ele também ouviu sua porta de tela fechar. Abrindo a porta, encontrou um envelope marrom. Não tinha remetente, mas estava selado e carimbado. Dentro havia um rolo de filme Tri-X preto e branco de trinta e cinco milímetros.

Quando Shandera e o colega pesquisador William Moore o revelaram, o filme provou conter fotos do que pareciam ser oito páginas de um "Documento de Briefing" de 18 de novembro de 1952, preparado para o presidente eleito Dwight D. Eisenhower sobre a "Operação Majestic 12". Tanto a parte superior quanto a inferior das páginas estavam carimbadas com TOP SECRET/MAJIC EYES [sic] ONLY.

Os documentos eram extraordinários, para dizer o mínimo. Eles listavam doze homens proeminentes como membros da Operação Majestic 12, "uma operação de Pesquisa e Desenvolvimento/Inteligência ALTAMENTE SECRETA responsável direta e exclusivamente perante o Presidente dos Estados Unidos" que deveriam lidar com a questão dos OVNIs no mais alto nível. Os documentos detalhavam como uma "operação secreta" foi iniciada em 7 de julho de 1947 para recuperar os destroços de uma nave em forma de disco de um local de queda "aproximadamente 75 milhas a noroeste da Base Aérea do Exército de Roswell". Além disso, "quatro pequenos seres semelhantes a humanos [que] aparentemente haviam ejetado da nave" foram encontrados mortos cerca de duas milhas a leste do local dos destroços. O documento acrescentava: "Testemunhas civis e militares na área foram interrogadas, e os repórteres receberam a história de encobrimento eficaz de que o objeto era um balão de pesquisa meteorológica equivocado."

Acreditava-se que os seres mortos, denominados "Entidades Biológicas Extraterrestres ou EBEs" nos documentos, possivelmente vinham de Marte ou mesmo de "outro sistema solar inteiramente". Afirmou-se que os esforços para decifrar "uma forma de escrita" encontrada nos destroços e para determinar o método de propulsão foram infrutíferos, e acrescentou-se: "Supõe-se que a unidade de propulsão foi completamente destruída pela explosão que causou a queda." Os documentos explicavam que "a necessidade de obter o máximo de informações adicionais possível sobre essas naves, suas características de desempenho e seu propósito" levou à criação dos Projetos Sign e Grudge da Força Aérea. Para garantir a segurança, "apenas dois indivíduos dentro da Divisão de Inteligência do Comando de Material Aéreo" transmitiam informações dos projetos para o Majestic 12.

Os documentos do "briefing" terminavam afirmando: "As implicações para a Segurança Nacional são de importância contínua, pois os motivos e intenções finais desses visitantes permanecem completamente desconhecidos. Além disso, um aumento significativo na atividade de vigilância dessas naves começando em maio e continuando durante o outono deste ano (1952) causou considerável preocupação de que novos desenvolvimentos possam ser iminentes. É por estas razões, bem como as óbvias considerações internacionais e tecnológicas e a necessidade final de evitar um pânico público a todo custo, que o Grupo Majestic-12 permanece da opinião unânime de que a imposição das mais rigorosas precauções de segurança deve continuar sem interrupção na nova administração."

Conforme listado nos documentos, os membros do Majestic-12 incluíam:

- **Almirante Roscoe H. Hillenkoetter**, o terceiro diretor de Inteligência Central que se tornou o primeiro diretor da CIA quando foi formada em setembro de 1947, foi uma escolha lógica para um grupo ultrassecreto. Hillenkoetter, após se aposentar do governo, juntou-se ao grupo privado de OVNIs, o Comitê Nacional de Investigações sobre Fenômenos Aéreos (NICAP), e declarou publicamente que os OVNIs eram reais e que "através do sigilo oficial e do ridículo, muitos cidadãos são levados a acreditar que os objetos voadores desconhecidos são bobagens".

- **Dr. Vannevar Bush**, um eminente cientista americano que em 1941 organizou o Conselho Nacional de Pesquisa de Defesa e em 1943 o Escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico, que levou à produção da primeira bomba atômica, foi outro candidato principal para um grupo de alto nível sobre OVNIs. Em 1949, o Conselho de Inteligência dos EUA pediu a Bush que estudasse maneiras de combinar inteligência de todas as agências. O plano de Bush foi iniciado por James Forrestal, também listado como membro do MJ-12.

- **Secretário James V. Forrestal** tornou-se secretário de defesa em julho de 1947 — na época do incidente de Roswell — mas renunciou em março de 1949, um mês antes de supostamente cometer suicídio no Hospital Naval de Bethesda. De acordo com uma nota de rodapé nos documentos do MJ-12, mais de um ano se passou antes que sua posição no MJ-12 fosse permanentemente preenchida pelo General Walter Bedell Smith, chefe de gabinete de Eisenhower e ex-embaixador dos EUA em Moscou, que havia substituído Hillenkoetter como diretor de Inteligência Central.

- **General Nathan F. Twining**, comandante do Comando de Material Aéreo sediado em Wright-Patterson e um homem já profundamente envolvido na questão dos OVNIs, na verdade cancelou uma viagem programada para 8 de julho de 1947 "devido a um assunto muito importante e repentino". Este foi o dia em que o comunicado à imprensa da Base de Roswell sobre a recuperação de um disco voador foi emitido. O pesquisador de OVNIs William Moore afirmou que Twining na verdade fez uma viagem de dois dias ao Novo

México. Foi a recomendação de Twining que resultou na criação do grupo de estudo de OVNIs, Projeto Sign.

- **General Hoyt S. Vandenberg**, chefe do estado-maior da força aérea e ex-diretor de Inteligência Central, ordenou que o relatório original do Projeto Sign de que os OVNIs eram reais fosse destruído. Muitos pesquisadores de OVNIs acreditam que a postura pública de Vandenberg era manter a segurança do MJ-12.

- **Dr. Detlev Bronk**, um fisiologista e biofísico com credenciais internacionais, presidiu o Conselho Nacional de Pesquisa e foi membro do conselho consultivo médico da Comissão de Energia Atômica. Bronk também esteve no Comitê Consultivo Científico do Laboratório Nacional de Brookhaven com o Dr. Edward Condon, que mais tarde chefiou um importante estudo de OVNIs para a força aérea.

- **Dr. Jerome Hunsaker**, projetista de aeronaves, presidiu os Departamentos de Engenharia Mecânica e Aeronáutica do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e do Comitê Consultivo Nacional de Aeronáutica.

- **Sr. Sidney W. Souers**, um contra-almirante aposentado que em 1946 foi o primeiro diretor de Inteligência Central, foi secretário executivo do Conselho de Segurança Nacional em 1947 e permaneceu como consultor especial em questões de segurança por um tempo após deixar esse cargo.

- **Sr. Gordon Gray**, secretário assistente do exército em 1947, tornou-se secretário do exército em 1949 e um ano depois foi nomeado assistente especial para assuntos de segurança nacional do presidente Truman. De acordo com uma fonte, Gray dirigiu um conselho de estratégia psicológica consultado pelo diretor da CIA Walter B. Smith em relação aos OVNIs.

- **Dr. Donald Menzel**, como diretor do Observatório da Universidade de Harvard, era um astrônomo respeitado. Ele também se tornou um conhecido desmascarador de OVNIs depois de escrever três livros nos quais explicava a maioria dos relatos e descartava outros, dizendo: "Todos os avistamentos não explicados são de observadores fracos."

- **General Robert M. Montague** foi comandante da base na instalação da Comissão de Energia Atômica de Sandia em Albuquerque, Novo México, de julho de 1947 a fevereiro de 1951. Os pesquisadores acreditam que Montague, sem dúvida, saberia de qualquer disco voador acidentado em Roswell.

- **Dr. Lloyd V. Berkner** trabalhou sob o comando de Vannevar Bush como secretário executivo do Conselho Conjunto de Pesquisa e Desenvolvimento em 1946 e chefiou um estudo que resultou na criação do Grupo de Avaliação de Sistemas de Armas. Berkner

também foi membro do painel de 1952 patrocinado pela CIA chefiado pelo Dr. H. P. Robertson que concluiu que os OVNIs não constituíam qualquer ameaça direta à segurança nacional.

Esses homens distintos pareciam ter duas coisas em comum — todos estavam ligados aos mais altos níveis dos militares e da segurança nacional e todos estavam mortos na época em que os documentos MJ-12 surgiram e, portanto, incapazes de responder a quaisquer perguntas sobre seu papel, se houver, em tal grupo.

Por mais de uma década, vários pesquisadores de OVNIs tentaram estabelecer a autenticidade dos documentos MJ-12. Como declarou o desmascarador Philip Klass: "Ou [os documentos] são a maior notícia dos últimos dois milênios ou uma das maiores farsas já tentadas contra o público."

Qualquer tentativa de determinar a validade dos documentos MJ-12 deve começar com uma olhada no pesquisador de OVNIs William L. Moore. Em 1979, Moore, um ex-professor de inglês de ensino médio que se tornou romancista, foi coautor de um livro intitulado *The Philadelphia Experiment* com Charles Berlitz, que para ele iniciou um sério interesse em OVNIs. Em 1980, ele e Berlitz publicaram *The Roswell Incident*, um dos melhores esforços investigativos sobre a história naquela época e um sucesso popular. Ao divulgar seu livro, Moore mais tarde afirmou que foi recrutado como operativo por agentes do governo. Seu contato principal era um homem que ele só identificaria como o Falcão. Falcão disse a Moore que representava um grupo dentro da inteligência que queria levar a verdade sobre os OVNIs ao público e ofereceu ajuda a Moore se ele os ajudasse. Moore concordou, esperando que esse contato o levasse a informações mais sólidas sobre OVNIs. Logo Falcão colocou Moore em contato com o Sargento Mestre Richard C. Doty do Escritório de Investigações Especiais da Força Aérea (AFOSI) na Base Aérea de Kirtland em Albuquerque, e Moore recebeu sua primeira missão secreta.

Envolvia investigar as estranhas atividades do Dr. Paul Bennewitz, um físico que era presidente de uma pequena empresa de eletrônica em Albuquerque. Bennewitz havia relatado anteriormente à Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos (APRO), da qual Moore era diretor, que havia monitorado transmissões de áudio de OVNIs com equipamento que projetou e até capturou OVNIs em filme. Bennewitz disse que seus estudos — que ele chamou de "Projeto Beta" — o haviam convencido de que alienígenas estavam controlando certas pessoas, implantando pequenos dispositivos em seus corpos durante uma abdução. Moore foi a Albuquerque para se encontrar com Bennewitz depois que o AFOSI lhe pediu para avaliar as alegações do homem.

Bennewitz manteve que seu monitoramento de OVNIs havia revelado que dois tipos de extraterrestres estavam ativos na Terra — alienígenas pacíficos "brancos" ou "loiros" que queriam ajudar a humanidade e os mais sinistros alienígenas "grises" que estavam por trás

das mutilações de gado e abduções humanas. Ele acrescentou que certas pessoas dentro do governo dos EUA haviam se encontrado com os "grises" e concordado em permitir que eles construíssem uma base subterrânea no Novo México em troca de tecnologia espacial e de armas avançada. Bennewitz disse que esse relacionamento havia se deteriorado e que uma guerra aberta parecia iminente.

Reportando-se de volta ao Falcão através de Doty, Moore disse que soube que por quase três anos agentes do AFOSI vinham conduzindo uma campanha de "desinformação" contra Bennewitz. Isso envolvia dar a Bennewitz documentos "oficiais" detalhando os supostos contatos alienígenas-governo através de uma variedade de fontes. Isso foi projetado para "confundir, desencorajar e desacreditar sistematicamente" Bennewitz, disse Moore. Bennewitz foi atraído mais profundamente para uma investigação de bases subterrâneas e controle mental que o afastou de sua vigilância de OVNIs e suas transmissões.

Por quatro anos, Moore observou o estado mental e emocional de Bennewitz se deteriorar até que ele fosse hospitalizado com um colapso. Ele pode até ter contribuído para o declínio de Bennewitz, pois foi Moore quem em fevereiro de 1981 deu a Bennewitz um documento pré-Majestic-12 conhecido como o "Telex Projeto Aquarius".

Este documento supostamente era uma mensagem da sede do AFOSI em Washington para o escritório da Base Aérea de Kirtland sobre fotos de OVNIs tiradas por Bennewitz. Uma frase afirmava: "A política oficial do Governo dos EUA e os resultados do Projeto Aquarius permanecem classificados como Ultra Secretos, sem disseminação fora dos canais oficiais de inteligência e com acesso restrito a 'MJ Twelve'." Foi a primeira menção ao Projeto Aquarius e MJ-12. Em 1982, Moore trabalhou com o repórter Robert Pratt em um plano para publicar informações sobre o Projeto Aquarius como um romance.

Em seguida, veio outro documento incrível, nove páginas de um "Briefing Executivo" presidencial que afirmava: "Este documento foi preparado pelo MJ12." Moore disse que foi autorizado a fotografar uma cópia desses documentos depois de ser convocado para Maryland por agentes do governo não identificados. A pesquisadora de OVNIs Linda Moulton Howe disse que também lhe foi mostrado o documento — ou um muito semelhante — em 9 de abril de 1983, pelo Sargento Doty no escritório do AFOSI da Base Aérea de Kirtland.

De acordo com esses documentos de briefing:

- Apenas o MJ-12 tem acesso ao Projeto Aquarius.
- O Projeto Aquarius foi criado em 1959 por ordem do Presidente Eisenhower e colocado sob o controle do Conselho de Segurança Nacional e do MJ-12.
- O Projeto Aquarius foi financiado por dinheiro confidencial da CIA não apropriado.

- O objetivo do projeto era "coletar todas as informações científicas, tecnológicas, médicas e de inteligência de avistamentos de OVNIs/IAC (Naves Alienígenas Identificadas) e contatos com formas de vida Alienígenas".
- As informações obtidas através do Projeto Aquarius foram usadas para avançar o Programa Espacial dos Estados Unidos.
- "Em 1947, uma aeronave de origem extraterrestre caiu no deserto do Novo México. A nave foi recuperada pelos militares, quatro corpos de Alienígenas-não-homo-sapiens-foram recuperados nos destroços."
- "No final de 1949, outra aeronave Alienígena caiu nos Estados Unidos e foi recuperada parcialmente intacta pelos militares. Um Alienígena de origem extraterrestre sobreviveu à queda. O Alienígena sobrevivente era do sexo masculino e se autodenominava 'EBE'. Este ser veio de um planeta no sistema estelar Zeta Reticuli, aproximadamente 40 anos-luz da Terra. EBE viveu até 18 de junho de 1952, quando morreu devido a uma doença inexplicada. Durante o período em que EBE esteve vivo, ele forneceu informações valiosas sobre tecnologia espacial, origens do Universo e questões exobiológicas."
- Começando em 1947, a Força Aérea dos EUA iniciou uma série de programas para determinar se esses alienígenas representavam uma ameaça à segurança nacional. Este programa operou sob os nomes de código Sign, Grudge e Blue Book. Esses programas determinaram que 90 por cento de um total estimado de doze mil relatórios analisados foram considerados farsas, fenômenos aéreos explicáveis ou objetos astronômicos naturais, com 10 por cento considerados "avistamentos e/ou incidentes Alienígenas legítimos".
- Em 1953, o Presidente Eisenhower ordenou um programa paralelo de relatórios e estudo iniciado sob o nome Projeto Gleem, que então se tornou Projeto Aquarius em 1966.
- Em 1958, um OVNI abandonado, mas operacional, foi recuperado em Utah que forneceu uma grande quantidade de dados tecnológicos, apenas alguns dos quais os cientistas podiam entender.
- Em 1966, os Estados Unidos estabeleceram contato com alienígenas e "sentiram-se relativamente seguros de que a exploração da Terra pelos Alienígenas era não agressiva e não hostil... [e] não ameaçava diretamente a segurança dos Estados Unidos".
- O Projeto Blue Book foi conduzido para "satisfazer a curiosidade pública", e quando foi fechado em dezembro de 1969, "o Projeto Aquarius continuou a operar sob o controle do NSC/MJ12".
- "MJ12 sente-se confiante de que os Alienígenas estão em uma exploração do nosso sistema solar para fins pacíficos", mas foi decidido "observar e rastrear" os alienígenas em segredo.
- O alienígena vivo, EBE, afirmou "que há 2.000 anos seus ancestrais plantaram uma criatura humana na Terra para ajudar os habitantes da Terra a desenvolver uma civilização. Esta informação era apenas vaga e a identidade exata ou informações básicas sobre este homo-sapiens não foram obtidas. Sem dúvida, se esta informação fosse divulgada ao público, causaria pânico mundial."
- Um programa foi desenvolvido "para uma liberação gradual de informações ao longo de um período de tempo, a fim de condicionar o público para divulgações futuras".

- O Projeto BANDO foi estabelecido em 1949 para coletar e avaliar informações médicas fornecidas por EBE e autópsias de alienígenas e para buscar "certas respostas para a teoria da evolução". Foi encerrado em 1974.
- O Projeto SIGMA, originalmente parte do Projeto Gleem, tornou-se um projeto separado em 1976 com o propósito de estabelecer comunicação com alienígenas. A comunicação primitiva foi iniciada em 1959, o que levou a uma reunião face a face de três horas entre dois alienígenas e um oficial de inteligência da força aérea em 25 de abril de 1964.
- O Projeto SNOWBIRD foi um programa para testar em voo aeronaves alienígenas recuperadas e continua hoje em Nevada.
- O Projeto POUNCE foi estabelecido em 1968 e projetado para avaliar todas as informações alienígenas relacionadas à tecnologia espacial.

A maioria dos pesquisadores de OVNIs acreditava que esses documentos eram "bons demais para ser verdade", e suas suspeitas foram justificadas. Em 1982, depois que autoridades da força aérea declararam o Telex Aquarius uma falsificação com base em falhas de estilo e formato, Moore admitiu que havia redigitado o documento e adicionado um carimbo de data. O respeitado autor britânico de OVNIs Timothy Good proclamou o documento "uma mensagem real do AFOSI classificada que havia sido habilmente adulterada".

Com questões levantadas sobre a autenticidade dos documentos Aquarius, os pesquisadores se voltaram para os documentos MJ-12. Objeções foram imediatamente levantadas por vários pesquisadores, especialmente o desmascarador de longa data Philip Klass, que atacou a legitimidade dos documentos com tudo, desde a curiosa mistura de formas de datas militares e civis, até erros de ortografia, até peculiaridades de pontuação e estilo, como o uso do termo "media", que não entrou em voga até a década de 1960.

Klass argumentou que os membros do grupo MJ-12 não poderiam ter conhecimento de OVNIs e corpos acidentados, pois vários falaram publicamente contra a realidade dos OVNIs. Este argumento ignorou totalmente precedentes históricos que mostram que homens proeminentes muitas vezes dizem o oposto do que sabem ser verdade, particularmente se sentem que é do melhor interesse da nação. Além disso, Klass questionou por que tal grupo incluiria um mero astrônomo como Donald Menzel. Sua pergunta foi respondida pelo respeitado pesquisador de OVNIs Stanton Friedman, que soube que Menzel levava uma vida dupla. Após estudar a autobiografia não publicada de Menzel e conversar com sua viúva, Friedman descobriu que o astrônomo era um consultor secreto da CIA e da Agência de Segurança Nacional com autorização de segurança Ultra-Secreta. Ele também estava envolvido com programas de pesquisa secretos para mais de trinta empresas e fazia viagens frequentes a serviço do governo para Washington e para o Novo México. Menzel também estava intimamente associado aos listados no MJ-12 Bush, Bronk e Berkner. Friedman estava convencido de que nenhum falsificador poderia ter conhecido as conexões secretas

de Menzel com a inteligência governamental, indicando assim que os documentos MJ-12 eram legítimos.

Mas os argumentos continuaram. O que era necessário era mais um documento oficial que pudesse substanciar os documentos MJ-12. Tal documento convenientemente apareceu no Arquivo Nacional em 1985 — mas seu descobridor foi ninguém menos que Moore novamente. Ele estava nos arquivos com Jaime Shandera quando disseram que encontraram uma cópia carbono não assinada de um memorando para o General Nathan Twining do assistente especial do Presidente Eisenhower, Robert Cutler. Datado de 14 de julho de 1954 e carimbado "Informação de Segurança Restrita Ultra Secreta", o assunto do memorando era "Projeto de Estudos Especiais NSC/MJ-12". O texto afirmava que o Presidente havia decidido que uma reunião de informações do MJ-12 deveria ocorrer durante uma "reunião da Casa Branca já agendada para 16 de julho", em vez de depois, como planejado. Aqui estava outro documento que substanciava a existência do grupo MJ-12 — ou será que não?

Imediatamente, este documento foi criticado, com Klass argumentando que o memorando usava um tipo de letra pica grande, enquanto a Casa Branca de Eisenhower usava um tipo de letra elite pequeno. No entanto, Friedman afirmou ter encontrado mais de uma dúzia de exemplos do tipo de letra do memorando usado em outras mensagens da Casa Branca. Além disso, Friedman disse: "No caso do memorando Cutler-Twining, temos o papel original, para que você possa ver a marca d'água no papel de cebola com o nome da empresa que fez o papel. Nós os contatamos para saber quando eles fizeram este papel em particular, e nos disseram entre 1953 e 1973. Isso é bom, cobre nosso período de tempo."

No entanto, os críticos apontaram para a classificação "Informação de Segurança Restrita Ultra Secreta", afirmando que a Biblioteca Eisenhower concordou que "Ultra Secreto" e "Restrito" eram duas classificações separadas nunca vistas juntas em nenhum outro documento de Eisenhower. Além disso, um funcionário do Escritório de Liberdade de Informação do Conselho de Segurança Nacional disse que a classificação "Informação Restrita Ultra Secreta" não entrou em uso até a administração Nixon.

Em seguida, Klass atacou um memorando assinado pelo presidente Harry Truman que acompanhava os documentos MJ-12, alegando que a assinatura do presidente era idêntica à de uma carta a Vannevar Bush, uma impossibilidade para duas assinaturas separadas. Então ele encontrou um especialista em documentos que disse que o memorando de Truman foi digitado em uma máquina de escrever Smith-Corona vendida pela primeira vez em 1963, quinze anos após o memorando ter sido supostamente produzido.

Para aumentar essa controvérsia, mais um documento MJ-12 surgiu recentemente — um "Manual de Operações Especiais do Grupo Majestic-12" de abril de 1954.

Um membro do Fundo para Pesquisa de OVNIs (Fund for UFO Research), um grupo chefiado pelo ex-físico da Marinha dos EUA, Dr. Bruce Maccabee, que pagou ao pesquisador Stanton Friedman $16.000 para investigar os documentos iniciais do MJ-12, recebeu o manual de operações — também anonimamente e também em um rolo de filme de trinta e cinco milímetros. O manual está incompleto, mas, de acordo com o autor de Roswell, Kevin Randle, ele "revela que uma grande quantidade de trabalho foi investida em sua preparação". "Este não foi um trabalho simples, rápido e sujo. Sugere alguém familiarizado com o estilo de manuais militares das últimas décadas. A capa é impressionante, parece autêntica e até inclui um 'selo' para aumentar o impacto visual", escreveu Randle.

De acordo com o manual de operações, a "Operação Majestic-12" foi criada por uma ordem presidencial especial classificada em 24 de setembro de 1947, por recomendação do Secretário de Defesa James V. Forrestal e do Dr. Vannevar Bush, presidente do Conselho Conjunto de Pesquisa e Desenvolvimento. Seu propósito era recuperar e estudar "todos os materiais e dispositivos de fabricação estrangeira ou extraterrestre", bem como "entidades ou restos de entidades de origem não terrestre", estabelecer "Equipes Especiais" e instalações para realizar isso — tudo enquanto mantinha "sigilo absoluto". Também afirmava: "Várias entidades mortas foram recuperadas juntamente com uma quantidade substancial de destroços e dispositivos de naves abatidas, todos agora em estudo em vários locais." O manual fornece descrições de vários tipos de OVNIs e ocupantes, juntamente com instruções sobre como proteger um local de queda, preparar materiais e corpos para transporte, e até mesmo como apresentar "declarações falsas para preservar a segurança do local". "Meteoros, satélites caídos, balões meteorológicos e aeronaves militares são todas alternativas aceitáveis" de explicações, oferecia.

Numerosos argumentos foram rapidamente apresentados contra a autenticidade do manual, como discrepâncias nos códigos de classificação, inconsistências internas, possíveis anacronismos e até mesmo referência a um "MJ Form 1-007". Randle concluiu: "Em suma, o Manual de Operações do MJ-12, como o resto dos documentos do MJ-12, é uma falsificação por estas razões: não está de acordo com os regulamentos, contém informações imprecisas e está incompleto. Não temos proveniência para ele, não podemos encontrar verificação independente de outras agências governamentais, e nenhuma evidência de sua validade foi jamais oferecida."

Richard Davis, diretor de análise de segurança nacional do Escritório de Contabilidade Geral (GAO), disse que muitos pedidos da FOIA foram feitos a várias agências governamentais sobre os documentos MJ-12. Em 1995, ele escreveu: "Em cada caso, essas agências afirmaram que não têm conhecimento dos documentos e que não há evidências de que o material escrito do Majestic 12 constitua documentos originais criados no poder executivo. Durante nossa revisão para o Congressista Schiff, não pudemos encontrar nenhuma evidência para contradizer essas declarações."

A batalha sobre os documentos MJ-12 se intensificou, e os pesquisadores de OVNIs tomaram partido com base em suas mentalidades individuais. Os desmascaradores como Klass foram acompanhados por Randle e pelo coautor Donald Schmitt, que afirmaram categoricamente que os documentos MJ-12 eram uma farsa e insinuaram amplamente que Moore pode ter participado da fabricação. Do outro lado estavam Friedman e o autor britânico Timothy Good, que escreveu em 1988: "Minhas investigações sobre a autenticidade da história do Majestic 12 durante a pesquisa em uma viagem recente aos Estados Unidos em 1986 me levaram a acreditar que o grupo de fato existiu, e o documento parece autêntico o suficiente. Infelizmente, todos os membros estão agora falecidos e minhas perguntas dirigidas a um ex-diretor da CIA, bem como a dois ex-presidentes, permanecem sem resposta, o que dificilmente é surpreendente." Mas em 1993, até Good estava voltando atrás. Escrevendo que "objeções válidas foram agora levantadas", Good afirmou que acreditava que os documentos MJ-12 eram fraudulentos, mas acrescentou que, com base em sua própria pesquisa, "algumas informações contidas neles, pelo menos, são essencialmente factuais".

Acusação e contra-acusação, agentes secretos, campanhas de "desinformação", documentos falsos — toda a coisa cheirava a peixe podre. Era aparente que os documentos MJ-12 foram produzidos por alguém com vasto conhecimento e experiência em documentação militar, pois todos concordaram que os papéis apresentavam aparência de autenticidade. Portanto, se os documentos MJ-12 eram fabricações, muitos pesquisadores raciocinaram que isso sinalizava uma campanha sofisticada de "desinformação" por parte de alguém dentro dos militares dos EUA. Tal campanha mostraria claramente que os militares dos EUA — particularmente a força aérea — há muito tempo tinham um interesse mais aguçado e profundo tanto no fenômeno OVNI quanto em seus investigadores do que se imaginava anteriormente, uma circunstância altamente curiosa à luz do fato de que a força aérea há muito tempo negava que houvesse qualquer coisa acontecendo em primeiro lugar.

Portanto, sejam reais ou falsos, os documentos MJ-12 e Projeto Aquarius e outros pareceriam estabelecer, sem dúvida, que certas pessoas dentro do governo estavam ocultando seu intenso interesse em OVNIs. Se forem genuínos — uma determinação que não parece estar ao alcance tão cedo — eles explicariam muito em relação ao contínuo sigilo governamental.

Um teste simples falhou em estabelecer fraude. Em 1995, um pesquisador e trabalhador aeroespacial chamado Lee Graham decidiu que ou os documentos MJ-12 eram genuínos ou alguém cometeu um crime ao fabricar e divulgar documentos ultrassecretos do governo. Graham trabalhava para a Aerojet, uma empresa que fazia trabalhos contratados para a Força Aérea dos EUA, e havia assinado um acordo de segurança secreto que afirmava: "Se eu estiver incerto sobre o status de classificação de uma informação, sou obrigado a confirmar com um funcionário autorizado que a informação não é classificada antes de

poder divulgá-la." Graham soube que qualquer documento com um carimbo de classificação ultrassecreta estava sujeito ao regulamento 5200.1-R do Departamento de Defesa. Portanto, quando Graham obteve uma cópia dos documentos MJ-12 em 1987, ele foi obrigado pelos regulamentos a relatar que material ultrassecreto pode ter sido comprometido. Em 24 de maio de 1990, depois de ter escrito ao então vice-presidente Dan Quayle, Graham recebeu uma carta do Serviço de Investigação de Defesa (DIS) que incluía uma cópia de sua carta a Quayle juntamente com os documentos MJ-12, que Graham notou terem sido marcados como "Não Classificado". Na correspondência subsequente, o agente do DIS Dale Hartig afirmou que os documentos MJ-12 eram autênticos. "Seguindo os procedimentos legais de segurança que regem o manuseio e disposição de documentos classificados, só pode haver duas conclusões possíveis", escreveu Graham, "o Documento de Briefing: Operação Majestic 12 é legítimo, ou Dale Hartig deve ser acusado de violar o Regulamento 5200.1-R do DoD. Não há meio-termo!" Graham observou que "neste caso, a violação de segurança cometida por Moore/Shandera foi aparentemente ignorada por todas as agências governamentais, incluindo o suposto grupo MJ-12 atual ou seus sucessores".

Este ignorar de violações de segurança foi confirmado por uma investigação do FBI lançada na esteira da divulgação dos documentos MJ-12. Impulsionado por uma carta de Philip Klass em 1987, o Bureau iniciou uma investigação dos documentos MJ-12, que, legítimos ou fabricados, constituiriam uma grave violação de segurança. Os agentes do Bureau passaram mais de um ano tentando determinar se os documentos MJ-12 eram propriedade do governo roubada ou falsificações. Por que alguém teria o trabalho de fabricar os documentos? perguntaram. Quem teria o conhecimento e a experiência para concoctar uma farsa tão elaborada e crível? Se alguém falsificou os papéis, teria que saber detalhes de pessoas e eventos de quase cinquenta anos atrás, além da forma correta de escrita, datas e carimbos de segurança. No final de sua investigação, os agentes do FBI não conseguiram encontrar nenhuma agência ou indivíduo disposto a admitir que os papéis haviam sido surrupiados do governo ou a fazer uma queixa formal de falsificação. O autor Howard Blum escreveu que um agente do FBI envolvido na investigação do MJ-12 confessou: "Tudo o que estamos descobrindo é que o governo não sabe o que sabe. Há muitos níveis secretos. Você não consegue uma história direta. Não me surpreenderia se nunca soubéssemos se os papéis são genuínos ou não."

Assim, hoje — e no futuro previsível — as questões sobre a autenticidade dos documentos continuam a girar em um caldeirão de controvérsias, com argumentos acalorados vindos de todos os lados. Mais uma vez, parece ser uma questão, não de prova final, mas de qual mentalidade se escolhe aceitar. Curiosamente, parece haver um acordo geral entre os pesquisadores de OVNIs que corresponde à conclusão de Good de que, mesmo que os documentos sejam comprovadamente falsos, eles ainda podem conter elementos de verdade. Pois há alguma evidência documental legítima indicando que um grupo MJ-12 — semelhante em operação, se não em nome — de fato existiu e que recuperações de quedas de OVNIs podem de fato ter ocorrido.

No livro de 1991 *UFOs, MJ-12 and the Government: A Report on Government Involvement in UFO Crash Retrievals*, os autores Grant Cameron e T. Scott Crain Jr. relataram que o Dr. Eric A. Walker, ex-secretário executivo do Conselho de Pesquisa e Desenvolvimento do Departamento de Defesa, sentiu que os documentos MJ-12 divulgados não eram autênticos. No entanto, ele admitiu saber de um grupo MJ-12 desde seu início em 1947. Walker disse que MJ-12 era "um punhado de elite, e nem todos são americanos". Walker também admitiu ter participado de reuniões na Base Aérea de Wright-Patterson sobre OVNIs recuperados. Perguntado sobre os ocupantes dos OVNIs, Walker respondeu que não se havia aprendido muito com eles. "Não estamos trabalhando com eles", acrescentou, "apenas contato". "Quanto à existência de um comitê especial para supervisionar as operações de recuperação de quedas de OVNIs — que pode ou não ter sido chamado de MJ-12 — há uma riqueza de dados para apoiar sua realidade", concluíram os autores Cameron e Crain.

Por exemplo, vários documentos governamentais tornaram-se públicos mencionando MJ-12, incluindo um registro de pagamento de Bob Lazar, um homem que afirmou ter trabalhado com OVNIs acidentados, e um documento da CIA relatando um disco voador acidentado e corpos alienígenas mencionados por Marilyn Monroe. Todos esses documentos são rotulados como falsos pelos desmascaradores, embora nenhum tenha sido provado como tal e seu número pareça estar aumentando.

Uma história intrigante sobre o MJ-12 veio do pesquisador de OVNIs de longa data Tommy Blann, que lembrou que em 1990 ele conheceu uma mulher que parecia saber tudo sobre o grupo secreto. "Margaret Fuller morava no mesmo complexo de apartamentos que nós. Ela era viúva e morava sozinha e um dia eu a ajudei a mudar algumas coisas para o seu apartamento. Nas paredes, vi fotografias emolduradas dela com o presidente Truman, Allen Dulles e várias outras pessoas que eu só conhecia da história. Alguns deles eram oficiais militares de alta patente que eu sabia pela minha pesquisa que estavam ligados à questão dos OVNIs. Com o tempo, conheci a Sra. Fuller bastante bem e descobri que desde a Segunda Guerra Mundial ela havia sido secretária executiva de vários generais de alta patente do Exército. Ela finalmente me mostrou muitos arquivos relacionados ao seu trabalho e me disse que havia um grupo secreto no controle da situação dos OVNIs. Ela disse que não era então chamado de MJ-12, mas operava da mesma forma que o MJ-12 foi descrito. Ela disse que este grupo ainda existia.

"De acordo com a Sra. Fuller, a maioria dos primeiros avistamentos de OVNIs envolvia experimentação aeronáutica com tecnologia nazista capturada. Mais tarde, a questão cresceu para incluir guerra psicológica e campanhas de desinformação. No entanto, ela disse que dentro de tudo isso havia algumas coisas reais, mas desconhecidas, beirando a magia. Ela disse que essas coisas eram classificadas em um nível muito mais alto. Alguns dos generais disseram que havia uma conexão entre os OVNIs desconhecidos e o espiritualismo.

"A Sra. Fuller disse que tinha fotografias da maioria dos membros originais deste grupo de OVNIs e estava procurando por eles na mesma semana em que teve um ataque cardíaco. Enquanto a tiravam de maca do seu apartamento, ela agarrou meu braço e disse: 'Tommy, não deixe minha família pegar esses arquivos.' Levaram-na para um hospital em Nashville. Ela morreu enquanto estava no hospital. Um parente me disse que viu uma enfermeira dar à Sra. Fuller medicação que não foi prescrita para ela. Algumas pessoas que diziam ser sua família chegaram, ensacaram seus arquivos em sacos plásticos e os levaram embora. Foi tudo altamente incomum."

Mas, embora anedotas como esta possam ser fáceis de descartar para alguns, outras evidências de que o governo colocou as mãos em OVNIs reais — se não em corpos alienígenas — são mais difíceis de ignorar.

Aviso Oficial sobre OVNIs

Há um documento surpreendente do FBI que indicava que o Diretor J. Edgar Hoover tinha conhecimento de uma recuperação inicial de OVNI. Este memorando do FBI de 1947 recomendava que o Bureau não investigasse avistamentos de OVNIs, "sendo notado que uma grande parte desses supostos discos relatados como encontrados foram pegadinhas". Na parte inferior da página, o diretor assistente do FBI e colega de quarto de Hoover, Clyde Tolson, acrescentou: "Acho que devemos fazer isso." Hoover acrescentou em sua própria caligrafia: "Eu faria isso, mas antes de concordar com isso, devemos insistir em acesso total aos discos recuperados. Por exemplo, no caso [La?], o Exército os agarrou e não nos deixou tê-los para um exame superficial." Alguns pesquisadores pensam que o "La" ilegível no memorando pode significar Los Alamos, para onde alguns destroços de Roswell supostamente foram levados, ou pode se referir a uma recuperação de disco voador relatada na Luisiana. Independentemente disso, este memorando foi um forte apoio à ideia de que um OVNI foi recuperado e estava sendo estudado dentro do governo.

O FBI continuou a receber informações sobre OVNIs. Um memorando de escritório de 22 de março de 1950 para Hoover, do agente especial encarregado do escritório do FBI em Washington, informava: "Um investigador da Força Aérea afirmou que três chamados discos voadores foram recuperados no Novo México. Eles foram descritos como sendo de forma circular com centros elevados, aproximadamente 50 pés de diâmetro. Cada um era ocupado por três corpos de forma humana, mas com apenas três pés de altura, vestidos com um tecido metálico de textura muito fina. Cada corpo estava enfaixado de maneira semelhante aos trajes de blackout usados por pilotos de velocidade e pilotos de teste."

Mais apoio veio de uma fonte estrangeira. Em novembro de 1950, Wilbert B. Smith, um funcionário do Departamento de Transportes do Canadá, escreveu um memorando secreto aos seus superiores recomendando que um projeto de pesquisa de OVNIs fosse criado.

Smith disse que soube do cientista americano Dr. Robert Sarbacher que "discos voadores existem" e que a questão era considerada de "enorme significância" pelas autoridades dos EUA, que haviam classificado o assunto em uma "classificação mais alta do que a da bomba-H". Ele também escreveu que o estudo de OVNIs por um "esforço concentrado está sendo feito por um pequeno grupo chefiado pelo Doutor Vannevar Bush". O Departamento de Transportes do Canadá respondeu à recomendação de Smith criando o Projeto Magnét em dezembro de 1950, posteriormente minimizado como "um pequeno programa de investigação no campo da geomagnética". No entanto, outro relatório de Smith em 10 de agosto de 1953 afirmava: "Parece então que estamos diante de uma probabilidade substancial da existência real de veículos extraterrestres..."

A fonte de informação de Smith, o Dr. Robert Sarbacher, era um cientista respeitado no Conselho de Pesquisa e Desenvolvimento do governo dos EUA, bem como presidente e presidente do conselho do Instituto de Tecnologia de Washington. Em 29 de novembro de 1983, em resposta a perguntas do autor de OVNIs William Steinman, Sarbacher escreveu uma carta provocativa, afirmando: "Relacionado às minhas próprias experiências sobre discos voadores recuperados, não tive associação com nenhuma das pessoas envolvidas na recuperação e não tenho conhecimento sobre as datas das recuperações... O Dr. Vannevar Bush estava definitivamente envolvido, e acho que o Dr. Robert Oppenheimer também... Recebi alguns relatórios oficiais quando estava no meu escritório no Pentágono, mas todos eles foram deixados lá, pois na época nunca deveríamos tirá-los do escritório... A única coisa que me lembro neste momento é que certos materiais relatados como vindos de quedas de discos voadores eram extremamente leves e muito resistentes. Tenho certeza de que nossos laboratórios os analisaram muito cuidadosamente. Havia relatos de que os instrumentos ou pessoas que operavam essas máquinas também eram de peso muito leve, suficientes para suportar a tremenda desaceleração e aceleração associadas às suas máquinas. Lembro-me de conversar com algumas pessoas no escritório que tive a impressão de que esses 'alienígenas' eram construídos como certos insetos que observamos na terra... Ainda não sei por que a alta classificação de sigilo foi dada e por que a negação da existência desses dispositivos."

O autor Good relatou que em 1950, nada menos que o Secretário de Estado General George C. Marshall admitiu a um amigo que houve pelo menos três pousos de OVNIs que "provaram ser desastrosos para os ocupantes".

Outra história fascinante envolveu o falecido comediante Jackie Gleason. De acordo com a segunda esposa de Gleason, Beverly McKittrick, ele voltou para casa visivelmente abalado certa noite em 1973. Gleason, que era conhecido por ter um grande interesse em OVNIs, disse que seu amigo, o presidente Richard Nixon, havia providenciado para que ele visitasse a Base Aérea de Homestead, na Flórida, onde ele viu os restos de pequenos seres alienígenas sob forte segurança. Esta história foi confirmada por Larry Warren, que disse que Gleason se encontrou com ele em maio de 1986 para ouvir o relato de Warren sobre

uma experiência com OVNIs na Inglaterra. Durante a conversa, Gleason contou a história de Nixon e os alienígenas e disse que a experiência o traumatizou por semanas. "Dava para perceber que ele era muito sincero", disse Warren. "Ele levou todo o assunto muito a sério, e eu pude perceber que ele queria tirar esse assunto do peito, e foi por isso que ele estava me contando tudo isso." Antes de sua morte em 1987, perguntaram a Gleason sobre este incidente, mas ele se recusou a comentar, uma circunstância muito interessante, pois era uma oportunidade de refutar a história se ela fosse falsa.

JFK, Marilyn e os OVNIs

Uma história ainda mais bizarra envolvia uma conexão de OVNI entre o presidente John F. Kennedy e o ícone de Hollywood Marilyn Monroe — durante anos objeto de rumores ligando romanticamente a atriz a John e Robert Kennedy.

Em 1994, o investigador particular de Los Angeles Milo Speriglio, que escreveu três livros sobre a controversa morte de Monroe, obteve uma cópia mal reproduzida do que parecia ser um relatório da CIA datado de 3 de agosto de 1962 — apenas dois dias antes de a atriz morrer de uma suposta overdose de drogas. O relatório afirmava que, através de uma escuta telefônica, agentes haviam ouvido uma conversa entre a renomada repórter Dorothy Kilgallen e uma amiga íntima em Hollywood. A amiga falou sobre uma separação entre Monroe e os Kennedys e disse que a atriz estava frequentando festas organizadas pelo "círculo interno" de Hollywood, onde estava ameaçando realizar uma coletiva de imprensa e revelar "segredos" que havia aprendido com John e Robert Kennedy.

De acordo com o relatório, esses segredos incluíam seu conhecimento de "bases" em Cuba — talvez uma referência aos locais de mísseis soviéticos que levaram à crise alguns meses depois — e os planos de Kennedy para matar Fidel Castro.

Mas o primeiro "segredo" listado foi uma "visita do Presidente a uma base aérea secreta com o propósito de inspecionar coisas do espaço sideral". Kilgallen não pareceu chocada com esta afirmação. Na verdade, de acordo com o relatório da CIA, ela respondeu que poderia saber a fonte de tal visita — uma queda no Novo México no final da década de 1940. Ela afirmou que em meados da década de 1950, soube de um funcionário do governo britânico sobre um esforço secreto para identificar a origem de naves espaciais acidentadas e corpos mortos.

Speriglio, um especialista em documentos certificado pelo tribunal, recusou-se a revelar o nome da pessoa que forneceu o relatório, dizendo que pelo menos duas agências federais estavam investigando o assunto, embora nenhuma palavra oficial tenha sido divulgada. Mas ele acrescentou que vários ex-contatos da CIA verificaram o conteúdo do documento. "Parece ser um resumo projetado para ser transferido para outras agências", comentou o pesquisador Vic Golubic, que investigou o documento por mais de um ano e ainda não pôde

confirmar nem negar sua autenticidade. "Verifiquei com muitas pessoas e 50 por cento dizem que é autêntico e 50 por cento dizem que não. Ou é uma falsificação muito inteligente ou é legítimo."

O documento parecia ser assinado por ninguém menos que James Angleton, ex-chefe da contrainteligência da CIA. Aumentando as suspeitas sobre a legitimidade do documento estava uma referência ao Projeto Moon Dust e uma impressão borrada na parte inferior que parecia dizer "MJ-12".

No entanto, há algum apoio intrigante para a noção de que a história pode ser verdadeira. Primeiro, um artigo de Dorothy Kilgallen publicado em 1955. Sob a manchete "'Flying Saucer' Wreckage Assures Britons of Reality" ("Destroços de 'Disco Voador' Asseguram aos Britânicos a Realidade"), ela escreveu: "Posso relatar no domingo uma história que é positivamente assustadora, para não dizer arrepiante. Cientistas e aviadores britânicos, após examinar os destroços de uma misteriosa nave voadora, estão convencidos de que esses estranhos objetos aéreos não são ilusões de ótica, mas são realmente discos voadores que se originam em outro planeta. A fonte da minha informação é um funcionário britânico de nível ministerial que prefere permanecer não identificado. 'Acreditamos, com base em nossas investigações até agora, que os discos voadores eram tripulados por homenzinhos — provavelmente com menos de quatro pés de altura', disse-me meu informante. 'É assustador, mas não há como negar que os discos voadores vêm de outro planeta.' Este funcionário citou cientistas dizendo que uma nave voadora deste tipo não poderia possivelmente ter sido construída na Terra. O governo britânico, soube, está retendo um relatório oficial sobre o exame do 'disco voador' neste momento, possivelmente porque não quer assustar o público. Nos Estados Unidos, todos os tipos de explicações foram apresentadas. Mas nenhum funcionário responsável da Força Aérea dos EUA ainda sugeriu que as misteriosas naves voadoras realmente saltaram do espaço sideral."

Apoio considerável para a história de Kilgallen veio durante o mesmo período, quando o Marechal Chefe do Ar Britânico Lord Dowding, comandante em chefe dos caças da RAF durante a Batalha da Grã-Bretanha, disse ao *London Sunday Dispatch* com conhecimento de causa: "Estou convencido de que esses objetos [OVNIs] existem e que não são fabricados por nenhuma nação da Terra... Acho que devemos resistir à tendência de assumir que todos eles vêm do mesmo planeta, ou que são movidos por motivos semelhantes. Pode ser que os visitantes de um planeta desejassem nos ajudar em nossa evolução a partir da base de um nível mais elevado que eles alcançaram. Outro planeta poderia enviar uma expedição para verificar quais foram aquelas terríveis explosões que observaram e para nos impedir de incomodar outras pessoas além de nós mesmos com os novos brinquedos com os quais estamos brincando tão levianamente. Outros visitantes podem ter vindo apenas em busca de descoberta científica e podem nos olhar com o distanciamento impassível com que poderíamos olhar para os insetos encontrados sob uma pedra virada."

Mais apoio para o conhecimento de alto nível sobre OVNIs veio de um ex-comissário de bordo do Air Force One que contou sobre uma observação enigmática do presidente Kennedy. Bill Holden, que também serviu como chefe de carga do Air Force One, viajou com Kennedy para a Europa no verão de 1963. Ele disse que uma conferência sobre OVNIs em Bonn, Alemanha, provocou uma discussão sobre o assunto a bordo do avião do Presidente certa manhã.

Holden disse que se virou para Kennedy e perguntou: "O que você acha sobre OVNIs, Sr. Presidente?" Ele disse que Kennedy ficou bastante sério e pensou por um momento antes de responder: "Eu gostaria de contar ao público sobre a situação alienígena, mas minhas mãos estão atadas."

Impulsionados por essas evidências tentadoras, alguns pesquisadores chegaram a afirmar que o assassinato de Kennedy foi para impedi-lo de revelar ao público a notícia da visitação extraterrestre.

Não apenas esses relatos parecem fornecer alguma substanciação para a história dos discos voadores recuperados, mas cartas recentes do governo deixam claro que o Projeto Aquarius — o assunto do telex que iniciou toda a controvérsia dos documentos — realmente existe.

Quando um pesquisador enviou uma solicitação da Lei de Liberdade de Informação (FOIA) à Agência de Segurança Nacional (NSA), Dennis Chadwick, chefe da política de informação, respondeu: "Por favor, seja informado de que o Projeto Aquarius não lida com objetos aéreos não identificados." Chadwick acrescentou: "Como você indica em sua carta que não pagará a taxa de $15.000,00 para pesquisar registros relativos ao Aquarius, esta resposta conclui nossa ação em relação à sua solicitação." Inabalado, o pesquisador investigou mais e em 15 de abril de 1986 recebeu esta intrigante resposta de Julia Wetzel, diretora de política da NSA: "O documento localizado em resposta à sua solicitação conforme declarado em sua carta de 7 de março foi revisado pela Agência conforme exigido pela FOIA e foi considerado atualmente e propriamente classificado... e permanece ULTRA SECRETO... O documento é classificado porque sua divulgação poderia razoavelmente ser esperada para causar danos excepcionalmente graves à segurança nacional..." Embora confirmando a existência do Projeto Aquarius ULTRA SECRETO, a NSA não deu indicação se ele envolvia OVNIs. Considerando a dependência passada do governo em ambiguidade semântica, alguns pesquisadores acreditaram que a negação de que o projeto dizia respeito a "objetos aéreos não identificados" deixava em aberto a questão de objetos identificados no solo.

Foi irônico que, à medida que a linha oficial do governo de que os OVNIs simplesmente não existem se endurecia, documentações como as acima, juntamente com relatórios oficiais e anedotas, aumentavam em qualidade e quantidade. Algo definitivamente estava acontecendo, mas o público não descobriria o quê através dos canais oficiais do governo.

CAPÍTULO 5

NEGAÇÃO PLAUSÍVEL

No início dos anos 1950, a mudança de atitude em direção à negação dos OVNIs solidificou-se nos mais altos níveis da liderança militar e civil. Como uma pedrinha em um lago, ela se espalhou pelos níveis mais baixos de autoridade.

O Projeto Grudge fracassou, prejudicado por problemas políticos, econômicos e de falta de pessoal. Edward J. Ruppelt, que logo chefiaria a nova investigação oficial da força aérea sobre OVNIs, disse: "O Projeto Grudge caiu cada vez mais em um período de quase completa inatividade." Ele o chamou de "Idade das Trevas". Um dos únicos relatórios a surgir durante este período foi caracterizado por um jornalista como "bastante impressionante, mas apenas em sua ambiguidade, raciocínio ilógico e esforço muito aparente para descartar todos os relatos de OVNIs a qualquer custo... para encobrir a história real". O próprio Ruppelt falou de uma "abordagem esquizofrênica" no Centro de Inteligência Técnica Aérea (ATIC). "Na superfície, eles se alinhavam com os zombadores em qualquer questão de disco voador, mas se você estivesse sozinho com eles e começasse a ridicularizar o assunto, eles o defendiam ou pelo menos mostravam um interesse ativo", disse ele.

Tudo isso mudou no outono de 1951, quando oficiais de alta patente no Pentágono, irritados porque o público e a mídia não abandonavam o assunto, ordenaram uma reorganização do Projeto Grudge. Em 27 de outubro de 1951, o novo Projeto Grudge foi oficialmente estabelecido com o Capitão Ruppelt no comando.

Os relatos de OVNIs melhoraram em qualidade, e a força aérea até emitiu ordens aos seus pilotos e controladores de voo sobre quais procedimentos seguir caso um fosse encontrado. Essas instruções eram conhecidas como Instruções de Comunicação para Reportar Avistamentos Vitais de Inteligência (CIRVIS). As próprias ordens causaram problemas para os militares. A Publicação Conjunta Exército-Marinha-Força Aérea (JANAP) 146 direcionava os pilotos a relatar OVNIs, mas manter os relatórios em segredo sob as penalidades contidas na Lei de Comunicações de 1934 e nas leis de espionagem. O Regulamento da Força Aérea (AFR) 200-2 limitava a distribuição de relatórios de OVNIs a três grupos de inteligência da força aérea.

Logo essa censura e sigilo foram estendidos além dos militares. Em 17 de fevereiro de 1954, oficiais da força aérea se reuniram com representantes das principais companhias aéreas do país. De acordo com o Scripps-Howard News Service, pilotos comerciais vinham relatando entre cinco e dez avistamentos de OVNIs por noite antes desta reunião. Os pilotos notificavam a força aérea de seus avistamentos através de suas empresas após o pouso. Para "obter os relatórios da maneira mais rápida possível", os oficiais da força aérea instruíram os

pilotos a transmitir tais relatórios por rádio diretamente para a inteligência do Serviço de Transporte Aéreo Militar (MATS) em Washington ou para a base da força aérea mais próxima. De acordo com um relato da imprensa sobre a reunião, "Pilotos de linhas aéreas são solicitados a não discutir seus avistamentos publicamente ou entregá-los aos jornais."

Essa intimidação nada sutil dos pilotos comerciais levou um deles a dizer aos repórteres: "[A política da força aérea é] uma lição em mentir, intriga e a atitude do 'Grande Irmão' levada ao extremo final." Quase quinhentos pilotos de linhas aéreas assinaram uma petição protestando contra esta política, mas sem sucesso. Alguém com muito poder estava determinado a encerrar as discussões públicas sobre OVNIs.

O pesquisador e autor Major Donald Keyhoe apontou os regulamentos CIRVIS como prova de que a força aérea estava suprimindo informações sobre OVNIs. "Por causa da JANAP 146 e do AFR 200-2, centenas de novos encontros dramáticos foram mantidos em segredo", escreveu ele, acrescentando que a política de sigilo sobre OVNIs vinha de um grupo tipo MJ-12 de homens altamente colocados que ele chamou de "grupo do silêncio".

Apesar da atitude oficial de que os OVNIs não existiam, era bastante aparente que os altos funcionários estavam buscando o máximo de informações possível. Mas ainda não havia respostas concretas.

Um bom exemplo é o que ficou conhecido como as "Luzes de Lubbock". Começando na noite de 25 de agosto de 1951 e durando por mais várias noites, uma estranha fileira de luzes azuladas e brilhantes foi vista voando rapidamente sobre Lubbock, no extremo oeste do Texas. Quatro professores do Texas Technological College — um geólogo, um físico, um químico e um engenheiro de petróleo — testemunharam as luzes em várias noites consecutivas. Após estudo cuidadoso, os acadêmicos decidiram que estavam sob controle inteligente. Um calouro da faculdade chamado Carl Hart Jr. conseguiu tirar cinco fotografias da formação de luzes em forma de V. A força aérea acabou decidindo que todo o incidente foi causado por refletores de luz de rua de vapor de mercúrio refletindo nas costas de pássaros, primeiro identificados como borrelhos, depois mudados para patos quando foi apontado que os borrelhos geralmente viajam apenas em pares. Esta explicação não foi bem recebida entre as centenas de residentes de Lubbock que testemunharam o sobrevoo.

Ruppelt, que investigou pessoalmente as Luzes de Lubbock, também não ficou convencido pela história dos pássaros. Ele afirmou que as fotografias não podiam ser provadas como uma farsa e descartou a teoria do reflexo da luz de rua, pois pessoas longe da cidade também viram a formação. Além disso, havia rastros de radar e avistamentos tão distantes quanto Albuquerque para apoiar os avistamentos. Ele afirmou que cientistas do governo e oficiais de inteligência "estavam convencidos de que alguns dos OVNIs que estavam sendo relatados eram naves espaciais interplanetárias e a série Lubbock foi um desses relatos". Mas em seu livro de 1956, Ruppelt finalmente afirmou que, após receber informações de

uma fonte que não pôde identificar, as luzes eram um "fenômeno natural muito comum e facilmente explicável". Foi uma conclusão muito insatisfatória.

Ruppelt geralmente trouxe um ponto de vista novo e objetivo para a investigação da força aérea. Ele afirmou ter demitido três membros da equipe por serem muito céticos ou muito receptivos à teoria da nave espacial. E rapidamente se mergulhou no atoleiro dos relatos de OVNIs. Em janeiro de 1952, Ruppelt e um cientista se reuniram com funcionários da General Mills em Minneapolis, que afirmaram ter testemunhado avistamentos de OVNIs por mais de um ano. Essas pessoas tinham um lugar especial nas fileiras das testemunhas de OVNIs. Ruppelt explicou: "A Divisão Aeronáutica da General Mills, Inc., famosa por Wheaties e Betty Crocker, havia lançado e rastreado todos os balões Skyhook que foram lançados antes de meados de 1952. Eles sabiam como seus balões pareciam sob todas as condições de iluminação e também conheciam meteorologia, aerodinâmica, astronomia e conheciam OVNIs. Conversei com essas pessoas durante a maior parte de um dia inteiro e toda vez que tentava inferir que poderia haver alguma explicação natural para os OVNIs, quase me encontrava em um monte de neve fresca." Isso colocou por terra a teoria de que muitos — senão a maioria — dos avistamentos de OVNIs eram balões Skyhook.

Com novas esperanças de resolver o crescente fenômeno dos OVNIs, o nome Projeto Grudge foi finalmente abandonado em março de 1952. A investigação da força aérea, agora trabalhando em estreita colaboração com o Comando de Defesa Aérea, tornou-se uma organização separada oficialmente chamada Grupo de Fenômenos Aéreos. Isso logo mudou para Projeto Blue Book. Outra mudança veio devido ao desgosto de Ruppelt de que o termo "disco voador" tinha vindo a representar qualquer coisa e tudo decididamente estranho e sobrenatural. Ele popularizou o termo Objeto Voador Não Identificado, ou OVNI, na crença de que isso representava mais de perto o objeto da investigação da força aérea.

Onde a força aérea estava tentando desacreditar todos os avistamentos de OVNIs, Ruppelt e o Blue Book estavam tentando manter a mente aberta. No entanto, eles rapidamente descartaram qualquer relatório que parecesse ter uma explicação convencional, o que chegava a cerca de 60 por cento. Eles se concentraram no restante.

A percepção pública foi eletrizada quando a revista *Life* publicou um artigo em 7 de abril de 1952, intitulado "Have We Visitors from Space?" ("Temos Visitantes do Espaço?"). Não apenas o artigo parecia substanciar a ideia de que alienígenas estavam aqui, mas, ao citar certas fontes de alto escalão, parecia endossar o conceito. Muitas pessoas sentiram que a força aérea estava tentando vazar a verdade de uma maneira não ameaçadora. Ruppelt e o autor Peebles concordaram que a ideia de naves espaciais interplanetárias era certamente a opinião pessoal de vários oficiais do Pentágono na época. Ambos, no entanto, pararam aquém da crença do Major Keyhoe de que o artigo da *Life* fazia parte de um processo aprovado nos mais altos níveis para condicionar o público à ideia de visitação extraterrestre.

Uma coisa era certa — a ideia de alienígenas na Terra, embora ridicularizada em níveis mais baixos, aparentemente era levada muito a sério nos níveis mais altos.

O Blue Book, absorto no esforço de se reorganizar, não estava preparado para a erupção de avistamentos que começou no verão de 1952. Disse Ruppelt: "Em meados de julho, estávamos recebendo cerca de 20 relatos por dia, além de ligações frenéticas de oficiais de inteligência de todos os Estados Unidos, pois todas as instalações da Força Aérea nos EUA estavam sendo inundadas com relatos." E isso foi apenas o começo.

OVNIs sobre Washington

A realidade dos OVNIs tornou-se inegável — pelo menos para a população de Washington, D.C. — em 19 de julho de 1952, quando mais de oito OVNIs foram rastreados por radar na Base Aérea de Andrews e no Aeroporto Nacional de Washington. Os objetos circulavam a baixas velocidades de 100 a 130 milhas por hora e depois aceleravam para "velocidades fantasticamente altas". Os objetos foram observados por pilotos experientes e controladores de voo, bem como rastreados por radar por várias horas. Ominosamente, eles estavam bem dentro do espaço aéreo mais restrito de Washington — passando sobre o Capitólio e a Casa Branca.

Nos dias seguintes, os OVNIs reapareceram, primeiro aqui e depois ali. Os avistamentos foram uma surpresa para a equipe do Blue Book, embora em retrospecto, não deveriam ter sido. Ruppelt relatou mais tarde que houve um acúmulo constante de avistamentos ao longo da Costa Leste por alguns meses.

"Quando os avistamentos começaram, repórteres e fotógrafos se aglomeraram na sala de radar do Aeroporto Nacional para assistir aos OVNIs saltitarem. Rapidamente, no entanto, a mídia foi ordenada a sair com a explicação de que frequências e procedimentos de rádio classificados seriam usados para vetorar caças para os OVNIs. "Eu sabia que isso era absurdo porque qualquer operador de rádio amador que se preze poderia construir equipamento e ouvir qualquer interceptação", escreveu Ruppelt mais tarde. Ele disse que soube que a verdadeira razão para dispensar a mídia era evitar que eles descobrissem a realidade dos OVNIs, caso um fosse abatido.

Jatos militares F-94 foram enviados para interceptar os contatos, que estavam voando pelo espaço aéreo restrito. Mas toda vez que os jatos se aproximavam, os OVNIs aceleravam e desapareciam. Posições de radar eram dadas, mas os observadores em solo não conseguiam ver nada. Foi tudo muito frustrante. E a mídia se divertiu. "Objetos Flamejantes Superam Jatos sobre a Capital — Investigação Envolta em Sigilo Após Perseguição Vã" e "Jatos em Alerta para Discos Voadores — Interceptadores Perseguem Luzes nos Céus de D.C." gritavam as manchetes.

Respondendo ao alvoroço, o Major General John Samford convocou uma coletiva de imprensa para a tarde de 29 de julho. Foi a maior e mais longa coletiva de imprensa convocada pela força aérea desde a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Ruppelt, o General Samford tergiversou em algumas perguntas simplesmente porque não tinha resposta. Ele finalmente passou a responsabilidade para um oficial de inteligência que especulou que o alvoroço sobre Washington foi causado por inversões de temperatura, um fenômeno que cria bolsões de ar quente incapazes de subir devido a camadas de temperatura semelhantes no céu. Inversões de temperatura podem refletir a luz e podem ser captadas pelo radar, foi explicado. A mídia então noticiou "Força Aérea Desmascara Discos Voadores como Apenas Fenômenos Naturais".

A Autoridade de Aeronáutica Civil, precursora da Administração Federal de Aviação, realizou um estudo e concluiu que "a inversão de temperatura foi indicada em quase todos os casos" dos avistamentos de Washington. Foi uma explicação calorosamente abraçada pelo desmascarador Peebles, mas sistematicamente desmontada por Ruppelt. A investigação do Blue Book determinou que OVNIs foram vistos com frequência sobre Washington — cinquenta alvos foram rastreados apenas em 23 de maio — e que em cada noite em que houve um avistamento, as inversões de temperatura nunca foram fortes o suficiente para afetar o radar. Ruppelt também descobriu que, embora as inversões ocorressem quase todas as noites durante junho, julho e agosto, os "alvos de radar 'sólidos' de movimento lento apareciam apenas naquelas poucas noites." "Portanto, os Avistamentos do Aeroporto Nacional de Washington ainda são desconhecidos", concluiu Ruppelt.

A CIA Assume o Controle

Após o susto dos discos voadores sobre Washington em meados de 1952, as facções dentro do Blue Book estavam começando a concordar em uma coisa — era hora de acabar com o sigilo oficial sobre os OVNIs.

Essa ideia foi apressada devido ao Secretário da Marinha Dan Kimball, que teve sua própria experiência com OVNIs enquanto voava para o Havaí em abril de 1952. Duas naves em forma de disco, voando a velocidades estimadas em mais de 1.500 milhas por hora — uma velocidade impossível naquela época — aproximaram-se rapidamente e circularam o avião executivo de Kimball e outro avião transportando o Almirante Arthur Radford. Ao pousar, Kimball transmitiu um relatório por rádio para a força aérea. Algum tempo depois, Kimball ficou indignado ao saber que a força aérea aparentemente não havia investigado seriamente seu caso, mas nem mesmo divulgaria a ele a análise que haviam preparado. Ele rapidamente ordenou que a marinha iniciasse uma investigação paralela de OVNIs com a recém-criada força aérea. Esta ação logo produziu um dos casos de OVNIs mais bem documentados até aquela época.

Em 15 de julho de 1952, o Suboficial Chefe da Marinha Delbert C. Newhouse e sua esposa acabavam de passar por Tremonton, Utah, ao norte de Salt Lake City, quando viram um grupo de doze a catorze objetos brilhantes e reluzentes manobrando em formação em alta velocidade. Parando seu carro, Newhouse, fotógrafo da marinha por vinte e um anos, pegou sua câmera de filme e ajustou a torre para a lente teleobjetiva de três polegadas. Ele expôs cerca de quarenta pés de filme antes que os objetos voassem para fora de vista. Momentos antes de desaparecer, um dos objetos se separou do grupo principal e seguiu para leste. Mais tarde, Newhouse disse que os objetos pareciam "duas formas de torta, uma invertida em cima da outra".

Desta vez, o filme foi para o Laboratório de Interpretação Fotográfica da Marinha perto de Washington, onde analistas estudaram de perto os objetos e logo descartaram aeronaves, balões e pássaros. Sua conclusão final foi "objetos desconhecidos sob controle inteligente".

Com a marinha entrando no quadro dos OVNIs com esta surpreendente filmagem e com Ruppelt e os oficiais da força aérea querendo falar publicamente sobre naves espaciais interplanetárias, parecia óbvio do ponto de vista de uma pessoa na mais alta autoridade que algo precisava ser feito. E foi.

O Major Keyhoe, um homem com contatos consideráveis dentro do governo, relatou mais tarde que soube que a CIA estava monitorando a situação dos OVNIs e a investigação da força aérea quase desde o seu início. "O Almirante Hillenkoetter me disse depois que isso vinha acontecendo desde 1948, quando ele era diretor da CIA", escreveu Keyhoe. Este era o mesmo Hillenkoetter nomeado nos duvidosos documentos MJ-12. De acordo com Keyhoe, a CIA conseguiu atrasar qualquer ação significativa do Secretário da Marinha Kimball até depois das eleições de novembro de 1952. Com a eleição de Dwight Eisenhower, um republicano, Kimball tornou-se um pato manco e perdeu força em seu esforço para acabar com a censura aos OVNIs. "Mesmo que a ameaça Kimball parecesse ter terminado", escreveu Keyhoe, "a CIA sabia que outra luta da Marinha poderia surgir, e a AF mostrou que não era suficientemente dura para lidar com tal perigo. A única resposta era assumir o controle da investigação da AF e insistir em uma censura severa e implacável, para matar a crença pública em OVNIs."

Para este fim, funcionários da CIA convocaram um painel de cientistas distintos para fazer um estudo secreto das evidências de OVNIs até aquela época. O diretor da CIA no início de 1953 era Walter Bedell Smith, outro nome nos documentos MJ-12. Smith foi substituído naquele mesmo ano pelo Diretor Adjunto da CIA Allen Dulles, um ex-oficial do Escritório de Serviços Estratégicos sob o comando de William "Wild Bill" Donovan e um dos homens que ajudaram a criar a CIA. O irmão de Dulles, John Foster Dulles, era o secretário de Estado de Eisenhower. Os irmãos Dulles definiriam a política externa dos EUA por quase uma década.

Em um memorando de 1952, o diretor da CIA Smith disse ao Conselho de Segurança Nacional: "Desde 1947, aproximadamente 2.000 relatórios oficiais de avistamentos foram recebidos e, destes, cerca de 20 por cento ainda não foram explicados. É minha opinião que esta situação tem possíveis implicações para nossa segurança nacional que transcendem o interesse de um único serviço. Um esforço mais amplo e coordenado deve ser iniciado para desenvolver uma compreensão científica firme dos vários fenômenos que aparentemente estão envolvidos nesses relatos, e para assegurar que os incidentes não prejudiquem nossos esforços atuais na Guerra Fria ou confundam nosso sistema de alerta precoce em caso de ataque." Em outro memorando de Smith, desclassificado em 1977, ele disse ao diretor do Conselho de Estratégia Psicológica da CIA que estava enviando ao NSC uma proposta "na qual se conclui que os problemas relacionados com objetos voadores não identificados parecem ter implicações para a guerra psicológica, bem como para a inteligência e operações."

Os cientistas da CIA — que curiosamente incluíam o Dr. Lloyd Berkner, outro nome na lista MJ-12 — começaram a se reunir em 14 de janeiro de 1953 em Washington. O painel foi presidido pelo Dr. H. P. Robertson, um físico do Instituto de Tecnologia da Califórnia intimamente ligado à inteligência dos EUA. Em 1943, Robertson estudou o programa alemão V-1 e relatou ao governo que era uma ameaça legítima. Um membro, o astrônomo da Universidade Johns Hopkins, Dr. Thornton L. Page, definiu o tom. "No começo, achei que era um monte de bobagens e disse isso", lembrou ele. Page foi silenciado por Robertson, que se esforçou para garantir a todos os presentes que o estudo criado pela CIA deveria ser sério e de mente aberta. Ele e seus aliados no painel então se propuseram a desmascarar cada pedaço de informação sobre OVNIs apresentada, incluindo um "estudo muito polêmico e altamente controverso" iniciado por Ruppelt e pelo oficial de ligação do governo com o Blue Book, Major Dewey Fournet. "O estudo era polêmico porque não era oficial e a razão pela qual não era oficial era porque era tão polêmico", escreveu Ruppelt. "Ele concluía que os OVNIs eram naves espaciais interplanetárias."

J. Allen Hynek, que retornou como conselheiro tanto do Blue Book quanto do painel Robertson, escreveu mais tarde que ficou insatisfeito com o exame superficial do painel e a falta de curiosidade. Além disso, ele afirmou: "O painel não teve acesso a muitos dos casos verdadeiramente intrigantes."

"Supostamente, este seria um exame cuidadoso e objetivo dos relatos mais bem verificados", escreveu Keyhoe. "Na verdade, os cientistas selecionados pela CIA eram céticos conhecidos. A maioria deles não tinha conhecimento real sobre OVNIs e consideravam o assunto uma bobagem." Os homens da CIA encarregados dos cientistas limitaram o material e o distorceram de tal forma que levaram os membros do painel, dispostos, a uma visão negativa dos OVNIs. Keyhoe disse que um dos oficiais da AF na reunião lhe disse: "Fomos enganados. A CIA não quer preparar o público — eles estão tentando enterrar o assunto. Aqueles agentes comandaram todo o show e os cientistas

seguiram a liderança deles. Jogaram fora o filme de Utah — disseram que os analistas da Marinha eram incompetentes. Tínhamos mais de cem dos relatos verificados mais fortes. Os agentes contornaram os melhores. Os cientistas viram apenas 15 casos, e os homens da CIA tentaram encontrar falhas neles."

Sob essas circunstâncias, não foi surpreendente que o painel Robertson tenha concluído que "as evidências apresentadas sobre Objetos Voadores Não Identificados não mostram nenhuma indicação de que esses fenômenos constituam uma ameaça física direta à segurança nacional", mas acrescentou que "a ênfase contínua no relato desses fenômenos, nestes tempos perigosos, resulta em uma ameaça ao funcionamento ordenado dos órgãos protetores do corpo político... que as agências de segurança nacional tomem medidas imediatas para despir os Objetos Voadores Não Identificados do status especial que lhes foi dado e da aura de mistério que infelizmente adquiriram." Eles estavam mais preocupados com as percepções públicas do que com o fenômeno em si.

Al Chop, oficial de imprensa civil do Projeto Blue Book, disse a Keyhoe: "Eles mataram todo o programa. Fomos ordenados a elaborar uma campanha nacional de desmascaramento, plantando artigos em revistas e organizando transmissões para fazer os relatos de OVNIs parecerem bobagem." Keyhoe citou Ruppelt acrescentando: "O que Al Chop lhe disse não é o pior. Fomos ordenados a esconder avistamentos quando possível, mas se um relato forte vazar, temos que publicar uma explicação rápida — inventar algo para matar o relato rapidamente, e também ridicularizar a testemunha, especialmente se não conseguirmos descobrir uma resposta plausível. Temos até que desacreditar nossos próprios pilotos. É um negócio injusto, mas não podemos lutar contra a CIA. A coisa toda me enoja — estou pensando em pedir inatividade."

Substanciação para esta política de sigilo veio de ninguém menos que o Senador Richard B. Russell da Geórgia, que então serviu como presidente do Comitê de Serviços Armados do Senado e mais tarde como membro da Comissão Warren. Russell, após avistar um OVNI enquanto estava na Europa, recusou-se a falar publicamente sobre sua experiência, afirmando: "Discuti isso com as agências afetadas do governo e elas são da opinião de que não é sensato divulgar o assunto desta vez."

O engano também fazia parte da política de sigilo. Apesar do memorando de Twining de 1947 que concluía que os OVNIs eram "algo real e não visionário ou fictício", o Tenente-Coronel da Sede da Força Aérea L. J. Tacker, no início dos anos 1950, afirmou enfaticamente: "Nunca houve uma conclusão oficial da Força Aérea de que os Discos Voadores são reais."

Para dar uma ideia de tanto por quanto tempo essa política de sigilo e engano foi mantida quanto em que níveis, é instrutivo considerar uma carta a Keyhoe do ex-líder da maioria da Câmara John McCormack, que disse que não conseguiu obter informações sobre OVNIs

mesmo em sessões fechadas com altos oficiais da força aérea, apesar de "esforços fortes" para descobrir a verdade. Mais substanciação veio do Senador Barry Goldwater, que serviu como presidente do Comitê de Inteligência do Senado. Em uma carta escrita em 28 de março de 1975, Goldwater afirmou: "O assunto dos OVNIs é um que me interessa há muito tempo. Cerca de 10 ou 12 anos atrás, fiz um esforço para descobrir o que havia no edifício da Base Aérea de Wright-Patterson onde as informações coletadas pela Força Aérea são armazenadas, e fui compreensivelmente negado a este pedido. Ainda é classificado acima de Ultra Secreto." Em 1979, Goldwater, que por anos foi major-general na Reserva da Força Aérea, escreveu ao pesquisador Lee Graham: "Essa coisa ficou tão altamente classificada... é impossível conseguir qualquer coisa sobre ela." Parece incrível, mas os OVNIs — que oficialmente não existem — estão tão envoltos em sigilo que nem mesmo senadores de alta patente podem obter informações sobre o assunto.

Na verdade, toda a questão militar-OVNI tornou-se uma situação "catch-22". O Dr. Robertson, ao comparar a investigação de OVNIs com seu próprio estudo de mísseis guiados alemães no final da guerra, observou: "A ausência de qualquer 'hardware' resultante de avistamentos de OVNIs inexplicados confere uma natureza de 'fogo-fátuo' ao problema do ATIC." Em outras palavras, apenas "hardware" poderia provar a realidade dos OVNIs. Mas qualquer "hardware" disponível estava escondido pelos militares.

"O Painel Robertson chegou a algum lugar", concluiu Hynek mais tarde. "Eles tornaram o assunto dos OVNIs cientificamente desrespeitável, e por quase 20 anos não se prestou atenção suficiente ao assunto para adquirir o tipo de dados necessários para decidir a natureza do fenômeno OVNI."

Nessa atmosfera, não foi surpresa que membros de alta patente do Projeto Blue Book começassem a sair após a dissolução do painel Robertson; em 1956, o Major Ruppelt foi um deles. No final daquele ano, Ruppelt publicou seu livro autorizado, *The Report on Unidentified Flying Objects* (O Relatório sobre Objetos Voadores Não Identificados), que era crítico do tratamento da força aérea ao assunto e apoiava a ideia de visitação extraterrestre. De acordo com o autor Paris Flammonde, "O Capitão Ruppelt, com o Dr. J. Allen Hynek, foi provavelmente o melhor e mais honesto homem que os militares já tiveram atuando na área de Objetos Voadores Não Identificados." Esta avaliação foi repetida por muitos outros familiarizados com a investigação naqueles dias. Como ex-chefe do Projeto Blue Book, Ruppelt emprestava autoridade inquestionável ao assunto dos OVNIs e seria uma pessoa a ser impedida por qualquer um que esperasse desviar a atenção do público da questão.

Sua atitude, para grande alívio dos desmascaradores, mudou dentro de dois anos. Em maio de 1958, Ruppelt escreveu uma carta a um membro do Comitê Nacional de Investigações sobre Fenômenos Aéreos (NICAP) revertendo sua posição. Soando muito como um comunicado de imprensa oficial, Ruppelt escreveu: "Visitei o Projeto Blue Book desde 1953

e agora estou convencido de que os relatos de OVNIs não passam de relatos de balões, aeronaves, fenômenos astronômicos, etc. Não acredito que sejam nada do espaço sideral." Sua conversão foi real, ou Ruppelt foi de alguma forma silenciado? Ninguém pode dizer com certeza, pois Ruppelt morreu apenas dois anos depois. Segundo consta, a viúva de Ruppelt disse que sua mudança de opinião se deveu à contínua falta de evidências físicas de OVNIs, bem como à introdução de contatados na questão. Keyhoe tinha outra versão. "[Ruppelt] frequentemente me dava pistas valiosas, e quando me tornei diretor do NICAP, ele cooperou continuamente, elogiando a organização por sua luta contra o sigilo. Mas em 1959 isso parou subitamente. Ruppelt então estava trabalhando com uma empresa aeroespacial com contratos da Força Aérea. Algo aconteceu que obviamente o colocou sob forte pressão para parar de criticar as atividades da AF sobre OVNIs. Uma explicação — que não é comprovada — é que a AF deu a entender que seus contratos com a empresa e seu emprego poderiam ser prejudicados se ele não cooperasse. Talvez haja outra resposta, algo poderoso o suficiente para fazê-lo ceder. O alvo principal era seu livro revelador. De alguma forma, ele foi forçado a repudiá-lo completamente... Como vários outros que conheceram bem Ruppelt, sempre acreditei que a retratação forçada e as críticas amargas [à sua integridade] foram em parte a causa de sua morte prematura por ataque cardíaco."

Após a saída de Ruppelt e outros do Blue Book, uma coisa ficou muito clara, embora tenha sido pouco compreendida tanto na época quanto mesmo por pesquisadores modernos de OVNIs: a CIA, apesar de seus protestos, assumiu o controle oculto da investigação oficial de OVNIs.

No entanto, o projeto Blue Book da força aérea continuou como a resposta visível do governo. "A Força Aérea entrou em um longo período de relações públicas infelizes e amadoras", escreveu Hynek, que permaneceu como consultor. Ele acrescentou: "Algumas das avaliações do Blue Book de relatos sinceros eram muitas vezes tão transparentes e irrelevantes que tiveram que ser retratadas mais tarde." Hynek sentiu — ou sabia, mas não podia dizer — a verdade da situação quando escreveu: "Isso tudo era uma cortina de fumaça, um trabalho de encobrimento para o qual o Projeto Blue Book era uma fachada, sendo o trabalho real e as informações tratados por outra agência?" Ruppelt afirmou que "uma mudança não divulgada, mas altamente importante, ocorreu: outra agência de inteligência começou a assumir todas as investigações de campo."

A triagem dos relatos de OVNIs começou com o 4602º Esquadrão de Serviço de Inteligência Aérea, que durante outra reorganização do Projeto Blue Book em março de 1954 foi designado como o principal grupo de investigadores do projeto. Apenas os avistamentos que não pudessem ser explicados pelo 4602º seriam repassados aos escritórios do Blue Book. Relatórios inexplicáveis iam para o que Ruppelt chamou apenas de "outra agência de inteligência". Coral Lorenzen, que se tornaria diretora da Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos (APRO), trabalhou na Base Aérea de Holloman, no Novo México, por vários anos. Ela também passou a suspeitar que o Blue Book era "nada mais do

que uma fachada de relações públicas" e "que se um encobrimento estava em vigor, estava sendo realizado no nível da CIA ou superior". O autor Peebles explicou: "O objetivo do Blue Book era diminuir a histeria pública para reduzir o número de relatos e diminuir o perigo de perder sinais de um ataque soviético iminente." Se este era de fato o objetivo, provou ser um fracasso lamentável. Em 1962, Edward R. Trapnell, assistente de relações públicas do secretário da força aérea, ficou chocado ao saber que naquela época a taxa de avistamentos de OVNIs era três vezes maior do que nos primeiros dias do Projeto Blue Book.

No início dos anos 1960, a força aérea tentou várias vezes se livrar do Projeto Blue Book. Em julho de 1957, com grupos privados de OVNIs acusando encobrimento, o 4602º AISS foi dissolvido e suas funções investigativas transferidas para o 1006º Esquadrão de Serviço de Inteligência Aérea, que reduziu atividades devido ao financiamento limitado. O ATIC primeiro tentou passar o Blue Book para o Comando de Pesquisa e Desenvolvimento Aéreo, mas o ARDC recusou. O Escritório de Informação Pública da AF também não queria nada com as dores de cabeça ligadas às investigações de OVNIs. Foi até sugerido que a NASA assumisse a investigação de OVNIs. No entanto, essa ideia foi abortada quando se apontou que tal movimento poderia convencer ainda mais pessoas de que os alienígenas e suas naves espaciais eram algo real. No final, o Blue Book permaneceu dentro da força aérea, um escritório tranquilo onde apenas os avistamentos mais explicáveis eram enviados para arquivamento e divulgação pública.

Mas se a força aérea estava tranquila, toda a situação dos OVNIs estava tudo menos tranquila.

Satélites Artificiais Gigantes

Não apenas os avistamentos de OVNIs aumentaram, mas histórias ainda mais estranhas do que simples luzes no céu começaram a circular. Uma das primeiras delas foi relatada pelo Major Donald Keyhoe, o principal defensor da teoria de que o governo e os militares estavam escondendo a verdade.

Em seu livro *Aliens from Space*, Keyhoe afirmou categoricamente: "Desde 1953, [a força aérea] sabia que naves espaciais gigantes estavam operando perto do nosso planeta." Ele disse que foi durante aquele ano que os militares começaram a experimentar novos equipamentos de radar de longo alcance. "Ao realizar os testes iniciais", escreveu Keyhoe, "os operadores da AF ficaram surpresos ao captar um objeto gigantesco orbitando perto do equador. Sua velocidade era de quase 18.000 milhas por hora. Verificações repetidas mostraram que o rastreamento estava correto. Algum enorme objeto desconhecido estava circulando a Terra, a 600 milhas de distância." De acordo com Keyhoe, logo após este objeto ser detectado, um segundo objeto grande entrou em órbita a cerca de quatrocentas milhas de distância e também foi rastreado no radar da força aérea. Keyhoe escreveu:

"Chefes do Departamento de Defesa alarmados criaram apressadamente um projeto de detecção de satélites de emergência em White Sands, Novo México. O cientista encarregado desta busca secreta foi o Dr. Clyde Tombaugh, descobridor do planeta Plutão [e] o único astrônomo notável que admitiu ter avistado um OVNI. A 'varredura do céu' era um projeto conjunto das forças armadas, sob a Pesquisa de Ordnança do Exército."

Uma análise séria desta história de som absurdo rendeu um bom exemplo da ambiguidade e secretividade associadas ao fenômeno OVNI.

A história de Keyhoe sobre a detecção de dois satélites gigantes foi apoiada pelo jornalista investigativo Warren Smith, que afirmou que uma fonte da CIA lhe disse que enormes satélites não identificados foram captados em pelo menos treze ocasiões separadas em 1953. O Dr. Tombaugh foi de fato escolhido em 1953 para chefiar um programa de busca de satélites abrangendo o mundo. E ele teve uma experiência com OVNIs na mesma época que Kenneth Arnold.

Pouco antes das 17h00 do dia 10 de julho de 1947, Tombaugh, sua esposa e suas duas filhas estavam dirigindo por uma rodovia do Novo México quando ele observou um "curioso objeto brilhante" pairando no ar. Era um objeto elíptico bem definido cuja superfície parecia polida. O objeto começou a subir e acelerou através de algumas nuvens a uma velocidade estimada por Tombaugh entre seiscentas e novecentas milhas por hora. O astrônomo concluiu: "A subida notavelmente súbita me convenceu de que era um dispositivo aéreo absolutamente novo."

É muito interessante que um cientista com tal experiência tenha sido selecionado para chefiar um programa de busca de satélites quatro anos antes dos soviéticos colocarem o Sputnik I em órbita. Também é interessante notar que em março de 1954, depois que a notícia do projeto secreto de busca de satélites de Tombaugh foi publicada em um artigo no boletim da Sociedade Astronômica do Pacífico, autoridades da Ordnança do Exército em White Sands emitiram um comunicado à imprensa afirmando que os militares estavam procurando pequenos "luares" semelhantes a asteroides que vieram do espaço e entraram em órbita ao redor da terra.

Esta história foi recolhida pela revista *Time*, que trouxe a manchete "Second Moon?" ("Segunda Lua?") em sua edição de 15 de março de 1954. De acordo com este artigo, "O astrônomo Clyde Tombaugh, que descobriu o planeta Plutão (1930), está procurando um objeto mais próximo e ainda mais elusivo: um segundo satélite da Terra. [A Ordnança do Exército] pode querer apenas saber com que oposição da natureza seus foguetes provavelmente encontrarão quando subirem fundo no espaço. Ou podem ter um interesse mais ambicioso: um satélite natural próximo pode ser uma base mais conveniente no espaço do que o tão discutido satélite artificial." O artigo dizia que o Dr. Tombaugh se recusou a dar qualquer detalhe de seu programa, encaminhando todas as perguntas para a Ordnança do

Exército em Washington. Isso levou os escritores da *Time* a comentar: "É justo supor que os famosos homens de foguetes que trabalham para a Ordnança do Exército estão interessados no projeto." O artigo então discutiu a possibilidade de um novo satélite, mas de uma maneira estranha e ambígua: "Um pequeno satélite próximo à Terra seria difícil de avistar. Poderia circular perto do Equador, invisível para a maioria dos observatórios do mundo. Em qualquer caso, passaria quase metade do seu tempo na sombra da Terra, onde seria invisível."

Por mais especulativo que isso soasse, o artigo então instou seus leitores a ajudar a procurar tal objeto, afirmando: "A melhor época para procurar um pequeno satélite seria ao amanhecer ou ao entardecer, quando estaria brilhando intensamente..."

Mais notícias sobre esta história vieram na edição de 20 de março de 1954 do *Science News Letter*, que observou que "uma busca telescópica pelos luares circulantes está sendo feita para as forças armadas pelos Drs. Clyde Tombaugh e Lincoln La Paz, diretor do Instituto de Meteorítica da Universidade do Novo México, Albuquerque, Novo México." O artigo citou o Dr. G. M. Clemence, diretor do Observatório Naval dos EUA, dizendo que as chances de que um ou mais pequenos satélites existam entre a Terra e a Lua são "muito boas", mas "avistá-los será difícil". "Tais objetos minúsculos, que poderiam servir como plataformas espaciais prontas, poderiam ter feito meteoritos que espirraram na Terra se não tivessem sido capturados pelo campo magnético do nosso planeta", acrescentou. Este artigo também aconselhou a melhor maneira de observar e fotografar os novos satélites. "Mova a câmera na mesma velocidade que o satélite caçado cruzaria o céu", aconselhou.

Havia satélites lá ou não? O registro permaneceu ambíguo. Em sua edição de outubro de 1955, um escritor da *Popular Mechanics* descreveu o pequeno galpão de metal de Tombaugh no terreno do Observatório Lowell em Flagstaff, Arizona, onde "uma vigilância rigorosa será mantida sobre o satélite que os Estados Unidos planejam lançar em 1957-58". "Deste galpão", continuava o artigo, "os Estados Unidos já estão mantendo uma vigilância do espaço que circunda a Terra, até a lua. Daqui, presumivelmente, observações regulares estão sendo feitas do primeiro satélite artificial da Terra que, segundo rumores, foi lançado ao espaço há um ano. Exclusivamente relatado na edição de maio de 1955 da *Popular Mechanics*, a existência desta lua artificial ainda não foi oficialmente confirmada. Mas extraoficialmente entende-se que nosso primeiro satélite artificial ainda está circulando a Terra. A informação mais recente é que sua órbita está mudando lentamente para uma elipse devido à atração da lua. Possivelmente, o sucesso desta primeira experiência está por trás do anúncio de que lançaremos um satélite transportando instrumentos daqui a dois anos, em conexão com o Ano Geofísico Internacional, para reunir novas informações sobre o espaço sideral."

A edição de maio de 1955 da *Popular Mechanics* de fato relatou que por algum tempo relatos "persistentes" de "várias fontes independentes" haviam descrito um satélite viajando

a mais de dezesseis mil milhas por hora a uma distância de oitocentas milhas. A revista observou: "A implicação é que este foi um experimento que funcionou bem demais. Um foguete que se esperava que retornasse à Terra dentro de uma determinada área de impacto continuou... em um ângulo e velocidade que o colocaram em órbita ao redor da Terra."

Os editores da *Popular Mechanics* afirmaram que o equipamento de busca de satélites do Dr. Tombaugh era tão sensível "que poderia detectar uma bola de tênis branca a 1.000 milhas de distância". Então apresentaram uma citação mais peculiar: "O Professor Tombaugh está de boca fechada sobre seus resultados. Ele não quer dizer se algum pequeno satélite natural foi descoberto ou não. Ele diz, no entanto, que os relatos de jornais de 18 meses atrás anunciando a descoberta de satélites naturais a 400 e 600 milhas de distância não estão corretos. Ele acrescenta que não há conexão entre o programa de busca e os relatos dos chamados discos voadores." Como ninguém além dele mesmo havia trazido à tona o assunto dos discos voadores, Tombaugh obviamente sabia mais do que estava dizendo.

Então veio um anúncio do astrônomo John P. Bagby através do Planetário Adler em Chicago de que "luas minúsculas" haviam sido descobertas orbitando a terra a uma distância de 475 milhas e viajando a cerca de dezoito mil milhas por hora. Bagby, membro da Sociedade Americana de Meteoros e da Sociedade Astronômica Real do Canadá, disse que havia recrutado a ajuda de vários astrônomos amadores habilidosos para ajudá-lo a rastrear os objetos. Bagby, como Tombaugh, nunca sugeriu que essas "luas" pudessem ser artificiais.

O Capitão Howard T. Orville, chefe da Comissão de Controle do Clima do Presidente, foi questionado durante uma entrevista de rádio se ele conhecia alguma condição sob a qual dois objetos poderiam ter entrado naturalmente em órbita ao redor da Terra. "Não, que eu saiba", respondeu Orville. O capitão admitiu que as circunstâncias dos objetos em órbita eram intrigantes, mas observou que "a segurança militar impediria a discussão".

Para aumentar o mistério, um comunicado de imprensa da NASA em outubro de 1954 afirmava que a agência havia captado sinais estranhos de um objeto orbitante desconhecido. Este anúncio foi corroborado por um astrônomo francês que afirmou ter também detectado sinais indecifráveis de alguma fonte desconhecida em órbita ao redor da terra.

Então, em 1955, o colunista de jornal sindicalizado nacionalmente Steward Alsop escreveu que havia descoberto através de pessoas de dentro de agências governamentais que o programa de detecção de satélites estava na verdade procurando por satélites artificiais. Já na década de 1970, o Dr. Tombaugh ainda não havia publicado os resultados de sua busca por satélites.

Keyhoe disse que tais naves grandes já haviam sido avistadas antes dos contatos de radar em 1953. Ele afirmou que antes de a CIA assumir a investigação de OVNIs, viu um

relatório de 1952 sobre uma tripulação de bombardeiro da força aérea que rastreou uma formação de OVNIs a mais de cinco mil milhas por hora sobre o Golfo do México. De repente, outra formação de OVNIs veio atrás do bombardeiro, diminuiu a velocidade e depois passou por ele. Uma grande nave havia aparecido repentinamente no radar do bombardeiro, que mostrava todos os OVNIs menores se fundindo com a nave maior. "Evidentemente, este era um encontro pré-arrranjado para recuperar as unidades de menor tamanho", supôs Keyhoe. "Assim que foram levadas a bordo, a enorme nave transportadora acelerou para uma velocidade de mais de 9.000 milhas por hora e saiu do alcance."

Keyhoe até tinha uma teoria sobre o que havia provocado o súbito surto de atividade de OVNIs no final dos anos 1940. Em seu livro de 1955, *The Flying Saucer Conspiracy* (A Conspiração do Disco Voador), Keyhoe contou a história de como o físico e astrônomo suíço Dr. Fritz Zwicky participou de um projeto secreto da Ordnança do Exército para bombardear a lua, Marte e outros planetas com projéteis lançados por foguetes V-2 em 1946.

Zwicky, que foi diretor de pesquisa da Aerojet Engineering Corporation da Califórnia de 1943 a 1946, supostamente desenvolveu um plano para levar dezenas de projéteis para o alto da ionosfera, onde "cargas moldadas" os lançariam no espaço profundo. Esperava-se que quando esses projéteis atingissem outros corpos espaciais em alta velocidade, criariam uma enorme explosão semelhante a nuclear que poderia fornecer dados importantes sobre a composição do mundo para os cientistas da Terra que os observavam.

"Mísseis como esse poderiam causar problemas reais", supôs Keyhoe. "Se atingissem um planeta habitado — digamos, Marte — as pessoas certamente acreditariam que estávamos tentando atacá-los. Eu pensaria que se eles fizessem isso conosco." Ele acrescentou que a avalanche de atividade de OVNIs pode ter sido para verificar se os mísseis disparados da terra eram uma agressão. Keyhoe disse que tais testes podem ter sido interrompidos, mas observou que o dano já havia sido feito.

Com base em todas as evidências, é aparente que algo grande estava orbitando a terra em 1953. Mas se alguém dentro ou fora do governo sabia com certeza o que era, ainda não tornou esse conhecimento público.

De acordo com Keyhoe, as autoridades perderam o contato com ambos os satélites antes de 1955. Mas antes dessa perda, houve um aparente esforço para desviar as suspeitas públicas, denominando os satélites de objetos naturais. Uma matéria da Associated Press afirmava: "O susto do Pentágono sobre a observação de dois satélites anteriormente não observados orbitando a Terra dissipou-se com a identificação dos objetos como satélites naturais, não artificiais. O Dr. Lincoln La Paz, especialista em corpos extraterrestres da Universidade do Novo México, chefiou o projeto de identificação. Um satélite estava orbitando a cerca de 400 milhas de distância, enquanto o outro foi rastreado a 600 milhas." La Paz mais tarde

retratou sua declaração, provavelmente percebendo o quão tola soava a ideia de que satélites naturais poderiam simplesmente chegar e orbitar o planeta.

Algo obviamente estava acontecendo nos anos que antecederam o lançamento bem-sucedido do satélite Sputnik — mas exatamente o quê? Não poderia ter havido um lançamento secreto de um satélite dos EUA, ou certamente nunca teríamos permitido por muito tempo que os russos reivindicassem a distinção de colocar o primeiro satélite do mundo. Não era um satélite russo, ou eles o teriam revelado com alegria. A ideia de que algo natural pudesse vir do espaço e de alguma forma encontrar a velocidade e trajetória certas para entrar em órbita é duvidosa na melhor das hipóteses. Como não houve relatos de meteoros gigantes caindo na Terra, isso deixa apenas a possibilidade de OVNIs gigantes que entraram em órbita e depois partiram.

O que quer que estivesse circulando o globo não caiu, mas saiu de órbita antes do lançamento do Sputnik I — uma impossibilidade para qualquer objeto natural. Ainda mais estranha foi a ingenuidade do público americano em aceitar a história dos militares de que dois "luares" tinham entrado subitamente em órbita ao redor da terra e depois desaparecido. Foi outro exemplo de mentalidade superando o pensamento crítico.

NICAP Combate o Sigilo

Em meados da década de 1950, pequenos grupos de entusiastas de OVNIs estavam se reunindo em todo os Estados Unidos e se autodenominando clubes de discos voadores. A maioria caiu em brigas internas e não durou muito. Um dos mais bem-sucedidos — e poderosos — foi o Comitê Nacional de Investigações sobre Fenômenos Aéreos (NICAP), formado no início de 1956 e formalmente incorporado em 24 de outubro.

Após lutas iniciais com financiamento inadequado e disputas pessoais, o Major Donald E. Keyhoe foi eleito diretor. Ele logo reuniu um impressionante conselho de governadores, que incluía o ex-diretor da CIA Hillenkoetter, o ex-oficial de ligação do Blue Book Fournet, o presidente da Associação de Proprietários e Pilotos de Aeronaves J. B. Hartranft, o engenheiro do Departamento de Transportes do Canadá Wilbert B. Smith, o comentarista de rádio Frank Edwards e uma série de oficiais militares e cientistas de alta patente.

Uma das primeiras medidas de Keyhoe para derrubar a cortina de sigilo sobre os OVNIs parecia razoável o suficiente. Com a influência do NICAP atrás de si, Keyhoe buscou audiências públicas no Congresso sobre a questão. Afinal, as muito divulgadas audiências do exército-McCarthy haviam recentemente derrubado a demagogia do senador anticomunista Joseph McCarthy. Keyhoe e os membros do NICAP sentiram que era hora de esclarecer o assunto sobre os OVNIs. O contato de Keyhoe com o Subcomitê de Investigações do Senado do Senador John McClellan foi bem recebido e as audiências pareciam iminentes.

No entanto, em janeiro de 1958, após se reunir com oficiais da força aérea, o conselheiro-chefe do subcomitê de McClellan, Donald O'Donnell, aconselhou o grupo a abandonar o assunto — e eles o fizeram. Keyhoe comentou: "Eles cederam sob pressão, obviamente."

Enquanto isso, Keyhoe teve outra experiência que o convenceu — e a muitos outros — de que a livre discussão sobre OVNIs estava sendo silenciada em níveis muito altos. Keyhoe foi convidado a participar de uma transmissão ao vivo do programa de televisão da CBS *Armstrong Circle Theater*. No entanto, ele foi obrigado a usar um roteiro pré-aprovado. Quando oficiais da força aérea objetaram que Keyhoe lesse de relatórios do governo, a rede cortou as declarações ofensivas. Keyhoe gritou "roteiro censurado", enquanto a rede afirmou que não queria "uma batalha aberta com a Força Aérea". Quando o programa, intitulado "UFOs: Enigma of the Skies" ("OVNIs: Enigma dos Céus"), foi transmitido em 22 de janeiro de 1958, o frustrado Keyhoe irrompeu: "E agora vou revelar algo que nunca foi divulgado antes... Nos últimos seis meses, estamos trabalhando com um comitê do Congresso investigando o sigilo oficial sobre OVNIs. Se todas as evidências que demos a este comitê forem tornadas públicas em audiências abertas, isso provará absolutamente que os OVNIs são máquinas reais sob controle inteligente." Antes que ele completasse a primeira frase, seu microfone foi desligado. Ninguém na audiência da transmissão ouviu sua declaração completa. Seja qual for o propósito, foi um movimento óbvio para censurar a discussão sobre OVNIs.

Frustrados em sua tentativa de iniciar audiências perante o subcomitê de McClellan, Keyhoe e seus apoiadores no NICAP continuaram a buscar uma investigação oficial. Seus esforços foram recompensados de certa forma em fevereiro de 1958, quando um investigador do subcomitê de McClellan confirmou que a CIA estava por trás do painel Robertson. Esta revelação provocou mais interesse do Congresso. Em junho de 1958, respondendo a uma consulta do representante de Ohio John E. Henderson, oficiais da força aérea forneceram uma "reunião de informações" especial para congressistas. O que foi revelado apaziguou os políticos, que informaram aos eleitores que qualquer publicidade sobre OVNIs naquela época seria "imprudente".

Em agosto, o Representante McCormack solicitou uma audiência sobre OVNIs perante seu Subcomitê da Câmara sobre Fenômenos Atmosféricos. A reunião de uma semana com oficiais da força aérea foi fechada ao público e não gravada. O que foi dito aqui também "aparentemente satisfez" os políticos, que interromperam quaisquer audiências adicionais. "Para eliminar a possibilidade de o NICAP e Keyhoe tentarem novamente", observou o autor Curtis Peebles, "a Força Aérea estabeleceu uma nova política em 1959. A declaração de política dizia que o Subcomitê Permanente do Senado sobre Investigações havia solicitado informações periodicamente [sobre OVNIs] e, após investigação preliminar, indicou que não planejava realizar audiências."

Keyhoe e o NICAP continuaram a pressionar por audiências públicas lidando com OVNIs, e a força aérea — que ainda negava sua existência — continuou a atrasar. Em 1961, McCormack recrutou os serviços do Representante Overton Brooks para estudar OVNIs. Brooks, presidente do Comitê de Ciência e Astronáutica da Câmara, criou um Subcomitê sobre Problemas Espaciais e Ciências da Vida e agendou audiências para o início de 1962. Mas em agosto de 1961, um assistente de Brooks, Richard P. Hinds, recebeu um tour privado e uma reunião de informações da inteligência da força aérea. Uma semana depois, Hinds relatou à força aérea que Brooks havia decidido não realizar as audiências sobre OVNIs.

Independentemente dos motivos ou credibilidade de Keyhoe, ele estava correto ao afirmar que o governo na forma da força aérea estava fazendo esforços extraordinários para impedir qualquer debate público significativo sobre OVNIs. E obviamente algo estava sendo dito aos potenciais investigadores do Congresso que os convenceu a abandonar as tentativas de encontrar a verdade por trás dos OVNIs. Que informação poderia ser tão poderosa que políticos veteranos se abstivessem de realizar audiências públicas de alto perfil sobre um tópico de tão grande preocupação para tantas pessoas? Não há respostas concretas nem hoje, pois a cortina do sigilo permanece bem fechada.

Um Pouso em Socorro

Um incidente de OVNI que ocorreu durante o tempo em que Keyhoe e outros estavam tentando interessar o Congresso no assunto envolveu um policial e um OVNI pousado. Hynek chamou-o de "um dos clássicos da literatura de OVNIs".

Por volta das 17h45 do dia 24 de abril de 1964, o Patrulheiro Lonnie Zamora, um veterano de cinco anos do departamento de polícia de Socorro, Novo México, perseguia um Chevrolet preto em alta velocidade para o norte na US 85 quando ouviu um som estrondoso que mudou de alta frequência para baixa frequência e depois parou. Ele então viu uma chama no céu sudoeste e ficou preocupado que um galpão de dinamite naquela área pertencente ao prefeito de Socorro pudesse ter explodido. Abandonando sua perseguição, Zamora saiu da rodovia e dirigiu por uma estrada de cascalho acidentada em direção à chama, que ele descreveu como azul e laranja, apontando para baixo e mais estreita no topo.

Depois de ser diminuído ao tentar subir uma inclinação íngreme, Zamora chegou ao topo e notou um objeto brilhante entre 150 e 200 jardas ao sul de sua posição. Ele pensou à primeira vista que era um carro virado para baixo. Então ele viu que era um objeto em forma de ovo que parecia ser feito de alumínio ou algum metal branco brilhante. Ele viu duas figuras com macacões brancos em pé ao lado do objeto. Elas pareciam normais em forma, mas diminutas, "adultos pequenos ou crianças grandes". Uma delas se virou para olhar para seu carro de patrulha e pareceu assustada, saltando ligeiramente.

Zamora perdeu de vista o par e a nave enquanto manobrava seu carro ao redor de algumas colinas baixas em direção ao local. Quando chegou ao objeto, ele começou a subir no céu com um rugido "não como o de um jato". Ele notou uma insígnia de dois pés e meio na lateral, que parecia uma flecha em forma de bastão apontando para cima sobre uma linha reta horizontal encerrada em um semicírculo. Muito mais tarde, o autor de OVNIs Jacques Vallee, que supostamente foi retratado como o cientista francês Lacombe no filme de Steven Spielberg *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, identificaria esta insígnia como o signo astrológico árabe para Vênus.

Com medo do barulho e das chamas que agora saíam da nave, Zamora buscou proteção atrás de seu carro, mas tropeçou e perdeu seus óculos de grau. O objeto, depois de subir verticalmente, moveu-se horizontalmente, "viajando muito rápido". Zamora disse que a nave deixou para trás plantas fumegantes que eram estranhamente frias ao toque.

Muito rapidamente, o Sargento M. S. Chavez da Polícia Estadual do Novo México juntou-se a Zamora, e ambos examinaram as marcas no chão onde Zamora disse que o OVNI tinha pousado. Essas marcas ainda estavam lá algum tempo depois, quando Hynek chegou para investigar. "Visitei o local vários dias depois e verifiquei as marcas de pouso e as plantas chamuscadas. Chavez, ele me disse em uma longa entrevista, verificou as marcas e os arbustos de gordura queimados, que ainda estavam fumegando quando ele primeiro encontrou Zamora no local."

Embora Hynek não tenha conseguido interessar a força aérea em fazer uma investigação aprofundada do incidente de Socorro, ele pessoalmente continuou a investigar o caso por quase um ano. "Minhas investigações originais, direcionadas para desmontar o relato de Zamora buscando contradições mútuas e também para estabelecer Zamora como uma testemunha não confiável, foram infrutíferas", escreveu Hynek. "Fiquei impressionado com a alta consideração em que Zamora era tido por seus colegas, e pessoalmente estou disposto hoje a aceitar seu testemunho como genuíno, particularmente porque ele se encaixa em um padrão global."

Por mais impressionante que fosse a história de Zamora, a mentalidade mais uma vez entrou em jogo. O Dr. Donald Menzel, o desmascarador de OVNIs de longa data cujo nome estava na infame lista MJ-12, especulou que o motorista em alta velocidade de Zamora era um chamariz que atraiu o policial para o local remoto, então usou um walkie-talkie para sinalizar os farsantes, que soltaram um balão com um falso disco voador preso a ele. Esta teoria do "cambalhotando" foi descartada por Hynek, que observou que um vento forte vinha do sul naquele dia e o OVNI voou para o oeste. O desmascarador Philip Klass descarta o relato de Zamora sobre o pouso porque as marcas em Socorro não correspondem às pernas de pouso simétricas das naves espaciais da NASA. Tanto Klass quanto, mais recentemente, Peebles observam particularmente que o local de pouso era em propriedade

pertencente ao prefeito de Socorro, que mais tarde discutiu uma atração turística. "A implicação era de que o pouso era uma farsa, para atrair dólares de turistas", escreveu ele.

Nem Peebles nem Klass notaram que dois dias após o avistamento de Socorro, a família Orlando Gallego de La Medera, Novo México — todos os quais declararam que não tinham ouvido nada sobre o incidente de Socorro — relataram ver um OVNI pousar que era idêntico ao descrito por Zamora. Policiais encontraram vegetação chamuscada ao redor do local de pouso de La Medera, bem como quatro depressões no chão, assim como em Socorro.

Enquanto os desmascaradores endurecidos permaneciam não convencidos, Hynek estava lentamente mudando de ideia sobre a validade dos OVNIs. Um caso que ajudou a abrir sua mente foi trazido ao seu conhecimento em 1961, enquanto ele estava em uma visita oficial do Blue Book ao Ministério da Aeronáutica Britânico. "Eu soube naquela época que a visão militar britânica do problema dos OVNIs era essencialmente a mesma que a do Blue Book; de fato, os britânicos — e outros governos também — estavam olhando para a Força Aérea dos EUA para resolver o problema", disse ele, aparentemente sem saber que a CIA era a verdadeira autoridade por trás das investigações de OVNIs. Hynek também soube de um incrível avistamento de OVNI que ocorreu durante duas noites em junho de 1959 e envolveu um padre.

O Reverendo William Bruce Gill, um padre anglicano e graduado pela Universidade de Brisbane, estava encarregado de uma missão em Boainai, Papua, Nova Guiné. Em 26 de junho de 1959, já havia mais de sessenta avistamentos de OVNIs na Nova Guiné. O Reverendo Gill estava ao ar livre observando Vênus por volta das 18h45 quando notou acima do planeta um objeto brilhante e cintilante que começou a descer em sua direção. Vários membros da missão se juntaram a ele quando a nave se aproximou. Era circular com uma base larga da qual quatro "pernas" se projetavam. Ocasionalmente, um feixe de luz azul se projetava do objeto para o céu, e logo quatro figuras eram visíveis no convés superior da nave. Pouco depois das 19h00, a nave subiu através de nuvens acumuladas e desapareceu, apenas para voltar cerca de uma hora depois. Desta vez, várias naves circulares menores manobravam ao redor da maior, suas luzes refletindo nas nuvens.

Apesar de sua experiência, o Reverendo Gill estava um tanto cético. Para um amigo, ele escreveu: "Não duvido da existência dessas 'coisas' — de fato, não posso mais agora que vi uma por mim mesmo — mas minha mente simples ainda exige evidências científicas antes de poder aceitar a teoria do espaço sideral. Estou inclinado a acreditar que provavelmente muitos OVNIs são mais propensos a serem alguma forma de fenômeno elétrico ou talvez algo trazido pelas explosões da bomba atômica, etc... É tudo muito difícil de entender para mim; prefiro esperar que algum garoto esperto capture um..." Sua carta foi assinada "Duvidoso William".

No dia seguinte, o amigo recebeu outra carta do Reverendo Gill, afirmando: "A vida é estranha, não é? Ontem escrevi uma carta para você... expressando opiniões sobre os OVNIs. Agora, menos de 24 horas depois, mudei minhas opiniões um pouco. Ontem à noite, nós em Boainai experimentamos cerca de quatro horas de atividade de OVNIs, e não há dúvida alguma de que são manejados por seres de algum tipo. Às vezes foi absolutamente de tirar o fôlego. Aqui está o relatório..."

O segundo relatório do Rev. Gill foi ainda mais notável que o primeiro. Na noite de 27 de junho, uma enfermeira da missão chamou o reverendo para observar um objeto redondo, brilhante e reluzente descendo em direção a eles. Quando se aproximou, figuras novamente podiam ser vistas em um convés superior. "E então acenamos", relatou o Reverendo Gill, "assim — Olá — e ficamos um pouco surpresos agora, e a coisa acenou de volta. E então Eric, que estava comigo, meu companheiro constante, acenou seus dois braços, junto com outro rapaz, e as figuras acenaram com dois braços de volta."

Não apenas a mente do Reverendo Gill mudou, mas o caso acelerou a conversão do Dr. Hynek, que escreveu que estava "impressionado com a qualidade e o número das testemunhas e com o caráter e comportamento do Reverendo Gill, conforme revelado por seu relatório e fitas". O desmascarador Menzel ironizou todo o evento, afirmando que o Rev. Gill só viu Vênus sem seus óculos e sua congregação assinou declarações apenas para ser solidária. A teoria de Menzel convenientemente ignorou o fato de que o clérigo disse claramente que o episódio começou enquanto ele observava Vênus e que a nave veio sob cobertura de nuvens. Sua teoria sobre a visão do Reverendo Gill era de que o astigmatismo era a "condição míope assumida do Padre Gill" ou que "parte do efeito pode ter sido da difração da pálpebra, além de irregularidades, como células sanguíneas na retina". Os argumentos míopes de Menzel foram suficientes para fazer muitos pesquisadores pensarem que talvez ele estivesse operando em nome do MJ-12 ou algo parecido.

Em 1965, os OVNIs figuraram em um dos eventos mais divulgados daquele ano.

O Grande Apagão

Durante a noite de 9 e 10 de novembro de 1965, um enorme apagão de energia se espalhou do sul do Canadá até a Pensilvânia, afetando cerca de trinta milhões de pessoas. Quase um milhão ficaram abandonados no sistema de metrô de Nova York. Foi um evento nunca esquecido por aqueles que o vivenciaram. E curiosamente, houve muitos rumores na época ligando o Grande Apagão à atividade de OVNIs. Alguns anos depois, uma abduzida chamada Betty Andreasson afirmou que alienígenas admitiram a ela que haviam causado o apagão.

Imediatamente após o apagão, autoridades de Washington e a maioria dos especialistas em redes elétricas concordaram que o problema começou perto da subestação de Clay, ao sul

das gigantescas usinas geradoras de Niagara Falls. No entanto, ninguém tinha uma explicação para o motivo do apagão. Charles Pratt, chefe da usina geradora de Niagara-Mohawk, disse: "Não temos explicação. Não houve linhas de transmissão rompidas, geradores defeituosos ou disjuntores com defeito." Um porta-voz da Consolidated Edison comentou: "Estamos perplexos para explicar." Até o presidente da Comissão Federal de Energia, Joseph C. Swidler, disse após uma investigação de dois dias: "O apagão do Nordeste pode nunca ser totalmente explicado..."

Outros pensaram que tinham uma explicação. O *Syracuse Herald-Journal* de Nova York informou que OVNIs foram vistos perto da subestação de Clay na época do apagão. Em 14 de novembro, o jornalista da NBC Frank McGee informou que um piloto havia avistado um OVNI perto da usina de Niagara Falls pouco antes do apagão. Outros meios de comunicação pegaram e circularam a conexão com OVNIs. Alguém dentro do governo deve ter se preocupado que tal especulação pudesse levar a investigações aprofundadas que poderiam quebrar o sigilo sobre os OVNIs.

Mas toda especulação sobre OVNIs terminou em 15 de novembro, quando foi anunciado que um único relé quebrado em uma usina canadense havia começado tudo. De alguma forma, o relé quebrado havia sido negligenciado apesar de uma investigação intensiva de cinco dias. Esta explicação pareceu acalmar tanto a mídia quanto, consequentemente, o público. Mas questões sérias permaneceram.

De acordo com um artigo na publicação da indústria *Power* escrito pelo Editor Executivo J. J. O'Connor, no final da tarde de 9 de novembro, um relé desarmou na Usina Adam Beck No. 2, desconectando uma das cinco linhas de energia para Toronto. As outras linhas de Toronto então desarmaram e em quatro segundos, toda a rede que conectava o Canadá aos Estados Unidos entrou em colapso. Uma grande onda de energia "em cascata" moveu-se para o sul, derrubando a subestação de Clay e outras usinas. A onda de energia derrubou bombas, compressores de ar e outros equipamentos auxiliares, impedindo reinicializações imediatas. Toda a rede elétrica caiu, deixando milhões sem energia por várias horas — tudo porque um pequeno relé desarmou como se devido a uma sobrecarga inesperada.

De acordo com Donald Keyhoe, esta última explicação ainda não era satisfatória. Embora este relato pudesse explicar como o colapso ocorreu, não abordava o porquê.

O artigo da *Power* informou que o relé defeituoso não estava quebrado, mas desarmou, uma função para a qual foi projetado. O subsequente colapso de toda a rede elétrica indicava que o tão alardeado sistema de segurança da rede era uma "fraude perigosa". "Mas isso era absurdo", observou Keyhoe. "Significaria que as empresas de serviços públicos enganaram o governo, operando sob o risco constante de um grande apagão, esperando que houvesse apenas falhas de energia menores. A Comissão Federal de Energia certamente teria descoberto a conspiração, e os chefes das empresas teriam sido expostos ao ataque da Casa

Branca e do Congresso, indignação pública e provavelmente ação legal... Além disso, as salvaguardas da rede já haviam enfrentado a ameaça de uma grande falha de energia. Ao longo de vários anos, houve alguns apagões em menor escala e os dispositivos de segurança impediram que se espalhassem... Havia apenas uma explicação verdadeira — uma interferência E[letro]M[agnética] imprevisível e avassaladora que os dispositivos de segurança não foram construídos para lidar."

Se Keyhoe e Andreasson estavam corretos e o Grande Apagão foi causado por OVNIs drenando energia, não parou por aí. Do final de novembro até dezembro de 1965, houve apagões em larga escala em Minnesota, no leste e oeste do Texas, no Novo México e no México.

Os apagões certamente chamaram a atenção daqueles afetados por eles, mas uma vez que uma explicação mundana foi oferecida pelas autoridades, quaisquer lições a serem aprendidas foram rapidamente esquecidas. Apagões de eletricidade podiam ser explicados em linguagem técnica indecifrável para o cidadão comum. Não havia necessidade de explicações extremas como "relâmpago globular" ou "fogo de Santelmo". Na verdade, foram raciocínios como esses que provaram a morte do Projeto Blue Book.

O Relatório Condon

Em 20 de março de 1966, moradores de Dexter, Michigan, relataram ter visto uma luz brilhante em um pântano próximo. Delegados do xerife foram convocados e se aproximaram da luz, que disseram ser um objeto em forma de bola de futebol com uma textura áspera e granulada pulsando com luz. Depois de pairar por algum tempo, o objeto disparou sobre as cabeças das testemunhas e desapareceu. Na noite seguinte, um objeto semelhante foi visto por um diretor da Defesa Civil, um reitor de faculdade e oitenta e sete universitárias no Hillsdale College em Hillsdale, Michigan, cerca de quarenta e cinco milhas a sudoeste de Dexter. Este grupo observou o OVNI oval manobrar por quatro horas e circular ao redor de um farol de aeroporto antes de desaparecer nos pântanos próximos. O número e a qualidade das testemunhas levaram o Comissário da Polícia Estadual de Michigan, Fredrick E. Davids, a comentar: "Eu costumava descartar esses relatos também, mas agora não tenho tanta certeza."

O Dr. J. Allen Hynek foi enviado pelo Projeto Blue Book para investigar os avistamentos de Michigan. Após alguns dias de caminhada pelos pântanos, Hynek realizou uma coletiva de imprensa em 26 de março para acalmar o que ele descreveu como "algazarra geral". Em consulta com vários outros cientistas, Hynek falou da possibilidade de que as luzes fossem causadas por gás de pântano, luzes de pântano, fogo-fátuo ou fogo de raposa. Esta explicação tentativa foi captada pelos oficiais do Blue Book, que a fizeram soar como uma posição oficial. A mídia nacional se debateu. "Força Aérea Insulta o Público com Teoria do Gás de Pântano" foi uma manchete típica. Particularmente indignados estavam os cidadãos

de Michigan, que rapidamente pressionaram seus representantes no Congresso para neutralizar as percepções públicas de Michigan como o "Estado do Gás de Pântano". Respondendo a este clamor estava o Representante Gerald R. Ford, que em uma carta ao presidente do Comitê de Serviços Armados, L. Mendel Rivers, escreveu: "Na firme crença de que o público americano merece uma explicação melhor do que a dada até agora pela Força Aérea, recomendo fortemente que haja uma investigação do comitê sobre o fenômeno dos OVNIs."

A recomendação de Ford resultou em uma audiência do comitê de Rivers em 5 de abril de 1966. Embora literalmente centenas, senão milhares, de testemunhas de OVNIs juntamente com cientistas, pilotos e oficiais do NICAP e da APRO conhecedores dos melhores casos de OVNIs pudessem ter sido chamados para testemunhar, o comitê restringiu o depoimento a apenas três representantes da força aérea — o Secretário da Força Aérea Harold D. Brown, o comandante do Blue Book Capitão Hector Quintanilla e Hynek, nenhum dos quais jamais afirmou ter visto um OVNI.

Apesar da tentativa óbvia de restringir o escopo da audiência, Hynek aproveitou a oportunidade para expressar sua mudança de atitude em relação aos OVNIs, afirmando: "Apesar da aparente insensatez do assunto, senti que seria negligente com minha responsabilidade científica para com a Força Aérea se não apontasse que todo o fenômeno dos OVNIs pode ter aspectos que o tornam digno de atenção científica... [Ele] merece um exame minucioso por um painel civil de cientistas físicos e sociais... Essa seria a essência da minha declaração. No entanto, fui antecipado pelo Secretário Brown, que mencionou que o Conselho Consultivo Científico recomendou a mesma coisa."

De fato, apenas semanas antes da audiência, uma carta do diretor de informações da força aérea solicitando a formação de um painel científico para revisar o Projeto Blue Book levou o presidente do Conselho Consultivo Científico, Dr. Brian O'Brien, a nomear um comitê *ad hoc* que incluía o astrônomo Carl Sagan. Este grupo recomendou que "contratos fossem negociados com algumas universidades selecionadas para fornecer equipes científicas para investigar prontamente e em profundidade certos avistamentos selecionados de OVNIs". Eles também recomendaram melhores relatórios do Blue Book, mas acrescentaram que "qualquer coisa que possa sugerir que informações estão sendo retidas... seja removida".

No verão de 1966, várias universidades da Ivy League foram contatadas com o objetivo de conduzir a investigação civil de OVNIs. Todas, bem cientes do clamor público e da imprensa, bem como do sigilo dentro do governo, recusaram a honra.

A força aérea, com a CIA e possivelmente outros grupos de inteligência nos bastidores, conseguiu encontrar a combinação certa de aceitação e credenciais. Em 7 de outubro de 1966, oficiais da AF anunciaram que a Universidade do Colorado havia aceitado o estudo, que totalizou mais de $500.000 em financiamento do governo.

A maioria dos observadores — mesmo aqueles que não apoiavam particularmente a teoria da visitação alienígena — viu o estudo como um exemplo claro de "você recebe pelo que paga". O notável físico Dr. Edward Uhler Condon foi nomeado diretor do estudo, com o reitor assistente do Colorado, Robert Low, como coordenador do projeto. Ex-diretor do National Bureau of Standards, o Dr. Condon tinha laços de longa data com o sigilo governamental, tendo trabalhado no desenvolvimento da bomba atômica e do radar. Menos de três meses após o início do estudo, o tom foi definido quando o Dr. Condon foi citado pela mídia afirmando: "É minha inclinação agora recomendar que o governo saia desse negócio. Minha atitude agora é que não há nada nisso." "Mas não devo chegar a uma conclusão por mais um ano", acrescentou com um sorriso.

Com a atitude de Condon no topo colidindo com os investigadores de campo na base, o grupo de estudo logo se dividiu em facções rivais. Brigas e recriminações, exacerbadas por intromissões externas de organizações de OVNIs, crentes, descrentes, agentes de inteligência e jornalistas, bem intencionados ou não, paralisaram qualquer investigação significativa.

Isso foi notado até mesmo por consultores externos. O Dr. Jacques Vallee, um astrofísico francês que era investigador do Departamento de Defesa, em novembro de 1966 foi um dos primeiros cientistas a ser convidado para informar o comitê. Vallee rapidamente viu que o Coordenador Low era "claramente o principal tomador de decisões da equipe, embora não tivesse diploma de ciências e parecesse ter pouco interesse no assunto". "Não surpreendentemente, alguns meses depois o trabalho do comitê havia paralisado", observou Vallee.

Em um ponto, quase todo o pessoal do comitê estava considerando pedir demissão. Uma que o fez foi Mary Louise Armstrong, secretária administrativa de Condon. Em sua carta de demissão, ela acusou a liderança do estudo de atrasos, dissimulação e operação a partir de "opiniões pré-julgadas". "A atitude de Bob [coordenador do projeto Low] desde o início tem sido uma de negativismo. Embora eu duvide que ele concordaria com esta afirmação, eu esperaria que a maior parte da equipe concordasse. Bob mostrou pouco interesse em se manter atualizado sobre avistamentos, seja lendo ou conversando com aqueles que o faziam... Para mim, muito do seu tempo foi gasto preocupando-se com que tipos de 'linguagem' deveriam ser usados no relatório final para evitar astuciosamente ter que dizer algo definitivo sobre o problema dos OVNIs."

Armstrong aludiu ao controle externo do estudo ao apontar que Low a instruiu a enviar certos casos de OVNIs contendo "informações confidenciais" para o desmascarador (e listado no MJ-12) Dr. Donald Menzel. Ela também protestou contra conclusões imprecisas, afirmando: "Mas dizer em nosso relatório final, como eu acredito que Bob gostaria, que embora não possamos provar que I[n]teligência E[xtraterrestre] não existe, podemos dizer

que não há muita evidência para sugerir que existe, não estaria correto. Não entendo como ele pode fazer tal afirmação quando aqueles que fizeram o trabalho de investigar as informações do avistamento não pensam que isso é verdade."

A credibilidade de Low e do estudo sofreu mais um golpe quando membros da equipe descobriram um memorando de 1966 de Low para o reitor da escola de pós-graduação da Universidade do Colorado. Pode ter revelado a realidade por trás da investigação de Condon. Low escreveu: "Nosso estudo seria conduzido quase exclusivamente por não crentes que, embora não pudessem provar um resultado negativo, poderiam e provavelmente acrescentariam um corpo impressionante de evidências de que não há realidade nas observações [de OVNIs]. O truque seria, penso eu, descrever o projeto de modo que, para o público, parecesse um estudo totalmente objetivo, mas, para a comunidade científica, apresentasse a imagem de um grupo de não crentes tentando ao máximo ser objetivos, mas tendo uma expectativa quase zero de encontrar um disco voador... Estou inclinado a sentir neste estágio inicial que, se montarmos a coisa direito e nos esforçarmos para envolver as pessoas certas e tivermos sucesso em apresentar a imagem que queremos apresentar à comunidade científica, poderíamos levar o trabalho a cabo para nosso benefício." Enfurecido por seu memorando ter vazado, Low argumentou que seus comentários foram mal interpretados. O memorando fala por si mesmo. E o estudo de Condon seguiu a linha de pensamento de Low. Dois membros da equipe do estudo que criticaram abertamente o veredito direcionado de Condon e Low foram demitidos por insubordinação.

"Nenhuma crítica ao Relatório Condon pode evitar mencionar a escolha dos dados para estudo", escreveu Hynek alguns anos depois. "Ao se concentrar principalmente em casos atuais — 40 dos 90 casos estudados foram no ano de 1967 — e também em relativamente poucos casos entre os milhares disponíveis para eles, eles não puderam prestar atenção aos padrões mundiais de avistamentos durante os 20 anos anteriores." Hynek também apontou para a definição de Condon do propósito de seu comitê: "O problema então se torna o de aprender a reconhecer os vários tipos de estímulos que dão origem aos relatos de OVNIs." Hynek comentou: "A suposição aqui é claramente que os OVNIs são todos percepções equivocadas de coisas naturais e que todo o trabalho do comitê era aprender e memorizar as variedades de estímulos naturais para relatos de OVNIs..." Hynek não pôde se conter de acrescentar: "Método científico! Que tipo de investigação científica é essa que assume a resposta antes de começar."

Não diferente da Comissão Warren que a antecedeu, o comitê Condon foi sobrecarregado com conclusões pré-determinadas, escolha seletiva de evidências e um relatório que fazia pronunciamentos não apoiados por — ou mesmo contrários a — seus próprios dados brutos. Escusado será dizer que ninguém ficou satisfeito com o resultado.

Para evitar a insatisfação com o relatório do comitê, a força aérea tomou medidas, incluindo demitir o Dr. Hynek como consultor após vinte anos, atacar cientistas que questionaram o relatório e providenciar um painel secreto da Academia Nacional de Ciências (NAS) para revisar o relatório antes da divulgação. Em novembro de 1968, a NAS validou o Relatório Condon, o que provocou protestos de várias partes, incluindo o ex-Secretário do Interior Stewart Udall, que caracterizou a NAS — cuja maioria de seus membros dependia de subsídios — como "uma marionete virtual do governo".

O Dr. Paul Tyler, ex-diretor do Laboratório de Pesquisa em Radiobiologia das Forças Armadas em Bethesda, Maryland, teve uma longa associação tanto com a ciência quanto com os militares como capitão da marinha e médico. "Minha experiência com a Academia Nacional de Ciências é, bem, você me diz a resposta que quer e eu lhe darei um comitê que lhe dará isso. Posso sabotar um comitê como você quiser", disse o Dr. Tyler, acrescentando: "Um caso clássico de ter sua mente feita antes de começar foi o relatório Condon. Todos leram o Resumo Executivo e tudo o que todos entenderam foi que não havia nada nisso [OVNIs]. Mas você volta e olha os dados brutos e talvez 15 a 20 por cento dos relatos de casos dizem: 'Ei, há algo aqui. Este pode ser real.' Agora, aqui está um que sabemos que era a aurora boreal. Mas este, não sabemos o que é. E Condon pegou o caso que era a aurora boreal e colocou o outro na prateleira, dizendo: 'Não há nada nisso'."

O Relatório Condon foi oficialmente divulgado em 9 de janeiro de 1969, com o título pomposo "Estudo Científico de Objetos Voadores Não Identificados". O relatório afirmava: "Nossa conclusão geral é que nada resultou do estudo dos OVNIs nos últimos 21 anos que tenha acrescentado ao conhecimento científico. A consideração cuidadosa do registro como está disponível para nós [ênfase adicionada] nos leva a concluir que um estudo extenso adicional de OVNIs provavelmente não pode ser justificado na expectativa de que a ciência será avançada por ele." Em outras palavras — não há nada aqui, pessoal.

Até o desmascarador Curtis Peebles, que indubitavelmente abraçou as conclusões do relatório, não pôde endossar de coração o estudo do comitê. "A avaliação final do Estudo Condon é esta", escreveu ele. "Foi impossível para as diferentes facções se unirem em um esforço comum. Suas visões eram tão divergentes que não podiam se entender. O Estudo Condon foi um microcosmo dos anos sessenta."

Outros foram menos gentis. "[O Relatório Condon é] um dos encobrimentos mais deliberados já perpetrados ao público", disse John Northrop, fundador de oitenta anos da Northrop Aircraft Company e cofundador da Lockheed Corporation. "O século XXI vai morrer de rir do Relatório Condon." O físico da Universidade do Arizona, Dr. James E. McDonald, apontou que as conclusões de Condon não foram apoiadas pelo estudo completo, que continha muitos casos de OVNIs inexplicados. Uma revisão por um subcomitê do Instituto Americano de Aeronáutica e Astronáutica (AIAA) concordou e afirmou: "Há diferenças nas opiniões e conclusões tiradas pelos autores dos vários capítulos

[do relatório], e há as diferenças entre estas e o resumo de Condon. Nem todas as conclusões contidas no próprio relatório são totalmente refletidas no resumo de Condon."

Hynek, tornando-se mais ousado em suas afirmações de que os OVNIs eram reais, também concordou com McDonald sobre as boas informações ignoradas por Condon, afirmando: "Vários cientistas me disseram que foi um estudo do Relatório Condon que primeiro os levou a perceber que o problema dos OVNIs era digno de investigação. A repudiação de suas conclusões resumidas aguarda, na minha opinião, apenas um estudo calmo e imparcial do fenômeno dos OVNIs..." Hynek acrescentou: "O Relatório Condon não resolveu nada. No entanto, lido cuidadosamente, o relatório constitui um argumento tão bom para o estudo do fenômeno dos OVNIs quanto poderia ser feito em pouco tempo, e por um grupo de especialistas em suas disciplinas individuais sem conhecimento prévio do assunto."

Hynek estava tentando ser gentil, assim como o autor Richard L. Thompson, que escreveu: "Então, uma maneira de ver a posição de Condon é que ele reconheceu que o fenômeno dos OVNIs ameaçava seu sistema de crenças científicas e escolheu instintivamente fazer o que era logicamente necessário para manter esse sistema intacto."

Outros afirmaram que Condon concordou com o encobrimento do governo em troca da desoneração de acusações antiamericanas feitas contra ele durante a caça às bruxas de McCarthy. Após a morte de Condon em 1974, o Dr. Paul Santorini, um pesquisador grego de OVNIs e ex-colega de Albert Einstein, escreveu: "É uma pena que um eminente cientista de seu nível tenha executado cegamente ordens para apoiar com seu nome um 'Relatório' que constitui uma vergonha científica. Mas, eu entendo, isso foi feito para agradar algumas autoridades infelizes com seus assuntos de 'seguranças'."

Em 1973, Condon foi citado no *New York Times* admitindo que "meu próprio estudo de OVNIs foi um desperdício de dinheiro do governo". Foi ainda pior do que isso, com base no que aconteceu com os arquivos de OVNIs do comitê. "Alguém pensaria que eles pertenciam à irmandade científica ou ao domínio público, uma vez que os contribuintes americanos pagaram pela 'pesquisa'", comentou o Dr. Vallee. "Não é assim. Quando o projeto escreveu seu relatório, os arquivos foram trancados pela Universidade do Colorado em Boulder. Eles foram posteriormente transferidos para uma residência particular e foram queimados logo depois."

Não há dúvida de que o Comitê Condon — a palavra oficial mais recente e final sobre OVNIs — foi superficial como documento científico e inadequado como resposta a uma legítima preocupação pública. Os céticos do oficialismo alegaram que a força aérea pagou pelo estudo de Condon simplesmente para evitar qualquer investigação significativa pelo Congresso. A verdadeira questão se tornou se este atrapalhamento de uma investigação oficial foi puramente acidental ou por design. Hoje, apenas aquelas pessoas que

concordaram com as conclusões de Condon continuam a acreditar que o comitê operou por acidente.

Por exemplo, no final de 1969, os membros da prestigiosa Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), intrigados com o encobrimento mal disfarçado do Relatório Condon, decidiram realizar um simpósio sobre OVNIs na reunião anual em dezembro. Esforços sérios foram feitos para interromper ou pelo menos desviar a atenção do simpósio. De acordo com o autor Raymond Fowler, o Dr. Condon "estava trabalhando duro nos bastidores para convencer a AAAS a cancelar as reuniões sobre OVNIs! Ele escreveu a cada membro do conselho implorando-lhe que boicotasse as reuniões. Suas tentativas provaram ser fúteis, no entanto, e o simpósio ocorreu como programado."

A ideia de manipulação interna é apoiada por uma carta ao autor Raymond Fowler de um assistente administrativo do Dr. Condon durante o estudo da Universidade do Colorado. O assistente estava respondendo ao pedido de Fowler por detalhes de um avistamento de OVNI em 1954 e escreveu: "Estou tentando obter algumas informações sobre um avistamento de OVNI... Há uma boa indicação de uma 'conspiração' da Força Aérea ou falha nas comunicações. Francamente, neste caso, suspeito do primeiro."

A força aérea há algum tempo queria se livrar do Projeto Blue Book, sua investigação pública de OVNIs, e com o Relatório Condon afirmando que não havia justificativa científica para tal estudo, conseguiu sua chance — e seu timing foi perfeito.

Embora uma decisão tenha sido tomada em março, foi somente em 17 de dezembro de 1969, exatamente quando o simpósio sobre OVNIs da AAAS estava prestes a começar em Boston, que o Secretário da Força Aérea Robert C. Seamans Jr. anunciou o fim do Projeto Blue Book, dizendo: "A continuação do Projeto Blue Book não pode ser justificada nem com base na segurança nacional nem no interesse da ciência."

"O anúncio não poderia ter sido melhor cronometrado para um efeito negativo", escreveu Fowler. "Pareceu uma tentativa deliberada de minar o Simpósio Científico da AAAS sobre OVNIs. Minhas suspeitas foram confirmadas logo depois durante uma chamada telefônica sobre o simpósio com o Dr. Donald Menzel. Menzel admitiu para mim que o anúncio da Força Aérea neste momento foi mais do que uma coincidência e sugeriu astuciosamente que ele havia se envolvido na decisão de divulgá-lo neste momento como consultor da Força Aérea."

O anúncio da força aérea diminuiu ainda mais o interesse do público ao reiterar sua visão de longa data de que "Nenhum OVNI deu qualquer indicação de ameaça à segurança nacional... Não havia evidência de que quaisquer avistamentos não identificados representassem desenvolvimentos tecnológicos ou princípios além do alcance do conhecimento atual... Não há evidência de que OVNIs sejam veículos extraterrestres."

Após vinte e dois anos de atenção pública intermitente aos OVNIs, a força aérea fechou seu Blue Book.

Uma avaliação objetiva do Projeto Blue Book foi que nunca houve um estudo sério, imparcial e honesto do fenômeno OVNI. Hoje está claro que a investigação da força aérea foi meramente uma cobertura, um encobrimento para acalmar o público enquanto a CIA e talvez grupos ainda mais secretos investigavam seriamente a questão dos OVNIs.

CAPÍTULO 6

OVNIs SUBTERRÂNEOS

Enquanto o público em geral, liderado pela mídia, se afastava do tópico dos OVNIs, agora é aparente que, por trás de uma cortina de sigilo e despreocupação professada, o interesse oficial aumentou ao longo dos anos.

No início dos anos 1990, um documento circulou pela comunidade de pesquisa de OVNIs que pode apontar para onde alguns dos estudos mais secretos sobre OVNIs ocorreram. Chamado de "memorando Pentacle" pelo Dr. Jacques Vallee, o documento foi encontrado entre os papéis do falecido Dr. J. Allen Hynek. Estava carimbado como SECRETO, INFORMAÇÃO DE SEGURANÇA e datado de 9 de janeiro de 1953 — menos de uma semana antes de o painel Robertson da CIA se reunir — e foi escrito por Howard C. Cross, um membro sênior da equipe do Battelle Memorial Institute em Columbus, Ohio. O memorando foi escrito ao Sr. Miles E. Coll da Base Aérea de Wright-Patterson, Ohio, e tratava de "uma recomendação preliminar ao ATIC sobre métodos futuros de lidar com o problema de objetos aéreos não identificados". Cross disse que a recomendação foi baseada "em nossa experiência até o momento na análise de vários milhares de relatórios sobre este assunto", mas acrescentou "nossa análise ainda não está completa".

Referindo-se ao próximo painel Robertson, o memorando de Cross afirmava: "Como uma reunião do painel está agora definitivamente agendada, sentimos que um acordo entre o Projeto Stork [um relatório preliminar de OVNIs para o Projeto Blue Book] e o ATIC deve ser alcançado sobre o que pode e o que não pode ser discutido na reunião..." É claro que o Battelle tinha muito mais conhecimento sobre OVNIs do que qualquer empresa privada normal e que havia assuntos relativos a esse assunto que "não podem ser discutidos".

O Battelle Memorial Institute começou a operar em 1929 sob a liderança de Horace Gillett, que foi chamado de "o Decano da Metalurgia Americana". O instituto começou um relacionamento próximo com os militares dos EUA em 1939, quando seus cientistas realizaram um estudo sobre como melhorar as placas de blindagem. Após a Segunda Guerra Mundial, os cientistas do Battelle estudaram a fabricação de urânio e mais tarde produziram

barras de combustível de urânio para o primeiro reator nuclear do mundo em Oak Ridge, Tennessee.

Ruppelt mencionou em seu livro de 1956 que especialistas científicos eram necessários para apoiar os estudos de OVNIs do Projeto Blue Book. "Era, é claro, impossível ter todas essas pessoas em minha equipe, então decidi fazer a próxima melhor coisa", escreveu ele. "Eu estabeleceria um contrato com alguma organização de pesquisa que já tivesse tais pessoas em sua equipe; então eu as chamaria sempre que seus serviços fossem necessários... Sua organização não pode ser identificada pelo nome porque eles estão fazendo outro trabalho altamente secreto para o governo, vou chamá-los de Projeto Bear." Ruppelt então identificou este projeto como "uma grande e bem conhecida organização de pesquisa no Centro-Oeste" com várias centenas de engenheiros e cientistas que "vão desde especialistas em solos até físicos nucleares".

O pesquisador Keith Chester, após um estudo detalhado do Battelle, ficou convencido de que o Battelle de fato forneceu os cientistas para o Projeto Bear. "Se OVNIs acidentados existiram e foram escondidos dos olhos do público, então é lógico supor que a comunidade científica esteve envolvida com o fenômeno OVNI desde o início. Ter naves em posse do governo significava que era imperativo garantir que apenas os melhores cientistas e laboratórios manuseassem o material. O Battelle era capaz de conduzir pesquisas de ponta em uma nave alienígena recuperada, especialmente uma feita de metal desconhecido", observou Chester. "É altamente provável que as contribuições do Battelle, incluindo experimentos laboratoriais e estudo extensivo de OVNIs recuperados, estivessem em andamento desde 1947 e nos anos seguintes."

Outros candidatos como centro científico lidando secretamente com a questão dos OVNIs são o Laboratório Nacional de Brookhaven em Long Island e a quase privada Mitre Corporation, sediada em Boston. A Mitre administra o grupo Jason, uma "organização ultra-elitista" dos melhores cientistas trabalhando em uma variedade de projetos secretos do Departamento de Defesa.

O Jason foi formado após o sucesso soviético com o Sputnik no final dos anos 1950 e trabalhou em problemas da Guerra Fria, como transformar rádios em detectores de radiação. Os Documentos do Pentágono revelaram que o Jason desenvolveu um aparelho acústico para detectar movimento humano ao longo da Trilha Ho Chi Minh no Vietnã. Operando em sigilo quase total, o grupo Jason consistentemente se recusou a arquivar relatórios em conformidade com a Lei do Comitê Consultivo Federal, de acordo com a pesquisadora Vicki Cooper. Mas fiel à sua carta, o grupo Jason continua a aconselhar o secretário de defesa e os Chefes do Estado-Maior Conjunto em segredo sobre questões de ciência e tecnologia.

No início, pode ter havido uma justificativa legítima por trás desse sigilo. Quando os primeiros relatos de OVNIs começaram a chegar, os oficiais de inteligência acreditavam que eles poderiam representar tecnologia soviética avançada. Mais tarde, eles deduziram que espiões soviéticos estavam usando investigações de OVNIs como cobertura para aprender sobre a nova tecnologia dos EUA. Mas o uso contínuo de ridículo e engano acabou convencendo muitos pesquisadores sérios de que algo muito profundo e misterioso estava por trás da fachada governamental do Blue Book.

Os arquivos do Blue Book estão faltando numerosos casos e até mesmo um relatório completo — o Relatório 13. Um relatório do Blue Book mencionou que algum filme de câmera de tiro foi enviado para análise, mas o índice mestre não listou tal filme.

Oficiais militares ficaram constrangidos ao saber que os relatórios que haviam arquivado sobre OVNIs não apareciam nos arquivos do Blue Book. O Coronel William Coleman estava pilotando um bombardeiro B-25 Mitchell sobre o sul dos Estados Unidos em 1955 quando avistou um OVNI e o perseguiu, eventualmente atingindo o nível das copas das árvores. "Estávamos a menos de um oitavo de milha dele e havia essa sombra perfeitamente redonda dessa coisa, passando sobre as copas das árvores", lembrou ele. Coleman arquivou um relatório de seu avistamento, mas alguns anos depois, quando foi designado para o Projeto Blue Book, ele não conseguiu encontrar seu relatório ou mesmo qualquer registro de que ele jamais chegara. Ele mais tarde indicou ao autor Timothy Good que tomou conhecimento de que relatórios sérios de OVNIs eram desviados do Blue Book. Isso, é claro, foi veementemente negado pela força aérea.

Diante de uma audiência nacional de TV em 1958, o Secretário da Força Aérea Richard E. Horner proclamou: "A força aérea não está escondendo nenhuma informação sobre OVNIs. E não qualifico isso de forma alguma." Esta afirmação foi ridicularizada por todos que conheciam o Projeto Blue Book, incluindo o ex-diretor da CIA Hillenkoetter, que comentou: "A Força Aérea enganou constantemente o público americano sobre OVNIs..."

Um pesquisador muito familiarizado com o sigilo da força aérea foi Leonard H. Stringfield, que foi selecionado na década de 1950 para um papel "não oficial" no sistema oficial de relatórios de OVNIs. "[Eu] trabalhei cooperativamente com o Comando de Defesa Aérea da USAF, 1954-1957", afirmou ele. "A seu pedido, triava e relatava a atividade de OVNIs ocorrendo, em tempo real, na área de três estados do sudoeste de Ohio, norte de Kentucky e sudeste de Indiana. Naquela época, muitos avistamentos de OVNIs chegavam à minha casa de departamentos de polícia, escritórios de xerifes, polícia estadual, mídia e cidadãos. Foi-me atribuído um número de código — Fox Trot Kilo 3 Zero Blue — que me identificaria na central telefônica para relatar, por telefone, ao Centro de Filtro Aéreo do Comando de Defesa Aérea na Lockbourne AFB, em Columbus, Ohio. Se meu relatório de OVNI triado fosse confirmado por radar ou outros meios, interceptadores da Força Aérea eram enviados.

Neste ponto, fui informado de que as ações resultantes eram classificadas. A Força Aérea pagava minhas contas de telefone."

John L. Acuff, ex-presidente do NICAP, comentou: "Não há dúvida de que a decisão foi tomada pela Força Aérea de classificar a maior parte do material de caso relacionado a OVNIs. Esta classificação ocorreu durante toda a operação do Projeto Blue Book. A recente decisão da Força Aérea exigindo a exclusão dos nomes das testemunhas, comentários dos investigadores, etc., antes que os registros de OVNIs sejam disponibilizados ao público através do Arquivo Nacional, tornará esses arquivos quase inúteis para fins de pesquisa. A verdadeira questão não é se o sigilo existiu ou ainda existe; a questão é por que foi imposto."

William H. Spaulding, um diretor do Ground Saucer Watch, disse que ao longo dos anos ouviu continuamente comentários de testemunhas e ex-funcionários do governo "que inferem diretamente uma conspiração de OVNIs por nossos vários departamentos governamentais. Vi relatórios repetitivos citando confisco e edição de filmes, uma área de pouso sendo arada e as testemunhas recebendo ridículo oficial cruel e desnecessário."

"Desde 1953, o Blue Book serviu meramente como um desvio de relações públicas", observou James Lorenzen, diretor internacional e cofundador da APRO. "Seu propósito era resolver problemas de RP para a Força Aérea em relação aos OVNIs — e foi fechado quando começou a criar mais problemas do que resolveu. Informações recentes chegaram ao meu conhecimento que indicam que o establishment militar, tendo aparentemente aprendido uma lição com o Watergate, agora reescreve a história em conexão com incidentes de OVNIs ao ponto de alterar e purgar registros e incriminar indivíduos dentro de suas fileiras para garantir — aparentemente — que não exista material revelador para que futuros comitês de investigação descubram. Esperançosamente, o material eliminado é preservado em algum escalão superior, como normalmente acontece quando o material classificado é atualizado e solicitado; caso contrário, está perdido para a ciência para sempre."

O pesquisador canadense John B. Musgrave, que foi afiliado a vários grupos de OVNIs nos Estados Unidos, descobriu como até mesmo governos estrangeiros eram restringidos pelo não escrito sigilo dos OVNIs. "Com poucas exceções, a política oficial canadense em relação aos relatos de OVNIs e ao 'fenômeno OVNI reflete consistentemente a política oficial dos EUA. Isso dificilmente é uma surpresa. Os militares canadenses são subservientes aos militares dos EUA através dos chamados comandos conjuntos como NORAD e OTAN, e órgãos policiais como a RCMP estão intimamente ligados aos seus homólogos dos EUA através de redes como centros de computadores do FBI e da CIA. Como nos EUA, os avistamentos de OVNIs que se tornaram públicos são rebaixados, e os avistamentos que chegaram ao conhecimento privado de militares ou policiais são encobertos."

"Temos a resposta de por que o Blue Book falhou", escreveu o pesquisador Art Crockett. "Era meramente uma cobertura para a investigação real que acontecia em segredo. Os casos mais importantes, sem dúvida, não iam para o Blue Book, mas para a agência secreta. Isso também pode explicar por que tantos dos arquivos do Blue Book estão faltando... O aspecto mais irritante de todo o caso é que os oficiais de alta patente da Força Aérea que disseram que pretendiam tirar o assunto dos OVNIs do domínio público tiveram sucesso!"

Paris Flammonde observou: "No que diz respeito aos jornais e às redes de notícias de televisão, em certo ponto no início dos anos 1960, os OVNIs [haviam] simplesmente deixado de existir." O mesmo poderia ser dito hoje, pois os relatos contínuos de OVNIs aparecem relegados à mídia local, aos tabloides ou à programação de TV "tabloide". No final de 1969, com o público confuso e dividido por visões conflitantes e o cancelamento do Projeto Blue Book, o assunto deixou de existir oficialmente também para a Força Aérea dos EUA.

Mais confirmação do engano governamental foi encontrada nas atas de uma reunião do Conselho Consultivo Científico da força aérea em 17 e 18 de março de 1948. Em uma transcrição obtida nos últimos anos pelo pesquisador Bill LaParl, o oficial de briefing Coronel Howard McCoy afirmou: "Temos um novo projeto — Projeto Sign — que pode surpreendê-lo como um desenvolvimento da chamada histeria em massa do verão passado, quando tivemos todos os objetos voadores não identificados ou discos. Isso não pode ser ridicularizado. Temos mais de 300 relatórios que não foram publicados nos jornais, de pessoal muito competente... Estamos investigando cada relatório. Não posso dizer o quanto daríamos para que um desses caísse em uma área para que pudéssemos recuperar o que quer que sejam." Os desmascaradores apontaram para a declaração de McCoy como prova de que a queda de Roswell em 1947 não aconteceu. Mas, como apontou o Dr. Bruce Maccabee, que forneceu briefings sobre OVNIs à CIA, McCoy não estava à vontade para mencionar uma queda em Roswell ao conselho consultivo, que estava se reunindo sob nível de segurança meramente "Secreto".

O fato mais importante da declaração de McCoy foi a menção de trezentos relatórios. Uma revisão da lista mestre do Projeto Blue Book para este período mostrou apenas cerca de 135 relatórios catalogados, deixando 165 relatórios não contabilizados e adicionando peso considerável às declarações de que o Projeto Blue Book foi mantido no escuro sobre muitos dos avistamentos mais críveis e significativos.

Ao mesmo tempo em que o Projeto Blue Book estava sendo cancelado, a batalha do NICAP contra o sigilo governamental foi perdida. Com uma membresia em declínio — alguns alegaram devido à obsessão do Major Keyhoe com a questão do sigilo em vez de relatar avistamentos de OVNIs — e problemas financeiros, o conselho de governadores do NICAP depôs Keyhoe como diretor, no que ele chamou de "golpe". Embora a organização tenha permanecido por mais de uma década, Keyhoe se recusou a participar de qualquer reunião e

ela nunca mais foi uma força viável na controvérsia dos OVNIs. Seu lugar foi ocupado pela Midwest UFO Network, que eventualmente mudou seu nome para Mutual UFO Network (MUFON).

O ex-funcionário da NSA Todd W. Zechel afirmou que a demissão de Keyhoe foi orquestrada pela CIA para silenciar este crítico vocal do sigilo governamental. Apontando vários funcionários do NICAP com ligações com a agência, Zechel escreveu: "Talvez Keyhoe merecesse ser demitido da organização que ele construiu com seu próprio suor, sangue e sacrifício. O timing não poderia ter sido melhor, de qualquer forma. Keyhoe, afinal, estava começando a se concentrar na CIA em 1969, em vez de seus ataques de visão estreita à Força Aérea... Se eles quisessem destruir a principal organização antissigilo dos anos 1960, não poderiam ter feito um trabalho melhor se tivessem tentado."

O Caso Bentwaters

Com o passar do tempo, o sigilo oficial em relação ao fenômeno OVNI tornou-se a ordem do dia. Um exemplo clássico de um encontro com OVNI bem documentado, mas subsequentemente abafado, ocorreu na Inglaterra em dezembro de 1980 e envolveu militares dos EUA, contato por radar e foi até registrado em relatórios oficiais.

Pouco depois da meia-noite de 26 para 27 de dezembro de 1980, instalações de radar na costa leste da Inglaterra começaram a rastrear um objeto que caiu abaixo da cobertura de radar perto da cidade de Ipswich, em East Anglia. Nas proximidades estavam as bases da OTAN de RAF Woodbridge e RAF Bentwaters, ambas arrendadas pela Força Aérea Real para a Força Aérea dos EUA como quartel-general da 81ª Ala de Caça Tática. Militares da Força Aérea dos EUA, bem como civis, viram algo descer na Floresta Rendlesham, que cercava as duas bases.

Uma testemunha foi o ex-sargento da USAF John Burroughs, que estava estacionado em Bentwaters desde julho daquele ano. Burroughs disse que tanto ele quanto seu supervisor viram "algumas luzes estranhas" perto do portão leste da base. "Decidimos ir para fora da base — e meio que verificar a borda da floresta para ver o que estava acontecendo, porque não parecia certo... Havia tráfego de rádio de um lado para o outro e a decisão foi tomada pelo comandante do turno de que eu deveria acompanhar dois seguranças na floresta", lembrou Burroughs. Caminhando na floresta, Burroughs disse que viu "um banco de luzes, luzes de cores diferentes que projetavam uma imagem como a de uma nave. Nunca vi nada metálico ou duro." Um dos seguranças com Burroughs, identificado apenas como "James Archer", no entanto, descreveu mais tarde um objeto "triangular em forma, com três pernas de pouso... cerca de 10 a 12 pés de diâmetro e oito pés de altura, com uma luz azul no topo, luzes vermelhas e uma luz branca no meio e uma luz branca mais brilhante emanando da parte inferior". "Archer" estava certo de que viu algo dentro da nave. "Não sei o quê, mas as formas não pareciam humanas. Talvez fossem como robôs", disse ele.

Outra testemunha, o comandante interino da polícia de segurança Sargento Adrian Bustinza, lembrou que ele também foi ordenado a verificar luzes na floresta naquela noite. "Quando chegamos ao Ponto A — o avistamento do objeto — tivemos problemas para ligar os holofotes. Nosso caminhão também não funcionava. Era como se toda a energia tivesse sido drenada de todas as unidades de holofotes", ele contou a pesquisadores em 1984. "Prosseguimos para olhar e no processo encontramos espécies de tripés triangulares... queimados no [chão] em três pontos diferentes... Eram como se fosse um objeto pesado. Eles fizeram leituras de radiação dos buracos, e obtiveram uma leitura de radiação, pelo que me lembro. Então lembro que estávamos andando pela floresta e nos deparamos com as luzes novamente. E foi quando vi o objeto pela primeira vez..." Bustinza descreveu o objeto como uma nave circular, mais espessa no centro do que na borda, com uma luz vermelha no topo e várias luzes azuis na parte inferior. Ele disse que era de "tamanho tremendo" e ficava se movendo em uma grande clareira.

Ainda outra testemunha, então sargento da USAF Larry Warren, disse que, ao se aproximar da floresta, viu uma estranha névoa cobrindo o chão. "Parecia um nevoeiro no chão, mas estava de alguma forma iluminada", lembrou ele. "Brilhava muito intensamente e tinha a definição de um círculo de forma grosseira... como uma pequena luz vermelha... fez um arco descendente e estava diretamente sobre a névoa." Warren disse que a luz vermelha subitamente explodiu em um flash ofuscante e uma grande nave em forma de "ponta de flecha" apareceu. "O corpo principal era branco perolado com um efeito de cor de arco-íris", disse ele. "Estava constantemente se distorcendo enquanto eu olhava para ele. Na parte inferior havia um banco de luzes azuis cobalto extremamente brilhantes. Abaixo disso, pensei que podia distinguir um trem de pouso escuro. Cobrindo toda a superfície havia o que pareciam caixas, canos e extensões estranhas."

As testemunhas disseram que a nave permaneceu na área por mais de uma hora e que outros militares da força aérea chegaram, incluindo o comandante adjunto da base de Woodbridge, Tenente-Coronel Charles Halt. Segundo consta, tanto as autoridades americanas quanto as britânicas fizeram filmes e gravações de áudio do surpreendente evento, juntamente com testes de radiação.

Por volta das 4h00 do dia 27 de dezembro, a nave gigante foi acompanhada por — ou talvez se dividiu em — pelo menos cinco objetos brilhantes menores que, após um espetáculo de luzes em movimento, eventualmente desapareceram no céu.

O evento de Bentwaters recebeu pouca atenção da mídia na época, em grande parte devido às negações da Força Aérea dos EUA. Porta-vozes oficiais negaram que quaisquer gravações audiovisuais foram feitas do evento ou que quaisquer registros oficiais existiam. Esta declaração foi comprovada falsa no final de 1983, após uma investigação da Lei de Liberdade de Informação que resultou na liberação de um relatório oficial corroborativo.

O relatório, intitulado "Unexplained Lights" ("Luzes Inexplicadas"), datado de 13 de janeiro de 1981 e assinado pelo Coronel Halt, afirmava:

1. No início da manhã de 27 de dezembro de 1980 (aproximadamente 03h00 L), dois policiais de segurança da USAF viram luzes incomuns fora do portão dos fundos da RAF Woodbridge. Pensando que uma aeronave pudesse ter caído ou sido forçada a pousar, eles pediram permissão para sair do portão para investigar... Os indivíduos relataram ter visto um objeto estranho e brilhante na floresta. O objeto foi descrito como sendo de aparência metálica e triangular, com aproximadamente dois a três metros de largura na base e aproximadamente dois metros de altura. Iluminava toda a floresta com uma luz branca. O próprio objeto tinha uma luz vermelha pulsante no topo e um banco(s) de luzes azuis embaixo. O objeto estava pairando ou sobre pernas. Quando os policiais se aproximaram do objeto, ele manobrou entre as árvores e desapareceu. Neste momento, os animais em uma fazenda próxima ficaram frenéticos. O objeto foi brevemente avistado aproximadamente uma hora depois perto do portão dos fundos.

2. No dia seguinte, três depressões com 1 ½" de profundidade e 7" de diâmetro foram encontradas onde o objeto tinha sido avistado no chão. Na noite seguinte (29 de dezembro de 1980), a área foi verificada quanto à radiação. Leituras de Beta/Gama de 0,1 miliroentgen foram registradas com leituras de pico nas três depressões e perto do centro do triângulo formado pelas depressões. Uma árvore próxima tinha leituras moderadas (0,05-0,07) no lado da árvore voltado para as depressões.

3. Mais tarde na noite, uma luz vermelha semelhante ao sol foi vista através das árvores. Ela se movia e pulsava. Em um ponto, pareceu lançar partículas brilhantes e então se dividiu em cinco objetos brancos separados e depois desapareceu. Imediatamente depois, três objetos semelhantes a estrelas foram notados no céu, dois objetos ao norte e um ao sul, todos os quais estavam cerca de 10 graus acima do horizonte. Os objetos se moviam rapidamente em movimentos angulares agudos e exibiam luzes vermelhas, verdes e azuis. Os objetos ao norte pareciam elípticos através de uma lente de 8-12 potências. Eles então se transformaram em círculos completos. Os objetos ao norte permaneceram no céu por uma hora ou mais. O objeto ao sul foi visível por duas ou três horas e projetava um feixe de luz de tempos em tempos. Numerosos indivíduos, incluindo o abaixo assinado, testemunharam as atividades nos parágrafos 2 e 3.

Por mais surpreendente que parecesse o relatório do Coronel Halt, em anos posteriores ele disse a Timothy Good: "Há muitas coisas que não estão no meu memorando..." Halt também confirmou que o filme do incidente foi pessoalmente levado pelo comandante geral da base, General Gordon Williams, a um caça em Bentwaters, que entregou o filme ao Quartel-General Europeu da USAF na Ramstein AFB, Alemanha Ocidental. O filme nunca foi reconhecido pela força aérea nem visto publicamente.

A negação oficial de que qualquer coisa fora do comum ocorreu em Bentwaters — uma explicação foi que todos os envolvidos estavam simplesmente vendo o feixe do farol de Orford Ness, a cinco milhas de distância — sofreu mais perda de credibilidade em 1984, quando uma versão editada de uma gravação de fita feita pelo Coronel Halt na época do incidente foi divulgada por um ex-comandante da base de Woodbridge. A fita de dezoito minutos revela claramente a excitação e consternação do pessoal da força aérea, incluindo o Coronel Halt, enquanto revistavam a floresta. "Bem à frente da minha lanterna, ali, senhor... Lá está!... Sim, eu também vejo... O que é aquilo?... Não sabemos, senhor. É uma pequena luz vermelha estranha... Em todo lugar está mortalmente calmo... Não há dúvida sobre isso — há algum tipo de luz vermelha piscando estranha à frente... Parece que está talvez se movendo um pouco para cá? Está mais brilhante do que estava. Está vindo para cá. Está definitivamente vindo para cá! Pedaços estão se soltando. Não há dúvida sobre isso — isso é estranho!"

Apesar do relatório oficial de Halt à RAF, da gravação em fita e das testemunhas, nada foi oficialmente reconhecido sobre o incidente de 1980. Mas este não foi o primeiro — ou aparentemente o último — evento estranho nas bases de Bentwaters-Woodbridge.

Durante a noite de 13 para 14 de agosto de 1956, operadores de radar em solo em Bentwaters registraram um OVNI voando diretamente sobre a base a velocidades superiores a duas mil milhas por hora, muito além de qualquer aeronave convencional da época. O objeto foi visto por controladores aéreos e pilotos enquanto realizava manobras acrobáticas. Dois caças Venom da RAF foram enviados, mas foram superados pelas manobras do OVNI e logo o perderam. Até o estólido Comitê Condon foi forçado a concluir que "o comportamento aparentemente racional e inteligente do OVNI sugere um dispositivo mecânico de origem desconhecida como a explicação mais provável."

Em 1988, a testemunha de Bentwaters, Larry Warren, retornou à Inglaterra enquanto preparava um livro sobre sua experiência. Ele e o pesquisador Peter Robbins foram presenteados com mais um espetáculo aéreo extraordinário perto da base em 18 de fevereiro. De acordo com Robbins, "Começando por volta das 21h30, o inferno se soltou nesta área florestal e acima dela, e observamos durante a hora e meia seguinte uma variedade de atividades de OVNIs — todas silenciosas — incluindo OVNIs semelhantes a estrelas, bolas de fogo verdes voando pela floresta e ao redor de árvores, algo que parecia ter faróis brancos e luzes traseiras vermelhas subindo em uma diagonal extrema na frente de um grupo de árvores perenes de 80 a 100 pés de altura e piscando ao atingir o topo.

"Várias coisas em forma de disco, pulsantes e de bom tamanho planavam mudando de tamanho e cor... apareciam e desapareciam, uma enorme enxurrada de luz brilhava do chão da floresta, dando a impressão de ter o tamanho de um ou dois campos de futebol com várias centenas de holofotes alinhados, apontados para o céu, e o que só posso descrever

como algo no chão na extremidade oposta do campo que tinha três retangulares, laranja escuro — só posso dizer janelas — e possuía uma forma elíptica que tinha movimento articulado na sua frente. Não havia plantas, árvores, animais entre nós para criar tal movimento.

"Durante este tempo, observamos o que identificamos como duas patrulhas de perímetro de segurança da Força Aérea [dos EUA] em Jeeps pararem a cerca de cem ou mais jardas na nossa frente, aparentemente para observar essas atividades."

Warren disse que, apesar do serviço honroso — ele estava entre o contingente militar que saudou os reféns que retornavam do Irã em 1981, retratado na capa da revista *Time* — quando tentou se alistar novamente, foi informado de que a força aérea não tinha registro dele.

Agora é óbvio para qualquer estudante sério do assunto que o governo dos EUA está escondendo informações sobre OVNIs e tem feito isso por muitos anos. Se esses segredos ocultos se referem a discos voadores acidentados e corpos alienígenas, ainda está para ser visto. Mas algo muito perturbador para alguém está sendo mantido em segredo. O que exatamente isso pode ser permanece não comprovado, mas as evidências acumuladas sugerem fortemente que pode muito bem se referir ao conhecimento certo da existência de vida extraterrestre inteligente por algumas das pessoas mais poderosas do mundo (ver Apêndice).

Fluxograma de Comando dos OVNIs

Se houve uma decisão consciente de suprimir o conhecimento de contatos ou tecnologia de OVNIs, ela indubitavelmente foi tomada neste nível de classe dominante. Esta decisão, por sua vez, tornar-se-ia política oficial transmitida através das fileiras de militares e funcionários do governo.

Michael Lindemann, presidente do The 2020 Group, uma organização privada dedicada a investigar OVNIs, afirmou: "Com base nas evidências disponíveis, considero provável que o surgimento desde 1947 de uma burocracia de inteligência altamente complexa, secreta e manipuladora, incluindo a CIA, DIA e NSA, tenha sido motivado em parte por uma necessidade urgente de reunir e avaliar informações sobre OVNIs/Alienígenas, protegendo-as ao mesmo tempo do escrutínio público. Sem dúvida, hoje esta burocracia de inteligência é virtualmente incontrolável, exercendo poder de formulação de políticas extrajudiciais e técnicas de engano e manipulação pública em relação a qualquer questão considerada relevante para a segurança nacional. Tais atividades, independentemente de sua gênese ou intenção, representam um grave ataque às nossas instituições democráticas, aos nossos direitos constitucionais e até mesmo à nossa legítima segurança nacional."

"Do ponto de vista social e psicológico, uma operação deste calibre teria sido fácil o suficiente para implementar secretamente", afirmou Anthony Kimery, um jornalista de Washington premiado. Em um artigo de 1989, escrito sob o pseudônimo James Neilson, Kimery escreveu que as informações fornecidas a ele por várias fontes que pediram para permanecer anônimas o levaram a concluir que "a política emanando dos mais altos níveis do governo, militares e inteligência dos EUA direciona uma estrutura de comando centralizada e secreta para lidar com a situação dos OVNIs... [e] está em operação desde meados ao final dos anos 1970 e continua a lidar com a situação dos OVNIs a partir das fileiras do Centro de Comando Militar Nacional, o nível no qual os Chefes do Estado-Maior Conjunto em ligação direta com a 'sala de guerra' da Casa Branca implantam as forças militares dos EUA em todo o mundo e gerenciariam o planejamento e as operações no caso de uma guerra nuclear."

Kimery foi informado por suas fontes de que o Projeto Blue Book foi "deliberadamente dissolvido em 1969 para abrir caminho para que a agência governamental ultrassecreta assumisse o controle centralizado sobre assuntos relacionados a OVNIs."

Kimery concluiu: "Para ser uma questão de preparação militar direcionada a este nível de alto comando, a situação dos OVNIs é claramente percebida pelo governo como uma ameaça digna de monitoramento e vigilância contínuos e aprofundados e, se necessário, confronto militar."

Evidências coletadas das Nações Unidas pelo pesquisador de Michigan Tad Sherburn forneceram confirmação de que altos oficiais militares nos Estados Unidos estão no "coração das operações de OVNIs". Após repetidos pedidos da Lei de Liberdade de Informação e negociações com uma fonte dentro do Departamento de Estado, Sherburn obteve documentos que se referem a uma resolução "secreta" da ONU de 1977 para criar uma agência como uma "central para a troca de dados e coordenação de pesquisas sobre OVNIs". Este grupo político especial sobre OVNIs foi presidido pelo primeiro-ministro de Granada, Sir Eric Matthew Gairy. Sherburn disse que um estudo de centenas de documentos mostra que relatos de OVNIs foram reunidos de 133 países. Nos Estados Unidos, os dados de OVNIs atingem o nível dos Chefes do Estado-Maior Conjunto, mas incluem as principais autoridades civis.

Embora a política real seja provavelmente determinada pelos homens e mulheres da elite dominante, a maioria dos quais é amplamente desconhecida do público, a autoridade geral sobre esta estrutura de comando de OVNIs, de acordo com Kimery e outros, começa com um pequeno grupo de alto nível — correspondente ao não comprovado grupo MJ-12. Outros se referiram a este órgão como a "Diretoria de OVNIs", "O Comitê" ou o "Grupo de Trabalho de OVNIs". Este grupo se reporta ao Conselho de Segurança Nacional (NSC), que obtém autoridade legal de diretivas presidenciais, embora seja duvidoso que o conhecimento de qualquer presidente sobre OVNIs seja extenso. Vários pesquisadores de OVNIs afirmam

que o presidente é informado sobre questões de OVNIs/alienígenas em uma "NTK.BO" (apenas necessidade de saber). O presidente, como de costume, seria simplesmente uma figura de proa, cujas ordens poderiam ser transmitidas por um alto funcionário civil, como o Conselheiro de Segurança Nacional. Outro candidato ao cargo de tomada de decisão de uma estrutura de comando secreta de OVNIs é o Escritório de Assistência de Segurança, Ciência e Tecnologia do Departamento de Estado, um nexo de autoridade militar, de inteligência, política, científica e corporativa. As ordens operacionais seriam então dadas a unidades secretas altamente compartimentalizadas, compostas por pessoal cuidadosamente selecionado por sua lealdade e silêncio dentro dos militares e das agências de inteligência.

Dependendo da missão ou necessidade individual, tais assuntos poderiam ser tratados através do Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte (NORAD), Comando de Defesa Aeroespacial (ADC), Forças Inter-serviços de Implantação Rápida Boinas Azuis, Escritório Nacional de Reconhecimento (NRO), Escritório Nacional de Reconhecimento da Inteligência da Força Aérea (NROAFI), Centro Nacional de Interpretação Fotográfica (NPIC), Centro de Análise de Ameaças de Inteligência (ITAC), ou um dos projetos militares já descritos, como Aquarius, Sigma, Snowbird ou Garnet, que podem ou não estar ainda ativos. Assuntos de OVNIs tratados dentro da comunidade de inteligência poderiam ir para um ou mais dos grupos alfabéticos, incluindo a CIA, Agência de Segurança Nacional (NSA), Agência de Inteligência de Defesa (DIA), Serviço de Inteligência da Força Aérea (AFIS), Escritório de Investigações Especiais da Força Aérea (AFOSI), Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa (DARPA), e outros.

Para que ninguém pense que tudo isso é simplesmente o pesadelo de um paranóico, considere que o *New York Times* informou no início de 1996 que o Escritório Nacional de Reconhecimento sozinho perdeu o rastro de mais de $2 bilhões. Esta situação foi "criada pelo extraordinário sigilo sob o qual o escritório de reconhecimento trabalha", explicou o jornal. "A agência de reconhecimento é realmente um conjunto de escritórios secretos — tão secretos que foram protegidos uns dos outros, como cofres trancados dentro de cofres. Cada escritório, e cada programa, tinha sistemas de gestão e contabilidade separados."

Enquanto isso, a mídia, os acadêmicos e outros líderes governamentais, zelosos de seus empregos e posições de autoridade, seriam esperados a seguir a política oficial e manter que não há evidências de vida fora da terra. A maioria seria sincera em tais declarações conservadoras, uma vez que o conhecimento direto de tal existência é um segredo bem guardado e não amplamente disponível. O público estaria ciente da possibilidade de alienígenas apenas através da ficção em livros e transmissões, ouvindo esporadicamente relatos e boatos, e tomando nota do surpreendente surto de tecnologia nos últimos anos.

E por mais forte que seja o desejo de poder e controle em algumas pessoas, há ainda um impulso mais forte — a sobrevivência. Em séculos passados, quando a guerra ou a peste ameaçavam uma sociedade, a elite rica simplesmente se mudava para ambientes mais

seguros. Na Europa durante as duas guerras mundiais, quando a situação ficava difícil, os fortes iam embora — em visitas prolongadas à África ou às Américas. Uma vez que as bombas pararam de cair, as famílias poderosas da Europa voltaram para casa, pegaram os pedaços de seus impérios comerciais e continuaram seus negócios como de costume — frequentemente com ajuda financeira de seus associados vitoriosos nas nações aliadas.

Mas a Guerra Fria entre a União Soviética e os Estados Unidos apresentou um novo problema. Com armas nucleares nos arsenais militares, não havia lugar para onde correr — nenhum refúgio na terra que pudesse ser garantido como seguro contra a precipitação radioativa.

Anotações do Subterrâneo

Quer tenha sido ou não por instigação do grupo dominante, é fato que, começando na década de 1950 e continuando até hoje, o governo dos EUA embarcou em um programa massivo para projetar e construir instalações subterrâneas gigantescas.

Algumas dessas construções — como o famoso centro de comando militar sob a Montanha Cheyenne, no Colorado — eram obviamente um componente necessário dos planos de defesa do país no pós-guerra. No entanto, muitas outras bases semelhantes foram construídas em segredo e poderiam abrigar uma população muito maior do que o pequeno quadro de militares e funcionários do governo necessários para sobreviver e lutar em uma guerra nuclear.

Richard Sauder, Ph.D., um pesquisador financeiro e militar no Sudoeste que conduziu um estudo aprofundado sobre a questão das bases subterrâneas, concluiu: "Considero uma certeza absoluta que os militares construíram instalações subterrâneas secretas nos Estados Unidos, além das aproximadamente uma dúzia de instalações subterrâneas 'conhecidas'..."

Sauder relatou tais locais em Fort Belvoir, Virgínia; West Point, Nova York; Base do Corpo de Fuzileiros Navais de Twentynine Palms, Califórnia; Groom Lake perto da Nellis AFB, Nevada; White Sands Missile Range, Novo México; Table Mountain, perto de Boulder, Colorado; Mount Blackmore e Pipestone Pass, Montana.

Embora a existência de muitas outras bases subterrâneas gigantes não tenha sido confirmada, não há absolutamente nenhuma dúvida de que tanto o governo dos EUA quanto empresas privadas mantêm há muito tempo planos ativos para sua construção. Sauder apresentou numerosos papéis, patentes, planos e contratos governamentais para provar não apenas o interesse, mas também a tecnologia de escavação para realizar tal empreendimento. Esta tecnologia varia desde perfuração e escavação convencionais até dispositivos exóticos de "desintegração do solo" que usam micro-ondas, plasma, ultrassom, feixe de elétrons e tecnologia laser. Um relatório do laboratório de Los Alamos de 1986 e

dois relatórios de 1988 de pesquisadores da NASA na Texas A&M University detalham até planos para um "Lunar Tunneler" projetado para escavar espaço para uma colônia funcional sob a superfície da lua.

Sauder observou: "A primeira coisa a entender é que existem máquinas de tunelamento reais que rastejam pelo chão como minhocas mecânicas gigantes com apetites enormes. Essas máquinas de tunelamento são usadas em projetos de construção em todo o mundo para construir esgotos, metrôs, linhas de serviços públicos, rodovias, ferrovias, aquedutos, projetos hidrelétricos perfeitamente comuns — bem como projetos elegantes e de alto perfil como o 'Chunnel', o túnel sob o Canal da Mancha que agora torna possível viajar em terra firme entre a Inglaterra e a França."

Algumas dessas instalações subterrâneas não são militares, mas ainda são muito secretas. Além de uma grande instalação do Federal Reserve dentro do Mount Pony perto de Culpepper, Virgínia, há o Mount Weather perto de Bluemont, Virgínia, que foi construído na década de 1950 como um gigantesco abrigo antiaéreo do governo. Hoje está sob o controle da gigantesca Agência Federal de Gerenciamento de Emergências (FEMA), que sob uma variedade de ordens executivas pode assumir o controle da nação no caso de uma "emergência". "Embora seja a sede do vasto império subterrâneo da FEMA, nem aparece no orçamento publicado da agência", relatou Sauder.

Durante o escândalo Irã-Contras em 1987, foi revelado que certos funcionários da administração Reagan, incluindo o Tenente-Coronel do Corpo de Fuzileiros Navais Oliver North, elaboraram um plano para suspender a Constituição e transferir o controle nacional para a FEMA durante uma "emergência". Tal "emergência" foi definida como "guerra nuclear, dissidência interna violenta e generalizada ou oposição nacional a uma invasão militar dos EUA no exterior". Essas revelações geraram uma carta de protesto do Procurador-Geral William French Smith e levaram Arthur Liman, conselheiro-chefe do Comitê do Senado sobre o Irã-Contras, a declarar que tais planos cresceram a partir de um "governo secreto dentro de um governo". Tais planos ainda residem em arquivos governamentais trancados.

De acordo com Sauder, a instalação da FEMA em Mount Weather é o centro de noventa e seis dessas instalações, conhecidas coletivamente como Centros de Relocação Federal. "Quantos desses centros secretos foram recém-construídos durante a década de 1980 e quantos são instalações mais antigas que a administração Reagan apenas converteu para seus propósitos — expandiu, reformou e modernizou — não se sabe", afirmou ele.

Até organizações não governamentais têm instalações subterrâneas. Pelo menos um gigante do petróleo, a Standard Oil Company of New Jersey, mantém um centro subterrâneo perto de Hudson, Nova York. A Northrop tem uma instalação semelhante perto das Montanhas

Tehachapi, a noroeste de Lancaster, Califórnia, enquanto a Lockheed e a McDonnell Douglas operam instalações na Califórnia perto de Hellendale e Llano, respectivamente.

O propósito inicial de tais instalações aparentemente era garantir que os líderes da indústria e das finanças pudessem sobreviver a uma guerra nuclear. Alguns pesquisadores acreditam que esse propósito pode ter sido modificado nos últimos anos.

À medida que o comunismo entrava em colapso na Rússia e na Europa Oriental, a Guerra Fria também entrava em colapso. Embora a ameaça de destruição nuclear em massa parecesse ter passado — embora não a ameaça de terrorismo nuclear localizado — novas preocupações surgiram. Através de sua propriedade e controle sobre fundações científicas e sociais, bem como "think tanks", tornou-se claro para muitos na elite dominante que um abrigo subterrâneo pode não ser proteção adequada contra desastres naturais e ambientais generalizados. Um refúgio a centenas de pés no subsolo não ajudará no caso de terremotos maciços ou erupções vulcânicas. E não há propósito em sobreviver se for preciso sair de um abrigo subterrâneo para encontrar a terra sem vida ou radioativa.

O conhecimento certo da existência de uma elite governante não governamental, juntamente com seus recursos conhecidos e seu instinto de sobrevivência, levou alguns pesquisadores a uma conclusão arrepiante, uma que pode ser a soma total de todas as suspeitas mais paranóicas — a conspiração final.

A Terceira Alternativa

A premissa da Alternativa 3 é simples. Os verdadeiros governantes da terra — em termos de riqueza e poder — perceberam há muito tempo que a superpopulação e a degradação ambiental logo tornarão o planeta incapaz de sustentar a sociedade humana como a conhecemos. Portanto, um plano secreto foi adotado usando tecnologia espacial não divulgada para realocar pessoas selecionadas para colônias em Marte através de bases clandestinas na lua. Esta conspiração envolve cooperação entre pessoas tanto nos Estados Unidos quanto na ex-União Soviética e está em vigor há muitos anos.

Tal plano é aparentemente apenas o mais recente dos esquemas de sobrevivência para a elite dominante, que há algum tempo percebeu que os excessos da humanidade neste planeta ultrapassaram o ponto de redenção. De acordo com Jim Keith, um prolífico autor e pesquisador de tais assuntos, "A Alternativa 1... consistia em detonar bombas nucleares na atmosfera para permitir que a poluição e o calor se dissipassem no espaço, enquanto a Alternativa 2 era um plano para construir vastos habitats subterrâneos para a elite escapar quando a situação ficasse difícil."

É óbvio por que a Alternativa 1 foi descartada. Uma atmosfera de radiação dificilmente é uma melhoria em relação à poluição. A Alternativa 2 foi considerada viável por mais tempo,

considerando a massiva construção subterrânea que ocorreu durante as décadas de 1950 e 1960. Mas hoje, olhos conhecedores olham além da Terra. Apenas recentemente detalhes da tecnologia necessária para apoiar uma evacuação em larga escala do nosso planeta foram tornados públicos.

Em 1996, foi anunciado que a NASA havia selecionado a Lockheed Martin para projetar e construir um protótipo de ônibus espacial X-33 de $941 milhões programado para voar em 1999. Utilizando um "novo tipo de motor potente o suficiente para propelir [o ônibus espacial] em órbita sem propulsores", o custo de envio de cargas úteis para o espaço seria reduzido dos atuais $10.000 por libra para apenas $1.000. Se esta tecnologia estava sendo tornada pública pela NASA em 1996, é certo que os militares dos EUA e talvez outras agências secretas a usaram anos antes.

A maioria dos cientistas líderes não contesta a ideia de que a terra está ambientalmente em apuros. Os argumentos são simplesmente sobre o grau. Quase todos os problemas mundiais atuais derivam de uma questão básica — a superpopulação humana.

Alertas sobre os resultados da superpopulação têm sido amplamente divulgados desde a década de 1960. O professor de estudos populacionais da Universidade de Stanford e autor Paul R. Ehrlich alertou sobre as consequências da superpopulação em seu popular livro de 1968, *The Population Bomb*. É preocupante saber que quando Ehrlich nasceu na década de 1930, a população mundial era de apenas dois bilhões. Hoje, quase atingiu seis bilhões. Esta explosão da humanidade já começou a sobrecarregar nossos sistemas sociais e governamentais.

Como Ehrlich observou: "Nos Estados Unidos, motoristas em praticamente todas as grandes áreas metropolitanas agora podem encontrar engarrafamentos em praticamente qualquer hora do dia ou da noite. Visitantes da nossa capital nacional encontram pessoas sem-teto dormindo no parque em frente à Casa Branca, e o abuso de drogas e a onda de crimes preenchem o noticiário da noite. Notícias sobre a epidemia de AIDS parecem estar em toda parte, assim como a conversa sobre o aquecimento global, buracos na camada de ozônio da atmosfera e chuva ácida."

As visões apocalípticas de Ehrlich são apoiadas por cientistas em todo o mundo. O famoso cientista submarino Jacques-Yves Cousteau, em uma palestra de 1992, disse que com as tendências atuais, a população da terra atingirá mais de dezesseis bilhões em oitenta anos, trazendo um mundo onde as pessoas estarão "sobrevivendo como ratos". Os líderes mundiais devem "perceber a urgência de decisões drásticas e não convencionais", disse o explorador. Uma declaração de 1988 do Clube da Terra afirmou: "Conter o crescimento populacional global deve ser o segundo em importância apenas para evitar a guerra nuclear na agenda da humanidade."

É inconcebível que pessoas com riqueza, poder e autoridade sejam tão alheias a esta situação quanto o cidadão comum. Suas posições não foram conquistadas através de cegueira e despreocupação. Portanto, é razoável concluir que discussões sobre alternativas para uma terra superpovoada e moribunda certamente foram conduzidas nos mais altos níveis de autoridade.

A primeira apresentação pública deste plano de fuga interplanetário ocorreu em 20 de junho de 1977, com a transmissão na Inglaterra de um docudrama intitulado "Alternative 3". Produzido pela Anglia TV e escrito por David Ambrose e Christopher Miles, o programa foi uma compilação de entrevistas e imagens de noticiários retratando as condições cada vez piores na Terra. Ele delineou o plano para evacuar um número de humanos selecionados por seu potencial para contribuir para uma nova sociedade — juntamente com vários zumbis trabalhadores lavados cerebrais descritos simplesmente como "remessas em lote" — para bases abobadadas na lua e em Marte.

O programa provocou muita indignação na Grã-Bretanha, onde foi rapidamente descrito como mera ficção apresentada como documentário. E havia certamente muitas razões para não levar o programa a sério. Um entrevistado-chave — um ex-astronauta americano chamado Bob Grodin — não era uma pessoa real, nem era americano, como evidenciado por suas gírias britânicas como "Estamos sem cerveja!" e "Tome uma bebida de verdade". Outros participantes do programa também eram atores.

O autor britânico Leslie Watkins, que foi além do programa de TV com um livro de 1978 intitulado *Alternative 3*, foi muito franco em uma carta publicada por Keith. "Esta versão original da TV, que expandi imensamente para o livro, era na verdade uma farsa que havia sido programada para transmissão no Dia da Mentira. Devido a certos problemas para encontrar o horário certo na rede, a transmissão foi adiada."

No entanto, seria prematuro descartar completamente a Alternativa 3 como indigna de estudo, como tem sido o caso com muitos pesquisadores de OVNIs.

Continuando sua carta, Watkins escreveu: "Inicialmente, achei que a premissa básica era tão estapafúrdia... que ninguém a consideraria não-ficção. Imediatamente após a publicação, percebi que estava totalmente errado. Na verdade, as surpreendentes montanhas de cartas de praticamente todas as partes do mundo — incluindo um grande número de pessoas altamente inteligentes em posições de autoridade — convenceram-me de que eu havia trespassado acidentalmente em uma série de verdades ultrassecretas... Então, resumindo, o livro é ficção baseada em fatos. Mas agora sinto que, sem querer, cheguei muito perto de uma verdade secreta."

Linda Moulton Howe, uma respeitada pesquisadora e autora de OVNIs, disse que conheceu a Alternativa 3 como produtora de documentários de ciência e medicina para a televisão

WCVB em Boston. Ela lembrou questões levantadas entre a equipe de lá sobre por que a Corporation for Public Broadcasting não queria que o docudrama fosse transmitido nos Estados Unidos.

"Fiquei curiosa", disse Howe, "e tive uma discussão com um produtor da BBC sobre isso. Disseram-me que o programa começou como um documentário da BBC sobre a chamada 'fuga de cérebros' britânica da década de 1970. Você deve se lembrar que um grande número de cientistas britânicos estava saindo, supostamente para empregos com melhores salários na América. Disseram-me que o programa nunca foi feito porque a BBC não conseguiu localizar nenhum dos cientistas depois que eles deixaram a Grã-Bretanha. Foi tudo muito estranho. Foi como se eles tivessem desaparecido."

Howe disse que os escritores Ambrose e Miles escreveram um roteiro para *Alternative 3* baseado em entrevistas reais conduzidas pela BBC. E, de fato, tanto o programa de TV quanto o livro falaram muito sobre o desaparecimento de cientistas. Embora os cientistas mencionados no programa e no livro pareçam ter sido fictícios, o autor Keith listou mais de trinta cientistas de todo o mundo que estavam ligados ao programa de Iniciativa Estratégica de Defesa (SDI) "Guerra nas Estrelas" e que cometeram suicídio, desapareceram ou morreram em circunstâncias misteriosas. Essas mortes e desaparecimentos, juntamente com vários bombardeios de instalações de defesa, foram publicamente reconhecidos durante a década de 1980. Kurt Rehmann, então promotor federal da Alemanha Ocidental, afirmou em 1986 que acreditava haver uma "ofensiva coordenada" contra o programa SDI.

Para recapitular a questão: Pode haver um fundo de verdade em algum lugar no cenário da Alternativa 3, uma vez que uma abundância de documentação revelou a existência de uma elite rica dominante interligada com sociedades secretas, negócios corporativos internacionais e organizações avessas à publicidade, como o Conselho de Relações Exteriores e a Comissão Trilateral. Esta elite estava certamente ciente das muitas catástrofes — naturais e provocadas pelo homem — que poderiam significar o fim da sociedade industrializada. Evidências sugerem que esta elite, através de seus capangas e associados dentro do governo, pode ter instigado projetos maciços de construção subterrânea para sobrevivência durante as décadas de 1950 e 1960. Este mesmo grupo estaria intensamente interessado em qualquer tecnologia avançada que pudesse ajudar a manter sua riqueza e posição. Este grupo tem usado a CIA como um braço de segurança secreto quase desde a criação da agência em 1947 e, como foi mostrado, a CIA assumiu secretamente os assuntos concernentes a OVNIs no início dos anos 1950. A esta mistura devem ser adicionados os fascistas do pós-Segunda Guerra Mundial, cuja sobrevivência e poder foram detalhados anteriormente.

Keith escreveu: "É neste ambiente de extensa colaboração e infiltração por nazistas e fascistas, uma colaboração que envolve uma continuação de longo prazo dos objetivos nazistas [raciais] separados dos objetivos territoriais alemães anteriores, e um pastoramento

geral e traição por interesses monetários internacionais, agências governamentais e de inteligência, que a descida da América ao totalitarismo, genocídio e controle mental se torna compreensível e o modelo da Alternativa 3 se torna visível pela primeira vez." Keith acrescentou que para a Alternativa 3 ser um plano viável de sobrevivência, deve haver uma série de controles estabelecidos. Estes incluem o domínio das populações em massa através de uma mídia controlada, televisão, drogas, religião ou técnicas de controle mental, controle dos militares das principais nações possivelmente através das Nações Unidas, e planos de contingência no caso de guerra, convulsão social, ou o "reconhecimento súbito [de tal controle] pelas massas" ou catástrofes naturais. "Este esboço amplo de controles é uma repetição, em quase todos os detalhes, dos detalhes da Alternativa 3", observou Keith.

Se houver alguma verdade na Alternativa 3, isso pode responder a muitas perguntas levantadas ao longo dos anos por vários pesquisadores: Por que os principais líderes empresariais e bancários se reuniram secretamente ao longo dos anos e por que eles lidaram com nazistas? Por que a tecnologia avançada de energia e motores tem sido repetidamente suprimida ao longo dos anos? Os discos voadores projetados pelos nazistas foram realmente construídos, e onde na terra eles foram usados? Tais discos voadores poderiam representar uma tecnologia espacial secreta que poderia então explicar a atitude de desdém em relação aos OVNIs por parte do governo e dos militares? Bases na lua e em Marte poderiam explicar os avistamentos de numerosas estruturas anômalas em ambos?

O conceito da Alternativa 3 é intrigante, mas evidências concretas são difíceis de obter. E a pura audácia e magnitude da conspiração argumentam contra ela. Mas houve rachaduras na parede protetora de segurança lançada em torno de tais assuntos que adicionaram apoio a tal especulação. Rumores recentes e vários artigos — principalmente fora da grande mídia — especularam que talvez os Estados Unidos estejam de fato experimentando tecnologia espacial clandestina em uma base ultrassecreta em Nevada.

O que Acontece na Área 51?

Por volta das 5h00 da manhã de 16 de maio de 1991, um grupo de pesquisadores de OVNIs, incluindo Norio Hayakawa da Civilian Intelligence Network e Gary Schultz da Secret Saucer Base Expeditions, sentaram-se ao ar livre no sudeste de Nevada observando uma luz laranja e amarelada brilhante pairando sobre suas cabeças. O objeto brilhante então se moveu para a direita e pairou por algum tempo, depois apareceu e desapareceu por aproximadamente quinze minutos.

Em fevereiro de 1992, seis pilotos civis, incluindo Valentino Kent e Ken Brazell, acamparam no Condado de Lincoln, Nevada. Eles ouviram histórias de que coisas estranhas tinham sido vistas nos céus e, como Kent explicou, "Pilotos estão interessados em qualquer coisa que voe, então fomos lá só para ver o que estava acontecendo." Os pilotos foram instruídos a acampar em um certo ponto elevado pelo xerife local, que examinou suas

identificações e anotou os números das placas dos carros. Naquela noite, todos os homens experimentaram sensações estranhas de paralisia e medo, levando-os a acreditar que podem ter sido drogados por um helicóptero que passou baixo. "Lembro-me da pulverização de Agente Laranja no Vietnã, sabe", disse Kent. "Lembro-me de levantar a cabeça, tentando pelo menos manter minha cabeça erguida... olhando para a lua e ela estava se movendo... Suponho porque minha cabeça estava balançando e eu apaguei." Brazell disse: "Literalmente me senti drogada. Quem sabe?" Mas antes deste incidente, todos os pilotos testemunharam um espetáculo aéreo espetacular envolvendo um grande objeto iluminado em ouro brilhante e silencioso, juntamente com "bolas vermelhas voando ao redor com pequenas luzes estroboscópicas".

Esses grupos foram apenas alguns das centenas de pessoas que desde 1989 afluíram à área depois de ouvir histórias de que o governo dos EUA estava experimentando "discos voadores" lá. Embora ainda não haja evidências concretas ou admissão oficial de que este seja o caso, algo estranho definitivamente está voando nos céus de Nevada. "Múltiplos relatos de observadores bem qualificados emprestam credibilidade substancial à existência de numerosas aeronaves secretas voando de bases remotas no sudoeste dos EUA, independentemente dos argumentos políticos, de financiamento ou técnicos contra essa probabilidade", relatou o prestigiado periódico *Aviation Week & Space Technology*.

Uma dessas bases remotas, como mencionado por Sauder, é Groom Lake, Nevada, que se tornou um tipo de *cause célèbre* quando notícias de naves estranhas, circulares e silenciosas avistadas sobre esta instalação vazaram.

Localizada a quase noventa milhas a noroeste de Las Vegas, no perímetro norte do Campo de Treinamento da Força Aérea de Nellis, esta instalação acima do ultrassecreto espalha hangares, enormes antenas parabólicas e uma das pistas de pouso mais longas da terra sobre o leito seco de Groom Lake. É popularmente conhecida como "Área 51" ou "Dreamland" e é a fonte de muita especulação sobre o governo e os OVNIs.

As ações do governo em relação à Área 51 apenas aumentaram o interesse público na área. "É questão de registro público que a Força Aérea dos Estados Unidos conduziu uma apreensão de terra flagrantemente ilegal [em 1984] envolvendo dezenas de milhares de acres nas proximidades", relatou a revista *UFO*. "Quando a Força Aérea foi perguntada por um Congressista dos EUA com que autoridade agiram, a Força Aérea disse que a autoridade poderia ser revelada, mas apenas a portas fechadas." Em 1995, oficiais da força aérea agitados fizeram uma investida bem-sucedida por mais quatro mil acres ao redor da Área 51 — principalmente os pontos altos e montanhas de onde os curiosos vinham observando OVNIs. Como de costume, o governo conseguiu o que queria, apesar das audiências públicas em 1994 pelo Bureau of Land Management, nas quais fazendeiros e ambientalistas protestaram contra esta nova perda do ecossistema do deserto e pesquisadores de OVNIs protestaram contra o que viam como secretismo injustificado.

Este intenso sigilo em torno da Área 51 fez pouco para dissipar as histórias de trabalho do governo em OVNIs, seja de novo projeto ou como resultado de quedas recuperadas, como a de Roswell. Foi somente após as audiências de expansão da Área 51 no início de 1994 que o governo admitiu que havia alguma coisa lá, apesar de pesquisadores de OVNIs e outros terem falado sobre o lugar por anos. "Temos instalações dentro do complexo perto do leito seco do lago de Groom Lake", admitiu a força aérea em uma declaração oficial, acrescentando que o Complexo do Campo de Nellis — que inclui a Área 51 — é "usado para testar e treinar tecnologias, operações e sistemas críticos para a eficácia das forças militares dos EUA. Atividades específicas conduzidas em Nellis não podem ser discutidas além disso."

Abe Dane, correspondente sênior da *Popular Mechanics*, escreveu: "Groom Lake tem sido onde nosso governo vai quando quer ficar sozinho... É um buraco negro terrestre no qual se estima que milhões de dólares em impostos desaparecem a cada dia, enquanto dificilmente uma palavra de explicação escapa."

O sigilo não é novidade para o Campo de Nellis. Algumas das aeronaves mais ultrassecretas da América — desde aviões espiões como o U2 e o novo SR-71 até o recente F-117A Stealth Fighter — saíram dos hangares escondidos da Área 51.

Mas hoje, naves que rompem com a tecnologia da aviação convencional foram avistadas na área. De acordo com a *Aviation Week & Space Technology*, houve muitos avistamentos de uma "aeronave triangular e silenciosa vista com um voo de caças furtivos Lockheed F-117A", "uma aeronave de alta velocidade caracterizada por um rugido profundo e retumbante muito alto reminiscente de foguetes de carga pesada... [que] faz um som pulsante e deixa uma espessa trilha de fumaça segmentada ou rastro de condensação", e "uma aeronave de grande altitude... observada como uma única luz brilhante — às vezes pulsante — voando a velocidades muito superiores às de outras aeronaves na área, e a altitudes estimadas acima de 50.000 pés". Os editores da publicação observaram: "Além disso, há evidências substanciais de que outra família de naves existe que depende de propulsão exótica e esquemas aerodinâmicos não totalmente compreendidos neste momento."

Outra inovação pode ser o uso de guardas particulares para vigiar esta instalação governamental. "Cinco anos após a queda do Muro de Berlim, as luzes de Groom Lake queimam durante toda a noite com urgência de guerra", observou Dane, que fez uma viagem a pé à área juntamente com pesquisadores curiosos. "E quaisquer que sejam os segredos que ali jazem, são guardados com vigilância inabalável. Homens armados não identificados espreitam a planta do sábio em fadigas de camuflagem. Helicópteros Black Hawk sem marcações varrem as colinas. Sensores eletrônicos escondidos ao longo das estradas de acesso relatam a presença de tráfego de veículos. Lembre-se de que você está sujeito a tudo

isso em terras públicas, antes de chegar à fronteira marcada com placas dizendo 'uso de força letal autorizado'."

Os homens em camuflagem carregando armas automáticas não eram militares dos EUA, mas funcionários da empresa de segurança privada Wackenhut Corporation, cujo conselho de administração é preenchido com funcionários da CIA, FBI e Pentágono, como o ex-diretor do FBI Clarence Kelley, os ex-diretores adjuntos da CIA Frank Carlucci e o Almirante Bobby Ray Inman, o ex-diretor da DIA General Joseph Carroll, o ex-diretor do Serviço Secreto James J. Rowley, e o ex-comandante do Corpo de Fuzileiros Navais P. X. Kelley. Antes de se tornar diretor da CIA do presidente Ronald Reagan, o consultor jurídico externo da Wackenhut era William Casey, apontado como o principal mentor por trás dos escândalos da Surpresa de Outubro e do Irã-Contras.

A Wackenhut tem uma longa e duvidosa história de conexões com alguns dos truques mais sujos do governo, começando pouco depois de ser assumida por George Wackenhut em 1958. Um amigo próximo de Wackenhut, o Senador George Smathers da Flórida, ajudou a encontrar uma brecha nos estatutos federais que proibiam detetives particulares de trabalhar para o governo. Desde então, a Wackenhut Corporation cresceu para incluir trinta mil funcionários armados, um estimado quatro milhões de arquivos sobre "supostos dissidentes" nos Estados Unidos, e receitas de $600 milhões em 1991. De acordo com a revista *Spy*, a empresa ajudou a fornecer armamento sofisticado dos EUA para Saddam Hussein, do Iraque.

Os guardas da Wackenhut protegem zelosamente a Área 51, até ao ponto de assediar e deter cidadãos em estradas públicas próximas e confiscar câmeras sob a mira de armas. Tais ilegalidades levaram o repórter investigativo Anthony J. Hilder a escrever uma carta aberta intemperante à procuradora distrital do Condado de Lincoln, Nevada, Patty Cafferata, solicitando uma investigação do grande júri sobre a autoridade da Wackenhut na Área 51. "A razão para a urgência desta ação", escreveu ele, "é devido ao número rapidamente crescente de situações 'ameaçadoras à vida' criadas por pessoal paramilitar não identificado que opera sob a cor da lei para assediar, intimidar e suprimir os direitos constitucionais de muitas centenas de cidadãos americanos e nacionais japoneses que vêm ver os 'Discos em Forma de Pires' Voadores Não Identificados sendo testados sobre o seu condado."

Naves voadoras não convencionais e guardas de segurança privada durões de uma empresa intimamente ligada à CIA ajudam a perpetuar a ideia de que elementos secretos dentro do governo podem estar experimentando tecnologias alienígenas. Os desmascaradores se apegam à noção de que tudo isso representa simplesmente um desenvolvimento altamente secreto da aviação militar convencional, um desdobramento do ainda classificado bombardeiro triangular B-2 da força aérea. Relatórios não oficiais afirmam que um novo tipo ou mesmo classe de aeronave — designada "Aurora", curiosamente — está em desenvolvimento. Ninguém negou que naves novas e incomuns estão sendo testadas. A

questão permanece: Esta tecnologia avançada surgiu da engenhosidade humana ou da realidade alienígena?

Um homem que afirma saber a resposta forneceu um vislumbre intrigante — e controverso — do trabalho que está sendo realizado na Área 51.

O Cientista e os Discos Voadores

Robert Scott Lazar, mais conhecido como Bob, tem um sorriso juvenil, óculos grossos e um comportamento quieto e modesto que o faz parecer o nerd de computador da casa ao lado — um cara inteligente que pode programar seu videocassete. No entanto, este homem articulado e educado afirmou publicamente que trabalhou em discos voadores alienígenas para o governo dos EUA na Área 51.

Desnecessário dizer que a história de Lazar gerou muita controvérsia dentro e fora da comunidade de pesquisa de OVNIs.

Sua história começou em junho de 1982, quando o jovem cientista disse que estava trabalhando como físico no Laboratório Nacional de Los Alamos, no Novo México. Ele encontrou o famoso Dr. Edward Teller antes de uma palestra lá. Teller estava lendo um artigo de notícias sobre Lazar, que havia construído seu próprio carro a jato. "Oi, sou aquele sobre quem você está lendo aí", disse Lazar, iniciando uma conversa com o notável físico. Em 1988, depois que Lazar deixou Los Alamos, ele escreveu uma carta a Teller mencionando o encontro e o fato de que estava procurando emprego. Lazar disse que logo recebeu uma ligação de Teller dizendo que havia encaminhado o currículo de Lazar para uma empresa de Nevada com contratos governamentais. "Eu diria que não mais do que 10 ou 15 minutos depois que ele desligou, recebi uma ligação para ir a uma entrevista na EG&G [Edgerton, Germeshausen & Grier] Special Projects. Então foi assim que meus serviços foram solicitados, se é que se pode chamar assim", lembrou ele. Lazar disse que quando foi ao escritório da EG&G, foi entrevistado e contratado por agentes do Escritório de Inteligência Naval (ONI). Gradualmente, após rigorosas verificações de segurança, incluindo pedidos de permissão para monitorar seu telefone e revistar sua casa, Lazar foi recrutado para trabalhar no que ele entendia ser "um sistema de propulsão avançado" em Groom Lake. "Pensei que ia estar na Área 51, onde muitos projetos são feitos, incluindo muitos dos projetos negros, como o SR-71 e assim por diante... Aterrissamos na Área 51, e momentos depois entramos em um ônibus e começamos a dirigir e dirigir. E percebi, puxa, não trabalho na Área 51. Então, cerca de 15 milhas ao sul dali, disseram-me que S-4 era o destino."

No S-4, às vezes referido como "Dreamland", o "Rancho" ou "Skunk Works", Lazar começou a pensar duas vezes sobre seu novo emprego. Ele disse que a segurança era opressiva e que os guardas até colocaram uma arma em sua cabeça. "Eles fizeram isso

mesmo na primeira reunião de segurança", disse Lazar. "Eles fizeram tudo, exceto me machucar fisicamente... Guardas lá com M-16s. Os caras batiam no meu peito, gritavam no meu ouvido. Apontavam armas para mim. Como eu disse, não é um bom lugar para se trabalhar." Lazar começou a suspeitar que havia algo muito sombrio e misterioso sobre este trabalho quando notou pôsteres por todo o lugar mostrando um OVNI pairando com a legenda "Eles Estão Aqui". Sua apreensão não diminuiu quando ele soube que havia sido contratado para substituir um cientista que foi um dos três mortos em abril de 1987, quando se tentou cortar o reator de uma usina de energia alienígena.

Uma vez no trabalho, Lazar descobriu que deveria estudar e fazer engenharia reversa da usina de energia de um OVNI — um reator de matéria/antimatéria. Ele disse que descobriu que o reator, que era semelhante aos nossos reatores nucleares, mas apenas do tamanho de uma bola de futebol, produzia "ondas" que anulavam a gravidade através do uso de uma substância superpesada que ele chamou de Elemento 115, após seu número atômico teórico. "Fui eu quem identificou o 115", disse Lazar. "Essa foi minha única contribuição para o projeto. E não insisto no fato de que é 115, mas se não for, é 114. Está por aí."

Durante seu trabalho no S-4, que durou de dezembro de 1988 a abril de 1989, Lazar disse ter visto nove naves alienígenas alojadas em uma fileira de enormes hangares. Uma ele conseguiu tocar de passagem e outra ele testemunhou fazendo um breve voo de teste. Intrigado, Lazar disse que estudou a nave de perto. "Dei nomes a tudo", disse ele, "o modelo 'cartola', o 'molde J' e o 'modelo esporte' [que] operava sem problemas. Quer dizer, parecia novo, se é assim que um disco voador se parece. Um deles parecia ter sido atingido por algum tipo de projétil. Tinha um grande buraco na parte inferior e um grande buraco na parte superior com o metal dobrado para fora como se algum projétil de grande calibre o tivesse atravessado... Consegui olhar para dentro, e tinha cadeiras muito pequenas. Acho que essa foi a primeira confirmação [de tecnologia alienígena] que tive."

Lazar lembrou que um dia, enquanto caminhava por um corredor no S-4, ele olhou para uma sala e viu dois homens em jalecos brancos "olhando para baixo e conversando com algo pequeno, de braços longos". Sabendo que algumas pessoas diriam que ele viu um extraterrestre vivo, Lazar observou: "Eles pregam tantos jogos mentais lá. Talvez tenham colocado uma boneca na frente desses caras e me fizeram passar por ela e olhar para ela, só para ver qual seria minha reação. Mas, quando nos viramos para fazer algo e voltamos, ela tinha desaparecido, e os dois caras tinham desaparecido. Então, não sei o que vi."

Curiosamente, a ideia de que alienígenas podem estar vivendo na Área 51 foi avançada por dois agentes do governo não identificados — identificados apenas como "Falcão" e "Condor" — no documentário de TV de 1988 *UFO Cover-up? Live.*

Embora a exposição de Lazar aos discos voadores tenha sido curta e esporádica, a informação mais surpreendente veio de mais de duzentas páginas de documentos de

"briefing" que ele foi obrigado a ler para prepará-lo para seu trabalho. Dentro desses folhetos azuis, que não tinham números de documento ou carimbos de sigilo, Lazar disse que soube de outros projetos secretos, como o estudo de um propulsor gravitacional ("Galileu"), olhar para trás no tempo ("Espelho") e uma arma de feixe de nêutrons ("Sidekick"), todos sob um programa chamado "Projeto Overview". Lazar leu que alienígenas estavam visitando a Terra — que eles chamavam de "Sol 3" — há milênios e que a humanidade era o resultado de sessenta e cinco "correções" genéticas feitas ao longo de milhares de anos. Pelo menos um grupo de pequenos ETs — referidos como "As Crianças" — veio de um planeta no sistema estelar Zeta Reticuli. Lazar também ficou surpreso ao saber que os discos voadores em mãos do governo não eram todos resultado de acidentes acidentais. "Acho... que recebemos essas naves mais por meios amigáveis do que por recuperação de queda ou roubo ou seja lá como", disse ele.

Mesmo depois de tudo o que experimentou, Lazar disse que ainda estava cético em relação a declarações feitas em um documento grosso relativo à religião. Este documento afirmava que os alienígenas consideram os humanos como "contentores". Perguntado para esclarecer isso, Lazar respondeu: "Talvez contentores de almas. Você pode inventar a teoria que quiser. Mas somos contentores, e é assim que somos mencionados nos documentos; que a religião foi especificamente criada para que tenhamos algumas regras e regulamentos com o único propósito de não danificar os contentores..."

Um aspecto intrigante do briefing de Lazar dizia respeito à sua descrição de uma aparente batalha entre alienígenas e humanos em uma base secreta em 1979. Ele disse que leu que um guarda humano tentou levar uma arma para a área dos alienígenas, o que resultou em ferimentos fatais na cabeça do pessoal de segurança. A descrição de Lazar deste incidente corresponde exatamente a um relato do pesquisador de OVNIs Paul Bennewitz. Em uma carta de 1985 ao autor Timothy Good, Bennewitz escreveu: "Em 1979, algo aconteceu. O alienígena... disse [que houve] uma discussão sobre armas... 66 [pessoas de segurança] foram mortas, 44 escaparam." A história diz que os alienígenas partiram, deixando equipamentos, alguns dos quais foram estudados por Lazar.

Lazar disse que não ficou impressionado com o calibre do trabalho que ocorria no S-4. Apenas um punhado de pessoas trabalhava no OVNI que ele viu e pareciam mais militares fora de sua liga do que cientistas de classe mundial. "Tudo o que vi, cada passo do caminho, apenas me mostrou que um projeto tão incrível está sendo tratado não apenas de forma não profissional, mas beirava o ridículo." Ele disse que entendeu que plutônio radioativo havia sido testado como combustível para o reator de antimatéria.

Se seu relato for verdadeiro, poderia explicar um caso misterioso e não resolvido de OVNI perto de Houston, Texas. Por volta das 21h00 do dia 29 de dezembro de 1980, Betty Cash, Vickie Landrum e o jovem neto de Landrum estavam voltando para casa quando um enorme OVNI brilhante em forma de diamante se aproximou de seu carro lançando faíscas. Quando

a nave passou perto de seu carro, a luz e o calor se tornaram intensos. As mulheres ficaram chocadas ao ver cerca de vinte helicópteros — alguns naves grandes de rotor duplo juntamente com outros menores — cercando o objeto, como se em escolta. Pouco depois desta experiência bizarra, as três testemunhas desenvolveram dores de cabeça, náuseas, feridas na pele, perda de cabelo e outras doenças diagnosticadas como sintomas de envenenamento por radiação. O Dr. J. Allen Hynek chamou a experiência Cash-Landrum de um "caso realmente crucial" devido aos "efeitos físicos absolutamente inequívocos" envolvidos. Depois de desenvolver câncer, Cash juntou-se a Landrum em um processo contra o governo dos EUA, acreditando que o incidente envolvia uma nave experimental. Mas em 1986, seu caso foi arquivado depois que autoridades militares e da NASA negaram que o governo estivesse operando qualquer nave desse tipo.

Lazar reclamou que não tinha como obter informações detalhadas sobre o projeto ou as pessoas que trabalhavam lá. "Você não pode simplesmente iniciar uma conversa com alguém", disse ele. "Eles trabalham no sistema de parceria. Você é designado com outra pessoa, e ele é a única pessoa com quem você conversa, ponto final. Quanto a agarrar alguém no corredor, isso está fora de questão. Na verdade, mesmo quando você vai ao banheiro, você é seguido pela segurança."

Lazar disse que não trabalhou no S-4 por muito tempo nem mesmo regularmente. De acordo com Lazar, os oficiais de segurança souberam através de seu telefone monitorado que Lazar estava tendo problemas conjugais e, embora não quisessem confrontar Lazar com esta informação, o consideraram um risco à segurança. "Foi por isso que saí do S-4", explicou ele. "Na verdade não saí, eles negaram minha autorização. Mas isso também os deixou em uma situação um tanto difícil, porque aqui eles tinham basicamente me contado três quartos da história do que estava acontecendo, eu tinha experiência prática com tudo, e foi quando as tensões começaram a aumentar, assim que eu saí."

Não ajudou a aliviar seus problemas de segurança o fato de que, antes de deixar seu trabalho, Lazar levou cinco de seus amigos para as montanhas ao redor da Área 51 para observar luzes voando no céu. Depois que sua autorização foi negada, Lazar apareceu em silhueta preta em um programa de TV de Las Vegas. Identificado apenas como Dennis — o nome de seu supervisor de trabalho — Lazar contou sua história de naves alienígenas na Área 51 na primavera de 1989. Em outubro, ele recontou sua história usando seu nome e rosto para uma série intitulada "UFOs: The Best Evidence" exibida pela afiliada da CBS KLAS-TV.

O comentarista do programa, jornalista George Knapp, tentou corroborar o histórico de Lazar e encontrou problemas. Funcionários da EG&G, a empresa onde Lazar afirmou ter sido entrevistado por agentes do ONI para seu emprego no S-4, afirmaram que nunca tinham ouvido falar dele, assim como funcionários do Laboratório Nacional de Los Alamos.

No entanto, houve problemas com os problemas. Knapp localizou uma lista telefônica interna do laboratório de Los Alamos de 1982 que listava "Robert Lazar" junto com os outros cientistas. Quando confrontado com a lista telefônica, um funcionário recuou, admitindo que Lazar havia trabalhado lá, mas apenas em projetos "não sensíveis". Knapp também localizou vários funcionários de Los Alamos que confirmaram que Lazar havia trabalhado com eles em trabalho ultrassecreto relacionado ao projeto SDI "Guerra nas Estrelas". Lazar também produziu um formulário W-2 Wage and Tax Statement de 1989 que mostrava seu empregador como "United States Department of Naval Intelligence, Washington, D.C." e um número de identificação OMB listado como "E-6722MAJ". De acordo com o pesquisador Robert Oechsler, um ex-analista de missão da NASA com boas conexões de inteligência, um funcionário do Departamento de Energia (DOE) confirmou que o número "E-6722" era um número do Escritório de Gestão e Orçamento representando um contrato do DOE e que as letras "MAJ" representavam um "ponto de contato".

Lazar disse que enquanto estava no S-4, ele foi obrigado a usar um crachá de segurança branco contendo uma faixa diagonal azul no canto superior esquerdo e as letras "MAJ" impressas no lado direito. Ele disse que "MAJ" significava "Majestic" e estava escrito no crachá de seu supervisor. Lazar admitiu que talvez a designação "MAJ", que trazia à mente a controvérsia MJ-12, fosse apenas uma piada interna, mas acrescentou que todos usavam um crachá "MAJ". Lazar disse que antes de ter sua autorização de segurança negada, recebeu uma autorização temporária trinta e oito níveis acima da autorização "Q" de alto sigilo, que ele disse ter sido reativada de seu trabalho em Los Alamos. Um funcionário do governo negou que existissem níveis de segurança acima de "Q". No entanto, o autor Timothy Good determinou que níveis de acesso especiais existem como parte de um programa de Informações Compartimentadas Sensíveis (SCI) que remonta à Segunda Guerra Mundial. É usado para informar uma pessoa apenas sobre os detalhes da operação secreta que ela precisa saber para lidar diretamente com aquele projeto. O autor Williams E. Burrows, em seu livro de 1988, *Deep Black: The Secrets of Space Espionage*, afirmou que havia mais de trinta categorias de SCI em uso na inteligência dos EUA em 1986.

O Dr. Teller não fez nada para esclarecer as coisas quando questionado sobre seu conhecimento de Lazar por um cinegrafista de TV. Obviamente perturbado com a menção de Lazar, Teller vacilou, dizendo: "Olha, eu não conheço Bob Lazar... Provavelmente o conheci. Posso ter dito a alguém que o conheci e gostei dele, depois de conhecê-lo, e se gostei dele. Mas não me lembro dele... Quer dizer, vocês estão tentando forçar perguntas em mim que eu simplesmente não vou responder."

As contradições no histórico de Lazar levaram o jornalista Knapp a concluir que os registros de educação e trabalho de Lazar foram intencionalmente alterados ou escondidos. Mais ameaçadoramente, Lazar disse que após sua primeira entrevista na TV, alguém atirou contra ele de um carro branco quando ele saía do estúdio. Após o incidente de tiro e ameaças de morte, Lazar disse que sua decisão de tornar pública sua história foi motivada em parte pela

autopreservação e em parte por outras considerações. "Tentei me proteger de várias maneiras. Uma delas foi ir ao ar e divulgar algumas das informações... Uma vez feito isso — a menos que façam coisas por vingança, e não acredito que eles operem assim — não haveria razão para me incomodar mais", disse ele. "Qualquer ação da parte deles agora garantiria que o que estou dizendo é verdade... [Outra] das razões pelas quais estou divulgando esta informação é que não é apenas um crime contra o povo americano, é um crime contra a comunidade científica, da qual fiz parte por algum tempo", disse ele. "É simplesmente injusto não colocá-la nas mãos de toda a comunidade científica. Há pessoas muito mais capazes de lidar com esta informação e, a esta altura, teriam ido muito mais longe do que este grupo seleto de pessoas trabalhando no meio do deserto."

Considerando as ameaças envolvidas nas experiências de Lazar, não foi surpresa quando vários testes de polígrafo (detector de mentiras) se mostraram "inconclusivos". Inicialmente, o examinador de polígrafo Ron Clay disse que Lazar mostrou ser verdadeiro em um teste, mas enganoso em um segundo. A pedido de Clay, o ex-policial de Los Angeles e especialista em segurança corporativa Terry Tavernetti foi trazido para o caso. Tavernetti administrou quatro testes em Lazar e concluiu que ele não tentou enganar. Sua conclusão foi apoiada por um terceiro teste de polígrafo, mas um quarto indicou que Lazar, embora não tentasse ser enganoso, pode ter relatado informações de ouvir dizer, não sua própria experiência. "A dificuldade em determinar a veracidade de Lazar decorre do medo que foi incutido nele", disse Tavernetti.

O caso pela veracidade de Lazar foi ainda mais danificado em 1990, quando ele se declarou culpado de uma acusação de rufianismo em conexão com uma casa de prostituição em Nevada e foi sentenciado a três anos de liberdade condicional e 150 horas de serviço comunitário, e aconselhado a procurar aconselhamento psicológico.

Alguns pesquisadores de OVNIs suspeitaram que este encontro com a lei foi uma armadilha para desacreditar Lazar. No entanto, uma verificação minuciosa dos fatos indicou que todo o episódio foi iniciado pelo próprio Lazar quando ele mencionou que havia instalado equipamento eletrônico para um bordel de Las Vegas durante uma entrevista na TV. Diante deste reconhecimento público da prostituição, as autoridades foram forçadas a agir, uma vez que estava localizado em um dos três condados de Nevada onde a prostituição permanecia ilegal. O caso foi um foco de amor não correspondido, ingenuidade juvenil e — pelo menos de acordo com alegações em documentos judiciais arquivados por Lazar — possível corrupção policial. Embora houvesse algum debate sobre se Lazar sabia ou não que a operação era ilegal, a essência do caso mostrou que tudo o que ele fez foi instalar alguns equipamentos de computador e segurança para um amigo. Tanto a polícia de costumes quanto o promotor distrital recomendaram nenhum tempo de prisão. Um amigo próximo indicou que novas ações legais para reverter a confissão de culpa podem estar por vir.

Mas a controvérsia sobre Lazar e sua incrível história sobre a Área 51 e seus discos voadores continua inabalável. Embora vários pesquisadores afirmem ter falado com outros trabalhadores da Área 51 que confirmam o relato de Lazar, nenhum concordou em se submeter ao escrutínio que Lazar sofreu. Os delatores da TV "Condor" e "Falcão" corroboraram elementos da história de Lazar, mas permanecem publicamente não identificados. Outra fonte foi identificada como um ex-oficial da CIA que trabalhou para a Lockheed chamado Marion Leo Williams. De acordo com o pesquisador Andrew Basiago, Williams afirmou ter sido transportado para o Dreamland da Área 51 na década de 1970, onde soube que OVNIs recuperados estavam sendo estudados em um laboratório governamental subterrâneo ultrassecreto.

George Knapp, o jornalista de TV de Las Vegas que passou um tempo considerável investigando a história de Lazar, disse: "Sabemos que muitas coisas secretas acontecem na Área 51... e há esta voz persistente e irritante flutuando no local de teste há muitos anos de que algo mais, algo alienígena, estava lá em cima, mas ninguém nunca se preocupou em verificar. Mas Bob é o primeiro a se manifestar para dizer algo sobre isso — ter conhecimento interno. Passei quase um ano na história de Lazar. Examinamos todos os aspectos da história repetidamente. Conhecê-lo realmente vende muito disso, porque ele não está lá para impressionar ninguém e não está tentando ganhar um milhão de dólares com isso... A história tem sido consistente repetidamente." Knapp acrescentou que conhecia várias pessoas que se ofereceram para confirmar a história de Lazar, mas foram advertidas por homens que disseram ser agentes do governo.

Timothy Good, que examinou o caso de Lazar em grande detalhe, concluiu que "é minha opinião que sua história é substancialmente verdadeira" e pode fazer parte de um "processo de doutrinação pública" para acostumar o público ao conceito de visitação extraterrestre. Knapp nutria suspeitas semelhantes. "Às vezes me pergunto se ele não foi de fato escolhido para a liberação desta informação", disse ele.

O cientista-autor Jacques Vallee, embora impressionado com a sinceridade e o conhecimento científico de Lazar, no entanto, saiu de uma entrevista pensando que havia atingido uma "parede de absurdo". Vallee questionou a falta de equipamento científico no local S-4 e a maneira casual com que os documentos de "briefing" lhe foram mostrados. "A experiência de Robert Lazar tinha sido puro teatro", escreveu ele em 1991. Vallee indicou sua suspeita de que a história do disco voador de Lazar pode ter sido usada para encobrir pesquisa militar secreta não alienígena.

Don Ecker, que escreveu extensivamente sobre o caso, também acredita que Lazar é sincero. "Mas o que está por trás de tudo isso é a verdadeira história. Acho que ele foi alimentado com enormes quantidades de desinformação, mas por qual razão? Algo contra os soviéticos? Contra as pessoas no campo dos OVNIs?", perguntou ele. "Não posso acreditar que se Lazar

realmente estivesse envolvido em pesquisa governamental de discos voadores e estivesse dizendo a verdade, eles permitiriam que ele vivesse."

O autor Curtis Peebles, que descarta todas as histórias de OVNIs como simples interpretações equivocadas da realidade, aparentemente não sabia como lidar com a história de Lazar. Ele a descartou em menos de duas páginas e apenas afirmou que "a história de Lazar tem alguns buracos". Peebles notou a condenação de Lazar por rufianismo e se interessou particularmente pelo fato de Lazar não estar listado como membro da Sociedade Americana de Física ou da Sociedade Nuclear Americana.

O próprio Lazar nunca negou categoricamente que possa ter sido um participante inconsciente em algum esquema de desinformação do governo, mas declarou: "Estou dizendo a verdade — tentei provar isso. O que está acontecendo lá em cima pode ser o evento mais importante da história. Você está falando sobre contato físico e prova de outro sistema — outro planeta, outra inteligência. Esse tem que ser o maior evento da história — ponto final. E é real, e está lá." Em outra entrevista, Lazar foi ainda mais enfático: "Vi o que vi, e você não viu. Não me importo quem acredita em mim e quem não acredita. Dane-se o resto de vocês."

A verdade por trás da possível tecnologia espacial secreta do governo, encobrimentos, campanhas de desinformação e a posse militar de OVNIs e alienígenas permanece não comprovada. Se de fato há desenvolvimento de naves baseadas em tecnologia alienígena, qual é o seu propósito — travar guerra contra inimigos terrestres ou visitantes intergalácticos... ou poderia ser para fornecer um meio de fuga para a elite rica do mundo?

O que está claro hoje é que o fenômeno OVNI se espalhou muito além de meros avistamentos de naves desconhecidas no céu. Na década de 1970, ingredientes ainda mais estranhos foram adicionados à mistura do folclore dos OVNIs — mutilações de animais, círculos nas colheitas e abduções humanas.

CAPÍTULO 7

CARA A CARA

Inabalados pelo contínuo sigilo governamental e pelos relatos da mídia desdenhosos, os OVNIs continuaram a aparecer nos céus do mundo. Mas uma nova — e mais pessoal — nota foi adicionada aos meros avistamentos de objetos voadores.

Lá atrás na década de 1950, nada dividia tanto a nascente comunidade de pesquisa de OVNIs quanto a ideia de contato físico entre humanos e ocupantes de OVNIs. Em grande medida, essa divisão permanece hoje, tensionando a fé até mesmo do entusiasta de OVNIs mais entusiasmado, apesar da crescente atenção da mídia ao assunto. Ver luzes e objetos não

identificáveis no céu é uma coisa. Mas encontrar ou ser abduzido por criaturas extraterrestres é algo bem diferente. No entanto, mais uma vez a história demonstra que esse fenômeno não é nada novo.

No relato bíblico, Ezequiel não apenas viu a "roda" no ar, mas foi levado a bordo. Depois de cair prostrado com os sons e a nuvem de poeira que sinalizavam a chegada da "visão de Deus", Ezequiel foi abordado por um homem banhado em um brilho radiante: "Levanta-te, filho do pó, e falarei contigo." "Então o Espírito me levantou e a glória do Senhor começou a se afastar, acompanhada pelo som de um grande terremoto", escreveu Ezequiel. "O Espírito me levantou e me levou para Tel Abibe, outra colônia de exilados judeus junto ao rio Quebar. Fui em amargura e ira, mas a mão do Senhor era forte sobre mim." Para alguns, isso soa como um relato crível de uma abdução.

O estudioso da literatura hindu Richard Thompson escreveu: "Há relatos védicos em que um ser humano é abduzido por motivos de luxúria por um membro de outra raça humanoide." Um desses contos vem do quinto Veda conhecido como Ramayana, no qual um humanoide Raksasa chamado Ravana sequestrou Sita, a esposa do nobre Senhor Ramacandra. Um relato desta abdução afirmava:

Habitantes invisíveis das florestas observaram o ato vergonhoso de vergonha,
Observaram o Raksasa de braços poderosos levantar a dama pobre e indefesa,
Colocá-la em sua carruagem celestial atrelada a jumentos alados com velocidade,
Dourada em sua forma e brilho, rápida como o corcel celestial de Indra!...
Então a carruagem celestial subiu sobre a colina e o vale arborizado.

Como relatado anteriormente, houve muitos relatos de encontros face a face entre cidadãos e as misteriosas "aeronaves" do final dos anos 1800. Típica foi a experiência de John Barclay, que morava perto de Houston, Texas. Ele disse ao *Houston Post* que na noite de 21 de abril de 1897, viu um objeto oblongo com luzes "muito mais brilhantes que luzes elétricas" pairando em um pasto perto de sua casa. Pegando seu Winchester, Barclay avançou em direção à máquina quando foi recebido por um homem que lhe pediu que largasse sua arma, pois não lhe pretendiam nenhum mal. Pediram a Barclay um pouco de óleo lubrificante, alguns cinzéis frios e um pouco de pedra-azul (pedra tratada com sulfato de cobre). Barclay conseguiu o óleo e os cinzéis, mas não conseguiu encontrar nenhuma pedra-azul. Ao retornar, o homem ofereceu a Barclay uma nota de dez dólares por seu esforço, que ele recusou. Quando Barclay pediu para ver o interior da nave, o homem recusou, dizendo: "Não, não podemos permitir que você se aproxime mais, mas faça como lhe pedimos e sua gentileza será apreciada, e o chamaremos algum dia futuro e retribuiremos sua gentileza levando-o em uma viagem." Quando o encontro estava terminando, Barclay perguntou de onde o homem era e para onde estava indo. A estranha resposta foi: "De qualquer lugar, mas estaremos na Grécia depois de amanhã." Com isso, a nave desapareceu de vista.

No verão de 1947, quando as histórias de Kenneth Arnold e da Ilha Maury estavam começando a gerar interesse por OVNIs nos Estados Unidos, um estranho contato ocorreu nos Alpes ao norte de Veneza, Itália. A história, relatada pela pesquisadora de OVNIs Jenny Randles, contou como o geólogo Rapuzzi Johannis estava procurando rochas perto da vila italiana de Villa Santina na manhã de 14 de agosto, quando descobriu uma nave oval incrustada na encosta de uma montanha. Avistando o que pensava serem dois meninos, ele gritou e gesticulou para que viessem ver o que ele havia encontrado. Ao se aproximar do par, Johannis ficou chocado ao ver dois pequenos seres com cerca de três pés de altura, cabeças excessivamente grandes e olhos redondos enormes. Eles usavam roupas azuladas justas sobre o que parecia ser pele esverdeada. Quando Johannis levantou a mão contendo uma picareta de rocha como uma saudação amigável, uma das criaturas, talvez interpretando mal o gesto como um movimento agressivo, tocou seu cinto e Johannis foi jogado ao chão atordoado. Enquanto jazia indefeso, ele viu os seres entrarem na nave, que passou a se mover no ar, encolheu de tamanho e desapareceu silenciosamente.

Mas tais histórias foram perdidas na história ou ignoradas pela mídia da época, levando muitos a acreditar que os contatos estranhos com ocupantes de máquinas voadoras começaram apenas quando a era dos discos voadores começou no final dos anos 1940. As poucas histórias de contato que surgiram foram rapidamente descartadas pelos primeiros pesquisadores de OVNIs como fantásticas demais para sequer considerar. Eles já tinham problemas suficientes lidando com objetos voadores misteriosos.

O Homem de Vênus

O primeiro contatado de OVNI bem conhecido foi o imigrante polonês George Adamski, que no início deste século trabalhou em vários empregos irregulares e até serviu na Cavalaria dos EUA na fronteira mexicana entre 1913 e 1916. Na década de 1920, Adamski começou a ensinar filosofia e no início da década de 1930 fundou um monastério na Califórnia chamado "a Ordem Real do Tibete". Aqui ele adquiriu uma licença especial para produzir vinho durante a Lei Seca para "propósitos religiosos". Durante a Segunda Guerra Mundial, Adamski operou uma barraca de hambúrgueres chamada Palomar Gardens, que estava localizada nas encostas do Monte Palomar perto do telescópio gigante Hale. Aparentemente, essa proximidade com a ciência, juntamente com seus ensinamentos filosóficos, levou-o a se autodenominar "professor".

Adamski afirmou que quase duzentos OVNIs passaram perto do telescópio Palomar durante os anos de guerra. Ele escreveu sobre essas naves na revista *Fate* em 1950. Depois de tirar algumas fotografias de um objeto aéreo, a reputação de Adamski como pesquisador de OVNIs começou a se espalhar, apesar da qualidade questionável de suas fotos. Adamski expressou a esperança de que um dia pudesse realmente conhecer o habitante de um OVNI.

Seu desejo foi realizado em 20 de novembro de 1952, quando ele, juntamente com outras seis pessoas, viu um objeto prateado em forma de charuto flutuando no céu perto de Desert City, Califórnia. Levado para um local perto da nave, Adamski pediu que seus amigos esperassem por perto enquanto ele se aproximava do objeto. Mais tarde, ele afirmou que conheceu um homem com cabelo na altura dos ombros e um macacão marrom de peça única e reconheceu o homem como "um ser humano de outro mundo!"

Usando uma combinação de sinais manuais e telepatia mental, Adamski afirmou que conseguiu saber que o nome do homem era Orthon, e que ele havia vindo à Terra do planeta Vênus para avisar os humanos sobre os perigos dos testes de bombas nucleares. Orthon confirmou que naves estavam visitando a terra de dentro do nosso sistema solar e além, e que algumas tinham caído como resultado da interferência humana. Ele disse que nenhum pouso aberto ocorreria, pois "haveria uma quantidade tremenda de medo por parte das pessoas, e provavelmente os visitantes seriam despedaçados pelos habitantes da Terra, se tais pousos fossem tentados." Ele também indicou que alguns habitantes da Terra tinham sido levados a bordo de naves como a sua, que ele disse ser simplesmente uma nave "escoteira" transportada para a Terra por uma grande "nave-mãe". Quando Adamski tentou tirar fotos, Orthon levou seu filme com a promessa de devolvê-lo.

Poucos dias depois, Adamski disse que a nave retornou e jogou seu filme para fora de uma vigia. Quando revelado, descobriu-se que o filme continha uma série de símbolos que nunca foram decifrados. Adamski escreveu um breve relato de sua experiência com OVNIs, que foi adicionado a um livro sobre OVNIs pelo autor britânico Desmond Leslie. Um editor astuto tornou a experiência de Adamski o ponto focal do livro de Leslie e o publicou em 1953 como *Flying Saucers Have Landed*. Rapidamente se tornou um best-seller. Na década seguinte, mais livros de Adamski — aparentemente escritos por outros e embelezados — foram publicados, e seus relatos sobre a vida no espaço sideral foram expandidos para incluir descrições de árvores e rios na lua e criaturas da maioria dos planetas do sistema solar.

"Ele morreu em abril de 1965", escreveu a autora Jenny Randles, "suas visões tendo dividido a comunidade de OVNIs em dois campos que ainda existem hoje. Os ufólogos de orientação ocultista, crentes fervorosos em extraterrestres amigáveis, aceitam muito do que Adamski disse como evangelho, literalmente. A maioria dos pesquisadores de OVNIs, no entanto, acredita que suas histórias eram, na melhor das hipóteses, alucinações e talvez fantasias completas. Não há dúvida de que as evidências de Adamski são pouco persuasivas. Suas fotografias convenceram poucos, e muitos alegam que a análise mostra que são falsificações pequenas e grosseiras. Suas histórias sobre as condições em outros planetas do sistema solar foram consideradas cientificamente absurdas antes mesmo de ele morrer."

Como tantos outros aspectos da história dos OVNIs, é tentador simplesmente descartar Adamski como iludido ou farsante. Ray Stanford, um dos seguidores mais entusiastas de

Adamski, citou mais tarde Adamski dizendo: "Durante a Lei Seca, eu tinha a Ordem Sagrada do Tibete. Era uma fachada. Escute, eu conseguia fazer vinho... Inferno, fiz vinho suficiente para metade do sul da Califórnia. Na verdade, eu era o maior contrabandista de bebidas da região. Aí aquele homem Roosevelt apareceu e acabou com a Lei Seca. Se não fosse por aquele homem Roosevelt, eu não teria que me envolver nessa porcaria de discos voadores." Até mesmo o ex-publicitário de Adamski, Harold Salkin, observou que em 1963 o relato de Adamski de uma viagem de disco voador a Saturno diante de uma plateia em Washington em muitos aspectos contradizia a mesma história que ele havia contado mais cedo naquele dia a amigos próximos. Salkin também apontou que pelo menos uma das fotos de OVNI de Adamski foi comprovada como "fraude", pois a imagem do OVNI se estendia além do quadro do filme. "Ele aparentemente caiu na armadilha que havia pegado muitos dos contatados das décadas de 1950 e 60", afirmou Salkin. "Para aguçar o apetite de seus seguidores regulares, ele — como os outros — estava convencido de que tinha que inventar algum evento realmente espetacular. No caso de Adamski, foi a viagem a Saturno."

Mas há algumas evidências que indicam um possível aspecto mais sombrio nas histórias de Adamski. Vários pesquisadores de OVNIs sugeriram que Adamski pode ter sido "preparado" em seu papel como uma celebridade contatada precoce. Randles observou que, ao mesmo tempo em que Adamski ganhava notoriedade, a CIA estava convocando o painel Robertson numa tentativa de tornar a opinião oficial contra os OVNIs como objetos reais.

O pessoal da agência também queria desviar a atenção séria do público e notou como os contatados haviam "reduzido a credibilidade das evidências de OVNIs aos olhos de muitas pessoas". O próprio Adamski apoiou a ideia de que foi usado pela inteligência quando, em um discurso de 1953, começou dizendo que seu material havia sido "liberado" pelo FBI e pela inteligência da força aérea. Adamski recuou dessa declaração alguns dias depois, quando agentes do FBI o questionaram sobre tal liberação. O autor Jacques Vallee observou que Adamski admitiu que cientistas do governo do Laboratório de Eletrônica Naval de Point Loma, perto de San Diego, pediram-lhe que cooperasse no estudo de OVNIs, ajudando assim a lançar sua carreira como contatado. "O principal apoiador de Adamski no exterior era um ex-oficial de inteligência do Exército Britânico", afirmou Vallee, acrescentando: "Um homem que hospedou Adamski durante sua turnê pela Austrália me disse que 'o bom e velho George' estava viajando com um passaporte com privilégios especiais." Um dos cientistas que Vallee mencionou, Gene L. Bloom, negou qualquer envolvimento com Adamski, dizendo: "Tudo o que Adamski escreveu sobre nós era ficção, pura ficção." Um associado de Adamski em Palomar Gardens, Jerrold E. Baker, disse que ouviu uma gravação em fita da experiência no deserto de Adamski antes de ela acontecer, levando-o a escrever: "Fui capaz de determinar que o contato no deserto não foi um mero palpite no escuro ou um piquenique no deserto, mas uma operação planejada."

Outro aspecto intrigante do caso Adamski veio com uma tentativa em 1954 de levar o contatado ao tribunal federal. O pesquisador Thomas Eickoff, indignado porque Adamski

havia escrito em um livro posterior intitulado *Inside the Space Ships* que dois cientistas do governo poderiam confirmar sua viagem extraterrestre, acreditava que Adamski seria forçado a produzir os cientistas em tribunal. Se ele falhasse em produzir o par, Adamski estaria sujeito a acusações de fraude. O plano de Eickoff nunca saiu do papel porque seu advogado recebeu uma carta do diretor da CIA Allen Dulles afirmando que, embora Eickoff tivesse um caso federal, ninguém seria autorizado a testemunhar sobre o livro de Adamski porque o assunto dos OVNIs era uma questão de segurança máxima. Não ficou claro se a posição da CIA era uma tentativa de proteger Adamski ou o assunto dos OVNIs em geral. Tal atividade apoiaria fortemente a teoria de que ele estava de alguma forma ligado a uma operação governamental. Foi definitivamente uma indicação do intenso — e altamente secreto — interesse no assunto dentro da comunidade de inteligência.

Não há dúvida de que em pelo menos uma ocasião Adamski foi vítima de uma farsa. Muito depois de sua morte, dois escritores — James W. Moseley e Gray Barker — admitiram que, como brincadeira, haviam inventado uma carta implicando um endosso das visões de Adamski em papel timbrado do Departamento de Estado. Adamski havia amplamente divulgado a carta fraudulenta de um oficial inexistente chamado "R. E. Straith". Os dois escritores decidiram não revelar a brincadeira na época porque agentes federais estavam investigando este aparente uso indevido de papel timbrado oficial.

Então havia algumas informações estranhas que pareciam apoiar algumas das histórias de Adamski. Por exemplo, o autor britânico Timothy Good relatou uma história de dois policiais de Yorkshire que em janeiro de 1978 encontraram um objeto brilhante "absolutamente inspirador de temor" em uma estrada rural. "Havia essas três grandes esferas embaixo, como grandes rolamentos de esfera — três delas igualmente espaçadas ao redor", disse um policial. "Havia uma área oca embaixo e como um rodapé ao redor da base, mas essas coisas se projetavam abaixo disso." Good observou: "As três esferas vistas sob a nave foram observadas em vários incidentes, mais notavelmente pelo muito difamado George Adamski, cujas fotografias e filme deste tipo de nave tirados em 1952 e 1965 foram ridicularizados e denunciados como farsas."

Um incidente de 1965 dizia respeito a um filme de oito milímetros que Adamski tirou na casa de Madeleine Rodeffer em Silver Spring, Maryland, em 26 de fevereiro. Tanto Adamski, Rodeffer quanto outras testemunhas disseram que um OVNI manobrou sobre a casa. Ele pairou e levantou e abaixou uma das três "cápsulas de pouso" redondas em sua parte inferior. Rodeffer disse que podia discernir figuras humanas nas vigias que circundavam a nave circular. Mas quando o filme foi devolvido da revelação, Rodeffer afirmou: "O filme que recebi de volta não é o filme original de forma alguma." No entanto, acreditava-se que alguns quadros originais permaneciam e os especialistas se dividiram sobre sua autenticidade. O autor Good, apoiado por um ex-físico óptico da Eastman-Kodak, determinou que teria sido impossível produzir certos efeitos de distorção vistos no filme ou construir um modelo pequeno e barato que pudesse levantar e abaixar seu trem de pouso de

forma convincente. Um cientista da NASA acreditava que o objeto no filme não tinha mais do que três a quatro pés de diâmetro e considerou o filme uma "falsificação". O ponto interessante é que o filme retratava uma nave idêntica às fotografias de Adamski de 1952. Isso era um apoio às suas alegações ou meramente um apoio à ideia de que ele havia mantido um modelo em escala escondido por treze anos?

Aumentando o mistério estava Stephen Darbishire, que disse a Good que em fevereiro de 1954 tirou duas fotografias de um OVNI em Lancashire, Inglaterra, que eram idênticas às descritas por Adamski. Infelizmente, tanto os negativos quanto as cópias desapareceram desde então.

Quer Adamski fosse sincero, mas iludido, um farsante ou um participante — conscientemente ou não — em uma operação de inteligência, os resultados foram os mesmos. O trabalho de Keyhoe e do NICAP para quebrar o sigilo governamental sobre os OVNIs foi atenuado. "A publicidade dada a personalidades como o falecido George Adamski, que afirmou ter voado em discos voadores, deu o golpe de misericórdia a qualquer discussão científica aberta sobre OVNIs", observou o pesquisador Raymond E. Fowler.

Mas se o interesse científico sério em OVNIs foi sufocado, o apetite do público por histórias de contato foi inabalável. Outros contatados, seguindo os passos de Adamski, começaram a se apresentar com suas próprias histórias de viagens de OVNIs, irmãos do espaço e viagens a outros mundos:

- **Howard Menger**, um veterano do Exército dos EUA que operava um negócio de pintura de letreiros, afirmou ter sido um alienígena em uma vida anterior e ter sido contatado por "pessoas do espaço" desde 1932, quando era criança. Ele disse que havia viajado em OVNIs para a maioria dos planetas principais do nosso sistema solar. Na década de 1960, Menger negou seus contatos alienígenas, dizendo que a CIA o usara para testar a reação pública a encontros extraterrestres. Mais tarde, ele retratou a história da CIA e começou a pregar uma mensagem de "amor e compreensão".

- **Daniel Fry**, autoproclamado "cientista mais bem informado do mundo sobre o assunto do espaço e viagens espaciais", encontrou seu contato espacial, A-lan, quando encontrou um disco voador perto do Campo de Provas de White Sands em julho de 1950. Quando se aproximou da nave, A-lan lhe disse: "É melhor não tocar no casco, companheiro, ainda está quente. Calma, companheiro, você está entre amigos." Fry disse que lhe foi oferecida e ele aceitou uma carona no disco voador para a cidade de Nova York e volta, uma carona que ele calculou ter levado cerca de trinta minutos. Durante a viagem, A-lan disse a Fry que sua raça era descendente de antigos Lemurianos que fugiram para o espaço após um cataclismo atômico. Ele acrescentou que a humanidade precisava de ajuda porque nossa ciência física

havia superado em muito a ciência social e a religião, e que o homem era incapaz de lidar com a verdadeira "compreensão".

- **George Van Tassel**, um mecânico de linhas aéreas, que afirmou que em 1951 recebeu conhecimento telepático de um conselho que governava nosso sistema solar. Van Tassel disse que os humanos são uma raça híbrida criada pelo casamento entre venusianos e macacos terrestres. Ele iniciou bem-sucedidas "Convenções Giant Rock Saucerian" entre meados da década de 1950 e 1970 em seu aeroporto/café em Giant Rock, Califórnia. Ele também fundou o Ministério da Sabedoria Universal, Inc. Van Tassel perdeu influência depois de autenticar fotos de OVNIs enviadas a ele por um advogado de Nova York, que então as expôs como uma farsa.

- **Truman Bethurum**, ruidosamente denunciado pelo Dr. Edward Condon, afirmou ter sido abduzido por oito pequenos seres de um disco voador enquanto dormia em seu caminhão a oeste de Las Vegas em 1952. Ele desenvolveu um relacionamento com a capitã do disco voador, uma bela mulher espacial do planeta Clarion, que está escondido da Terra no lado oposto do sol. A mulher prometeu levá-lo ao seu mundo natal livre de miséria, mas, apesar de vários contatos posteriores, a viagem nunca aconteceu.

- **Elizabeth Klarer**, que afirmou ter sido levada de sua casa na África do Sul para um planeta perto de Alpha Centauri com um homem chamado Akon em 1954, descreveu o planeta Meton como um mundo de vegetarianos livre dos problemas da humanidade. Ela disse que teve um filho com Akon, mas teve que retornar à Terra porque não se sentia confortável respirando o ar de Meton. Akon e seu filho a visitaram em 1963, relatou ela.

- **Orfeo Angelucci**, rotulado como sincero em suas ilusões pelo psiquiatra Carl Jung, alegou experiências altamente místicas e religiosas através do contato com OVNIs. Em maio de 1952, Angelucci saiu do trabalho na Lockheed e encontrou duas esferas verdes brilhantes que falaram com ele sobre a evolução do homem. Dois meses depois, ele embarcou em um disco voador que havia pousado em um leito de rio seco e foi levado a grande altura acima da terra. Um "Irmão Espacial" chamado Netuno lhe disse que o homem estava em perigo porque sua tecnologia estava ameaçando o mundo. Ele alertou sobre uma catástrofe global em 1986.

Todos os contatados do tipo Adamski exibiram atributos semelhantes — o uso de livros, boletins informativos e palestras para ganhar dinheiro e notoriedade, a ideia de que cada um era um contato especial entre humanos e benevolentes "Irmãos Espaciais", a falta de qualquer corroboração independente de suas experiências e mensagens contínuas de amor, paz e fraternidade. Muitos contatados formaram grupos que hoje seriam mais provavelmente chamados de seitas.

Uma exceção a tal caracterização foi um fazendeiro brasileiro de vinte e três anos chamado Antonio Villas Boas, cujo calvário pode ter marcado o início da experiência moderna de abdução. Embora Villas Boas afirmasse ter sido levado em 16 de outubro de 1957, devido a uma longa investigação juntamente com atrasos na tradução e publicação, sua história não foi divulgada até o final de 1964.

Villas Boas, que nunca lucrou com sua história, contou a um jornalista e a um médico que começou por volta da 1h00 da manhã, enquanto operava um trator na fazenda da família perto de São Francisco de Salles, Brasil. Ele disse que tinha visto uma luz brilhante nos campos na noite anterior, que retornou. Villas Boas descreveu uma luz vermelha na frente de uma nave circular com uma cúpula giratória no topo. A nave baixou três pernas de pouso e pousou nas proximidades. Quando Villas Boas tentou fugir em seu trator, o motor falhou e ele parou. Quando tentou fugir a pé, foi agarrado por um humanoide com cerca de cinco pés de altura. Ele derrubou o ser no chão e tentou correr novamente, mas foi impedido por mais três seres, que o arrastaram para o disco voador pousado.

Dentro, ele foi colocado em uma pequena sala quadrada e fria com paredes sem emendas. Aqui ele foi despido e revestido com um gel. Logo foi levado para outra sala contendo uma cama com uma estranha protuberância no centro. Usando tubos, os seres extraíram sangue e depois deixaram Villas Boas sozinho. Talvez meia hora depois, ele notou um odor nocivo que o enjooou. Após outra espera, uma mulher entrou na sala. Ela tinha menos de cinco pés de altura e parecia humana, exceto por um rosto angular com olhos felinos. Seu cabelo era longo e branco, mas seu cabelo nos braços e pubiano era vermelho escuro. Inexplicavelmente, Villas Boas disse que ficou excitado e passou a ter relações sexuais com a mulher, que parecia aliviada quando terminou. Ao sair, ela deu a Villas Boas um olhar que ele pensou refletir pena. Ela então esfregou sua barriga, apontou para ele e depois apontou para cima. Villas Boas interpretou seus sinais como um aviso de que ela retornaria, mas à luz das abduções modernas, muitos pesquisadores acreditam que ela quis dizer que teria seu filho no espaço.

Embora irritado porque sentiu que "tudo o que eles queriam [era] um bom garanhão para melhorar seu estoque", Villas Boas logo recebeu de volta suas roupas e foi levado em um pequeno tour pela nave antes de ser devolvido ao campo perto de sua casa. Ao chegar, descobriu que mais de quatro horas haviam se passado.

O jovem fazendeiro foi examinado por um médico no Rio de Janeiro, Olavo Fontes, que descobriu que Villas Boas era racional e sem imaginação. O médico também descobriu que o homem sofria de fraqueza e náusea. Várias pequenas lesões hemorrágicas foram encontradas em seu corpo. Tudo isso era consistente com envenenamento leve por radiação, concluiu o Dr. Fontes. Em 1978, Villas Boas havia se tornado advogado e era pai de quatro filhos. Em uma aparição na TV brasileira, ele mudou apenas uma parte de seu relato — ele disse então que a mulher estranha havia coletado uma amostra de sêmen durante o ato

sexual. Curiosamente, Villas Boas se lembrava de cada detalhe de sua experiência sem a necessidade de hipnose.

Por mais fascinante que fosse a abdução de Villas Boas, foi apenas um prelúdio para o evento principal da década de 1960 — a abdução de Betty e Barney Hill.

Além das Colinas

Embora o caso dos Hills tenha começado em 19 de setembro de 1961, só chegaria ao público em 1966. Mas quando chegou — através de um livro e um filme — estabeleceu o tom para abduções subsequentes com os temas de tempo perdido, alegações de experimentação médica e recordação através de hipnose.

A história dos Hills provavelmente nunca teria ocorrido não fossem os relatos meteorológicos de um furacão na Costa Leste. Em 1961, Barney Hill, trinta e nove anos, um classificador de correio negro, viajava 120 milhas por dia para Boston de sua casa em Portsmouth, New Hampshire. Betty, quarenta e um anos, era uma assistente social branca com uma pesada carga de casos. Ambos eram ativos em sua igreja e no movimento pelos direitos civis. As pressões eram intensas sobre o casal inter-racial, e eles tinham ido a Montreal, Canadá, para umas curtas férias. Ao ouvir o relatório do furacão, decidiram encurtar sua visita e voltar para casa em Portsmouth.

Dirigindo para o sul na Rodovia dos EUA 3 pouco depois das 22h00 do dia 19 de setembro, ambos notaram uma estrela brilhante, que apareceu de repente e parecia estar os seguindo. Barney estava cético, racionalizando a luz como um avião ou satélite. Mas quando a luz permaneceu, Betty pegou alguns binóculos para ver o objeto. Ela afirmou que podia ver uma fileira dupla de janelas na nave. Com o objeto pairando a meros cinquenta pés de distância, Barney parou o carro ao sul de Indian Head e ele mesmo deu uma olhada. Ele disse que parecia uma grande panqueca brilhante. Olhando mais de perto, Barney pensou que o objeto devia ser algum tipo de arma militar secreta e disse a si mesmo: "Que interessante, lá está o piloto militar, e ele está me olhando." Ele viu que havia outros olhando para ele através de uma janela do objeto e ficou aterrorizado, convencido de alguma forma de que ele e Betty estavam prestes a ser capturados. Barney correu de volta para o carro e eles foram embora, acompanhados por um estranho ruído "bip" que parecia vir do porta-malas do carro. O som os deixou sonolentos. Após uma segunda experiência com o som de bipe, de repente acordaram completamente e se encontraram algumas milhas ao sul de onde Hill havia deixado o carro para ver o objeto. Incapazes de recordar precisamente o que havia ocorrido, foram para casa. Esperando chegar em casa antes das 3h00, os Hills notaram que eram 5h30 quando finalmente chegaram.

Intrigados com sua experiência, Betty ligou para sua irmã no dia seguinte, que aumentou seu medo sugerindo que algum tipo de radiação poderia estar envolvida. Pensando

erroneamente que uma bússola poderia registrar radiação, Betty foi ao carro, onde ficou surpresa ao descobrir "uma dúzia ou mais de círculos brilhantes espalhados na superfície do porta-malas, cada um perfeitamente circular e do tamanho de um dólar de prata". A bússola nunca se moveu quando ela a colocou em outras áreas do carro, mas quando colocada em um dos pontos brilhantes, a agulha da bússola começou a girar. Convencidos de que algo estranho havia acontecido com eles, os Hills registraram um relatório do OVNI na Base Aérea de Pease em Portsmouth apenas trinta e seis horas após o incidente. Nos últimos anos, a história dos Hills ganhou alguma substanciação quando se soube que, de acordo com o Relatório No. 100-1-61 da 100ª Ala de Bombardeio do SAC, o radar de Pease registrou um "desconhecido" na hora exata em que os Hills encontraram seu OVNI.

Em outubro de 1961, os Hills se encontraram com o investigador Walter Webb, palestrante principal do Planetário Charles Hayden do Museu de Ciência de Boston e representante do grupo de OVNIs NICAP. Webb, embora altamente cético, afirmou: "Fiquei impressionado que os Hills minimizaram os aspectos dramáticos do caso. Eles não estavam tentando sensationalizar. Não buscavam publicidade." Foi através de Webb que os Hills perceberam pela primeira vez que mais de duas horas estavam sem explicação em sua história. Algo mais do que um simples avistamento de OVNI deve ter ocorrido.

Pouco após o incidente do OVNI, ambos os Hills começaram a experimentar efeitos físicos e psicológicos da experiência. Betty tinha pesadelos em que se encontrava a bordo do OVNI e sendo examinada por pequenos seres humanoides. Barney começou a sofrer de pressão alta, exaustão, úlceras e um estranho anel de verrugas na região da virilha. Ambos viram uma série de especialistas médicos durante 1962 e eventualmente conheceram o Dr. Benjamin Simon, um respeitado psiquiatra e neurologista de Boston com vasta experiência em terapia de hipnose.

O Dr. Simon iniciou seis meses de sessões de hipnose com ambos os Hills, às suas próprias custas, a partir do final de 1963. Tanto Betty quanto Barney contaram essencialmente a mesma história sob hipnose. Eles agora lembravam que seu carro tinha morrido e parado na estrada perto de um bando de homenzinhos vestidos com uniformes pretos e que foram levados a bordo de uma nave circular pousada nas proximidades. Barney ficou aterrorizado, dizendo que se sentia como um coelho diante de um predador. Ele descreveu o líder da nave como um "nazista alemão" usando uma jaqueta preta brilhante, boné e cachecol. Betty disse que uma longa agulha foi inserida em seu estômago como parte de um "teste de gravidez". Hill disse que um dispositivo circular foi preso à sua virilha. Após o exame de Betty, ela fez um pequeno tour pela nave e viu um "mapa estelar" quando perguntou sobre a origem do OVNI. Depois de serem informados de que não se lembrariam da experiência, os Hills foram libertados perto de seu carro, e o OVNI, parecendo uma enorme bola laranja brilhante, partiu.

Embora a história dos Hills tenha circulado entre seus amigos e algumas publicações de OVNIs, era amplamente desconhecida do público em geral até 1966, quando a revista *Look* publicou um extrato em duas partes de um livro de John G. Fuller intitulado *The Interrupted Journey*. O livro de Fuller logo se tornou um best-seller nacional, e a história ganhou ainda mais notoriedade quando foi transformada em um filme para a TV da NBC em 1975 intitulado *The UFO Incident*, estrelado por James Earl Jones como Hill e Estelle Parsons como Betty. Hill morreu de hemorragia cerebral em 1969, enquanto Betty se tornou uma celebridade na comunidade de OVNIs.

Sua abdução relatada era tão semelhante à de Antonio Villas Boas, cuja história nenhum dos Hills tinha ouvido, que foi considerada uma forte evidência circunstancial da realidade da experiência. Com a proliferação de histórias de abdução resultantes da publicidade da história dos Hills, era uma circunstância que nunca mais se repetiria. Uma vez que o cenário geral de abdução foi tornado público, os desmascaradores poderiam sempre alegar que os relatos contínuos eram simplesmente casos de imitação. O cronista britânico de OVNIs John Spencer chamou o caso Barney de "um dos avistamentos e abduções de OVNIs mais importantes e significativos da tradição dos OVNIs".

Os crédulos viram a história dos Hills como confirmação da visitação extraterrestre, enquanto a grande maioria do público ficou contente em se sentir excitada por esta nova forma de ficção científica. O Reverendo John D. Swanson da Igreja de Cristo em Portsmouth escreveu: "Primeiro, deixe-me dizer que não duvido e não posso duvidar da veracidade do relato dos Hills e acredito na realidade factual de sua experiência. Qualquer um que tenha falado com eles, ouvido as gravações feitas quando estavam sob recordação hipnótica e examinado todas as evidências, não pode duvidar que o que eles descrevem realmente aconteceu."

Aqueles com uma mentalidade duvidosa não foram persuadidos pelo hype da mídia. O Dr. Simon, um profissional com hesitação compreensível em apoiar qualquer relato ultrajante de OVNI, deu esta ressalva em sua introdução ao livro de Fuller: "Há pouco produzido sob ou por hipnose que não seja possível sem ela. O carisma da hipnose tendeu a fomentar a crença de que a hipnose é o caminho mágico e real para a VERDADE [ênfase no original]. Em um sentido, isso é verdade, mas deve ser entendido que a hipnose é um caminho para a verdade como é sentida e compreendida pelo paciente. A verdade é o que ele acredita ser a verdade, e isso pode ou não estar de acordo com a verdade última não pessoal. Mais frequentemente, está." O Dr. Simon acrescentou que a existência de OVNIs era menos preocupante para ele do que "a experiência dessas duas pessoas mostrando o impacto cumulativo de experiências e fantasias passadas em suas experiências e respostas presentes".

O autor Curtis Peebles foi mais direto quando escreveu que, embora os Hills possam ter sido sinceros em sua crença de abdução, "o suposto evento foi apenas um sonho". Esta avaliação foi finalmente expressa pelo Dr. Simon, que afirmou em uma carta ao desmascarador de

OVNIs Philip Klass: "A abdução não ocorreu, mas foi uma reprodução do sonho de Betty que ocorreu logo após o avistamento. Esta foi sua expressão de ansiedade em contraste com a mais psicossomática de Barney."

Se foi tudo apenas um sonho, foi um sonho mais incomum. Por um lado, o radar da Base Aérea de Pease rastreou um "desconhecido" ao mesmo tempo que seu sonho de abdução, e tanto Hill quanto Betty deram relatos muito semelhantes da experiência até pequenos detalhes que coincidiam com o "sonho" de Villas Boas, cuja história eles nunca tinham ouvido. Por outro, eles também devem ter esfregado uma dúzia de pequenos pontos brilhantes em seu carro inconscientemente para apoiar seu sonho compartilhado.

Além disso, Betty afirmou ter recebido um teste de gravidez de seus captores, mas alguns anos antes ela havia feito uma histerectomia. Durante este "teste", uma longa agulha foi inserida em seu umbigo, um procedimento desconhecido em 1961. No entanto, hoje tal procedimento é comum na remoção dos óvulos de uma mulher para fertilização *in vitro*.

Sonho ou não, a história dos Hills preparou o cenário para mais de duas décadas de relatos de abdução.

Quase dez anos depois de a história dos Hills ser amplamente divulgada, um fazendeiro francês de quarenta e um anos relatou uma experiência com temas comuns aos dos Hills e outros. Em 1º de julho de 1965, Maurice Masse estava se preparando para trabalhar em um campo perto de sua casa em Valensole, ao norte de Marselha, quando ouviu um som de assobio que pensou ser um helicóptero militar pousando. Caminhando em direção a uma nave que estava em seu campo, Masse ficou chocado ao encontrar um dispositivo em forma de ovo com dois pequenos seres ao lado. Ele disse que eles tinham cerca de três pés de altura, cabeças grandes, quase nenhuma boca e olhos grandes sem pálpebras. Um deles notou Masse e apontou um pequeno tubo para ele, onde ele ficou paralisado, embora permanecesse consciente. Apesar dessa experiência, Masse disse mais tarde que de alguma forma sabia que os seres não lhe queriam mal. Logo eles entraram na nave e ela desapareceu de vista. Masse disse ao autor Jacques Vallee que não tinha certeza se a nave se afastou tão rapidamente que ele não pôde acompanhá-la ou se ela realmente desapareceu. Pouco tempo após sua experiência, o pesquisador de OVNIs Aimé Michel mostrou a Masse uma fotografia de um modelo feito a partir da descrição do policial Lonnie Zamora, que encontrou dois seres e um OVNI em Socorro, Novo México, no ano anterior. As semelhanças eram tão grandes que Masse ficou animado, pensando que alguém havia fotografado o OVNI em seu campo. Masse afirmou não ter conhecimento do avistamento do Novo México.

À medida que o calvário dos Hills moveu o contato alienígena para a arena da abdução involuntária e experimentação médica, o glamour dos contatados diminuiu — exceto por

uma história fascinante envolvendo detalhes extensos, fotografias claras e múltiplas testemunhas, que permanece amplamente um mistério até hoje.

A Conexão Pleiadiana

Por mais improvável que pareça, os crentes afirmam que uma civilização avançada das Plêiades — um pequeno aglomerado de estrelas na constelação de Touro — selecionou um suíço nascido, faz-tudo com um braço só e apenas a quinta série para ajudar a persuadir os habitantes da Terra de que não estão sozinhos no universo.

Selecionado para este papel estava Eduard Albert Meier, nascido em 3 de fevereiro de 1937, de camponeses em Bülach, Suíça. Hoje ele é conhecido pelo apelido "Billy" por causa de seu fascínio por Billy the Kid e outros Bills famosos do Velho Oeste.

A história de Billy Meier é outro exemplo principal do choque de mentalidades que parece inevitável em torno de histórias de contato alienígena e mensagens interestelares. O relato de Billy Meier sobre visitação alienígena talvez tenha gerado mais controvérsia, declarações contraditórias e acusações de exploração e farsa do que qualquer outra questão isolada de OVNIs. É provavelmente um dos casos mais documentados e estudados em registro — mas ainda hoje parece não haver prova conclusiva a favor ou contra a legitimidade da história de Billy Meier, com suas belas fotos e filmes de "Naves Pleiadianas" carregando mensagens de paz e esperança.

A maioria dos pesquisadores, incluindo algumas organizações de OVNIs como a MUFON, rotularam toda a história de Meier como uma farsa. Outros dizem que, embora alguma farsa e exploração possam ter estado envolvidas mais tarde, pode haver um núcleo de verdade nos primeiros relatos. Alguns simplesmente dizem para ouvir a mensagem de Meier e intuir por si mesmo se soa verdadeira ou falsa antes de atacar o mensageiro. Tanto como uma história de encontro bem documentada quanto como uma visão representativa de como tais contos são recebidos pelo público, vale um estudo mais aprofundado.

Um dos que ficaram intrigados com a história de Meier foi o jornalista investigativo e advogado Gary Kinder, que passou três anos pesquisando cuidadosamente a questão. Kinder apresentou suas descobertas em um livro de 1987 intitulado *Light Years*.

Aos cinco anos, Meier junto com seu pai teve um encontro com OVNI. O ano era 1942, e quando o jovem Meier perguntou ao pai o que era, foi informado: "É uma arma secreta de Adolf Hitler." Desacreditando essa explicação, Meier descreveu o avistamento ao ministro da vila. "Ele me disse que sabia sobre esses objetos voadores — naquela época não eram chamados de OVNIs — isso não era novidade para ele", lembrou Meier. "As pessoas que voavam neles viriam de outro mundo, não da Terra. Ele me disse que entendia isso, mas que não podia falar sobre isso. Ele era padre e chocaria as pessoas. Ele me disse para tentar

aprender telepatia, para tentar dar respostas. Então tentei como me foi dito. Depois de algumas semanas funcionou, e eu fui capaz de responder. Lembro muito bem que o Padre Zimmermann me disse para não falar sobre isso com ninguém, senão todos diriam que eu era louco." Meier disse que aprendeu que estava recebendo mensagens telepáticas de um pleiadiano chamado Sfath, que o informou que ele havia sido escolhido como um contato entre os pleiadianos e os humanos.

Se essa experiência não bastasse, quando Meier atingiu a idade adulta, já havia vivido uma vida inteira de aventuras — nem todas boas. Aos catorze anos, o jovem Meier foi colocado em um abrigo para menores por ser constantemente faltoso à escola. Ele imediatamente fugiu do abrigo e finalmente abandonou a escola antes de completar a sexta série. Enquanto trabalhava em vários empregos braçais, foi preso por roubo, mas fugiu de um centro de detenção e se juntou à Legião Estrangeira Francesa. Não impressionado com o serviço militar, Meier fugiu de volta para a Suíça e então, em 1958, começou uma viagem ao Oriente Médio.

Na estrada, Meier viajou para Jerusalém e Belém, depois através da Jordânia e para o Paquistão e adiante para a Índia, onde estudou filosofia budista. Durante todo esse tempo, ele pegou carona e trabalhou em vários empregos irregulares para sobreviver. Em agosto de 1965, ele estava retornando à Europa quando o ônibus em que viajava colidiu perto de Iskenderun, Turquia. Ele foi lançado através de uma janela, e seu braço esquerdo foi amputado logo acima do cotovelo. Deixado como morto por várias horas, Meier finalmente foi levado a um hospital, onde se recuperou.

Continuando sua viagem de volta para casa, Meier conheceu uma garota grega de dezessete anos em Tessalônica chamada Kalliope Zafireou. O par se apaixonou e se casou. Billy e sua noiva, apelidada de "Popi", viajaram para a Suíça e se estabeleceram na pequena cidade de Hinwil. Meier foi empregado como vigia noturno, e a vida se assentou em uma existência pacífica — embora empobrecida — para Billy, Popi e seus três filhos, Gilgamesha, Atlantis-Sokrates e Methusalem.

Durante todo esse tempo, ele afirmou ter mantido contato telepático com os pleiadianos, que o aconselharam e ajudaram em suas viagens. Ele disse que foi até avisado sobre a perda de seu braço, indicando que os pleiadianos tinham algum tipo de visão do futuro. Mas foi somente em 28 de janeiro de 1975 que o contato físico com os pleiadianos foi alcançado.

Naquele dia, Meier disse que recebeu uma mensagem telepática para pegar uma câmera e ir a um campo remoto perto de Hinwil. Quando chegou em sua lambreta, viu uma grande nave circular prateada navegar sobre as árvores e pousar nas proximidades. Imobilizado pelo campo de energia da nave, Meier só pôde observar enquanto um ser esguio saiu para a grama. Era uma mulher bonita com cabelos longos e ruivos esvoaçantes e olhos azuis pálidos, usando um macacão de peça única que lembrou Meier de pele de elefante. O

macacão tinha um anel ao redor do pescoço aparentemente para conectar um capacete. Através da telepatia, Meier disse que soube que o nome da mulher era Semjase.

Ao longo de uma longa série de reuniões, Meier aprendeu muito com Semjase. "Semjase primeiro explicou brevemente que a civilização pleiadiana se originou há muitos milhares de anos, não nas Plêiades, um sistema estelar muito mais jovem que o nosso, mas na Constelação de Lira. Quando a guerra eclodiu, antes que o planeta fosse destruído, grande parte da população migrou para outros sistemas estelares — nas Plêiades, nas Híades e para um planeta orbitando uma estrela próxima conhecida como Vega. Em uma viagem interestelar, os novos pleiadianos descobriram a Terra e sua vida primitiva evoluindo em uma atmosfera hospitaleira para [eles]", citou Kinder a Meier. "Desde então, de acordo com Semjase, a Terra foi destruída duas vezes por seus próprios habitantes: primeiro por uma civilização evoluída de pleiadianos primitivos que ficaram para trás e se acasalaram com humanos terrestres primitivos; e segundo, quando uma geração posterior de pleiadianos colonizou a Terra e produziu tecnologia avançada até que a guerra novamente destruiu o planeta. Semjase e os pleiadianos que escolheram retornar à Terra novamente eram descendentes de uma facção pacífica de Lira que agora se sentia responsável por guiar a Terra em sua evolução espiritual, para que os humanos terrestres pudessem evitar os contratempos há muito experimentados por seus ancestrais pleiadianos."

Semjase explicou que permitir que Meier fotografasse suas naves disco fazia parte de sua missão destinada a alertar os humanos de que não estão sozinhos no universo. "O humano da Terra nos chama de extraterrestres ou povo estelar, ou o que ele quiser", explicou Semjase. "Ele nos atribui habilidades sobrenaturais, mas não sabe nada sobre nós. Na verdade, somos seres humanos como o ser humano da Terra, mas nosso conhecimento, nossa sabedoria e nossas capacidades técnicas são muito superiores às dele.

"Nós também ainda estamos longe da perfeição e temos que evoluir constantemente", ela também disse a Meier. "Quando escolhemos entrar em contato com um humano da Terra, fazemo-lo porque nos sentimos obrigados para com o universo em desenvolvimento e para com a vida que já existe em todo o universo. Não somos missionários ou professores, mas nos esforçamos para manter a ordem em todas as áreas do espaço. De vez em quando, iniciamos contatos com habitantes de diferentes mundos, procurando indivíduos que sentimos que podem aceitar nossa existência. Então transmitimos informações a esses contatos, mas apenas quando sua raça se desenvolveu e começa a pensar. Então, lentamente, nós e outros os preparamos para a verdade — de que eles não são os únicos seres pensantes no universo."

De acordo com Meier, Semjase explicou que os pleiadianos achavam que não era aconselhável fazer contato aberto com a Terra. "As massas meramente nos reverenciariam como deuses, como nos tempos passados, ou enlouqueceriam. É por isso que consideramos

prudente fazer contato apenas com pessoas individuais por enquanto, para divulgar, através delas, o conhecimento sobre nossa existência e nossa vinda a este planeta.

"Além disso, todos os governos da Terra são compostos de seres humanos para quem a fome de poder e a sede de lucros são características. Eles só querem, sob o manto da paz e da amizade, ocupar nossos raios-naves, para exercer domínio absoluto sobre a Terra. Mas eles não parariam por aí. Tentariam capturar o cosmos, porque não conhecem limites. Eles, por outro lado, não são capazes de criar paz e amizade entre as nações da Terra, nem mesmo em seus próprios países. Como então poderiam ser capazes de ter tal poder em suas mãos como nossas raios-naves? É aconselhável, no momento, manter contato apenas com humanos individuais da Terra, e através deles lentamente permitir que o conhecimento de nossa existência e missão se torne conhecido, e preparar outros para a nossa vinda."

Curiosamente, o conceito de alienígenas direcionando mensagens a humanos selecionados foi avançado por alguns cientistas ponderados. James W. Deardorff da Universidade Estadual de Oregon, em um artigo publicado, teorizou que uma estratégia de comunicação alienígena "pode envolver a comunicação com apenas um ou muito poucos receptores em todo o mundo... No entanto, para que os cientistas em geral não sejam alertados, apenas o receptor seria autorizado a participar das sessões de comunicação e testemunhar os próprios extraterrestres. As mensagens poderiam, além disso, conter descrições vagas de realizações tecnológicas extraterrestres que soariam como mágica ou ficção científica. Poderiam até conter alguns absurdos adicionados propositadamente; estes... ajudariam a garantir que quaisquer cientistas que por acaso soubessem das comunicações as considerassem farsas ou ficção... Enquanto isso, as mensagens seriam publicadas, traduzidas para vários idiomas e distribuídas em todo o mundo juntamente com outra literatura oculta." A teoria de Deardorff se compara notavelmente bem com a história de Meier.

Após cada um de seus encontros com a alienígena Semjase, Meier voltava para casa e datilografava notas detalhadas das conversas em uma velha máquina de escrever. Ele afirmou que Semjase providenciava para que as conversas fossem "reproduzidas" em sua mente, permitindo-lhe datilografá-las verbatim com sua mão direita. Quando o contato com Semjase e os pleiadianos terminou em outubro de 1978, Meier havia contado 115 encontros presenciais que produziram mais de 1.800 páginas de notas, centenas de fotografias coloridas e slides excepcionalmente claros e detalhados, e pelo menos um filme das "raios-naves" pleiadianas. Foi "o maior caso de OVNI de todos os tempos", eufemizou um pesquisador, "o maior, mais espetacular, mais duradouro e mais produtivo caso na história do fenômeno".

Mas havia prova de que algo disso era mais do que uma farsa brilhante e complexa orquestrada por este segurança suíço de um braço só, quase sem um centavo?

Os argumentos para a farsa começam com o fato de que as fotos claras e coloridas das "raios-naves" simplesmente parecem boas demais para ser verdade. Grandes OVNIs detalhados podem ser vistos nas fotos de Meier pendurados no ar alpino claro suíço sobre vistas deslumbrantes de vales verdejantes. "Quando alguém lhe traz fotos assim, sua primeira reação automaticamente é: 'Isso é um monte de porcaria'", disse Willy Bar, proprietário da Bar Photo, onde Meier levava suas fotos para revelação. "Nunca vi nada suspeito no filme preto e branco que revelei, nem nunca me mandaram manipular nada... Minha opinião pessoal sempre foi: 'Não sei sobre OVNIs, mas as fotos são reais.'"

A evidência mais prejudicial contra a validade das fotos de Meier veio de Martin Sorge, uma das centenas de pessoas que afluíram à fazenda de Meier quando sua história chegou ao público. Embora Sorge estivesse impressionado com Meier e a consistência de sua história de contatos pleiadianos, ele permaneceu cético. Um dia, depois de testemunhar uma discussão entre Meier e sua esposa, Popi veio até ele e lhe deu vários slides coloridos que haviam sido chamuscados pelo fogo. Os slides eram de uma nave espacial modelo em vários ambientes, e Popi admitiu que seu marido havia trabalhado com modelos. Sorge decidiu ver se também poderia usar um modelo para duplicar as primeiras fotos de Meier. Ele foi parcialmente bem-sucedido. Ele admitiu que suas fotos não tinham a qualidade das de Meier, e o autor Kinder as descreveu como retratando "uma raios-nave crua e um tanto rígida congelada em um ambiente familiar; mas faltava-lhes a sensação das de Meier, a relação natural que parecia existir entre seu fundo e suas naves. Não tinham profundidade." No entanto, como encontrou evidências de modelos, Sorge ficou convencido de que Meier era um fraudador.

Os apoiadores de Meier explicaram que no início de seus contatos, Meier decidiu construir um modelo para ver se suas fotos de "raios-naves" poderiam ser duplicadas, mas depois decidiu queimar os slides para evitar acusações de farsa. Popi pegou as fotos e, num acesso de raiva, as deu a Sorge. Em anos posteriores, o próprio Sorge apoiou Meier de forma indireta, dizendo a Kinder: "A intelecto de Billy e seu nível espiritual estão muito abaixo da mensagem que ele prega, portanto não é possível que ele tenha inventado isso. Isso indica que ele deve ter obtido isso de alguma outra fonte... Tenho certeza de que ele tem esses contatos, mas não da maneira como ele está nos contando. Ele pode recebê-los em forma de visões, da maneira que os médiuns recebem as coisas. Ele pode nem saber se essas visões são reais. Mas para ele é realidade, e para prová-lo ele tem que sair e construir essas coisas."

Mas mesmo a história do modelo de Sorge, que parecia ser a base para argumentos subsequentes de que as fotos de Meier eram falsas, não podia explicar completamente as melhores fotos de naves no céu. Eric Eliason, um cientista da computação de pesquisa do Levantamento Geológico dos EUA em Flagstaff, Arizona, submeteu algumas das fotos de Meier a análise computacional e concluiu que nada havia sido adicionado ou inserido na fotografia do campo. "E se essa inserção foi registrada no filme, o computador a teria visto. Não vimos nada", disse Eliason. "Isso não elimina a ideia de alguém pegar um pequeno

modelo e jogá-lo lá fora. Isso é uma farsa, mas você não poderia dizer isso com processamento de imagem."

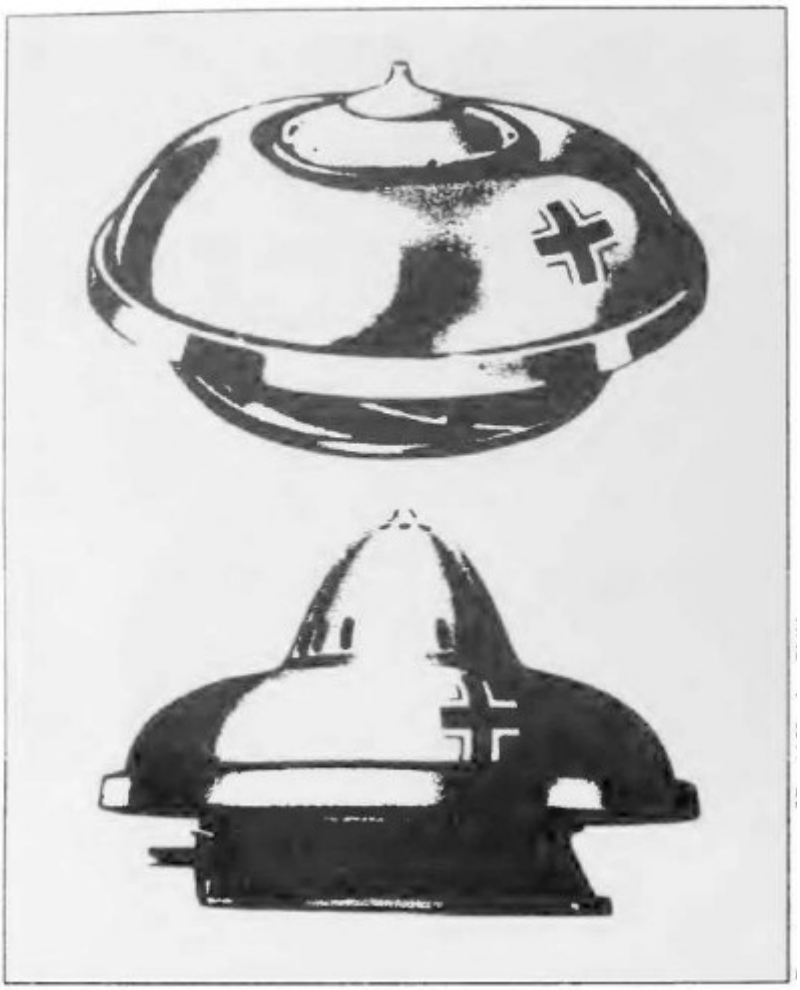
Na verdade, as fotografias de Meier nunca puderam ser devidamente analisadas devido ao seu tratamento. Por todos os relatos, Meier levava seus rolos de filme para serem processados na Bar Photo, depois deixava os negativos e as cópias por toda parte, às vezes em uma caixa de sapatos debaixo de sua cama. Os visitantes os manuseavam, os "pegavam emprestados" e nunca os devolviam. Outros foram doados e alguns simplesmente desapareceram. De acordo com Kinder, como ninguém podia determinar se uma foto era de primeira geração, nunca houve prova definitiva de sua validade.

O Dr. Michael Malin, um cientista espacial da Universidade Estadual do Arizona, ficou impressionado com as fotos de Meier. "Estas são fotos muito mais bonitas de OVNIs do que qualquer uma que eu tenha visto antes em termos de número e qualidade para esse número", disse ele. "Você pode ver que parecem objetos reais. Não apenas no nível da impressão, mas em um nível demonstrável. Eles brilham ao sol, há reflexos distinguíveis nos objetos metálicos, coisas assim que as tornam fotos muito melhores... O que descobri foi que a qualidade dos dados... era insuficiente para fazer uma análise detalhada... Mas ao nível da qualidade dos dados que ele me deu, não pude ver nada obviamente errado com as imagens. Não pude ver nenhuma farsa nisso. Há uma quantidade adequada de desfoque de bordas e desvanecimento de distância e coisas assim." Como um verdadeiro cientista, Malin cautelou-se acrescentando: "Ao nível que vi, posso dizer que a coisa não era uma falsificação fotográfica. Mas isso não significa que não fosse uma falsificação fotográfica... Ainda pode ser um objeto com vinte pés de diâmetro sustentado por um helicóptero acima dele em quatro cordas."

Todo o problema de Meier usar equipamento sofisticado e modelos para falsificar as fotos voltava ao fato de que parecia não haver tempo ou privacidade para isso. Durante o período dos reputados contatos pleiadianos, Meier se tornou uma espécie de figura de culto. Sua casa estava constantemente cheia de visitantes, incluindo celebridades como a atriz Shirley MacLaine e o autor Erich von Däniken. Em anos posteriores, um grupo se formou em torno de Meier, autodenominando-se Freie Interessengemeinschaft für Grenz- und Geisteswissenschaften und Ufologiestudien (FIGU), a "Comunidade Livre de Interesse em Ciências de Fronteira e Espirituais e Ufologia". Mais de uma dúzia de membros da FIGU foram morar na casa de Meier.

LÁPIDE DE UM HOMEM ESPACIAL?

Esta fotografia rara mostra a lápide parcial em Aurora, Texas, marcando o local onde, segundo a lenda, uma pequena pessoa que "não era deste mundo" foi enterrada em 1897. A caneta esferográfica no canto direito dá a perspectiva. Pouco depois desta foto ter sido tirada no início dos anos 1970, a lápide foi roubada e nunca foi recuperada.



DISCO VOADOR NAZISTA.

Estes desenhos retratam um dos "discos voadores" silenciosos e sem emissão de gases desenvolvidos pelo inventor austríaco Viktor Schauberger para os nazistas. Os discos de Schauberger, pelo menos um dos quais supostamente fez voos de teste, eram movidos por um sistema de água rotativo chamado propulsão por vórtice líquido. Alguns pesquisadores afirmam que a tecnologia dos discos nazistas foi obtida através de contato com extraterrestres e que esta tecnologia caiu nas mãos dos Aliados após a Segunda Guerra Mundial, iniciando assim a era moderna dos discos voadores.

A NAVE-MÃE?

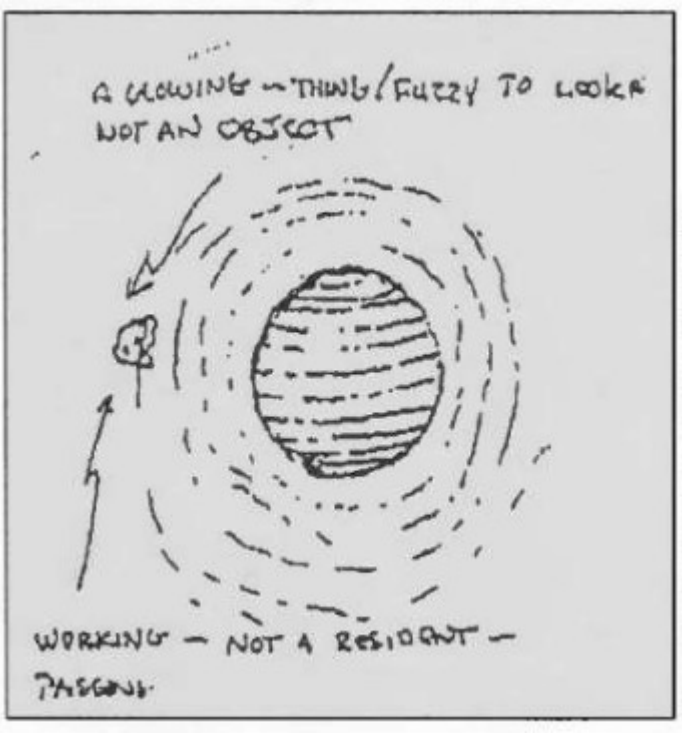
Jim Kuffel tirou esta foto do que parece ser um OVNI gigante perto de Antioch, Illinois, em 10 de novembro de 1996. Kuffel, intrigado por esta aparição aérea, usou uma câmera de 35 mm com lente de 52 mm para fotografar a coisa contra o sol poente. Com toda a probabilidade, esta "nave" com aspecto do filme *Independence Day* foi na verdade criada por uma inversão de temperatura causada por camadas de ar quente se misturando com ar mais frio. Mas isso ilustra bem o problema de muitas identificações errôneas de eventos normais como OVNIs. No entanto, muitos avistamentos são mais difíceis de explicar.

COMPLEXIDADE DOS CÍRCULOS NAS PLANTAÇÕES.

Com o início da década de 1990, a complexidade dos desenhos dos círculos nas plantas continuou a aumentar, como visto nestas fotografias. A Imagem A (acima), tirada em julho de 1991 perto do Castelo de Barbury, na Inglaterra, exibe um conhecimento prático da geometria euclidiana. Alguns círculos incluíam até mesmo um teorema matemático anteriormente desconhecido pelo homem. A Imagem B (à direita) retrata um desenho conhecido como "insectograma" criado em um campo do outro lado de uma estrada do legendário Stonehenge (centro superior). O grande número e as distâncias envolvidas no fenômeno mundial dos círculos nas plantas refutam conclusivamente a noção de que todos são farsas.

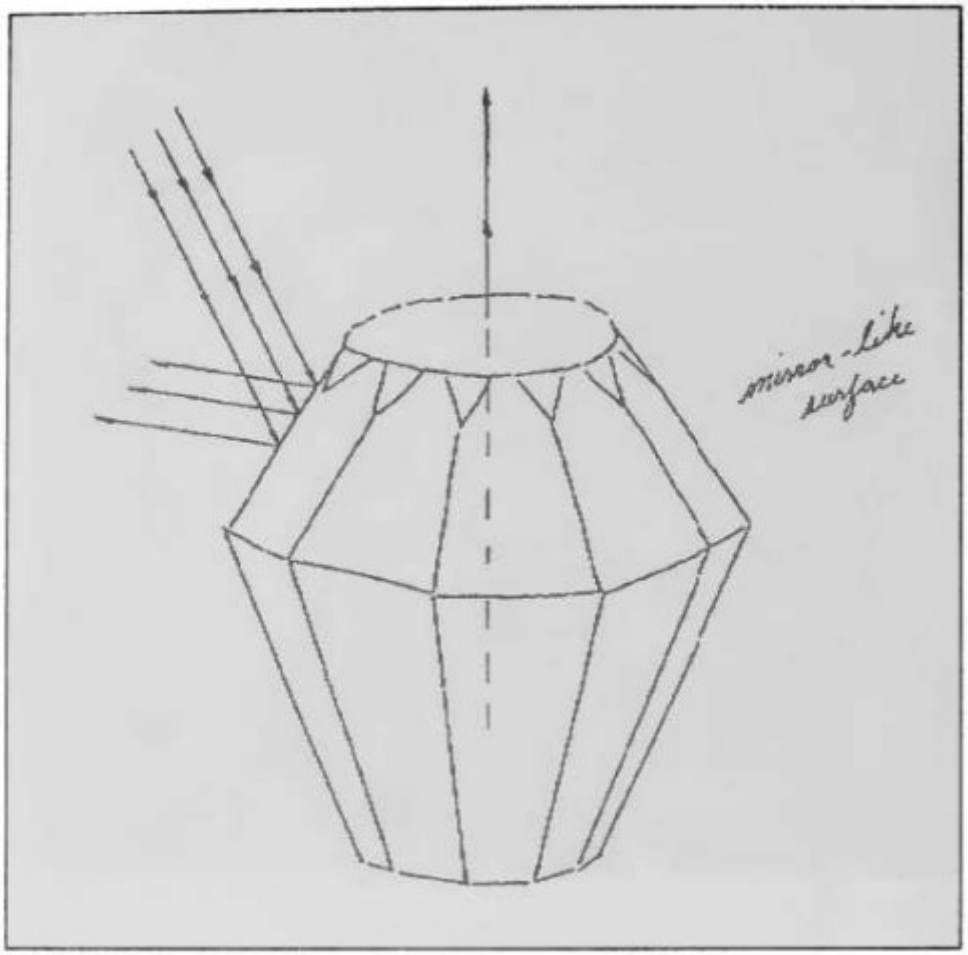
BILLY E OS PLEIADIANOS.

Nenhuma história de contato alienígena é mais bizarra ou mais bem apoiada do que a de Eduard Albert Meier, mais conhecido como Billy. Entre 1975 e 1978, o faz-tudo suíço de um braço só produziu quase 2.000 páginas de anotações feitas a partir de conversas com alienígenas do sistema estelar das Plêiades, além de centenas de fotografias surpreendentemente claras e detalhadas das "naves de luz" pleiadianas. Embora ridicularizada como uma farsa, a história de Meier teve muitos aspectos intrigantes.



UM INTERCEPTADOR DE MARTE?

O esboço à direita, produzido por um visualizador remoto treinado militarmente, retrata um objeto de formato irregular aproximando-se do Phobos II russo, que foi perdido quando se aproximava de Marte em 1989. Meses depois, a cosmonauta visitante soviética, Coronel Marina Popovich (acima à direita), exibiu uma das últimas fotografias enviadas de volta à Terra pelo Phobos II. Ela mostrava um objeto de formato irregular se aproximando da sonda espacial e parecia verificar o relato da visualização remota. Os cientistas ficaram perplexos para explicar a natureza do objeto com qualquer certeza.



IMPLEMENTADOR DE QUARENTENA?

Vários visualizadores remotos viram pequenos objetos como este pairando em órbita, aparentemente para impor uma quarentena à Terra. Do tamanho de uma granada de mão, esses objetos de múltiplas facetas são supostamente a causa de muitos contratempos espaciais, como os lançamentos dos foguetes Titan 4 (1993) e Marte 96, que não conseguiram alcançar a órbita. Alguns pesquisadores especulam que voos espaciais militares e de armas estão sendo bloqueados por extraterrestres.

Meier ficava sozinho apenas quando saía em horários estranhos do dia e da noite para encontrar os pleiadianos. Mesmo assim, vizinhos intrometidos o observavam atentamente enquanto ele entrava nas florestas e campos. Fazendeiros suspeitos frequentemente lhe concediam apenas alguns momentos de tempo em seus campos, e o tempo nas montanhas era imprevisível e geralmente ventava. Some-se a isso o fato de que a maioria das fotos de Meier parecem ter sido tiradas em sequência, com a "raios-nave" começando como um pequeno ponto e depois crescendo à medida que se aproximava da câmera. A maioria das fotos mostrava as naves bem acima de um vale profundo de montanha, onde não havia lugar para pendurar um modelo, certamente com fios suficientes para impedi-lo de balançar nas brisas fortes. Em algumas fotos, parecia que galhos de árvores estavam sobrepostos a uma "raios-nave", indicando que se a nave fosse um modelo, teria que ter mais de vinte pés de diâmetro. E, em um filme de oito milímetros filmado por Meier, folhas de árvores balançavam em reação à passagem de uma das naves circulares e, sob exame minucioso, uma luz vermelha podia ser vista piscando ao longo de uma borda.

Wally Gentleman, um técnico experiente em efeitos especiais, estudou as fotos de Meier em busca de "travamento de perspectiva" — uma análise geométrica que media as "raios-naves" de Meier em relação a objetos conhecidos na foto, como troncos de árvores, casas e similares. Gentleman descobriu que tanto o tamanho quanto a localização das "raios-naves" eram exatamente como descritos por Meier.

O Dr. Robert Nathan, do Laboratório de Propulsão a Jato da NASA em Pasadena, Califórnia, foi consultado sobre as fotos de Meier. Após algum estudo, Nathan disse: "Se isso é uma farsa — e me parece que é, mas não tenho provas — isso foi feito com muito

cuidado. Uma quantidade tremenda de esforço. Muito trabalho para um único cara." A pesquisadora de OVNIs Lou Zinsstag comentou: "Meier é um homem inteligente e tem uma boa mente, mas tem apenas um braço, é limitado em equipamento e é observado por muitas pessoas. Não vejo como ele pode fazer todas essas coisas."

Herbert Runkel e Harold Proch foram dois dos primeiros amigos de Meier. Ambos viveram na casa de Meier por algum tempo e ambos procuraram evidências de que os contatos de Meier eram uma farsa. Eles até conseguiram entrar escondidos em salas trancadas e revistaram armários e gavetas. Nada foi encontrado. "Herbert procurou constantemente", escreveu Kinder, "mas não encontrou equipamentos, aparelhagem ou modelos, nem mesmo periódicos científicos ou livros técnicos dos quais Meier pudesse obter seu conhecimento de tantas coisas. Meier nunca saía de casa a menos que fosse para um contato, geralmente tarde da noite, e ninguém vinha à casa para se encontrar com ele em segredo." Outros amigos e vizinhos relataram ter visto luzes e objetos estranhos no céu, ouvido zumbidos ou ruídos de zumbido e outras ocorrências estranhas.

Meier chegava em casa subitamente totalmente seco em meio a uma forte chuva. Ele explicava sua condição dizendo que acabara de ser materializado de uma "raios-nave". Outros o viram desaparecer e reaparecer subitamente de maneira misteriosa. Englebert Wachter, que estava ajudando Meier a trabalhar em sua fazenda, viu Meier aparecer subitamente em um campo próximo. "Eu estava olhando ao redor, olhando para as árvores, mas de alguma forma meu olhar foi puxado de volta para aquela campina", lembrou Wachter. "E assim que olhei de volta, Billy estava no meio. No meio da campina não há árvores. Olhei para aquela campina e pude praticamente ver Billy aparecer do nada." Muitas pessoas sentiram que se Meier estava fingindo seus contatos e fotografias, ele deve ter tido ajuda. No entanto, muitas pessoas, ao inspecionar os locais de contato, encontraram apenas um único conjunto de pegadas entrando e saindo.

Hans Schutzbach estava com Meier certa tarde quando conseguiu gravar em fita o que Meier disse serem os sons de uma "raios-nave". De acordo com Kinder, era "um ruído horrível e áspero, como um cruzamento agudo entre um motor a jato e uma motosserra" e parecia vir de um ponto no ar a cerca de trinta pés acima da cabeça de Meier. Mais tarde, uma mulher chamada Eva Bieri também gravou os sons de uma "raios-nave" enquanto ela pairava invisível sobre suas cabeças. Esta fita foi submetida a um analisador de áudio digital, que determinou que os sons não estavam nas frequências de linha comuns de 50 a 60 hertz. Steve Ambrose, um consultor de eletrônica para muitas estrelas do rock, estudou a fita com um analisador de espectro e concluiu que eles não poderiam ter sido produzidos com um sintetizador.

Há também a questão do triângulo de metal. Meier afirmou que ele veio de uma das "raios-naves" pleiadianas. Com o tempo, foi dado a Marcel Vogel, um químico de pesquisa da IBM e detentor de trinta e duas patentes. Estudando o pequeno pedaço de metal sob um

microscópio eletrônico, Vogel ficou desconcertado ao encontrar "o mais peculiar labirinto de elementos que ele já tinha visto". O triângulo continha uma combinação de prata, alumínio, potássio, cálcio, cromo, cobre, argônio, brômio, cloro, ferro, enxofre, silício "extremamente puros" e, surpreendentemente, túlio, que foi descoberto em dois sulcos usinados microscopicamente no metal. "É totalmente inesperado", afirmou Vogel. "O túlio só foi purificado durante a Segunda Guerra Mundial como subproduto do trabalho com energia atômica, e apenas em quantidades minúsculas. É extremamente caro, muito além da platina, e raro de se obter. Alguém teria que ter um conhecimento metalúrgico extenso para sequer estar ciente de uma composição desse tipo."

Vogel encontrou outra estranheza no triângulo. "Parece um metal, tem a aparência brilhante de metal, mas quando você o pega e o coloca sob luz polarizada, descobre que sim, é metal, mas ao mesmo tempo... é cristal!"

Animado, Vogel providenciou para se encontrar com outro cientista no dia seguinte para obter sua opinião sobre o estranho metal. Mas — como acontece com tanta frequência nesses casos — quando ele colocou a mão no bolso para pegar o espécime, ele havia desaparecido. Uma busca frenética não conseguiu encontrá-lo. De acordo com o autor Kinder, "Vogel nunca recuperou o pedaço de metal perdido, nem pôde explicar seu desaparecimento."

Lee Elders e sua esposa, Brit, passaram mais de dois anos e milhares de dólares investigando a história de Meier. Em 1979, eles produziram um livro de mesa com as fotos das "raios-naves" de Meier intitulado *UFO... Contact from the Pleiades*. Isso imediatamente os expôs à acusação de que só estavam nisso por lucro. Brit comentou: "Levamos dois anos para descobrir que você nunca vai provar [a história de Meier] e nunca vai refutá-la. Apenas está lá."

O caso Meier deixou o autor Gary Kinder perplexo. A análise fotográfica foi inconclusiva porque os originais não puderam ser estudados. O triângulo de metal desapareceu. O depoimento de amigos e vizinhos era apenas boato. "Quase todos que entrevistei na comunidade de OVNIs me avisaram que estava perdendo tempo com uma farsa óbvia", escreveu ele. "Tendo experimentado o cenário na Suíça, eu, como outros antes de mim, não conseguia entender como Meier poderia ter criado efeitos especiais sofisticados em suas fotografias. Depois, havia os sons, o metal, as marcas de pouso, os filmes, a explicação do sistema de propulsão das raios-naves, tudo o que dava credibilidade à história."

Mas os modelos de Meier e algumas fotos que se descobriu serem copiadas de uma revista mancharam essa credibilidade. "Meier parecia possuir mais evidências do que quase todos os casos anteriores de OVNIs combinados", afirmou Kinder. "Mas essas evidências seriam vistas por poucos e estudadas por ainda menos, porque as histórias absurdas e às vezes

incompreendidas de Meier sobre viajar no tempo para ver Jesus e fotografar o Olho de Deus seriam ridicularizadas e descartadas como tolice."

Até mesmo pessoas dentro da comunidade de pesquisa de OVNIs não podiam concordar sobre os méritos do caso de Meier. Um grupo, o Ground Saucer Watch, estudou as fotos de Meier e declarou que "Todas as fotos são farsas..." No entanto, algum tempo depois, uma foto que o mesmo grupo proclamou "genuína" foi descoberta como uma falsificação, então uma questão permaneceu. Outros sustentaram que a história de Meier era uma fraude total, o que levou um escritor de OVNIs, Lucius Farish, a protestar com seus colegas pesquisadores: "Vocês são livres para pensar o que quiserem sobre o caso Meier ou sua investigação. No entanto, o fato permanece que vocês não têm prova de que o caso é uma farsa. Ouvi todos os tipos de acusações, mas ainda não vi um único átomo de evidência real..." Apesar da contínua falta de evidências firmes de falsificação, a maioria dos ufólogos hoje — não tendo estudado o caso de perto — aceita a ideia de que tudo foi uma farsa elaborada.

Essa conclusão afligiu Lee Elders, que passou tanto tempo investigando o caso. "Não sabia se poderíamos provar que o caso era real, mas sabia que tínhamos evidências tangíveis", lamentou ele. "Nenhum desses ufólogos jamais esteve na Suíça. Eles não passaram cinco minutos com Meier. Nenhum deles esteve lá. Então como podem dizer que é uma farsa? Isso foi o que mais me frustrou."

O respeitado pesquisador e autor britânico de OVNIs Timothy Good acompanhou o caso Meier de perto a partir da década de 1960. Ele observou que as fotos de Meier têm uma semelhança impressionante com OVNIs relatados na misteriosa Área 51. Ele concluiu, no entanto: "Permaneço não convencido por grande parte do material de Meier, mas não duvido que ele teve algumas experiências genuínas e que algumas de suas fotos podem ser autênticas."

Kinder publicou sua pesquisa sobre o caso Meier e passou para outras coisas. "Finalmente percebi, como os Elders anos antes, que a verdade dos contatos de Meier nunca será conhecida."

O próprio Meier minimizou a importância de suas evidências materiais, indicando que eram apenas um meio para um fim. "As fotografias são apenas para fazer as pessoas pensarem, para mostrar algo a elas", disse ele a um pesquisador. "As pessoas virão por essas fotos, mas estudarão os ensinamentos e aprenderão a conhecer."

Conheça Seus Vizinhos

Aqui está uma amostra do "conhecimento" obtido das anotações de Billy Meier:

Os pleiadianos fazem parte de uma federação de mundos civilizados que vivem de acordo com as palavras de uma raça avançada na Galáxia de Andrômeda. Esta raça é tão espiritualmente evoluída que não requer mais um corpo físico. Eles são quase seres de energia luminosa. Os pleiadianos ocupam quatro planetas ao redor do sol Taygeta, no sistema estelar designado pelos cientistas da Terra como M45.

Seu mundo natal é o planeta Erra, que é muito semelhante à Terra, sendo apenas 10% menor. Os processos de fabricação são confinados a outros planetas, e os quatrocentos milhões de pleiadianos em Erra vivem em um mundo utópico livre de poluição, guerra, fome e doença, graças à tecnologia avançada e à consciência espiritual. Como a população se comunica por telepatia, não há desonestidade. Todas as necessidades básicas são fornecidas gratuitamente, e qualquer coisa além disso é adquirida através de troca individual. Não há dinheiro e, portanto, não há busca irracional por riqueza e poder.

Não há cidades enormes. A população está espalhada por seu mundo, conectada por uma série de tubovias sencientes que não apenas transportam a população, mas a educam e informam ao longo do caminho. O governo que é necessário é fornecido por um "Alto Conselho" composto pelos pleiadianos mais sábios e mais evoluídos. Quaisquer mudanças em sua ordem social devem ser aprovadas por um voto da maior porcentagem da população.

De acordo com os pleiadianos, mais de três mil naves alienígenas visitam a terra anualmente. A maioria tem pouco ou nenhum interesse em humanos e apenas uma porcentagem muito pequena tenta se comunicar, e isso geralmente por meios telepáticos. Devido à nossa ancestralidade comum, os pleiadianos têm um interesse especial na Terra. No entanto, eles concordaram em obedecer às regras da federação, que afirmam que nenhuma raça terá permissão para interferir na evolução normal de um planeta até que esse mundo seja capaz de deixar seu sistema solar. Os pleiadianos afirmam que a terra quase atingiu essa capacidade e estão preocupados que os humanos da terra possam atingir um ponto onde uma invasão alienígena hostil possa ocorrer. Atualmente, os pleiadianos impedem tal situação por sua mera presença ao redor da terra.

Durante conversas com Meier, a pleiadiana Semjase explicou que ela conseguia viajar os quinhentos anos-luz entre a Terra e seu planeta Erra em apenas sete horas porque a tecnologia da "raios-nave" permitia que os pleiadianos se movessem para o "hiperespaço" e se convertessem, eles e suas naves, em "partículas de matéria sutil que podem viajar mais rápido que a velocidade da luz". A tecnologia envolvia a curvatura do tempo e do espaço. "Não tenho permissão para lhe dar mais detalhes", disse Semjase a Meier na década de 1970. "Mas posso dizer-lhe que seus círculos científicos avançados já estão trabalhando em sistemas conhecidos como propulsores de emissão de luz e propulsores de 'táquions'. Os princípios elementares já são conhecidos por eles."

Tom Welch, amigo e sócio de negócios de Lee Elders, era altamente cético em relação a Billy Meier. Mas ficou intrigado com a descrição de Meier do propulsor de táquions pleiadiano. "Mais tarde, soubemos que por algum período de tempo, especialistas ligados à NASA ou a empresas como a General Dynamics vinham trabalhando silenciosamente nisso como um conceito de propulsão. O que é interessante é que o homem que escreveu as anotações tem uma educação formal equivalente à quinta ou sexta série. Ele não mora perto de grandes bibliotecas, não mora perto de grandes centros científicos, não tem contatos imediatos nessas áreas. Na época, não sabíamos o que significava 'táquion'. A maioria dos físicos não sabia o que era um táquion. E aplicar o conceito de táquion teórico à propulsão espacial é um grande passo a ser dado", disse um impressionado Welch, acrescentando: "Mas o que me surpreendeu foi que, assim que começamos a investigar isso, de repente outra coisa aparecia, nas anotações ou através de Billy, que era igualmente sofisticada, única e avançada em um campo diferente... Tudo parecia fora de contexto com sua personalidade. Parecia que o homem tinha um tutor em vários campos que era um tutor incrível."

Randolph Winters, que afirmou que Billy Meier o nomeou para escrever e dar palestras sobre a missão pleiadiana, disse que o trabalho de Meier era preparar a humanidade para o novo grande evento da história — "contato aberto com formas de vida de outros mundos e assumir nossa posição na família do homem no universo". Winters disse que Meier era apenas um dos mais de dezessete mil humanos contatados pelos pleiadianos, principalmente através de telepatia, e que, embora o contato com Meier tenha cessado, os pleiadianos ainda mantêm bases subterrâneas na Suíça e na Rússia, onde mantêm uma conexão mental com vários humanos.

Winters produziu um livro contendo uma "história" detalhada da criação, visitas alienígenas à Terra e uma cronologia do progresso humano, incluindo visões sobre crescimento espiritual, morte e reencarnação — tudo baseado nas anotações de Meier. Embora alguns dos escritos de Winters pareçam bastante racionais e bem desenvolvidos — como sua "Nova Constituição do Povo da Terra" — outros ainda parecem extravagantes para a maioria. Os desmascaradores, é claro, consideram tudo isso uma grande bobagem.

Mas se as fileiras dos pesquisadores de OVNIs foram divididas por rancor e contenda sobre a ambiguidade do caso do contatado Meier, não foi nada comparado à próxima grande controvérsia sobre OVNIs — uma que atingiu muito mais perto de casa.

CAPÍTULO 8

TEMPO PERDIDO

No final dos anos 1960, o tempo dos contatados pregando paz e harmonia intergalácticas parecia ter passado. Os contatos relatados com seres alienígenas tornaram-se experiências

aterrorizantes envolvendo sequestro, experimentação e tempo perdido — mas também cheias de revelações e presságios inspiradores de temor.

De forma um tanto sinistra, esses contatos não aconteciam mais com pessoas no deserto ou em estradas solitárias. Agora o fenômeno ocorria enquanto as pessoas dormiam ou sentavam-se na suposta segurança de suas casas.

Na noite de 25 de janeiro de 1967, Betty Andreasson (agora Betty Luca), descrita como uma "garota do campo simples e sem sofisticação", estava em sua casa em South Ashburnham, Massachusetts, junto com seus pais e sete filhos, quando as luzes piscaram e depois se apagaram. A família viu uma "curiosa luz rosa" brilhando através de uma janela da cozinha, que pulsava e ficava mais brilhante. Seu pai, Waino Aho, olhou por uma janela e viu pequenos "aberrações de Halloween" saltitando em fila. Todos os membros da família, exceto Andreasson, ficaram imobilizados e perderam a consciência.

Andreasson ficou chocada ao ver quatro pequenos seres avançando em fila através da porta fechada da cozinha. Ela os descreveu como pequenas criaturas com cabeças grandes em forma de pêra, pele cinzenta, pequenas fendas para orelhas, nariz e boca, e "grandes olhos felinos envolventes". Ela disse que pareciam pessoas "mongoloides" e usavam uniformes azul-escuros com uma insígnia semelhante a uma águia no braço esquerdo. Sua filha, Becky, mais tarde teve uma memória consciente dos visitantes antes de também perder a consciência.

Através de comunicação não verbal — aparentemente telepatia — Andreasson soube que o líder do grupo se chamava Quazgaa, que indicou que sabiam seu nome e estavam ali especialmente por ela. Após alguma conversa sobre a segurança de sua família, Andreasson deu a Quazgaa uma das Bíblias da família, e ele a presenteou com um pequeno livro azul e fino cheio de símbolos. Perguntaram a Andreasson se ela iria com as criaturas. Sendo uma cristã devota, ela continuou perguntando se eles eram homens de Deus. Eles não responderam a isso, mas disseram que tinham vindo para ajudar a salvar o mundo, que estava "tentando se destruir".

Sem sentir hostilidade, Andreasson permitiu que fosse flutuada a alguns centímetros do chão, passando pela porta fechada da cozinha junto com o grupo. Lá fora, ela foi levada a bordo de um OVNI oval apoiado em suportes. Na parte inferior da nave havia três grandes bolas, semelhantes às relatadas por outros abduzidos e retratadas nas fotos de George Adamski. Uma vez dentro, pediram a Andreasson que se despisse. Depois de vestir uma túnica branca, ela foi submetida a um "exame médico" que incluiu uma longa agulha perfurando seu umbigo. Quando perguntou o propósito do exame, foi informada de que tinha a ver com criação, mas que "faltavam algumas partes". Curiosamente, Andreasson havia feito uma histerectomia alguns anos antes. Durante o exame, Andreasson foi tratada muito como uma paciente médica. Uma das criaturas lhe disse: "Essas coisas não vão te

machucar. Apenas fique quieta — muito quieta." Ela disse que durante este calvário, algo foi removido de trás de seu olho com uma longa agulha flexível.

Após o exame, Andreasson disse que foi autorizada a se vestir e depois levada por um "corredor subterrâneo" até uma sala onde foi envolta por um "dossel translúcido" que logo se encheu com um líquido ou gel espesso cinzento. Disseram-lhe para manter os olhos fechados e respirar através de tubos. Ela então sentiu que foi transportada para um lugar diferente. Mais tarde, sob hipnose, Andreasson declarou: "Deixei esta Terra. Acredito que estávamos no espaço, e de alguma forma acredito que estávamos no centro da Terra. Agora, como você pode estar em ambos?" O autor Raymond E. Fowler, que registrou a saga de Betty, notou que durante toda a experiência "Betty se sentiu de alguma forma sob o controle deles". Ele escreveu: "Seus pedidos educados criaram uma ilusão de livre arbítrio, mas na realidade, ela descobriu que sua escolha sempre correspondia aos desejos deles. Sua força de vontade parecia hipnotizada por influências poderosas além de sua compreensão."

As experiências de Andreasson tomaram um rumo ainda mais estranho quando ela afirmou ter sido escoltada para um mundo onde "a atmosfera era de uma cor vermelha vibrante" e estranhas criaturas semelhantes a lêmures com olhos em hastes escalavam edifícios do tipo estuque. Em seguida, ela passou por um mundo verde com vegetação. Como Ezequiel, Andreasson não conseguia identificar ou mesmo descrever algumas das visões. Sob hipnose, ela disse com um suspiro: "Estamos parando porque há algo branco ali. Há algo branco. Não sei o que é! É algo como — nunca poderei explicar." Ela disse que logo chegou a uma cidade com grandes cristais pendurados no ar. Um edifício em forma de pirâmide tinha um rosto esculpido em seu ápice que "parecia meio com uma cabeça egípcia".

Ela foi trazida perante um grande pássaro vivo — ela podia vê-lo respirando — com uma luz brilhante atrás dele. Este seria o ponto alto de sua experiência. Sob hipnose, ela descreveu a cena: "Estou diante daquele grande pássaro. Está muito quente... E aquele pássaro se parece com uma águia para mim. E está vivo. Tem uma cabeça branca e há luz atrás dele — luz realmente branca... Está muito, muito quente aqui... O pássaro, as penas estão apenas afofadas. A luz parece tão brilhante atrás dele. É uma luz bonita e brilhante." Acreditando estar na presença de Deus, Andreasson ficou cheia de emoções fervorosas. Uma das criaturas lhe disse: "Seu próprio medo faz você sentir essas coisas. Posso libertá-la, mas você deve se libertar desse medo através do meu filho." Andreasson disse que exclamou: "Obrigada, Senhor... Sei que não sou digna. Obrigada por seu Filho."

De repente, o enorme pássaro desapareceu. Em seu lugar estava um fogo com um calor que machucou Andreasson, e das cinzas do fogo veio um grande verme cinzento. Este simbolismo óbvio perturbou o autor Fowler, que escreveu que o pássaro semelhante a uma fênix não era um "aspecto ou símbolo prontamente discernível do cristianismo moderno". No entanto, Fowler ficou surpreso ao encontrar uma notação enciclopédica de que "a Fênix

figura proeminentemente na arte e literatura cristãs primitivas como um símbolo de imortalidade e ressurreição".

Andreasson então foi levada de volta à nave, novamente imersa em gel xaroposo e transportada para casa. Durante esse tempo, o líder Quazgaa também lhe disse que seu grupo havia vindo para ajudar a raça humana. "O amor é o maior de todos", disse ele a Andreasson, acrescentando que por causa do amor eles não podiam permitir que o homem continuasse do jeito que está indo e que seria melhor perder alguns do que perder todos. Quazgaa disse que seria fácil entregar ao homem o conhecimento da vida, mas que ele ainda não é digno e deve buscar tal conhecimento por si mesmo. Ele também indicou que Andreasson era apenas um dos muitos humanos que seu grupo, ou clã, havia levado. Finalmente, foi dito a ela: "Criança, você deve esquecer por um tempo."

Sob hipnose, perguntaram a Andreasson se os alienígenas tiveram alguma participação no notório apagão de energia de 1965. Ela indicou que eles o causaram com o propósito de revelar ao homem sua verdadeira natureza. "Eles têm poderes", disse ela. "Eles podem controlar o vento, a água e até mesmo os relâmpagos."

Ela disse que os visitantes explicaram que os apagões foram causados para mostrar ao homem sua verdadeira natureza, a saber, que "o homem busca se destruir [através da] ganância... Tudo foi providenciado para o homem. Coisas simples. Ele poderia estar tão avançado, mas a ganância atrapalha... outros mundos estão envolvidos no mundo do homem. O homem é muito arrogante e ganancioso e pensa que todos os mundos giram em torno dele." Ela afirmou ter recebido informações de que setenta raças alienígenas diferentes — "Algumas vêm de reinos onde você não pode ver seu esconderijo. Algumas vêm da própria Terra" — estão trabalhando para o melhoramento da humanidade na Terra "desde o início dos tempos". Todas essas raças trabalham juntas, exceto uma que é uma "inimiga".

Uma vez em casa, Andreasson disse que guardou o pequeno livro azul alienígena por cerca de dez dias, mas que então ele desapareceu de seu armário. Ela disse que lhe disseram que não podia ficar com ele por muito tempo.

Devido ao caráter extravagante — ou "alta estranheza", como alguns chamam — da história de Andreasson, uma investigação de doze meses foi lançada pelo Centro de Estudos de OVNIs (CUFOS), que incluiu entrevistas, hipnose, verificações de antecedentes e caráter, e o uso de detectores de mentiras e um Avaliador de Estresse Fisiológico (PSE). O relatório de análise do PSE de 1972 sobre Andreasson e Becky concluiu: "Elas estavam dizendo a verdade em relação ao incidente de 1967... Na opinião deste analista, os resultados são conclusivos."

A história de Betty foi publicada pela primeira vez doze anos após o incidente, deixando pouco espaço para o argumento de que foi inventada para lucro. A hipnose de Andreasson

foi conduzida pelo Dr. Harold J. Edelstein, diretor do New England Institute of Hypnosis. O Dr. Edelstein concluiu que tanto Andreasson quanto sua filha, Becky, realmente acreditavam na verdade de sua história. "Durante sessões de regressão hipnótica em transe profundo, Andreasson e Becky reviveram sua experiência traumática em grande detalhe", observou Fowler. "Cada uma expressou apreensão natural, medo, admiração, preocupação, dor e alegria. Suas expressões faciais, tons de voz e lágrimas eram obviamente genuínos."

Ao considerar as conotações religiosas da experiência de Andreasson, Fowler considerou "que Quazgaa pode ter dado apoio superficial às convicções religiosas de Betty simplesmente para garantir sua conformidade". Ele também pensou que se toda a viagem foi "encenada" pelos alienígenas como uma "recompensa" para Andreasson, "não é inconcebível que eles possam ter escolhido um símbolo [a Fênix] que estava obsoleto há cerca de 1.500 anos!" Tal especulação levou Fowler a se perguntar: "Seria possível que extraterrestres visitantes sejam na verdade missionários interestelares?"

Em uma introdução ao livro de Fowler, o diretor do CUFOS, Dr. J. Allen Hynek, escreveu que o caso Andreasson revelou o quão "surpreendentemente complexa" a questão dos OVNIs se tornou. "A simples opinião do homem comum de que os OVNIs são bobagem ou que os visitantes do espaço sideral realmente existem é brutalmente destruída pelo estudo aprofundado", afirmou ele, acrescentando: "Aqueles que ainda acreditam que todo o assunto dos OVNIs é bobagem serão seriamente desafiados se tiverem a coragem de dar uma olhada honesta no livro [de Andreasson]. Pois seja o que for o fenômeno OVNI — ou sejam — não é bobagem. Seria necessária uma imaginação da mais alta ordem para explicar os acontecimentos relatados aqui como meras identificações errôneas de balões, aeronaves, meteoros ou planetas! Tampouco há a menor evidência de farsa ou artifício."

Curiosamente, os desmascaradores vocais Philip Klass e Curtis Peebles não abordaram o caso Andreasson em seus livros.

Eles deram espaço a um incidente de 1973 envolvendo dois pescadores de Pascagoula, Mississippi, que afirmaram ter sido abduzidos e submetidos a um exame físico por alienígenas. Charles Hickson, quarenta e cinco anos, e Calvin Parker, dezenove, ambos trabalhadores de estaleiro, disseram que na noite de 11 de outubro estavam pescando no rio Pascagoula quando ouviram um som de "zíper" e então viram três pequenos seres saírem de um OVNI brilhante pairando nas proximidades. As criaturas, descritas como tendo três pés de altura com pele ou cobertura cinzenta enrugada com fendas para olhos e mãos com garras, flutuaram e levaram os homens imobilizados a bordo de sua nave. Dentro, ambos os homens foram examinados por um dispositivo em forma de bola de futebol que se assemelhava a um grande olho. Após o exame, que durou menos de uma hora, os homens foram devolvidos ao cais do rio.

O xerife Fred Diamond interrogou o par e afirmou: "Eles estavam morrendo de medo e à beira de um ataque cardíaco." Um gravador foi deixado ligado enquanto o par era deixado sozinho, mas seu comportamento não mudou. Ouviu-se um deles gritar: "Deus me ajude. Não me deixe morrer." Eles foram até examinados sem sucesso quanto à radiação na vizinha Base Aérea de Kessler. O investigador Dr. James Harder da Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos (APRO) chegou e concluiu: "A experiência de Hickson e Parker foi real. Não foi uma alucinação." Com Harder estava o Dr. J. Allen Hynek, agora chefe do Centro de Estudos de OVNIs (CUFOS), que concluiu: "Simplesmente não há dúvida na minha mente de que esses homens tiveram uma experiência muito real e assustadora." Hickson e Parker se tornaram celebridades, aparecendo em vários programas de rádio e TV.

O desmascarador Philip Klass logo chegou ao Mississippi e o choque de mentalidades começou. Klass argumentou que os operadores de duas cabines de pedágio próximas não haviam relatado nenhum OVNI naquela noite. Em seguida, Klass depreciou o teste do polígrafo que retratava os homens como verdadeiros porque ele alegou que o operador era inexperiente e não certificado. Klass notou pequenas discrepâncias na história de Hickson, como primeiro chamar a boca do alienígena de "buraco" e mudar para "fenda". E, é claro, Klass retirou a velha acusação de que os homens inventaram sua história por dinheiro. Esta última acusação foi reforçada quando o advogado local Joe Colingo assinou um contrato para lidar com toda a publicidade para o par. No entanto, em 1987, quando o vice-presidente da Associação Britânica de Pesquisa de OVNIs (BUFORA), John Spencer, visitou Hickson, ele "ficou instantaneamente impressionado com [sua] óbvia sinceridade e honestidade". Spencer citou Hickson dizendo: "Ofereceram-me todos os tipos de dinheiro para deixá-los fazer um filme. Recusei. Ainda estou recusando. Ganhar dinheiro não é o propósito desta experiência."

Este mesmo choque de pontos de vista — também envolvendo policiais, detectores de mentiras, psiquiatras, crentes e desmascaradores — logo foi visitado em outro caso de abdução amplamente divulgado, com resultados previsíveis. Ao contrário de outros casos de abdução, este teve seis testemunhas, o abduzido foi dado como desaparecido na época, e nenhuma hipnose foi necessária para trazer à tona detalhes da experiência.

Os Dias Perdidos de Walton

Travis Walton era um jovem irreverente de vinte e dois anos em 5 de novembro de 1975, quando ele e outros seis homens voltavam para casa em Snowflake, Arizona, em um caminhão grande após um duro dia de limpeza de mato na Floresta Nacional de Sitgreaves. Walton adorava aventura. Ele era saltador de bungee jump e piloto de corrida. Ele até disse uma vez que iria voluntariamente em um OVNI se tivesse a chance.

Ele teve sua chance pouco depois das 18h00 daquele dia. Enquanto os trabalhadores desciam por uma estrada de terra acidentada para extração de madeira, eles disseram que

viram um OVNI pairando a cerca de cem pés de distância. Walton disse ao seu chefe, Mike Rogers, para parar o caminhão e então saltou e correu em direção ao objeto dourado brilhante.

De repente, um raio de luz branca azulada brilhou do OVNI, jogando Walton de volta em alguns arbustos. Seus companheiros fugiram em pânico. Depois de cerca de um quarto de milha, eles viram um risco de luz no céu e, acreditando que o OVNI havia partido, voltaram para verificar Walton. Mas ele não pôde ser encontrado.

Dirigindo até Heber, Arizona, os trabalhadores contaram sua história ao xerife do condado de Navajo, Marlin Gillespie, que estava compreensivelmente cético. No entanto, várias buscas infrutíferas por Walton foram realizadas nos dias seguintes. Suspeitando que um homicídio pudesse ter sido cometido, os seis trabalhadores foram submetidos a um teste de detecção de mentiras em 10 de novembro por C. E. Gilson do Departamento de Segurança Pública do Arizona. O teste em um dos trabalhadores, Allen Dalis, que avistou primeiro o OVNI, foi "inconclusivo". Dalis disse que estava muito perturbado pela experiência para responder corretamente, mas o autor Philip Klass observou que algum tempo depois Dalis foi acusado de roubo e pode ter sido reprovado em seu teste devido ao medo de se incriminar. Quanto aos outros cinco, Gilson concluiu: "Esses exames de polígrafo provaram que esses cinco homens viram algum objeto que eles acreditam ser um OVNI e que Travis Walton não foi ferido ou assassinado por nenhum desses homens... Se um OVNI real não existia e o OVNI é uma farsa feita pelo homem, cinco desses homens não tinham conhecimento prévio de uma farsa."

No início de 11 de novembro, Walton ligou para casa de um telefone público perto de Heber e logo pôde contar sua própria história. Ele disse que o feixe de luz do OVNI na floresta o nocauteou. Quando recuperou a consciência, encontrou-se em uma sala estranha. Com dor, seu primeiro pensamento foi: "Graças a Deus, estou em um hospital." Mas então ele viu ao seu redor três pequenos humanoides vestidos com macacões de peça única. "Eles tinham crânios salientes e excessivamente grandes, uma pequena estrutura de mandíbula e uma aparência subdesenvolvida de seus traços que era quase infantil", lembrou Walton. "Suas bocas de lábios finos eram estreitas e nunca os vi abrirem. Perto de suas cabeças, em ambos os lados, estavam as pequenas orelhas enrugadas. Seus narizes minúsculos e arredondados tinham pequenas narinas ovais." Mais tarde, ele descreveu esses seres como fetos crescidos com olhos grandes.

Em pânico, Walton pegou um dispositivo como uma haste de vidro e estava considerando atacar o trio quando eles saíram apressados da sala como se pudessem sentir sua intenção. Ele então percorreu o que aparentemente era uma nave espacial. Vagando para uma sala com topo em cúpula contendo uma cadeira e um tipo de console, Walton notou que, ao se aproximar da cadeira, uma parede se tornava cada vez mais translúcida, revelando estrelas contra a escuridão do espaço. De repente, ele foi confrontado por um homem parado na

porta. Walton disse que o homem tinha mais de seis pés de altura, musculoso, com cabelo duro, loiro arenoso que cobria suas orelhas. O homem usava um macacão azul de peça única e um capacete transparente. Este homem, com olhos penetrantes de ouro-avelã, não falou, mas gesticulou para Walton segui-lo. Walton foi levado através de uma espécie de câmara de descompressão e para uma grande área semelhante a um hangar que continha três pequenas naves semelhantes a discos. Ele foi levado para uma sala ao lado do hangar, que continha mais dois homens e uma mulher, todos vestidos de forma idêntica ao seu guia. Walton disse que todos os quatro pareciam "parecidos de uma forma familiar, embora não fossem idênticos". Walton deitou-se em uma mesa, e a mulher se aproximou dele com o que parecia uma máscara de oxigênio. A próxima coisa que Walton lembrou foi acordar na estrada fora de Heber e ver um objeto circular brilhante subir no céu noturno. Exausto, Walton estava totalmente vestido, mas descobriu que havia perdido onze libras durante seus cinco dias desaparecidos.

Enquanto as autoridades policiais rapidamente perderam o interesse no caso, os pesquisadores de OVNIs não. Financiado pelo tabloide *National Enquirer*, um investigador da Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos (APRO) entrevistou Walton e providenciou uma reunião com dois psiquiatras e um teste de polígrafo. Administrando o teste estava o examinador veterano John J. McCarthy, que soube que Walton havia experimentado drogas e sido condenado por roubar e falsificar cheques de folha de pagamento quatro anos antes. Com isso em mente, McCarthy disse que acreditava que Walton estava prendendo a respiração, tentando sabotar o teste. McCarthy então concluiu: "Com base em suas reações em todos os gráficos, é opinião deste examinador que Walton, em conjunto com outros, está tentando perpetrar uma farsa de OVNI, e que ele não esteve em nenhuma nave espacial."

Jeff Wells, repórter do *Enquirer*, descreveu Walton durante este tempo como "mudo, pálido, tremendo como um animal acuado". Os apoiadores dizem que Walton, como Dalis, estava sofrendo de choque e não respondeu adequadamente no teste do detector de mentiras. Outros viram sua condição como nervosismo por causa de uma história inventada.

Até os médicos diferiam em suas opiniões, provavelmente refletindo suas respectivas mentalidades. Lamont McConnell administrou um teste de Inventário de Personalidade Multifásico de Minnesota que mostrou "nenhum desvio que apontasse para psicose". O Dr. Jean Rosenbaum, um dos psiquiatras que examinaram Walton, disse à ABC News: "Nossa conclusão, que é absoluta, é que este jovem não está mentindo, que não há conluio envolvido e nenhuma tentativa de farsa." No entanto, o psicólogo Lester H. Steward, que viu Walton cerca de nove horas após seu retorno, afirmou ter visto uma marca fresca de punção no braço do homem, que ele inicialmente atribuiu à sua viagem de OVNI. Mas quando Walton voltou ao normal, Steward ficou convencido de que Walton estava em uma viagem de drogas e que a abdução era uma farsa. Amigos e vizinhos, incluindo pelo menos um clérigo, continuam a apoiar Walton e dizem que, apesar de suas fraquezas, ele está

dizendo a verdade. Nenhum dos outros seis trabalhadores com Walton naquele dia confessou uma farsa, embora a pressão da mídia e os pagamentos oferecidos para fazê-lo tenham sido significativos.

Em fevereiro de 1976, um Walton composto, junto com seu irmão e mãe, passou em um segundo teste de detector de mentiras administrado por George J. Pfeifer. Previsivelmente, outros especialistas em polígrafo diferiram da interpretação de Pfeifer dos resultados do teste, e o desmascarador Klass declarou que o teste positivo deveria ser descartado, pois indicava uma resposta verdadeira quando Walton declarou que não era um "fã" de OVNIs, embora tivesse falado longamente sobre OVNIs com sua família. Alguém que simplesmente discutisse a Guerra Civil com familiares se descreveria como um "fã"? Este tipo de sofisma faz pouco para determinar a verdade de tais situações.

A objeção mais séria de Klass à história de Walton foi que Walton pode ter inventado uma farsa para livrar seu empregador de um contrato de limpeza de mato com o Serviço Florestal que já estava atrasado e enfrentando pesadas penalidades. Klass, que observou que Walton admitiu ter assistido ao filme da TV *The UFO Incident* sobre a abdução dos Hill, afirmou que se o contrato não pudesse ser concluído devido a circunstâncias externas, nenhuma penalidade seria aplicada. De acordo com Klass, foi exatamente o que aconteceu. Mas embora essa situação fornecesse uma explicação crível para uma farsa, não era prova de que tal farsa ocorreu, exceto para aqueles predispostos à ideia.

As aventuras subsequentes de Travis Walton na mídia não ajudaram a convencer os detratores de sua veracidade. Em 1978, seu popular livro autobiográfico, *The Walton Experience*, foi publicado. Então, em 1993, seu livro foi transformado no filme de $15,5 milhões *Fire in the Sky*, estrelado pelo ator D. B. Sweeney como Walton. O próprio filme gerou muita controvérsia, particularmente entre pesquisadores de OVNIs preocupados com suas cenas sinistras de alienígenas em salas cobertas de gosma. "O que é perturbador no filme é que eles tomam tantas liberdades e ainda o chamam de história verdadeira", comentou o Dr. James Harder, o investigador da APRO que primeiro obteve a história de Walton sob hipnose. "Não acredito que ele [Travis] seria voluntariamente parte das distorções." De acordo com a escritora Quendrith Johnson, os produtores do filme, em um acordo com a Industrial Light and Magic, solicitaram um cenário alienígena que diferia daqueles retratados na minissérie da CBS-TV *Intruders*, que foi ao ar na época do lançamento do filme. O roteirista do filme, Tracy Torme, afirmou: "Não há roteiro que eu tenha escrito que tenha aquela sequência — que você vê na tela. Meu roteiro era virtualmente idêntico ao que as pessoas leram no livro [de Travis]."

Um novo livro de Travis Walton foi publicado em 1996 para neutralizar a publicidade negativa em torno do filme. Tudo isso, é claro, abriu Travis à acusação de que inventou sua história por lucro, a mesma alegação feita contra os pescadores de Pascagoula. Em resposta, Travis comentou: "Olhando para o lado positivo, tenho que dizer que aprendi muito sobre as

pessoas, sobre a humanidade. Isso me deu uma visão real sobre as pessoas e o tipo de contorções que seu raciocínio sofre quando confrontadas com algo que não podem aceitar. Isso se aplica a qualquer controvérsia. Quando as pessoas têm um interesse emocional no que está acontecendo, isso realmente distorce seu raciocínio... Meu sentimento é que você será uma pessoa muito mais eficaz se puder enfrentar os fatos como eles são. Tenho que dizer que aprendi muito sobre algumas de nossas instituições e os chamados especialistas com [minha] experiência."

Em 1977, pouco antes de Travis Walton publicar seu primeiro livro, o cineasta Steven Spielberg lançou *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, que estabeleceu o padrão para temas de OVNIs, como sigilo governamental e encontros estranhos, bem como a aparição de alienígenas diminutos com cabeças grandes. A partir deste ponto, somando-se aos filmes de TV sobre abdução, os desmascaradores alegariam que todas as histórias de contato alienígena mostravam semelhanças simplesmente porque as testemunhas compartilhavam essas conexões culturais comuns. Embora valendo a pena considerar, esse argumento não abordava todos os casos, nem explicava os relatos de interesse alienígena na reprodução que ocorreram muito antes de qualquer apresentação popular desse tema.

Crianças Estelares

Em 1982, o artista de Nova York Budd Hopkins publicou um livro intitulado *Missing Time* (Tempo Perdido) sobre casos de abdução que ele havia estudado desde 1975. Seu livro levou uma mulher de vinte e três anos, "Kathie Davis", a escrever e contar sobre um incidente de "tempo perdido" envolvendo sua irmã anos antes. Ela também disse que na noite de 30 de junho de 1983, viu um estranho "holofote" em seu quintal, depois encontrou uma área queimada na grama e o cão da família encolhido debaixo de um carro. Depois de algum tempo, Hopkins se encontrou com a mulher e, ao longo de meses, auxiliado por hipnose, ele soube de uma história incrível que publicou em um livro chamado *Intruders*. Kathie agora foi identificada como Debbie Tomey, que morava perto de Indianápolis, Indiana.

Sob hipnose, Tomey contou de múltiplos contatos começando quando criança em 1966, quando ela se lembrou de uma pequena criatura visitando sua casa e deixando-a com uma pequena cicatriz na perna. Quando recém-casada em 1978, ela acordou certa noite e encontrou dois pequenos seres com cabeças e olhos grandes que eram "pretos como breu, líquidos, brilhando na luz fraca" de seu quarto. Nos anos seguintes, Tomey lembrou sob hipnose que foi levada a bordo de um OVNI para estudos ginecológicos várias vezes.

Em 3 de outubro de 1983, após um encontro anterior com uma pequena criatura de pele cinzenta, Tomey lembrou de ter sido levada de sua casa e colocada em um OVNI. Após mais um exame físico, Tomey viu um pequeno infante e foi levada a acreditar que era seu, o resultado de uma abdução anterior. Em uma entrevista emocionada com Hopkins, Tomey

descreveu o evento: "Uma garotinha entrou na sala... escoltada por mais dois deles [alienígenas]... Ela parecia ter cerca de quatro anos. Ela era do tamanho [do meu filho]. Ele tem quatro anos, e ela não se parecia com eles, mas também não se parecia conosco. Ela era muito bonita. Parecia uma elfa, ou um... anjo. Ela tinha olhos azuis realmente grandes e um nariz bem pequenininho, tão perfeito. E sua boca era tão perfeita e minúscula, e ela era pálida, exceto que seus lábios eram rosados e seus olhos eram azuis. E seu cabelo era branco e esvoaçante e fino... fino... muito fino e delicado. Sua cabeça era um pouco maior que o normal, especialmente na testa... a testa era um pouco maior... mas ela era uma boneca." Tomey disse que de alguma forma sentiu que a criança pertencia a ela. Mais tarde, os alienígenas lhe diriam que esta era uma das nove crianças que eles haviam criado a partir de tecido retirado de seu corpo ao longo dos anos.

Hopkins acreditava que a criança mostrada a Tomey era o resultado de uma abdução em 1978, o que faria a criança ter a idade certa. Hopkins deu descrições dos procedimentos médicos do OVNI ao Dr. John Burger, diretor de ginecologia e obstetrícia do Hospital Perth Amboy, em Nova Jersey. O Dr. Burger disse que eles soavam notavelmente semelhantes aos procedimentos que a medicina moderna usa para coletar células reprodutivas femininas para criar bebês de "proveta". Hopkins também comparou a experiência de Debbie com outros casos que estudou e comentou: "Gostemos ou não, os padrões existem — padrões firmes e claros que são frequentemente apoiados por evidências médicas existentes."

"Portanto, restam duas linhas possíveis de explicação", escreveu Hopkins. "A primeira exige a existência de um novo e até agora desconhecido fenômeno psicológico, no qual mulheres 'alucinam' cenas quase idênticas, envolvendo bebês quase idênticos semi-humanos. E este fenômeno psicológico até agora desconhecido aparentemente afeta os resultados de testes químicos de gravidez, transformando negativos em positivos... A outra explicação remanescente é simples, mas 'insustentável': as mulheres [Hopkins citou quatro casos separados] estão realmente se lembrando do que viram. Suas experiências foram reais. Ambas essas explicações, é seguro dizer, violam a sabedoria convencional."

O autor Curtis Peebles levantou um ponto válido ao detalhar o histórico médico de Tomey, que incluía obesidade devido a desequilíbrio hormonal, "ter a vesícula biliar e o apêndice removidos, e ter sofrido de hepatite, doença dos legionários, vértebras fundidas, um ataque asmático, anos de insônia e ansiedade paralisante, um colapso pulmonar, arritmia cardíaca, hipoglicemia, hiperadrenismo, pressão alta, reação alérgica crônica a medicamentos, cistos ovarianos e insuficiência renal." Peebles observou secamente que seu histórico médico "a torna uma doadora extremamente duvidosa para material genético de alta qualidade..." No entanto, como ilustrado pelas histerectomias de Hill e Andreasson, aparentemente um perfil médico deficiente não é garantia contra abdução.

Naturalmente, os desmascaradores do conceito de experimentação híbrida alienígena afirmam que todos esses relatos são o resultado de desequilíbrio psicológico, auxiliado pela

leitura ou audição de outras histórias semelhantes. O autor Peebles apontou para os precedentes estabelecidos por programas de TV e filmes, incluindo o desprovido de emoção Sr. Spock de *Jornada nas Estrelas*. "O mito do abduzido tem numerosas semelhanças com a ficção científica", proclamou Peebles. Contrapondo esse argumento estava o historiador Dr. David Jacobs, que disse: "As histórias dos contatados estavam profundamente enraizadas em um modelo de ficção científica do comportamento alienígena, [enquanto] as histórias dos abduzidos têm uma qualidade profundamente alienígena que é surpreendentemente desprovida de conteúdo programático cultural." A autora britânica Jenny Randles observou: "Antes de 1987, pelo menos, este fenômeno [abduções alienígenas envolvendo reprodução] era desconhecido até mesmo para pesquisadores de OVNIs como eu. Tínhamos um período bastante incontaminado para coleta de casos. Qualquer sinal de tais coisas dentro dos registros é muito importante e é bastante surpreendente ver até que ponto isso emerge de um estudo das evidências. Frequentemente, esses casos não tiveram publicidade fora de fontes raras dentro da ufologia ou, na verdade, não incomumente, nenhuma publicação antes de 1987."

Olhe nos Meus Olhos

"Os abduzidos de Hopkins não tinham memórias explícitas até serem hipnotizados. A questão se torna se a história de abdução é apenas um produto de ser hipnotizado", comentou o autor Peebles, juntando-se ao coro de vozes que afirmavam que grande parte — senão toda — das recordações de abdução derivava de sugestões de seus hipnotizadores.

O uso da hipnose tem causado considerável controvérsia dentro e fora da comunidade de pesquisa de OVNIs, especialmente à luz de seu uso crescente em uma variedade de questões, desde abduções até abuso infantil.

Os críticos da hipnose ficaram satisfeitos com os resultados de um teste conduzido em 1977 pelo Dr. Alvin H. Lawson, professor de inglês na Universidade Estadual da Califórnia e pesquisador de OVNIs. O Dr. Lawson pediu a oito pessoas hipnotizadas que imaginassem uma experiência de abdução. Com pouca ou nenhuma sugestão, pelo menos quatro dos sujeitos produziram uma história de abdução notavelmente semelhante às de abduzidos reais. O autor Peebles afirmou que o teste "mostra que quase qualquer pessoa pode, sob hipnose, fornecer uma história de abdução". No entanto, o teste do Dr. Lawson foi duramente criticado por várias autoridades por usar um grupo de teste muito pequeno, usar perguntas indutivas em vez da linguagem neutra da maioria das regressões hipnóticas, e enfatizar semelhanças onde existiam diferenças significativas.

O pesquisador Hopkins apontou ainda: "Estamos recebendo descrições extremamente detalhadas de abduções de crianças de seis anos ou menos... A criança está falando sobre o homenzinho que enfiou uma agulha em seu umbigo, e então ela levanta a blusa, e há uma marca de punção e um ponto vermelho... As memórias das crianças não parecem ser

adequadamente bloqueadas e, portanto, elas estão produzindo memórias muito mais detalhadas. A hipnose não é uma questão aqui."

Até mesmo alguns devotos crentes em abduções alienígenas questionam a validade da hipnose como ferramenta investigativa. "Vi o que considero abusos perpetrados por 'investigadores' que não passam de conselheiros de saúde mental de meio período, não licenciados e não regulamentados", disse o autoproclamado abduzido e autor Whitley Strieber. "Eles estão realizando suas atividades em um esforço inadequado, equivocado e perigoso para usar a hipnose para construir um suposto caso 'crível' de abdução por OVNIs." Strieber acrescentou que ainda apoia o hipnotismo como um dispositivo terapêutico, "pois é exclusivamente capaz de permitir que o sujeito quebre a amnésia do medo."

Budd Hopkins, o artista que se tornou pesquisador de abdução, concordou que é necessário cuidado ao lidar com hipnose. "Todo testemunho, obtido por hipnose ou não, é afetado até certo ponto pelo questionador", disse ele. "Em um julgamento judicial, um juiz calmo e não indutivo pode obter um tipo de informação, um promotor intimidador outro." Mas Hopkins contesta a alegação de que todas as histórias de abdução são o resultado de perguntas indutivas sob hipnose. "Em cerca de um quarto dos casos de abdução que investiguei, o sujeito recordou virtualmente todo o seu cenário básico de abdução antes da hipnose", disse ele. "Também deve ser mencionado aqui que em 25 casos limítrofes, mas possíveis de abdução, usamos hipnose sem que nenhum cenário de abdução viesse à tona. Tenho certeza de que esses 25 indivíduos não são abduzidos, e seus casos atestam a objetividade científica do nosso uso do processo hipnótico." Hopkins também apontou que a maior parte da hipnose usada em sua pesquisa foi conduzida por psicólogos e psiquiatras profissionais contratados.

Hopkins também disse que muitos abduzidos experimentam "memórias de tela", uma história de cobertura ou imagem falsa implantada em suas mentes para mascarar a verdadeira experiência de abdução. "A função de uma história de cobertura é suavizar uma memória perturbadora e torná-la mais benigna e aceitável", disse ele. "Nunca se encontra uma memória de tela funcionando ao contrário — aumentando o terror... Mas mais importante aqui é o fato de que as memórias de tela estabelecem claramente a necessidade de hipnose se quisermos algum dia saber toda a verdade sobre qualquer experiência de abdução."

O Dr. John E. Mack, professor de psiquiatria no Cambridge Hospital, Harvard Medical School, e diretor fundador do Centro de Psicologia e Mudança Social, considerou a hipnose uma ferramenta crível no estudo do fenômeno de abdução. "Minha experiência pessoal é que o material de abdução recuperado sob hipnose é paralelo ao que foi obtido por relato consciente", disse ele, acrescentando que em alguns casos as informações recuperadas por hipnose pareciam mais precisas porque eram menos interesseiras, mais consistentes e mais emocionais.

Tanto os apoiadores quanto os críticos ficaram impressionados com as emoções cruas exibidas pelos abduzidos sob hipnose. "É difícil imaginar como a psique poderia gerar um nível tão intenso de emoção sem algum tipo de exposição a uma experiência extraordinária como modelo para essa emoção", observou o Dr. Mack. Hopkins também escreveu: "Não há como transmitir... a autenticidade emocional das centenas de cartas e telefonemas que recebi e das entrevistas que conduzi ao longo dos... anos."

O autor Raymond Fowler, investigador da mãe e filha Andreasson, escreveu: "Ficamos surpresos como, semana após semana, as testemunhas retomavam seus relatos no ponto exato onde o Dr. Edelstein havia parado na semana anterior. A hipnose de transe profundo, devidamente administrada por um hipnotizador habilidoso, pode produzir uma recordação quase total de tudo o que um sujeito já experimentou. Neste estado de transe, uma pessoa deve dizer a verdade, como ela acredita que a verdade seja."

No debate sobre a hipnose, todas as partes concordam que a "verdade" revelada por pessoas hipnotizadas meramente reflete sua versão da verdade, não necessariamente uma verdade objetiva. Falando sobre detalhes obtidos através da hipnose, Hopkins disse: "Confio completamente na precisão desses pequenos detalhes altamente específicos apenas quando eles se repetem caso após caso, mas não tenho dúvidas quanto à utilidade da hipnose para desvendar o cenário geral de abdução... A hipnose é simplesmente mais uma ferramenta investigativa que os pesquisadores de OVNIs usam para examinar nosso mistério moderno mais perturbador." Seu pensamento foi ecoado pelo autor Richard Thompson, que provavelmente falou pela maioria dos pesquisadores de abdução ao afirmar: "Como as experiências lembradas com a ajuda da hipnose tendem a ser muito semelhantes às lembradas sem ela, pareceria que o processo de hipnose em si não é uma causa importante dos relatos de abdução... A hipnose, ao que parece, é uma ferramenta imperfeita e mal compreendida que pode produzir resultados úteis, mas não pode ser totalmente confiável."

O Dr. Thomas Bullard, da Universidade de Indiana, realizou um estudo aprofundado da questão da hipnose em meados da década de 1980 e descobriu que as respostas diferiam amplamente das expectativas dos hipnotizadores. Ele concluiu: "Em vez de uma força de moldagem em grande escala como postulado pelos céticos, os hipnotizadores parecem menos os líderes do que os liderados." Declarando categoricamente que o fenômeno de abdução não era resultado da hipnose, o Dr. Bullard afirmou: "O potencial para o uso indevido da hipnose é inegável, mas um exame das evidências de abdução aponta para uma conclusão reconfortante:... Os resultados em cada comparação dão pouca razão para acreditar que hipnotizadores do tipo Svengali lideram testemunhas ou impõem histórias de abdução padronizadas a elas."

Claramente, o desmascarador Peebles não apresentou um retrato imparcial da questão da hipnose quando escreveu: "Claramente, a hipnose não é a técnica infalível de descoberta da

verdade que os abducionistas fazem parecer." Como o Dr. Bullard apontou: "Por mais rigorosos que sejam os procedimentos, por mais inequívoca que seja a análise comparativa, os duvidosos que procuram maneiras de condenar as evidências de abdução sem enfrentá-las podem sempre criar dúvidas questionando a hipnose."

A hipnose não foi o único alvo dos desmascaradores no debate sobre abdução.

O Ataque Mack

O Dr. John Mack, que escreveu uma biografia de T. E. Lawrence vencedora do Prêmio Pulitzer, além de suas credenciais em Harvard, incorreu imediatamente na ira daqueles com uma mentalidade antiabdução com a publicação de seu livro *Abduction: Human Encounters with Aliens* (Abdução: Encontros Humanos com Alienígenas) em abril de 1994. O maior pecado de Mack, ao que parecia, foi que ele rompeu fileiras com a maioria dos outros cientistas credenciados que no passado haviam mantido uma atitude estrita de "não interferência" em relação aos OVNIs em geral e às abduções em particular.

Seu livro detalha os relatos de treze de quase cem abduzidos que ele estudou. Dos cem abduzidos, quase sessenta concordaram com sessões de hipnose ou relaxamento. "É notável para mim quantas pessoas querem ir além [com o estudo de sua experiência]... mesmo sabendo que a recuperação dessas experiências será perturbadora para elas..." Mack até submeteu quatro dos abduzidos a uma bateria de testes psicológicos, "três dos quais saíram na faixa normal, de alta funcionalidade e saudáveis. Um jovem estava bastante perturbado... embora essas perturbações não explicassem suas experiências de abdução."

O estudo de Mack concordou com outros pesquisadores de abdução, que descobriram que os abduzidos geralmente não são diferentes na constituição fisiológica ou psicológica do que o resto da população. "Nenhum dos esforços para caracterizar os abduzidos como um grupo teve sucesso", afirmou Mack. "Eles parecem vir, como se ao acaso, de todas as partes da sociedade."

Dirigindo-se àqueles que afirmam que as histórias de abduzidos podem ser o resultado de abuso sexual suprimido, Mack observou que a maioria dos casos que estudou indicou que nenhum abuso desse tipo estava envolvido. "Mas também ficou claro nos casos em que houve abuso sexual — quando eles tiveram ambas as experiências — os abduzidos são bastante capazes de distinguir as dimensões de trauma que vêm do abuso sexual daquelas relacionadas a alienígenas. O argumento mais convincente é que algumas dessas pessoas são muito sólidas, saudáveis, às vezes proeminentes, bem estruturadas, que, ao exame, não dão evidências de ter qualquer outro tipo de trauma."

Mack, que disse que começou seu trabalho de abdução como "um cético intenso" estudando o trabalho de Budd Hopkins, ficou intrigado com a consistência das histórias de abdução e

evidências associadas. "Em praticamente todos os casos, há uma ou mais descobertas físicas concretas que acompanham ou seguem a experiência de abdução, como avistamentos de OVNIs na comunidade, terra queimada onde se diz que os OVNIs pousaram e corroboração independente de que o paradeiro do abduzido é desconhecido no momento do evento de abdução relatado", disse ele. "Gravidezes aparentemente inexplicadas ou perdidas, uma variedade de pequenas lesões físicas, hemorragias nasais estranhas e a recuperação de minúsculos objetos dos corpos dos experenciadores também são amplamente observadas." Embora intrigado com relatos de gravidezes não naturais e mal sucedidas, Mack foi rápido em apontar que "ainda não há um caso em que um médico tenha documentado que um feto desapareceu em relação a uma abdução."

Ainda assim, enquanto se esforçava para manter uma abordagem objetiva sobre este tópico ultrajante, Mack trouxe ao assunto seu conhecimento e aceitação da espiritualidade oriental e algumas ferramentas testadas de sua experiência como psicólogo clínico. Quando um crítico atacou seu livro como um "assalto subversivo à psicanálise como ciência", Mack defendeu sua abordagem afirmando que muitos desmascaradores rejeitam informações simplesmente porque entram em conflito com sua mentalidade. "Excluir dados porque não se encaixam em uma visão particular da realidade só pode, no final, prender o progresso da ciência e nos manter ignorantes", escreveu ele. Ele também afirmou que métodos inovadores devem ser empregados no estudo das abduções e dos seres por trás delas porque "Essas entidades parecem pertencer ao universo paralelo, mas elas cruzam e se manifestam no mundo físico. Não são de um ou de outro. O paradigma ocidental newtoniano-cartesiano não tem como lidar com isso."

Mack foi severamente atacado por sua crença de que os abduzidos representam humanos normais que experimentaram situações altamente anormais, mas outros estudos menos badalados apoiaram suas visões. Nicholas Spanos e psicólogos da Universidade Carleton, no Canadá, estudaram quase duzentas pessoas, algumas alegando experiências com OVNIs. Em seu relatório, os psicólogos relataram nenhuma diferença significativa entre pessoas que experimentaram OVNIs e outras. "Essas descobertas contradizem claramente a hipótese de que os relatos de OVNIs — mesmo relatos intensos de OVNIs caracterizados por experiências aparentemente bizarras, como tempo perdido e comunicação com alienígenas — ocorrem principalmente em indivíduos altamente propensos à fantasia, dados a crenças paranormais ou incomumente sugestionáveis", relataram. Outros estudos, como os do psicólogo Dr. Richard Boylan, também apoiam a pesquisa de Mack.

Mas foi Mack quem suportou o peso da ira dos desmascaradores. Pouco após a publicação do livro de Mack, uma mulher chamada Donna Bassett se apresentou para anunciar que havia inventado histórias de abduções alienígenas que foram aceitas como verdade por Mack. "Eu fingi, as mulheres têm feito isso por séculos", disse ela a uma plateia com desenvoltura. Ela disse que os abduzidos de Mack eram "inteligentes, imaginativos, mas mal educados" e diziam ao doutor apenas o que ele queria ouvir. A história de Bassett foi

amplamente divulgada em publicações como a revista *Time*. Ela até confrontou Mack durante a conferência anual de 1994 do Comitê para a Investigação Científica de Alegações do Paranormal (CSICOP) como uma "palestrante surpresa", uma tática considerada "indescritível" até mesmo por alguns membros do CSICOP.

Mack, restringido pela confidencialidade do paciente, no entanto colocou o assunto em perspectiva ao afirmar: "Vi Donna de boa fé várias vezes. Se de fato ela me enganou, o que poderia acontecer — não é impossível — então ela estava mentindo para mim consistentemente. Isso seguiria certamente de sua alegação de que me enganou. Se, de fato, ela se estabeleceu como uma mentirosa eficaz e completa, então como ela pode ser considerada uma autoridade em questões de integridade em relação ao meu trabalho, metodologia, relação paciente-cliente e médico? A suposição é que ela me enganou para usar seu material como parte do meu banco de dados. O fato é que não usei uma palavra do que ela tinha a dizer em meu livro."

Mack, como muitos outros na comunidade de pesquisa de OVNIs, perguntou-se em voz alta "por que a revista *Time* iria a tais extremos para deixar de lado qualquer outro material positivo [como entrevistar outros abduzidos que trabalharam com o médico] para criar uma história para me caluniar". Mack disse que algumas semanas depois a *Time* admitiu ter recebido muitas cartas apoiando seu trabalho, mas "nessa altura o dano já estava feito".

O "dano" foi um "Comitê Especial da Faculdade" formado em 1994 na Harvard Medical School para avaliar o trabalho de Mack. O advogado Daniel Sheehan, fundador do Christie Institute, que se envolveu em várias causas políticas, argumentou que o direito de Mack ao devido processo legal foi violado pelo mero ato de formar tal comitê. Sheehan também afirmou que o painel escreveu um "Relatório Preliminar" preliminar criticando Mack por "afirmar as ilusões" de seus pacientes abduzidos e violar os padrões de Harvard sem dar a Mack qualquer chance de apresentar seu lado da questão.

No entanto, em agosto de 1995, depois que pesquisadores de abdução, juntamente com o advogado de Mack, Eric MacLeish, mobilizaram amplo apoio para o trabalho de Mack, o comitê silenciosamente fechou suas portas sem qualquer censura oficial a Mack ou ao seu trabalho. "John Mack está exatamente como começou — um membro pleno da faculdade de Harvard sem qualquer ação adversa tomada", declarou Anne Taylor, membro do comitê.

Embora certamente não fosse um endosso retumbante das declarações públicas de Mack de que os extraterrestres "invadiram nossa realidade física", a decisão do comitê de não condenar ou restringir o trabalho de Mack pareceu dar forte apoio àqueles que levam o fenômeno de abdução a sério. O presidente do comitê, Arnold Reiman, até brincou: "A Universidade de Harvard não vai tomar medidas contra alguém que tem visões não ortodoxas e com as quais pode discordar. John Mack pode ganhar o Prêmio Nobel e entrar para a história como o Galileu moderno."

Apesar do trabalho de vários profissionais no campo da abdução, talvez a pessoa que mais popularizou o conceito de abdução tenha sido o autor de ficção científica e contos de terror.

Um Tempo de Comunhão

Já bem-sucedido como romancista lidando com questões como guerra nuclear e catástrofe ambiental, Whitley Strieber lançou-se no turbilhão da questão dos OVNIs em 1987 com a publicação de *Communion: A True Story* (Comunhão: Uma História Verdadeira). O livro, que rapidamente atingiu o primeiro lugar na lista de best-sellers de não-ficção do *New York Times* e se tornou um sucesso mundial, detalhou o relato de Strieber sobre suas experiências com ocupantes de OVNIs.

Strieber afirmou que suas experiências se estenderam por um período de anos começando na infância e mais tarde se moveram entre seu apartamento na cidade de Nova York e uma cabana isolada no interior do estado de Nova York. Foi nesta última residência, em dezembro de 1985, que Strieber teve seu primeiro encontro consciente com o que passou a chamar de "visitantes", um termo deliberadamente escolhido por sua vagueza. Seu relato incluía todos os elementos básicos do folclore de abdução, como sentimentos de pavor e apreensão, luzes estranhas, tempo perdido, abdução e exame médico. Como uma pessoa articulada e também uma autora consumada, Strieber foi capaz de transmitir as sutilezas e emoções da experiência de contato muito melhor do que outros.

Após sua experiência de abdução, Strieber visitou tanto seu próprio médico quanto o psiquiatra Dr. Donald Kline. Ambos declararam Strieber inteiramente normal. Além disso, um teste de detector de mentiras administrado em fevereiro de 1987 por Jeremy G. Barrett, diretor administrativo da Polygraph Security Services de Londres, determinou que Strieber era "verdadeiro em resposta a todas as perguntas", incluindo "Os 'visitantes' são uma realidade física? — Sim." As experiências de Strieber foram ainda corroboradas por hipnose.

Após o sucesso de um segundo livro de Strieber, *Transformation*, o jornalista investigativo Ed Conroy examinou em detalhe a história e os antecedentes de Strieber. Ele encontrou amigos de infância que confirmaram eventos estranhos no passado do autor, incluindo bolas de luz no céu e um círculo queimado em seu quintal — embora este último pudesse ter sido causado por balões de gasolina que os jovens admitiram ter feito. Uma entrevista com o diretor de cinema Philippe Mora revelou que Mora testemunhou eventos estranhos enquanto estava com Strieber em sua cabana remota. Mora disse que viu luzes se movendo no céu. "Parecia um satélite, mas estou chamando de lixo espacial. Não sei o que era", lembrou ele. "Então todos fomos para a cama... Eu estava relaxando. Tive a experiência de luzes explodindo pela janela do quarto, luzes explodindo pela fresta debaixo da porta do quarto — tentei acender a luz no meu quarto, e não consegui acendê-la e fui

empurrado de volta para a cama. Durante todo o tempo, eu estava dizendo conscientemente a mim mesmo: 'Isso é um pesadelo do cão.' Então me lembro de estar fora da porta do quarto de hóspedes, na área da cozinha, e toda a cabana se iluminou — cada abertura, cada abertura externa, tudo foi iluminado com luzes em movimento."

Foi Mora quem dirigiu *Communion*, um filme de 1989 baseado no livro de Strieber, que levou o assunto a um público ainda maior. O ator Christopher Walken reencenou os confrontos de Strieber com pequenos seres cinzentos.

Em 1996, Strieber afirmou ter recebido mais de 165.000 cartas de pessoas de todo o mundo, muitas das quais disseram ter tido experiências semelhantes. Devido a isso, além de suas próprias experiências, Strieber está convencido de que tanto os OVNIs quanto as abduções representam uma realidade física. "O jogo acabou", disse ele sobre o confronto de mentalidades sobre os OVNIs. "Vencemos, graças ao advento da câmera de vídeo. Essas coisas são reais!"

No entanto, Strieber não acredita necessariamente que alienígenas do espaço estejam conduzindo as abduções, uma posição que o colocou em desacordo com outros pesquisadores de abdução, como seu velho amigo Budd Hopkins. "O que não está provado é se há alguma conexão entre os objetos e as experiências de abdução. Sinto que os fenômenos estão relacionados", disse ele. Strieber disse que em toda a sua pesquisa, ele só soube de um incidente em que um humano pode ter morrido como resultado de um encontro com OVNI. "Havia uma família morando perto de um lago que viu o que pensavam ser criancinhas brincando perto da água. O avô pegou uma arma e correu para enxotá-los. Eles ouviram um baque surdo e encontraram o avô morto perto do lago. Ele não tinha sido baleado. Uma autópsia não revelou a causa da morte", disse ele. Strieber reconheceu que este caso não era uma prova absoluta de uma morte relacionada a OVNIs, mas disse que não encontrou nada de agradável em suas experiências. "A experiência de abdução é comparável a ser atropelado por um trem", disse ele. "Toda a sua vida muda. Mas acho que prefiro ter a experiência de abdução porque você pode sobreviver a isso." Ele comparou uma abdução a uma experiência de quase morte e disse que o choque é "tão profundo que ameaça mais do que a vida".

Em 1990, Strieber ficou tão desencantado com os conflitos de personalidade e brigas dentro da comunidade de OVNIs que fechou seu grupo de apoio a abduzidos da Communion Foundation e se retirou da cena dos OVNIs. Ele reclamou que nossa sociedade é "monstruosamente desumana" com pessoas que têm encontros com OVNIs e chamou os ufólogos de "as pessoas mais cruéis, más e loucas que já encontrei". Mas em 1995, ele estava de volta com um novo livro intitulado *Breakthrough*, defendendo novas visões e interpretações de suas experiências. "Fiquei longe de tudo isso", explicou ele, "mas os visitantes não ficaram longe de mim, e eu cresci e mudei."

Strieber disse que continua a trazer sua história ao público porque "Se isso é 'real', então é muito importante como um testemunho deste tipo de contato. Se é uma 'coisa da mente', então o livro serve como aviso de que algo extraordinário está acontecendo com nossas mentes... Expandiu enormemente minha consciência. Passei de um nível de cerca de 10 para um nível de cerca de 6.000. Fui aberto a tantas possibilidades provocativas. Descobri que esta é uma realidade extraordinária, quase física, que de alguma forma emerge de nós. Portanto, a mente humana é uma coisa maior, mais incrível e maravilhosa do que jamais sonhamos."

Falando de suas novas visões sobre a capacidade humana de crescer e sobre a benevolência dos visitantes, Strieber escreveu: "A mensagem é clara: somos nosso maior recurso, e há alguém aqui disposto a nos levar pela mão — ou nos cutucar, nos empurrar ou nos chutar, se necessário — para nos ajudar a descobrir isso.

"Podemos escolher deixar que essa experiência nos destrua através do medo e da ansiedade", afirmou Strieber. "Mas eu escolho crescer a partir dela."

Seu comentário ecoa relatos de algumas pessoas que afirmam ter tido experiências de contato agradáveis.

Visitas Noturnas

O pesquisador e artista californiano Jefferson R. Weekley relatou uma visita agradável com seres extraterrestres como resultado de uma experiência psicodélica em 1992. Embora seu uso admitido de um potente psicodélico possa levar muitos a descartar sua história como uma alucinação induzida por drogas, vale a pena notar a semelhança de seu relato com outras descrições de visitação alienígena.

Três meses após ingerir um cogumelo contendo psilocibina, Weekley disse que acordou no meio da noite e encontrou três pequenas figuras ao lado de sua cama. "Eram brancas, com corpos pequenos e frágeis, cabeças triangulares grandes e olhos negros grandes e luminosos", lembrou ele. "O medo me dominou. Senti-me impotente. As figuras apenas ficaram ali me encarando. Estavam realmente ali! Emanavam um sentimento de surpresa e curiosidade. Então, de alguma forma, eu sabia que eles não tinham vindo a mim, mas eu tinha entrado no mundo deles. Decidi tratar isso como um sonho lúcido e forcei-me a 'acordar'. Pude sentir uma sensação de perplexidade vindo das três criaturas enquanto se afastavam de mim. Retornei ao meu estado normal de consciência e olhei ao redor. O quarto estava vazio."

Weekley disse que esta e outras experiências o levaram a se interessar pela literatura de OVNIs, uma vez que a representação dos popularizados "grises" era muito semelhante aos pequenos seres que ele viu em sua casa. "Os homenzinhos eram seres curiosos e

brincalhões, mais parecidos com elfos do que os cientistas alienígenas fazendo experiências genéticas assustadoras em sujeitos involuntários", acrescentou. "Eu sabia que esses seres não eram de outro planeta. Eles existem em um mundo que fica ao lado, e estão esperando com expectativa feliz que nós o atravessemos."

Enquanto os cenários assustadores de abdução alienígena capturam a atenção do público, há muitas pessoas que não usam drogas e também relatam contato benigno.

Charlene Adams é uma enfermeira registrada de quarenta e sete anos em Dallas, Texas, que agora está convencida de que foi alvo de visitações alienígenas durante toda a sua vida. "Sou abduzida desde pequena", disse ela, "e isso me assustava muito. Eu sabia que morreria de medo, mas não morri. Foi muito estranho e irreal e eu não conseguia me lembrar de muito do que aconteceu. Então não contei a ninguém. Mas durante toda a minha vida adulta, tive a sensação de que alienígenas — os grises — estavam ao meu redor."

Adams disse que uma visitação noturna em 1995 despertou memórias de abdução dentro dela e finalmente a convenceu da realidade de suas experiências. "Uma noite havia um no meu quarto. Eu poderia interpretar como um sonho, mas não era. Era realidade. Eu sei porque estiquei a mão e toquei nele. Era real. Parecia familiar, amoroso. Perdi todo o medo. Ele me disse que eles estavam esperando há muito tempo para eu despertar. Ele disse que seu nome era Orion. Quando perguntei de onde ele era, respondeu que era de Waxahatchie [uma pequena comunidade ao sul de Dallas popular por seu nome indígena, pronunciado Wock-se-hatch-ee]. Ele definitivamente tinha senso de humor. Ele também disse que eu fazia parte de cerca de 3.000 pessoas na Terra que faziam parte de sua rede. Ele disse que essas pessoas estavam em diferentes níveis de consciência sobre sua presença. Algumas dessas pessoas estão conscientemente cientes de seu envolvimento, mas muitas outras não. Agora sou uma das conscientes... Minha vida não é diferente agora, exceto que o medo se foi. Agora sou voluntária."

Com sua experiência, Adams juntou-se a um grupo crescente, mas amplamente não relatado, de pessoas que veem as abduções como uma parte contínua da visitação alienígena em conexão com a evolução da humanidade. Eles acreditam que têm um papel a desempenhar neste movimento.

Independentemente de sua visão sobre a questão, grupos de autoajuda para abduzidos surgiram em toda a nação, e muitos profissionais de saúde mental começaram a considerar seriamente o assunto. Esses profissionais, juntamente com pesquisadores, registraram uma série de aspectos comuns à experiência de abdução ao longo dos anos.

Uma mudança nas percepções do participante, como fraqueza, sonolência ou tontura, geralmente no início de uma abdução, foi denominada "fator Oz" pela pesquisadora/autora britânica Jenny Randles. "Isso sugere que as testemunhas são mergulhadas em um estado

alterado de consciência no início da experiência", afirmou ela. Muitas pessoas notaram uma calma estranha ou silêncio total — os ruídos ambientais normais do trânsito, grilos, pássaros ou vizinhos cessaram. Muitos relatam que uma luz azul ou branca brilhante permeia seu quarto ou carro, frequentemente acompanhada por um zumbido ou ruído de zumbido. Geralmente há uma sensação de apreensão ou expectativa.

Em muitos casos de abdução, há uma falha de energia concomitante. Luzes, aparelhos, veículos e outros equipamentos param de funcionar. Muitos pesquisadores afirmam que a proximidade dos OVNIs cria interferência eletromagnética, derrubando rádios, televisões e outros equipamentos eletrônicos.

Os abduzidos dão várias descrições de seus captores. O mais comum é o que passou a ser chamado de "grises", seres humanoides diminutos com cabeças grandes e sem pelos, pele cinzenta e calcária geralmente envolta em macacões de peça única, com olhos escuros grandes e orelhas, nariz e boca pequenos e vestigiais. Ocasionalmente, humanos bonitos de tamanho normal com cabelos loiros também são descritos, bem como seres verdadeiramente alienígenas que se assemelham a répteis ou a um louva-a-deus. Embora se argumente que a ficção popular pode ser responsável pela semelhança das descrições, deve-se notar que as descrições precederam qualquer apresentação midiática generalizada e foram derivadas de testemunhas de OVNIs. É um caso clássico do que veio primeiro — a realidade ou a publicidade?

Muitos abduzidos, como Betty Hill e Betty Andreasson, relataram que seus abductores tinham a capacidade de literalmente flutuar através de objetos sólidos, como portas e paredes. Esse único fator criou muita resistência às histórias de abdução, uma vez que a penetração de materiais sólidos vai contra nossa visão de mundo materialista.

As descrições da configuração geral dos OVNIs envolvidos em casos de abdução são notavelmente semelhantes, embora as naves aparentemente variem em tamanho. Frequentemente, o OVNI inicial se junta a um maior ou "nave-mãe". Geralmente uma nave circular, esses OVNIs contêm uma sala de controle ou convés, bem como uma pequena sala para exames médicos. Uma vez a bordo, muitos abduzidos fazem pequenos tours pela nave e, ocasionalmente, como no caso de Andreasson, há até o que parece ser uma viagem a outro mundo. O pesquisador Fred Youngren pediu a Andreasson que fizesse esboços do interior do OVNI. Depois de estudá-los, Youngren concluiu: "O fato é que a combinação desses esboços em uma nave coerente produziu uma poderosa corroboração do relato da testemunha."

Exames médicos são a experiência mais comumente relatada pelos abduzidos, com vários instrumentos usados para sondar quase todas as partes do corpo. Ênfase especial parece centrar-se no sistema reprodutivo. Depois de colocadas em uma sala branca e estéril semelhante a um hospital, as mulheres relatam agulhas sendo inseridas em seus umbigos,

enquanto os homens falam de vários dispositivos sendo colocados sobre seus genitais. "O aspecto puramente físico ou biológico do fenômeno de abdução parece ter a ver com algum tipo de engenharia genética ou quase genética com o propósito de criar descendentes híbridos humano/alienígena", opinou Mack. Muitas pessoas relatam ser examinadas por um dispositivo esférico semelhante a um olho em um pescoço ou haste de metal que passa sobre seu corpo. Não há caso documentado de qualquer abduzido tendo sido seriamente prejudicado por esses exames, embora o medo e a apreensão de muitos sejam imensos, provavelmente devido a sentimentos de que não têm controle sobre a situação.

Nos casos em que parece ter havido uma longa viagem envolvida, vários abduzidos relataram ser imersos em um líquido espesso semelhante ao descrito por Andreasson. Muitos pesquisadores teorizam que este é um meio de proteger a pessoa contra as tensões da viagem espacial profunda ou aceleração e desaceleração rápidas.

Os abduzidos frequentemente recebem vários tipos de informação, que recordam com vários graus de consciência. Frequentemente, é necessária hipnose para trazer à tona essa informação. Na maioria das vezes, as testemunhas são expostas a cenas de holocausto nuclear ou degradação ambiental resultando em uma terra sem vida e estéril. Alguns pesquisadores acreditam que essas cenas são previsões do nosso futuro, enquanto outros sentem que tais visões são usadas para gerar medo e ansiedade nas testemunhas, como parte dos estudos ou agenda dos alienígenas. Disse Mack: "Alguns abduzidos recebem informações sobre batalhas pelo destino da Terra e pelo controle da mente humana, entre dois ou mais grupos de seres, alguns dos quais são mais evoluídos ou 'bons', enquanto outros são menos evoluídos ou 'maus'."

Os abduzidos são devolvidos para casa no final de sua experiência, geralmente com muito menos recordação do retorno do que da abdução inicial. Memórias vagas de sua experiência e mensagens resultantes permanecem. Ocasionalmente, os abduzidos são devolvidos a alguma distância de seu ponto de captura e estão vestidos de forma diferente; alguns voltaram com suas roupas do avesso.

Apenas raramente os abduzidos são vistos ou considerados desaparecidos durante o processo de abdução. "O testemunho independente de uma abdução ocorre", escreveu Mack, "mas é, na minha experiência, relativamente raro e limitado em natureza."

Outra faceta da experiência de abdução envolve o relatado implante de pequenos dispositivos no corpo de um abduzido. Esta nova característica no tema da abdução está apenas agora sendo estudada cuidadosamente por alguns pesquisadores.

O que Está Incomodando Você?

Em setembro de 1955, quando Richard Price tinha oito anos, ele estava brincando em uns bosques perto de sua casa em Troy, Nova York, quando viu um OVNI em forma de disco pousar nas proximidades. Seres estranhos levaram Price por um elevador para dentro da nave até uma sala semelhante a um laboratório.

Durante um exame médico semelhante ao relatado por outros abduzidos, o jovem Price observou uma tela de parede enquanto os seres colocavam um pequeno dispositivo em seu pênis.

Em 1981, Price mostrou ao Dr. Neal Rzepkewski uma saliência estranha em seu pênis exatamente no local onde ele se lembrava de o implante ter sido colocado. Rzepkewski, embora intrigado com o inchaço, recomendou não fazer nada, a menos que mudasse de tamanho ou se tornasse doloroso. Em 1989, Price descobriu o objeto projetando-se através da pele e, logo, depois de aparentemente produzir uma sensação semelhante a um choque elétrico, ele estava livre. Price mostrou o pequeno objeto a David Pritchard, professor de física do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, que conduziu uma análise.

Pritchard, juntamente com o Dr. Tom Flotte do Massachusetts General Hospital, testou o objeto com um microscópio de luz, um microscópio eletrônico de varredura e um espectrômetro de massa de íons secundários e determinou que se tratava de uma coleção de material orgânico sugerindo nada de extraterrestre. Alguns apêndices estranhos em forma de gancho foram identificados como fibras de algodão aparentemente das roupas de Price, que penetraram na pele. A maior parte do objeto consistia de "carbono, oxigênio e hidrogênio, além de substâncias que pareciam colágeno, colesterol e camadas de matéria celular degenerada" consistentes com "um local de trauma antigo no corpo".

A falta de prova definitiva de que um implante alienígena veio do corpo de Price foi típica dos problemas encontrados com esta questão, apesar da localização sensível e atípica do objeto.

Embora este relatório tenha sido decepcionante para quem esperava encontrar prova de um implante alienígena, deve-se notar que tais evidências não podem ser consideradas prova absoluta de que tais implantes não existem. O Dr. John Mack observou que seria "extremamente difícil fazer um diagnóstico positivo da natureza de qualquer substância desconhecida sem ter mais informações sobre suas origens".

Mack recebeu um pequeno objeto semelhante a um fio de um de seus clientes, que disse tê-lo tirado de seu nariz após uma experiência de abdução. A análise mostrou que era uma fibra torcida composta de carbono, silício, oxigênio e traços de outros elementos. "Um colega biólogo nuclear disse que o 'espécime' não era um objeto biológico natural, mas poderia ser uma fibra manufaturada de algum tipo. Parecia difícil saber como prosseguir", acrescentou.

O Dr. Richard Neal, médico que estuda a questão dos OVNIs desde o início dos anos 1960, é cofundador do Southern California UFO Research and Abductee Support Group. Em um estudo exaustivo de casos de abdução, o Dr. Neal escreveu: "A cavidade nasal, orelhas, olhos e genitália parecem ser as áreas físicas de maior interesse para os alienígenas abductores. A região umbilical — umbigo — também é, mas apenas em mulheres. Muitos abduzidos descreveram uma sonda fina com uma pequena bola na extremidade sendo inserida na narina — geralmente no lado direito. Eles são capazes de ouvir um tipo de som 'de trituração' à medida que o osso nesta área é aparentemente penetrado. Muitos terão hemorragias nasais após esses exames... Muitos pesquisadores acreditam que a tecnologia alienígena está sendo usada para inserir um implante nesta área para rastreamento futuro do indivíduo. É interessante notar que muitos dos indivíduos submetidos a sondagem nasal agora têm um histórico de sinusite crônica."

A ideia de alienígenas usando dispositivos para rastrear indivíduos — como as tags eletrônicas que os guardas florestais colocam em certos animais para rastreá-los — é apoiada por vários abduzidos, incluindo um dos clientes de Mack, que afirmou que seus abductores lhe disseram que um objeto colocado dentro de seu corpo era "para me monitorar".

A abduzida Betty Andreasson relatou que durante seu exame, seus captores removeram algo de trás de seu olho direito com uma longa sonda semelhante a uma agulha empurrada para cima através de seu nariz. O autor Raymond Fowler, que registrou a história de Andreasson, conseguiu ligar esta extração a uma abdução de Andreasson em 1950, quando ela tinha apenas treze anos. Sob hipnose, ela lembrou que naquela época, seus abductores removeram seu olho e inseriram uma pequena esfera de vidro do tamanho de um chumbinho, juntamente com um ou mais pequenos estilhaços, usando "duas agulhas longas e brilhantes". "Talvez o dispositivo colocado atrás do olho direito de Betty permitisse que um dispositivo de monitoramento alienígena a milhares de milhas de distância realmente registrasse tudo o que a própria Betty vê!" especulou Fowler.

O Dr. Neal, o Dr. Mack e outros também notaram que pequenas cicatrizes eram frequentemente relatadas nos corpos dos abduzidos, juntamente com as alegações de implantação. Mack escreveu que as experiências de abdução "frequentemente deixavam vestígios físicos nos corpos dos indivíduos, como cortes e pequenas úlceras que tendiam a cicatrizar rapidamente e não seguiam nenhum padrão psicodinamicamente identificável aparente, como, por exemplo, estigmas religiosos". Neal observou: "Cicatrizes foram observadas na panturrilha — incluindo logo acima da tíbia ou canela — coxa, quadril, ombro, joelho, coluna vertebral e nos lados direitos das costas e testa." Ele acrescentou que essas cicatrizes geralmente incluíam um corte reto e fino de uma a três polegadas de comprimento e/ou uma depressão circular de um oitavo a três quartos de polegada de até um quarto de polegada de profundidade.

Os pesquisadores veem essas cicatrizes e marcas, embora não sejam clinicamente significativas por si mesmas, como uma corroboração significativa para a experiência de abdução. Um implante comprovado seria ainda mais significativo, mas, como é o caso de toda a questão dos OVNIs, evidências concretas são elusivas.

Dois pesquisadores recentes — um médico da Califórnia e um hipnoterapeuta do Texas — afirmam que podem estar à beira de um avanço na questão dos implantes alienígenas.

Em agosto de 1995, o Dr. Roger K. Leir, um experiente podólogo em Ventura, Califórnia, assistido por um cirurgião aposentado, removeu três objetos de um homem e uma mulher, ambos afirmando terem sido abduzidos. Também estavam presentes um advogado, um psicólogo, dois escritores, um fotógrafo de imagens estáticas e um cinegrafista para documentar o evento. Dois objetos foram retirados do pé da mulher, enquanto o outro objeto foi removido da mão de Pat Parrinello. A mulher recusou-se a ser identificada, exceto como Patrícia.

Parrinello, que não foi cobrado pela pequena operação, disse que teve dores de cabeça maciças antes da cirurgia em sua mão. As dores de cabeça pararam imediatamente após a remoção do objeto, que se assemelhava a uma mosca de um quarto de polegada de diâmetro. "Eles tiraram de mim algo que eu não queria lá dentro", disse ele.

"Surpresa número um. O tecido mole ao redor do objeto, quando o relatório foi devolvido, não tinha células inflamatórias", disse Leir, explicando como o corpo humano gera tais células como um mecanismo de defesa contra material estranho. Ele também ficou surpreso quando o relatório patológico indicou a presença de células nervosas no tecido ao redor do objeto. "As células nervosas não pertencem aí", observou Leir, "porque anatomicamente elas não têm nenhuma posição no tecido mole ao redor do dedo do pé, que é principalmente gordura e tecido conjuntivo fibroso. Você não encontra células nervosas." Observando que a paciente mulher reagiu com dor quando seu bisturi tocou o objeto, Leir especulou que ele pode ter sido projetado para transmitir mensagens ao cérebro. "Quer entrar em contato com o cérebro?" perguntou ele retoricamente. "Você não precisa ir ao cérebro; não precisa ir ao pescoço ou à medula espinhal. Você pode ir a qualquer plexo nervoso e terá rota para o cérebro."

De acordo com o relatório patológico, os três objetos foram encontrados envoltos em uma membrana negra e resistente contendo hemiciterina, um pigmento que auxilia na oxigenação do sangue. "O que a hemiciterina está fazendo compondo uma membrana envolta em torno de um corpo estranho? [Ela] não pertence aí!" comentou Leir. "Discuti os relatórios com os patologistas em todos os casos, tentando obter sua opinião, e basicamente eles não têm nenhuma. Finalmente, um deles ao telefone apenas disse: 'Danado se sei.'"

No centro de cada um dos objetos estranhos, Leir encontrou um núcleo metálico com uma propriedade mais incomum. "Esses objetos são altamente magnéticos", disse ele. "Eles até grudaram no bisturi quando os removemos. Examinei-os com um localizador de pinos e um magnetômetro, e eles faziam o localizador de pinos ficar em pé."

Trabalhando com Leir na questão dos implantes alienígenas estava Derrel Sims, chefe de investigações de abdução e diretor de investigações físicas da Houston UFO Network. Tanto Sims quanto Leir foram cofundadores da Fundação para Pesquisa Alienígena-Humana (Foundation for Alien-Human Research), sem fins lucrativos, dedicada principalmente ao estudo de implantes. Pequenas seções dos núcleos metálicos dos três objetos que Leir removeu foram enviadas ao laboratório particular de uma empresa da Fortune 500, mas foram devolvidas por serem pequenas demais para testes adequados. Mais amostras foram preparadas, mas os resultados não foram divulgados imediatamente.

Sims, que proclamou: "Se a evidência estiver lá fora, vou encontrá-la", disse que vários dos principais laboratórios do país, juntamente com dezesseis "cientistas de ponta", concordaram em analisar cerca de trinta objetos que ele afirmou ter adquirido de abduzidos. No entanto, com exceção do Warren Laboratories perto de Houston e da Universidade de Houston, Sims recusou-se a nomear qualquer um deles.

Sims disse que se comprometeu a proteger as identidades dos profissionais que trabalham com ele contra represálias corporativas ou governamentais.

Sims e Leir disseram que encontraram queratina, uma substância normalmente encontrada em tecidos superficiais, como cabelos e unhas, nos objetos, que emitiam uma estranha fluorescência verde quando submetidas à luz ultravioleta. Sims disse que suspeita que os implantes possam estar relacionados à modificação de comportamento. "Temos apenas escassas evidências para indicar que isso pode ser verdade", disse ele, "mas, novamente, evidências escassas são melhores do que nenhuma."

O autor e investigador de abdução Budd Hopkins instou extrema cautela ao lidar com estranhezas removidas de corpos de pessoas. "A mera anomalidade não é suficiente para os céticos", disse ele a um repórter. "Deve ser algo que todos concordamos que não é algo desta Terra... Há uma espécie de suposição que fazemos de que essas coisas serão dispositivos de monitoramento ou transmissão. Mas elas podem ter funções diferentes de qualquer coisa que possamos imaginar. E quando se trata de tecnologia não humana ou ET, temos que assumir que haverá qualidades de implante que não podemos nem medir nem detectar."

Com evidências concretas de implantes alienígenas ainda no ar e nada além de uma multiplicidade de relatos de abduções, os pesquisadores de OVNIs continuaram a buscar aquele caso que capturaria a atenção do público.

Vários pensaram que podem tê-lo encontrado em um incidente recente — ainda sob investigação — que envolveu múltiplas testemunhas, incluindo agentes do governo e um alto funcionário das Nações Unidas. Mas este caso, como o fenômeno de abdução em geral, não é suscetível a uma explicação ou interpretação fácil.

Enigma em Nova York

Em abril de 1989, Linda Napolitano, identificada publicamente como Linda Cortile, contatou o autor de abdução Budd Hopkins para dizer que tinha experiências de abdução desde a infância. Em 30 de novembro, ela contatou Hopkins para dizer que havia sido abduzida no início daquela manhã, mas não conseguia se lembrar de muitos detalhes. A nova-iorquina de quarenta e cinco anos afirmou que, enquanto estava acordada deitada na cama por volta das 3h15 da manhã, sentiu uma paralisia percorrer seu corpo e viu um alienígena cinzento ao lado de sua cama. Resistindo à intrusão, ela jogou um travesseiro na criatura, mas então caiu em inconsciência e não se lembrou de nada até recuperar a consciência na cama algum tempo depois.

Sob hipnose, Linda lembrou-se de ter sido escoltada por três criaturas enquanto a "flutuavam" através da janela fechada do décimo segundo andar de seu apartamento no East Side para um OVNI que pairava do lado de fora. Seu marido permaneceu na cama dormindo durante toda essa atividade. Ela disse que um feixe de luz azul a puxou, a ela e aos alienígenas, para dentro do OVNI, onde foi submetida a um exame médico antes de ser devolvida à sua cama. Sua experiência e eventos subsequentes foram registrados em um livro de 1996 de Hopkins intitulado *Witnessed: The True Story of the Brooklyn Bridge UFO Abductions* (Testemunhado: A Verdadeira História das Abduções de OVNIs da Ponte do Brooklyn).

Esta teria sido apenas mais uma experiência de abdução típica, não fossem as atividades que começaram em fevereiro de 1991, quando Hopkins recebeu uma carta de dois homens alegando serem policiais identificados apenas como "Richard" e "Dan". O par disse que testemunhou a abdução de Linda de seu carro estacionado a alguns quarteirões de distância. Eles disseram que estavam de serviço em Manhattan quando viram uma mulher sendo flutuada de um prédio de apartamentos para um OVNI pairando, que então mergulhou no East River, não muito longe da Ponte do Brooklyn. Depois que o OVNI não retornou após mais de quarenta e cinco minutos, o par ficou ansioso sobre o destino da mulher. Hopkins informou Linda sobre a carta dos homens e a alertou que eles poderiam contatá-la.

Linda foi de fato visitada por "Richard" e "Dan" algumas semanas depois. Eles pareceram muito aliviados ao encontrá-la viva e bem e, a seu pedido, concordaram em contatar Hopkins novamente. O autor logo recebeu mais correspondência do par, bem como uma mensagem gravada. Eles explicaram que não podiam se tornar públicos porque eram na

verdade agentes de segurança que, na noite da abdução de Cortile, estavam transportando uma figura política internacional para um encontro com um helicóptero. Embora Hopkins tenha se referido a essa pessoa apenas como "o terceiro homem" em seu livro, várias publicações o identificaram como nada menos que o ex-secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar. Os agentes disseram que seu carro parou subitamente e, enquanto esperavam, todos os três homens testemunharam a abdução. Esta afirmação levou Hopkins a acreditar que todo o episódio havia sido um "espetáculo" para provar a realidade das abduções encenado por alienígenas para o benefício de Cuellar, que supostamente estava acompanhado por dois funcionários do governo dos EUA e outros dois estadistas, além de vários agentes de segurança. Algumas dessas testemunhas se lembraram de ter visto o OVNI, enquanto outras só se lembravam de que seus carros tinham parado, de acordo com "Richard".

Meses depois, Hopkins disse que foi contatado por uma telefonista aposentada que disse que seu carro também parou ao cruzar a Ponte do Brooklyn nas primeiras horas da manhã de 30 de novembro de 1989. A mulher disse que também testemunhou a abdução. Desenhos do evento feitos por esta mulher, segundo relatos, correspondiam estreitamente a desenhos feitos por um dos agentes de segurança. Na publicação de seu livro sobre o caso, Hopkins afirmou ter encontrado um total de seis testemunhas separadas do evento.

Muitos ufólogos inicialmente pensaram que a história da abdução da Ponte do Brooklyn era o "caso do século", o relato que provaria a realidade da experiência de abdução. Mas, como grande parte de toda a questão dos OVNIs, também caiu em desordem à medida que a investigação continuava. Um agente do governo não ligado ao caso disse que passeios matinais para helicópteros violavam os protocolos normais de segurança, e um porta-voz de Cuellar afirmou que o secretário-geral estava em casa na cama na época da abdução. Hopkins não revelaria a identidade da telefonista. Os desmascaradores criticaram a falta de testemunhas adicionais, apontando que várias pessoas que trabalhavam em um cais de carga do *New York Post*, localizado do outro lado da rua do apartamento de Linda, não viram nada. Hopkins atenuou este ataque observando que, além da escassez de trabalhadores naquela hora da manhã, a porta do cais estava voltada para longe do prédio de Linda. "Os autodenominados 'investigadores céticos' circularam muita informação errônea porque nenhum deles jamais se deu ao trabalho de me ligar para esclarecer qualquer questão sobre a qual estivessem incertos", queixou-se ele.

Para aumentar a confusão, Linda disse que em 15 de outubro de 1991, ela foi abduzida novamente — desta vez pelo agente "Dan", que a levou para uma casa de praia em Long Island e a forçou a vestir uma camisola branca como a que usara durante sua abdução. Ela disse que o agente "Richard" chegou à casa e sedou "Dan". Linda disse que mais tarde recebeu uma carta de "Dan" escrita de uma instituição mental contendo uma ameaça implícita de que ele planejava sequestrá-la — uma ameaça que ele tentou cumprir, de acordo com "Richard".

A investigação de Hopkins revelou o caso de abdução como um que envolveu não apenas abduções repetidas de Linda e seus filhos, mas também a abdução alienígena de "Richard", "Dan" e do homem que eles foram designados para proteger. Ele também descreveu sessões de hipnose que indicavam que havia algum tipo de interconexão entre todos os protagonistas do caso. Hopkins publicou um raio-X da cabeça de Linda mostrando um pequeno implante em seu nariz, que mais tarde desapareceu estranhamente depois que todos os quatro membros da família acordaram uma manhã com hemorragias nasais semelhantes.

Embora os desmascaradores, sem dúvida, continuem a descartar este caso, os detalhes que Hopkins forneceu são persuasivos. "Quanto a mim", concluiu ele, "era mais fácil acreditar que a unanimidade do testemunho ocular e a existência de muitos tipos de evidências físicas de apoio atestavam a realidade do evento, do que acreditar na existência de um complô vastamente complexo... concebido e orquestrado por uma dona de casa de meia-idade de recursos modestos, mãe de dois meninos pequenos, que seria para sempre dependente — e refém — de um pequeno exército de cúmplices." A própria Linda acrescentou um forte desafio aos desmascaradores quando perguntou a Hopkins: "Se eu estava tendo apenas uma alucinação naquela noite de 1989, por que não perguntar a um psiquiatra como tantas pessoas puderam ver minha alucinação?"

"Este evento de abdução altera tão drasticamente nosso conhecimento da incursão alienígena em nosso mundo que é facilmente o mais importante da história registrada", escreveu Hopkins. "Nenhum caso anterior teve um efeito tão profundo sobre tantas vidas, e nenhum jamais foi observado por tantas testemunhas independentes." Hopkins também disse que este caso indicou que a tripulação do OVNI tentou afetar a política global por sua abdução seletiva à vista de um líder mundial.

Ele acrescentou: "Parece óbvio que os ocupantes do OVNI — quem quer que sejam ou o que quer que sejam — estão profunda e intimamente envolvidos nas vidas de certos seres humanos. Aparentemente, eles podem manipular o comportamento dessas pessoas, pelo menos temporariamente, com precisão quase absoluta.

"Tudo o que aprendi em vinte anos de pesquisa sobre o fenômeno de abdução por OVNIs me leva a concluir que o propósito central dos alienígenas não é nos ensinar a cuidar melhor do meio ambiente. Em vez disso, todas as evidências apontam para que eles estejam aqui para realizar um experimento de reprodução complexo no qual parecem estar trabalhando para criar uma espécie híbrida, uma mistura de características humanas e alienígenas."

Embora o caso ainda esteja em andamento e seja considerado por muitos um forte argumento para a experiência de abdução, ele dividiu ainda mais a comunidade de pesquisa de OVNIs quanto à sua validade.

Piloto de OVNI Desejado

Uma experiência de abdução mais incrível foi relatada pelo oficial de inteligência militar aposentado Lyn Buchanan, que disse que agora teve duas experiências recentes que o convencem de que realmente aconteceu.

Em meados da década de 1960, antes de se juntar ao exército, Buchanan era um jovem pastor estudante na Igreja Metodista Midway-Elwood, perto de Huntsville, Texas. Ele havia sido designado para uma nova igreja e estava se preparando para se mudar. "Minha esposa e família já tinham ido embora e eu estava terminando de arrumar as malas na casa paroquial sem mobília", lembrou Buchanan. "Eram cerca de 2h da manhã e eu tinha me deitado com alguns cobertores e um travesseiro quando ouvi algo acima descendo para o quintal. De repente, percebi que estava bem acordado, mas não conseguia me mexer. Fiquei com medo quando ouvi algumas pessoas se movendo em ambos os lados da casa em direção à janela da frente.

"A próxima coisa que soube era que era manhã e eu estava de pé na sala de estar, completamente desorientado. Então me lembrei de que estava me mudando, então arrumei as coisas e saí. Isso foi tudo o que soube na época, mas desde então nunca pude sair de casa sem uma compulsão para voltar para pegar algo, um forte sentimento de que havia esquecido algo. Vez após vez, eu voltava para casa para verificar as coisas. Isso deixava minha esposa louca. Finalmente, cerca de cinco ou seis anos atrás, eu estava vagando pela casa verificando coisas que sentia ter esquecido. Sarcasticamente, ela disse: 'Você verificou o quintal?' e tudo veio à tona de repente. Com o tempo e usando vários métodos — incluindo visualização remota e hipnose — lembrei-me do que havia acontecido comigo.

"Ainda não me lembro como cheguei lá, mas estava em uma nave sentado em uma fileira de assentos com uma velhinha assustada ao meu lado. Além de mim, havia cerca de quinze pessoas nesta sala e uma grande janela na frente. Uma pessoa alta passou e perguntei se podia sentar perto da janela. Ele pareceu chocado e olhou para mim como se dissesse: 'Oh-oh, os tubarões estão soltos na piscina.' Acho que ele ficou surpreso por eu estar consciente e ter falado com ele. Ele correu para frente e voltou com um homenzinho de olhos estranhos que falou comigo. Tive a impressão de que ele era o piloto. Ele me permitiu ir para a frente perto da janela. Estávamos decolando e pousando, várias vezes.

"Então o piloto voltou e disse que era hora da 'longa viagem'. Eu o tinha observado neste painel de controle e perguntei se poderia pilotar a nave. Ele disse que eu não poderia operar a nave porque minhas mãos eram muito pequenas. Mas tenho mãos excepcionalmente grandes e mostrei uma. Ele colocou a mão dele na minha, palma com palma, e ficou impressionado que quase combinavam. Depois de um tempo, ele me deixou sentar no painel de controle. Era como se eu estivesse pilotando a nave, mas na verdade não estava. Ele disse que tinha que retomar os controles e logo a nave pousou. Havia outros dois discos voadores

ali. Havia uma fila de pessoas saindo de um e uma fila entrando no outro. Todos nós saímos em fila e começamos a subir por este caminho até um lugar tipo pavilhão no topo de uma colina. Estava escuro lá fora, embora fosse dia. E estava muito quente e úmido. Eu olhei para cima e o sol estava por volta das dez horas, mas era de uma cor diferente da nossa e muito mais fraco. Eu sabia que não estávamos na Terra.

"O homenzinho veio e me puxou para fora da fila e nos sentamos na encosta enquanto as pessoas subiam para este pavilhão de lados abertos. Foi quando os sons começaram. Primeiro ouvi risadas, risadas de barriga, mas também gritos como de terror. Uma mulher gritou e gritou e todos os outros apenas riram. Mas então ela começou a rir com todos os outros e outra pessoa começou a gritar. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas me assustou e fiquei feliz por não ter ido com as outras pessoas.

"O homenzinho disse que queria me apresentar a alguém e logo outro cara veio e comparamos o tamanho das mãos e conversamos. Por muito tempo não consegui me lembrar do que conversamos, mas alguns anos atrás fui a um hipnoterapeuta. Certifiquei-me de encontrar um que não acreditasse em OVNIs e não lhe contei o que havia acontecido comigo. Apenas disse que queria recuperar algumas memórias. Este hipnotizador me levou a lembrar que este segundo cara estava me oferecendo um emprego pilotando discos voadores. Fiquei animado. Eu disse: 'Ok, mas preciso ir buscar minha família.' Ele respondeu que não havia famílias lá e que eu nunca poderia voltar se aceitasse o emprego. Então recusei. Ele disse que teria que voltar com os outros. Então, quando as pessoas desceram a colina, voltei a juntar-me à fila para a nave.

"Enquanto esperava lá, conversei novamente com o piloto e disse a ele que esta era uma experiência fascinante e ele respondeu: 'Você não vai se lembrar de nada disso.' Eu implorei: 'Por favor, deixe-me lembrar disso', mas não adiantou. A próxima coisa que me lembro é estar de pé na sala de estar daquela casa no leste do Texas sem saber onde estava ou o que estava acontecendo."

Buchanan disse que depois de finalmente se lembrar da experiência, ele ainda não conseguia decidir se era real. "Mas agora eu sei", disse ele. "Tive feedback que me permitiu acreditar que tudo era real."

Seu "feedback" veio primeiro na forma de dois homens "impecavelmente" vestidos de preto que, no final dos anos 1980, o levaram para uma pequena sala na sede da Agência de Inteligência de Defesa para uma entrevista. "Acho que ouviram sobre minha experiência e queriam descobrir se eu era louco, porque começaram a me questionar sobre a abdução", disse Buchanan. Como E-7 no serviço, Buchanan trabalhou em vários projetos classificados para o Exército dos EUA antes de ser designado para uma unidade de inteligência militar em Fort Meade no início dos anos 1980.

Ele estava familiarizado com técnicas de interrogatório e disse que um dos homens de preto fez todas as perguntas enquanto o outro ficava sentado em silêncio, sem mostrar emoção. "Se você reagir ou mostrar emoção, isso pode influenciar as respostas", explicou ele. "Então, em certo ponto, eu estava descrevendo o painel de controle na nave e como ele funcionava. Passei por ele uma vez, mas pediram-me para explicá-lo novamente, o que é outra técnica para ver se você se contradiz. Mas desta vez, enquanto eu explicava a função do painel de controle, o que estava em silêncio perguntou de repente: 'Você quer dizer isso e aquilo?' Eu disse: 'Não, quero dizer isto e aquilo.' Ele bateu no joelho e exclamou: 'Então é isso!' Eu soube naquele momento que eles tinham um desses negócios, mas não sabiam como fazê-lo funcionar. O outro cara, o que vinha fazendo todas as perguntas, ficou furioso e os dois homens saíram rapidamente.

"Cerca de um ano depois, eu estava em uma visita guiada com um grupo através de um prédio — não tenho permissão para dizer onde ou por quê — para ver algumas exposições simuladas de locais de queda de aviões. Eu estava olhando para uma das exposições e lá estava o painel de controle como o da nave. Sem pensar, virei-me para este oficial e disse: 'Isso não é de um avião. Isso é de um disco voador!' Este oficial pareceu chocado, mas finalmente disse rigidamente: 'Dizem que sim.' Em quatro minutos, nosso grupo foi escoltado para fora do prédio e lembrado para não falar sobre nossa visita. Depois dessas duas experiências, fiquei convencido de que minha experiência de abdução era real e que o governo sabe muito mais do que está dizendo."

Evidências inegáveis para apoiar histórias como a de Buchanan são sempre elusivas, mas o grande número de relatos de abdução — bem como sua consistência — é esmagador. Uma pesquisa de 1991 com quase seis mil americanos pela organização Roper indicou que várias centenas de milhares — talvez mais de três milhões — de cidadãos podem ter tido uma experiência de abdução. Os entrevistados responderam a perguntas sobre encontros estranhos, tempo perdido, luzes incomuns em seu quarto e cicatrizes intrigantes em seu corpo. Escusado será dizer que esses números foram duramente criticados pelos desmascaradores, que disseram que se os números forem válidos, os céus estariam literalmente cheios dia e noite de OVNIs abductores.

Nas palavras da autora britânica Jenny Randles: "Provar... ou estabelecer que realmente estamos sendo visitados por criaturas estranhas requer evidências muito mais sólidas do que a autoconvicção de uma pessoa honesta." Randles então enumerou uma extensa lista de dados de apoio, incluindo testemunhas corroborativas, fotografias de OVNIs — admitidamente algumas, senão muitas, são farsas ou imperfeições de filme — evidências físicas, como marcas ou buracos no chão, bem como marcas no corpo, e "implantes" internos anômalos retirados de abduzidos.

O Dr. Mack agrupou esses aspectos em uma lista de "cinco dimensões básicas" que, segundo ele, devem ser abordadas para garantir uma explicação verdadeira das abduções:

- Um alto nível de consistência entre os vários relatos de abdução, bem como a confiabilidade da maioria dos abduzidos.
- A ausência de doenças psiquiátricas ou psicológicas detectáveis entre os abduzidos.
- As manifestações físicas — hematomas, lesões, cicatrizes e similares — encontradas em abduzidos em muitas ocorrências.
- A conexão entre as abduções e a atividade de OVNIs, frequentemente relatada independentemente por testemunhas não associadas aos abduzidos.
- Relatos de abdução de crianças, algumas com apenas dois ou três anos de idade.

"Claramente, nenhuma explicação que aborde todos esses elementos é aparente no momento presente", concluiu Mack.

Raymond Fowler, que registrou a história de Andreasson e mais tarde afirmou ter tido uma experiência de abdução própria, também notou a semelhança dos relatos de abdução e concluiu: "Todos esses elementos fornecem fortes evidências circunstanciais de que as abduções estão enraizadas na realidade. Finalmente, as hipóteses alternativas propostas para as abduções ficam aquém de explicá-las em termos terrenos."

Ao estudar as muitas histórias de abdução, Hopkins também concluiu que a experiência é real. Ele observou: "Esses homens e mulheres não são nem devorados nem salvos. Eles são emprestados, involuntariamente. Eles são usados fisicamente e depois devolvidos, assustados, mas não deliberadamente prejudicados. E os alienígenas são descritos nem como presenças todo-poderosas e majestosas, nem como monstros satânicos, mas sim como seres complexos, controladores, fisicamente frágeis que aparentemente precisam de algo para sua própria sobrevivência que são forçados a procurar entre seus vários abduzidos."

O autor Richard Thompson, que também parecia aceitar pelo menos alguns relatos de OVNIs e abduções como genuínos, afirmou: "É possível que seres humanos não humanos reais sejam responsáveis por muitas comunicações de OVNIs relatadas. Esses seres podem estar tentando condicionar os processos de pensamento das pessoas, fazendo uso de temas retirados, em alguns casos, das próprias tradições culturais das pessoas." Após revisar várias teorias que supõem que o fenômeno é simplesmente produto da imaginação humana, Thompson ponderou: "Para mim, parece duvidoso que os humanos comuns tenham o poder de criar objetos voadores que possam refletir radar, perseguir aviões a jato e interferir em automóveis. Se a imaginação humana tem tanto poder, então por que os monstros típicos da ficção científica não se materializam nas cidades americanas?"

O Dr. Mack afirmou que a experiência de abdução é real, mas admitiu que não sabemos exatamente quem está por trás dela ou com que propósitos. "As abduções por OVNIs têm a ver, penso eu, com a evolução da consciência e o colapso de uma visão de mundo que colocou a humanidade em uma espécie de epicentro da inteligência em um cosmos percebido como amplamente sem vida e sem sentido", disse ele. "À medida que nós, como

os abduzidos, nos permitimos abandonar a ilusão de controle e domínio de nosso mundo, podemos descobrir nosso lugar como uma espécie entre muitas cujos dons especiais incluem capacidades incomuns para cuidar, pensamento racional e autoconsciência. À medida que suspendemos a noção de nossa inteligência preeminente e dominante, podemos nos abrir para um universo cheio de formas de vida diferentes de nós, com as quais podemos estar conectados de maneiras que ainda não compreendemos."

Por mais extravagante que o fenômeno de abdução possa parecer, pelo menos não houve mortes comprovadas relacionadas a ele. Isso é mais do que se pode dizer de outro aspecto da questão dos OVNIs — um que diz respeito à morte e mutilação.

CAPÍTULO 9

MORTE VINDA DO CÉU

Em 1967, um casal do Colorado, Berle e Nellie Lewis, decidiram pedir ao irmão de Nellie que pastasse seu cavalo, uma égua Appaloosa de três anos chamada Lady. O irmão, o fazendeiro Harry King, tinha boas pastagens no Vale de San Luis, no sul do Colorado, e parecia a solução óbvia para onde manter o cavalo.

A decisão teria consequências fatais e de longo alcance.

Pois em 9 de setembro, o fazendeiro King encontrou o corpo de Lady deitado em um arbusto de chico não muito longe de sua casa. A cabeça do cavalo e parte de seu pescoço haviam sido limpas de carne. O resto do corpo estava intacto. O crânio estava tão branco e limpo que parecia ter sido embranquecido pela exposição à luz solar por muitos dias. Mas King sabia que Lady estava viva menos de dois dias antes. Não havia sangue e nenhuma pegada ao redor do cadáver da égua. O corte em seu pescoço era liso e preciso. O fazendeiro King ficou atordoado. "Aquele pescoço foi cortado tão liso que não poderia ter sido feito nem mesmo com uma faca de caça afiada", disse ele mais tarde.

Os Lewis também ficaram impressionados com a precisão do corte no pescoço. "Não foi cortado aos pedaços — mas estava muito limpo e foi isso que foi tão estranho", lembrou Nellie Lewis depois de ver seu cavalo morto em 10 de setembro. Ela notou um odor medicinal peculiar no local, algo "como incenso".

Duas semanas após a morte de Lady, o corpo foi examinado pelo Dr. John Henry Altshuler, então patologista do Rose Medical Center em Denver. O Dr. Altshuler descobriu que o

cavalo havia sido cortado do pescoço até a base do peito por uma "incisão vertical e limpa". Ele também descobriu que a borda do corte estava firme e de cor mais escura, como se a carne tivesse sido cauterizada com um feixe de laser. No entanto, como observou o Dr. Altshuler, "Não existia tecnologia cirúrgica a laser como essa em 1967." Pelo menos não existia tal tecnologia até onde o público sabia.

O médico também descobriu que alguns dos órgãos internos de Lady estavam faltando, notavelmente o coração, os pulmões e a tireoide. "O mais surpreendente foi a falta de sangue", lembrou o Dr. Altshuler anos depois. "Fiz centenas de autópsias. Você não pode cortar um corpo sem obter um pouco de sangue. Mas não havia sangue na pele nem no chão. Não havia sangue em lugar nenhum. Isso foi o que mais me impressionou."

A estranheza da morte de Lady aumentou quando se soube que várias pessoas relataram ter visto um OVNI na área pouco antes de o cavalo mutilado ser encontrado. O residente do Vale de San Luis, Duane Martin, disse ter visto vários pequenos "jatos" zanzando em velocidades muito altas, mas em altitudes muito baixas, na área da morte de Lady. Até a mãe de Harry King, Agnes King, de oitenta e sete anos, afirmou que um "grande objeto" passou sobre a casa da fazenda King na noite em que Lady morreu. A Sra. King disse que, devido à visão fraca, ela não podia ter certeza do que era o objeto. Na primeira semana de outubro de 1967, artigos de notícias sobre a mutilação foram publicados na vizinha Pueblo, Colorado.

Nos relatos da imprensa, Lady foi erroneamente identificada como "Snippy", o nome de sua mãe mantida perto da fazenda King. Mas, erros à parte, a conexão entre a mutilação do cavalo e os OVNIs era uma história boa demais para ser deixada passar. Os relatos foram recolhidos e divulgados por serviços de notícias. Uma manchete dizia: "Enigma de Cavalo Morto Atrai Fãs de OVNIs."

Foi também o primeiro caso de mutilação animal amplamente divulgado nos Estados Unidos, e estabeleceu o cenário para relatos de mutilações que continuam até hoje. Muito mais tarde, várias teorias foram avançadas para explicar a morte de Lady. Um veterinário, Dr. Robert O. Adams, postulou que alguém encontrou o cavalo sofrendo de uma infecção grave e cortou sua garganta para acabar com a dor. Outro, Dr. Wallace Leary, afirmou ter encontrado dois buracos de bala ao reconstruir a parte traseira de Lady, e o Dr. Richard O. Norton, redigindo um relatório para o Desert Research Institute da Universidade de Nevada, concluiu que, como houve tempestades na área no momento da morte, Lady pode ter sido atingida por um raio. "Nenhuma dessas pessoas, exceto o Dr. Altshuler, examinou o cavalo no momento da morte", observou a especialista em mutilação Linda Moulton Howe. "Isso é apenas uma tentativa de reconstruir a história."

Desde 1967, mutilações de animais, principalmente de gado, têm sido relatadas em números que chegam aos milhares. Os relatos de mutilação atingiram um clímax em meados da década de 1970. No entanto, com os grandes centros de distribuição de informações como

Washington e Nova York mais preocupados com notícias convencionais, as histórias de mutilação foram amplamente confinadas a jornais semanais de médio porte e rurais. Quando as notícias cada vez mais frequentes de gado mutilado começaram a se espalhar do alto Montana através do Centro-Oeste e para o sul do Texas, os residentes rurais da América Central começaram a reagir com medo e raiva.

Em muitos relatos de mutilação de gado, houve avistamentos concomitantes de luzes e objetos estranhos nos céus, bem como helicópteros de estilo militar sem insígnias ou luzes vistos nas proximidades.

Uma Mutilação Típica

Um relato típico de mutilação pode ser encontrado no seguinte "Relatório do Oficial" de 10 de março de 1975, do Departamento do Xerife do Condado de Cochran, Texas, registrado pelo Xerife C. G. Richards:

Darwood Marshall veio ao meu escritório e disse que havia encontrado uma novilha, cerca de 6 milhas ao sul de Whiteface, Texas, em sua fazenda, que havia sido mutilada. Fui ao local e foi isso que encontrei.

Cerca de duas milhas adentro, em um campo, havia um círculo perfeitamente redondo. A novilha estava deitada no meio deste círculo com a cabeça para o norte e torcida diretamente para cima no ar. A mandíbula inferior foi cortada para trás e a língua havia desaparecido. Os órgãos sexuais foram cortados e haviam desaparecido. O umbigo foi cortado em um círculo redondo e a carne dentro não foi tocada. Não havia sangue no chão nem na vaca. Enquanto eu verificava isso, o Sr. Marshall veio até mim e disse: se você acha isso estranho, olhe para aquele lugar cerca de um quarto de milha a oeste. Fomos até lá e encontramos outro círculo que era igual ao outro. Ele me disse que haviam arrastado um boi para fora deste círculo e ele estava no pasto. Olhamos para o outro boi mais tarde. Este círculo era igual ao outro, mas o trigo tinha cerca de quatro polegadas de altura e havia sido queimado completamente, e esses círculos tinham cerca de 30 pés de diâmetro. Pensei, isso é um mistério, então não conseguia tirar isso da minha cabeça.

Voltei para a cidade e peguei um contador Geiger e verifiquei os círculos e mostrou que havia radiação presente. Chamei a Base Aérea de Reese e eles enviaram uma equipe... Eles encontraram meio por cento de radiação e me disseram para não me preocupar com a radiação. Não era suficiente para machucar qualquer pessoa ou coisa, e eles foram embora. O que eu quero saber é como isso foi parar ali em primeiro lugar.

Recebi relatos de OVNIs nesta área, mas não vi nenhum pessoalmente. As pessoas que estão relatando isso contam todas a mesma história. É tão largo quanto uma rodovia de duas pistas, redondo e parece com a cor do sol quando está se pondo e tem um brilho azul ao

redor. Tenho observado as notícias e o jornal e quando essas pessoas veem essa coisa, dois ou três dias depois, ouvimos sobre algumas vacas que foram mutiladas. Não sei o que está fazendo isso, mas com certeza deixou todos aqui por perto tensos, então quem sabe...

Relatos como este se multiplicaram por todos os Estados Unidos. Do Texas a Montana, patrulhas fortemente armadas de fazendeiros irados e seus amigos ficaram em alerta para quem quer que estivesse abatendo cirurgicamente seu gado. Eles percorriam estradas rurais em busca de qualquer sinal de comportamento suspeito.

A perspectiva de justiça com as próprias mãos levou Carl Whiteside, chefe do Escritório de Investigação do Colorado (CBI), que estava coordenando uma avaliação da situação da mutilação de gado, a afirmar em 1975: "O importante agora é que lidamos com fatos, não com ficção, para que o medo não se torne o vencedor. E é isso que temos no Colorado agora — medo."

Numa tentativa de acalmar o clamor público, o CBI emitiu um relatório concluindo que 95% das mutilações eram simplesmente obra de predadores. O relatório foi vaiado tanto por policiais quanto por pesquisadores particulares que vinham investigando o fenômeno da mutilação. Até o próprio relatório não refletia com precisão a situação. De acordo com o relatório, das 206 mutilações relatadas entre maio e dezembro de 1975, apenas 35 carcaças foram enviadas ao laboratório de patologia veterinária da Colorado State University. Apenas dezenove foram autopsiadas devido à decomposição avançada. Das dezenove realmente autopsiadas, totalmente onze foram confirmadas como sendo cortadas com instrumentos afiados. Ignorando o fato de que muitos outros poderiam ter mostrado evidências de cortes se tivessem sido estudados, Whiteside descartou o significado dos números do relatório dizendo: "Isso é pouco mais de cinco por cento de todas as mutilações relatadas que foram cortadas por humanos."

Fazendeiros e criadores de gado também não acreditaram no relatório do CBI. Manuel Gomez, que criava gado por mais de vinte anos perto de Dulce, Novo México, definiu o tom quando disse: "Trabalhei na fazenda minha vida inteira. Sei o que os predadores fazem e isso não é nada parecido." Seu tom foi ecoado pelo Xerife Ray Lee do Condado de Cheyenne, Kansas, que comentou sobre a falta de sangue nas cenas de mutilação: "Você não poderia cortar um animal assim sem que ficasse nojento."

O Xerife George Yarnell do Condado de Elbert, Colorado, ficou particularmente irritado quando amostras de pele de mutilação continuavam voltando para ele com a conclusão de que os predadores eram a causa. Yarnell sabia mais. Para testar suas suspeitas, Yarnell cortou um pedaço de carne de uma vaca com sua faca de caça e o entalhou para identificação. A amostra foi então enviada ao chefe do CBI, Carl Whiteside, que rotineiramente a enviava ao laboratório do Departamento de Medicina Veterinária da Colorado State University — onde todas as outras evidências de mutilação do CBI eram

examinadas. Certamente, o espécime voltou para Yarnell com a conclusão de que o corte era obra de predadores. Quando confrontado com a verdade, um patologista do laboratório explicou de forma débil: "Somos humanos. Cometemos erros." O que não foi explicado foi por que a explicação do "predador" foi oferecida em todos os casos de mutilação.

A ideia de que coiotes, abutres e outros animais eram responsáveis pelas mutilações de gado foi firmemente descartada pela repórter Dorothy Aldridge do *Colorado Springs Gazette Telegraph*. Em um artigo, Aldridge observou que uma tempestade de neve em novembro de 1975 deixou milhares de cabeças de gado mortas no Centro-Oeste. Lobos e coiotes imediatamente se aproximaram para um banquete. No entanto, quando a repórter Aldridge verificou com uma usina de processamento em Tribune, Kansas, que processou cerca de trinta mil dessas cabeças de gado mortas, foi informada de que os predadores não haviam tocado nos olhos, orelhas ou órgãos sexuais das vacas, as partes geralmente retiradas pelos sombrios mutiladores noturnos.

Fazendeiros e policiais veteranos nunca acreditaram na teoria do predador. O oficial Gabe Valdez, da Polícia Estadual do Novo México, resumiu seus sentimentos em 1979, quando disse a este autor: "Se são predadores, então temos predadores com superpoderes. É difícil acreditar que predadores possam puxar o coração de um boi através de um pequeno buraco em seu pescoço. E eu já vi isso."

À medida que os relatos de mutilações cresciam em meados de 1974, as seções rurais da nação entraram em alerta máximo. Depois que um piloto de Nebraska que verificava linhas de energia perto de Grand Island foi alvejado por um fazendeiro assustado, a Guarda Nacional do Exército ordenou que seus helicópteros voassem a mil pés ou mais, em vez dos quinhentos pés habituais, e que relatassem quaisquer helicópteros não autorizados. Patrulhas por cidadãos armados e policiais locais tornaram-se uma ocorrência quase noturna.

Relatos de atividades noturnas estranhas cresceram. A Associated Press informou em 1976 que várias pessoas, incluindo dois policiais, viram uma enorme criatura voadora na região do baixo Rio Grande, no Texas. O oficial Arturo Padilla, de San Benito, disse que a criatura tinha uma envergadura de mais de doze pés, um rosto semelhante a um morcego com olhos do tamanho de dólares de prata e um bico de três a quatro pés de comprimento. "Já cacei muitos pássaros, mas esta coisa era muito maior", disse Padilla. "Me assustou por um tempo, mas agora muitas pessoas estão dizendo que é um condor da América do Sul... Se eu tiver uma oportunidade segura de atirar, vou atirar." Padilla acrescentou que achava que o grande pássaro poderia ser responsável por recentes mutilações de gado na área.

Outra explicação pé no chão para as mortes de animais era que seitas sedentas de sangue estavam à espreita noturna.

O Diabo Me Fez Fazer Isso

O Dr. Richard Thill, professor de alemão na Universidade de Nebraska em Omaha, que também ensinava cursos sem crédito sobre bruxaria, classificou as mutilações como "ritualísticas". "Pode ser alguém estabelecendo um culto à fertilidade de algum tipo, ou pode ser alguém querendo enganar. Se estão enganando, são bem doentes", disse Thill a um repórter em 1974.

Pessoas com grande interesse em satanismo foram rápidas em aderir à ideia. A. Kenneth Bankston, que na época cumpria uma pena por roubo de banco na Penitenciária Federal de Leavenworth, no Kansas, escreveu ao senador estadual do Kansas, Ross Doyen, afirmando que as mutilações eram obra de uma ordem secreta de adoradores do diabo chamada Filhos de Satanás. Em uma troca de cartas com Doyen e pesquisadores de OVNIs, Bankston elaborou, dizendo que este culto satânico usava agulhas hipodérmicas para extrair o sangue do animal e que os órgãos sexuais eram usados em rituais de fertilidade. Bankston continuamente pedia para ser transferido de Leavenworth para alguma pequena cadeia do condado porque temia represálias devido à sua delação. Bankston também implicou outro homem, Dan Dugan, que estava cumprindo pena em uma prisão do Texas por crimes relacionados a roubo de automóveis, e disse que se as autoridades transferissem ambos os homens para um lugar seguro, eles estariam prontos para conversar.

Depois que tanto Bankston quanto Dugan expandiram separadamente seus relatos de mutilações de animais para incluir planos de satanistas para tomar um míssil nuclear, roubar plutônio, detonar bombas terroristas e assassinar jornalistas e membros do Congresso, incluindo o então senador de Minnesota Hubert Humphrey, as autoridades decidiram levar os contos a sério. Donald E. Flickinger, um agente especial do Bureau de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo, foi chamado para investigar, e o juiz federal de Minnesota, Myles Lord, emitiu uma ordem para trazer tanto Bankston quanto Dugan para Minnesota para interrogatório.

Na primavera de 1975, os dois prisioneiros contaram uma história elaborada de um "culto de Satanás" generalizado que incluía motoqueiros como os Hell's Angels, bem como corretores de ações milionários. Este grupo improvável, operando em pelo menos vinte e dois estados, estava por trás das mutilações de gado, afirmaram. Bankston disse que um potente tranquilizante animal, PCP, era usado para sedar o gado. Então, depois que o nitrito de amila era levado ao nariz do animal para induzir batimentos cardíacos acelerados, seu sangue era retirado usando uma seringa grande. As pegadas eram escondidas envolvendo os pés em papelão, e maçaricos eram usados para derreter a neve, obliterando os rastros. Buracos redondos eram perfurados no chão para simular trens de pouso, numa tentativa de desorientar os investigadores. Tanto Bankston quanto Dugan afirmaram que os satanistas queriam que as mutilações parecessem o resultado de uma visitação extraterrestre.

As alegações dos homens geraram uma enxurrada de notícias. O público foi alternadamente acalmado pela perspectiva de uma explicação humana para as mutilações e horrorizado com a perspectiva de cultistas desenfreados.

Mas então esta fascinante explicação começou a desmoronar. Tanto Bankston quanto Dugan, em incidentes separados, escaparam da prisão. Ambos foram rapidamente recapturados, mas as autoridades suspeitaram que os homens haviam inventado suas histórias como parte de um elaborado plano de fuga depois de ler relatos de mutilações. Além disso, um repórter empreendedor do Texas obteve o registro criminal do homem que Bankston e Dugan identificaram como o líder do culto. O registro do homem mostrava que ele esteve na cadeia a maior parte do tempo em que Bankston e Dugan afirmavam que ele liderava as sessões cirúrgicas noturnas. Outros líderes do culto apontados pelos dois condenados passaram em testes de detector de mentiras quanto às suas atividades nas épocas em questão.

A enorme magnitude da teoria do satanista funcionou contra ela. Por exemplo, nos dois anos entre 1975 e 1977, mais de mil e quinhentas cabeças de gado foram mortas e mutiladas em vinte e dois estados. Isso significaria que os cultistas tiveram que localizar, anestesiar, matar e açougar mais de duas vacas por dia. Contando o tempo de viagem para cada ocorrência, os cultistas teriam que passar cada hora acordada abatendo gado.

"Realizamos extensas investigações disfarçadas sobre seitas naquela época", lembrou o chefe do CBI do Colorado, Whiteside. "Podíamos provar que esses grupos existiam, mas nunca pudemos provar que estavam envolvidos em qualquer atividade criminosa, incluindo mutilações de gado. Isso não significa que eles não foram responsáveis por alguns daqueles animais. Significa apenas que nunca conseguimos reunir nenhuma evidência sobre isso.

"Não teria importado de qualquer maneira... [Algumas] pessoas simplesmente não aceitarão uma solução terrestre e normal para esta coisa. Elas querem que sejam discos voadores ou uma conspiração do governo. Elas não aceitarão mais nada..."

Nenhum cultista jamais quebrou a hierarquia e falou sobre essa incrível façanha, e várias agências policiais não conseguiram encontrar evidências concretas que substanciassem essa possibilidade. Era tudo demais para engolir, e a teoria do satanismo foi rapidamente descartada pela mídia.

Mas no final da década de 1970, os relatos de mutilações de gado continuaram a aumentar, e os fazendeiros e policiais do oeste não estavam aceitando explicações superficiais de predadores e seitas satânicas. A questão finalmente chegou ao senador Harrison Schmitt, do Novo México, o último astronauta americano a andar na lua. Schmitt decidiu fazer algo sobre a questão da mutilação.

O Último Ataque

Schmitt agendou o que seria a primeira — e última — conferência sobre mutilações de gado em Albuquerque, Novo México, na última semana de abril de 1979. Abrindo a conferência, Schmitt afirmou:

Há poucas atividades mais perigosas do que um padrão de crime não resolvido. Há sempre o potencial para que tais crimes aumentem em frequência e gravidade se permanecerem não resolvidos e impunes.

Tal padrão perigoso de crime são as mortes por mutilação de milhares de cabeças de gado, cavalos e outros animais nos últimos vários anos. Esses crimes estão obviamente continuando, apesar dos excelentes esforços das autoridades policiais estaduais e locais e da crescente publicidade que os incidentes de mutilação receberam.

Por pelo menos cinco anos, e provavelmente mais, em pelo menos 15 estados, animais foram mortos e sistematicamente mutilados sem razão aparente por pessoas desconhecidas.

Um dos fatos mais extraordinários deste problema é que o grupo ou grupos responsáveis pelas mortes por mutilação mostraram disciplina quase sem precedentes. Não houve vazamentos ou informantes para auxiliar as autoridades policiais estaduais e locais em seus esforços de investigação.

Quando entrei na política em 1975, uma das primeiras questões que meus constituintes me apresentaram foi a perda de gado e outros animais por roubo e depois mutilação. Isso continuou até o presente. Agora, as perdas econômicas sofridas por indivíduos provavelmente atingiram US$ 2,5 milhões ou mais nacionalmente.

Em resposta a essas investigações e à minha própria curiosidade, comecei a reunir um arquivo sobre a história e a natureza das mortes por mutilação no Novo México.

Depois de saber que algumas das mutilações ocorreram em reservas indígenas, que são propriedade federal, e que o uso ilegal de helicópteros sem marcação pode ter estado envolvido, Schmitt conseguiu que o Departamento de Justiça autorizasse o envolvimento do FBI no caso de mutilação. Este foi um passo adiante, pois em 1975, o senador Floyd K. Haskell, do Colorado, havia pedido ao FBI para investigar mutilações, mas os oficiais do FBI recusaram. O então diretor do FBI, Clarence Kelley, disse que as evidências de atividades interestaduais não eram fortes o suficiente para justificar o envolvimento federal.

Schmitt, ao dar as boas-vindas aos convidados, descreveu o propósito da conferência de 1979 sobre mutilação animal como "definir melhor o escopo do problema, a base completa

para assistência federal às autoridades estaduais e locais e examinar as possíveis atividades do FBI que serão valiosas para resolver esses crimes".

"Finalmente, alguém vai fazer algo sobre isso", disse um deputado jubilante. Criadores de gado, fazendeiros e policiais de vários estados afluíram a Albuquerque, ansiosos para aprender o que poderia ser responsável pelas misteriosas mortes por mutilação.

Eles ficaram severamente decepcionados.

Desde o início, a conferência de um dia parecia colocar fazendeiros, policiais e pesquisadores particulares contra uma série de autoridades estaduais e federais que obviamente estavam assumindo uma atitude de "não vamos nos empolgar". Na verdade, quase todos os funcionários do governo, especialmente do setor federal, mostraram quase hostilidade em relação a toda a questão.

Até os especialistas estavam divididos. O Dr. James Prine, um patologista veterinário de Los Alamos, Novo México, disse que examinou seis carcaças de gado e concluiu que os "cortes" foram provavelmente causados por animais. Ele citou um incidente em que um cão da família fez lesões em um cavalo morto semelhantes às dos casos de mutilação. No entanto, o Dr. Clair Hibbs do Laboratório de Diagnóstico Veterinário do Estado do Novo México disse que, embora sua investigação de mutilações no Kansas tenha mostrado que algumas aparentemente eram obra de coiotes, várias outras indicavam o uso de instrumentos cirúrgicos.

Dezenas de policiais que participavam da conferência planejavam compartilhar suas evidências de mutilação, mas foram avisados contra isso no início da reunião pelo procurador dos EUA no Novo México, R. E. Thompson, que pediu aos oficiais "que não trouxessem à tona qualquer material probatório que pudesse ser usado em um julgamento posterior". Isso significava nenhuma declaração, nenhuma foto, nenhum relatório toxicológico, nada. Embora um Schmitt conciliador tenha insistido mais tarde para que os oficiais "não se esquivassem muito das evidências", muitos dos policiais presentes disseram em particular que se sentiram "amordaçados".

O Capitão Keith Wolverton do Departamento do Xerife do Condado de Cascade em Great Falls, Montana, foi um dos policiais que deveriam apresentar evidências sensacionais que reunira durante suas investigações de mutilação. Mas quando solicitado a apresentar seu material, Wolverton meramente anunciou: "Não tenho nada a oferecer neste momento." Mais tarde, quando perguntado se a decisão de não apresentar seu material foi inteiramente sua, Wolverton respondeu: "Não."

Assim, com os policiais efetivamente silenciados, a conferência rapidamente degenerou em discussões rancorosas entre fazendeiros irados e pesquisadores de mutilação contra

especialistas do governo e porta-vozes que ofereceram várias explicações, a maioria das quais centradas na ideia desacreditada de que os predadores estavam por trás da maioria das mutilações.

Aparentemente, até o Senador Schmitt começou a pensar duas vezes sobre sua cruzada para descobrir a verdade sobre as mutilações. No final da conferência sobre mutilação, Schmitt insistiu que uma força-tarefa científica multidisciplinar fosse criada para estudar o fenômeno e depois acrescentou: "Isso é tudo o que tenho a dizer."

Nenhuma força-tarefa desse tipo jamais se materializou. No entanto, quatro dias após a malfadada conferência, a Administração de Assistência à Execução da Lei (LEAA) anunciou a concessão de uma verba de US$ 50.000 para investigar mutilações de gado. O ex-agente do FBI Ken Rommel, que havia demonstrado ceticismo na conferência de Schmitt, foi colocado no comando.

Depois de um ano estudando apenas quinze das vinte e nove mutilações relatadas a ele, Rommel emitiu um relatório de 297 páginas intitulado "Operação Mutilação Animal" em maio de 1980. Como antes da divulgação de seu relatório oficial Rommel havia declarado que estava convencido de que não havia nada anormal acontecendo, não foi surpresa quando seu relatório concluiu: "Simplesmente não há evidências concretas para apoiar a teoria de que as mutilações estão sendo conduzidas como experimentos por indivíduos altamente qualificados usando instrumentos de precisão. Os fatos citados para apoiar essa crença são, na melhor das hipóteses, questionáveis e, em muitos casos, envolvem voos de fantasia inacreditáveis." Parecia que as mentalidades estavam novamente colidindo.

Mas, se nada mais, a conferência do Novo México foi uma excelente oportunidade para pessoas de vários estados interessadas em mutilações compararem notas.

Características das Mutilações

Pesquisadores e policiais descobriram que havia certos fatores comuns aos casos clássicos de mutilação. Entre eles estavam:

- A ausência de sangue. O gado mutilado era sistematicamente drenado de sangue, frequentemente através de pequenos buracos perfurados em sua veia jugular. Muitas evidências indicavam que o gado ainda estava vivo, embora inconsciente, quando o sangue era retirado.
- Cortes em animais mutilados exibiam conhecimento anatômico sofisticado, bem como o uso de instrumentos cirúrgicos. Em alguns casos, descobriu-se que os cortes incluíam cauterização térmica para selar o tecido circundante e os vasos sanguíneos, evitando a perda de sangue. Em casos onde mandíbulas e outros ossos foram cortados, não há detritos de

ossos ou poeira, indicando que algum tipo de sistema de vácuo de alta pressão pode ter sido usado.
- Na maioria dos casos, órgãos internos — especialmente os órgãos sexuais — foram removidos dos animais.
- Em algumas mutilações, foram encontradas evidências de radiação residual ou produtos químicos tranquilizantes.
- Números aumentados de avistamentos de OVNIs eram comuns nas áreas onde as mutilações ocorreram. Evidências físicas foram citadas em vários casos, como depressões circulares no solo e círculos achatados em plantações ou grama. Uma estranheza física envolveu uma pequena pasta ou maleta de plástico azul encontrada na propriedade de um fazendeiro do Colorado no final do verão de 1975. De acordo com um relatório do CBI, a maleta "continha um bisturi, parte de uma língua de vaca, uma orelha e várias luvas de inseminação artificial de comprimento de braço de plástico". Esta descoberta levou os policiais a especular que alguém poderia estar produzindo mutilações copiadas. Como o conteúdo da maleta não pôde ser ligado a nenhuma mutilação local, o chefe do CBI, Whiteside, disse que o assunto foi passado para outra jurisdição sem investigação.

Juntamente com os relatos de OVNIs, houve numerosos relatos de helicópteros apagados, sem insígnias ou números de identificação, vistos nas proximidades de mutilações de gado. Houve também relatos de grandes caminhões brancos semelhantes a vans com placas do governo vistos nas mesmas áreas. Alguns pesquisadores teorizaram que as vans eram usadas para transportar os helicópteros negros de um estado para outro.

Alguns animais mutilados foram encontrados com pernas e costas quebradas, até chifres cravados no chão, como se tivessem caído no chão de uma altura significativa. Sem nenhuma explicação oficial imediata para o fenômeno, a cobertura da questão da mutilação na grande mídia diminuiu, deixando apenas os jornais menores e semanais rurais para relatar as mutilações nas proximidades.

Embora estivesse claro que as mutilações continuavam, apenas um punhado de pesquisadores particulares dedicados continuou a compilar os desenvolvimentos em andamento. Em 20 de agosto de 1994, a Associated Press observou: "Relatos de gado mutilado, sugestivos de casos em todo o país há 20 anos, estão novamente em alta no Novo México. Nos últimos 16 meses, nove fazendeiros relataram 27 cabeças de gado mutiladas, o maior número perto de Eagle Nest..."

Um caso clássico foi relatado em maio de 1995, no Condado de Carroll, Tennessee, quando Jerry Chandler da fazenda J. B. Simmons perto de McKenzie descobriu um bezerro recém-nascido mutilado enquanto procurava por um touro desaparecido. De acordo com relatos da imprensa, "O bezerro estava sem seus órgãos reprodutivos e alimentares, lábio inferior, língua e olho esquerdo. Além disso, uma seção semicircular da orelha esquerda de aproximadamente uma polegada e meia de largura havia sido removida... A área ao redor da

seção de tecido da orelha em forma de meia-lua que faltava parecia muito lisa e com uma fina camada de contas marrons cobrindo-a, como se pudesse ter sido submetida a calor... Também incomum era a condição dos cascos do animal. A parte inferior de todos os quatro cascos havia aparentemente sido submetida a algum tipo de processo de moagem, deixando marcas serrilhadas profundas. Material do casco havia sido removido do apêndice dianteiro esquerdo a uma profundidade que quase erodiu para o leito abaixo. Não havia sangue visível em nenhum dos locais onde espécimes haviam sido removidos do animal — nem mesmo em um buraco grande e quase perfeitamente redondo de cerca de cinco polegadas de diâmetro na parte traseira do animal, onde a vagina e o ânus, e os órgãos internos conectados, haviam sido removidos... Uma coisa estranha foi a falta de rigidez no animal. Embora o animal tenha sido encontrado morto várias horas antes, ainda estava totalmente livre de rigor mortis e extremamente flexível. O pequeno acúmulo de sangue dentro da cavidade do corpo também parecia muito fluido e não mostrava sinais de coagulação." O Sargento Randall Dunn do departamento do xerife do condado inicialmente especulou que o bezerro foi morto por "adoradores do diabo", mas depois de estudar o animal no local, comentou: "Li sobre isso, mas nunca vi nada parecido... Não entendo como foi feito sem nenhum sangue em lugar nenhum." Um jornal local disse que várias pessoas, incluindo dois advogados, relataram helicópteros negros sem marcação nas proximidades antes da mutilação.

De acordo com as autoridades policiais, mais de sessenta mutilações de gado foram relatadas durante 1995 apenas no sudeste de Oklahoma. O sub-xerife Kenny McKee do Departamento do Xerife do Condado de McCurtain informou: "Sem pensar muito, tivemos duas mutilações de gado no segundo semestre de 1995 e acredito que já tivemos uma em 1996."

Uma daquelas que continuou a investigar o fenômeno da mutilação foi Linda Moulton Howe, que em 1979 era diretora de projetos especiais para a emissora afiliada da CBS Television em Denver. Com um mestrado em comunicação pela Universidade de Stanford, Howe já havia recebido vários prêmios locais, nacionais e internacionais por seu trabalho jornalístico, ganhando uma reputação por produzir documentários oportunos e incisivos.

"Em 1º de setembro de 1979, comecei a pesquisar mortes bizarras de animais", lembrou ela. "Grande parte do meu trabalho na televisão... envolvia histórias sobre questões ambientais. Pensei que talvez estivesse lidando com uma história de contaminação — talvez o governo tivesse liberado acidentalmente algum tipo de veneno na terra e estivesse fazendo verificações aleatórias em tecidos de animais em pastejo para monitorar a propagação da contaminação." Mas depois de vasculhar arquivos de jornais, Howe descobriu que mutilações de animais haviam sido relatadas em todo o mundo, com alguns relatos datando do século XVIII. Recortes de jornais amarelados e livros mostravam que o fenômeno da mutilação não era novidade. Houve relatos de mutilações de ovelhas na Grã-Bretanha e na Austrália no século XIX, alguns em conexão com avistamentos de OVNIs. Um dos

primeiros relatos ligando uma mutilação animal a OVNIs veio da edição de 23 de abril de 1897 do *Farmer's Advocate* de Yates Center, Kansas.

Em uma declaração juramentada, o fazendeiro de Yates Center, Alexander Hamilton, disse que foi acordado por volta das 22h30 do dia 19 de abril pelo berro de seu gado. Saindo de sua casa para investigar, Hamilton viu "uma aeronave descendo lentamente sobre meu curral a cerca de 40 varas da casa".

Ele descreveu a nave como em forma de charuto, com aproximadamente trezentos pés de comprimento, com um trem de pouso transparente e brilhantemente iluminado. Dentro da nave estavam "seis dos mais estranhos seres que ele já viu" que direcionaram um feixe de luz para ele. Hamilton disse que a nave começou a fazer um zumbido e subiu a uma altura de cerca de trezentos pés, de onde uma novilha de dois anos foi içada por meio de um cabo grosso. A nave então voou, deixando Hamilton olhando atônito.

No dia seguinte, Hamilton estava tendo dificuldade em acreditar no que havia acontecido até que soube de um fazendeiro vizinho que a pele, a cabeça e as pernas de sua novilha roubada foram encontradas.

Hamilton, ex-membro da Câmara dos Representantes dos EUA e membro respeitado de sua comunidade, afirmou: "Não sei se são demônios ou anjos, ou o quê, mas todos nós os vimos, e toda a minha família viu a nave, e não quero mais nada com eles."

Pessoas locais que assinaram uma declaração juramentada atestando que a história de Hamilton era "verdadeira e correta" incluíam o xerife local, o sub-xerife, o juiz de paz, o chefe dos correios, o registrador de escrituras, um banqueiro, um advogado e o farmacêutico. No entanto, o autor Jerome Clark disse que em meados da década de 1970, uma mulher idosa afirmou que Hamilton era membro de um Clube dos Mentirosos local e havia inventado a história como uma brincadeira.

Seja como for, o relato de Hamilton corresponde a outros relatos do período sobre gado encontrado abatido com precisão médica. Alguns relatos, datados do século XIX, vieram do Canadá, México, América Central e do Sul, Austrália, Europa e até mesmo das Ilhas Canárias, na costa oeste da África.

O que Diz Howe Sobre as Mutilações?

Intrigada por sua pesquisa sobre o mistério da mutilação, Howe produziu um documentário vencedor do Emmy em 1980 intitulado *A Strange Harvest* (Uma Estranha Colheita), que ligava as mutilações de gado a OVNIs. Em 1989, Howe publicou sua pesquisa em andamento em um livro intitulado *An Alien Harvest: Further Evidence Linking Animal Mutilations and Human Abductions to Alien Life Forms* (Uma Colheita Alienígena: Mais

Evidências Ligando Mutilações Animais e Abduções Humanas a Formas de Vida Alienígena).

Sua investigação cuidadosa e bem documentada eventualmente levou Howe a concluir que duas forças separadas parecem envolvidas nas mutilações dentro dos Estados Unidos: objetos voadores não identificados de origem desconhecida e helicópteros sem marcação, aparentemente de origem governamental. Ela ficou intrigada com relatórios oficiais do governo indicando orientação inteligente dos OVNIs.

Um desses relatórios do quartel-general do Comando de Defesa Aeroespacial da Força Aérea incluía uma seção do diário do diretor do Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte (NORAD) datado de 8 de novembro de 1975. O relatório afirmava que dois caças F-106 foram enviados da Base Aérea de Malstrom em Montana para perseguir até sete OVNIs viajando a doze mil pés. O documento afirmava ainda que "[observadores da força aérea] relataram que quando os F-106 estavam na área, os alvos desligavam as luzes, e quando os F-106 saíam, os alvos ligavam as luzes. Os F-106 nunca obtiveram contato visual ou de radar em nenhum momento devido à distância do terreno. Este mesmo tipo de atividade foi relatado na área de Malstrom por vários dias..." Howe e outros pesquisadores viram este relatório como uma evidência firme de que esses OVNIs estavam sob controle inteligente.

Howe continuou a acompanhar a história da mutilação de gado na década de 1990, e os relatos se tornaram ainda mais estranhos, como o caso de Bill e Linda Dzuris. O casal trabalhou com gado a vida toda. Em 9 de setembro de 1982, o casal encontrou uma vaca prenhe de seis anos mutilada em um campo a menos de meia milha de sua casa. No relatório oficial do xerife, constava que havia um buraco de cerca de dois pés de diâmetro onde o reto estivera, a maior parte do úbere estava faltando, e parecia que "essas áreas foram cortadas por algum tipo de instrumento, em vez de serem arrancadas por algum tipo de animal".

Era uma mutilação de gado típica, exceto por uma coisa — esta vaca foi morta e mutilada em plena luz do dia.

Os Dzurises relataram que haviam verificado a vaca ao meio-dia. "Estava tudo bem. Então voltamos para casa e almoçamos", lembrou Linda Dzuris mais tarde. "Trabalhamos ao ar livre no caminhão a tarde toda. Era um belo dia e não tínhamos visto nem ouvido nada." Às 17h00, quando Bill Dzuris saiu para buscar uma carga de feno, ele viu a vaca deitada morta no campo.

Um relato ainda mais estranho veio de um fazendeiro perto de Waco, Texas, que pediu para não ser identificado. Ele contou ter tropeçado em duas "criaturas" de quatro pés de altura enquanto procurava por uma vaca desaparecida. Em uma entrevista com Howe, o fazendeiro relatou como viu o par carregando um bezerro entre eles. Ele descreveu os sequestradores

de bezerros como parecidos com adultos pequenos, nem gordos nem magros, mas ligeiramente musculosos. Suas cabeças tinham a forma de ovos com a extremidade menor para baixo. Não havia cabelo nem nariz. Seus olhos eram inclinados para cima e terminavam em ponta. "Eles tinham olhos oblíquos", disse ele, "como grandes amêndoas escuras. Tive medo que me vissem. Li tudo sobre essas abduções e não queria que me levassem em algum disco voador! Desci a colina bem rápido até meu caminhão."

O fazendeiro disse que dois dias após seu encontro, ele retornou ao local com sua esposa e filho. Eles encontraram a pele do bezerro virada do avesso no chão. Perto dali estava a espinha dorsal do bezerro, mas sem costelas. Não havia sinal de sangue ou predadores.

Com histórias como esta, era óbvio que a necessidade de acalmar o público era tão forte quanto sempre. Quatro anos após o relatório de Rommel de que nada realmente estava acontecendo, a preocupação pública com as mutilações foi ainda mais apaziguada com a publicação em 1984 de *Mute Evidence* (Evidência Muda), escrito por Daniel Kagan e Ian Summers. Kagan, um residente da cidade de Nova York que fora cantor de rock, oficial penitenciário, gerente de um teatro itinerante, além de editor de revistas e livros, e Summers, ilustrador de livros e escritor de ficção científica, afirmaram ter resolvido o problema da mutilação que havia frustrado especialistas profissionais em animais e policiais por anos. Inclinando-se amplamente para a crença de que seitas estavam por trás de algumas poucas mutilações de gado e os demais relatos eram resultado de histeria, Kagan e Summers proclamaram: "As mutilações são, em sua maior parte, inexistentes." Seu viés era óbvio desde o início quando, ao relatar as palavras do senador Schmitt, escreveram: "Era um senador falando, não algum louco por discos voadores." Eles também pareciam aceitar acriticamente a palavra de porta-vozes "oficiais", como se o conceito de que funcionários do governo pudessem — por necessidade percebida — esconder a verdade nunca lhes tivesse ocorrido.

Eles encontraram amplo espaço para atacar os pesquisadores particulares. Embora admitindo relutantemente que o filme de Linda Howe *Strange Harvest* "parecia um documentário — com narração, entrevistas em câmera com policiais, fazendeiros e cientistas, legendas indicando as datas e locais onde essas pessoas foram entrevistadas e demonstrações práticas", eles insistiram que era "inteiramente um produto da visão singular de Linda Howe sobre o fenômeno da mutilação de gado". Mais tarde, eles afirmaram: "Seu verdadeiro objetivo era mostrar de forma bastante descarada. Não importava se sua 'investigação' produzia informações confiáveis. O que importava era como Linda Howe se beneficiaria das mutilações de gado e dos OVNIs." Aparentemente, eles nunca pretenderam lucrar com seu próprio livro.

"Não há nada na minha vida profissional que sugira que minhas investigações foram motivadas por lucro", respondeu Howe em uma entrevista recente. "No meu tempo como funcionária da KMEH-TV, a afiliada da CBS em Denver, Colorado, eu recebia um salário

semanal como diretora de projetos especiais, que incluía muitos documentários além das mutilações de gado. Kagan e Summers apenas provaram que equipe de pesquisa desagradável e incompetente eles são. Pelo que pude perceber, eles nunca pretenderam fazer um relatório significativo em seu livro. No início, eles vieram à estação de TV, assistiram ao meu documentário comigo. Então Daniel Kagan passou a me dar uma lição de que não havia nada nas mutilações de animais, exceto predadores, e que eles provariam isso em seu livro. Então você pode ver que não havia nada de objetivo na chamada investigação deles."

Kagan e Summers banalizaram os numerosos relatos de mutilação como boatos, mas aceitaram relatos policiais de ampla atividade de seitas, apesar de esses relatos serem em grande parte também boatos e histórias de informantes pagos, que estão dispostos a contar às autoridades o que quer que elas queiram ouvir. Eles foram forçados a notar que nunca houve prisões ou condenações de cultistas em conexão com as mutilações de gado, uma circunstância decididamente estranha se os assassinatos horríveis tivessem sido de fato perpetrados por atividades de seitas em larga escala em muitos estados.

Outro pesquisador atacado por Kagan e Summers foi Tom Adams, que em 1978 começou a publicar um boletim informativo intitulado *Stigmata* para disseminar informações sobre as mutilações. Adams, ainda ativo nos círculos de pesquisa de OVNIs, fez questão de manter uma atitude objetiva em suas declarações públicas. Kagan e Summers ficaram decepcionados quando não conseguiram forçar Adams a fazer uma declaração que pudessem usar contra ele em seu livro. "Ele evitou o dilema simplesmente recusando-se a responder à pergunta. Ele tentou inverter a situação para nós. 'Bem, isso depende de como você define objetividade. Como você a define?' ele perguntou. Chegamos a um impasse. Tom Adams nunca tiraria sua máscara", escreveram eles, aparentemente incapazes de aceitar que a tentativa de Adams de ser objetivo era sincera. Hoje, Adams disse que ainda não expressa uma opinião porque "não tenho opinião. Ainda estou tentando permanecer objetivo e deixar a evidência levar à sua própria conclusão". Ele acrescentou: "Mas desafio qualquer pessoa racional e objetiva a olhar para as evidências, todas as evidências, e dizer que não há nada nisso."

A perspectiva dos sofisticados Kagan e Summers refletiu mais uma vez a mentalidade. Eles escolheram acreditar nos boatos oficiais em vez dos boatos de testemunhas oculares e descartaram a própria ideia de que as autoridades pudessem encobrir evidências de mutilação. Assim, incapazes de provar a inexistência das mutilações — afinal, havia muitas vacas mortas — Kagan e Summers recorreram a oferecer algumas opiniões psicológicas questionáveis sobre o fenômeno.

Embora admitissem que a "pequena tribo de mutologistas" não começou tudo, eles concluíram que tais pesquisadores, com o lucro como motivo, forneceram a uma mídia suscetível histórias de terror que, por sua vez, levaram pessoas bem-intencionadas a simplesmente ver uma mutilação onde nenhuma existia.

"Uma vez que as pessoas assumiram que havia mutilações de gado e que havia algo bizarro nelas, suas percepções seguiram suas crenças. Elas começaram a ver 'evidências' onde não havia nenhuma, porque assumiram que as evidências estariam lá. Começaram a ler significado em eventos sem sentido", escreveram eles. Para Kagan e Summers, as mutilações de gado eram simplesmente um subproduto da época — o desencanto com a Guerra do Vietnã, a confiança abalada no governo graças ao Watergate e aos escândalos da CIA. Estava tudo em nossas cabeças.

O desmascarador Curtis Peebles ecoou este refrão quando escreveu: "A imagem que se tem [das mutilações de gado] em retrospecto era a do desenvolvimento de um mito paralelo — ligado ao mito do disco voador, mas ainda separado, existindo fora dele."

Esta foi a mesma psiquiatria de meia-tigela e teoria não comprovada usada para negar a existência dos OVNIs em primeiro lugar. Mas ao contrário da escassez de evidências físicas no caso dos OVNIs, ainda restava o problema de explicar todas as vacas mutiladas e as histórias estranhas associadas, como as de dois fazendeiros do Colorado.

Em 23 de dezembro de 1985, o *Rocky Mountain News* de Denver publicou uma história de mutilação que parecia envolver um OVNI. Myron Scott, um jovem fazendeiro perto de Trinidad, Colorado, viu luzes pairando acima de um pasto próximo. No dia seguinte, Scott encontrou um boi morto no local. De acordo com o recorte de jornal, "Scott disse que está acostumado com a morte. Ele perde algumas cabeças de gado por raios e doenças a cada ano. Mas disse que nunca tinha visto nada parecido com isso. A pele do boi de seiscentas libras foi puxada sobre seu corpo 'como se enrolasse um papel de cigarro'; sua língua foi cortada e seus chifres e coluna foram quebrados como se tivesse caído de uma altura considerável. No entanto, não havia vestígios de sangue, nem pegadas. Rastros de coiotes pararam a cerca de 30 pés do corpo." A experiência de Scott, multiplicada por centenas mais, mostrava claramente que um fenômeno genuíno estava ocorrendo, não apenas imaginações superaquecidas devido a relatos da mídia.

Um ex-marechal dos EUA que se tornou fazendeiro de gado pode ter vislumbrado uma das misteriosas naves. No final da tarde de agosto de 1993, Leslie D. Weisenhorn estava irrigando campos em sua fazenda perto de Holly, Colorado, quando viu uma grande "cúpula" prateada agachada no chão em um pasto. Com base na distância entre os postes da cerca, Weisenhorn estimou o objeto com cinquenta pés de largura e cerca de doze pés de altura. "Estava quase brilhando", lembrou ele, "e a princípio pensei que fosse um grande reboque de gado velho. Achei que alguém estava roubando gado. Então corri de volta para casa para pegar minhas armas. Eu ia atirar neles e depois chamar o xerife para vir buscar os corpos." Weisenhorn correu de volta para sua casa, vestiu um colete à prova de balas e pegou duas armas. Voltando ao campo, descobriu que o objeto havia desaparecido. Ele ficou intrigado por não encontrar pegadas — nem de pneus nem de pés — no campo lamacento.

No entanto, ao verificar o campo no início da manhã seguinte, ele descobriu que um de seus bezerros estava morto devido a incisões precisas, mas sem sangue. "Foi estranho", disse Weisenhorn. "Dava para perceber que este bezerro de 350 a 400 libras havia sido girado em um círculo quase perfeito pelas marcas na lama, mas não havia pegadas ou marcas de pneus em lugar nenhum. Nenhuma das outras vacas vinha para aquela seção do campo e até a própria mãe do bezerro não se aproximava." Weisenhorn, que se aposentou como supervisor de marechais após dezessete anos de serviço federal, disse que o governo sabe muito mais do que admite sobre essas coisas. "Eles não querem que as pessoas saibam que, na escala evolutiva, não somos muito mais evoluídos do que a formiga comum", comentou ele.

Em agosto de 1995, Weisenhorn encontrou outro boi mutilado no mesmo local. "Este é o mesmo tipo de ligação substancial entre mutilações e OVNIs que vem acontecendo há quarenta anos", comentou Howe.

Howe disse que o caso que mais a convenceu de que extraterrestres estavam por trás das mutilações envolveu uma mulher chamada Judy Doraty, que pode ter sido uma das únicas pessoas a realmente testemunhar uma mutilação animal em andamento.

A mulher sofria de dores de cabeça e ansiedade por vários anos até que, em 1978, foi submetida à hipnose, que revelou memórias de uma abdução.

Uma Abdução Lembrada

Em 13 de março de 1980, a pedido de Linda Howe, Judy Doraty foi submetida à hipnose pelo Dr. Leo Sprinkle, então diretor da Divisão de Aconselhamento e Testes da Universidade do Wyoming em Laramie. Foi então que todo o seu calvário veio à tona.

Era fim da noite em maio de 1973, quando Doraty, sua filha adolescente, sua mãe, sua cunhada e seu cunhado voltavam para casa depois de jogar bingo em Houston, Texas. "O que é aquela luz?" perguntou sua mãe, apontando para fora da janela do carro. "Acho que é um helicóptero", disse o cunhado. "Veja aquele grande holofote. Eles devem estar procurando por algo."

"Mas não está se movendo", comentou Doraty.

Após várias milhas, a luz ainda pairava no céu noturno.

"É um helicóptero, eu lhe digo. Provavelmente está indo para o Aeroporto de Galveston. Está se afastando de nós e é por isso que não parece se mover", ofereceu o cunhado. A luz não mudava de tamanho. Todo o episódio estava começando a intrigar Doraty, então ela encostou o carro na estrada e ouviu o som das hélices do helicóptero.

Não havia som no ar noturno. Ela saiu do carro e pôde ver que havia algo sólido por trás da luz brilhante. Caminhando até a parte traseira do carro, ela viu uma luz amarela pálida se estendendo até o chão a partir da nave pairando. Era uma luz que parecia ter substância, como partículas de poeira em movimento de redemoinho.

Olhando para cima, ela viu um bezerro na luz, parecendo bem pequeno enquanto era puxado para cima em direção à luz. Imediatamente, ela teve a sensação de que não deveria estar vendo aquilo. "Não devo falar sobre isso", pensou ela. "É um acidente que eu esteja vendo isso."

De repente, Doraty sentiu como se estivesse em dois lugares separados ao mesmo tempo. Parte dela ainda estava parada à beira da estrada, enquanto outra parte estava dentro da nave pairante. A parte dentro da nave estava ciente de dois pequenos humanoides parados ao seu lado. Eles tinham mãos longas semelhantes a garras e cabeças grandes. Tinham apenas cerca de três pés de altura. Usavam macacões cinzentos, e a pele de suas mãos e cabeças parecia branca e um tanto translúcida. Seus olhos eram grandes, sem pálpebras. Eram penetrantes e assustadores.

Os "homens" estavam falando com ela em inglês, com vozes agudas, como se alguém estivesse segurando o nariz enquanto falava. Ela não os via falar com a boca, mas os ouvia distintamente. Ela passou a sentir que a comunicação deles era mental.

"Você não deveria estar aqui", era a mensagem. De alguma forma, ela sabia que estava em um laboratório onde o par conduzia testes. Mas não era o momento certo para explicar o que os testes eram. O par indicou que estavam estacionados aqui na terra e apenas fazendo um trabalho. Eles indicaram que seu trabalho era necessário e para o melhoramento da humanidade — que a humanidade poderia se destruir através da poluição. Embora ela ouvisse atentamente, os homens disseram que ela provavelmente não entenderia sua explicação.

O problema aparentemente envolve toxinas feitas pelo homem passando pela cadeia alimentar. Tem algo a ver com produtos químicos e mudanças químicas. Tem algo a ver com testes nucleares ou resíduos, que estão causando uma mudança em certas composições químicas. Muito mais está envolvido do que simples poluição.

Ela entendeu que o problema já havia passado de um certo estado. Ele passou da água para a vegetação e depois para os animais. Foi dito a ela que a situação ainda pode ser revertida, mas ainda haverá perda de vidas porque chegou ao ponto em que há tanto veneno na água que as pessoas vão morrer por causa disso. A extensão da contaminação estava sendo determinada pelo estudo do sistema reprodutivo dos animais.

Doraty decidiu que estava sendo tratada como criança pelo par. Se eles sentissem necessidade de responder às suas perguntas, o fariam. Caso contrário, a ignoravam ou a faziam sentir-se estúpida por fazer perguntas.

Ela perguntou ao par sobre Deus e eles responderam: "Ele é o mesmo para nós que é para você."

Todo o tempo, o par continuava trabalhando no bezerro que havia sido levado para a nave. Ele estava em uma pequena sala redonda. Movendo-se rapidamente, os dois excisaram partes do bezerro. Por alguma razão, o coração do bezerro não foi removido e ele não morreu imediatamente. Sondas foram inseridas em várias partes do bezerro. Houve exames dos dentes, língua, olhos, orelhas e órgãos reprodutivos. Eles estavam particularmente interessados nos órgãos reprodutivos porque disseram que, a cada geração, o veneno se torna mais pronunciado.

Doraty entendeu que esses testes não se limitavam ao gado, mas eram feitos em quase todos os animais imagináveis. Ela observou enquanto o bezerro era jogado no chão perto de onde havia sido levado. Ele estava morto, e ela ficou enojada com o que testemunhara. Ela ouviu os dois seres rindo e dizendo que ela não se lembraria de nada do que aconteceu de qualquer maneira. "É como se eles estivessem ocupados fazendo o que quer que estejam fazendo e simplesmente não quisessem se dar ao trabalho de perder tempo para me fazer ir embora", pensou consigo mesma.

Então veio a experiência mais horrível de todas.

Doraty viu sua filha Cindy estendida em uma mesa na nave. Ela temia que fizessem com ela o que haviam feito com o bezerro. Os homens examinaram Cindy, fazendo raspagens de tecido da parte interna de sua boca.

Mas logo Doraty e sua filha estavam de volta ao carro. Ninguém no carro se lembrava do encontro com a nave. Mas a estranha luz no céu as seguiu para casa e foi vista por parentes e vizinhos. Várias crianças perseguiram a luz até um pasto próximo, onde ela subitamente disparou diretamente para cima e desapareceu no céu noturno.

Este e muitos outros relatos semelhantes criaram uma sensação de admiração em Howe, a veterana documentarista. As mutilações obviamente representavam um fenômeno que persiste até hoje. "Nunca houve um ano desde 1967 em que mutilações não tenham sido relatadas, então não é como se eles tivessem conseguido o que precisavam e fossem embora", disse ela. "É uma situação contínua."

Ao longo de seus anos de pesquisa, Howe conheceu e conversou com muitas pessoas no governo e nos militares. Ela está convencida de que há alguma conexão entre o governo e as

mutilações de gado. Seu melhor palpite é que o governo — na forma de helicópteros negros sem insígnias e caminhões sem marcação com placas oficiais — está rastreando as mutilações, que estão sendo cometidas por outra pessoa — ou algo mais.

Ela citou um caso documentado na década de 1970, quando um xerife e seus deputados se juntaram a alguns fazendeiros temerosos para vigiar um pasto onde mutilações haviam ocorrido repetidamente. Nada foi visto ou ouvido, e quando amanheceu, o xerife voltou ao seu escritório para deixar algumas coisas antes de ir para casa dormir um pouco. Mal havia chegado ao seu escritório quando seu telefone tocou. Era o fazendeiro com quem ele havia passado a noite informando que uma vaca mutilada havia sido encontrada bem no meio do pasto que eles haviam vigiado a noite toda. Este não foi o único relato desse tipo.

"Seja qual for o fenômeno, ele é capaz de se ocultar", comentou Howe. Esta avaliação é apoiada pelo físico aposentado dos Laboratórios Sandia, Dr. Henry Monteith. Depois de estudar mutilações extensivamente, o Dr. Monteith concluiu que não humanos que eram capazes de se tornar invisíveis estavam conduzindo um "programa de testes ambientais". Ele descobriu que os índios do Sudoeste estavam particularmente aterrorizados com o fenômeno, enterrando carcaças assim que eram encontradas. No entanto, os índios o aconselharam a não investigar a questão, dizendo: "As 'pessoas estelares' sabem o que estão fazendo e devem ser confiadas."

"No geral", escreveu Howe, "as características estranhas dessas mutilações sugerem que a tecnologia humana não está envolvida, e causas naturais definitivamente não podem explicá-las, o que levanta a questão: como isso ocorre? A atividade alienígena tem que ser considerada... Estou convencida de que uma ou mais inteligências alienígenas estão afetando este planeta. Gostaria de saber o que são, o que querem e por que o governo é tão silencioso. O engano marca o comportamento de ambos."

Howe está convencida do conhecimento do governo sobre a realidade dos OVNIs por causa de algo que aconteceu com ela no início dos anos 1980.

"Em 9 de abril de 1983, fui levada à Base Aérea de Kirtland, em Albuquerque, a um escritório onde um agente do Escritório de Investigações Especiais da Força Aérea tirou um envelope e disse que seus superiores lhe haviam pedido para mostrar aquelas páginas para mim. Elas continham um resumo da recuperação pelo governo de vários discos acidentados e corpos alienígenas, incluindo um alienígena vivo de uma segunda queda perto de Roswell em 1949. O documento dizia que este extraterrestre havia sido mantido até morrer de causas desconhecidas em 18 de junho de 1952. Então o documento resumia algumas das informações que haviam sido aprendidas com esta forma de vida distintamente alienígena sobre nosso planeta e o envolvimento de sua civilização com o planeta. Um dos parágrafos dizia: 'Todas as perguntas e mistérios sobre a evolução do Homo sapiens neste planeta foram respondidos e este projeto está encerrado.'

"Lembro-me de ler essas palavras, e lê-las uma segunda vez, e lê-las uma terceira vez enquanto as implicações de uma frase tão surpreendente me dominavam. Porque o documento estava insinuando que esta forma de vida alienígena cinzenta havia sido capaz de responder a todas as perguntas do governo sobre a evolução do Homo sapiens. Além disso, afirmava que esses extraterrestres cinzentos estavam pessoalmente envolvidos nas manipulações genéticas de primatas já em evolução neste planeta, sugerindo que o Cro-Magnon era o resultado da manipulação genética pelos extraterrestres cinzentos. Bem, se alguma ou toda essa informação for verdadeira, então o que estamos nos aproximando, após décadas de mutilações de animais e abduções humanas e surtos de OVNIs e todo o drama associado ao fenômeno nas últimas quatro ou cinco décadas, pode ser algum tipo de introdução entre eles e nós."

Mas Howe, como todos que pesquisaram o fenômeno da mutilação de gado, ainda estava intrigada. Por que as mutilações eram realizadas principalmente em vacas?

A resposta a esta última pergunta pode ter vindo de uma história da United Press International que foi veiculada nos fios de notícias em fevereiro de 1984: "Um cientista descobriu que os humanos compartilham muitos de seus segredos genéticos mais íntimos, representados por cromossomos de 'correspondência perfeita', com outro mamífero — as vacas", relatou a UPI.

"A descoberta foi inesperada e só se desenvolveu nos últimos meses", disse James Womack, um geneticista animal da Texas A&M University. "O que estamos encontrando são grandes pedaços de cromossomos de gado idênticos a grandes regiões de cromossomos humanos. São grandes blocos de material homólogo, correspondências perfeitas. Os genes caem na mesma sequência. Devemos ter mais em comum [com outros mamíferos] do que se acreditava anteriormente."

Os pesquisadores especularam que talvez os ocupantes dos OVNIs estejam estudando vacas para determinar como a radiação produzida pelo homem, tanto atômica quanto eletromagnética, e a poluição ambiental estão afetando os humanos. Afinal, eles dizem que somos o que comemos. E obviamente ninguém ficou tão irritado com algumas vacas mutiladas quanto ficaria com um número semelhante de humanos mutilados. Howe especulou que "ETs estão colhendo ácido desoxirribonucleico (os blocos de construção da vida conhecidos como DNA) para criar clones biológicos, robôs ou algo inimaginável."

Nos últimos anos, muitos pesquisadores chegaram à firme convicção de que o fenômeno da mutilação está claramente ligado de alguma forma à questão das abduções humanas. "A maioria dos relatos de pessoas que acreditam ser abduzidas envolve ênfase na sexualidade humana, procriação e experimentação médica. E, é claro, o ponto de conexão são os OVNIs", disse Howe. "Acho que o paralelo mais importante e definitivo entre as mutilações

de animais e as abduções humanas é este. Nos casos de abdução humana, pedaços de tecido de várias partes do corpo são frequentemente retirados. Nas mulheres, há frequentemente relatos de exames vaginais de algum tipo e a remoção de óvulos dos ovários. Nos homens, é comum ter a descrição de que o sêmen é removido de alguma forma. Em ambos os casos, há um foco nos órgãos reprodutivos...

"Quando você vai para as mutilações de animais, tem um paralelo no sentido de que o tecido é excisado. Grandes quantidades de fluido são removidas. Os genitais são retirados, na maioria das vezes. Há um paralelo aí, mas a diferença é que os animais são devolvidos aos pastos mortos e mutilados, enquanto os humanos, na maioria das vezes, são devolvidos com essas excisões estranhas, ou queimaduras, ou várias coisas feitas em seus corpos; mas eles estão vivos."

Ataque do Chupacabra

Começando em março de 1995, uma nova característica apareceu na história da mutilação animal — relatos de mortes estranhas de animais sem sangue em Porto Rico que se espalharam para o México e para o Texas. Ao contrário das mutilações clássicas de gado, essas mortes foram atribuídas a uma criatura, ou criaturas, frequentemente vistas pelos residentes.

Muitos animais, desde galinhas e pássaros de estimação até vacas e cavalos, foram encontrados drenados de sangue e com marcas de punção incomuns e uma substância viscosa desconhecida em seus corpos.

Marcas de punção circulares grandes foram encontradas nas ancas, pescoços e até mesmo no topo da cabeça.

Os supersticiosos ilhéus imediatamente apelidaram o assassino de *Chupacabra* (suga-cabras) e tentaram ligar a besta a lendas indígenas antigas. A polícia e as autoridades governamentais foram menos criativas. Atribuíram as mortes dos animais a matilhas de cães selvagens ou macacos fugidos de algum laboratório. Nenhuma das duas explicações era aceitável para os cidadãos assustados. Matilhas de cães não haviam apresentado problemas no passado, e a ideia de que um pequeno macaco pudesse matar e drenar uma grande vaca ou cavalo parecia absurda.

Além disso, várias pessoas relataram ter visto o culpado, e suas descrições eram consistentes. Era descrito como uma criatura de quatro pés de altura com poderosas patas traseiras, antebraços finos terminando em mãos de três dedos com garras longas, um torso em forma de pêra coberto por pêlo cinza fino com manchas escuras, e encimado por uma grande cabeça oval com pequenas fendas para narinas e boca. A coisa mais notável sobre o

Chupacabra eram seus olhos vermelhos grandes e inclinados, que, de acordo com alguns relatos, realmente emitiam luz.

Como nas mutilações de gado, parecia haver uma conexão entre os Chupacabras e os OVNIs. A maioria dos relatos de ataques a animais veio de áreas com um grande número de avistamentos de OVNIs. Jose Soto, o prefeito de Canvanas, Porto Rico, disse que mais de 150 mortes de animais foram atribuídas ao Chupacabra e acrescentou que acreditava que a criatura poderia ser do espaço sideral.

Apesar dos apelos dos afetados pelos ataques do Chupacabra, as autoridades porto-riquenhas reagiram da mesma forma que o governo dos EUA reagiu oficialmente aos OVNIs — não fizeram nada, aparentemente na esperança de que os relatos desaparecessem. Não desapareceram. Em 1996, os relatos continuavam a chegar e várias tentativas de base para matar ou capturar um Chupacabra provaram ser infrutíferas.

No final da primavera de 1996, os relatos de Chupacabras se espalharam para o México com um acréscimo sinistro — a lista de vítimas agora incluía humanos. Um trabalhador rural não identificado no estado mexicano de Jalisco foi tratado em uma clínica da vila por feridas de mordida. Ele afirmou ter sido atacado por "uma besta de três pés de altura com um focinho enorme e pele escura e aveludada". De acordo com um relato da imprensa, "Tem as presas de um vampiro, as asas de um morcego e a personalidade de um extraterrestre."

Relatos do Chupacabra chegaram do campo, levando o *Mexico City Times* a proclamar: "Febre do Suga-Cabras Varre a Nação." O estado de Sinaloa até criou uma força-tarefa para lidar com o problema. Este grupo concluiu que não existe suga-cabras, mas que a poluição está tão grave que está levando animais comuns — cães selvagens e lobos — a um comportamento enlouquecido. Ernesto Enkerlin, biólogo da vida selvagem do Instituto Tecnológico de Monterrey, afirmou: "Isso é um sinal de psicose coletiva. Não sei se é a crise [econômica] ou o quê, mas isso é uma quantidade exagerada de barulho sobre uma ocorrência bastante comum."

No verão, os relatos do Chupacabra estavam chegando de Miami, onde as autoridades do Condado de Dade descartaram a morte de quarenta animais em três dias como ataques de cães selvagens. Então veio um relato da cidade de Donna, no extremo sul do Texas, curiosamente, não muito longe da cidade de Puerto Rico. Foi aqui que Sylvia Ybarra descobriu sua cabra de estimação, Nena, morta devido a três feridas de punção no pescoço no início de maio de 1996. "Estou com medo", sua mãe, Maria, disse a repórteres. "Tenho muitos netos por aqui. Sempre tivemos muitos animais e isso nunca aconteceu antes." Steve Edelstein, um veterinário local, disse que Nena provavelmente foi atacada por um cão e as mordidas infeccionaram.

Com estações de rádio e TV em espanhol veiculando relatos sensacionais dos ataques, a notícia do Chupacabra cresceu para incluir uma música e um videogame. Mas, lendas, músicas, jogos e "psicose coletiva" à parte, as autoridades ainda estão com centenas de animais mortos por estranhas feridas de punção, mortos por uma criatura que testemunhas ligaram a OVNIs. As teorias sobre os Chupacabras variam de alienígenas espaciais famintos a experimentos genéticos da CIA que deram errado.

Mas se os pesquisadores pensavam que as mutilações de gado e os Chupacabras os estavam deixando tontos, outro campo misterioso dos OVNIs começou a ganhar notoriedade pública — os intrigantes padrões nas plantações.

CAPÍTULO 10

ANDANDO EM CÍRCULOS

Em 14 de novembro de 1976, Joyce Bowles e um amigo, Ted Pratt, estavam dirigindo na Chilcomb Lane, perto de Winchester, em Hampshire, Inglaterra, quando o motor do carro parou subitamente. O par observou surpreso enquanto um grande OVNI pousava nas proximidades e um ser alto em um traje prateado se aproximava de seu carro.

A Sra. Bowles e Pratt foram posteriormente levados para uma sala — presumivelmente dentro do OVNI — onde foram recebidos por três seres altos. Mais tarde, após relatar sua experiência, a Sra. Bowles disse que recebeu telefonemas de alguém que disse que o governo britânico estava irritado com a publicidade dada à sua história e a avisou para ficar quieta. Segundo relatos, ela respondeu ao interlocutor: "Este é um país livre e falarei com quem eu quiser, e nem você nem o governo vão me impedir."

A experiência de Bowles teria sido apenas mais uma na longa linha de histórias de avistamentos e contatos com OVNIs, não fosse por uma coisa: Sete semanas após o encontro e a cerca de mil e duzentas jardas ao longo da Chilcomb Lane, foi descoberto um dos primeiros círculos nas plantações amplamente divulgados.

Círculos nas plantações são, simplesmente, círculos que têm sido descobertos cada vez mais em campos de grãos como trigo, centeio, cevada, aveia e colza (uma erva europeia semelhante ao repolho, alimentada a ovelhas e porcos). Outras plantações, como milho, também foram afetadas. Começando no final da década de 1970, círculos nas plantações apareceram regularmente no sul da Inglaterra, com a maior concentração nos grandes

condados produtores de grãos de Wiltshire e Hampshire. Muitos círculos nas plantações nesta região foram encontrados perto de algumas das estruturas mais misteriosas do mundo — os gigantescos círculos de pedra de Avebury e Stonehenge e a lendária colina artificial de Silbury. Alguns pesquisadores se perguntaram se os criadores dos círculos são atraídos para esses lugares ou se essas antigas estruturas circulares foram construídas em reverência aos círculos misteriosos.

Embora amplamente ignorados no início, os círculos nas plantações eventualmente cresceram e se tornaram uma subdivisão popular do campo dos OVNIs. Como o gado mutilado, as evidências permaneceram no local por algum tempo, disponíveis para medição e estudo. Mas ao contrário das mutilações de animais, que envolviam morte e destruição não naturais, o fenômeno dos círculos nas plantações envolvia visões de beleza natural e a aparência inspiradora de design inteligente.

Como com outras questões relacionadas a OVNIs, um estudo aprofundado revelou que os círculos nas plantações não eram um fenômeno recente — apenas a ampla divulgação deles. Um relato datava de 1633, quando um Sr. Hart caminhando à noite em um campo de Wiltshire encontrou "círculos verdes" com "uma quantidade inumerável de pigmeus ou pessoas muito pequenas dançando em volta". Ele relatou que as pequenas criaturas "beliscaram-no todo, e fizeram uma espécie de ruído de zumbido rápido o tempo todo".

Outro relato de 1678 referia-se ao "diabo ceifador" de Hartfordshire, que impressionou e assustou um fazendeiro ao cortar misteriosamente seu campo de aveia durante a noite. O diabo "cortou-as em círculos redondos, e colocou cada palha com tanta exatidão que levaria mais de uma era para qualquer homem realizar o que ele fez naquela única noite."

É claro que esses relatos antigos estão abertos a várias interpretações. Portanto, enquanto alguns pesquisadores afirmam que podem se referir a círculos nas plantações, nenhuma prova definitiva disso foi oferecida. No entanto, está claro que o fenômeno começou antes da década de 1970. Quando Simon Brown, um fazendeiro veterano perto de Winchester, foi informado em agosto de 1986 de que um círculo clássico nas plantações havia sido descoberto em um de seus campos, ele respondeu com equanimidade: "Oh, é naquele campo este ano, é? Meu pai costumava apontar esses círculos para mim quando eu era rapaz. Eles apareceram em um dos meus campos quase todos os anos nos últimos 28 anos que consigo lembrar." Outro fazendeiro perto de Whiteparish, Gordon Sparkes, disse que encontrou vários desses círculos durante seus vinte e nove anos de agricultura na área. Evan Scurlock, residente da área, disse a pesquisadores: "Costumávamos encontrá-los perto de Pepperbox Hill, perto do local onde um avião caiu, por volta de 1936 a 1940."

Quer esses círculos relatados representem genuínos círculos modernos nas plantações ou outra coisa, é aparente que os círculos misteriosos aumentaram em número apenas desde o final da década de 1970. A Comissão Real sobre os Monumentos Históricos da Inglaterra

possui uma coleção de fotografias aéreas que remontam a mais de cinquenta anos, conhecida como "Greater Wessex from the Air". Nenhuma mostra formações clássicas de círculos nas plantações, um argumento contra a teoria de que os círculos são uma ocorrência atmosférica natural e regular.

Em meados de 1965, dois incidentes separados destacaram um círculo nas plantações encontrado na estrada Warminster-Westbury, em Wiltshire, Inglaterra. Em 10 de agosto, o caminhoneiro Tim Simpson encontrou uma grande bola de luz vermelha que emitia "enormes vibrações" antes de girar para fora de vista. Em 7 de setembro, o major do exército britânico William Hill também experimentou vibrações sérias depois que seu carro parou no mesmo trecho da estrada. Hill descreveu um ruído como "os sons de unidades de refrigeração de alta potência ou equipamento de congelamento profundo, mas... amplificados muitas vezes". Logo após esses incidentes, círculos nas plantações foram descobertos em campos próximos.

A conexão entre os círculos e os incidentes de OVNIs era tão óbvia que muitos pesquisadores e jornalistas imediatamente rotularam as depressões nos campos como "ninhos de OVNIs". Para a maioria dos observadores, parecia que alguma nave giratória havia descido perto da terra ou pousado, criando os padrões ondulados na plantação esmagada. Assim, o fenômeno dos círculos nas plantações e dos OVNIs tornaram-se interligados desde o início.

À medida que a década de 1980 avançava, os relatos de círculos nas plantações também avançavam. Em 1988, três círculos formando um triângulo foram encontrados em um campo perto de Cheesefoot Head. Em 1990, as formações de círculos evoluíram de pequenas depressões circulares simples para designs grandes e elaborados envolvendo linhas retas, anéis, raios, barras, círculos dentro de círculos, espinhos ou serifas, e outras figuras geométricas como triângulos e retângulos. Algumas formações tinham até áreas retangulares com espinhos salientes reminiscentes da mão humana. Tais designs complicados passaram a ser conhecidos como "pictogramas" ou "agriglifos".

Relatos de tais círculos se espalharam da Inglaterra para incluir Espanha, França, Suíça, Alemanha, Áustria, Suécia, Rússia, Japão, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Brasil, México, Canadá e Estados Unidos.

À medida que os círculos assumiam designs mais complicados, mais pesquisadores foram atraídos para o fenômeno, todos buscando uma explicação de como tais círculos poderiam ter sido criados. Eles começaram a se autodenominar cerealogistas, em homenagem a Ceres, a deusa romana da agricultura. Todos os pesquisadores tentaram lidar com a primeira e mais óbvia questão dos círculos nas plantações: Como eles foram formados? Mais tarde, perguntariam quem os formou e por quê.

Anatomia de um Círculo

Três teorias básicas sobre a criação dos círculos nas plantações foram avançadas, com base na mentalidade da pessoa que as oferecia. Para os desmascaradores, os círculos eram obviamente farsas perpetradas por humanos movidos por travessura, álcool ou ambos. Os céticos, que incluíam muitos pesquisadores de OVNIs, consideravam os círculos como resultado de algum fenômeno atmosférico previamente desconhecido. Os crédulos místicos viam nos designs intrincados uma nova forma de comunicação por inteligências não humanas.

À medida que essas teorias colidiam na arena da opinião pública, pesquisadores sérios de todas as convicções trabalharam duro para documentar as evidências factuais. Descobriu-se que os círculos nas plantações geralmente abrangiam as seguintes características:

- Muito poucos dos círculos — talvez apenas 2 por cento — são perfeitamente redondos. Muitos são elípticos e outros oblatos. Os pesquisadores viram esse fato como um forte argumento contra os círculos serem uma criação da natureza, que geralmente age com precisão geométrica estrita.
- A plantação geralmente é ondulada para fora a partir do centro. A maioria segue um padrão horário, embora uma vez que isso foi notado publicamente, muitos padrões anti-horários foram descobertos.
- A plantação é pressionada em diferentes camadas, com algumas camadas ondulando em uma direção oposta à camada acima ou abaixo.
- Os caules da plantação são pressionados contra o chão, muitos em um ângulo de noventa graus, mas não são danificados ou quebrados. Frequentemente, os caules são entrelaçados, trançados como cabelo.
- A plantação permanece viva, mas não voltará a crescer para cima após a formação de um círculo. Em vez disso, a plantação cresce horizontalmente.
- Estudos científicos recentes mostram mudanças na estrutura molecular das plantas afetadas, consistentes com a aplicação de calor intenso por curta duração.
- Caminhos retos de plantação achatada foram encontrados tanto dentro dos círculos quanto conectando círculos. No entanto, esses caminhos não mostram sinais de pegadas humanas, nem podem ser rastreados até a borda do campo.
- As condições atmosféricas parecem não desempenhar nenhum papel no fenômeno. Círculos nas plantações foram formados em todos os tipos de clima. Há até relatos de círculos formados durante o dia, embora a grande maioria seja formada à noite.
- Características topográficas também parecem não afetar a criação de um círculo. É como se um cortador de biscoitos gigante tivesse sido pressionado contra a terra, fazendo um círculo independentemente dos contornos ou características da paisagem.
- Os círculos nunca se sobrepõem às bordas dos campos e parecem levar em conta características existentes, como trilhas de tratores e caminhos, adicionando à ideia de controle inteligente.

- A borda limite dos círculos entre a plantação achatada e a em pé é sempre claramente definida. A borda é às vezes abrupta e afiada e, em outras vezes, serrilhada, dentada ou até entrelaçada — um argumento adicional contra farsas. As bordas pareciam "mecanicamente precisas", observou o pesquisador Pat Delgado, que acrescentou: "É um ponto de corte surpreendente e anormalmente instantâneo."
- Os círculos aparentemente são criados em questão de segundos, pois quanto mais tempo levaria para pressionar os caules para uma posição horizontal, maior a probabilidade de danos. "Pelos indícios que temos", escreveu Delgado, "pareceria que o achatamento, ondulação, redemoinho e enfaixamento ocorrem em toda a área circular ao mesmo tempo. Essa força desconhecida cria todos os vários detalhes do piso do círculo em menos de meio minuto, mas provavelmente mais de cinco segundos. Concluímos isso porque para alcançar uma condição ondulada e achatada pressionada firmemente contra o chão, os caules devem ter um tempo máximo de transformação vertical para horizontal, acima do qual seriam danificados por efeito chicote. Uma vez que todos os caules começassem a se mover de maneira constante, todo o círculo, qualquer que fosse seu tamanho, seria formado em possivelmente 20 segundos."

Apesar do fato de que a plantação na maioria dos círculos não é danificada, há evidências de que uma força violenta esteve em ação. "Algumas plantas são arrancadas aleatoriamente ou ejetadas do solo e lançadas na plantação em pé periférica", observou o autor Pat Delgado, um engenheiro eletromecânico britânico aposentado que passou sete anos na Austrália trabalhando para os militares britânicos e para a NASA. Ele também disse que há evidências de que um círculo foi sobreposto a outro. "Sabemos que alguns círculos foram reafetados mais tarde porque os caules têm uma camada completamente diferente da camada registrada em nossa primeira visita", escreveu ele. "Apesar dessa dupla exposição, a plantação geralmente continua a amadurecer normalmente e a espiga permanece intacta."

Outro efeito curioso é o "penteado". O pesquisador Vince Migliore explicou: "Quando um retângulo é visto do ar, parecem haver bordas distintas no design. Mas se toda a plantação dentro do retângulo está disposta dobrando-se para o norte, então você esperaria que na extremidade norte da formação os caules eretos em pé interferissem com os caules dobrados, criando uma confusão emaranhada de plantas eretas e achatadas. Este não é o caso. Em vez disso, os caules dobrados são cuidadosamente penteados e intercalados entre as plantas em pé."

Delgado observou que em alguns círculos, "Feixes de caules estão uns sobre os outros para formar uma trança ou entrançado típico, os caules permanecendo retos em todos os casos. Alguns dos feixes têm dois ou mais feixes dispostos em ângulos diferentes sobre e sob eles, de modo que estão realmente entrelaçados. O campo de força que produziu isso teria que estar operando como uma máquina de tricô. Em duas ocasiões, em dois círculos diferentes, alguns feixes dessas tranças foram dispostos em oposição uns aos outros. Parece não haver

limite para a complicação da disposição que esta extraordinária força desconhecida não pode produzir."

Além dos próprios círculos, uma variedade de outros efeitos foi notada em conexão com o fenômeno, como bolas luminosas, luzes piscantes, cores, batidas, sons de zumbido ou zunido, bem como campos de energia sutis detectados tanto por humanos quanto por animais.

As teorias sobre como os círculos e seus efeitos foram alcançados são tão variadas quanto os próprios pesquisadores. No entanto, as teorias mais prevalentes tendem a cair em uma de duas grandes categorias — design inteligente ou não inteligente.

Um dos principais proponentes do design não inteligente é o Dr. Terence Meaden, editor do *Journal of Meteorology* da Grã-Bretanha e fundador da Tornado and Storm Research Organization da Grã-Bretanha. Meaden opinou que os círculos são formados por uma anomalia atmosférica que ele chamou de "vórtice de plasma". De acordo com esta teoria, as correntes de vento são quebradas ao passar por colinas ou outros obstáculos, e quando se reúnem, um vórtice de ar, semelhante a um redemoinho ou diabo de poeira, é criado, que pode mergulhar e formar um círculo na plantação. Ele especulou que o vórtice giratório pode separar e concentrar energia elétrica no ar, criando assim bolas de fogo visíveis e sons de zumbido. Embora essa ideia pareça perfeitamente plausível, ela descreve um fenômeno extremamente raro e não explica a falta de danos às plantas nem os padrões complexos não circulares.

No início dos anos 1990, o pesquisador Donald L. Cyr encontrou apoiadores para sua teoria tecnicamente detalhada de que os círculos nas plantações eram causados por "assobios" (*whistlers*), ondas de rádio de frequência muito baixa acompanhadas por partículas carregadas produzidas por raios. Essas ondas de partículas carregadas, que produzem um som de assobio, então ricocheteiam no cinturão de Van Allen na atmosfera superior de volta à Terra em trajetórias definidas, criando círculos ondulados no sul da Inglaterra. "Todos os fatores favoráveis têm que se alinhar, como as condições de 'ir' em um programa de computador", explicou Cyr. "Talvez apenas um raio da Ilha Marion (perto da Ilha do Príncipe Eduardo, ao largo da ponta sul da África) por tempestade seja poderoso o suficiente para penetrar no solo na região de Wiltshire, produzindo um círculo nas plantações, ou o que prefiro chamar de 'whistlegram'." A teoria do assobio, além de ser baseada em várias controvérsias altamente técnicas e suposições duvidosas, não explica o fato de que os campos do sul da Inglaterra foram bem pesquisados e fotografados por muitos anos, mas os círculos grandes e complexos apareceram apenas recentemente.

Outras explicações não inteligentes incluem:

- **Eletromagnetismo.** Embora experimentos tenham mostrado que a força eletromagnética poderia dobrar plantas, seria necessária uma quantidade imensa de força para achatá-las. Esse tipo de força exigiria uma grande quantidade de equipamento pesado, incluindo geradores.
- **Energia piezoelétrica.** Aqui surge o mesmo problema: Como uma pessoa ou um grupo de pessoas pode mover o equipamento necessário para produzir energia para dentro e para fora dos campos sem ser detectado? E como poderiam produzir padrões tão complexos sem guias intrincados e assistência em uso por um longo período de tempo?
- **Gás subterrâneo ou pressão de energia.** Embora haja alguma base científica para esta conjectura, resta explicar como tal fenômeno natural poderia produzir padrões tão regulares e repetitivos.

Teorias ainda mais terrenas foram oferecidas por desmascaradores em busca de uma explicação racional. Alguns afirmaram que os círculos eram causados por veados no cio, ouriços no cio ou enxames de corvos famintos — nenhum dos quais poderia possivelmente ter achatado círculos de grãos sem danos.

Nenhuma das explicações estritamente terrestres aborda adequadamente todas as evidências misteriosas encontradas nos círculos nas plantações. Apesar disso, muitos céticos — incluindo alguns ufólogos — inclinam-se para as explicações naturais. John Spencer, Paul Fuller e a autora Jenny Randles trabalharam com a União Nacional de Agricultores da Grã-Bretanha e concluíram que "havia uma alta probabilidade de que os círculos nos campos de milho fossem um fenômeno natural, resultado da ação de vórtices de furacão".

Em meados da década de 1980, vários cientistas na Grã-Bretanha formaram o Circle Effects Research (CERES) para estudar a questão, e em 1989 eles haviam categorizado vinte e quatro padrões comuns de círculos. Mas após oito anos de pesquisa, os cientistas do CERES ainda não conseguiam encontrar nenhuma teoria adequada para explicar o fenômeno.

O fato de que explicações naturais não podem reconciliar todos os fatos conhecidos sobre os círculos nas plantações levou muitas pessoas a especular sobre a possibilidade de que os círculos sejam artificialmente criados — por humanos ou não.

Uma teoria fascinante envolvendo humanos é que os círculos nas plantações são produzidos por lasers ou armas de feixe de energia que constituem a Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI) americana, ou programa de satélites "Guerra nas Estrelas". Se este for o caso, não é de admirar que os militares dos EUA manteriam sigilo sobre milhões de dólares em impostos sendo desperdiçados apenas para criar belos padrões nas plantações inglesas por alguns meses por ano. Por que não derreter buracos elaborados nas plataformas de gelo da Antártida, onde seu trabalho não seria observado?

Deve-se notar aqui que os pesquisadores de círculos de fato notaram há muito tempo uma presença militar muito óbvia nas áreas dos círculos nas plantações. O sul da Inglaterra tem muitas instalações militares, o que pode explicar parte da atividade. Helicópteros militares e tropas equipadas com infravermelho e outros dispositivos de monitoramento foram vistos perto de círculos nas plantações. A maioria dos pesquisadores acredita que as autoridades estão tendo um interesse muito maior no fenômeno do que geralmente se acredita. Por que tal interesse se os oficiais militares de alta patente soubessem que os círculos são resultado de testes ou experimentos militares? Novamente, tais atividades não seriam conduzidas em áreas mais isoladas?

Tal especulação aumentou o mistério dos círculos nas plantações, assim como os designs cada vez mais complexos e atraentes encontrados no início da década de 1990. "Os círculos e anéis apresentam numerosas inconsistências", observou Delgado. "Assim que pensamos que resolvemos uma peculiaridade, o próximo círculo exibe uma variação inexplicável, como se dissesse: 'O que você acha disso agora?'"

Outro exemplo de provocação aparentemente inteligente veio quando cerca de cinquenta cientistas na primavera de 1991 se prepararam para manter vigilância em um campo onde círculos nas plantações haviam aparecido regularmente. No dia anterior à instalação de uma variedade de equipamentos de monitoramento, um círculo clássico apareceu. No entanto, durante os oito dias em que observaram o campo, nada aconteceu. Enojados e entediados, os cientistas arrumaram suas coisas e deixaram o campo apenas para descobrir que um novo círculo havia aparecido em um campo adjacente.

Em seu livro de 1989 repleto de fatos, *Circular Evidence*, escrito com Colin Andrews, Delgado escreveu: "É muito sóbrio estar em um desses círculos e ponderar que força poderia ter chegado e partido, deixando para trás este belo registro de sua visita sem nenhuma pista de como foi alcançado." Mas se Delgado e outros não tinham nenhuma pista em 1989, certamente obtiveram uma em 1991. Então o mundo todo soube da explicação mais simples de todas — os misteriosos círculos nas plantações eram meramente criações de farsantes muito humanos.

A Saga de Doug e Dave

Muito provavelmente não é coincidência que com a chegada de designs de círculos nas plantações ainda mais maravilhosamente elaborados no início dos anos 1990 tenham surgido Doug e Dave — indiscutivelmente os farsantes mais famosos do mundo. Afinal, os novos círculos complexos atraíam cada vez mais atenção mundial da mídia e do público. As autoridades não podiam mais ignorar o fenômeno, nem podiam oferecer qualquer explicação convencional satisfatória.

Na Inglaterra, as autoridades enfrentaram a situação com uma conferência silenciosa de altos funcionários.

De acordo com George Wingfield, palestrante do Centro Britânico de Estudos de Círculos nas Plantações, a reunião foi realizada em setembro de 1990 em Londres e incluiu os Ministérios da Defesa, Agricultura e Meio Ambiente. Wingfield, que afirmou ter obtido informações sobre a reunião de uma pessoa que compareceu, afirmou: "A reunião durou muito e a conclusão foi que a causa dos círculos nas plantações era completamente desconhecida. Redemoinhos estacionários foram descartados e afirmou-se que as farsas representavam apenas uma porcentagem insignificante dos círculos. A responsabilidade de acompanhar o que estava acontecendo foi deixada firmemente com o Ministério da Defesa, que por alguns anos usou helicópteros do Exército para fotografar novos círculos."

Foi decidido que, se necessário, o Ministério da Defesa poderia tomar "medidas apropriadas" para acalmar a excitação pública, incluindo a possibilidade de "desinformação", Wingfield soube.

Exatamente um ano depois, o tabloide britânico *Today* publicou uma matéria com a manchete: "Homens que Enganaram o Mundo". "Os misteriosos círculos no milho que intrigaram cientistas em todo o mundo são uma gigantesca farsa, o *Today* pode revelar", vangloriou-se o texto do tabloide.

Os farsantes foram identificados como dois homens de Southampton na casa dos sessenta anos chamados Doug Bower e Dave Chorley. O par afirmou ter criado "nada menos que duzentos círculos no milho" na área de Hampshire durante um período de treze anos começando em 1978. Doug disse que decidiu confessar a farsa depois que sua esposa, Ilene, ficou desconfiada de suas ausências noturnas. "Começou a passar pela minha cabeça que ele poderia estar vendo outra mulher", brincou Ilene. A reportagem do *Today* foi acompanhada por fotografias de Doug e Dave pressionando o milho com tábuas de madeira guiadas por um pedaço de corda. De uma só vez, um mistério crescente com conexões definitivas com OVNIs foi descartado — era tudo uma farsa perpetuada por Doug e Dave e alguns imitadores.

Não foi a primeira tentativa de desacreditar os círculos nas plantações como farsas. Em 1990, a BBC-TV juntamente com a Nippon TV contratou Pat Delgado e Colin Andrews para participar de um programa chamado *Operação Blackbird* projetado para manter vigilância sobre um campo de plantação numa tentativa de fotografar um círculo em formação. Alguns círculos falsos inicialmente enganaram os observadores do Blackbird. Uma tentativa amadora — artefatos como mapas astrológicos e cruzes foram deixados nos círculos — foi logo considerada uma farsa projetada para implicar grupos da "Nova Era". A história da farsa do Blackbird não foi amplamente conhecida. "Certamente não tenho dúvidas de que a farsa foi perpetrada pelo Exército Britânico, e também que outras

manobras que conheço no Blackbird também foram feitas pelas mãos do Exército", afirmou Andrews. Na década de 1980, um homem chamado Francis Shepherd afirmou ter falsificado vários círculos, mas mais tarde admitiu que um jornal o havia pago para confessar, a fim de desacreditar histórias de círculos em uma publicação rival.

A história de Doug e Dave, por outro lado, foi imediatamente recolhida pela Associated Press da América e amplamente distribuída. "A maioria dos jornais britânicos ignorou a história", comentou Wingfield, "mas muitos americanos pareciam preparados para aceitá-la pelo valor de face."

Nenhuma organização de notícias parecia capaz de simplesmente dar uma olhada nas estatísticas de círculos nas plantações dos dois anos anteriores. O Dr. Terence Meaden, um proponente da causação natural, relatou cerca de quatrocentos círculos documentados em 1989. Em 1990, esse número subiu para quase mil, com mais de trezentas novas formações nos primeiros meses de cultivo de 1991 apenas na Grã-Bretanha. Considerando que a estação de cultivo britânica tem cinco meses de duração, isso significa que Doug e Dave teriam que de alguma forma pisar em mais de mil e quinhentos círculos nas plantações dentro de um período de quinze meses. Isso significaria que o par teria que criar quase quatro círculos todas as noites — uma tarefa patentemente impossível, especialmente em vista das distâncias entre os círculos descobertos. E este cálculo nem sequer leva em conta as centenas de círculos nas plantações que em meados da década de 1990 foram relatados em partes remotas do Canadá, Austrália, Rússia, Japão e Estados Unidos, nem o fato de que círculos foram relatados anos antes de 1978.

Como se para dar particular mentira à história da farsa, o pesquisador Michael Strainic relatou mais de vinte círculos nas plantações no Canadá dentro de um período de dez semanas, mais ou menos na mesma época em que a história de Doug e Dave estava sendo divulgada mundialmente. "Foi como se tivéssemos sido atacados por um time tático de criação de círculos", comentou Strainic. Da mesma forma, um círculo clássico nas plantações com caules não danificados dispostos em um padrão de redemoinho foi descoberto em setembro de 1990 por Roger e Lynda Lowe em um campo de sorgo ao sul de sua casa em Osceola, Missouri.

Além disso, há evidências de que Doug e Dave obtiveram informações usadas em sua história de alguns jovens pesquisadores de círculos nas plantações. Julie Varden e três companheiros estavam observando plantações durante a noite algumas semanas antes da reportagem do *Today* ser publicada. "Esses homens são mentirosos", ela disse a Wingfield com firmeza, "e podemos provar que são mentirosos. Nós os encontramos em Cheesefoot Head em 20 de agosto e eles pegaram coisas de que falamos e as regurgitaram na história do *Today*."

Varden disse que em seu encontro ela mencionou uma substância gelatinosa encontrada em vários locais de círculos e foi informada por Doug: "Eu sei o que era. É a descarga de um vaso sanitário de aeronave." Na reportagem do *Today*, Doug de fato conta ter sido nocauteado por "algo que caiu do espaço" enquanto criava um círculo nas plantações. "Mas quando chegamos à luz, vi que a bagunça na minha cabeça era a descarga congelada de um vaso sanitário de aeronave", ele relatou placidamente, aparentemente repetindo sua conjectura anterior a Varden, sem saber que muito provavelmente não poderia ter sobrevivido a tal evento.

Outro dos pesquisadores que encontrou Doug e Dave em Cheesefoot Head, Nick Riley, disse que mostrou ao par um minério que ele encontrou perto de um círculo nas plantações. Apesar da insistência de Riley de que era simplesmente ferro, Doug declarou que era um meteorito. Na reportagem do *Today*, Doug afirmou que ele e Dave haviam coletado alguns meteoritos e os colocado em um de seus círculos perto de Stonehenge. "Eles de fato deixaram pedras lá, não que isso prove que eles fizeram o círculo de Stonehenge", disse Wingfield. "Mas também conheci o homem que encontrou esses 'meteoritos' e eles eram, é claro, exatamente o tipo de pedras descritas por Nick Riley... Conhecimento local e um estudo aprofundado dos vários livros sobre os Círculos deram uma aparência de autenticidade ao que então pareciam alegações plausíveis."

Em suma, a farsa de Doug e Dave provou ser ela própria uma farsa. No entanto, o público — particularmente nos Estados Unidos — está ciente apenas de que houve uma breve moda dos círculos nas plantações que acabou sendo meramente obra de brincalhões.

Esta visão errada é simplesmente uma criação de uma mídia preguiçosa e desatenta, ou é o resultado de algo mais sinistro? Vários pesquisadores de círculos nas plantações, incluindo Colin Andrews, George Wingfield e outros, acusaram publicamente o governo britânico de perpetrar uma campanha de "desinformação" usando Doug e Dave. E há evidências circunstanciais para apoiar esta acusação.

Primeiro está a maneira como os escritores do tabloide *Today* emboscaram o pesquisador Pat Delgado. Essas táticas podem ter sido simplesmente procedimento normal para tabloides em busca de circulação ou podem refletir um esforço consciente para desacreditar os pesquisadores de círculos. Os escritores do tabloide levaram Delgado a Sevenoaks, em Kent, uma semana antes da publicação do artigo sobre Doug e Dave e pediram sua opinião sobre um novo pictograma de plantação posteriormente referido como "insectograma" devido à sua semelhança com algum tipo de inseto. Delgado ficou surpreso com a visão de uma formação que anteriormente só havia sido encontrada em Hampshire e Stonehenge. Embora não correspondesse exatamente a círculos anteriores, Delgado inicialmente a confirmou como um círculo genuíno. Pediram-lhe que ficasse em silêncio sobre este círculo e ele assim o fez. Poucos dias depois, a equipe do *Today* trouxe Doug e Dave para a casa de Delgado. "Em rápida sucessão, eles o confrontaram com provas de que haviam feito a

formação de Kent, depois reivindicaram este círculo e aquele círculo e assim por diante, até que ele estava literalmente cambaleando", comentou Wingfield. "O repórter do *Today*, Graham Brough, então arrancou todo tipo de concessões imprudentes de sua infeliz vítima, que foram posteriormente impressas no jornal."

Logo o colega pesquisador de círculos Colin Andrews chegou à casa de Delgado e começou a interrogar Doug e Dave. Ele rapidamente descobriu que "quando lhes perguntavam como podiam ter feito círculos tão precisos, que apareceram aos milhares, precisos dentro de três milímetros e até 700 jardas de diâmetro, esses caras não conseguiam dar as respostas". Andrews disse que Doug e Dave, incapazes de responder a perguntas pertinentes, foram rapidamente levados por Brough e outros.

Quando a bem orquestrada reportagem do *Today* foi publicada, Doug e Dave demonstraram sua habilidade de criar círculos para a mídia em um campo de trigo em Sussex. "As fotografias mostram claramente que isso não era nada parecido com uma formação genuína", disse Wingfield. "A plantação caída está toda espalhada e não há padrão de redemoinho. A borda desses círculos é áspera e não se parece com o corte preciso a que muitos de nós nos acostumamos... O *Today* desculpou essa deficiência dizendo que foi causada pelo pisoteio da equipe de TV."

Mas havia mistérios mais profundos do que a incapacidade de Doug e Dave de duplicar um círculo genuíno. Os pesquisadores notaram que, embora a reportagem do tabloide observasse que "o *Today* não pagou nenhum dinheiro" pela história de Doug e Dave, ela era protegida por direitos autorais de algo chamado "MBF Services". Um editor do *Today* identificou a MBF apenas como uma agência de imprensa freelance que "nos colocou em contato com essas pessoas [Doug e Dave], então eles detêm os direitos autorais" e recusou-se a dizer mais. Doug e Dave negaram qualquer conhecimento da MBF Services.

O pesquisador Wingfield descobriu que nenhuma agência de imprensa com o nome "MBF Services" estava registrada na Inglaterra, mas encontrou uma "MBF Consultancy" descrita como uma "empresa de pesquisa e desenvolvimento científico". Um dos diretores da empresa era o Dr. Andrew Beech Clifford, proprietário da Maiden Beech Farm (MBF) em Somerset. O Dr. Clifford era um cientista que admitiu fazer trabalho confidencial para o Ministério da Defesa, parte do qual envolvia o programa americano Guerra nas Estrelas. Ele negou qualquer conexão entre a MBF Consultancy e a MBF Services.

Outra empresa MBF, a Macfarlane Business Forms na Escócia, também realizava trabalho confidencial para o governo britânico. Mas novamente nenhuma conexão pôde ser feita com a MBF Services.

Wingfield então fez contato com fontes dentro do MI5 britânico, o equivalente à CIA, e descobriu algumas informações interessantes sobre "desinformação". Foi dito a ele que um

método usado pelo MI5 em uma campanha antiterrorista na Irlanda do Norte era "criar uma agência de notícias particular falsa e fornecer a história de desinformação a um jornal selecionado".

Pat Delgado, que foi tão efetivamente emboscado por Doug, Dave e a equipe do *Today*, estudou o assunto e concluiu: "Investigações até agora trouxeram à luz uma campanha de desinformação e desmascaramento bem orquestrada que foi iniciada no ano passado por 'departamentos oficiais'. Há pelo menos dois outros países envolvidos nesta rede de intriga, os EUA e a França. Os dois homens, Bower e Chorley, que afirmaram ter falsificado todos os círculos nas plantações, são meros peões num plano para me desacreditar, a mim e ao assunto dos círculos nas plantações... Nem os dois homens nem qualquer outra pessoa me ofereceram um pingo de evidência, sejam fotografias, vídeo ou qualquer outra coisa, para substanciar suas alegações... Sinto que a razão para a preocupação dos 'departamentos' é o enorme aumento de interesse pelos círculos nas plantações por todo o espectro da humanidade em todo o mundo, incluindo profissionais, cientistas e pessoas nos chamados altos escalões que agora são vistos como fortemente associados e envolvidos na manifestação de um assunto que não pode ser oficialmente controlado. O fato de o assunto carregar conotações espirituais muito significativas, ao abrir a consciência das pessoas e uni-las além da crença, também pode ser muito preocupante, ou mesmo visto como algum tipo de ameaça."

Delgado prosseguiu relatando um incidente em 26 de setembro de 1991, quando uma "faixa de formas" foi descoberta em um campo de milho perto de Highland, Kansas. Ele disse que homens de terno escuro logo chegaram, isolaram o campo e depois interrogaram os residentes próximos. "Era óbvio que houve uma tentativa de destruir o 'pictograma'. Uma nova cerca de arame eletrificado foi colocada ao redor do local. Fotos e diagramas estão disponíveis para confirmar tudo isso. Foi confirmado que os veículos e homens eram do governo e da CIA. Você não ouviu o último dos círculos nas plantações de forma alguma e o assunto é muito mais significativo agora do que nunca. Por que os 'departamentos oficiais' estão correndo assustados?"

Após a publicação de sua história, Doug e Dave fizeram uma extensa turnê pela Europa, onde falaram livremente com qualquer mídia que quisesse ouvi-los. "Não podemos deixar de nos perguntar quem financia essas viagens?", questionou Wingfield. "É óbvio que eles são apoiados por muito dinheiro", observou o pesquisador Andrews. "Mas não é rastreável."

"O que temos aqui são talvez os primeiros sinais de uma grande campanha de desinformação", acrescentou ele, "porque os governos do mundo não sabem o que está acontecendo. Eles sentem que devem desativar o nível de interesse público na situação."

Wingfield concordou. "Parece haver pouca dúvida agora de que a história do *Today* faz parte de uma campanha deliberada de desinformação para persuadir as pessoas de que o

fenômeno dos círculos é apenas uma ilusão — um truque perpetrado por dois velhos brincalhões e por outros que os copiaram."

Quer uma "campanha de desinformação" tenha realmente existido ou não, a história de Doug e Dave — e mais particularmente a disseminação acrítica dela pela grande mídia — de fato atenuou o interesse geral nos círculos nas plantações.

A explicação de Doug e Dave foi invocada tão recentemente quanto dezembro de 1995, quando o astrônomo Carl Sagan produziu um artigo para a revista *Parade* de ampla distribuição, usando o par para desacreditar os OVNIs em geral e os círculos nas plantações em particular. "Eles inventaram isso em uma noite tomando cerveja grosso em seu bar habitual, o Percy Hobbs. Eles foram divertidos pelos relatos de OVNIs e pensaram que seria divertido enganar os crédulos dos OVNIs", explicou Sagan. "No início, eles achataram o trigo com a barra de aço pesada que Bower usava como dispositivo de segurança na porta dos fundos de sua loja de molduras. Mais tarde, usaram tábuas e cordas. Seus primeiros esforços levaram apenas alguns minutos. Mas, sendo brincalhões inveterados e também artistas sérios, o desafio começou a crescer neles. Gradualmente, eles projetaram e executaram figuras cada vez mais exigentes... Bower e Chorley ficaram encantados [com a publicidade subsequente], especialmente quando cientistas e outros começaram a anunciar seu julgamento ponderado de que nenhuma inteligência meramente humana poderia ser responsável."

Em um tipo estranho de argumento inverso, considerando o quanto a história da farsa de Doug e Dave desviou o interesse público do assunto dos círculos nas plantações, Sagan concluiu: "Aqueles que têm algo a vender, aqueles que desejam influenciar a opinião pública, aqueles no poder, um cético poderia sugerir, têm um interesse especial em desencorajar o ceticismo." Abordar o fenômeno dos círculos nas plantações em um artigo para um público de massa sem mencionar a natureza anômala dos círculos pareceu a muitos pesquisadores juntar-se ao esforço para desencorajar qualquer interesse público.

John Mitchell, editor do *Cerealogist*, observou: "A crença do senso comum, de que o fenômeno dos círculos nas plantações nada mais é do que uma elaborada farsa, está agora estabelecida como a doutrina oficial."

Mas enquanto a mídia e o público em geral parecem ter perdido o interesse nos círculos graças à publicidade de Doug e Dave, isso não impediu que novos círculos fossem formados a cada ano, nem impediu uma legião crescente de pesquisadores de estudar o fenômeno — com resultados mais surpreendentes.

A Ciência Examina

Análises que vão desde simples leituras de bússola até elaborados testes laboratoriais confirmam que algo muito estranho separa a vegetação dentro dos círculos nas plantações das plantas circundantes.

O pesquisador Charles Thomas, usando uma bússola de aeronave tipo P 11 de 1944, como as usadas em bombardeiros da Segunda Guerra Mundial, documentou distúrbios magnéticos que resultaram na agulha da bússola oscilando de cinco a dez graus do norte verdadeiro dentro dos círculos nas plantações. Após algum estudo cuidadoso, Thomas concluiu que "o processo de formação do círculo nas plantações nestes casos parece ter produzido uma anomalia magnética local detectável com um instrumento confiável... A anomalia parece estar ligada à direção em que os caules são achatados e que a força da anomalia parece variar com a distância do nível do solo — ou possivelmente proximidade do nível da espiga da plantação. Pode haver a suspeita de que o campo magnético é criado no momento da formação e diminui com o tempo... Não tenho ideia do que isso significa, nem qual das muitas hipóteses alternativas — se alguma — isso apoia."

O Dr. W. C. Levengood possui diplomas em física e biociência, sete patentes, incluindo um analisador de sementes, e é proprietário da Agro Sciences, Inc., e do Pinelandia Biophysics Laboratory em Michigan. Após um longo estudo, o Dr. Levengood encontrou evidências de mudanças consistentes na estrutura celular, sementes e crescimento dentro das plantas dos círculos.

Por exemplo, dentro das células das plantas dos círculos, ele encontrou um aumento médio de 21 por cento no diâmetro dos poros, cavidades microscópicas que permitem que compostos orgânicos e gases passem pela estrutura celular. Levengood também descobriu que o tamanho dos poros celulares aumentava consistentemente das bordas externas da planta para o centro, indicando que o efeito era causado por algum agente externo. A única maneira que ele conseguiu duplicar tais mudanças nos poros celulares em plantas de controle foi colocá-las em um forno de micro-ondas. Após aquecer as plantas por trinta segundos de um lado, ele descobriu que os poros celulares aumentaram 14 por cento. O aquecimento adicional causou desidratação. Como as plantas nos círculos ainda estavam vivas, Levengood chegou à mesma conclusão que o pesquisador Pat Delgado — o calor aplicado às plantas nos círculos deve ser intenso, mas breve, com duração não superior a trinta segundos. "Não há como um farsante fazer isso simplesmente pisando nas plantas", observou Levengood. Mudanças semelhantes na estrutura molecular das plantas dos círculos foram detectadas pelo químico Kenneth Spelman do Siganalysis Laboratories em Rodborough, Inglaterra.

Mais evidências de aquecimento vieram de um porco-espinho achatado. Em 29 de agosto de 1992, o fazendeiro canadense Joe Rennick descobriu um círculo em seu campo de trigo em Saskatchewan. No centro estava um porco-espinho morto, pressionado para baixo com seus quatro membros abertos. Embora o animal aparentemente estivesse morto há vários dias,

não havia odor nem evidência de decomposição. O corpo estava dessecado, seco, e o chão dentro do círculo estava duro e seco, enquanto o resto do campo estava encharcado. "Aquele chão estava duro como cimento, como se alguém o tivesse colocado dentro de um forno e assado", disse Rennick. O pesquisador canadense Chad Deetken especulou que o porco-espinho, em vez de fugir como a maioria dos animais, pode ter se enrolado como uma bola para proteção e foi sugado para dentro do círculo no momento de sua formação. "Seus espinhos estavam na mesma direção do redemoinho do trigo", observou ele. Ao contrário daquelas do campo circundante, as sementes de trigo retiradas do círculo nas plantações estavam secas e murchas, como muitas encontradas nos círculos britânicos.

Estudando sementes, Levengood ficou surpreso ao encontrar uma completa falta de desenvolvimento nas plantas dos círculos no início da estação. Mas uma surpresa ainda maior veio quando ele descobriu que as plantas mais maduras — de julho em diante — não apenas produziam sementes de aparência normal, mas germinavam mais rápido do que as plantas de controle, às vezes em até 45 por cento. A pesquisadora Linda Howe observou que especialistas em sementes agrícolas dizem que um aumento de 5 por cento na taxa de crescimento é considerado bastante bem-sucedido. "Quarenta e cinco por cento é surpreendente", comentou Levengood.

O Professor Bruce Rideout do Ursinus College em Collegeville, Pensilvânia, descobriu que as plantas retiradas de alguns círculos nas plantações da Pensilvânia também exibiam aumento no diâmetro dos poros celulares, bem como nós de crescimento — as saliências no caule da planta onde a folha ou botão está preso — que estavam rachados ou quebrados, juntamente com alguns que estavam misteriosamente dobrados. Suas descobertas foram confirmadas por Levengood, que afirmou: "Houve um alongamento pronunciado e torção lateral dos nós de crescimento em qualquer lugar de 30 a 90 graus da vertical." Ambos os cientistas encontraram rachaduras laterais na parte externa dos nós dobrados. "Essa fissuração lateral foi observada em todos os quatro conjuntos de amostras dos círculos", observou Levengood, "e não foi vista nos quatro conjuntos de amostras de controle. A formação deste tipo de fissura exigiria tensões complexas para romper as fibras longitudinais semirrígidas no tecido epidérmico. Por exemplo, exigiria que o nó fosse enfraquecido e expandido por uma força interna, como poderia ser causada por energia térmica transitória. Isso seria seguido por uma extensão longitudinal ou tensão de tração. Essa combinação de forças dificilmente é gerada por uma tempestade de vento."

Outra anomalia foi descoberta por Marshall Dudley, um projetista de equipamentos de detecção de radiação em Oak Ridge, Tennessee, que, juntamente com o pesquisador Michael Chorost, encontrou evidências de isótopos radioativos não naturais em espécimes de círculos nas plantações. Eles encontraram onze desses isótopos que não estavam presentes nas plantas de controle retiradas a poucos metros de um círculo. "Nenhum parece ser resíduo de Chernobyl ou de testes nucleares atmosféricos, nem parecem ter qualquer

outra origem mundana... Os autores acreditam que esta descoberta descarta definitivamente os farsantes para aquela formação específica."

Após três anos de estudo, incluindo a descoberta de distúrbios nas paredes celulares das plantas dos círculos nas plantações, Levengood concluiu: "Seja o que for que está fazendo essas formações, está afetando a biofísica e a bioquímica fundamentais das plantas... O padrão consistente de medições de condutividade em algumas formações em comparação com os controles indica que as estruturas básicas de microfibrilas das plantas foram alteradas. Tais mudanças celulares não podem ser falsificadas."

Portanto, algo em movimento parece estar aplicando calor intenso de curta duração aos campos para formar os círculos genuínos — mas o quê? Embora pareça ser a posição oficial dos governos, da mídia e outras autoridades públicas, a falsificação de todos os círculos está fora de questão. Da mesma forma, nenhuma evidência sólida de um fenômeno natural foi apresentada. Mais uma vez, os OVNIs devem ser considerados.

Residentes de Bristol, Inglaterra, relataram ter visto luzes piscantes e um grande objeto escuro nos céus noturnos em 16-17 de julho de 1991. Por volta das 3h30 da manhã, o guarda do vizinho Castelo de Barbury ouviu um rugido zumbido pulsante como centenas de aviões passando acima por alguns minutos. Às 6h00 da manhã, um pictograma de plantação composto por um triângulo de 177 pés contendo um círculo com três círculos em cada ápice foi descoberto perto do castelo. A formação "incorpora geometria da mais alta ordem", comentou o pesquisador Wingfield.

Pat Delgado falou de vários círculos sendo formados perto de Westbury, Inglaterra, em 1989 após o avistamento de um grande OVNI rodeado por luzes laranja nas proximidades. "Diz-se que os OVNIs são capazes de produzir o comportamento e os fenômenos mais extraordinários", comentou Delgado. "O controle de campos de força desconhecidos para nós pode muito bem resultar em anéis e círculos. Pode muito bem estar dentro da capacidade de um OVNI manipular um campo de força rotativo que está encerrado em um escudo eletromagnético de corte abrupto. Também é possível que os OVNIs só sejam visíveis quando desejam estar em nosso espectro de luz, então as forças que podem controlar poderiam ser demonstradas com ou sem sua presença."

Parece haver diferenças significativas, no entanto, nos avistamentos clássicos de OVNIs e nos relatos de objetos perto de círculos nas plantações. Muitas pessoas, incluindo o autor Whitley Strieber, relataram círculos perto das cenas de avistamentos de OVNIs. Estes tendem a ser áreas circulares que dão evidência de um peso esmagador com sinais ocasionais de queimadura ou combustão lenta, como experimentado pelo patrulheiro do Novo México Lonnie Zamora. Os avistamentos de OVNIs geralmente envolvem naves de tamanho considerável em uma variedade de formas, enquanto os avistamentos de círculos nas plantações têm sido principalmente de pequenas bolas de luz ou globos giratórios. Pode

ser que dois fenômenos distintos estejam em ação aqui, um tendo pouca ou nenhuma relação com o outro.

Mensagens Mal Compreendidas

Muitos pesquisadores, após estudar a geometria, redemoinhos e entrançados complicados, mudanças celulares e sua criação indetectável, concluíram que os círculos nas plantações devem envolver inteligência não humana. O físico e astrônomo Archie Roy da Universidade de Glasgow está convencido de que a humanidade está encontrando uma inteligência avançada.

Existem indicações de pensamento inteligente por trás dos círculos? A resposta parece ser sim, especialmente à luz do trabalho do cientista Gerald S. Hawkins, já bem conhecido por seus estudos de Stonehenge como um antigo observatório. Hawkins, presidente aposentado do Departamento de Astronomia da Universidade de Boston e conselheiro científico do diretor da Agência de Informação dos EUA, ficou intrigado com os círculos nas plantações enquanto visitava a Inglaterra em 1990. Ele descobriu relações geométricas em vários círculos que correspondiam às proporções diatônicas da escala musical.

Hawkins explicou: "Uma proporção na escala diatônica é o aumento no tom de uma nota para outra. Pode ser medida exatamente. De Dó a Sol é um aumento de 1,5 vezes, ou a proporção de 3 sobre 2. O conjunto completo forma uma oitava de oito notas brancas no piano.

"Como cientista cuidadoso, não estou dizendo que os padrões são musicais, apenas que os tamanhos seguem a mesma lei matemática que os intervalos na música ocidental. Os criadores [dos círculos nas plantações] pareciam conhecer essas frações, tomando cuidado para codificá-las nas formas para que pudessem ser recuperadas por alguém estudando fotografias aéreas. A precisão necessária em um círculo típico de 20 metros é de cerca de 15 centímetros, ou seis polegadas. Sem as bordas feitas com precisão, minha análise não teria sido possível."

Estudando as medições precisas de dezoito padrões de círculos nas plantações, Hawkins conseguiu encontrar uma correspondência exata de proporções geométricas em onze deles. Suas descobertas pareciam excluir a ideia de causas naturais, como redemoinhos de vento. Hawkins sabia que essas medições envolviam mais do que mera sorte, então começou a estudar relações geométricas dentro de outros círculos.

De acordo com o escritor Ivars Peterson, Hawkins descobriu cinco teoremas geométricos separados ocultos na geometria dos círculos nas plantações. "Foi a abordagem que tomei em Stonehenge. Não foi apenas um alinhamento aqui e nada ali. Isso não teria significado", explicou Hawkins. "Foi todo o padrão de alinhamentos com o sol e a lua durante um longo

período que o tornou verdadeiro para mim. Uma vez que você obtém um padrão, sabe que provavelmente não vai desaparecer."

Peterson escreveu: "Notavelmente, ele não conseguiu encontrar nenhum desses teoremas nas obras de Euclides, o antigo geômetra grego que estabeleceu as técnicas básicas e regras do que é conhecido como geometria euclidiana. Ele também ficou surpreso com seu fracasso em encontrar os teoremas dos círculos nas plantações em qualquer um dos livros didáticos de matemática e referências, antigos e modernos, que consultou... Os farsantes aparentemente tinham o conhecimento necessário não apenas para provar um teorema euclidiano, mas também para conceber um teorema original em primeiro lugar — uma tarefa muito mais desafiadora." Após suas descobertas, Hawkins enviou uma carta aos confessos farsantes Doug e Dave perguntando como eles conseguiram produzir "teoremas geométricos engenhosos, previamente desconhecidos" em seus círculos. Nenhuma resposta satisfatória foi dada.

Hawkins continuou a buscar a inteligência por trás dos círculos, apesar da indiferença deliberada da comunidade científica. "Meus colegas científicos verificaram a matemática e confirmam o que descobri, mas geralmente seu interesse para por aí", disse ele. "A menos que eu possa dizer-lhes como os criadores dos círculos entraram nos campos sem serem detectados, conseguindo dobrar plantas vivas sem rachar os caules, eles consideram os eventos como um problema sem interesse científico. Suponho que em nosso clima acadêmico moderno, seria difícil para eles obter uma bolsa para pesquisa de círculos nas plantações. Para mim, não preciso de uma bolsa, e olho para além da nova tecnologia de comunicação dos criadores dos círculos para a intrincada informação transmitida."

Mas pelo menos um homem não teve que confiar em teoremas matemáticos para obter uma mensagem. Bryce Bond estava caminhando em um campo de trigo inglês após escurecer na primavera de 1991 quando de repente se viu paralisado. Ele tentou gritar, mas não conseguiu emitir som. "Segundos depois", ele relatou mais tarde, "outra voz... baixa e suave foi ouvida em minha cabeça. Ela disse: 'Fique em paz. Não queremos fazer mal. Você está no meio da nossa nave. Não somos da sua dimensão.'" Quando a paralisia passou, Bond se viu no meio de um círculo nas plantações.

Outros sem uma experiência tão direta ofereceram muita especulação sobre o significado dos círculos nas plantações. Como observou o escritor Vince Migliore: "O problema do círculo nas plantações está inextricavelmente emaranhado com OVNIs, leituras psíquicas, história antiga, monumentos religiosos, linhas de ley, mitologia, ciências terrestres ocultas, metafísica e espiritualidade. Esta 'terra fronteiriça' pode ser vista como um atoleiro ou a mãe de todas as minas, dependendo do seu ponto de vista."

Uma ideia que encontra aceitação tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos é que os círculos são a manifestação de energia da Terra viva, às vezes referida como Gaia. Vários

pesquisadores relataram que seus equipamentos de gravação registraram estranhezas audíveis dentro dos círculos nas plantações, como ruídos, estática e zumbido. "Isso sugere que há transitórios presentes em todo o espectro eletromagnético — de DC à luz do dia, como os técnicos chamariam", observou Migliore. "Quer o meio sejam micro-ondas, ondas de rádio ou radiação de frequência de áudio, o ponto é que alguma mente senciente é responsável por isso." A Mãe Terra ou Gaia está clamando contra o uso indevido e abuso de seus recursos naturais pelo homem, segue a ideia.

O conceito de energia orgânica é bastante semelhante à ideia de uma força primal doadora de vida chamada "energia orgone" pelo psicanalista Dr. Wilhelm Reich, que morreu enquanto estava preso pelas autoridades dos EUA em 1956 por vender caixas de "orgone" para uso terapêutico pessoal, apesar do apoio de Albert Einstein e outros.

Tais crenças levaram alguns pesquisadores de círculos ao uso de varas de radiestesia numa tentativa de determinar se linhas de energia ou de ley desempenham um papel no fenômeno. Curiosamente, embora a ciência convencional descarte a validade da radiestesia, alguns pesquisadores afirmam ter encontrado linhas de energia consistentes dentro dos círculos, especialmente ao longo de um eixo principal e em tangentes de noventa graus para a borda de retângulos. Videntes também foram usados para estudar os círculos nas plantações, e vários relatam que eles são produto de um fluxo de energia em direção à terra que é espiritual por natureza.

Um pesquisador, Jon Erik Beckjord, afirmou que "são simplesmente OVNIs invisíveis que estão usando feixes de força para 'escrever' os pictogramas dos círculos nas plantações, em todos os países onde ocorrem" em uma língua nórdica de quatro mil anos chamada Tifinag. Beckjord disse que era altamente improvável que "uma equipe de farsantes conhecedores de Tifinag estivesse circulando, fazendo 30-50 formas de plantação por dia durante a temporada..." Ele acrescentou que "a lógica alienígena não é a lógica humana" e que os alienígenas não gostam dos líderes mundiais, então os ignoram. "As vibrações estão erradas", explicou ele, "então eles — ilogicamente para nós — abordam pessoas simples, pessoas boas, pessoas amáveis, pessoas psíquicas — pessoas com pouco ou nenhum poder" com suas mensagens nas plantações. Embora admitindo que suas traduções são "especulativas" e "mais parecidas com arte ou artesanato do que com ciência", Beckjord afirmou perceber tais mensagens nas plantações como "Este é o lugar da Serpente ou do diabo, um lugar maldoso" e "Este é um lugar perigoso para acampar".

O pesquisador Dennis Stacy criticou Beckjord, perguntando: "Qual dos muitos fenômenos anômalos do mundo *não* poderia ser explicado pela introdução de OVNIs invisíveis? Por que parar nos círculos nas plantações...?" Apontando inúmeras falhas na teoria de Beckjord, Stacy observou: "Tentar fazer sentido do significado simbólico dos círculos já resultou em interpretações baseadas em línguas sumérias e semíticas antigas, bem como na simbologia

moderna de cartas meteorológicas! Tifinag... é apenas a mais recente dessas buscas infrutíferas."

Stacy e muitos outros pesquisadores de OVNIs expressaram a dificuldade que têm em acreditar que alienígenas espaciais que têm o conhecimento para viajar à Terra de anos-luz de distância não poderiam conceber um meio melhor de comunicação do que gravar símbolos incompreensíveis em um campo de grãos. Este pensamento racional argumenta bem para a ideia de que, se de fato os círculos nas plantações são comunicações, eles podem não ser destinados a nós.

O autor Peter Hewitt, que escreveu sobre o sobrenatural dentro de uma estrutura científica, sugeriu que as mensagens dos círculos podem vir de inteligências terrestres há muito mencionadas em lendas e mitos como fadas, duendes, dríades, sátiros e elfos. "Ninguém mais acredita ou presta atenção aos espíritos da natureza. Mas eles querem reconhecimento", explicou Hewitt. "Os círculos são suas pichações."

Alguns pesquisadores com uma inclinação ainda mais mística, como George Wingfield, veem os círculos nas plantações como mensagens dirigidas ao subconsciente humano, sinalizando um novo passo na evolução da consciência humana. Pragmáticos como Dennis Stacy os veem como expressões sem sentido da natureza, como arco-íris e trombas d'água. "Os Círculos não estão dizendo nada mais do que nós humanos os forçamos a dizer", comentou Stacy. "Na maioria das vezes, não argumentamos que um raio de sol está nos enviando uma mensagem específica."

Vince Migliore, por outro lado, vê exatamente essa mensagem. "Uma visão é que [o assunto dos círculos nas plantações] deve ser simplesmente apreciado por sua beleza e mistério. Por exemplo, as auroras boreais ou a linguagem de dança do zangão são menos inspiradoras de admiração agora que os cientistas podem explicar os fenômenos?" ele escreveu. "Eles ainda não são bonitos e surpreendentes? E, essas mesmas maravilhas documentadas ainda são estudadas porque o observador é forçado a decidir se isso é apenas alguma peculiaridade da Natureza, ou é, como o arco-íris, um sinal, uma promessa de Deus, de que ele é amado?"

Hewitt especulou que uma vez que a novidade dos círculos se desgastasse — para nós e para os criadores — eles cessariam.

Os eventos provaram o contrário. Círculos clássicos nas plantações com designs ainda mais elaborados e complexos foram relatados durante a temporada de cultivo de 1996 na Inglaterra. De acordo com o pesquisador de círculos Andy Thomas, um design intrincado composto por mais de 140 círculos de vários tamanhos aparentemente foi criado dentro de meia hora em julho de 1996 em um campo adjacente a Stonehenge. "Um piloto sobrevoou o campo por volta das 17h30 e não havia formação", relatou Thomas. "Quando ele retornou pouco antes das 18h00, lá estava ela."

A falsificação pode explicar apenas uma pequena porcentagem dos misteriosos círculos nas plantações do mundo, e fenômenos naturais foram praticamente descartados, especialmente à luz das mais recentes descobertas científicas. A não ser para ignorar o assunto, é-se compelido a começar a pensar nos círculos em termos de sinais de uma inteligência não humana — seja da Terra ou de outro lugar. Muitos pesquisadores, como Michael M. Chorost, que estuda círculos nas plantações em primeira mão desde 1990, afirmam que há duas possibilidades se os círculos são comunicações: Ou os humanos falharam em interpretá-los ou seu conteúdo não é destinado a nós. A questão de por que uma inteligência avançada poderia criar esses círculos misteriosos, mas parece não conseguir encontrar uma maneira de se comunicar conosco, apoia a última possibilidade.

Os argumentos sobre o significado de tais mensagens continuarão sem dúvida por algum tempo. Uma coisa é certa: As tentativas de entender a inteligência não humana ou alienígena levaram muitas pessoas pensativas a buscar profundamente dentro da natureza mental e espiritual da humanidade por insights e respostas. Algumas dessas pessoas estavam nos militares dos EUA, e o que descobriram foi quase tão inacreditável quanto o próprio fenômeno OVNI.

CAPÍTULO 11

NA MENTE

Certo dia no outono de 1985, de acordo com o autor e indicado ao Prêmio Pulitzer Howard Blum, um grupo de oficiais militares de alta patente se reuniu em uma sala de conferências revestida de chumbo no terceiro andar do Old Executive Office Building, em frente à Casa Branca, para assistir a um psíquico em ação.

Sentados em frente aos oficiais e ao conselheiro científico do presidente estavam dois cientistas do Stanford Research Institute (SRI) e um homem conhecido por suas habilidades psíquicas.

A ocasião foi uma demonstração do fenômeno conhecido como visualização remota (*remote viewing* - RV) — a capacidade de perceber mentalmente uma pessoa, lugar ou coisa a qualquer distância, por meios diferentes dos cinco sentidos normais. Era uma habilidade psíquica que havia sido estudada e desenvolvida pela inteligência dos EUA e pelos militares por mais de uma década até aquele momento. Mas naquele dia, o que para a maioria das pessoas era extraordinário moveu-se para o fantástico.

Após o psíquico descrever com sucesso a dacha no campo de Mikhail Gorbachev por meio de visualização remota por coordenadas, um segundo teste foi iniciado. Este foi projetado

para demonstrar o uso da RV contra submarinos. Uma série de fotografias retratando vários submarinos foi mostrada ao visualizador. Ele calmamente deu suas localizações atuais: Um submarino soviético estava ao largo da costa da Islândia, outro localizado em águas internacionais ao largo da costa da Carolina do Sul.

Mas a última foto — a de um submarino soviético da classe Delta — causou alguma consternação ao visualizador. Ele hesitou como se tivesse visto algo inesperado.

O visualizador anunciou que o submarino estava patrulhando um setor do oceano entre Maine e Nova Escócia. Mas hesitou novamente. Havia mais, mas ele parecia desconfortável em dizê-lo. Mais de um membro da audiência pensou que o visualizador parecia assustado.

"O que é?" perguntou um dos cientistas.

O visualizador explicou que, enquanto procurava pelo submarino, viu outra coisa nas mesmas coordenadas, algo que pairava acima do submarino.

"Foi um avião?" indagou o cientista. O visualizador remoto apenas deu de ombros.

Pediu-se ao visualizador que esboçasse o que viu. Ele rapidamente começou a desenhar círculos; um era alongado, aparentemente o submarino. Mas acima deste havia um círculo sem asas.

Perguntaram se ele viu um foguete, o visualizador remoto novamente apenas deu de ombros. Finalmente, expressando as esperanças ou medos de muitos na sala, o cientista disse: "Bem, o que mais poderia ser? Quer dizer, você não vai me dizer que é um disco voador."

"Sim", respondeu o visualizador, "é exatamente isso."

Apesar deste encontro com o fantástico, a Inteligência Naval e a Agência de Inteligência de Defesa (DIA) aceitaram a legitimidade da demonstração e, dentro de seis meses, lançaram uma operação classificada usando visualizadores remotos para procurar submarinos soviéticos chamada Projeto Aquarius. "Nos 14 meses seguintes, houve pelo menos 17 avistamentos registrados de 'objetos voadores não identificados pairando' pelos participantes de escaneamento no Projeto Aquarius", relatou Blum. Não está claro se este era o mesmo Projeto Aquarius mencionado nos documentos de briefing do MJ-12.

A demonstração de 1985 e sua aceitação por altos funcionários militares, de inteligência e da ciência foi apenas mais um episódio na longa história da duplicidade de Washington. Enquanto zombavam oficialmente de qualquer relato divulgado sobre OVNIs, várias

agências governamentais continuaram silenciosamente a dar atenção séria a tais assuntos, até ao ponto de usar visualizadores remotos psíquicos.

E por que não? Afinal, quase todos os encontros imediatos modernos com OVNIs parecem envolver alguma forma de telepatia ou comunicação mente a mente. Muitos abduzidos relatam que seus captores se comunicam por meios mentais. Eles "ouvem" vozes alienígenas dentro de suas próprias cabeças. Os abduzidos Betty e Barney Hill, Betty Andreasson e Travis Walton, entre muitos outros, todos disseram que nunca viram a boca de seus captores se mover, mas "sentiram" seus pensamentos.

Se os visitantes alienígenas estão usando poderes mentais ou psíquicos para se comunicar com os humanos, talvez os humanos pudessem usar esses mesmos poderes para penetrar na agenda alienígena. Na verdade, muitas pessoas familiarizadas com a visualização remota acreditam que este processo pode ser o melhor método até agora disponível para penetrar no enigma dos OVNIs. Se assim for, a questão se torna: os humanos realmente têm tal capacidade psíquica e ela pode ser comprovada como confiável?

O governo dos EUA, com base no fato do financiamento e estudo contínuos pelos militares e agências de inteligência, obviamente acredita que as respostas a essas perguntas são afirmativas. Para entender como eles chegaram a uma conclusão tão controversa, é preciso estudar a história dos fenômenos psíquicos.

A Bíblia Me Diz Isso

Todos os grandes textos religiosos do mundo, da Bíblia ao Alcorão e aos do misticismo oriental, contêm uma riqueza de histórias envolvendo profecia, visões e instrução espiritual. E todos parecem envolver entrada visual. O livro bíblico de Isaías abre com a declaração: "Estas são as mensagens que vieram a Isaías, filho de Amoz, nas visões que ele viu durante os reinados do rei Uzias, do rei Jotão, do rei Acaz e do rei Ezequias — todos reis de Judá."

De acordo com o *Holman Bible Dictionary*, os primeiros profetas bíblicos influenciaram quase todas as instituições de Israel, apesar de frequentemente serem vistos com desprezo, presos, ignorados e perseguidos. Os profetas formavam guildas ou escolas, e seus assistentes registravam suas palavras para a posteridade.

A profecia bíblica não se limitava aos homens. No livro de Juízes do Antigo Testamento, encontramos que uma "profetisa" chamada Débora forneceu ao líder israelita Baraque informações sobre a disposição militar de Sísera, o comandante das forças do rei de Canaã. As forças de Sísera foram derrotadas e assim Débora, usando inteligência psíquica, desempenhou um papel fundamental na conquista da Terra Prometida.

Mesmo no Novo Testamento, a profecia e as visões desempenharam um papel importante à medida que o plano messiânico se desenrolava. São Paulo ofereceu alguns conselhos sobre profecia que as pessoas modernas bem poderiam levar a sério. "Não desprezeis as profecias. Examinai tudo; retende o que é bom", aconselhou ele aos membros da igreja em Tessalônica.

A profecia também figurou amplamente na literatura grega antiga, de Homero a Aristófanes — e também na história grega. De acordo com o historiador grego Heródoto, o rei Creso desejava obter informações militares estratégicas dos profetas e oráculos disponíveis. Mas ele estava cético e quiser certificar-se de sua precisão. Assim, por volta do ano 550 a.C., Creso conduziu o primeiro teste registrado de habilidades psíquicas. Ele enviou mensageiros aos sete principais oráculos de sua época com instruções para se aproximarem dos oráculos exatamente cem dias após sua partida. Eles deveriam pedir aos oráculos que descrevessem o que o rei estava fazendo naquele dia. No dia designado, Creso escolheu uma atividade não real — ele cozinhou um ensopado de cordeiro e tartaruga usando um caldeirão de bronze.

Apenas o oráculo em Delfos relatou corretamente a atividade do rei, afirmando:

"Posso contar todos os grãos de areia e medir toda a água no mar?
Mesmo que um homem não fale, posso entender;
Nem os pensamentos dos homens mudos estão escondidos de mim.
Um cheiro de tartaruga fervendo com um cordeiro sinto:
Bronze por baixo e por cima os cobre também."

O rei Creso, tendo se convencido da precisão do oráculo de Delfos, perguntou se deveria atravessar as montanhas Halys e atacar Ciro da Pérsia. O oráculo respondeu: "Quando Creso tiver atravessado o Halys, um grande império será destruído." Creso, pensando que seus planos estavam prometidos ao sucesso, atacou Ciro. Mas Creso foi derrotado e foi seu "grande império" que foi destruído. Esta experiência atesta tanto o problema de interpretar corretamente a informação psíquica quanto o de transmitir corretamente essa informação.

Tais relatos continuaram ao longo da história. Joana d'Arc foi uma visionária e adivinha que usou seu poder de visão sobrenatural com grande vantagem durante suas batalhas para libertar a França dos ingleses.

Mas as visões de Santa Joana empalidecem quando comparadas ao mais famoso dos videntes medievais — Michel de Nostredame, mais conhecido na história como Nostradamus. Nostradamus, já bem respeitado em sua época como médico e cientista, garantiu seu lugar na história como profeta pela publicação de seu livro *Centúrias* em 1555, que incluía previsões precisas até mesmo nomeando futuros líderes como "PAU, NAY, LORON" — um anagrama bastante óbvio para NAPAULON ROY, Napoleão o Rei

— Franco como líder da Espanha, e um tirano germânico que Nostradamus chamou de HISTER.

Havia uma razão legítima para tais jogos de palavras. Devido ao zelo da Inquisição, Nostradamus foi forçado a usar uma combinação habilidosa de trocadilhos, anagramas e jargões científicos e astrológicos para evitar sua prisão como praticante de bruxaria. Na verdade, Nostradamus, cuja família incluía homens educados nas tradições cristã e judaica, tornou-se um cristão devoto e sempre atribuiu sua visão profética a poderes dados por Deus.

Embora se admita que não há interpretação certa de todos os escritos de Nostradamus, suas previsões foram surpreendentemente corretas em muitos casos, o suficiente para que todos que estudaram o vidente francês por algum tempo perceberam que sua taxa de precisão ia muito além de qualquer truque simples ou interpretação engenhosa.

Em *Centúrias*, Nostradamus descreveu como obtinha suas visões proféticas. Ele se trancava à noite em um estudo secreto e colocava um copo de água sobre um tripé de bronze. Depois de aquietar sua mente, Nostradamus olhava fixamente para a água até que, adquirindo um estado meditativo, visse visões do futuro. Este método é surpreendentemente semelhante ao criado para a visualização remota.

Um pesquisador parapsicológico mais moderno foi Charles Richet, membro da Society for Psychical Research fundada em 1882. Professor de fisiologia na faculdade de medicina da Universidade de Paris e ganhador do Prêmio Nobel, Richet estudou clarividência fazendo com que sujeitos identificassem cartas de baralho colocadas em envelopes opacos, pioneirando assim os métodos mais tarde usados pelo conhecido pesquisador psíquico J. B. Rhine.

Joseph Banks Rhine e sua esposa, Louisa, ambos se envolveram fortemente em pesquisa psíquica na Duke University em Durham, Carolina do Norte. O foco da experimentação dos Rhine foi inicialmente estatístico. Usando cartas especialmente desenhadas, centenas de sujeitos tentavam adivinhar qual carta viria a seguir. Os Rhine e seus associados haviam, em 1932, demonstrado claramente a existência de fenômenos psíquicos. Rhine aplicou o termo "percepção extrassensorial" (ESP) às suas descobertas. Mas, talvez mais importante, ele havia demonstrado que a ESP envolvia relações naturais da mesma maneira que os fenômenos psicológicos comuns.

De 1927 até a morte de J. B. Rhine em 1970, a dupla produziu uma quantidade prodigiosa de artigos científicos demonstrando a existência tanto da ESP quanto da psicocinese (PK), a capacidade de mover objetos físicos. Esta pesquisa empolgante sobre fenômenos psíquicos foi apresentada em artigos secos com títulos como "Experimentos Relacionados à Hipótese da Precognição: Chamada de Cartas com Pré-embaralhamento" e "Uma Revisão da Série de Testes de ESP Pearce-Pratt à Distância".

Os Rhine tiveram sua cota de críticos. No entanto, ao longo dos anos, eles responderam silenciosa, mas firmemente, a todas as críticas que surgiram. Em 1940, os Rhine, juntamente com outros parapsicólogos, produziram um livro intitulado *Extra-Sensory Perception After Sixty Years*, um compêndio da pesquisa psíquica até aquela época. A pesquisa neste livro foi tão cuidadosa e científica que o livro se tornou leitura obrigatória para as aulas introdutórias de psicologia em Harvard no ano acadêmico de 1940-41.

Mesmo a olhada mais superficial no registro histórico dos fenômenos psíquicos deveria convencer o cético mais ardente de que há definitivamente algo além dos cinco sentidos humanos em ação. Louisa Rhine escreveu em 1967: "O processo de ESP revelou-se, ou o suficiente de si mesmo, nos estudos de parapsicologia feitos até agora, que um esboço consistente dele pode agora ser visto. Naturalmente, porque a parapsicologia como ciência é muito jovem, o conhecimento sobre este processo ainda está longe de ser completo. Sem dúvida, levará muito tempo até que muitos dos enigmas que apresenta possam ser totalmente resolvidos. Mesmo assim, há pouca dúvida de que o esboço de seu progresso traçado do inconsciente profundo para a consciência é verdadeiro..."

A pesquisa psíquica continuou apesar das objeções dentro da comunidade científica ortodoxa, e muito progresso foi feito. Técnicas como experimentos de privação sensorial "ganzfield" e "meta-análise" ou um estudo abrangente de experimentos psíquicos provaram ser bem-sucedidas em provar a existência de fenômenos psíquicos. "Várias linhas de pesquisa parapsicológica estão indubitavelmente produzindo efeitos consistentes e confiáveis que não podem ser atribuídos ao acaso, à má metodologia ou às idiossincrasias de alguns experimentadores ou estudos incomuns", observou o Dr. Richard S. Broughton, ex-presidente da Associação Internacional Parapsicológica.

Um daqueles pesquisadores que produziram efeitos consistentes e confiáveis foi o artista/cientista nova-iorquino Ingo Swann, que havia experimentado incidentes psíquicos desde a infância. No início dos anos 1970, Swann conheceu Cleve Backster, um operador de polígrafo de Nova York que em 1966 havia feito a surpreendente descoberta de que plantas ligadas ao polígrafo registravam respostas a estímulos externos assim como os humanos.

Sua descoberta — agora chamada de "efeito Backster" — foi objeto de um livro imensamente popular de 1973 intitulado *The Secret Life of Plants* (A Vida Secreta das Plantas). Após descobrir que qualquer tecido vivo, incluindo até os bacilos do iogurte, exibia reações em seus gráficos, Backster concluiu: "A senciência parece não parar no nível celular. Pode descer ao molecular, ao atômico e até ao subatômico. Todos os tipos de coisas que têm sido convencionalmente consideradas inanimadas podem ter que ser reavaliadas."

Swann trabalhou no laboratório de Backster por cerca de um ano. O trabalho de Backster, verificado e ampliado por outros cientistas ao redor do mundo, convenceu Swann de que algo muito real estava acontecendo em um nível psíquico ou subconsciente.

No final de 1971, Swann estava envolvido em experimentação psíquica com o Dr. Karlis Osis e sua assistente Janet Mitchell na American Society for Psychical Research (ASPR) em Nova York. Este trabalho foi feito sob os auspícios da Dra. Gertrude Schmeidler do Departamento de Psicologia do City College da City University of New York e membro do conselho da ASPR. Os resultados desta experimentação foram geralmente bons, com mais "acertos" do que "erros".

Mas, em pelo menos duas ocasiões, os testes resultaram em algo bastante extraordinário. Em 3 de março de 1972, a caixa-alvo foi forrada com papel branco e Swann relatou que havia impressão em uma parte do papel. O testador comentou que este teste foi um "erro" porque não havia impressão no papel. "Para desgosto de todos, quando a caixa foi removida e inspecionada, lá estava a impressão exatamente como eu senti que havia visto", lembrou Swann. Parece que a pessoa que forrou a caixa havia perdido a impressão.

Em outra ocasião, Swann estava tentando valentemente ver o interior de uma caixa iluminada, mas tudo o que percebia era escuridão. "A maldita luz está apagada sobre o alvo", gritou ele para os testadores, que responderam: "Impossível!" No entanto, quando um dos monitores subiu uma escada alta para alcançar a caixa-alvo, descobriu-se que a luz havia realmente se apagado, exatamente como Swann havia percebido. Com resultados como este, a habilidade psíquica de Swann começou a florescer e o conceito de visualização remota se aproximou.

Visualizando à Distância

Foi durante este trabalho para a Dra. Schmeidler e o Dr. Osis que Swann e Mitchell usaram pela primeira vez o termo "visualização remota". "Foi cunhado para identificar um tipo particular de experimento — não um tipo particular de habilidade psi", Swann escreveu mais tarde. "Sugeri que chamássemos [esses experimentos] de 'sensoriamento remoto'. Logo, porém, ficou claro que eu não apenas sentia os locais, mas experimentava imagens mentais deles de uma maneira visualizadora. Sem pensar muito nisso, e antes do final de 1971, começamos a nos referir aos experimentos de longa distância como de visualização remota, pois este termo parecia o mais adequado."

Durante este tempo, Swann soube de uma proposta do Dr. Harold E. Puthoff, um físico do Stanford Research Institute (SRI) — agora chamado SRI International — em Menlo Park, Califórnia. Puthoff queria estudar pesquisa básica em biologia quântica e não tinha interesse em fenômenos psíquicos. Mas, após várias conversas com Swann, ambos os homens concordaram em testar a visualização remota, mas apenas sob os mais rigorosos protocolos

científicos. Isso começou quase vinte anos de estudo da visualização remota no SRI. Foi "o experimento científico mais severamente monitorado da história", de acordo com Ron McRae, um investigador do colunista de jornal Jack Anderson.

Durante seu tempo no SRI, Swann desenvolveu um método de usar coordenadas para determinar um alvo de visualização remota sem dizer ao visualizador o que estava no local com antecedência. Ao dar a um visualizador o nome de um alvo — como a Torre Eiffel — o visualizador poderia automaticamente recorrer à memória e à sua própria imaginação para produzir uma imagem do alvo.

"Fiz alguns experimentos na ASPR nos quais movi meu ponto de vista para algum local remoto e descrevi o que havia lá. Isso foi divertido de fazer e os estudos foram estatisticamente significativos", lembrou Swann. "Eu disse que achava que poderia olhar para qualquer lugar do mundo se você me desse apenas algumas coordenadas como latitude e longitude. Vamos projetar um experimento em torno disso!"

E com essa sugestão, a visualização remota por coordenadas entrou no laboratório do SRI. No início foi alternado. Mas em uma série final de dez testes de visualização remota por coordenadas, Swann recebeu sete "acertos" de juízes independentes e apenas um claro "erro", indicando que, como sua experiência na ASPR, sua habilidade melhorou à medida que avançava.

Swann simplesmente recebia um conjunto de coordenadas e descrevia o que "via" nessas coordenadas. Um atlas mundial era consultado — descobriu-se que o *National Geographic* era uma excelente fonte de referência — e os pesquisadores obtinham feedback imediato. O deserto australiano, Madagascar, Hong Kong, Bornéu, o Grande Lago Salgado, o Monte Shasta, o Yukon e o Oceano Índico foram apenas alguns dos locais dados a Swann apenas como coordenadas.

Em uma entrevista de 1993, Swann disse que houve uma sessão de visualização remota em particular que o convenceu da realidade do fenômeno. "Eles estavam usando um mapa de parede para obter suas coordenadas", lembrou ele. "Ora, este mapa tinha uma imagem do Lago Vitória na África, então eles colocaram uma coordenada bem no meio do lago. Eu relatei uma interface terra-água, uma península estreitando aqui, etc. Eles disseram: 'Bem, isso não está correto', e eu disse: 'Tem que estar correto, quero dizer, foi isso que vi.' Eu disse a eles que a proporção do mapa de parede era muito pequena e sugeri que consultássemos um mapa maior do Lago Vitória.

"Então fomos embora e entramos no carro. Fomos a uma livraria e Hal teve que desembolsar 110 dólares por este enorme atlas. Abrimo-lo imediatamente, ali mesmo na loja, e lá no Lago Vitória, neste mapa de escala maior, havia uma península de terra se projetando com um ponto estreito. Bingo! A coordenada estava bem sobre ela. Eles não

sabiam disso — ninguém sabia disso. Eu disse: 'Ok, Hal, é isso que vou oferecer ao cliente como um experimento repetível. Acredite em mim, é repetível.' Então foi assim que começou."

Seu principal "cliente" provou ser a Agência Central de Inteligência. Oficiais da CIA estavam respondendo à reação do público a um livro de 1970 intitulado *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* (Descobertas Psíquicas Atrás da Cortina de Ferro), de Shiela Ostrander e Lynn Schroeder. Este livro postulava que os Estados Unidos estavam atrás dos soviéticos em pesquisa psíquica, com base na turnê das autoras pela União Soviética e Europa Oriental.

De acordo com Puthoff, dois homens da CIA o procuraram no SRI em 1972. "Eles sabiam do meu histórico anterior como Oficial de Inteligência Naval e depois funcionário civil da Agência de Segurança Nacional vários anos antes, e sentiram que poderiam discutir suas preocupações comigo abertamente", lembrou Puthoff. "Havia, disseram-me, uma preocupação crescente na comunidade de inteligência sobre o nível de esforço em parapsicologia soviética sendo financiado pelas forças de segurança soviéticas; para os padrões científicos ocidentais, o campo era considerado bobagem pela maioria dos cientistas atuantes. Como resultado, eles estavam à procura de um laboratório de pesquisa fora da academia que pudesse lidar com uma investigação classificada discreta e de baixo perfil, e o SRI parecia se encaixar. Eles me perguntaram se eu poderia providenciar uma oportunidade para eles realizarem alguns experimentos simples com Swann e, se os testes se mostrassem satisfatórios, eu consideraria um programa piloto nestas linhas? Eu concordei..."

Este estudo de visualização remota — apelidado de Projeto SCANATE (SCANning by coordinATE - Escaneamento por Coordenada) — provou-se tão bem-sucedido que o financiamento da CIA continuou até 1976, quando o programa psíquico foi assumido pelo Comando de Inteligência e Segurança (INSCOM) do Exército dos EUA. Mais de uma dúzia de oficiais de inteligência militar foram treinados usando protocolos desenvolvidos no SRI e, em 1976, foram formados no Destacamento G, também conhecido como Projeto GRILL FLAME, localizado em Fort Meade, Maryland. Ao longo dos anos, o projeto foi conhecido por vários nomes: CENTER LANE, SUN STREAK e STARGATE.

Esta unidade militar não ortodoxa de operativos psíquicos — ou espiões psi — foi criação do Major General Ed Thompson, então assistente do chefe do estado-maior do exército para inteligência. "Fiquei convencido de que a visualização remota era um fenômeno real, que não era uma farsa", lembrou Thompson. "Não sabíamos como explicá-lo, mas não estávamos tão interessados em explicá-lo quanto em determinar se havia algum uso prático nisso."

Embora aparentemente nunca tenha sido utilizada como fonte primária de inteligência — o preconceito entre oficiais de alta patente contra qualquer coisa psíquica permanecia forte —

a visualização remota foi usada para localizar instalações militares inimigas, locais de lançamento de foguetes e submarinos. Na Guerra do Golfo, foi usada numa tentativa de localizar os estoques de armas bioquímicas de Saddam Hussein.

Aprendeu-se que múltiplos visualizadores fortaleceram a precisão de qualquer visualização remota. Quanto mais visualizadores envolvidos, mais confiável a informação, assim como numa cena de acidente de carro onde uma síntese dos depoimentos das testemunhas oculares geralmente produz quase 100% de precisão.

Que o exército, e mais tarde a DIA, acreditavam que havia benefícios críveis e práticos a serem obtidos com a visualização remota é atestado pelo fato de que tanto os estudos de RV quanto a unidade operacional de espiões psi foram continuados até meados de 1995. Então, após o cancelamento abrupto e incomum de um grande livro sobre o assunto, a CIA admitiu pela primeira vez seu papel na pesquisa psíquica. Embora a história tenha sido coberta pelo *Nightline* da ABC-TV e pelos jornais de Washington, pouca ou nenhuma cobertura da história da visualização remota chegou à mídia local. O público americano permanece amplamente ignorante do estudo intenso e prolongado do governo sobre este fenômeno psíquico e seu uso como ferramenta de inteligência.

Um relatório encomendado pela CIA, emitido em 29 de setembro de 1995, pelo American Institutes for Research, tentou minimizar a questão. Embora admitindo que "um efeito estatisticamente significativo foi observado nas experiências laboratoriais recentes de visualização remota", os escritores do relatório, no entanto, concluíram que "o apoio contínuo para o componente operacional do programa atual não é justificado". Ecoando a posição da comunidade científica dominante, o relatório afirmou: "Para dizer que um fenômeno foi demonstrado, devemos conhecer as razões para sua existência." Em outras palavras, se não sabemos como algo funciona, deve ser que não está realmente funcionando. Era o velho conflito de mentalidades mais uma vez.

Uma declaração oficial da CIA varreu a questão ainda mais para debaixo do tapete, alegando que o programa de visualização remota, "sempre considerado especulativo e controverso — foi determinado como pouco promissor". O que não foi explicado ao público foi por que este programa psíquico "pouco promissor" havia continuado sob pelo menos três organizações governamentais separadas e quatro presidentes por mais de um quarto de século. A razão, muito simplesmente, é que a visualização remota funciona. Ou como Puthoff colocou rigidamente em um relatório formal: "Os resultados integrados [dos estudos de RV] parecem fornecer evidência inequívoca de uma capacidade humana de acessar eventos remotos no espaço e no tempo, por mais vacilante que seja, por algum processo cognitivo ainda não compreendido."

Outro aspecto do programa de espiões psi conspicuamente ausente das histórias da mídia era que todo visualizador remoto havia, em um momento ou outro, encontrado OVNIs em

suas buscas mentais. Inicialmente ordenados a localizar aeronaves de alto voo e alto desempenho para observar a nova tecnologia soviética, os espiões psi ficaram surpresos ao descobrir naves que não se originavam na Terra.

Os estudos laboratoriais de visualização remota demonstraram que o fenômeno não é limitado pelo tempo ou espaço. Alguns visualizadores foram capazes de perceber pessoas em um local específico antes mesmo de chegarem. E nenhuma quantidade de distância parecia diminuir as percepções do visualizador. Especulou-se que a exploração espacial pode ser uma das aplicações mais importantes e econômicas da visualização remota.

Uma Visão do Espaço

O uso da visualização remota na exploração espacial foi confirmado no início dos anos 1970, quando Ingo Swann registrou suas impressões de vários corpos do nosso sistema solar. Suas visões foram tomadas com leviandade na época, mas posteriormente confirmadas por várias missões espaciais profundas da NASA.

Enquanto passava por intermináveis testes com os cientistas do SRI, Swann ficou ansioso por alguma diversão. "Em meio a este desespero durante março de 1973, observei com crescente interesse a aproximação da sonda Pioneer 10 da NASA do distante planeta Júpiter. A Pioneer 10 começaria a enviar dados sobre Júpiter aproximadamente em 3 de dezembro, nove meses depois. Não seria interessante se uma sonda psíquica de Júpiter pudesse ser comparada ao eventual feedback da Pioneer 10?", refletiu Swann.

Swann, em conjunto com outro psíquico, Harold Sherman, conduziu uma visualização remota de Júpiter em 27 de abril de 1973. As impressões registradas tanto de Swann quanto de Sherman foram virtualmente idênticas.

A descrição de Swann afirmava: "Há um planeta com listras. Espero que seja Júpiter. Acho que deve ter um manto de hidrogênio extremamente grande. Se uma sonda espacial fizesse contato com isso, seria talvez 80.000-120.000 milhas da superfície do planeta... Muito alto na atmosfera há cristais, eles brilham, talvez as listras sejam como bandas de cristais, talvez como os anéis de Saturno, embora não tão distantes assim, muito perto da atmosfera... Agora, vou descer... Dentro dessas camadas de nuvens, essas camadas de cristais, elas parecem bonitas do lado de fora. Do lado de dentro parecem nuvens de gás ondulantes — luz amarela estranha, arco-íris. Tenho a impressão, embora não veja, de que é líquido. Então atravessei a cobertura de nuvens, a superfície parece dunas de areia. São feitas de cristais de grau muito grande, então deslizam. Ventos tremendos, meio que como os ventos predominantes da Terra, mas muito perto da superfície de Júpiter. Desse ponto de vista, o horizonte parece alaranjado ou rosado, mas acima é meio esverdeado-amarelado. Se eu olhar para a direita, há uma enorme cordilheira... Essas montanhas são enormes, mas ainda não se projetam através da cobertura de nuvens de cristais... Vejo algo que parece um

tornado. Há uma inversão térmica aqui? Aposto que sim... Vou me mover mais em direção ao equador. Tenho a impressão de que deve haver uma faixa de cristais semelhante às externas, meio azulada. Eles parecem estar em órbita, órbita permanente, descendo através de outra camada mais abaixo que são como nossas nuvens, mas se movendo rápido... Vento tremendo. Está mais frio aqui. Talvez seja porque não há uma inversão térmica lá... A atmosfera de Júpiter é muito espessa."

Anéis de cristal? Uma atmosfera? Esses eram conceitos ridículos na época. Mesmo após a passagem da Pioneer 10, não havia dados suficientes para substanciar as descrições de Swann. O cientista do SRI Puthoff disse: "Nas discussões pós-experimento com astrônomos, o consenso foi que os resultados do nosso experimento não estavam em desacordo com o que já era conhecido ou com os dados adicionais transmitidos pela sonda, mas nenhuma avaliação definitiva poderia ser feita também."

A confirmação total das descrições de Swann só veio seis anos depois, com as sondas espaciais Voyager 1 e 2 em 1979.

A revista *Time* informou: "O fenômeno mais inesperado, no entanto, ocorreu quando a Voyager começou a detectar um fluxo de matéria dentro da órbita de Amalteia [um dos satélites de Júpiter]. Felizmente, os controladores da missão haviam programado o obturador da câmera para permanecer aberto por 11,2 minutos na remota possibilidade — ninguém levava a possibilidade muito a sério — de que Júpiter tivesse algum tipo de anel. Para espanto de todos, a foto de longa exposição da Voyager produziu uma imagem manchada que os cientistas só puderam explicar como um anel de detritos do tamanho de pedregulhos. As descobertas pareciam tão improváveis que a equipe da NASA atrasou a divulgação da informação ao público por vários dias enquanto os dados eram verificados e reexaminados. Saturno era há muito o único planeta conhecido por ter anéis e considerado o único que poderia tê-los. Em 1977, essa teoria foi destruída com a descoberta de anéis ao redor do planeta Urano. O próprio Júpiter foi pesquisado anteriormente pelas sondas espaciais Pioneer 10 e 11, mas é fácil ver por que nenhum anel joviano foi encontrado. O anel de Júpiter é quase tão fino quanto papel, talvez 1 km (0,6 milhas) de altura e impossível de ver da Terra."

Mas não impossível para Ingo Swann ter visualizado remotamente seis anos antes. Muitas outras características jovianas descritas por Swann foram confirmadas pelas missões posteriores da NASA: os ventos fortes, as imponentes cadeias de montanhas e a espessa cobertura de nuvens.

Em 11 de março de 1974, Swann fez uma viagem mental ao planeta Mercúrio, antecipando o próximo sobrevoo da Mariner 10. Esta sessão de visualização remota foi monitorada pela Dra. Janet Mitchell. Os comentários de Swann foram gravados, transcritos, notarizados e

depositados até o meio-dia de 13 de março em várias partes, incluindo o Central Premonitions Registry em Nova York.

Ele afirmou: "Acho que tenho que ir na direção do Sol, para poder ver a Lua atrás de mim. Lá vamos nós. Você acha que Mercúrio tem — como vamos chamá-la? — uma magnetosfera. Como uma esfera circular de magnetismo, de cinturões magnéticos ao redor, exceto que com Mercúrio, eles não são uma esfera, mas no lado de Mercúrio voltado para o Sol, está mais perto da superfície do planeta e no lado oposto do planeta, é meio que empurrada para o espaço... Tudo parece muito claro. Oh, não sei por quê! Parece haver uma atmosfera fina, mas não é suficiente para não torna o céu azul como na Terra, então você vê escuridão exceto onde o sol está, talvez seja roxo, acho. Não há muita névoa. Tenho a impressão de umidade — água. E marés, marés enormes; marés líquidas... conforme o planeta gira, o sol cria ondas de marés terrestres, de modo que a superfície tem muitas rachaduras e fissuras. A gravidade deve ser desigual, puxando mais para o sol o tempo todo. Vejo nuvens — tempestades elétricas agora. Essas nuvens vêm e vão muito rápido e se formam no lado diurno do planeta, nas duas periferias do lado diurno. Vejo arco-íris que parecem saltar. Eles se arqueiam — são mais como auroras, acho. Na superfície há tanto um líquido — parece mais pesado que a água — mas líquido. É água de algum tipo e marés terrestres, tanto marés de água quanto marés de terra e um ciclo de condensação rápido. Acho que é assim que você chamaria. Isso cria os arco-íris saltitantes em todas as direções às vezes. Deve ter gravidades diferentes, dependendo de em que lado você está. É lindo — Deus, é lindo... Vejo massas de terra, mas parecem lavadas pela água, como se a água apenas circulasse ao redor do planeta o tempo todo... Parece um pequeno planeta adorável. Há diferenças nas massas de terra, de certa forma montanhosas, mas não muito montanhosas. Tudo parece desgastado, imagino por causa das marés terrestres. Diria que o planeta é caracterizado por uma espécie de esplendor eletromagnético discreto. É só isso."

A descrição detalhada de Swann sobre Mercúrio foi considerada uma novidade peculiar pelos poucos astrônomos que leram o relatório. Afinal, era dogma estabelecido nos círculos científicos que Mercúrio não tinha atmosfera, nem campo magnético e nem ionosfera.

A visão estabelecida do planeta foi derrubada menos de um mês depois, quando o sobrevoo da Mariner 10 começou a produzir a primeira visão fotográfica de perto do homem de Mercúrio. O *Science News* informou: "Até a semana passada, a maioria dos planetólogos sentia, com boa razão, que Mercúrio era um planeta bem insignificante. Sem atmosfera — o vento solar a varreria — sem campo magnético — a rotação lenta do planeta não criaria o efeito dínamo necessário para sustentar um — sem ionosfera — sem campo magnético para prender as partículas ionizadas — sem luas. Em suma, um mundo monótono. Agora é 'estranho', 'surpreendente', 'assustador' e 'fascinante', tudo graças a alguns dias de observações pela Mariner 10. A primeira nave espacial a sobrevoar Mercúrio tirou fotos em close-up que revelam uma superfície densamente craterada e transmitiu dados

surpreendentes que invalidam muitas das teorias sobre o planeta mais próximo e menor do Sol."

Uma a uma, as observações de visualização remota de Swann sobre Mercúrio se mostraram corretas à medida que os dados da Mariner 10 continuavam a chegar. O *Science News* informou: "Uma grande surpresa foi a descoberta de que o mundo supostamente sem ar tem uma atmosfera... A atmosfera é extremamente fina, menos de um centésimo de bilionésimo da densidade da da Terra... mas está indiscutivelmente lá... A descoberta mais significativa sobre a atmosfera... foi a existência de uma 'cauda' de hélio saindo de Mercúrio em uma direção oposta ao sol. Foi significativo porque moldando a cauda estava outra característica inesperada de Mercúrio, um campo magnético... Cerca de 20 minutos antes da nave atingir sua distância mais próxima de Mercúrio — cerca de 466 milhas — houve sinais muito claros de um choque de proa, uma frente de choque formada pelo vento solar ricocheteando no campo magnético envolvente do planeta, do qual a lua tem pouco ou nenhum... Há sinais definitivos de fluxos de lava sugerindo atividade vulcânica e longos penhascos e fissuras não muito torcidos apontando para um planeta com pelo menos uma história um tanto ativa."

Um ano depois, o campo magnético de Mercúrio foi confirmado quando a Mariner 10 novamente se aproximou do planeta. O *Science News* informou: "Sobrevivendo a uma situação dramática de última hora de tirar o fôlego, a danificada Mariner 10 revelou esta semana que o campo magnético de Mercúrio, uma surpresa completa quando a sonda o detectou pela primeira vez há um ano, é definitivamente do próprio planeta, intrínseco a Mercúrio, em vez de algo gerado externamente por alguma interação complexa com o vento solar."

Swann havia identificado corretamente a atmosfera fina de Mercúrio, o campo magnético e o rastro de hélio saindo do planeta para longe do sol. Essas observações estavam em contradição direta com o pensamento científico da época. Swann certamente não leu sobre tais atributos planetários anteriormente.

Como a credibilidade da visualização remota no espaço parecia estabelecida pelos experimentos de Swann, juntamente com o feedback científico, deve-se dar séria consideração às experiências fora do planeta relatadas por visualizadores remotos treinados. O que soa como a fantasia mais extravagante para a maioria do público tornou-se a norma para esses visualizadores remotos treinados pelo governo. Sabendo que seus superiores não queriam ouvir relatos desconfortáveis de OVNIs e raças alienígenas, os espiões psi criaram "Arquivos Enigma" nos quais acumularam seus casos mais extraordinários. Foi um precursor real de *Arquivo X*. Esses casos envolviam incursões de visualização remota que iam muito além da Terra.

Seu trabalho continuou mesmo depois de deixarem os militares. Em 1989, vários dos visualizadores treinados militarmente formaram uma empresa privada chamada PSI TECH Inc. Eles planejavam oferecer seus conhecimentos de visualização remota para organizações e empresas. Por várias razões — não menos importante a falta de capital — todos, exceto um dos visualizadores remotos militares, haviam deixado a PSI TECH em 1996.

Um dos clientes da PSI TECH foi o efêmero Centro para o Estudo de Círculos nas Plantações da América do Norte em New Canaan, Connecticut, que estava estudando o fenômeno dos círculos nas plantações.

Como Fazer um Círculo

Em junho de 1992, cinco visualizadores remotos experientes fizeram um estudo dos misteriosos círculos nas plantações, concentrando-se em um caso bem documentado no Castelo de Barbury, perto de Marlborough, Inglaterra. Foi considerado um caso particularmente bom porque os círculos eram notáveis em sua complexidade geométrica e porque testemunhas ouviram zumbidos pulsantes no ar e viram luzes piscando no céu.

Em um relatório final, suas "Avaliações Chave" foram de que os círculos nas plantações não são símbolos destinados como uma mensagem ao homem, mas sim postes de sinalização ou marcas de referência produzidas por alienígenas se movendo tanto no espaço quanto no tempo. "Pelo menos 12 espécies diferentes de extraterrestres, todas de diferentes pontos de origem, usam e reconhecem esses círculos nas plantações. Aparentemente, uma grande importância é atribuída a esses pictogramas porque esses veículos frequentemente mudam de direção após um sobrevoo. Alguns param nas proximidades dos círculos para o que parecem ser verificações de comunicações", afirmou o relatório, acrescentando que os campos de cultivo são selecionados como o meio para suas mensagens porque são temporários. Aparentemente, os alienígenas não querem marcas permanentes que chamariam a atenção de cientistas e das autoridades. "Isso não está no 'plano de jogo' desses visitantes, que estão tentando manter uma presença encoberta, tanto quanto operacionalmente possível."

De acordo com o relatório de RV, essas marcas circulares, ou similares, têm sido feitas por séculos, e sua presença tem sido refletida nas histórias humanas sobre o sobrenatural, como a ideia de elfos e seus anéis verdes, pinturas de areia Navajo mostrando "deuses e círculos" do céu, e as figuras na planície de Nazca. "Fortemente associadas a essas missões de observação estão indicações de que uma agência inteligente está/esteve intervindo nos assuntos humanos em junções críticas", observou o relatório. "Certos eventos históricos chave parecem ter sido manipulados... [embora] não seja determinado se as agências responsáveis por produzir os círculos estão elas próprias envolvidas nesta intervenção, ou estão agindo meramente como observadores/registradores."

No entanto, pelo menos um dos visualizadores remotos que participou do estudo dos círculos disse que obteve uma imagem diferente do fenômeno do que a refletida no relatório. Lyn Buchanan disse que não tinha ideia de que deveria estar visualizando a formação de círculos nas plantações. "Basicamente, tive a impressão de um professor e alguns alunos sentados em carteiras que se moviam em diferentes padrões ao redor do professor. Era algum tipo de escola de voo e eles estavam fazendo toques e arremetidas, mas não em um aeródromo. Em vez disso, era em grama alta. Eles desciam em voo picado e paravam em certos pontos, o que deixava esses padrões na grama. Os círculos não eram mensagens, mas simplesmente o resultado de suas manobras."

O relatório afirmava que para produzir os círculos nas plantações, os alienígenas usam dois dispositivos diferentes, que podem ter sido usados separadamente ou em conjunto um com o outro. Um produz ondas de calor e pressão que dobram e torcem os caules das plantas em diferentes direções. Também produz um efeito de ruptura dentro das células da planta. O outro é um globo brilhante giratório, com cerca de quinze polegadas de diâmetro, que produz um raio um tanto semelhante a um laser, mas não há transmissão de energia. Há apenas efeitos energéticos no alvo do raio. Este dispositivo perturba e desabilita a estrutura molecular da planta, que colapsa e cai. Ele faz isso com precisão cirúrgica e programada, criando designs intrincados na plantação. É interessante notar que a descrição dessas mudanças moleculares corresponde perfeitamente a estudos científicos recentemente publicados que indicavam exatamente tais efeitos.

Na época do relatório sobre os círculos nas plantações, o conceito de alienígenas visitando a terra não era nada chocante para os visualizadores remotos treinados militarmente. Todos tiveram experiências que os levaram muito além do nosso mundo.

"Durante as primeiras sessões de treinamento, eu estava ciente de que havia algum tipo de ruído ou interferência — algo fora do reino da minha realidade", lembrou o ex-major do exército David Morehouse, que entrou para a unidade de visualização remota em 1988. "Disseram-me: 'Você descobrirá tudo sobre isso mais tarde.'" Morehouse passou a ter uma grande variedade de experiências além da Terra. Ele descreveu outros planetas em outros sistemas solares, bem como dimensões próximas à nossa, todas cheias de seres tanto estranhos quanto maravilhosos.

O especialista em computadores Lyn Buchanan disse que ficou "impressionado" com sua primeira tentativa de visualização remota. "O que obtive foi um mastro de bandeira alto com uma grande bandeira americana", lembrou ele. "Vi do ponto de vista de estar parado na varanda de madeira da frente de uma casa abandonada, branca e suja, nas proximidades. As janelas não tinham cortinas e descrevi uma mesa com uma toalha xadrez que vi através da janela da cozinha. Mas então me disseram que eu tinha errado — que o alvo tinha sido uma torre de água.

"Mas quando dirigimos até a torre de água para obter meu feedback, descobrimos que a torre de água era azul com listras vermelhas e brancas. Eu tinha visualizado meu feedback, não o alvo. E então encontramos nas proximidades uma casa abandonada, branca e suja, com uma varanda de madeira na frente e sem cortinas nas janelas, e podíamos ver uma toalha xadrez em uma mesa na cozinha. Fiquei simplesmente dominado pela experiência, mas o mais surpreendente foi que fui o único que ficou surpreso com isso. Todos os outros — que já estavam visualizando remotamente há algum tempo — aceitaram isso naturalmente."

Buchanan lembrou da primeira vez que visualizou remotamente o espaço. "É como ver coisas na Terra", disse ele. "A primeira vez que me deram um alvo ET [extraterrestre], experimentei a bilocação — chamo isso de integração perfeita do local — onde a mente fica tão absorta que a experiência de visualização parece real. Olhei para cima e não estava mais na sala, mas na boca de uma caverna olhando para um deserto com montanhas ao fundo. Mas o céu estava escuro demais e o sol pequeno demais. Percebi que não estava na Terra. Caiu a ficha de que apenas um segundo ou dois antes eu estava em uma sessão de visualização remota. Isso me assustou, e de repente estava de volta à sala em Fort Meade."

Mel Riley, que esteve entre os primeiros membros da unidade Grill Flame, também afirmou ter visitado outros mundos e dimensões através da visualização remota. Para ele, não é grande coisa.

"É interessante que um bando de soldados, Gls, começou com as habilidades para ver dentro das coisas e acabou fazendo esses tipos de coisas", disse Riley. "Mas tudo isso tem sido uma parte tão grande da minha vida por tanto tempo que é apenas parte da minha vida."

Linda Anderson, outra visualizadora remota experiente que foi treinada por Buchanan, concordou. "Não há dúvida na minha mente de que funciona. Mas levou um tempo para eu pensar que realmente poderia fazer isso. Não me considero uma vidente. Agora, quando coisas estranhas acontecem, não me surpreendo mais", disse ela. "Você quer dizer: 'Sim, é assim que funciona', mas ainda é surpreendente. Eu achava incrível que você pudesse ser treinado para fazer isso." Anderson também disse que já visualizou remotamente além da Terra. "Fiz isso em sessões de treinamento", disse ela, "mas nunca soube onde estava até depois da sessão. Parecemos tão pequenos. Há tanta coisa lá fora no universo."

Os espiões psi disseram que é difícil se concentrar nos problemas do dia a dia da Terra, depois que se viaja para outros reinos. "Quando você pode sair e ver o universo, quem quer olhar para um submarino russo?", brincou Riley.

"Como visualizadores remotos, fomos a lugares tão bonitos. E é aí que sua capacidade de descrever termina", explicou Morehouse. "Acho que uma das coisas mais difíceis de

entender é que todos somos tão insignificantes. Somos apenas uma pequena parte de uma dimensão. E existem outras dimensões, dimensões com inúmeros mundos nelas. Incontáveis, eu sei disso agora. Eu os vi. Nosso mundo é como uma página — uma página fina em uma enciclopédia grossa, uma enciclopédia com volumes que se estendem para sempre. Sem começo, sem fim. Mundos dentro de mundos. Lugares tão bonitos que não temos capacidade para descrevê-los. Você simplesmente não pode imaginar como é lá fora! Simplesmente não temos capacidade para voltar e descrever às pessoas o que vimos."

Mas Morehouse descreveu uma visita a um lugar extraordinário. Ocorreu durante uma sessão de visualização remota em sua casa. Esticando-se em seu sofá, ele começou o processo de permitir que sua mente relaxasse e se limpasse. "Isso vai ser uma busca aberta", pensou consigo mesmo. "Vou apenas deixar minha mente vagar e ver o que há lá fora." Morehouse disse que fechou os olhos e sentiu sua mente vagando por conta própria.

De repente, ele sentiu um rasgo fraco, mas familiar. Ele já havia experimentado isso antes durante sessões fora do corpo. Era o início da bilocação. Abrindo os olhos, Morehouse se viu em uma grande câmara de luz. Ele estava parado diretamente atrás de três enormes cadeiras douradas semelhantes a tronos, cobertas com hieróglifos estranhos. Mas o que realmente chamou sua atenção foram os três seres gigantes que ocupavam as cadeiras. Eles usavam grandes barbas douradas que fluíam até seus peitos. Cada um usava grandes capacetes dourados. Eles lhe pareciam deuses gregos.

Um dos seres se virou e olhou diretamente para ele. Ele ficou petrificado. Não fazia ideia de onde estava ou se esses seres eram amigáveis. Ele queria correr, mas não tinha ideia de para onde ir. O grande homem dourado — pois todos tinham a aparência de humanos — olhou para ele, e Morehouse sentiu como se sentimentos estivessem sendo projetados para dentro dele. Sem saber por quê, ele de repente se sentiu seguro. De alguma forma, ele sabia que essas três criaturas não lhe queriam mal.

Aquele que havia reconhecido sua presença voltou à sua atividade. "Ele sabe que estou aqui, mas não tem nada a me dizer", lembrou Morehouse de ter pensado. "Seria como eu notar uma mosca na parede e depois voltar a trabalhar no meu computador. Não estou bravo com a mosca. Não quero fazer mal a ela. Sou apenas indiferente a ela."

Sem encontrar oposição, Morehouse lentamente começou a desviar sua atenção para a direita. Passando pela figura final, ele notou uma grande parede dourada na frente do trio. A parede estava cheia de entalhes em alto relevo, e havia criaturas semelhantes a humanas paradas na frente dela. Os entalhes ou impressões eram muitos e variados. A maioria era incompreensível para Morehouse. Mas um parecia uma representação de um sol, um círculo com chamas estilizadas irradiando dele. A parede inteira era radiante e dourada.

Após um curto período, Morehouse notou que os três homens dourados nas cadeiras pareciam estar direcionando as pessoas à sua frente para tocar certas porções da parede. Ele decidiu que a parede devia ser algum tipo de painel de controle, um que ele não poderia começar a explicar ou mesmo entender. Mas estava convencido de que essas pessoas estavam operando algo com seu trabalho nesta parede. Enquanto estava naquele lugar estranho e tentava dar sentido ao seu redor, ele foi subitamente puxado para trás. Morehouse percebeu que sua consciência havia retornado ao seu corpo deitado no sofá na sala de estar de sua casa.

Ele disse que ficou imóvel por um longo tempo, pensando sobre sua experiência. Ele havia experimentado muitos sonhos e isso definitivamente não era um sonho. "Eu sabia disso. Senti isso. Minha visita ao salão dourado foi tão real quanto qualquer coisa que já experimentei na vida", disse ele.

Uma das visões mais fascinantes para os visualizadores remotos que voaram pelo espaço não são os veículos voando com seres vivos dentro, mas torres localizadas em mundos sem ar em toda a galáxia. Elas parecem ser uma espécie de torres de retransmissão. Eles afirmam que essas torres parecem lançar veículos além da velocidade da luz de uma parte da galáxia para outra, contornando o tempo e o espaço. "Há tecnologias muito à frente das nossas lá fora", comentou Morehouse.

Todos os espiões psi disseram que tais visões maravilhosas apenas fortaleceram suas crenças religiosas. "Quando você sabe, realmente sabe, que a morte não é o fim da sua existência, então você está verdadeiramente libertado, verdadeiramente livre", disse Morehouse. "A única coisa que posso imaginar que seja é entrar na presença de Deus e estar ali em um mundo quadridimensional onde você pode avançar no tempo e retroceder no tempo — tudo a qualquer distância. Onisciente, onipotente, é assim que você se torna. Esse é o reino de Deus.

"Ouvimos pessoas em um púlpito ler palavras, dizendo que Deus é onisciente, onipotente e onisciente. E nos sentamos e dizemos: 'Como diabos você pode ser isso?' Mas se você esteve em um mundo quadridimensional, então você vê como isso pode ser. Eu vi isso. Mel e os outros viram isso."

Morehouse e Riley relataram um incidente em que os espiões psi tentaram descrever suas experiências na quarta dimensão: "Houve uma ocasião engraçada no escritório uma vez. Mel e eu nos sentamos com um bloco de papel de açougueiro. Decidimos que iríamos descrever um mundo quadridimensional. Não funcionou", lembrou Morehouse. "Tentamos desenhar figuras. Depois tentamos desenhar figuras sobre as figuras. Porque em um mundo quadridimensional, tudo é translúcido, você pode ver dentro de tudo. Eu podia ver dentro da minha xícara de café no mundo quadridimensional. Todos nós tínhamos café nas mãos. Eu estava sentado bem ao lado da minha mesa familiar tentando descrever este mundo

quadridimensional onde todos nós tínhamos estado. Mel tinha um marcador preto na mão, parado na frente do papel de açougueiro. Ele estava dizendo: 'Bem, parece algo como... talvez tente isto... talvez eu possa desenhar assim... Ah, dane-se, vamos beber um pouco de cerveja.' Foi hilário. Simplesmente não pode ser feito."

Ele acrescentou que os espiões psi aprenderam que outras dimensões aparentemente se cruzam com a nossa, então muitas vezes é desnecessário "ir lá fora" para experimentar esses mundos.

Um Futuro Sombrio

Infelizmente, nem todas as experiências de visualização remota foram tão edificantes quanto a visita de Morehouse à sala dourada. Dentro dos "Arquivos Enigma" estão relatos carregados de presságios. Um deles tem a ver com o problema contínuo da nossa camada de ozônio.

Em março de 1992, cinco visualizadores remotos concordaram em explorar as ramificações do problema do ozônio. Seu contrato veio do Institute for Human Potential, um *think tank* formado em homenagem ao senador Claiborne Pell, presidente do Comitê de Relações Exteriores do Senado. O financiamento do instituto vem principalmente de subsídios de Laurance Rockefeller.

"A perspectiva é sombria", dizia sucintamente uma carta de apresentação do relatório final do projeto, que afirmava: "A depleção/recuperação do ozônio atmosférico foi percebida como sendo impulsionada por um processo natural de fluxo e refluxo — um ciclo geofísico. Mas este processo foi sobrecarregado pela atividade humana... Os complexos ciclos/padrões naturais de ozônio, em combinação com as alterações feitas pelo homem, tornam extremamente difícil para os cientistas atuais descobrir exatamente o que está acontecendo. Uma longa série de testes, pesquisas e experimentos em pequena escala, usando vários tipos de produtos químicos, será realizada... mas esses esforços para parar a deterioração do ozônio terão pouco ou nenhum impacto — são apenas abordagens de 'curativo'. Um ponto crítico é alcançado por volta de 2005-2012, onde a destruição começará um curso descontrolado, de maneira análoga à metástase — a transferência de células malignas de um local para outro. Durante este período, o problema — e suas potenciais consequências — não estará mais sujeito a questionamento... A deterioração do ozônio não será necessariamente desacelerada, mas seus efeitos temporariamente amenizados por atividade vulcânica coincidente, possivelmente já em 1996. Um desses eventos relacionados será a explosão de um vulcão 'extinto' na cordilheira Cascade da América do Norte... A atividade vulcânica eclipsará literal e figurativamente o problema do ozônio, mas a diminuição da luz solar causará estragos na produção de culturas em muitos lugares. Padrões climáticos caóticos em combinação com a diminuição da luz solar necessitarão a construção de enormes estufas com controle ambiental, para que a produção de alimentos possa continuar

sem estar sujeita às vicissitudes do clima/tempo. Inconscientemente, essas estruturas formam os modelos para tecnologias que se tornarão cada vez mais críticas para sustentar a vida humana. Elas começarão a ser vistas como santuários — depois habitats, à medida que a sociedade começa a 'migrar' para dentro delas... Um ponto é alcançado onde muito pouca vida é vista fora das estruturas artificiais. A atmosfera fora dessas 'biosferas' é quase antisséptica. O céu é estriado e multicolorido. Os habitantes remanescentes (sobreviventes) da Terra foram levados para o subsolo ou para essas grandes cúpulas com controle climático que agora abrigam cidades completas de médio porte. Os filhos dos nossos filhos são residentes lá. Não há violência perceptível. A maior parte da energia criativa é direcionada para questões de sobrevivência."

Mas o relatório vai mais longe no futuro, indicando que a humanidade não está condenada. De acordo com o relatório, a raça humana se adaptará às novas condições e a viver em cidades abobadadas. Embora nossos corpos se tornem menos atraentes, serão mais duráveis. E haverá esforços para devolver plantas e animais à terra.

Lyn Buchanan foi um dos visualizadores que trabalhou no relatório do ozônio. "Fui encarregado de descobrir o que era necessário para ajudar a Terra a se recuperar", lembrou ele. "O que vi foi que havia pessoas visionárias que haviam coletado amostras de materiais posteriormente mortos pelos raios ultravioleta. Após a recuperação do ozônio, eles os reintroduziram no ambiente. Eles cultivaram micróbios — especialmente musgos e líquens — longe dos raios UV nocivos. Isso é algo que alguém deveria estar fazendo agora. Pelo que sei, ninguém está fazendo isso."

Além disso, os visualizadores preveem que outra raça — não da Terra — se juntará a nós num futuro próximo. "Eles também estiveram em perigo uma vez e sofreram de forma semelhante, mas agora servem como 'consultores', amigos, irmãos de outro lugar", afirmou o relatório, acrescentando: "Eventualmente, os habitantes constroem juntos geradores muito grandes que produzirão moléculas, não oxigênio, que sobem para 'selar' e formar uma camada protetora, restaurando artificialmente a atmosfera da Terra."

A verdade dessas previsões sombrias provavelmente não será conhecida por vários anos, mas a negatividade de sua visão do futuro não impediu os visualizadores de continuar a sondar os alvos "Enigma".

Eles afirmam ter respostas onde outros pesquisadores ofereceram apenas teorias ou levantaram questões porque sua visualização remota traz "conhecimento direto", ou como diz o velho ditado: "Ver é crer." Eles também afirmam que estão perto de aprender algumas respostas há muito procuradas sobre a vida além da terra. Eles baseiam essas respostas em estudos contínuos de OVNIs, aos quais se referem como "anomalias aeroespaciais".

Sua busca começou com o NORAD (Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte), que possui vários satélites chamados DSPs (plataformas espaciais profundas) a mais de quinhentas milhas de distância no espaço que monitoram lançamentos de mísseis na terra. Usando tecnologia de radar "além do horizonte", esses satélites espaciais profundos podem captar o sinal de lançamento de qualquer míssil disparado no planeta.

O que os DSPs não foram programados para monitorar eram aeronaves de alto desempenho se aproximando da terra do espaço profundo. Esses objetos de movimento rápido tornaram-se conhecidos como "caminhantes rápidos" (*fast walkers*). A NASA afirmou que são meros pequenos meteoros chamados "boloides". Mas alguns desses "boloides" possuíam características que sugeriam que eram de origem artificial. Eles aceleravam, desaceleravam e mudavam de curso. Assim, os espiões psi começaram a ter um interesse especial.

No final de 1988, Riley lembrou que seus superiores lhes trouxeram uma fotografia de satélite para estudar. A fotografia mostrava simplesmente um objeto brilhante. Mas as sessões de visualização remota indicaram que o objeto tinha pessoas humanoides dentro e estava pairando sobre uma instalação de armazenamento nuclear. Sua impressão era de que esses visitantes estavam fazendo um inventário do número de ogivas armadas neste depósito. Não demorou muito para os espiões psi perceberem que esses "caminhantes rápidos" continham tecnologia que não era nem americana nem soviética. "Descobrimos que eram 'feitos pelo homem', mas não por ninguém daqui", disse Morehouse.

Quando os espiões psi visualizaram remotamente e rastrearam esses objetos de volta ao seu ponto de origem, descobriram que vinham de locais subterrâneos em nossa lua e em Marte e que eles paravam em locais subterrâneos na Terra.

Os espiões psi não contaram a ninguém — nem mesmo aos seus próprios superiores — sobre suas sessões "Enigma" porque "todos pensariam que tínhamos enlouquecido, e porque nenhum dos serviços de inteligência, particularmente a DIA, tinha qualquer mandato para estudar tais coisas", disse Morehouse.

Ele explicou que inicialmente os espiões psi aplicaram a visualização remota a quase tudo, a esmo, de um alvo para o outro — uma abdução aqui, um avistamento ali, depois uma fotografia de um objeto em movimento. Devido à falta de trabalho sistemático, eles não conseguiram formar uma compreensão mais ampla do fenômeno OVNI.

"Só agora temos algumas noções da agenda, mas isso é em grande parte uma opinião pessoal, baseada na interpretação individual", disse Morehouse.

Povos Barcos Intergalácticos

Os espiões psi então começaram a estudar sistematicamente esses veículos visitantes. À medida que continuavam a trabalhar com os "Arquivos Enigma", seu fascínio aumentava. Os visualizadores remotos tiveram que aprender a distinguir objetos feitos pelo homem daqueles da natureza. Morehouse disse que objetos feitos pelo homem quase sempre lidam com tecnologia de combustão e eram facilmente distinguidos pelos visualizadores. Em um exame mais detalhado, eles começaram a classificar outros tipos de veículos voadores como de natureza alienígena. Morehouse acrescentou que os espiões psi não conseguiram estudar de perto todos os veículos que encontraram em suas viagens psíquicas porque havia muitos deles. "Muitas dessas naves estão apenas de passagem", disse ele. "Você poderia dizer que são apenas povos barcos intergalácticos. Provavelmente seria melhor trabalharmos nos problemas deste mundo em vez de fazer um grande alarde sobre os extraterrestres."

Morehouse descreveu a visualização remota como um trabalho muito árduo. Você olha para uma coisa de cada vez. Você não se interessa pelo ambiente. Como um piloto em uma missão de bombardeio, o visualizador está pensando intensamente no alvo. Ele disse que todo o assunto desses veículos e seus ocupantes é muito mais complexo e sutil do que se pensava inicialmente e é muito sensível, pois tem a ver com o potencial de contato entre espécies.

Eventualmente, os espiões psi aceitaram a ideia de culturas alienígenas e outras dimensões como um fato. "Isso é apenas parte do cosmos como um todo. Eles sempre estiveram aqui, antes dos humanos, e estarão aqui depois que nos formos", disse Mel Riley. Lyn Buchanan concordou, apontando que existem diferentes confederações de alienígenas com muitas agendas diferentes.

Por mais surpreendente e inacreditável que tudo isso possa parecer para muitos, agora há feedback sobre pelo menos um dos casos "Enigma" dos espiões psi que corrobora fortemente suas alegações. Este caso dizia respeito ao Mars Observer, que desapareceu em 20 de agosto de 1993, exatamente quando estava prestes a entrar em órbita ao redor de Marte. Tanto cientistas quanto leigos tinham grandes esperanças de que o Mars Observer transmitiria fotografias de volta à Terra que poderiam resolver alguns dos mistérios marcianos — como o "rosto em Marte" humano e as três pirâmides simétricas vistas nas fotografias da NASA.

O Mars Observer de 5.672 libras passou onze meses viajando para nosso planeta vizinho e estava programado para entrar em órbita ao redor de Marte em 24 de agosto. O satélite de US$ 980 milhões deveria iniciar uma missão de dois a seis anos para mapear o planeta com mais detalhes do que nunca. Ele seria a vanguarda de várias naves espaciais não apenas dos Estados Unidos, mas da Rússia e do Japão.

Mas o contato foi perdido e a nave não foi mais ouvida desde então. O que aconteceu?

Os funcionários da NASA teorizaram inicialmente que o relógio de temporização da sonda tinha funcionado mal, tornando o computador de bordo incapaz de processar comandos transmitidos por rádio do Laboratório de Propulsão a Jato. Mas à medida que os dias se passavam e a comunicação com a nave nunca era retomada, as esperanças de saber exatamente o que aconteceu com o Mars Observer diminuíram.

Mas os espiões psi sabiam.

Menos de uma semana após a sonda marciana ser perdida, os visualizadores remotos relataram que o destino do Mars Observer era idêntico ao da Phobos II soviética. Em março de 1989, a sonda não tripulada foi perdida exatamente quando também estava prestes a entrar em órbita ao redor de Marte. A comunicação foi perdida quando a Phobos II passou nas proximidades de Fobos, uma das duas luas marcianas. Os soviéticos emitiram um comunicado sugerindo que a nave havia saído de controle devido a um comando terrestre errôneo.

O assunto permaneceu assim até meados de 1991, quando visualizadores remotos que anteriormente faziam parte da unidade GRILL FLAME foram contratados por oficiais do programa espacial russo para estudar a causa do desaparecimento da Phobos II. Seis visualizadores remotos foram convidados a visualizar o que realmente aconteceu no espaço perto de Marte em março de 1989.

Seu relatório final, intitulado "Enigma Penetration: Soviet Phobos II Space Craft Imaged Anomaly" (Penetração do Enigma: Anomalia Imaginada da Nave Espacial Soviética Phobos II), foi emitido em 29 de setembro de 1991. O relatório afirmava:

Algum tempo depois de entrar na órbita marciana, a nave espacial Phobos II parece ter entrado em uma espécie de "ADIZ" [Zona de Interrogação de Defesa Aérea, uma zona eletrônica que protege as fronteiras nacionais], desencadeando um conjunto de ações em resposta à sua presença: Um objeto em forma de disco, Objeto 1, surgiu da superfície do planeta para encontrar a sonda, examinou-a brevemente e depois retornou à superfície. Outro objeto, já no espaço, também foi atraído. O Objeto 2 moveu-se para muito perto e, num ato com alguma semelhança com uma consulta "IFF" [transponder de aeronave Interrogation, Friend or Foe], direcionou um feixe de partículas muito poderoso, largo e penetrante para o interior da nave espacial. Pouco depois, o Objeto 2 partiu. A energia direcionada não foi nem refletida nem absorvida pela pele da sonda. No entanto, o feixe infligiu sérios danos aos componentes eletrônicos da nave espacial, alterando ou reorganizando sua estrutura material no nível molecular a tal ponto que os circuitos ficaram paralisados, tornando muitos sistemas disfuncionais. A Phobos II tentou "consertar-se", mas ficou ainda mais paralisada no processo, criando curtos-circuitos e travando os mecanismos

de servocontrole. Os comandos terrestres contínuos causaram caos, exacerbando a já hopeless situação. Subsequentemente, a Phobos II passou por uma mudança radical de curso, após [ênfase no original] a qual — num evento totalmente aleatório — um pequeno meteorito administrou o golpe de misericórdia, efetuando danos catastróficos à nave espacial. Em nenhum momento os visualizadores detectaram intenção hostil em conexão com as [re]ações dos Objetos 1 e 2. Além disso, não obstante os danos não intencionais, a Phobos II — um objeto "alienígena" — parece ter merecido apenas interesse passageiro e inspeção superficial. Existem certas percepções associadas à visualização dos Objetos 1 e 2 que levam alguém a rotulá-los, respectivamente, como "veículo de escolta" e "boia de navegação". Uma ideia paralela está conectada com ainda outro objeto que os visualizadores detectaram na superfície marciana durante este projeto. Isso assume a forma de uma alta edificação em forma de pirâmide que serve como um tipo de "refletor angular" ou "transponder homing de trajetória de planeio", um auxílio de navegação passivo. Ele designa um local em torno do qual toda ou grande parte desta atividade parece se concentrar. Nas proximidades deste marcador, abaixo da superfície marciana, algo está existindo — algo vivo — que é periodicamente visitado por "outros" em missões de "cuidados". Percepções que estão fortemente conectadas com esta forma de vida residente incluem: antigo, abandonado e desespero, combinados com ideias associadas de tremenda tragédia, pesar e pathos.

Mais uma vez, os espiões psi produziram um relatório que parecia uma história de ficção científica. E novamente, a questão do feedback surgiu. Havia algo para provar a validade do que os visualizadores viram?

Ingo Swann, o pai da visualização remota, alertou para cautela quando afirmou: "No caso da coisa ET [extraterrestre], pode nunca haver feedback. O público fica muito animado... 'Oh, nossa, um visualizador remoto altamente treinado vai tentar visualizar os extraterrestres.' Quer dizer, há um grande interesse sensacional nisso!" comentou ele. "Mas há uma conclusão final. A conclusão final diz 'feedback', e sem isso [toda a coisa] pode ser uma perda de tempo."

O conselho de Swann é bem fundamentado, mas nesta ocasião houve feedback — um feedback surpreendente dos próprios soviéticos. Ele veio primeiro de Alexander Dunayev, presidente da organização espacial soviética responsável pelo projeto Phobos II. Dunayev anunciou que a sonda condenada havia fotografado a imagem de um pequeno objeto de forma estranha entre ela e Marte. Ele sugeriu que o objeto poderia ter sido "detritos na órbita de [a lua marciana] Fobos" ou mesmo partes ejectadas da nave espacial. Seu tom estava longe de ser certo.

Notícias mais detalhadas — e empolgantes — vieram em dezembro de 1991, quando cosmonautas soviéticos visitaram os Estados Unidos. A coronel reformada da força aérea soviética e cosmonauta em treinamento Marina Popovich exibiu a jornalistas em São

Francisco uma das últimas fotografias recebidas da Phobos II. Ela disse que a foto foi dada a ela pelo cosmonauta Alexei Leonov, um alto funcionário do programa espacial soviético.

A foto mostrava a silhueta de um objeto de forma estranha se aproximando da nave espacial. Popovich disse que a foto foi tirada em 25 de março de 1989, no espaço profundo perto da lua marciana Fobos, pouco antes de o contato com a nave ser perdido. Ela disse que o objeto muito bem poderia ter sido uma nave espacial alienígena, mas não quis afirmar isso. "As razões para o seu desaparecimento são desconhecidas", comentou Popovich. "A foto é apenas informação para pensar... informação para todos os tipos de decisões."

Várias teorias sobre o objeto na foto foram avançadas; alguns pensaram que poderia ser uma pequena lua marciana não descoberta ou simplesmente um produto de um mau funcionamento da câmera da Phobos II. O Professor Emérito James Harder, da Universidade da Califórnia em Berkeley e ex-diretor de pesquisa da Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos, afirmou: "Ninguém pode responder precisamente o que é."

O objeto fotografado tinha uma semelhança surpreendente com o objeto desenhado nos esboços do visualizador remoto da Phobos II. Os visualizadores remotos da PSI TECH viram a foto e sua semelhança com sua visão como confirmação — feedback — do que visualizaram meses antes. E se seu relato da morte da Phobos II estiver correto, então deve-se dar atenção séria à sua declaração de que o mesmo destino ocorreu com o Mars Observer.

"Parece que quem está lá em cima não quer que saibamos sobre eles", comentou Morehouse.

Um "micrometeorito" foi descrito por dois visualizadores remotos separados como administrando o golpe de misericórdia na Phobos II. Isso pode não ter sido um acidente. Os espiões psi disseram que parece que toda a tecnologia que colocamos no espaço é examinada de perto. Se revelar atividades alienígenas, então é descomissionada. Eles notaram a semelhança dos destinos da Phobos II e do Mars Observer e do foguete Titan 4, que explodiu carregando um satélite espião ultrassecreto em agosto de 1993.

Naquele mesmo mês, perdemos nosso mais novo satélite meteorológico. O satélite meteorológico NOAA-13 foi perdido pouco após seu lançamento em 9 de agosto de 1993, de acordo com a Associated Press. O satélite de órbita polar, projetado para permitir uma visão de toda a Terra durante o curso de um dia, estava operando com sucesso até que o contato foi subitamente perdido, disseram funcionários da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica. Mais tarde em 1993, em 5 de outubro, um novo satélite Landsat 6 foi perdido após ser liberado a 180 milhas náuticas da Terra por um foguete Titan 2 lançado da Base Aérea de Vandenberg. Ninguém sabe o que aconteceu com ele.

Um artigo no *Science News* disse que a perda do Landsat 6 forçaria tanto empresas privadas quanto agências governamentais a confiar no satélite Landsat 5 para imagens da Terra. O Landsat 5, que perdeu parte de sua capacidade de transmitir dados, foi lançado em 1984.

O foguete Titan 4, transportando uma carga militar ultrassecreta, explodiu momentos após a decolagem em 2 de agosto de 1993. De acordo com o *Space News*, pensava-se que a causa da explosão estava ligada a um segmento do motor de foguete sólido que havia passado por reparos pelo fabricante.

Uma causa menos mundana foi citada no mesmo artigo. Afirmava: "Mas numa reviravolta estranha, [o coronel da Força Aérea dos EUA e gerente do programa Titan 4 Frank] Stirling disse que lhe foi dito que o vídeo da Força Aérea sobre o lançamento mostra um objeto não identificado aparentemente atingindo o Titan a uma altitude de cerca de 110.000 pés, pouco antes de o foguete explodir. Stirling não é membro da equipe de investigação da Força Aérea e não viu o vídeo oficial da Força Aérea do lançamento e da explosão. Seu escritório, no entanto, está conduzindo sua própria investigação."

Os visualizadores remotos acreditam que todas essas misteriosas perdas espaciais podem ser atribuíveis à mesma causa: pequenos objetos facetados que os visualizadores remotos viram saindo de uma órbita terrestre e atingindo naves espaciais feitas pelo homem. Esses objetos são descritos como "pequenos dispositivos multifacetados cujas facetas parecem grafite polido e brilhante". Esses dispositivos, de acordo com alguns visualizadores, medem oito polegadas de largura por cerca de doze polegadas de altura. Eles disseram que parecem haver cerca de cinquenta ou sessenta lá em cima em qualquer momento.

Vários visualizadores remotos militares que estavam familiarizados com projetos ultrassecretos afirmam que esses objetos não são as "pedrinhas brilhantes" (*brilliant pebbles*) do nosso sistema Guerra nas Estrelas. Eles são alienígenas. São ocos por dentro, e a superfície facetada se desfaz ao atingir algo, de forma muito semelhante a uma granada de mão de fragmentação.

Um visualizador remoto que viu esses pequenos objetos é George Byers, um oficial de relações públicas de uma grande corporação no Sudoeste. Byers estudou RV sob a tutela de um ex-visualizador remoto militar.

Em dezembro de 1993, quatro meses após o desastre do Titan 4, Byers fez uma análise mental daquele evento. "Acabei identificando o que destruiu o míssil", disse ele. "Era algo como um pequeno projétil, do tamanho de um punho. Era brilhante e atingiu o míssil. Definitivamente não era um objeto natural. Atingiu e explodiu como uma granada. Tive a impressão muito distinta de que não foi feito na Terra e que foi direcionado ao Titan 4 com

o propósito de destruí-lo. Quem fez essa coisa sabia o que estava fazendo. Em outras palavras, cumpriu o trabalho para o qual foi destinado."

Os visualizadores viram que algo iluminou o Titan 4, e um desses pequenos dispositivos detectou essa iluminação. Ele então desceu da órbita, acelerou e perfurou o Titan 4. Não havia sinal de um sistema de propulsão. Alguns visualizadores disseram que certamente parece que este planeta está sendo mantido em quarentena por alguma razão.

O conceito de uma quarentena, ou embargo, da Terra não se limita a escritores de ficção científica e visualizadores remotos. Muitos cientistas respeitáveis, como James W. Deardorff do Departamento de Ciências Atmosféricas da Universidade Estadual do Oregon, teorizaram sobre a possibilidade. Em um artigo acadêmico, Deardorff refletiu: "Os argumentos são... que nossa Galáxia está quase saturada com formas de vida extraterrestres, que nossa existência exige em retrospectiva que eles foram e são benevolentes para conosco, e que nossa falta de detecção deles ou de comunicações deles implica que um embargo foi estabelecido contra nós para evitar qualquer conhecimento prematuro deles... Qualquer levantamento súbito do embargo de uma maneira óbvia ao público causaria caos social e possivelmente desencadearia uma troca nuclear, enquanto quaisquer comunicações recebidas via radiotelescópio seriam provavelmente rapidamente confiscadas por agências governamentais e não reveladas ao público, ou fortemente censuradas... Segue-se que qualquer embargo que não envolva força alienígena deve ser um embargo permeável projetado para permitir uma divulgação gradual da mensagem alienígena e sua aceitação gradual por parte do público em geral ao longo de uma escala de tempo muito longa."

O redator sênior da *Time*, Lance Morrow, refletiu publicamente: "Talvez um sistema mestre de ética intergaláctica determine que nenhum planeta pode ter contato com outro até que tenha subjugado sua própria violência autodestrutiva. Talvez a Terra esteja sob uma espécie de quarentena."

Como se a ideia de uma quarentena imposta à Terra já não fosse difícil de engolir, alguns visualizadores remotos também falaram sobre os marcianos.

Nativos de Marte

Desde o seu início, os membros da unidade de espiões psi entraram em contato mental com veículos extraterrestres e seus ocupantes. Ocasionalmente, eles transmitiam informações a várias agências governamentais de inteligência e científicas. Essas agências desafiaram os visualizadores a localizar alguma "verdade no terreno", alguma pessoa ou dispositivo "alienígena" tangível que pudesse ser estudado ou um lugar onde atividades não humanas pudessem ser repetidamente observadas. Assim começou uma longa busca que continuou mesmo depois que a maioria dos espiões psi deixou os militares.

Com o tempo, eles começaram a diferenciar entre os vários tipos de seres que encontravam. Eles disseram que muitas culturas alienígenas foram notadas, mas que parecia haver três grupos proeminentes envolvidos com a humanidade. Um era de sobreviventes de uma calamidade em Marte. Eram seres materiais, de aparência humanoide, que trabalhavam com um segundo grupo — pequenas criaturas cinzentas com olhos grandes e luminosos que originalmente vieram de fora do nosso sistema solar. Ambos usavam tecnologia exótica em suas atividades.

Esses "grises" eram criaturas vivas, mas sem a consciência egocêntrica dos humanos. Eles se relacionavam mais com baleias e golfinhos do que com humanos. Havia a sensação de que essas criaturas eram de alguma forma produzidas artificialmente. Havia indicações de que esses "grises" podem ter desempenhado um papel no resgate e preservação da raça marciana.

Os marcianos reais também eram seres materiais. Eles eram vislumbrados com pouca frequência e pareciam incluir os pilotos das naves visitantes. Eram muito interessantes para os visualizadores remotos porque eles podiam se relacionar com eles como soldados. Esses seres tinham sentimentos semelhantes aos de soldados em um país subdesenvolvido. Tinham uma atitude de arrogância, de serem superiores aos nativos. No entanto, não havia sensação de hostilidade. Estavam em uma missão pacífica.

Um terceiro grupo envolvia seres de energia — denominados "Transcendentais" por alguns dos visualizadores remotos. Embora seres de energia com apenas a "ideia" de forma, essas entidades sem forma, fantasmas, pareciam capazes de se manifestar de qualquer maneira, forma ou figura. Eles existem em outras dimensões e, portanto, fora do nosso tempo. Eles podem aparentemente "surgir" no tempo em qualquer ponto que escolherem, frequentemente realizando operações em diferentes tempos simultaneamente.

Ao contrário dos alienígenas humanoides, esses seres podem perceber os visualizadores remotos olhando para eles. Além disso, eles podem afetar a visualização ao ponto de editar o processo. Parecia haver uma quantidade tremenda de simbolismo religioso ligado aos Transcendentais. Para todos os efeitos, as descrições, atividades, natureza e capacidades desses seres correspondiam às características que os padres da Igreja atribuíram aos "anjos".

Os Transcendentais muitas vezes pareciam estar provocando os visualizadores remotos. Eles pareciam ter acesso a todos os níveis da consciência humana e pareciam dispostos a revelar alguns detalhes de suas operações quando confrontados por pesquisadores humanos que exibiam uma tentativa objetiva e aberta de compreensão.

Morehouse disse que dois relatórios separados de uma empresa de consultoria canadense tratavam de "fenômenos anômalos" no Novo México, onde alguns visualizadores pensavam ter localizado uma base marciana subterrânea já em 1984.

O primeiro relatório, datado de 30 de novembro de 1991, falava de uma viagem ao Novo México por pesquisadores, incluindo pelo menos um visualizador remoto. Esta foi apenas uma das mais de uma dúzia de visitas ao local desde sua descoberta através da visualização remota. Vários tipos de equipamentos científicos foram usados para estudar a área, incluindo um analisador de espectro portátil muito sensível, dois gravadores de gráfico de tiras de doze canais alimentados por bateria, um cintilômetro portátil e um detector de pico de micro-ondas de feixe largo portátil. Esses instrumentos foram montados e monitorados durante o curso de uma noite.

"Os testes principais foram interrompidos às 06h30", afirmava o relatório. "Embora isso tenha sido considerado muito fora do tempo normal de visualização ideal para os fenômenos, acredita-se que observações significativas foram registradas."

De acordo com o relatório, o equipamento de monitoramento registrou curtas rajadas de sinais de micro-ondas de alta amplitude que podem ter sido o resíduo de algum tipo de processo de propulsão. Os investigadores ouviram um guincho de alta frequência que não conseguiram identificar e viram um objeto branco extremamente brilhante baixo no céu oeste por volta das 3h30 da manhã. Ele piscou várias vezes antes de desaparecer. Eles sentiram que era um artefato de algum tipo de processo de propulsão. "Os dados apresentados acima apoiam a alegação de que um fenômeno incomum, mas discernível e mensurável, se manifesta no local em questão", concluiu o relatório.

Os investigadores encontraram mais eventos estranhos ocorrendo no local durante outra visita em 26 de junho de 1992. Um relatório sobre esta visita novamente observou várias anomalias e concluiu: "As observações apresentam um enigma continuamente desafiador... Cada viagem ao local parece nos fornecer mais peças do quebra-cabeça. É como se estivéssemos recebendo o suficiente apenas para nos manter interessados no local."

De acordo com os visualizadores remotos, esta questão tem sido estudada desde 1984. Desde então, eles desenvolveram dados suficientes para formular uma imagem surpreendente, mas incompleta, de uma antiga civilização marciana — uma que antecede a nossa em milhões de anos. Eles afirmam ter visto suas estruturas na superfície de Marte. Eles também sabiam que os russos têm um interesse contínuo neste assunto.

Um relato da história de Marte, baseado em sessões de visualização remota por múltiplos visualizadores e declarações públicas, indicava que no passado distante — cerca de sessenta e cinco milhões de anos atrás — um corpo que passava no espaço, talvez um meteorito ou uma pequena lua, causou um cataclismo tanto em Marte quanto na Terra. Este objeto atingiu a Terra e a devastação resultante aparentemente causou a extinção dos dinossauros.

Este mesmo objeto colidiu de raspão com Marte, arrancando a maior parte de sua atmosfera. A perturbação atmosférica resultante produziu tempestades tremendas e erupções vulcânicas na superfície do planeta por muitos anos e eventualmente causou uma perda completa da atmosfera. À medida que as condições pioravam, os habitantes humanoides de Marte foram forçados a construir abrigos comunitários cada vez mais fortes, primeiro na superfície e depois no subsolo. Quando se tornou aparente que sua atmosfera havia se deteriorado além do ponto de regeneração, os marcianos sobreviventes começaram a trabalhar com pequenos alienígenas "grises", que os ajudaram a entrar em hibernação usando tecnologia muito além do que desenvolvemos. Era semelhante a pessoas hoje que se submetem à suspensão criogênica para aguardar novas tecnologias que possam curar seus problemas de saúde.

Um grupo de marcianos conseguiu deixar seu planeta em busca de santuário. Parece que eles vieram para a Terra durante tempos pré-históricos. Eles descobriram que as condições da superfície da Terra não eram hospitaleiras, mas a comida estava disponível e a sobrevivência era possível. Este grupo foi para o subsolo profundo, onde as condições eram semelhantes às que se haviam acostumado em Marte.

Há visitas contínuas aqui por veículos espaciais marcianos que vêm do espaço profundo e desaparecem, apenas para reaparecer em plataformas de pouso dentro dessas bases subterrâneas. Essas bases parecem ser abrigos de espera, locais de armazenamento e centros de operações localizados principalmente em cavernas, embora alguns estejam sob o mar. Esses abrigos existem em ambos os planetas e são principalmente um seguro contra outra catástrofe planetária.

Esses marcianos estão zangados conosco agora, de acordo com um relatório. Eles estão esperando há séculos que a civilização humana avance ao ponto em que nossa tecnologia possa ajudá-los em sua situação difícil. Eles esperavam se juntar a nós na habitabilidade da Terra. Mas hoje, enquanto nossa tecnologia e nossa consciência atingiram um ponto em que as duas raças poderiam trabalhar juntas, nós humanos quase destruímos este mundo através da poluição e do desmatamento. Os marcianos não veem graça na ironia de serem forçados a abandonar seu planeta devido a um acidente cósmico e agora verem suas esperanças para a Terra sendo frustradas devido à nossa ignorância primitiva.

Esta situação pode explicar por que os visualizadores remotos dizem que os marcianos consideram os humanos inferiores a eles mesmos, assim como a maioria dos adultos tende a desconsiderar o valor das crianças. Mas eles também percebem que a cooperação mútua entre as raças pode melhorar vastamente as perspectivas de sobrevivência de ambos. Eles também estão bem cientes de que a tecnologia do homem atingiu a capacidade de detectar categoricamente sua atividade. Eles estão tomando medidas para adiar essa eventualidade.

Perguntado se esses marcianos estão tentando dominar a Terra, Morehouse respondeu: "Não pensamos assim. Se esse fosse o propósito deles, eles poderiam ter feito isso anos atrás,

antes de desenvolvermos tecnologia para resistir. Acho que eles estão esperando, na esperança de que a consciência humana evolua o suficiente para aceitar a ideia de compartilhar o planeta com eles. Quer dizer, veja como as raças humanas não conseguem se dar bem. O que aconteceria se de repente todos se tornassem conscientes de que os marcianos estão entre nós? Não, acho que ainda temos mais a percorrer na escala evolutiva."

Alguns dos visualizadores acreditam que, por enquanto, os marcianos estão simplesmente usando a Terra para obter matérias-primas necessárias. É aí que entram os OVNIs. Muitos são naves auxiliares usadas para transportar certos fertilizantes químicos — especialmente potássio — plastificantes, leite e outros recursos naturais de volta para os sobreviventes em Marte. Este trabalho está sendo feito com a assistência de seres orgânicos especializados que ficaram conhecidos como os "grises".

Vários visualizadores remotos afirmam que os marcianos não são responsáveis pelas abduções humanas. Eles afirmam que a atividade marciana na Terra não está ligada às abduções, que parecem ser uma experiência muito mais esotérica — até metafísica — envolvendo os Transcendentais.

No entanto, os grises parecem estar de alguma forma envolvidos nas abduções. Eles parecem estar assistindo os marcianos, mas também são responsáveis por certas abduções humanas. A impressão recebida por alguns visualizadores é de que eles podem ser membros de algum tipo de Cruz Vermelha intergaláctica — ou, mais corretamente, parecem estar conduzindo algo semelhante a um papel de supervisão, como uma força de pacificação das Nações Unidas.

De acordo com alguns visualizadores remotos, os grises estão trabalhando para salvar os marcianos, que têm bases subterrâneas em Marte e na Terra e que estão sendo monitorados pelos seres de energia Transcendentais. Todos eles aparentemente interagem. Mas há pouca dúvida de que os Transcendentais são os que estão no comando — pelo menos nas missões na Terra. Eles, por sua vez, parecem estar cumprindo ordens de alguma autoridade de controle localizada em um ponto distante além da nossa própria galáxia. É como se eles tivessem um trabalho a fazer e o estivessem fazendo com pouca consideração pela nossa presença ou desejos. Eles parecem muito profissionais.

O tema desta síntese de relatórios de visualização remota foi ecoado em 1996 com a publicação de *Cosmic Voyage* (Viagem Cósmica) do Dr. Courtney Brown, professor associado de ciência política na Emory University em Atlanta, que estudou visualização remota sob a tutela de um ex-membro da unidade de espiões psi do exército. Após várias sessões de RV, Brown escreveu: "Existem [ênfase no original] marcianos na Terra, mas é preciso pensar claramente sobre as implicações disso antes de tocar o alarme. Esses marcianos estão desesperados. Aparentemente, eles têm alojamentos muito rudes em Marte.

Não podem viver na superfície. Seus filhos não têm futuro em seu mundo natal. Seu lar está destruído; é um planeta de poeira."

George Byers também se viu cara a cara com marcianos durante seu treinamento de visualização remota. "Eu era um cético total", lembrou Byers. "Lembro-me de pensar: 'Por que estou fazendo isso? Estou perdendo meu tempo. Poderia estar cortando a grama.' Mas então, bem no final do meu treinamento, fui colocado na frente de um marciano. Ele era atarracado, com um rosto encovado e enrugado, tez escura e feições mongoloides ou indígenas — um tipo de rosto de Fu Manchu. Não sabia quem era. Continuei descrevendo-o até o final da sessão. Então soube qual era o meu alvo — 'Marcianos — sobreviventes atuais'. Eu já estava confiante o suficiente [na minha visualização remota] a essa altura para apenas aceitar o que vi. Estive olho no olho com um sumo sacerdote marciano. É difícil convencer os outros disso, mas eu estou convencido disso. Não há mais dúvida na minha mente."

Curiosamente, novos pensamentos na ciência pareciam apoiar as incríveis alegações dos visualizadores remotos sobre a vida marciana. Christopher P. McKay, um astrônomo planetário na Divisão de Ciências Espaciais do Centro de Pesquisa Ames da NASA em Moffett Field, Califórnia, escreveu: "Os resultados de estudos recentes apontam cada vez mais para um Marte primitivo que era surpreendentemente como a Terra primitiva quando a vida se estabeleceu aqui... Os resultados da Viking sugerem fortemente que nenhuma vida existe na superfície de Marte hoje; é muito seco, muito frio e muito oxidante. Mas as sondas Viking apenas arranharam a superfície — tanto literal quanto figurativamente — em sua busca por vida em Marte. Abaixo da superfície pode ser possível que a água líquida exista e persista por longos períodos de tempo. Afinal, os canais de fluxo oferecem evidências diretas de que a água líquida esteve presente em aquíferos subterrâneos em Marte durante a maior parte de sua história... Para chegar às evidências de vida em Marte, teremos que cavar fundo na superfície. Isso é verdade quer procuremos evidências fósseis de vida passada ou tentemos alcançar formas atuais em seus habitats subterrâneos."

Em meados de 1996, o estudo de uma rocha de quatro bilhões de anos que se acredita ter se originado em Marte revelou formas microscópicas que fornecem evidências convincentes para apoiar o conceito de vida no planeta vermelho. O administrador da NASA, Daniel S. Goldin, anunciou que uma equipe de cientistas "fez uma descoberta surpreendente que aponta para a possibilidade de que uma forma primitiva de vida microscópica possa ter existido em Marte há mais de três bilhões de anos". Goldin, bem ciente do atual choque de mentalidades em relação à vida extraterrestre, rapidamente acrescentou: "Estas são estruturas unicelulares extremamente pequenas que se assemelham um pouco a bactérias na Terra. Não há evidência ou sugestão de que qualquer forma de vida superior tenha existido em Marte."

Apesar de pelo menos um cientista ter chamado esta prova de vida de "inequívoca", os desmascaradores responderam adequadamente. Enquanto a NASA anunciava planos para lançar mais missões a Marte num esforço para validar as descobertas, um porta-voz dos Contribuintes para o Senso Comum disse: "Aí vêm os especialistas em relações públicas espaciais com uma maracutaia bilionária de bactérias."

Alguns cientistas da corrente principal estavam tipicamente hesitantes em abraçar o conceito de vida marciana, mas claramente entenderam o significado da questão. "Se os resultados forem verificados, é um ponto de virada na história humana", disse o astrônomo Carl Sagan. Outros foram mais casuais. O paleontólogo de Harvard, Stephen Jay Gould, comentou: "E.T. é um 12. Uma bactéria é um 1,7. É tão pouco surpreendente. Não está evocando em mim e na maioria dos paleontólogos quaisquer pensamentos novos maravilhosos porque estamos bem cientes da probabilidade de que Marte foi habitável por pelo menos um bilhão de anos de sua história."

Os líderes religiosos caíram em campos previsíveis em relação à descoberta de fósseis de bactérias na rocha marciana, que foi descoberta em 1986 por uma expedição científica à Antártida. "Não vejo isso como um grande obstáculo ao pensamento religioso", disse o teólogo e físico de Minnesota, Ian Barbour. "Com certeza é um deslocamento adicional da humanidade de um status único, mas já estamos enfrentando isso há muito tempo." Falando em nome do fundamentalismo cristão, Jerry Falwell declarou: "Eles podem gastar um trilhão de dólares procurando por isso [vida inteligente], mas nunca a encontrarão. A Bíblia deixa claro que Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e o Homem."

O autor Kim Stanley Robinson, que escreveu extensivamente sobre a possível colonização de Marte, disse: "Pode levar alguns dias, algumas semanas, até mesmo algumas décadas para que isso penetre na cultura popular. Mas quando isso penetrar, qualquer pessoa que acredite no método científico verá os milhares de estrelas no céu noturno de uma maneira totalmente nova. Estarão olhando para um universo simplesmente repleto de vida. Se aconteceu duas vezes neste sistema solar, significa que a vida é muito comum no universo."

A evidência de vida anterior em Marte foi saudada como uma descoberta "surpreendente" pela grande mídia. Mas para as muitas pessoas que afirmam isso há anos — incluindo os visualizadores remotos — foi apenas mais uma substanciação científica do que eles sempre souberam.

O Problema com a Visualização Remota

No entanto, nada disso significa que a visualização remota desenvolvida pelo governo possa ser considerada 100% confiável. Do ponto de vista científico, a tecnologia é muito nova. E crenças e interpretações individuais podem turvar as percepções.

Um problema com a visualização remota de Courtney Brown, por exemplo, é que ele foi ensinado pelo Major Edward Dames (Exército dos EUA, Reformado), um ex-membro da unidade GRILL FLAME do exército. Dames provocou controvérsia dentro da comunidade de pesquisa de OVNIs depois de declarar publicamente suas opiniões sobre OVNIs, que incluíam a ideia de que os marcianos são uma raça moribunda, alguns dos quais estão hibernando em uma caverna no Novo México. Em uma conferência em 1992 em Atlanta, Dames chocou sua audiência ao afirmar que o incidente de Roswell em 1947 nunca aconteceu. De acordo com Dames, foi na verdade "um arrastamento de ondas cerebrais — algo semelhante à hipnose em massa induzida eletromagneticamente" que os alienígenas geraram como uma experiência que parecia 'real' para os participantes humanos." Dames admitiu que esta era sua opinião pessoal baseada em "uma sonda superficial". Mais tarde, outros visualizadores remotos treinados militarmente contestaram esta alegação, afirmando que, com base em suas experiências, o incidente de Roswell parecia ter sido baseado em eventos reais.

Em meio a esta dissensão, mais credibilidade foi perdida no início de 1993, quando Dames declarou publicamente suas esperanças de poder facilitar um encontro com os marcianos no Novo México. "Queremos o cara a cara", ele disse ao escritor de OVNIs Antonio Huneeus. "Se não o tivermos até o final de agosto, estamos saindo do jogo dos OVNIs." Isso não aconteceu.

Ingo Swann continuou a expressar reservas sobre colocar ênfase indevida nos resultados das sessões de RV, particularmente quando envolviam OVNIs. "Se a parapsicologia é a ciência ilusória, então claramente a ufologia é virtualmente a 'Ciência sem Feedback' — com a verdadeira exceção até agora das centenas de câmeras de vídeo que filmaram OVNIs", escreveu ele. "Pelo que sei, os OVNIs e ETs não cooperam com os humanos em relação aos nossos esforços para substanciar qualquer coisa sobre eles.

"Aqueles que se dizem visualizadores remotos, então, não podem simplesmente 'visualizar remotamente', mas são obrigados também a mostrar evidências positivas das 'visualizações' — por exemplo, feedback positivo. Sem o feedback, tais 'visualizadores' estão meramente oferecendo relatos não apoiados que podem ou não ser de origem psíquica", acrescentou.

Em 1996, o escritor Michael Miley despendeu esforço considerável pesquisando a história da visualização remota. Após estudar a literatura sobre visualização remota, Miley atacou as alegações tanto de Dames quanto de seu pupilo, Courtney Brown. Ele relatou que Joe McMoneagle, um dos espiões psi originais, havia contradito muitas das declarações de Dames sobre sua experiência de visualização remota. McMoneagle afirmou que Dames nunca foi comandante da unidade de espiões psi e, de fato, era simplesmente um monitor, nunca um visualizador remoto, e não tinha nenhuma ligação com a parte de pesquisa do programa.

Miley concluiu que a história dos marcianos de Dames e Brown era "cientificamente duvidosa" e era o resultado de "pré-carregamento" (*front-loading*) — onde os preconceitos e o conhecimento do monitor são transmitidos consciente ou inconscientemente ao visualizador. "Ed Dames, um monitor e treinador com pontos de vista publicamente professados sobre alienígenas e OVNIs, treina Courtney Brown em um conjunto de alvos que ambos selecionam antecipadamente", explicou ele. "Brown, ainda em treinamento e sem perfil publicamente documentado de precisão em alvos 'reais' mundanos, direciona suas novas habilidades recém-adquiridas para alvos metafísicos e não verificáveis. Juntos, eles coletam seus 'dados'. Após as sessões iniciais, almoçam juntos e se preocupam com o destino dos alienígenas, baseados unicamente no resultado de suas descobertas de RV — apesar da falta de feedback concreto."

"Minha conclusão é triste", escreveu Miley. "Comecei este projeto em busca de um novo paradigma para pesquisar OVNIs e alienígenas — e o encontrei. Foi cuidadosamente desenvolvido ao longo de 24 anos por um grupo de pessoas dedicadas — embora não tenha sido usado principalmente em alvos anômalos. O que encontrei então foi um par de cowboys espaciais, bêbados no coração do templo, destruindo a aliança."

Talvez perdido na controvérsia e contradições nesta questão esteja o fato de que ninguém com conhecimento direto do programa de visualização remota da CIA/exército/DIA negou que OVNIs e alienígenas foram percebidos por todos os envolvidos. Parecia que apenas Dames e Brown tiveram a intemperança de falar sobre isso abertamente. Outros têm sido mais circunspectos.

Mas a consistência das descrições de vida em outros mundos visualizada remotamente e dos OVNIs visitando a Terra ultrapassou em muito a possibilidade de mera coincidência. Criou a aparência de um relato factual. Por exemplo, em 1988, Mel Riley deu uma descrição do que chamou de "Quartel-General Galáctico" que coincidia estranhamente com uma descrição de uma fonte não conectada fornecida anos depois.

Quartel-General da Federação Galáctica

Riley disse que um dos fatores que impediram os visualizadores remotos de entender a agenda por trás de suas experiências fora do mundo foi a incapacidade de relacioná-las. "Tudo parece improvável porque nenhum de nós tem a capacidade de descrever as coisas que vimos além da Terra. Simplesmente não temos as palavras", explicou ele. "Mas tivemos a sensação definitiva de que nem tudo é caos. Há um método no que está acontecendo.

"Pensamos que poderíamos entender melhor indo direto à autoridade de controle, sabe, indo de cima para baixo em vez do contrário. A complexidade é grande demais no nosso nível, nos níveis mais baixos. Já tínhamos feito muita visualização remota, rastreando naves espaciais e tal. Sabíamos que os controladores estavam fora da nossa galáxia. Também

sabíamos que havia muitos tipos de raças lá fora e que havia algum tipo de federação. Então, por falta de uma palavra melhor, usei o termo 'galáctico', significando que abrangia todas as galáxias próximas. Era apenas um conceito. Queríamos ver essa autoridade de controle, então simplesmente a chamamos de 'quartel-general da federação galáctica'."

Riley lembrou sua experiência, que foi registrada em um relatório datado de 13 de janeiro de 1988. "Bem, depois de começar minha visualização remota, comecei a ter bilocação, a realmente experimentá-la", disse ele. "Logo estava navegando, sem realmente saber onde estava. Comecei a descrever o terreno e depois uma estrutura. Este era definitivamente um lugar físico em qualquer dimensão em que eu estivesse. De uma milha acima, a vista era escura, preta e vazia — uma sensação de nada. Ao descer, tive a impressão de picos muito altos, muito acidentados. Havia uma área plana, semelhante a um planalto e, abaixo dela, um corpo de água azul que parecia ser cercado por uma planície plana, aberta e gramada. Isso me lembrou fotos do Lago Titicaca.

"Então tive a impressão de uma estrutura redonda localizada no topo plano do que parecia ser algo como uma mesa. Havia raios estriados, como raios de sol, emanando ou entrando nesta estrutura. Acabei entrando nesta estrutura através de uma espécie de passagem inclinada, como uma via elevada. E eu estava avançando através deste lugar. Estava escuro e fresco e parecia ser feito de pedra bruta, como uma caverna. No final da via elevada havia um longo corredor retangular, mal iluminado, construído de pedra lisa e trabalhada em todos os lados.

"No final do corredor havia uma inclinação íngreme com um teto muito alto. Este corredor terminava em uma grande sala com um teto abobadado muito alto. Parecia feito pelo homem porque era quadrado — você sabe, cantos e ângulos e coisas dessa natureza. Nunca estive em uma pirâmide, mas isso me lembrou esse tipo de coisa.

"Havia uma plataforma de pedra polida nesta sala, como uma laje ou altar. E, por alguma razão, tive a vontade de subir lá e me deitar nesta laje. Havia essas pessoas de branco — entidades, isto é — paradas num semicírculo de um lado. Alguns deles estavam em fila, mas um estava atrás de mim. Uma mulher, acho. A sala estava mal iluminada e havia uma sensação de algo sagrado, ou santo, ali. Era como se este fosse um lugar religioso. Também parecia familiar, como se eu já tivesse estado lá antes.

"E enquanto eu estava deitado nesta laje ou o que quer, uma dessas entidades aproximou-se do meu lado. De repente, fui iluminado por um feixe de luz branca — algum tipo de raio — da cabeça aos pés. Estava vindo de cima. E enquanto isso acontecia, o indivíduo que tinha caminhado para o meu lado estendeu as mãos sobre meu abdômen, meu plexo solar. E foi aí que começou a desaparecer e a sessão terminou.

"Foi uma experiência muito bonita. Senti-me muito calmo e seguro. Sempre tive a sensação de que havia algo que eu deveria ter lembrado sobre isso. Que algo deveria voltar a mim, algo relacionado àquela experiência. É quase como se eu já tivesse estado naquele lugar antes. É como se eu devesse ter me lembrado daquele lugar."

Em 1996, Ray Bordon, um linguista da área de Dallas, começou a organizar visualizadores remotos com o objetivo de promover mais estudo público do fenômeno. Bordon aprendeu visualização remota na década de 1970 enquanto trabalhava para um contratante militar. Mas sua educação não foi oficial e ele não teve contato com os visualizadores treinados militarmente. Embora sensível à reação às suas declarações, Bordon também falou em particular sobre formas de vida alienígenas — ele as chamava de "bio-tipos" — OVNIs e uma catástrofe em Marte há milhões de anos. Ele também afirmou ter visto os seres de energia transcendentais, que chamou de "desincorporados".

Bordon disse que na década de 1980, ele visualizou remotamente os visualizadores do GRILL FLAME em Fort Meade porque "eles estavam fazendo bolhas no éter".

Durante uma entrevista em 1996, Bordon mencionou que nossa galáxia é controlada por uma de sete "Sedes da Confederação" espalhadas pelo universo. Ele deu esta descrição desta sede: "É reminiscente de um templo sumério com obeliscos semelhantes ao monumento a Washington diante de uma longa rampa de entrada inclinada. Era feito de pedra branca polida, como mármore italiano, e cercado por areia em um planalto. Dentro há uma sala com um teto alto abobadado coberto com entalhes ornamentados, figuras, sinais e letras. O centro do teto é luz que pode mudar de cor dependendo de quem está na sala, tipo os antigos anéis de humor. No chão, no centro, há uma plataforma elevada ou lugar de oferendas, embora não seja realmente um altar. Eu sabia que já tinha estado lá antes. Isso não era um sentimento. Eu já tinha estado lá antes."

Como se pode ver, as semelhanças nas descrições de Bordon e Riley são surpreendentes. Ou eles estiveram lendo o mesmo roteiro, o que parece improvável, já que ambos afirmam não ter contato com o outro, ou ambos estão descrevendo o mesmo lugar — um lugar muito fora do nosso sistema solar. É altamente intrigante, mas certamente não é o tipo de feedback concreto que os desmascaradores exigiriam.

No entanto, parece que a visualização remota pode fornecer insights reais sobre a agenda alienígena se os protocolos desenvolvidos cientificamente forem rigorosamente aplicados por pesquisadores sérios.

O que os Videntes Veem

Exatamente esse tipo de esforço foi organizado pela American Association of Remote Viewers, Inc., em meados de 1996. Sete visualizadores remotos experientes, cujo nível de desempenho era conhecido com base em testes anteriores, foram contratados para examinar a questão dos OVNIs.

Suas impressões brutas — os resultados de suas sessões individuais de RV — foram enviadas a um juiz denominado "controle de processo" que analisou o material, comparando as respostas às cinco perguntas originais. Foi um estudo "duplo-cego", pois nenhum dos participantes, incluindo o juiz do controle de processo que atribuiu a cada visualizador seus números, sabia o objeto de sua visualização. Números escolhidos aleatoriamente representavam cada pergunta. As respostas individuais, bem como os desenhos produzidos pelos visualizadores, foram repassados ao "oficial de alvo" — a pessoa que sabia qual número representava qual pergunta. Essa pessoa verificou a análise em relação aos dados brutos e então enviou aos visualizadores perguntas de "segunda ordem" com base em suas respostas iniciais. Um "oficial de projeto" estudou as análises e compilou um relatório final.

O relatório foi emitido em 4 de setembro de 1996. "Devido à natureza do assunto do estudo, todos os visualizadores remotos de pesquisa optaram por permanecer anônimos; cada um é identificado por um conjunto de quatro números atribuídos aleatoriamente", dizia uma carta de apresentação.

Apesar de não saberem o objeto de sua busca, cinco dos sete visualizadores perceberam imediatamente que estavam olhando para seres e naves não humanos. Sua percepção do alvo OVNI levou os visualizadores intrigados a adicionar várias perguntas próprias ao estudo. Durante um período de dois meses — julho e agosto de 1996 — esses visualizadores conduziram sessões de visualização remota usando coordenadas numéricas representando as perguntas. Suas respostas seguem.

O que são os OVNIs?
Embora cinco dos sete visualizadores tenham identificado rápida e corretamente seu alvo como OVNIs, todos disseram que os OVNIs representam um objeto físico que pode voar. As descrições incluíam "luzes brilhantes", "veículos, como ônibus", objetos "como seixos, pulando e saltando sobre... água", "objetos, mas voando no ar... muito brilhantes, como uma luz", e um até descreveu "serpentes emplumadas", uma possível referência ao deus asteca Quetzalcóatl. Dois visualizadores relataram ter visto naves não tripuladas ou "drones" pertencentes a pequenos alienígenas "grises".

Que tecnologias estão em uso?
Como apenas um dos visualizadores tinha formação técnica — como piloto e engenheiro de software — as respostas a esta pergunta limitaram-se a descrições de efeitos. Algumas das

descrições incluíam "tensão elétrica muito alta, zumbido, material estranho [que] muda de forma como borracha, mas é forte e leve"; "decolagem vertical como um helicóptero, mas silencioso... deve ser um veículo estranho porque tem forma de ovo e tem como que asas"; "multifacetado, como polígonos, tetraedros, coisas assim... usa correntes de... energia, energia de radiação"; "formas geométricas agindo como dínamos de algum tipo", "muitos campos eletromagnéticos ao redor". Um visualizador descreveu um trem de pouso redondo na base de uma nave que desce e emite uma luz branca. Outro descreveu "uma estrutura semelhante a uma cúpula na parte superior da nave [com] oito janelas embutidas, a parte inferior emitindo luz de cor laranja". Ainda outro visualizador ficou surpreso e relatou: "Nave interessante. Pode viajar no tempo e no espaço. Bom Deus! Isto foi construído cerca de 200 anos no futuro. E está aqui agora. Já está em serviço há tanto tempo." Outro afirmou: "A tecnologia está cerca de 2.000 a 3.000 anos à nossa frente, mas há outras que são menos avançadas que isso — cerca de 300 a 500 anos, só isso."

Esta tecnologia está na Terra hoje?
Os visualizadores concordaram que a tecnologia OVNI está de fato operando amplamente em todo o mundo. "Sim, está aqui com certeza", relatou um. "Vejo bases deles, não de uma raça, mas de várias. São alojamentos e bases de naves para pessoas. Vejo-os dentro de montanhas, no fundo do oceano, no fundo de lagos tanto no hemisfério norte quanto no sul da Terra." "Oh, sim, eles estão em toda parte, na verdade", relatou outro. "Vejo-os nos céus, dentro de montanhas, debaixo d'água... mais de um... tipo." Um terceiro disse: "Oh, sim, eu os vi... não os grises, mas os de aparência humana. Eles — e há mais de um tipo — estão aqui. Bases no oceano, dentro de montanhas no que parecem cavernas, mas são feitas pelo homem, ou feitas por alienígenas." "Sim, esta tecnologia está definitivamente no planeta", relatou um quarto, "está aqui há milênios, percebo, por muito, muito tempo. Eles trouxeram esta tecnologia com eles. Estão em toda parte." Um quinto afirmou: "Existem bases em ambientes semelhantes a oceanos, grandes cavernas em montanhas, até condições desérticas e florestas e selvas. Na Terra? Pode ser, mas não quero me comprometer com nada sobre este ainda."

A tecnologia OVNI está em mãos do governo?
Esta pergunta dividiu os visualizadores ao meio: "Três deles a viram em mãos oficiais, enquanto outros três não viram nada que lhes indicasse qualquer tipo de envolvimento governamental." O sétimo não teve opinião, dizendo: "[É] difícil ver sobre este." Um visualizador viu o que parecia ser um hangar com homens de uniformes militares azuis dentro, enquanto outro sentiu um "cenário tipo caverna" completo com sistema de filtragem de ar. Outro disse: "Ter em mãos é uma coisa e sinto que há naves em cofres subterrâneos em dois lugares diferentes. Mas é bem diferente saber como fazê-las funcionar. Sinto que quem está examinando as naves e outros artefatos em sua posse ainda não entende tudo. A física é parcialmente compreendida em teoria, mas a tecnologia ainda não existe — pelo menos o que podemos produzir. Eles — especialmente os grises — compartilharão coisas com contrapartes humanas; interpreto essas presenças como formais, o que para mim

significa tipos governamentais, mas há coisas que eles não [compartilharão], particularmente o que conhecemos como motores — um aparelho de aparência estranha... parece uma pequena bola e você a segura entre as pernas... Você coloca a mão nela... e a move e a coisa voa." Este visualizador começou a ter bilocação, devido à intensidade de sua experiência. "Nossa, essa coisa está completamente ligada ao meu cérebro; fará o que eu pensar no momento em que pensar. Belo trabalho, essa coisa", continuou o visualizador. "Estou sentado em um aparelho semelhante a uma cadeira que se molda a mim. Ouço um zumbido suave vindo de todos os lugares. Meu Deus! Decolamos! Há grises — pequenos — três deles e dois humanos, tipos soldados. Os grises sabem que estou aqui e não parecem se importar. Um dos humanos tem uma coisa parecida com uma caixa em seu colo, maior que um laptop. O grey em que estou está me deixando pilotar esta coisa. Ele — este parece masculino — está quieto, quase triste por dentro, até entediado. Isto é um trabalho para ele. Ei, espere um pouco! O soldadinho acabou de descobrir que estou aqui. Ele não gosta disso [e] está dizendo ao grey para me deixar ir. Ele está inserindo algo nesta coisa parecida com uma caixa em seu colo. Ele está sentado perto... Esses caras — os humanos — estão aprendendo sobre a nave. Esta é uma tripulação. Espere! Ele está fazendo algo comigo, este soldadinho. O que é isso? Sinto como se estivesse pegando fogo, como se mil formigas estivessem me mordendo ao mesmo tempo. Uhuh... Acabei de perder."

Quantos contatos e com que frequência com não humanos?
Esta pergunta — uma das geradas pelos próprios visualizadores remotos — revelou que pelo menos três dos visualizadores haviam experimentado abduções alienígenas no passado. "[Eu] perdi a conta tanto do número quanto da frequência", afirmou um. "Quando eu era criança, costumava ser pego a cada dois meses. Isso continuou por vários anos." Outro relatou: "Minha sensação é que estive em contato com eles. Sim, desde minha adolescência, tenho participado da campanha deles. Eles estão obtendo algo de nós. Grises, quero dizer. Certamente foram de mim. Não sei até hoje o que era. Não sei com que frequência. E não sei sobre mais ninguém. Acho que não quero saber." Um terceiro relatou contatos "nas centenas desde que eu era criança". Este visualizador viu os contatos como benevolentes. "Quer dizer, fiquei traumatizado, mas depois superei e comecei a ver o que realmente estava acontecendo. Pude então dialogar com eles sem ter que ser suprimido conscientemente. Agora é como velhos amigos. Eles ainda vêm e ainda visitam", acrescentou o visualizador. Um quarto visualizador relatou nenhum contato físico, mas revelou numerosos sonhos, devaneios e meditações envolvendo "seres cinzentos com olhos muito grandes". Outro visualizador indicou que o contato tem sido numeroso ao longo do tempo. "Seria muito difícil acessar a experiência de cada pessoa que esteve em contato com eles", disse este visualizador. Ainda outro visualizador relatou estar em uma sala bem iluminada com uma assembleia de grises. "Estou fazendo esta pergunta a eles", disse o visualizador. "Milhões, diz um. Muitos milhões, diz outro. O tempo todo, desde o início, diz outro. O que é o início?, pergunto. Quando vocês foram criados, diz um dos altos. Vocês não deveriam ter sido criados pelas razões que foram, disse o mesmo alto. O que você quer dizer?, pergunto. Vocês são o produto da sua espécie e de nossos antepassados, a quem também defendemos

porque eles são como nós e como vocês. Somos guardiões e promovemos o avanço da sua espécie. Seus antepassados estão divididos e vocês são o prêmio. Isso não defende a vida e nós preservamos e protegemos a vida. Mas vocês ainda não estão prontos para enfrentar isso e está chegando."

Qual é o nível atual de adoção ou duplicação humana da tecnologia OVNI?
Embora houvesse diferenças nas respostas a esta pergunta, todos os visualizadores indicaram que o trabalho relacionado à tecnologia alienígena está sendo feito na Terra hoje. Um viu um enorme hangar onde meia dúzia de humanos em trajes de voo ou de pressão trabalhavam para instalar um dispositivo preto em forma de bola de futebol em "um daqueles aviões pretos e elegantes que você vê nos filmes". Outro imaginou o que parecia ser um laboratório subterrâneo. Um visualizador parecia testemunhar uma demonstração de tecnologia exótica para o presidente Bill Clinton no Salão Oval. Este visualizador relatou uma sala redonda cheia de móveis, com um desenho redondo "como um pássaro de algum tipo" no chão. "Estou no meio de uma espécie de reunião aqui... Não sei o que está acontecendo, exceto que poderia jurar que estou olhando para [o presidente Clinton]... Há dois caras de uniforme com uma pequena caixa preta de algum tipo. Esses caras estão montando o que quer que esteja nesta caixa. Bem, vejamos... Parece uma rosquinha retangular de algum tipo e há dois objetos invertidos, cônicos ou piramidais, dentro, ponta a ponta, por assim dizer, mas as pontas não se tocam completamente. No lado superior... há um cone achatado de algum tipo apontando para cima, com uma coisa parecida com um pino saindo de seu centro. Há algumas fileiras de interruptores dentro desta caixa e um dos dois caras uniformizados está ligando a fileira superior de interruptores. Depois cada uma das outras fileiras." Este repórter disse que a visualização remota foi subitamente interrompida neste ponto, como se estivesse sendo bloqueada de alguma forma.

Ainda outro visualizador deu um relato que soou muito como se a tecnologia exótica tivesse sido usada como arma. "Estou em algum tipo de praia e há caras lá. Está totalmente escuro e deserta. Ninguém mais por perto. Vejo oito deles. Lá longe há um caminhão de algum tipo, parecido com uma caixa e preto. Tem uma pequena antena parabólica no topo e há cabos, grossos, indo do caminhão até o grupo de caras na praia... Também vejo... que um dos caras tem um aparelho na cabeça, como um capacete de algum tipo, com uma viseira escura. É um homem, humano definitivamente, e ele está segurando uma espécie de coisa parecida com uma vara que tem uma alça de algum tipo que aponta para baixo em uma extremidade. Ele tem mãos muito grandes e está vestindo uma camisa de cowboy, xadrez, e acho que jeans azul. Há uma espécie de agulha que sai desta coisa tubular, no lado oposto da alça, e há um círculo na ponta desta agulha. Isso é algum tipo de arma. Digo isso porque ele está segurando como você seguraria um rifle e está apontando para cima. Isso é estranho. É noite, posso ver as estrelas e nuvens e uma lua crescente se levantando. Oh, ele também tem uma espécie de fone de ouvido. Ele está prestes a disparar esta coisa... Estou vendo algo amarelo-esverdeado saindo da ponta desta coisa e subindo. Está subindo para o céu noturno. Dentro desta corrente parecida com luz saindo desta coisa, há um traço de luz que se estende

para sempre para cima. Parece uma onda de algum tipo, mas é muito intensa. Sinto muito calor e algum tipo de campo saindo desta corrente. O alvo é algo lá em cima, mas não sei dizer. Esta coisa dura por muito pouco tempo e então a coisa toda se repete. Há um som de zumbido ao redor enquanto esta coisa... energiza? Não sei dizer o que é o som, ou de onde vem, mas está por todo este lugar."

Quem está visitando atualmente a Terra?
Outra pergunta "cega", provocou respostas variadas — mas todas concordaram que vários seres não humanos estão atualmente operando em e ao redor do nosso planeta. Um visualizador viu um desfile de seres alienígenas. "Vejo seus grises padrão de olhos grandes, tanto os altos quanto os baixos. Também vejo o tipo reptiliano, com pele coriácea e olhos maiores que os humanos", disse este visualizador. "Aí vêm os loiros, altos. Isso é estranho. Estou vendo albinos agora, mas um tem olhos pretos e o outro tem olhos vermelhos brilhantes... Eles estão como que flutuando através do meu campo de visão. Como se estivessem dizendo olá."

Outro visualizador afirmou: "Há esta entidade bem na minha frente. É como se ele — sim, é um homem com certeza — é como se ele estivesse tornando possível para mim vê-lo. Ele está me dizendo algo... que ele me verá em breve... que ele é parente meu, de todos os humanos. Este é um cara enorme. Ele é muito mais alto do que eu e eu não sou exatamente baixo. O que é tão impressionante nele é que ele é um albino completo, no verdadeiro sentido da palavra. E o que sinto sobre ele agora é uma profunda bondade, como se todo o seu corpo permeasse esse sentimento e o exalasse como um campo."

Um terceiro visualizador viu os albinos e os grises juntos em um mundo que não a Terra. "É como se os grises estivessem ajudando esses albinos", disse o visualizador. "Oh, Deus, esses grises estão trazendo esses outros, os albinos, para cá. Mas por quê? (Bom Deus, já há outros como eles aqui.) Eles estão por toda parte... escondidos." Outro visualizador viu pequenos grises e albinos trabalhando com humanos. Ainda outro viu várias raças de seres em uma estrutura em outro mundo, estranhamente semelhante à que Riley e Bordon descreveram. "Esta é uma entrada para uma bela estrutura branca em forma de pirâmide em um promontório rochoso... Há uma cidade inteira atrás de mim... Há como uma plataforma que sobe até esta grande abertura. A porta é interessante. Não há uma! Mas você não pode entrar a menos que seja convidado. Há duas filas indianas de pessoas vestidas com o que eu chamaria de vestes antigas. Coisas longas e fluidas como vestidos. Uma das filas indianas é composta de homens, machos, quero dizer... Loiros, todos eles, aproximadamente a mesma altura, não sei dizer o tamanho. Suas vestes são de uma bela cor dourada e têm capuzes, e eles têm cabelo, belo cabelo dourado... Eles estão andando lentamente em direção à entrada. Não tenho permissão para passar do portal, fui informado. Mas sou bem-vindo para estar lá com eles." Um dos visualizadores que havia indicado ser um abduzido testemunhou nada além dos alienígenas grises no contexto de um programa de trabalho consensual na Terra, enquanto outro ex-abduzido disse que a visualização estava de alguma forma sendo

bloqueada. "Alguém ou algo não queria que eu visse nada, ouvisse nada, dissesse nada sobre nada", relatou este visualizador. "Estou me sentindo como se estivesse sendo excluído do circuito, por assim dizer."

Qual é o propósito dos alienígenas aqui?
Outra pergunta "cega", produziu respostas variadas. Um visualizador disse que falou diretamente com alienígenas grises e não estava com medo ou irritado. "Eles estão aqui para nos ajudar", explicou este visualizador. Os grises disseram que um planeta está prestes a fazer uma aparição em nosso sistema solar nos próximos sessenta anos e "causará estragos aqui" porque "desta vez esta coisa vai passar do lado do sol voltado para nós e o sol não estará lá para nos proteger". O visualizador acrescentou que os grises estão preocupados com a sobrevivência da espécie humana e que não querem nada "exceto que permaneçamos vivos" porque somos aparentados com eles.

Outro visualizador ofereceu o mesmo tema, afirmando: "Este é um planeta de alto risco... e que a perspectiva deles é muito mais longa, em termos de tempo, do que a nossa. Essas pessoas estão preocupadas conosco e, no entanto, sabem que podemos concebivelmente conseguir. Será difícil por um tempo, mas não vai matar todos nós. Há pessoas que serão levadas para o alto antes que o problema comece aqui embaixo... Esse tipo de coisa acontece de vez em quando, não é a primeira nem a última vez que isso acontecerá." O visualizador que viu um albino alto disse: "Esse cara alto... com rosto amável e olhos vermelhos, fica me dizendo que eles não têm escolha sobre as visitas, que de vez em quando, o planeta em que vivem vem por este caminho e eles podem visitar o que considero ser seus antigos domínios, por assim dizer. Ele também diz que colonizaram a Terra há muito tempo e que são responsáveis pela raça humana, assim como os loiros são responsáveis por eles. O loiro com esse cara é um pouco menor em tamanho, mas ainda é grande pelos padrões humanos... Ele diz que tudo está sendo feito para preservar e proteger a raça humana e todas as outras formas de vida neste planeta da extinção. Ele diz que há diferenças de método e realidade na abordagem das coisas... entre os altos com quem ele está agora e os altos que já estão neste sistema solar. Ele diz que teremos uma escolha sobre em quem queremos acreditar e com quem ir."

Um visualizador relatou ter observado os alienígenas "grises". "Estou sentindo muitos navios — OVNIs — como na atmosfera acima. Estou em um deles e há pequenos grises a bordo. Há também dois humanos a bordo. Isto é como um exercício de treinamento de algum tipo", relatou este.

De acordo com o relatório, existem pelo menos dois tipos de "grises" e talvez mais. "Estou no que parece uma cidade", relatou outro. "Há muitas pessoas por perto. Há algumas que têm olhos muito escuros, pretos. [Parecem] lentes de contato pretas. Essas pessoas são bastante altas. Quando estou perto delas, me fecho. Não quero que me conheçam. Apenas um palpite. Esses caras não são... essas pessoas não são exatamente boas. Estão

desorientadas. Fazem coisas para o seu próprio povo e que se dane todo mundo. Vejo-os claramente como agora."

Um visualizador viu uma variedade de formas de vida alienígenas — "grises, reptilianos, loiros, albinos e várias variações de formas humanas" — movendo-se através do "subespaço ou hiperespaço" para aparecer na atmosfera da Terra. Um visualizador descreveu alguns visitantes como seres de energia desincorporados. "Não tenho certeza se posso dizer que eles têm um corpo como nós. Mas seja o que for ou quem for 'eles', eles existem mesmo assim. Eu os sinto. Eu os percebo, mais do que os vejo ou posso tocá-los no sentido físico. No entanto, posso ver algo do que eles são. Alguns são como dissipados, mas brilhantes no centro. Outros são como os contornos ou formas de corpos que devem ter tido, mas não têm mais... Depois há aqueles... que não podem viver assim e desejam voltar a este mundo e aqueles que estão bem ajustados a onde estão agora. Caramba! Essas coisas, especialmente as que não estão bem ajustadas, alimentam-se de medo. Para elas é como comida. Mas seu objetivo real é voltar para aqui de qualquer maneira possível. Minha nossa, isso está ficando mais estranho a cada minuto. Onde estou? Há todos os tipos de seres de energia remanescentes aqui. Eles vêm de todos os mundos que existem, posso sentir. Que eles querem voltar ao mundo não é um pensamento ilusório; é um plano de algum tipo. Eles estão sendo mantidos lá de alguma forma... não é vontade deles estar lá, mas eles estão lá pela vontade de outra pessoa, algo ou alguém muito poderoso. Esses caras também se comunicam com pessoas aqui. Um deles me diz que eles podem interpenetrar... esta realidade. Não podem afetá-la ou agir nela, mas certamente podem influenciá-la influenciando as pessoas que estão no mundo através de nossas mentes. Mas há um problema com isso também. Alguns ouvirão, mas não agirão como esses caras querem que ajam, e outros agirão em seu nome, inconscientemente, é claro, mas não podem ser controlados por longos períodos... E há algum tipo de portal ou lugar pelo qual podem passar, mas apenas com pessoas dispostas no mundo chamando por eles. Deus, isso fica complicado... Vou encerrar esta sessão agora."

Descreva qualquer interação entre governos da Terra e visitantes começando cem anos no passado e indo duzentos anos para o futuro.

Esta pergunta provocou algumas das respostas mais fascinantes do relatório. Embora apenas três dos sete visualizadores remotos tenham oferecido uma linha do tempo com seus relatórios, pareceu que houve contato não oficial até a década de 1950. Um visualizador falou de conversar com um alienígena grey como escritor/contador de histórias na década de 1890. O visualizador deu esse período porque viu navios à vela e carruagens puxadas por cavalos. O alienígena lhe contou sobre "submarinos e aviões, drogas maravilhosas e novos procedimentos médicos" em inglês. Foi dito a este visualizador que os meios preferidos de comunicação durante este período eram através de "sonhos e devaneios em estado de vigília".

Outro visualizador indicou que o contato mental com alienígenas pode ter ocorrido no início deste século por uma ou mais pessoas na Alemanha. "Nunca estive na Alemanha e não tenho interesse em alemão desde que me entendo por gente", afirmou este visualizador. "Mas falo alemão de alguma forma porque posso entender o que está sendo dito ao meu redor... Posso entender este cálculo muito complicado e todas essas equações. Estou no que parece ser uma ilha, mas é uma ilha num rio, não no mar. Estamos falando sobre... física avançada aqui. Há pessoas aqui que só reconheço pelo nome. Isto é algum tipo de simpósio... em algum momento durante a década de 1920... Este lugar é como que um castelo ou algo assim. Há um homem chamado Heidel... alguma coisa, de quem todos estão falando. Também se fala em dividir o átomo e aproveitar a energia. Mas não entendo a explicação... Há pessoas da América aqui. Não, da Inglaterra. Posso ouvir o sotaque britânico. Todos estão falando sobre física e tensor... e que diabos é um campo quântico?... Há pessoas aqui que parecem humanas, mas não são. Posso ver esse cara, esse cara loiro... e de vez em quando tenho um flash de... não sei... algo que parece um louva-a-deus. Cabeça pequena, alto, magro, esse tipo de coisa. Mas apenas por uma fração de segundo."

Um visualizador deu um relato intrigante de um encontro entre alienígenas e o presidente Dwight Eisenhower no que parecia ser o início da década de 1950. "O que ouço agora é uma banda tocando 'Hail to the Chief' como fazem nas convenções políticas quando o presidente entra no salão. Mas esta não é esta época... Vejo uma placa de rodovia no que parece uma estrada de duas pistas, mas é como desértico neste lugar. Isto é em algum momento durante o dia. Sinto o calor do sol. Há algum tipo de pista de pouso, como um aeroporto por aqui, perto, posso dizer. Estou ouvindo o som de aeronaves, como aviões a jato. Isto é algum tipo de área restrita, no entanto. Vejo algumas torres de guarda ou observação... Há um comboio de carros, carros escuros, descendo esta estrada asfaltada onde eu estava. Não, espere um minuto! Isto é uma base, uma base militar. Uma base da Força Aérea. As pessoas saem do carro e entram neste edifício. Estão todos vestidos de terno, ternos escuros... Agora isto é interessante! Há duas, não, três naves em forma de disco se aproximando. Uma delas pousa enquanto as outras duas permanecem no ar. Outra pousa e então a terceira pousa. A primeira que pousou se abre. Um dos carros pretos e alguns Jeeps vão até ela. Dois, não três, grises aparecem e descem da nave. Não estão andando. Estão, tipo, flutuando para o chão. A porta do carro se abre e este homem alto, mais velho, sai, depois alguns caras militares e outro tipo civil. Este é um lugar quente, a temperatura é de deserto... Dois desses grises são pequenos, um é alto, mas não tão alto quanto o humano mais velho. Algo engraçado sobre esse cara. Espere um pouco! Puta merda! É um dos nossos ex-presidentes." (O visualizador mais tarde reconheceu que era Eisenhower.) Este visualizador disse que o grupo entrou em um grande Cadillac preto que os levou a um edifício próximo. "Eles são levados rapidamente por algumas pessoas de capacetes azuis e brancos, caras grandes. O Presidente e sua comitiva e os grises vão para uma sala, sala de conferências, parece. Só um minuto! Estou sentindo que toda esta coisa foi pré-planejada. Era para isso acontecer. Ambos os lados sentem antecipação, mas o tom de sentimento é discreto, quase abafado. Os grises estão interessados em abrir e manter a comunicação. Este tipo civil pergunta como isso pode

ser feito. O grey alto responde que fornecerão os meios para se comunicar com eles localmente e à distância. Este alto também pede que eles (os humanos) não tenham medo deles. O Presidente pergunta por que estão aqui e o alto responde que estão aqui em antecipação a mudanças futuras e que ajudarão a acelerar o ritmo de desenvolvimento. Não para fins de guerra, diz um dos pequenos. Eles querem um entendimento com eles, diz o grey alto, mas não uma aliança. O Presidente quer saber há quanto tempo eles estão por perto. O baixo responde: muito tempo. Ele diz mais do que sua história registrada. Ele diz que fomos abandonados por nossos antepassados, nossos criadores... O tipo civil está visivelmente perturbado, como se estivesse prestes a ter um ataque cardíaco. Os três grises se viram e olham para esse cara. Uau! Ele se acalmou quase imediatamente. Eles gostam do Presidente. Sentem que ele é estável. Não gostam do tipo civil com ele, não, na verdade, sentem pena dele. O Presidente diz que quer amizade e cooperação com os alienígenas e o grey alto diz que eles também querem o mesmo. Ele também diz que continuarão a observar e esperar para ver o que fazemos, como agimos em relação a eles. Mas, diz ele, continuarão a ser ativos aqui. O tipo civil quer saber que mudanças estão por vir. Um dos pequenos grises diz que nos dirão mais quando for a hora certa. Em breve, diz ele. O grey alto se vira para mim agora. Uau! Ele sabe que estou aqui. Um dos caras militares meio que acorda e quer saber o que há de errado. Nada, diz o grey alto, apenas que temos um visitante. Como isso pode ser possível?, pergunta o cara militar. Ainda não é hora [de explicar], diz o pequeno." Este visualizador disse que sua sessão de RV terminou abruptamente após esse incidente, como se seus pensamentos estivessem sendo bloqueados "como se ainda houvesse coisas para conversar em particular, sem ouvintes como eu por perto".

Outro visualizador acrescentou detalhes à ideia de mudanças futuras quando visualizou remotamente uma reunião entre ainda outro presidente americano e grises "em algum momento no futuro a partir de onde começamos [meados da década de 1950]". "Não posso dizer quando isso aconteceu, mas me arrisco a dizer um pouco antes do ano 2000", relatou o visualizador. "Há quatro grises aqui, dois altos e dois baixos. Além dos dois homens de terno escuro, há outros por perto em ternos militares e ternos comuns. Não vejo uma nave ou algo assim, apenas algumas cadeiras... [que parecem ser] feitas de uma substância cinzenta semelhante a goma. Quando você se senta nela, ela se molda ao seu redor e o segura muito bem. Mas não restringe seus movimentos. Esses grises estão sentados nelas, um para cada um. Então eles estão conversando. Os grises estão contando sobre a órbita de algo. Eles dizem que é uma anomalia, mas é algo que foi feito para preservar a vida. Exigiu muita energia, diz o alto que parece um louva-a-deus. Ele diz que eles e outros farão tudo para ajudar a evitar uma catástrofe na superfície... Ele está falando de modelos. Ele diz que do jeito que está agora, eles terão que esperar até que os valores possam ser inseridos quando esta coisa se aproximar porque a gravitação desta coisa é tão perturbadora que cada vez que ela vem, afeta tudo de maneira diferente... Ele também está dizendo aos caras de terno que estão ficando de fora da briga. Ele não está especificando o que é isso. Ele também está recomendando que eles — os caras de terno — fiquem de fora. Um dos homens — o alto, creio — diz que teremos que nos defender se qualquer uma das partes

envolvidas tentar entrar em zonas seguras. É necessário, diz ele, proteger nosso próprio desenvolvimento e é do nosso melhor interesse. [Mas ele] não especifica de que desenvolvimento está falando. Mas ele também diz que não estamos tomando partido e seus navios... serão respeitados sob as leis e tratados marítimos e espaciais humanos."

Ainda outro visualizador também imaginou uma reunião entre alienígenas e líderes humanos na qual as próximas mudanças geofísicas foram discutidas. "As mudanças, está dizendo o grey alto e magro, vão afetar o planeta. Ele diz que a cada 25.000 revoluções ao redor do sol, a Terra é bombardeada por grandes pedras do céu. Ele deve estar falando de meteoros ou asteroides. Há também um planeta que cruza as órbitas dos planetas neste sistema solar e isso, diz este grey, causa muitos problemas para a Terra e os outros planetas. Esta coisa é aparentemente grande ou pelo menos maior que a Terra... Ele acabou de produzir como que um holograma da órbita desta coisa cortando o plano das órbitas dos planetas em nosso sistema solar. Isso é legal! Ele está mostrando aos caras de terno que este planeta vai ficar perto da Terra à medida que começar a acelerar em sua própria órbita saindo do nosso sistema solar. Este holograma também mostra que há asteroides do cinturão de asteroides que são desalojados de suas órbitas e decaem. Alguns são puxados pela Terra e quase a acertam, outros a atingem em cheio... Ele diz a eles para envolverem pessoas na construção de uma — o melhor que posso pensar aqui é 'escudo' porque ele está falando sobre proteção. Ele diz aos figurões que não há muito que possam fazer agora, significando neste momento... Os caras de terno têm perguntas — quantos morrerão? O que podem fazer para se planejar para este evento? Esse tipo de coisa. O grey alto e magro fala com eles novamente. Ele diz que devem construir instalações subterrâneas para si e para o seu povo — não apenas onde estão, mas em outros lugares onde haja montanhas e rocha-mãe. E o resto das pessoas?, perguntam os caras de terno. O grey responde que há humanos que morrerão porque não estão preparados. Ele diz que o trabalho dos caras de terno é preparar as pessoas para este evento e dizer-lhes como se preparar. O pânico, diz ele, é inevitável, mas há meios de manter os problemas ao mínimo e nós lhes daremos esses meios." Este visualizador continuou descrevendo como humanos em macacões laranja partiram com os grises após uma "cerimônia de partida".

Quais são os embaixadores, técnicos e policiais?
Esta pergunta foi feita pelos próprios visualizadores remotos depois que todos, exceto um, viram referências a esses tipos em suas sessões. Dois viram seres alienígenas no papel de embaixadores, dois viram técnicos extraterrestres trabalhando em e perto da Terra, enquanto outros dois imaginaram policiais alienígenas envolvidos. Um viu embaixadores representando muitas raças alienígenas conduzindo uma reunião em "um grande local de encontro. Eles são como embaixadores de algum tipo? Não consigo pensar em outra maneira de vê-los. Eles não estão bloqueando nada de mim. Eles sabem que estou aqui", afirmou este visualizador. Outro visualizador viu o que foi descrito como uma espécie de técnico alienígena. "Há este cara vestido com uma túnica, alto e ele está como que brilhando por todo lado... Ele está dizendo a esses outros que é muito importante ter o energizador

funcionando corretamente e testado em breve. Ele também está dizendo que a quantidade de energia deve ser modulada cuidadosamente para não prejudicar as formas de vida. Não há menção de onde ou que tipo de 'energizador' foi mencionado." Ainda outro visualizador viu um grupo de alienígenas protegendo "dois caras que sabiam como fazer ou realizar algo técnico". Um visualizador que viu esses guardas referiu-se a eles como policiais. "Esses caras são engraçados para mim porque não têm senso de humor nenhum", relatou este visualizador. "Eles são sérios como a peste e levam seus trabalhos muito a sério. Eles trabalham em pares, como policiais na ronda, sabe. Mas há uma razão para isso. Tem a ver com proteção. Um deles me diz que se estiverem em perigo, podem juntos pedir ajuda e ela é dada instantaneamente. Enquanto quando você pede ajuda sozinho, você tem que passar por uma espécie de central telefônica, mas junto com outra pessoa, você obtém ressonância instantânea — seja lá o que isso significa sobre isso? Não faz sentido para mim... Esses caras dizem que têm uma hierarquia e trabalham em grupos de doze, seis pares. Ele diz que há milhares e milhares deles em pares por toda a galáxia. Eles trabalham apenas nesta galáxia, diz um. Ele diz que até que eu entenda o que a vida realmente é, não entenderei completamente o que é que eles fazem. Ele também diz que seu dever principal é defender a vida, seja lá o que isso significa."

Por que há uma guerra silenciosa acontecendo agora?

Esta é outra pergunta feita pelos visualizadores depois que vários tiveram a impressão definitiva de que algum tipo de conflito secreto está ocorrendo ao redor da terra hoje. Cinco dos sete visualizadores remotos forneceram algumas informações sobre a situação. "Há uma guerra de guerrilha acontecendo, estou sentindo", relatou um. Outro acrescentou que era mais como "muitos ataques relâmpago entre dois grupos. Eles não gostam um do outro. Estamos no meio disso. É como se fôssemos um peão nesta guerra." Outra visão era ainda mais sinistra. Este visualizador viu "toda uma armada de naves muito grandes logo fora do nosso sistema solar, como se estivessem esperando que algo ou alguém viesse. Meio que me lembra daquele filme com Luke Skywalker e os bandidos." Um visualizador descreveu o conflito como "entre duas facções do mesmo partido". "Eles não veem as coisas da mesma forma e um lado se sente muito responsável pela Terra, enquanto o outro lado quer usar a Terra, quer governá-la e tirar coisas dela. Há um grupo maior de muitos tipos de seres que não gostam do que está acontecendo, mas não farão nada a respeito. Eles apenas tentam manter a paz e evitar... que esses caras nos machuquem ou a qualquer outra pessoa."

Outro visualizador explicou: "Não é tão simples quanto parece. Esta não é uma guerra de ódio, onde um lado odeia o outro. Não, isso vem acontecendo há muito tempo. Esta coisa é sobre a sobrevivência de um dos dois lados. Este lado quer viver aqui e o outro lado diz não, pertence a nós. É isso que estou captando. Parece uma situação de *Guerra nas Estrelas*, como ficção científica, mas não consigo abalar os sentimentos e a impressão." Ainda outro visualizador disse: "Esta guerra, se é uma guerra, é como dois cães brigando. Eles não estão tentando se matar, mas sim fazer com que um exponha o pescoço ao outro para que possam

voltar a ficar em paz. Mas um lado não gosta dessa abordagem, percebo. Esta coisa ainda está longe de terminar." Nenhum dos visualizadores teve qualquer noção de quando este conflito começou nem quando poderia terminar.

A questão dos OVNIs envolve assuntos geralmente considerados de natureza espiritual, religiosa ou metafísica?

Esta foi outra pergunta "cega" que produziu respostas verdadeiramente intrigantes. Várias perguntas sobre este tópico foram adicionadas pelos visualizadores. Todos tiveram várias visões, mas todos indicaram que a vida inteligente não termina nos limites da Terra. "Na melhor das minhas possibilidades, eu chamaria isso de sensação de um manto de algum tipo", respondeu um, "como ser coberto por uma colcha de cama quando está frio ou estar dentro de um casulo de algum tipo que está em toda parte e quero dizer em toda parte. Como se todo este universo estivesse cheio de vida apenas esperando para acontecer... É como se tudo fosse um padrão imenso e não houvesse realmente uma pessoa, mas sim um tecido inteiro. Sou costureira e só posso pensar na coisa toda como se estivesse fazendo um vestido e a extensão desta coisa é, bem, você pode fazer bilhões e bilhões de vestidos com ela e ainda assim seria infinito."

Outro visualizador disse: "Estou sentindo que existe o que chamamos de Deus, mas não é como pensamos em Deus. É mais impessoal. Não é nada pessoal. O que é pessoal é que, bem, na melhor das minhas possibilidades, é como pessoas que vieram antes de nós, que agora servem como modelos e guias de como as coisas são e como devemos fazê-las enquanto estamos aqui. Vou chamá-los de 'pessoas' porque são como eu em todos os sentidos concebíveis da palavra, porque não me sinto diferente deles e isso é estranho em si. A maneira como estou captando isso é que somos na verdade todos iguais, apenas invólucros diferentes. O padrão é o mesmo. É como uma conspiração para a vida, todos os tipos de formas de vida, isto é. Os homenzinhos [grises] sabem e entendem tudo isso e o mesmo acontece com a maioria dos outros. Não os vejo tendo uma religião como a nossa. Eles experimentam o campo de força do que chamaríamos de Criador, com C maiúsculo. Oh, mas eles têm suas cerimônias. Não são como as nossas missas [este visualizador é católico], bem diferentes em espírito. É isso! Quando eles fazem coisas assim, como uma cerimônia de algo, o espírito está lá. Posso senti-lo e é bom, como um casulo acolhedor, meio que te envolve. Nunca estive em uma cuba de melaço quente, mas não apostaria que é muito diferente. Talvez seja. De qualquer forma, é bom. Estou lá agora!... É como um planalto elevado. Há um... Santo Deus! Parece uma daquelas pirâmides mexicanas, exceto que tem uma porta na parte inferior e uma espécie de calçadão de entrada levando até ela."

Outro visualizador também mencionou um "templo" onde seres encapuzados se reuniam para adoração. "É muito claro lá dentro", disse este visualizador. "Há um som de zumbido baixo e a cor da luz muda com a intensidade do som. Parece muito bom. Não consigo entrar neste templo porque não tenho permissão para entrar na sala principal onde todos estão.

Mas estou numa antessala. Há como um monólito no meio desta sala e há uma pedra avermelhada de oito lados, grande, cerca de metade da altura desta coisa. Parece ônix ou granito preto... Bem, que droga! Este zumbido é a oração! É assim que esses caras rezam. Mas para quem ou para quê? Todos, vem a resposta."

Um visualizador testemunhou outra cerimônia envolvendo água — "a água da vida, eles a chamam". Talvez cem seres encapuzados participaram da cerimônia em uma grande sala retangular com as paredes cobertas de hieróglifos. "Todos estão rezando e dando graças ao Um. Talvez este Um deva ser com maiúscula. Talvez este seja Deus para eles. Não, isso é um pouco diferente, parece um pouco diferente. Esta é uma forma do que eu chamaria de Deus, mas é como a totalidade deles e de todos os que estão vivos. Quero dizer a soma total de nossos espíritos... Deus Todo-Poderoso! Será que eles estão rezando para todos nós juntos? É isso que Um é?"

Uma possível resposta veio de outro visualizador que contou de uma conversa com um ser encapuzado que pacientemente tentou explicar que cada ser individual é os olhos e ouvidos do Criador. "Quando alguém se esquece disso, há separação e a separação não é natural", foi dito a este visualizador. "Ele diz que, independentemente da forma corporal que temos, também somos feitos de algo que interage com a forma corporal. Ele diz que chamamos isso de mente, mas é mais do que isso... Ele diz que mente e sentimentos andam juntos e sempre andaram juntos, mas que as emoções, emoções fortes, nublam a consciência. Ele também está me dizendo que viver realmente significa simplesmente viver sem medo. Tudo é energia, diz ele, e que devo tentar entender as coisas em termos de energia trocada, compartilhada, e não roubar energia de outro. Ele diz que é isso que a realidade realmente é — energia e trocas de energia. Ele está agora me dizendo que o que eu penso que o mundo — não, o universo — é realmente, não é. Ele diz que estou confiando demais no que os outros me dizem e no que eu e outros concordamos que é. Ele diz para eu fazer uma descoberta. Descobrir as coisas, diz ele. E agora ele tira o capuz. É um cara com cabelo castanho claro na altura dos ombros e olhos claros, verdes-acinzentados, acho." Um aspecto surpreendente desta parte do relatório de visualização remota foi que dois visualizadores forneceram separadamente esboços do local em outro mundo onde viram o Um ser adorado — e eles são virtualmente idênticos.

A conclusão do relatório de visualização remota foi que múltiplas espécies de extraterrestres — incluindo variações dos familiares grises, bem como seres de energia — estão visitando a Terra. Embora nenhuma evidência incontestável tenha sido oferecida, várias sessões sugeriram fortemente que há interação entre alguns dos ETs e representantes do governo, tanto antigos quanto atuais, incluindo naves recuperadas ou doadas. Era aparente que as tecnologias em uso com os OVNIs excedem em muito as dos humanos atuais, mas nenhuma definição clara de tal tecnologia foi dada. Foi sugerido que isso pode ser devido à falta de conhecimento por parte dos visualizadores remotos — pois apenas um tinha alguma formação científica. Pareceu pelos relatos que a Terra está presa no meio de um conflito

entre facções da mesma raça. Uma boa parte do sigilo em torno dos OVNIs pode ser devida a líderes nacionais buscando mais tempo para determinar com qual lado — se é que com algum — eles podem querer se alinhar. Finalmente, as experiências dos visualizadores ao lidar com os aspectos metafísicos do fenômeno OVNI são mais convincentes em suas semelhanças e consistências. Isso dá peso considerável ao argumento de que a visualização remota, feita corretamente com protocolos estabelecidos, pode muito bem provar ser uma ferramenta eficaz para determinar a agenda alienígena.

CAPÍTULO 12

UM EXAME METAFÍSICO

O ano era 1917, e as setenta mil pessoas reunidas perto de uma pequena cidade portuguesa viram todas o OVNI. A chuva, que havia continuado a manhã toda, parou repentinamente por volta do meio-dia. As nuvens se abriram, e o sol pareceu lançar feixes de luz colorida em tons de violeta, azul e amarelo.

Havia uma fragrância estranha no ar, e alguns ouviram um suave zumbido. Então veio o disco plano giratório, descendo em direção à terra em um padrão de ziguezague antes de inverter seu curso e desaparecer no sol. A multidão — muitos dos quais pensavam que o objeto era o sol — ficou chocada ao perceber que suas roupas encharcadas de chuva estavam agora completamente secas.

Embora totalmente documentado por jornalistas presentes e investigado profundamente pela Igreja Católica, este caso raramente é reconhecido na literatura de OVNIs. É reservado para a prateleira da religião. Ficou conhecido como o milagre de Fátima, uma pequena aldeia localizada cerca de setenta milhas ao norte de Lisboa. De acordo com os crentes, representava uma visita terrestre da Bem-Aventurada Virgem Maria, que trouxe mensagens de amor e profecias de cataclismos vindouros.

Mas outros, como o pesquisador e autor de longa data Dr. Jacques Vallee, viram uma conexão definitiva com a experiência OVNI. "As famosas aparições em Fátima oferecem um exemplo histórico da dimensão religiosa dos encontros com OVNIs", escreveu Vallee.

A última aparição ocorreu em 13 de outubro de 1917, e encerrou seis meses de avistamentos, cada um dos quais ocorreu no décimo terceiro dia do mês. As únicas pessoas que realmente afirmaram ter visto e ouvido a Virgem Maria foram três crianças pequenas que disseram ter sido abordadas primeiro por uma bela senhora cercada por luz brilhante em 13 de maio de 1917, enquanto cuidavam de um rebanho de ovelhas.

"O 'milagre' final ocorreu no auge de uma série precisa de aparições combinadas com contatos e mensagens que a colocam muito claramente, na minha opinião, na perspectiva

dos fenômenos OVNIs", afirmou Vallee. "Não apenas um disco ou globo voador estava consistentemente envolvido, mas seu movimento, sua trajetória de folha caindo, seus efeitos de luz, os trovões, os zumbidos, a fragrância estranha, a queda de 'cabelo de anjo' que se dissolve ao atingir o solo, a onda de calor associada à aproximação do disco — todos esses são parâmetros frequentes de avistamentos de OVNIs em toda parte. E o mesmo acontece com a paralisia, a amnésia, as conversões e as curas."

O tenente-coronel reformado da Força Aérea dos EUA, Dr. Nelson S. Pacheco, fez um estudo aprofundado dos fenômenos marianos, enquanto Tommy R. Blann, um ex-pesquisador do falecido Dr. J. Allen Hynek, estuda OVNIs desde o início dos anos 1960. Em seu livro autopublicado *Unmasking the Enemy* (Desmascarando o Inimigo), ambos os autores argumentam que as aparições religiosas exibem algumas grandes diferenças dos encontros com OVNIs.

"Primeiro, a mensagem de Fátima é o tradicional chamado judaico-cristão para retornar a Deus", escreveram eles. "Como com os profetas antigos, a Virgem Maria vinculou o estabelecimento da paz no mundo não a considerações geopolíticas, mas à cessação da pecaminosidade... [enquanto] o apelo das manifestações de OVNIs... é amoral — tendo mais a ver com nosso próprio potencial humano, a destruição do meio ambiente, o sigilo do governo, e assim por diante.

"Segundo, as imagens de Fátima se encaixam nos arquétipos católicos tradicionais, e o sentimento relatado pelos visionários é de paz — exceto pela visão do inferno — bem diferente das imagens e emoções típicas geralmente relatadas pelos visionários de OVNIs... Finalmente, o milagre do sol em Fátima se destaca por sua magnitude. Só tem paralelo com os milagres do Antigo Testamento e faz até a mais magnífica exibição de OVNIs parecer minúscula em comparação."

Os três autores compartilham uma crença comum — de que o fenômeno OVNI envolve inteligências não humanas que não são necessariamente alienígenas do espaço sideral.

"Acredito que o fenômeno OVNI é uma das maneiras pelas quais uma forma alienígena de inteligência de complexidade incrível está se comunicando conosco simbolicamente", afirmou Vallee. "Não há indicação de que seja extraterrestre. Em vez disso, há evidências crescentes de que tem acesso a processos psíquicos que ainda não dominamos ou mesmo pesquisamos."

Hoje, há uma crença crescente entre os pesquisadores de OVNIs de que a questão envolve muito mais do que simples máquinas voadoras do espaço sideral. Parece haver uma interconexão entre avistamentos, contatos e abduções que envolve assuntos anteriormente considerados de domínio exclusivo da parapsicologia, antropologia e até mesmo da religião. Para muitos, isso é um pensamento perturbador.

Como observou o autor Whitley Strieber, "Qualquer explicação do fenômeno que não seja prosaica deve inevitavelmente levar a um desafio profundo às teorias queridas sobre a natureza da mente e do universo e do lugar do homem no cosmos."

O Pequeno Povo

Mais uma vez, uma busca na literatura de OVNIs e mitologia indica que vários fenômenos envolvendo ambos podem ser rastreados até a pré-história do homem. Não é nada novo. Vallee, que fez um extenso estudo do folclore, observou: "É difícil encontrar uma cultura na Terra que não tenha uma tradição antiga de homenzinhos que voam pelo céu e abduzem humanos." Vallee também afirmou que, com base em seus estudos, foi tentado a hipotetizar "que em tempos remotos ocorreu contato entre a consciência humana e outra consciência, descrita de várias formas como demoníaca, angélica ou simplesmente alienígena."

Esses "homenzinhos" tinham uma variedade de nomes: os trolls escandinavos, os *ihkals* do México e os *bunions* malaios. As Ilhas Britânicas fornecem uma riqueza de tais lendas, desde as histórias celtas de bebês abduzidos por elfos até os *leprechauns* irlandeses e os *skagh maith* (pessoas boas) escoceses. Na França, essas lendas tratam de *fées*, ou fadas, e de uma raça diminuta conhecida como *fions*. Curiosamente, esse pequeno povo, como as histórias cristãs de anjos e demônios, diz-se formar dois grupos básicos — os bons e os maus. "Tais seres elementares têm formado um pano de fundo para a religião e o folclore de todas as nações por alguns milênios", afirmou a autora Jenny Randles. "A consistência entre a crença em tais entidades é verdadeiramente notável."

"Seria um erro grave acreditar que nós, no final do século XX, somos as primeiras pessoas inteligentes o suficiente para reconhecer que este fenômeno é digno de investigação e obedece a certos padrões fixos", comentou Vallee. "Sacerdotes e estudiosos deixaram livros sobre as lendas de sua época a respeito desses seres. Esses livros tiveram que ser encontrados, coletados e estudados. Juntas, essas histórias apresentavam uma imagem coerente da aparência, da organização e dos métodos de nossos estranhos visitantes. A aparência era — isso o surpreende? — exatamente a dos pilotos de OVNIs de hoje. Os métodos eram os mesmos. Havia a visão repentina de 'casas' brilhantes à noite, casas que podiam voar, que continham lâmpadas peculiares, luzes radiantes que não precisavam de combustível. As criaturas podiam paralisar suas testemunhas e transportá-las através do tempo. Caçavam animais e levavam pessoas embora."

Richard L. Thompson, o ex-cientista da NASA que conectou OVNIs à antiga literatura védica da Índia, instou mais abertura para as lendas de outros povos. Ele sugeriu que um estudo maciço transcultural "resultaria em uma imagem unificada das culturas humanas que atribui muito mais realidade à visão de mundo de cada cultura do que a ciência moderna permite."

Para Vallee, a semelhança das lendas mundiais vai muito além da mera coincidência de algumas histórias antigas. "Não é simplesmente um caso de alguns contos relatando encontros entre alguns humanos e criaturas estranhas do céu", escreveu ele. "Este é um mito antigo e mundial que moldou nossas estruturas de crença, nossas expectativas científicas e nossa visão de nós mesmos. Não uso a palavra 'mito' aqui para significar algo imaginário, mas, pelo contrário, algo que é verdadeiro em um nível tão profundo que influencia os próprios elementos básicos de nossos pensamentos." Ele até postulou que o intenso interesse em OVNIs pode pressagiar um novo movimento mitológico. "Através do fenômeno OVNI, temos as oportunidades únicas de observar o folclore em formação e coletar material científico na fonte mais profunda da imaginação humana. Seremos objeto de muito desprezo pelos futuros estudantes de nossa civilização se permitirmos que este material se perca."

Para grande desgosto de alguns dentro da comunidade de pesquisa de OVNIs, Vallee apontou que não vê prova inquestionável de que os OVNIs são naves espaciais extraterrestres. O fenômeno pode, ele afirmou, representar "algo ainda mais interessante: uma janela para dimensões não descobertas do nosso próprio ambiente."

"Embora eu esteja entre aqueles que acreditam que os OVNIs são objetos físicos reais, não acho que sejam extraterrestres no sentido comum do termo. Na minha visão, eles apresentam um desafio empolgante ao nosso próprio conceito de realidade", escreveu ele. "Acredito que um OVNI é ao mesmo tempo uma entidade física com massa, inércia, volume e parâmetros físicos que podemos medir, e uma janela para outra realidade."

Para sustentar esta tese, Vallee observou várias características dos OVNIs que indicam que algo mais do que simples viagem espacial está envolvido:

- Os OVNIs não apenas viajam pelo ar, frequentemente violando as leis do movimento como as entendemos, mas, de acordo com muitos relatos, podem se materializar e desmaterializar — piscar dentro e fora da existência.
- Os OVNIs têm sido avistados ao longo da história e sempre dentro do contexto do período de tempo. Os povos antigos os consideravam deuses. Na Idade Média, eram manifestações de magia. Durante o Grande Mistério da Aeronave do final dos anos 1800, acreditava-se que eram obra de gênios científicos. Hoje, acredita-se que são visitantes de outro planeta. É claro que isso pode ser o resultado da interpretação humana, em vez de qualquer esforço consciente por parte dos alienígenas.
- Muitos abduzidos afirmaram ter experimentado perda de tempo e ter sido transportados para mundos semelhantes, mas não iguais, ao nosso. Com os desenvolvimentos recentes na física, a natureza dos OVNIs tem que ser expandida para incluir a possibilidade de origens fora do nosso tempo e/ou dimensão normal.
- Embora a maioria dos abduzidos e contatados permaneça em silêncio sobre este aspecto de sua experiência, muitos relatam que suas percepções de si mesmos e do universo sofrem

uma mudança drástica após uma experiência com OVNI. Alguns até afirmam ter desenvolvido poderes psíquicos aumentados.

Seja qual for a experiência, os contatos com OVNIs parecem ocorrer sempre sob condições controladas pelos operadores dos OVNIs. Uma dessas condições subjacentes parece ser um fator de absurdo, como as panquecas deixadas para trás em um caso. Tal absurdo, raciocinou Vallee, "leva a uma rejeição da história pelos níveis superiores da sociedade-alvo e a uma absorção em um nível profundo inconsciente dos símbolos transmitidos pelo encontro."

Vallee afirmou que a ideia de que os OVNIs são simplesmente naves espaciais de outro planeta é ingênua. "A explicação é simplista demais para explicar a diversidade do comportamento relatado dos ocupantes e suas interações percebidas com os seres humanos", explicou ele.

O nova-iorquino John Keel, estudante de OVNIs de longa data e autor de vários livros sobre o assunto, chegou a conclusões semelhantes. Em *UFOs: Operation Trojan Horse* (OVNIs: Operação Cavalo de Troia), Keel afirmou: "Assim, por todos os padrões de nossas ciências — e do nosso senso comum — os OVNIs não existem realmente como objetos sólidos. Podem ser uma parte constante do nosso ambiente, mas não são uma parte real da nossa realidade. Não podemos, portanto, catalogá-los como produtos manufaturados de alguma civilização extraterrestre que compartilha nossas próprias dimensões de tempo e espaço. Eles são extra dimensionais, capazes de se mover através de nossas coordenadas espaciais à vontade, mas também capazes de entrar e sair do nosso mundo tridimensional. Se esta é uma hipótese verdadeira, então eles também podem estar operando além das limitações de nossas coordenadas de tempo. Nossos anos podem ser minutos para eles. Nosso futuro pode ser o passado deles e, assim, eles têm conhecimento total das coisas que nos aguardam."

Referindo-se aos estudos de resposta condicionada de behavioristas como B. F. Skinner, Vallee fez uma comparação com a atividade de OVNIs. "Sugiro que é a crença humana que está sendo controlada e condicionada", afirmou ele. "Quando falo de um sistema de controle espiritual, não quero dizer que alguma supercivilização superior nos trancou dentro das restrições de uma prisão espacial, rigorosamente monitorada por entidades que poderíamos chamar de anjos ou demônios. O que quero dizer é que a mitologia governa em um nível de nossa realidade social sobre o qual as tendências políticas e intelectuais normais não têm poder real."

Vallee observou que a forma mais eficaz de reforço é aquela que combina regularidade com imprevisibilidade, disse ele: "A aprendizagem é então lenta, mas contínua. Isso leva ao mais alto nível de adaptação. E é irreversível. É interessante observar que o padrão das ondas de OVNIs tem a mesma estrutura que um esquema de reforço."

Considerando os últimos cinquenta anos de história dos OVNIs, parece haver pouca dúvida de que um processo de condicionamento tem ocorrido — seja intencional ou não. Pesquisas realizadas na década de 1950 indicaram que muito poucas pessoas acreditavam que houvesse qualquer forma de vida fora da terra. As pesquisas de hoje mostram o oposto. Uma pesquisa da Roper em 1987 indicou que pouco mais de 50% dos entrevistados acreditavam que os OVNIs são reais. Curiosamente, esse número saltou para 65% entre pessoas com diploma universitário. A edição de dezembro de 1996 da revista *George* citou uma pesquisa da Luntz Research com mais de oitocentos americanos que indicou que os entrevistados que acreditam que há vida em outros mundos aumentaram para 55%. Deste número, 53% acreditam que alienígenas visitaram a terra nos últimos cem anos e 70% acreditam que o governo encobriu o fato.

É razoável supor que, se uma civilização alienígena é avançada o suficiente para chegar à Terra em naves voadoras, ela seria avançada o suficiente socialmente para perceber a interrupção que uma aparição pública causaria na evolução do nosso planeta. Um exemplo claro de tal preocupação esclarecida pode ser encontrado na história dos índios Tasaday, uma tribo filipina primitiva descoberta pela primeira vez em 1966. Embora tenham surgido questões sobre a autenticidade desta tribo da "Idade da Pedra", é, no entanto, instrutivo notar como a ciência moderna reagiu à sua descoberta. Na história passada, muitos povos indígenas — os índios americanos entre eles — foram literalmente destruídos pelo advento da cultura da Europa Ocidental com suas armas, Bíblias e doenças.

No início dos anos 1970, decidiu-se que o confronto direto com os Tasadays ocorreria apenas após um período de aclimatação. Lentamente, ao longo de meses, os antropólogos permitiriam que os Tasadays os vissem à distância. Finalmente, um encontro face a face foi arranjado. Mesmo assim, apenas algumas facas de metal foram dadas como presentes. Isso evitou uma ruptura total da cultura Tasaday, dando aos cientistas a oportunidade de estudar o que foi saudado como "uma das descobertas antropológicas mais intrigantes do século".

Alguns pesquisadores de OVNIs ponderaram se talvez a população da terra esteja passando por um tipo semelhante de condicionamento, em preparação para um encontro face a face com vizinhos extraterrestres.

Outros veem uma forma mais sinistra de condicionamento no fenômeno OVNI.

Os Deuses da Guerra

Quando o pesquisador-autor William Bramley começou uma investigação de sete anos sobre as causas da guerra, ele esperava plenamente encontrar o lucro como o principal fator motivador por trás da tumultuada história da humanidade. Afinal, como Bramley descobriu, a guerra não é apenas muito lucrativa para aqueles que emprestam dinheiro ou vendem armas, mas é um excelente meio de controle social e político. A guerra pode ser usada para

"encorajar as populações a pensar de maneiras que não fariam de outra forma, e a aceitar a formação de instituições que normalmente rejeitariam. Quanto mais tempo uma nação se envolve em guerras, mais arraigadas essas instituições e formas de pensar se tornarão", observou ele.

Estudando a história da guerra do homem, Bramley encontrou ampla evidência de manipulação por terceiros. "Não é segredo, por exemplo, que antes da Revolução Americana, a França enviara agentes de inteligência à América para agitar o descontentamento colonial contra a Coroa Britânica", escreveu ele. "Também não é segredo que os militares alemães ajudaram Lênin e os bolcheviques na revolução russa de 1917. Ao longo de toda a história, pessoas e nações se beneficiaram e contribuíram para a existência dos conflitos de outras pessoas."

O que Bramley não estava preparado foi a descoberta dos OVNIs como uma influência contínua na história. Do conceito de "astronautas antigos" ao moderno fenômeno do disco voador, ele encontrou os vestígios da manipulação de OVNIs — seja como seres espaciais ou entidades espirituais — bem documentados ao longo dos tempos. "À medida que me aprofundava... fui compelido a enfrentar a possibilidade de que alguns problemas humanos possam estar enraizados em algumas das realidades mais absolutamente bizarras imagináveis", escreveu Bramley em seu bem pesquisado e documentado livro de 1990, *The Gods of Eden* (Os Deuses do Éden). "Como tais realidades raramente são reconhecidas, muito menos compreendidas, elas não são tratadas. Como resultado, os problemas que essas realidades geram raramente são resolvidos, e assim o mundo parece cambalear de uma calamidade para a próxima."

De acordo com Bramley, a população da terra permanece sob o controle oculto de uma raça alienígena de "Custódios" que usam a guerra como um meio eficaz de controle. "Os seres humanos parecem ser uma raça escrava definhando em um planeta isolado em uma pequena galáxia", concluiu ele. "Como tal, a raça humana foi outrora uma fonte de trabalho para uma civilização extraterrestre e ainda permanece como uma possessão hoje. Para manter o controle sobre sua possessão e manter a Terra como uma espécie de prisão, essa outra civilização tem gerado conflitos sem fim entre os seres humanos, promovido a decadência espiritual humana e erguido na Terra condições de privação física incessante. Esta situação existe há milhares de anos e continua hoje."

A tese de Bramley ecoa a de Charles H. Fort, um escritor e pesquisador cujo interesse por fatos obscuros e bizarros levou à formação da Sociedade Forteana em 1931, no ano anterior à morte de Fort. Após uma vida inteira coletando informações estranhas e pouco conhecidas, Fort concluiu: "Acho que somos propriedade. Devo dizer que pertencemos a algo: que uma vez, esta Terra foi uma Terra de Ninguém, que outros mundos exploraram e colonizaram aqui, e lutaram entre si pela posse, mas que agora é propriedade de algo. Esse algo possui esta Terra — todos os outros estão avisados para ficar longe."

Se Bramley e Fort parecem absurdos, deve-se notar que suas ideias são apoiadas por ninguém menos que o Dr. Fred Hoyle, um dos principais astrofísicos do mundo. Em uma coletiva de imprensa em 1971, Hoyle afirmou: "Os seres humanos são meros peões nos jogos de mentes alienígenas que controlam cada um de nossos movimentos. Eles estão em toda parte, no céu, no mar e na terra... Não é uma inteligência alienígena de outro planeta. É na verdade de outro universo que entrou no nosso logo no início e tem controlado tudo o que aconteceu desde então." Hoyle acrescentou que muitos de seus pares científicos acreditavam na existência de tais entidades não humanas, mas se recusavam a dizê-lo publicamente.

Estudiosos de uma presença alienígena controladora, como Bramley, Fort e Hoyle, basearam-se em pesquisa e documentação para fornecer a base para suas crenças. Outros foram mais afortunados. Eles simplesmente receberam mensagens dos próprios alienígenas.

Vozes do Éter

Richard T. Miller, participante do famoso caso de OVNI Mantell, deixou a força aérea em 1949, mas serviu como investigador civil secreto de OVNIs para o ATIC [Centro de Inteligência Técnica Aérea] até 1952 em regime de meio período. Em tempo integral, trabalhava como reparador de televisão.

No verão de 1954, Miller conheceu George Hunt Williamson, um dos primeiros contatados, que afirmava ter recebido transmissões alienígenas usando equipamento de rádio amador. Williamson deu a Miller uma lista de frequências de rádio que, segundo ele, transportavam as transmissões, e em 10 de setembro de 1954, Miller e alguns amigos de fato ouviram uma estranha transmissão em inglês. Pensando que alguns colegas operadores de rádio amador pudessem estar pregando uma peça, Miller e outros usaram equipamento de localização de direção para rastrear o sinal poderoso, mas não conseguiram localizar a fonte. A Comissão Federal de Comunicações foi chamada, mas os agentes também não conseguiram localizar a fonte do sinal. Depois que um dos operadores de rádio amador quebrou acidentalmente sua antena, descobriu-se que o sinal estava sendo direcionado diretamente para a terra a partir da direção da Estrela Polar. Pouco depois de começar a receber esses sinais estranhos, Miller e alguns amigos tiveram outra experiência surpreendente em sua casa.

"Um OVNI brilhante desceu até a altura das copas das árvores, manobrou para frente e para trás e se alinhou perfeitamente com nossa pequena unidade de [rádio], ficou ali e então fez a próxima coisa eletronicamente mais impossível que podíamos imaginar — modulou o campo de força brilhante ao redor da nave a uma taxa de áudio e nos enviou uma mensagem." A mensagem, entre outras coisas, aconselhava os ouvintes a contatar ninguém menos que o contatado George Adamski no Monte Palomar e avisá-lo sobre um terremoto vindouro. Embora Miller não tenha conseguido falar com Adamski, ele soube pelos jornais

que um terremoto leve de fato atingiu o Monte Palomar na data designada. "Essa foi toda a verificação de que precisávamos", disse Miller, que passou a gravar dezenas de transmissões de "nossos amigos do espaço sideral".

Algum tempo depois, Miller afirmou ter sido levado a bordo de um OVNI para uma longa conversa com um alienígena de aparência humana chamado Soltec. Após esta experiência, Miller disse que conseguiu conversar com os seres espaciais apenas por telepatia. Por este meio, ele conseguiu acumular muitas informações.

Miller disse que lhe foi dito que o OVNI que o levou era uma "nave científica de Levantamento Galáctico" chamada "Phoenix" medindo "anomalias do campo magnético" e radiação cósmica ao redor da terra, bem como na lua. Ele soube que a nave representava uma Confederação Galáctica que vinha estudando e observando a terra por milhões de anos. Foi dito a Miller que a terra era um tanto "única" em comparação com outros mundos devido à "grosseria e ferocidade" de suas formas de vida e que o planeta estava "se aproximando do fim de um ciclo cósmico e haveria uma forma de transição para um novo estado."

"Ele disse que estavam tentando principalmente alcançar o maior número possível de pessoas", lembrou Miller. "Eles tinham instrumentação a bordo de suas naves, que, enquanto voavam ao redor do planeta, podiam captar indivíduos que tinham potencial telepático. A principal razão pela qual estavam aqui era para ajudar a elevar o nível geral de consciência de todas as formas de vida no planeta Terra."

Miller soube que, ao contrário dos recém-nascidos de outros mundos, os humanos nasciam sem memória de vidas passadas ou poderes telepáticos conscientes. Essa deficiência era uma das causas básicas dos conflitos humanos. "Como resultado de tudo isso, eles colocaram o planeta Terra em quarentena e ele tem estado em quarentena desde então", afirmou Miller em uma compilação de suas comunicações publicada em 1979. Nessas mensagens detalhadas e intrincadas, uma história surpreendente da terra foi revelada, incluindo referências a civilizações antigas como Atlântida e Lemúria. Uma parte tratava das Grandes Pirâmides do Egito, que, de acordo com as anotações de Miller, foram construídas por alienígenas como enormes "estabilizadores de movimento para o planeta", eliminando uma oscilação perigosa em sua rotação cerca de quarenta e cinco mil anos atrás. Neste relato, as pirâmides foram originalmente construídas no equador da terra, mas acabaram no trigésimo grau de latitude norte após uma inclinação do eixo pré-histórica. Essa mudança resultou no Grande Dilúvio de Noé, que quase exterminou a humanidade.

De acordo com Miller, esses alienígenas usavam uma forma de energia que os cercava mesmo no espaço profundo. "[Soltec] descreveu-a como sendo as linhas de força eletromagnéticas e eletrostáticas que eles torciam ou curvavam paralelamente por uma fração de momento. Isso lhes fornecia toda a energia de que precisavam", escreveu ele. "A

bordo desta nave espacial em particular, eles tinham um pequeno gerador de fusão, um gerador atômico que era como um motor de arranque. Ele gerava a energia para criar um campo de força, que por sua vez podia curvar as linhas de força e liberar a energia de que precisavam." Curiosamente, tem havido pesquisa moderna produtiva exatamente sobre essa energia — chamada energia de ponto zero. A pesquisa no Instituto de Estudos Avançados em Austin, Texas, determinou que o vácuo do espaço sideral não é vazio nem tranquilo, mas cheio de partículas fantasmas de energia e flutuações que só agora estão sendo descobertas. De acordo com os físicos John Wheeler e Richard Feynman, há energia suficiente no vácuo de uma única lâmpada para ferver todos os mares da terra. Especulou-se que a energia de ponto zero pode ser "a pedra de Roseta da física, explicando tudo, desde a gravidade até os átomos e a origem do próprio cosmos."

Através da comunicação telepática, Miller registrou uma variedade de mensagens de seres não humanos com nomes como Hatonn, Konon, Voltra, Ashtar, Mon-Ka e Lalur, que falaram sobre tudo, desde uma história pré-humana da Terra até enormes fábricas de produção de naves sob a superfície de Marte e um tour pela "Central Galáctica".

Uma das mensagens de Mon-Ka afirmava que muitos líderes mundiais, incluindo o presidente Dwight Eisenhower, foram contatados antes de 1956 sobre a presença dos alienígenas. "Alguns escolhem ouvir nossas declarações e acreditar", relatou Mon-Ka. "Outros, infelizmente, escolhem contornar nossas ofertas não informando seu povo sobre esses contatos. A humanidade em seu planeta está ansiosa para saber a verdade. É uma pena que alguns decidam que a maioria deve permanecer ignorante." Mon-Ka continuou, indicando que o governo dos EUA tinha várias naves alienígenas em sua posse.

Mon-Ka, conforme registrado por Miller, também tratou do metafísico, afirmando que o universo consiste tanto de muitos mundos quanto de dimensões, todos sob uma força que ele chamou de "o pensamento de Nosso Divino Um". "Tudo consiste de energia, matéria e pensamento", explicou ele. "Três manifestações daquilo que é conhecido como original com nosso Criador — todas existindo [como diferentes formas de energia] em planos de referência conhecidos como vibração, ou mais comumente, frequência."

Miller foi apenas um de uma longa lista de pessoas que afirmaram ter feito contato com inteligências não humanas através de vários meios, principalmente a telepatia.

Uma das mais notáveis dessas pessoas foi Edgar Cayce, um garoto do campo de Kentucky que abandonou a escola na nona série, mas se tornou mundialmente famoso como profeta e curandeiro psíquico enquanto em transe. Este homem quieto e modesto, amplamente conhecido como "o profeta adormecido", recomendou tratamentos recebidos psiquicamente para mais de catorze mil pacientes que o procuraram até sua morte em 1945. De acordo com os autores David Wallechinsky e Irving e Amy Wallace, "Ao contrário da maioria dos videntes, Cayce manteve transcrições completas de seus pronunciamentos induzidos por

transe. Essas transcrições, juntamente com a pesquisa de acompanhamento feita sobre seus pacientes, provaram que os métodos de Cayce tinham uma taxa de sucesso surpreendentemente alta. As profecias de Cayce também foram surpreendentemente precisas."

Cayce aludiu a visitações de seres alienígenas, disse Rob Grant, um pesquisador da Association for Research and Enlightenment, Inc., um grupo dedicado ao estudo das palavras de Cayce. Na Leitura 1616-1:27, Cayce disse que um paciente esteve uma vez "entre as sacerdotisas da experiência Maia". "Foi justamente antes daquele período em que aqueles como os do leste tinham vindo, e havia os começos do desdobramento do entendimento de que havia outras porções da mesma terra, ou aqueles que estavam visitando de outros mundos ou planetas", acrescentou.

Cayce também viu a experiência humana na Terra como apenas uma pequena porção da vida senciente no universo. "Pois, a Terra é apenas um átomo no universo de mundos", escreveu ele. Cayce explicou: "A origem do homem foi como um espírito, não um corpo físico. Essas almas se projetaram na matéria, provavelmente para sua própria diversão, interrompendo um padrão evolutivo então em andamento na Terra. Através do uso de seus poderes criativos para fins egoístas, o homem se envolveu na matéria ou materialidade a tal ponto que quase esqueceu sua origem e natureza divinas."

Jane Roberts, uma poeta de Elmira, Nova York, afirmou ter encontrado uma entidade desincorporada chamada Seth, descrita como uma "essência de personalidade energética". Ela disse que Seth soletrava mensagens enquanto ela experimentava com um tabuleiro Ouija no final de 1963. "Pouco depois, no entanto, senti-me compelida a dizer as palavras em voz alta, e dentro de um mês eu estava falando por Seth enquanto em estado de transe", lembrou ela. Com o tempo, a entidade Seth, falando através de Roberts, ditou o livro *Seth Speaks* (Seth Fala), que gozou de alguma popularidade no início dos anos 1970.

Seth afirmou ter entrado conscientemente em nossa realidade tridimensional para educar os humanos sobre seu potencial inerente. "Vocês são verdadeiramente personalidades multidimensionais", ele explicou através de Roberts. "Toda a estrutura da personalidade habita em muitas dimensões, e simultaneamente.

"Seu conceito de realidade visto através de seus sentidos físicos, instrumentos científicos, ou chegado através de dedução, tem pouca semelhança com os fatos — e os fatos são difíceis de explicar... Seus sistemas planetários existem de uma só vez, simultaneamente, tanto no tempo quanto no espaço. O universo que você parece perceber, seja visualmente ou através de instrumentos, parece ser composto de galáxias, estrelas e planetas, a várias distâncias de você. Basicamente, no entanto, isso é uma ilusão. Seus sentidos e sua própria existência como criaturas físicas o programam para perceber o universo dessa maneira. O universo como você o conhece é sua interpretação de eventos à medida que eles invadem sua

realidade tridimensional. Os eventos são mentais. Isso não significa que você não pode viajar para outros planetas..."

De acordo com Seth, "O eu que você conhece é apenas um fragmento de toda a sua identidade. Esses eus fragmentados não estão ligados, no entanto, como contas em um barbante. Eles são mais como as várias camadas de uma cebola, ou segmentos de uma laranja, todos conectados através da única vitalidade e se desenvolvendo em várias realidades enquanto brotam da única fonte."

Seth ofereceu esta analogia para explicar por que os humanos parecem ter bloqueado qualquer lembrança de seus eus multidimensionais da memória: "Um homem rico que tenta ser pobre por um dia para aprender o que é a pobreza aprende pouco, porque não pode esquecer a riqueza que está disponível para ele. Embora coma a mesma comida pobre que o homem pobre, e viva na mesma casa pobre por um dia — ou por um ano ou cinco anos — ele sabe que tem sua mansão para onde voltar. Então você esconde essas coisas de si mesmo para que possa se relacionar. Você esquece sua casa para que possa voltar a ela enriquecido."

Ele disse que os cientistas estão apenas agora aprendendo o que alguns filósofos têm defendido por séculos — que a mente pode influenciar a matéria. "A consciência cria a forma. Não é o contrário. Todas as personalidades não são físicas. É apenas porque você está tão ocupado com assuntos diários que não percebe que há uma porção de você que sabe que seus próprios poderes são muito superiores aos mostrados pelo eu comum. Você viveu outras existências, e esse conhecimento está dentro de você, embora você não esteja conscientemente ciente disso.

"Você pode pensar em sua alma ou entidade... como um computador consciente e vivo, divinamente inspirado, que programa suas próprias existências e vidas. Mas este computador é tão dotado de criatividade que cada uma das várias personalidades que ele programa desabrocha em consciência e música, e por sua vez cria realidades que podem ser inimagináveis pelo próprio computador.

"O fato é que cada um de vocês cria sua própria realidade física; em massa, vocês criam tanto as glórias quanto os terrores que existem dentro de sua experiência terrena. Até que vocês percebam que são os criadores, se recusarão a aceitar essa responsabilidade. Nem podem culpar um diabo pelos infortúnios do mundo. Vocês se tornaram sofisticados o suficiente para perceber que o Diabo é uma projeção de sua própria psique, mas não se tornaram sábios o suficiente para aprender a usar sua criatividade de forma construtiva."

Seth disse que alguns avistamentos de OVNIs são casos em que projeções de pensamento humanas e não humanas se tocam e representam apenas nossas percepções de "visitantes de outras realidades". "O que acontece é que há uma tentativa de trocar realidades de camuflagem", explicou ele. "Os seres que entram em seu plano não podem aparecer dentro

dele como eles mesmos. Como sua estrutura atômica não é a mesma que a sua, distorções devem ocorrer para tornar qualquer contato possível. Assim, você é saudado com um certo conjunto de dados sensoriais. Você então tenta descobrir o que está acontecendo, mas os dados sensoriais, veja, significam que o evento já está distorcido até certo ponto. Os veículos físicos que são frequentemente percebidos são sua interpretação do evento que está realmente ocorrendo."

Um tabuleiro Ouija também figurou em outro livro de sucesso baseado em informações canalizadas, desta vez de uma coleção de entidades de alma que afirmavam trazer mensagens de um plano mais elevado de existência sob o nome de Michael. As mensagens de Michael foram compiladas em um livro popular de 1980 por Chelsea Quinn Yarbro intitulado simplesmente *Messages from Michael* (Mensagens de Michael).

Michael, como o Seth de Roberts e os amigos espaciais de Miller, reconheceu uma força suprema, mas recusou-se a chamá-la de Deus. "Preferimos não usar a palavra Deus ao falar da força criativa final do universo", explicou Michael, falando através de uma mulher da Califórnia não identificada. "Principalmente porque a palavra Deus em sua sociedade se tornou masculinizada e exige o uso do pronome masculino, perpetuando assim a personificação da força criativa universal... Infelizmente, a palavra Deus dá origem a fantasias antropomórficas que não têm lugar neste ensinamento. Para nossos propósitos, chamaremos esta força criativa constante de Tao, pois é impossível para a mente ocidental construir qualquer imagem visual em torno desta palavra."

Michael também afirmou que todos somos partes de um todo maior, vivendo em um "universo pandimensional". A entidade Michael explicou que cada indivíduo é um pedaço de energia senciente ou alma que é separada da personalidade. Esta alma está "presa" em uma série de corpos físicos "pelo tempo que for necessário para que experimentem toda a vida através dos ciclos... Há crescimento nos planos superiores também, muito parecido com os do plano físico, e à medida que a alma envelhece no plano físico, torna-se mais consciente desta evolução superior... A força criativa contínua que é universal lança entidades para fora em vidas físicas. Essas entidades se fragmentam e se tornam muitas personalidades diferentes. Sua integração é o padrão evolutivo para todas as almas. Você não sente o desejo de buscar os fragmentos restantes de sua entidade até o último ciclo físico. Então, naquele momento, há quase uma compulsão."

"Vamos usar uma analogia", explicou Michael. "Imagine o Oceano Atlântico como o todo; imagine encher 10 tubos de ensaio, depois selá-los para que sejam hermeticamente fechados tanto ao ar quanto à água, depois imagine jogá-los de volta ao oceano. Eles são parte do todo, sim, mas a menos que alguma força externa os liberte, eles estão distantes da fonte e presos em uma prisão eficaz. Do mesmo modo, a alma está presa no corpo. O corpo é muito limitado no que pode fazer. A alma em seu verdadeiro estado espiritual não tem limitações ou desvantagens."

Como Seth, Michael alertou contra a criação de uma nova religião em torno de tais mensagens, afirmando: "É muito fácil para você ser atraído por suas expectativas a fazer disso uma nova fé, o que é em completa oposição à nossa intenção. A fé cega elimina o entendimento, e sem entendimento não pode haver crescimento ou *agape*, que é o objetivo."

Quando perguntado se os humanos são os únicos a ter almas que crescem através da reencarnação, Michael respondeu: "Há duas dessas espécies neste planeta. Seres humanos e cetáceos. Isto é, baleias e golfinhos. No entanto, achamos que você deve saber que existem mais de 10 milhões de espécies com alma apenas nesta galáxia."

Aliens Salvam a Terra

Outro autoproclamado representante recente de seres desincorporados foi um homem simpático que se autodenominava Drunvalo Melchizedek. Essa pessoa, cujo nome humano nunca foi divulgado, supostamente se voluntariou para deixar seu corpo em 1972 em troca de um "dom" não especificado. Sua ausência permitiu que a personalidade de Drunvalo Melchizedek entrasse nesta dimensão para fins educacionais.

Curiosamente, a Bíblia menciona em Hebreus 6:20 que o próprio Jesus era "sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Nova Internacional). Hebreus 7:1-5 afirma que Melquisedeque não tinha pai nem mãe, nem registro de ancestralidade; nunca nasceu e nunca morreu, mas era como o "Filho de Deus", um sacerdote para sempre que recebeu um décimo de tudo o que possuía do patriarca do Antigo Testamento Abraão e foi louvado pelo autor dos Salmos. Obviamente, esse Melquisedeque estranho e misterioso era uma autoridade poderosa aos olhos dos autores bíblicos.

Dizia-se que um Melquisedeque era alguém que podia viajar conscientemente através de dimensões. Drunvalo supostamente viajou através de muitos níveis de existência física e espiritual para chegar à Terra. Nesta jornada, ele visitou civilizações avançadas nos sistemas estelares de Órion, Sirius B e das Plêiades.

"Drunvalo não conta essas histórias sobre si mesmo para provar que ele é alguém especial", relatou o estudante de Drunvalo Bob Frissell em sua obra de 1994, *Nothing in This Book Is True, But It's Exactly How Things Are* (Nada neste livro é verdade, mas é exatamente como as coisas são). "Pelo contrário, é para servir como um lembrete para você, para mostrar o quão especial você é. Considere, por exemplo, a possibilidade de que você também seja um mestre de dimensões superiores aqui em uma missão especial. Considere também que, para que você faça seu trabalho adequadamente, é necessário se tornar o mais humano possível; isto é, adormecer e esquecer, e no momento certo você seria lembrado de

sua verdadeira natureza. Você fez a primeira parte perfeitamente. Agora é hora da fase II. Drunvalo se lembra e essa é a diferença."

Drunvalo tece mecânica celeste, visitações alienígenas antigas, espiritualismo, multidimensionalismo e religião em uma grande explicação unificada. Ele afirmou que todos nós entramos em uma nova era de iluminação. O autor Frissell explicou: "Como civilização, acumulamos uma certa quantidade de informação desde os dias da Suméria, 6.000 anos atrás, até 1900. Entre 1900 e aproximadamente 1950, dobramos essa quantidade de informação. Então, de aproximadamente 1950 a 1970, dobramos novamente, de 1970 a 1980 novamente. A informação agora está dobrando tão rapidamente que a NASA está cerca de oito anos atrasada em colocar algumas coisas em seus computadores para que possam sequer usá-las. Estamos tão longe de nos recuperar que já entramos em uma nova fase da história enquanto fingimos que tudo é do mesmo jeito que sempre foi. Não é."

De acordo com Drunvalo, os humanos são seres multidimensionais inconscientes de que compartilhamos este planeta com outros. "As dimensões são separadas umas das outras por comprimento de onda, assim como as notas em uma escala musical", explicou Frissell. "Cada tom na escala soa diferente por causa de seu comprimento de onda. O piano tem oito teclas brancas e cinco pretas, que juntas dão ao pianista a escala cromática. Entre cada tecla e a seguinte existem 12 pontos harmônicos; em termos dimensionais, estes são os sobretons. É o mesmo que mudar de canal em um aparelho de TV. Quando você opera o controle de canal, está sintonizando em diferentes comprimentos de onda... Este planeta tem muitos mundos diferentes; eles estão todos bem aqui, mas nossa consciência está sintonizada em um comprimento de onda particular. Enquanto isso, literalmente existimos em todos os níveis dimensionais e nossa experiência em cada nível é completamente diferente." Frissell disse que os arqueólogos estão trabalhando na vibração errada, o que explicava a falta de evidências provando a existência de civilizações antigas como Atlântida e Lemúria.

Drunvalo também descartou a ideia de que o homem está no topo da pilha intelectual. "Pensamos que somos os mais avançados, mas as baleias e os golfinhos estão muito, muito além de nós", escreveu Frissell. "Pensamos que somos os mais avançados porque podemos criar coisas externas... As formas de vida mais avançadas não criam externamente. Elas criam tudo o que precisam internamente."

Referindo-se a uma variedade de conceitos como "geometria sagrada", misticismo oriental, respiração meditativa, o sistema interno de "chakra" — ou os centros de vibração básicos do corpo — e a fusão da mente, espírito e corpo em uma única "Consciência de Cristo", Drunvalo afirmou que o propósito humano é evoluir para um plano dimensional superior. "De acordo com Drunvalo, já atingimos o ponto em que 1,5 bilhão de pessoas definitivamente farão a mudança consciente, e os 'mestres' [seres de luz interdimensionais aqui para auxiliar] estão projetando que todos, ou quase todos, conseguirão entrar na próxima dimensão", escreveu Frissell.

Drunvalo afirmou que é extremamente importante aperfeiçoar a qualidade de nossos pensamentos aqui na terceira dimensão, porque em dimensões superiores, o mero pensamento criará nossa realidade. "Foi isso que Jesus quis dizer quando enfatizou a pureza dos pensamentos", afirmou Frissell. "Amor e paz e unidade e ser bondoso com seus vizinhos são, em última análise, muito práticos porque funcionam de forma recíproca. Essas coisas também são importantes na terceira dimensão, mas, devido ao atraso de tempo na manifestação, conseguimos nos safar fingindo ser ignorantes e não vendo causa e efeito. A terceira dimensão parece ser um reino para dominar as limitações ou a consciência de vítima. Na consciência de vítima, a vítima final é aquela que não sabe que está criando a realidade e acredita que as coisas apenas acontecem a ela."

Uma reviravolta interessante nos ensinamentos de Drunvalo é a ideia de que alienígenas alteraram a destruição prevista deste planeta em 1972. De acordo com esta história, a Terra foi submetida a uma gigantesca erupção solar em 7 de agosto de 1972, que teria destruído toda a vida no planeta, uma vez que ainda não havíamos alcançado a consciência superior ou vibração necessária para mudar para um plano de existência superior e mais seguro. De acordo com Drunvalo, seres inteligentes de Sirius, auxiliados por cerca de uma centena de outras raças, receberam permissão do "Comando Galáctico" para experimentar e tentar evitar este desastre. Eles estabeleceram um campo de energia holográfico ao redor da terra e de tudo o que nela existe que não apenas protegeu a vida contra a erupção solar, mas fez com que todos ficassem felizmente inconscientes do evento.

De fato, em 1972, o *Science News* observou: "Os primeiros dias de agosto viram uma grave perturbação no sol que produziu quatro grandes erupções entre 2 e 7 de agosto... entre as mais importantes já registradas... A erupção de 7 de agosto fez os sensores de raios-X saírem da escala."

Este evento causou resultados imprevistos, de acordo com Drunvalo, que afirmou que todas as previsões anteriores sobre o futuro da Terra — como as de Edgar Cayce e Nostradamus — não são mais válidas devido à mudança de 1972.

"De acordo com Drunvalo", escreveu Frissell, "extraterrestres visitam regularmente um planeta como o nosso. Mas é contra a lei universal que eles interfiram conosco. Por esta razão, eles entram um sobretom acima daquele em que o planeta se encontra, de modo que são invisíveis para nós. Mas podem nos monitorar muito claramente a partir deste sobretom superior. Na verdade, o próximo sobretom superior em nosso planeta está agora tão cheio de veículos cheios de ocupantes curiosos que os visitantes que chegam mais recentemente tiveram que ir para o segundo sobretom, e agora eles quase o preencheram completamente. Há até seres de galáxias distantes aqui para observar."

Uma raça alienígena agora na Terra que é mencionada com frequência por Drunvalo são os familiares "grises". Segundo seu relato, os grises são ancestrais distantes dos marcianos, que ainda hoje lutam com a perda de atmosfera e ambiente em seu próprio planeta. Tanto os marcianos quanto os grises tentaram lidar com suas realidades pelo intelecto externo. Eles construíram naves espaciais e outros dispositivos para ajudá-los em sua evolução, mas perderam a energia interna do amor e da emoção — a chamada Consciência de Cristo — que permite que todos os seres sencientes se conectem com o todo universal.

"Os Grises agora percebem que, para sair da armadilha que criaram para si mesmos ao se separarem da fonte da vida, eles têm que recuperar seus corpos emocionais. Infelizmente, a única maneira que eles sabem fazer isso é estudando-nos intelectualmente, o que, é claro, nunca funcionará", explicou Frissell.

No entanto, de acordo com Drunvalo, os grises fizeram contato com um "governo secreto" na Terra antes da Segunda Guerra Mundial e trocaram sua tecnologia avançada pelo direito de experimentar na terra, o que incluiu mutilações de animais e abduções humanas. "Quer você os chame de governo secreto, os Iluminati, os Bilderbergers, a Comissão Trilateral ou o Conselho de Relações Exteriores, o nome é irrelevante", observou Frissell, ecoando as declarações de Bramley e outros. "O 'governo secreto' é basicamente composto pelas pessoas mais ricas do mundo. Existem cerca de 2.000 deles e eles têm controlado nossos chamados governos por muito tempo. Eles controlam quem é eleito, quando e onde; eles controlam quando há guerra e quando não há. Eles controlam as escassezes de alimentos planetários e se a moeda de um país é inflacionada ou deflacionada. Todas essas coisas são completamente dominadas por essas pessoas. Eles não podem controlar desastres naturais, é claro, mas podem e controlam muitas coisas."

Drunvalo disse que no final dos anos 1960, esse "governo secreto" soube pelos cientistas que um desastre planetário era iminente e começou a juntar seus ativos tanto nos Estados Unidos quanto na ex-União Soviética numa tentativa de projetar um plano de fuga para si mesmos. Ele disse que ambas as nações usaram secretamente a tecnologia grey para construir seus próprios discos voadores e que "cerca de 50% dos OVNIs avistados são nossos". Ele acrescentou que esse "governo secreto" construiu bases secretas tanto na lua quanto em Marte, explicando algumas das anomalias em ambos.

No entanto, apoiando basicamente este cenário da Alternativa 3, Drunvalo disse que as pessoas dentro do "governo secreto" se tornaram como os grises e estão em perigo de perder seus corpos emocionais para o puro intelecto. De acordo com Drunvalo, os grises estão a caminho da extinção, não tendo aprendido o suficiente sobre o crescimento interior para sobreviver em seu plano físico. E os membros do "governo secreto" começaram a perceber que não podem sobreviver sozinhos. Eles também precisam de amor e "consciência de unidade" e, portanto, estão permitindo que cada vez mais material seja disponibilizado para um público mais amplo, em oposição à sua política anterior de manter sigilo estrito.

Por mais inacreditável que tudo isso soe para a maioria das pessoas, ecoa a mensagem básica de um livro publicado originalmente em 1955, que atraiu um pequeno mas leal seguimento. *The Urantia Book* (O Livro de Urântia) tem quase três mil páginas de uma descrição obscura e excessivamente detalhada da natureza de Deus e da criação e estrutura tanto da Terra quanto do universo, supostamente canalizada de uma variedade de entidades não humanas, incluindo uma entidade também chamada Melquisedeque.

De acordo com *The Urantia Book*, o Melquisedeque original foi uma criação direta de Deus que, junto com outra criação direta, Gabriel, administra nosso universo conhecido, referido como Nebadon, que contém dez mil sistemas habitados. Urântia é o nome deste livro para a Terra.

Os autores do livro deixaram claro que a vida senciente existe tanto em outros mundos físicos quanto em outras dimensões. Eles também afirmaram que os humanos são seres espirituais que vivem existências simultâneas em muitos níveis diferentes, mas que a maioria das pessoas perdeu esse conhecimento, exceto no que diz respeito a assuntos religiosos. "Adoramos a Deus, primeiro, porque Ele é", escreveram os autores, "depois, porque Ele está em nós, e por último, porque nós estamos Nele."

Este livro concordou com outros pesquisadores ao afirmar que uma grande variedade de formas de vida não humanas, muitas delas seres de energia, visitam e trabalham na terra com o propósito de auxiliar no crescimento evolutivo do planeta em direção a Deus. Afirmou que Lúcifer, outrora um distinto administrador de Deus, caiu em desgraça ao pensar que seu próprio intelecto era o mesmo que o de Deus — o mesmo erro atribuído por outros aos alienígenas grises. A luta entre o bem e o mal neste mundo é uma manifestação física da luta entre aqueles seres que escolheram seguir seus próprios desejos e intelecto e aqueles que seguiriam a soma total da energia criativa — Deus.

Embora tais palavras de amor e imortalidade, seja canalizadas ou não, sejam descartadas pela maioria das pessoas como algum tipo de bobagem da "Nova Era", há uma consistência intrigante nessas mensagens. Se isso se deve a alguma verdade cósmica ou simplesmente ao resultado de uma mitologia em evolução entre escritores desse material que leem uns aos outros e depois adicionam sua própria interpretação, parece uma questão de crença individual.

O que é certo é que mais uma vez, o choque de mentalidades individuais entra em cena, particularmente ao considerar as implicações religiosas do fenômeno OVNI. E embora a crença e a fé individuais sejam questões muito além do escopo deste trabalho, é instrutivo observar as várias posições avançadas pelas vozes daqueles que falam em nome da religião.

Um Alienígena por Qualquer Outro Nome

Um ser diminuto com olhos grandes e hipnóticos é encontrado durante uma caminhada na floresta. Ele/deve ser considerado um anjo, um demônio, um elfo ou um alienígena? Parece depender da perspectiva do observador.

Um desmascarador pragmático como Curtis Peebles provavelmente negaria todo o encontro, atribuindo-o a alguma anomalia psicológica passageira ou comida mal digerida. Uma pessoa pacífica orientada para a filosofia da Nova Era poderia acreditar que encontrou um "irmão espacial" trabalhando para o esclarecimento do homem. Uma pessoa com inclinação mítica poderia acreditar que encontrou um elfo ou fada da floresta. Para o fundamentalista suspeito, temeroso da danação e da erosão de seu mundo rigidamente construído, seria um discípulo do diabo. Para a pessoa religiosa de pensamento mais positivo, a figura seria um anjo. Afinal, atualmente existem numerosos livros, discos e vídeos sobre anjos. Na verdade, há quase uma subcultura inteira daqueles intrigados por anjos. Como podemos determinar se uma manifestação é um anjo, demônio ou alienígena?

Os autores Pacheco e Blann concluíram que, como o engano e a deturpação são tão prevalentes no campo dos OVNIs, as entidades que se relacionam com os humanos devem ser más. "Por mais difícil que possa ser de aceitar em nossa sociedade materialista, a verdadeira resposta por trás do paranormal pode não estar na ciência, mas no oculto", escreveram eles. Afirmando que as tentativas da sociedade de separar o físico do espiritual estão fadadas ao fracasso, disseram: "A discussão de entidades metafísicas como 'anjos' ou 'demônios' infere a existência de um código moral que nossa sociedade está gradualmente descartando. Se, em vez de 'anjos e demônios', usássemos palavras como 'arquétipos junguianos' ou 'realidades interdimensionais', isso seria mais aceitável, pois não implicaria um conflito de 'bem versus mal' e certamente não sugeriria a existência de um Deus ou de Satanás."

Argumentos semelhantes foram levantados por pesquisadores que apontam para o comportamento relatado dos alienígenas, particularmente aqueles culpados por abduções. Eles invadem as casas das pessoas, incapacitam suas vítimas, levam-nas à força e depois as submetem a exames e procedimentos médicos indesejados e assustadores. Muitas pessoas perguntam como alguém poderia chamar tal comportamento de benevolente.

Outros argumentam que pode ser uma situação comparável a uma criança pequena sendo agarrada e levada a um hospital, onde eficientes profissionais médicos operam nela de maneira friamente profissional. A criança está aterrorizada e não entende o que está acontecendo, enquanto os que operam a tratam como uma paciente a ser processada. Tal atitude, nascida da repetição e do cansaço, pode ser encontrada em salas de emergência em todo o país.

Pacheco e Blann afirmaram que devido à combinação de "fenômenos paranormais generalizados" com eventos geofísicos e políticos atuais, a humanidade deve estar entrando nos "fins dos tempos" bíblicos: "Talvez não o 'fim do mundo' no sentido físico, mas pelo menos o fim da fase atual da existência humana."

Eles continuaram concluindo que "nossa sociedade está no meio de uma campanha concertada de engano promovida por certos indivíduos que estão eles mesmos sob o engano da 'consciência' que habita o mundo crepuscular entre o real e o surreal — semelhante ao que Carl Jung chamou de 'arquétipos de uma consciência coletiva', e o que as religiões chamam de seres angelicais." Em outras palavras, todos estamos envolvidos na batalha secular entre o bem e o mal, Deus versus Satanás.

"Algumas dessas manifestações são construtivas, respeitam nosso livre arbítrio e nos auxiliam em nosso caminho para o bem final, ou Deus. Esses são os fenômenos angelicais tipificados por 'mensageiros de Deus' e verdadeiras aparições da Virgem Maria", escreveram eles. "Outras são sumariamente más e tentam ou nos seduzir através de manifestações aparentemente 'boas', ou nos forçar a adotar uma falsa crença, enquanto minam nossos processos de pensamento racional e nosso espírito humano. Estas são principalmente as manifestações relatadas como OVNIs."

Este resumo é apoiado por muitos escritores religiosos, incluindo John Weldon, que, juntamente com o autor e palestrante cristão hebreu Zola Levitt, alertou: "É perfeitamente razoável, do ponto de vista bíblico, esperar que os OVNIs representem atividade demoníaca. O contato com eles entristecerá a Deus... e Ele protestará com o homem de maneira desastrosa."

O autor Dr. Clifford Wilson, que atacou as teorias de astronautas antigos de von Däniken em bases bíblicas, deixou clara sua crença de que os OVNIs não têm conexão com Deus. Ele escreveu: "Argumentar que os mensageiros celestiais de Deus precisam de OVNIs para alcançar Seus propósitos é limitar os poderes de Deus e Seus pensamentos aos dos homens. Grande parte da escrita moderna sobre OVNIs e a Bíblia tende a pensar em Deus como pouco mais do que um astronauta glorificado... Os princípios físicos pelos quais os OVNIs operam podem muito bem ser utilizados para os propósitos de Deus, mas a Bíblia certamente não confina o Deus Todo-Poderoso a um 'supercarro' celestial.

"O fato é que isso é sério. Os alienígenas estão aqui", acrescentou ele. "Dizemos, não de outros planetas. Não do espaço sideral. Não apenas das profundezas mais íntimas da realidade humana. Dizemos que a resposta é parafísica e que o autor do terror (Satanás) é ele mesmo o perpetrador desses fenômenos."

Paul Davies, autor de *The Mind of God* (A Mente de Deus) e *Are We Alone?* (Estamos Sós?), explicou a ansiedade do fundamentalismo religioso em relação à vida inteligente não

humana da seguinte forma: "A crença de que a humanidade tem uma relação especial com Deus é central para as religiões monoteístas. A existência de seres alienígenas, especialmente se fossem mais avançados que os humanos intelectual e espiritualmente, interromperia esta visão aconchegante."

Pacheco e Blann ofereceram esta fórmula para lidar com inteligências não humanas. "Embora afirmemos que há manifestações boas e más, não somos capazes de distinguir a diferença de qualquer maneira sistemática ou definitiva... Portanto, pode-se argumentar que a melhor abordagem é evitar quaisquer tais manifestações."

Como todo fundamentalista cristão foi ensinado, Satanás é o Grande Enganador. O livro do Novo Testamento 2 Coríntios 11:14 (Edição Revista e Corrigida) afirma: "... porque o próprio Satanás se disfarça em anjo de luz." "Aqueles que olham para fenômenos como os OVNIs, contatados e o oculto como benevolentes estão caindo em suas mãos", escreveram Weldon e Levitt.

Como o pesquisador de OVNIs é informado de que, da perspectiva humana, ele não pode separar anjos de demônios se passando por ajudantes, ele fica preso em um "salão de espelhos" espiritual tão confuso quanto aquele erguido sobre os OVNIs pelo engano e desinformação do governo. Não admira que tantas pessoas escolham ignorar o fenômeno OVNI, em vez de lidar com todas as suas ramificações.

O problema é ainda mais agudo para aqueles que experimentaram um avistamento de OVNI ou uma abdução em primeira mão. Alguns ficam maravilhados e excitados com sua experiência, como Lyn Buchanan, que disse que quase aceitou uma oferta para se tornar um piloto de OVNI. Outros ficam assustados e desorientados, como Travis Walton.

"Eles [visitantes OVNIs] respondem ao que você emite para eles", explicou o autor e abduzido Whitley Strieber em uma entrevista recente. "Se você olha para a experiência com medo, ela será medonha. Eles estão projetando sua realidade subjetiva para nós e nós estamos projetando nossa realidade subjetiva para eles. Eles passaram dez anos brincando com meus medos."

Strieber disse que notou que experiências negativas com OVNIs tendem a aumentar ao redor de bases militares, onde o medo de ataque e infiltração é mais intenso.

Esta tese parece ter sido verdadeira para os visualizadores remotos treinados militarmente, que voluntariamente escolheram dar uma olhada mental nos ocupantes de OVNIs e tinham confiança em sua experiência em RV. Nenhum deles aparentemente sofreu quaisquer efeitos adversos simplesmente por visualizarem o que perceberam como raças alienígenas.

Mas enquanto os fundamentalistas religiosos podem ter dificuldade em lidar com o conceito de alienígenas em oposição a anjos e demônios, muitos clérigos expressam certa equanimidade quando se trata da ideia de vida fora da terra. Falando em reação à descoberta do meteorito que se diz conter fósseis de vida marciana antiga, o Reverendo James A. Wiseman, presidente do Departamento de Teologia da Universidade Católica, disse: "Pessoalmente, sempre acreditei que encontraremos vida em outros planetas." Ele disse que aqueles cuja fé pode ser abalada por alienígenas são aqueles que acreditam que "Deus criou a vida na Terra e somente na Terra". Ele acrescentou que mudar essa "mentalidade egocêntrica e etnocêntrica" pode exigir uma mudança massiva de crenças comparável a Copérnico persuadir o público de que a terra realmente girava em torno do sol.

"O que isso desafia, curiosamente, não é o teísmo cristão e judaico clássico, que sempre soube que tudo o que existe é criação de Deus", afirmou Stanley Hauerwas, professor de ética teológica na Duke University Divinity School. "Isso desafia o alto humanismo que tem sido característico de nossas vidas desde o século XVII, ou seja, que a espécie humana é o centro de tudo, que tudo existe para nos servir."

James Leo Garrett, professor do conservador Southwestern Baptist Theological Seminary em Fort Worth, Texas, não excluiu a possibilidade de vida extraterrestre. "Precisamos ser cautelosos ao dizer que a vida em outros planetas está excluída, porque [a Bíblia] também diz que Deus é o criador de tudo", disse ele.

O professor Burton Visotzky do Seminário Teológico Judaico de Nova York observou que as histórias de criaturas, espíritos, demônios e anjos ao longo da história sugerem que seres não humanos podem existir. Ele indicou que a tradição rabínica aceitou tal possibilidade desde o século IV. Fathi Osman, professor aposentado de estudos islâmicos da Universidade do Sul da Califórnia, forneceu uma citação do Alcorão que parece indicar que Deus criou vida fora da Terra. Ele apontou para a Surata 42:29, que diz: "E entre Seus sinais está a criação dos céus e da terra. E das criaturas vivas que Ele disseminou entre eles. E Ele tem poder para reuni-los quando quiser."

Enquanto o debate sobre a existência de vida extraterrestre inteligente continua, mais e mais pessoas estão afirmando ter feito contato com seres do além, e descobertas científicas recentes trouxeram novos conhecimentos que apoiam os conceitos oferecidos nas mensagens metafísicas.

Contatados, visualizadores remotos e espiritualistas têm falado sobre visitar planetas fora do nosso sistema solar por muitos anos. No entanto, foi apenas em abril de 1994 que o astrofísico da Penn State, Alexander Wolszczan, publicou dados convincentes provando o que até então era apenas especulação: que planetas realmente existem fora do nosso sistema solar. Wolszczan confirmou a presença de três planetas orbitando uma estrela pulsar na constelação de Virgem. Sua descoberta foi rapidamente seguida em 1996, quando os

astrônomos da Universidade Estadual de São Francisco, Geoffrey Marcy e Paul Butler, anunciaram a descoberta de dois planetas — um no sistema Ursae Majoris e o outro na constelação de Virgem — que pareciam ser temperados o suficiente para que a água existisse na forma líquida, um pré-requisito presumido para a vida como a conhecemos.

Como observou a escritora da *U.S. News & World Report*, Traci Watson: "A descoberta de que outros planetas existem aumenta as chances de que em algum lugar alienígenas também existam." A descoberta em 1996 do que parecem ser fósseis marcianos em um meteorito só aumentou ainda mais as chances.

Quando os visualizadores remotos treinados militarmente retornaram de suas viagens mentais e descreveram múltiplas dimensões, planetas distantes e estrelas e viagem através do tempo, seus próprios chefes estavam tão céticos sobre suas alegações que se recusaram a passar tais informações para autoridades superiores.

Mas em uma série de livros recentes, físicos de mente sóbria agora afirmam ter encontrado evidências de um "quark top", que consideram um elemento-chave em sua visão atual do nosso universo físico. De acordo com alguns cientistas, "É um universo onde o espaço existe em 10 dimensões, onde se pode viajar no tempo para o passado, onde buracos na estrutura do espaço e do tempo surgem e servem como atalhos para outras partes do universo, e onde o universo visível pode ser apenas um dos miríades de miniuniversos que coexistem como tantas bolhas de sabão em uma espuma cósmica."

Mas nenhuma resposta definitiva está disponível para o pesquisador objetivo ainda, pois tais respostas transcendem o mundo material. Elas não podem ser respondidas com um computador, régua de cálculo, microscópio ou telescópio. Elas só podem ser abordadas por cada indivíduo à medida que sua mentalidade permitir.

EPÍLOGO

NOVAS REALIDADES

À medida que o século XX chega ao fim, as mutilações de gado continuam, os círculos nas plantações são mais elaborados do que no passado, e a experiência de abdução parece ser mais difundida do que nunca, apesar dos desmascaradores e da descrença pública apoiada pela mídia.

A questão dos OVNIs parece estar chegando a um ponto crítico. Novas realidades estão impactando nossa consciência coletiva. Dois conceitos cada vez mais aceitos por todos, exceto pelo cético mais intransigente, são de que há muito mais na vida do que nossa breve existência material na Terra e de que não estamos sozinhos em nosso mundo.

O conceito de que não estamos sozinhos é apoiado por evidências esmagadoras, incluindo inúmeros avistamentos, fotografias, filmes e vídeos, contatos de radar, confrontos pessoais, relatos de abdução, círculos nas plantações, mutilações de animais, mensagens canalizadas, relatos de múltiplas testemunhas e evidências físicas, como locais de pouso marcados, buracos no chão, vegetação queimada, cicatrizes humanas e implantes. Alguns dos relatos humanos e evidências fotográficas são, sem dúvida, produto de interpretação equivocada ou farsantes, mas o grande número e a consistência das descrições argumentam contra todos eles serem erros ou falsificações.

Outro argumento que apoia a ideia de visitantes não humanos é a longevidade dos relatos. Se os avistamentos tivessem ocorrido apenas nos tempos recentes, eles poderiam ser atribuíveis a alguma psicose de massa passageira, uma função aberrante de imitação de mentes assustadas pelo avanço da tecnologia moderna. Mas os relatos de máquinas voadoras e visitantes extraterrestres são anteriores à história do homem. E a evidência de tecnologia superior à nossa no passado distante é particularmente convincente. Embora não haja indicação clara de que tal tecnologia foi produto de visitação alienígena em vez de alguma civilização humana perdida, as muitas histórias antigas de deuses do céu e suas naves voadoras inclinam a balança a favor do contato alienígena.

A possibilidade de astronautas antigos fornece não apenas uma explicação crível para lendas e artefatos estranhos na história do homem, mas também para as anomalias documentadas na lua e em Marte — algumas das quais parecem surpreendentemente semelhantes à nossa própria e misteriosa Grande Pirâmide.

Pareceria que os primeiros OVNIs foram vistos e relatados através da perspectiva das épocas em que foram observados. Assim, foi apenas perto de meados do século XX que os OVNIs começaram a tomar a forma de máquinas voadoras. Em vista da soma total de evidências disponíveis hoje, pareceria que a terra está sendo visitada por uma grande variedade de naves carregando muitas espécies diferentes. Isso criou confusão no passado porque a maioria das pessoas tinha dificuldade em conceber até mesmo um tipo de visitante da Terra.

Não pode haver dúvida de que, começando pelo menos com a Segunda Guerra Mundial, as autoridades militares e governamentais nos Estados Unidos tiveram um interesse agudo em relatos de naves voadoras e das esferas brilhantes que perseguiam aviões de guerra. Existe muito material para sugerir que os líderes da Alemanha Nazista podem ter desenvolvido um disco voador baseado em tecnologia avançada, que acabou nas mãos de outra nação. Se este disco foi resultado da engenhosidade humana ou talvez de contato alienígena ainda está para ser determinado.

O ano de 1947 marcou um ponto de virada óbvio na atitude do governo em relação ao assunto, adicionando peso considerável à especulação de que algo extraterrestre foi

recuperado perto de Roswell, Novo México, e talvez em outros locais. Onde o governo havia reconhecido a possibilidade de naves e seres extraterrestres antes de 1947, uma nova atitude de descarte e ridículo foi instituída. Até hoje, a negação oficial bloqueou efetivamente qualquer consideração pública do fenômeno. No entanto, relatórios internos consistentes e testemunhos de uma variedade de pessoas mostraram que o interesse oficial em OVNIs nos mais altos níveis do governo nunca diminuiu — apenas se aprofundou no subterrâneo.

O relatório Brookings, juntamente com numerosas declarações públicas de vários funcionários diferentes, indicou que os líderes temiam o conhecimento que tinham sobre os OVNIs. Eles temiam a interrupção das instituições públicas e o pânico. Os oficiais militares, como sempre, viam a tecnologia exótica como potenciais sistemas de armas a serem mantidos em segredo de qualquer inimigo potencial. Outros líderes podem ter estado menos preocupados com o estado de espírito do público ou com a segurança militar do que com seus próprios interesses em manter o controle sobre as instituições públicas, tecnologias e lucros.

Fica claro pelo registro que, a partir de 1952, a inteligência governamental, inicialmente a CIA, começou a assumir o controle sobre a questão dos OVNIs. O Projeto Blue Book da Força Aérea dos EUA tornou-se meramente uma fachada de relações públicas com um duplo propósito: acalmar o clamor público descartando o maior número possível de relatos de OVNIs e, ao mesmo tempo, coletar silenciosamente informações sérias sobre OVNIs que eram repassadas a autoridades superiores.

Parece altamente plausível que por volta dessa mesma época, um grupo de alto nível e altamente secreto de oficiais militares, cientistas e outros líderes foi estabelecido para estudar a questão dos OVNIs — um grupo MJ-12 na prática, se não no nome. De acordo com uma ampla variedade de fontes, tal grupo ainda opera hoje. Tal grupo representaria mais claramente os 2% mais ricos da população dos Estados Unidos do que os 98% mais pobres, e é justo supor que seus interesses — particularmente do ponto de vista da autossurvival — podem não coincidir com os melhores interesses do público em geral. Depois, há as histórias bizarras — de fontes tão numerosas e variadas para ignorar — de que em algum momento representantes do governo podem de fato ter feito contato com alienígenas.

Tudo isso pressuporia o mais rígido sigilo possível por parte do governo — exatamente a situação discernida por um estudo do registro histórico. No entanto, esta parede de silêncio pode ter desenvolvido algumas rachaduras nos últimos anos. Pode ser que nossos líderes estejam fazendo esforços esporádicos para condicionar o público à ideia de visitação alienígena. Criaturas alienígenas estranhas têm aparecido em tudo, desde caros anúncios da Super Bowl e desenhos animados infantis até séries como *Arquivo X* e *Céus Escuros*, sem mencionar filmes blockbuster. Embora o motivo do lucro indubitavelmente

desempenhe um grande papel, o fato de tais exibições serem permitidas indica a muitos que tais conceitos estão sendo encorajados pela liderança da mídia de massa rigidamente controlada.

Um povo verdadeiramente livre e democrático — como gostamos de pensar que somos — deve afirmar seu direito ao mesmo conhecimento que os membros mais ricos da sociedade. Afinal, todos compartilharemos igualmente o futuro da Terra. Pode muito bem ser que a razão pela qual tantas pessoas comuns afirmam ter tido contato com seres alienígenas é que aqueles líderes humanos que procuraram manter o público ignorante da presença alienígena estão sendo contornados.

Apesar do que parece ser um esforço concentrado do governo e de outros para esconder essa presença alienígena, um número cada vez maior de pessoas está se tornando consciente dessa nova realidade através de vários meios, incluindo contato pessoal, mensagens canalizadas, a disseminação mais ampla de notícias e informações através de redes de computadores, livros, filmes, TV, vídeos, um número crescente de palestrantes públicos, a boa e velha intuição e a visualização remota desenvolvida pelos militares.

Uma mensagem consistente está se tornando clara — somos todos seres multidimensionais de livre arbítrio, compostos tanto do físico quanto do espiritual. Nossos corpos individuais são feitos de matéria física que deve se conformar às leis físicas. Mas nossos corpos são energizados por uma forma pensante de energia — a alma, se preferir — que, como toda energia, não pode ser criada nem destruída, apenas mudar de forma. Muitos pesquisadores do nosso lado espiritual acreditam que a humanidade está em processo de mudança para um plano de existência superior — um que lida com o coração, não com o intelecto.

Nosso lado multidimensional bloqueou a memória consciente de nossa verdadeira natureza por causa das lições a serem aprendidas durante nossa existência física na Terra. No nível dessa energia senciente e criativa, estamos todos — humanos, bem como todas as outras formas de vida no universo — conectados em algum tipo de grade de energia abrangente, semelhante à teoria de campo unificado de Einstein. Isso parece operar no nível submolecular ou além, que nossa ciência está apenas agora descobrindo. É nesse nível que as habilidades intuitivas e psíquicas do homem entram em ação. De acordo com quase todos os relatos pessoais, a maioria dos seres alienígenas está mais ciente dessa realidade do que nós, o que pode explicar seu aparente manuseio delicado do contato entre nós.

Isso também pode explicar por que não houve um ataque direto do tipo *Dia da Independência* ou uma tentativa física de subjugar a humanidade. Afinal, se suas intenções fossem hostis, o senso comum dita que eles teriam agido contra nós muito antes de hoje, quando enfrentariam nossas plataformas espaciais profundas e armamento da "Guerra nas Estrelas".

Isso também pode explicar equívocos em relação às abduções. Muitos crentes neste conceito de que todos são um afirmam que os abduzidos concordaram em trabalhar com os alienígenas grises em um dos níveis básicos inconscientes. No entanto, quando o contato é feito, a mente consciente fica aterrorizada com a experiência. "Além disso", comentou um estudante metafísico, "os grises não têm boas maneiras à beira do leito." Os grises estão tentando aprender a lidar com os humanos. Eles provavelmente estão perplexos que os abduzidos se sintam abusados por seus experimentos médicos. Além disso, de acordo com alguns pesquisadores, os grises estão vivendo em um estado de medo, e esse medo é frequentemente refletido pelos humanos que eles contatam.

Foi dito que eles devem aprender a alcançar níveis mais elevados de consciência através do coração, não através da mente. É irônico que aparentemente a única maneira que eles sabem aprender sobre amor e emoção seja através do estudo intelectual frio. É um pouco como tentar ensinar alguém a dançar — você pode explicar os passos e contar o quanto quiser, mas a menos que a pessoa tenha ritmo, esqueça.

A agenda alienígena obviamente abrange muito mais do que uma raça buscando escravizar ou explorar a terra. Considerando todos os relatos, existem muitas raças diferentes nos visitando hoje, aparentemente por muitas razões diferentes — algumas benignas e úteis, outras talvez mais egoístas. Nenhum motivo único pode ser estabelecido, assim como um nativo de Fiji não poderia atribuir um motivo único aos muitos viajantes que voam diariamente sobre sua cabeça em jatos transpacíficos.

Quaisquer que sejam as motivações e qualquer que seja a tecnologia em uso, esta agenda envolve todos os envolvidos, humanos e outros, e envolve a força criativa primordial do universo — o criador de tudo. Como foi dito à abduzida Judy Doraty por um alienígena grey quando ela perguntou sobre Deus: "Ele é o mesmo para nós que é para você."

Pareceria que a religião — ou mais especificamente o espiritualismo — está interconectada com a agenda alienígena. Embora a maioria das religiões aborde facetas da verdade espiritual, nenhuma pode reivindicar conhecimento exclusivo. As religiões do mundo podem ser comparadas à história dos cegos e do elefante. Todas têm um pedaço da verdade, mas suas interpretações podem não estar corretas. Hoje, muitos sentem que a religião organizada é sobre o controle do entendimento. É a mente do homem tentando interpretar o coração de Deus — e não fazendo um trabalho muito bom nisso.

Foi dito que todo sentimento humano se origina de apenas duas emoções básicas — amor ou medo. O amor, a base da compaixão, simpatia e entendimento, provém do nível de energia mais elevado do homem, enquanto o medo, o produtor de intolerância, ódio e violência, vem do nosso nível de energia mais básico. O amor, dito fluir de Deus, é do coração. O medo é um produto da mente. Infelizmente, muitas religiões se concentram no

medo — medo de Satanás, medo da morte e medo da vida após a morte — para controlar os membros.

Toda a humanidade pode estar se movendo para uma consciência superior. Alguns a chamam de "Consciência de Cristo". Não há dúvida de que a velha ordem — os velhos sistemas, as velhas maneiras de fazer as coisas — está desmoronando. Novas dimensões, novas realidades estão no horizonte. E cada um de nós tem um papel a desempenhar. A humanidade é tão forte quanto seu elo mais fraco. Não há vítimas ou abandonados. Todos estão envolvidos. Cada um de nós é como um diapasão. Quando um ressoa com a frequência mais alta do amor e entendimento sinceros, outros seguem.

Muitos sentem que os alienígenas de energia e luz, chamados de Transcendentais pelos visualizadores remotos, estão aqui para testemunhar — e talvez ajudar — nossa mudança para novas realidades. É literalmente um renascimento e, como qualquer nascimento, haverá dor enquanto todos nós passamos pelas transições físicas. O medo só tornará as coisas piores. No entanto, o medo continuará a ser uma grande parte de nossa experiência até que sejamos capazes de romper o sigilo governamental e a ilusão da vida impulsionada pela mídia para obter conhecimento total de nosso mundo, nossa verdadeira história, nosso futuro e nosso relacionamento com outros no universo.

O advento do fenômeno OVNI em nossa consciência coletiva nos últimos anos pode muito bem ser um chamado de despertar — uma mensagem não tão sutil de que o conhecimento intelectual humano não é o objetivo final da existência ou qualquer garantia de paz e tranquilidade. Não será provado com uma régua de cálculo nem visto em um telescópio. Para o verdadeiro amor e entendimento, a base de tudo o que é bom e desejável, devemos olhar para dentro. Todos nós conhecemos a verdade quando a ouvimos. Ela ressoa profundamente dentro do ser individual. Nós a conheceremos pelos sinais sutis do coração.

A humanidade em sua fase atual de crescimento pode ser comparada ao estudante universitário, que quando calouro acredita saber tudo, mas quando veterano percebe que sabe muito pouco. Nossa adolescência está chegando ao fim e é hora de nos libertarmos do papai e da mamãe — todas as figuras de autoridade dogmáticas — e começarmos a ocupar nosso lugar de direito como membros de pensamento livre e responsáveis de um público universal.

Afinal, para qualquer pessoa que não seja da Terra, nós somos os alienígenas — e temíveis, com nossos modos primitivos e destrutivos. Talvez sejamos o foco da preocupação universal e estejamos todos sendo guiados por uma série de formas de vida não humanas.

Parafraseando aquele grande filósofo gambá Pogo: "Encontramos a agenda alienígena e somos nós."

APÊNDICE

LEVE-ME AO SEU LÍDER

O elegante OVNI prateado em forma de disco deslizou silenciosamente sobre o campo, finalmente parando em um campo perto de um fazendeiro que ficou imóvel de admiração e espanto. Saiu uma figura diminuta de tom esmeralda que se aproximou do fazendeiro com uma mão erguida em sinal universal de amizade.

"Leve-me ao seu líder", entoou o homenzinho verde.

Esta cena tornou-se um clichê na literatura popular de ficção científica. Mas enquanto as representações de visitantes alienígenas evoluíram dos monstros sanguinários das décadas de 1950 e 1960 para as criaturas estranhas, mas muitas vezes bondosas, de *E.T.* e *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, a questão da liderança adquiriu novo significado.

Quem é o nosso líder? Quem fala pela Terra? Claramente, nem o presidente americano nem o russo falam pela Terra. Muitos questionam se eles sequer falam por suas respectivas nações. Certamente, neste momento, nenhum indivíduo ou grupo parece falar em nome da Terra como um todo.

Muitos pesquisadores de OVNIs acreditam que nenhum contato público com inteligências extraterrestres pode ocorrer até que um representante possa falar pelo planeta. Se assim for, torna-se imperativo para nós determinar quem — se é que alguém — está no comando deste mundo. Esta seção abordará esta questão.

Para começar, deve-se abordar as duas teorias básicas da história — a acidental e a conspiratória. A primeira ideia foi resumida por Zbigniew Brzezinski, Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Jimmy Carter e ex-diretor da Comissão Trilateral. "A história é muito mais produto do caos do que da conspiração... cada vez mais, os formuladores de políticas são dominados por eventos e informações."

A ideia de conspiração na história tem sido amplamente descartada pelos políticos e pela mídia americana. No entanto, enquanto o *Webster's Third New International Dictionary* define conspirar — literalmente "respirar juntos" — como um acordo secreto entre duas ou mais pessoas para cometer um ato criminoso ou traiçoeiro, também significa "concordar ou trabalhar para um fim: agir em harmonia".

Na sociedade atual orientada para os negócios, um proprietário ou gerente de empresa que admitisse não ter nenhum plano de negócios seria ridicularizado como um perdedor prestes

a falir. No entanto, um plano de negócios, embora não necessariamente criminoso, é geralmente secreto, pelo menos da concorrência. É uma forma de conspiração.

O ato de conspirar é uma parte antiga e bem documentada da história humana. Dos irmãos do José bíblico ao Watergate, o registro está repleto de conspirações. Os assassinatos de Júlio César e Abraham Lincoln, a Revolução Americana, a Guerra Hispano-Americana e a Primeira Guerra Mundial foram todos resultados de conspirações humanas. O mestre político Franklin D. Roosevelt foi citado dizendo: "Na política, nada acontece por acaso. Se acontece, foi planejado assim."

A Tentativa de Golpe de 1934

Um exemplo clássico, mas pouco conhecido, de conspiração dentro dos Estados Unidos pode ser encontrado na tentativa de derrubar Roosevelt no início de sua presidência. Não é apenas um exemplo da história oculta dos EUA — você não ouviu essa história no ensino médio — mas também da extensão a que pessoas poderosas irão para exercer sua vontade.

Apenas um ano depois de Hitler chegar ao poder na Alemanha, muitos americanos ricos viam com bons olhos um sistema fascista para atuar como um escudo contra o socialismo e o comunismo. Muitos estavam descontentes com as políticas sociais do presidente Roosevelt e sentiam que ele era secretamente um comunista.

"No início de 1934, Irenee du Pont e [o presidente da General Motors William S.] Knudsen atingiram seu ponto de ruptura com o Presidente Roosevelt", relatou o autor Charles Higham. "Juntamente com amigos do Morgan Bank e da General Motors, certos patrocinadores da Du Pont financiaram um golpe de estado que derrubaria o Presidente com a ajuda de um exército de terroristas financiado com $3 milhões, modelado no movimento fascista em Paris conhecido como Croix de Feu."

O fracasso deste esquema foi o comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, General Smedley Butler, que foi procurado pelos conspiradores e instado a chefiar o novo governo baseado em militares. Butler, que havia atacado abertamente os programas do New Deal de Roosevelt, no entanto, provou ser um cidadão leal e imediatamente informou Roosevelt sobre a conspiração traiçoeira.

"Roosevelt... sabia que se prendesse os líderes das casas de Morgan e Du Pont, isso criaria uma crise nacional impensável em meio a uma depressão e talvez outra quebra na Wall Street. Não pela primeira nem pela última vez em sua carreira, ele estava ciente de que havia poderes maiores do que ele nos Estados Unidos", observou Higham.

Roosevelt decidiu vazar a história para a imprensa, que geralmente a minimizou como um boato "ridículo". No entanto, alguns dos principais conspiradores deixaram o país até que o

furor diminuísse, e a história levou o Congresso a nomear um comitê especial para investigar o assunto. Cedendo aos poderosos interesses envolvidos, o comitê se arrastou por quatro anos antes de finalmente publicar um relatório marcado para "circulação restrita". Embora minimizando o significado desta tentativa de golpe, o relatório do comitê afirmou que "certas pessoas fizeram uma tentativa de estabelecer uma organização fascista neste país" e que o comitê "foi capaz de verificar todas as declarações pertinentes feitas pelo General Butler".

Este foi o último movimento aberto contra um presidente americano por poderosos interesses empresariais até 1963. No entanto, revelou que os governantes ocultos da América nem sempre estavam contentes em operar dentro dos limites da Constituição dos EUA. O fato de que esta tentativa de derrubar o governo não é mencionada nos livros de história ilustra a deficiência da educação pública desta nação nesses assuntos, graças a uma mídia de massa mais preocupada com tópicos "Mickey Mouse" do que com notícias investigativas. É irônico que hoje o império Disney inclua muitas organizações de mídia.

No prefácio de seu livro *Fifty Greatest Conspiracies of All Time* (As Cinquenta Maiores Conspirações de Todos os Tempos), os autores Jonathan Vankin e John Whalen apontam: "A versão 'Disney' da história poderia ser igualmente chamada de 'versão do New York Times' ou 'versão do noticiário da TV' ou 'versão do livro didático universitário'. A principal resistência às teorias da conspiração vem não das pessoas na rua, mas da mídia, da academia e do governo — pessoas que gerenciam a economia nacional e global da informação."

A história da humanidade tem de fato se mostrado um longo movimento evolutivo para comunidades maiores e mais complexas construídas sobre uma conspiração após a outra. De tribos a cidades-estado a nações a comunidades econômicas, o mundo continuou a se mover em direção a um governo unificado em todo o planeta. Embora esse movimento possa ser inevitável, muitas pessoas hoje temem se tornar uma mera engrenagem em alguma máquina de "Nova Ordem Mundial" centralmente controlada. Muitos temem que as pessoas com maior probabilidade de representar a Terra — devido ao seu poder e riqueza — possam não representar os melhores interesses da pessoa comum. Muitos questionam se esse medo é válido. Existe evidência de uma história de conspirações por indivíduos e grupos elitistas?

O registro é claro — a resposta é sim. E é neste registro de conspirações que a resposta para quem governa a Terra pode ser encontrada.

Passar a Responsabilidade

Poder e riqueza andam de mãos dadas. Para determinar quem tem o poder, deve-se olhar para quem tem o dinheiro. Para isso, deve-se obter uma compreensão básica do próprio dinheiro.

O homem primitivo não tinha necessidade de dinheiro. Ele caçava quando estava com fome e cultivava para estocar alimentos para o inverno. Mas à medida que a civilização avançava, o trabalho tornou-se mais especializado. O criador de galinhas trocaria uma galinha por alguns tomates. Isso logo se mostrou impraticável, especialmente para aqueles como o pastor de ovelhas que nem sempre podia levar seu rebanho ao mercado. Os humanos logo recorreram a moedas como medida de riqueza. O metal precioso, especialmente o ouro, tinha oferta limitada, era sempre desejável e facilmente transportado como pequenas moedas gravadas com palavras ou figuras para garantir pureza. No entanto, sacos pesados e volumosos de ouro eram incômodos, sem mencionar um alvo tentador para ladrões e assaltantes.

Assim, o papel-moeda surgiu. Uma nota de papel era simplesmente uma nota promissória a ser trocada por bens ou serviços especificados. Este método funcionou bem por um tempo, mas então certos indivíduos aprenderam que o papel-moeda poderia ser muito mais do que simplesmente um meio para um fim; se emprestado a juros, o dinheiro poderia ser usado para ganhar mais dinheiro. Os primeiros ourives que armazenavam moedas de ouro usaram essa riqueza acumulada como base para emitir papel-moeda. Como era altamente improvável que todos pedissem seu ouro de volta ao mesmo tempo, os ourives tornaram-se banqueiros, emprestando uma parte de seu estoque a outros por juros ou lucro. Isso ficou conhecido como sistema bancário de reservas fracionárias — emprestar mais dinheiro do que é realmente mantido no banco. Este sistema funcionava bem, a menos que todos de repente quisessem seus depósitos de volta e iniciassem uma "corrida" ao banco.

Somado ao sistema bancário de reservas fracionárias estava o conceito de dinheiro "fiduciário", papel-moeda intrinsecamente sem valor tornado aceitável por lei ou decreto do governo. Um exemplo inicial deste sistema foi descrito por Marco Polo durante sua viagem à China em 1275. Polo observou que o imperador forçava seus súditos a aceitar pedaços pretos de papel com um selo oficial como dinheiro legal sob pena de prisão ou morte. O imperador então usava esse dinheiro fiduciário para pagar todas as suas próprias dívidas. "É-se tentado a maravilhar-se com o poder audacioso do [imperador] e a subserviência de seus súditos que suportaram tal ultraje", escreveu o autor G. Edward Griffin, "mas nossa arrogância desaparece rapidamente quando consideramos a semelhança com nossas próprias Notas do Federal Reserve. Elas são adornadas com assinaturas e selos; falsificadores são severamente punidos; o governo paga suas despesas com elas; a população é forçada a aceitá-las; elas — e o dinheiro invisível do talão de cheques no qual podem ser convertidas — são feitas em quantidade tão vasta que deve igualar em montante a todos os tesouros do mundo. E, no entanto, não custam nada para fazer. Na verdade, nosso atual sistema monetário é uma réplica quase exata daquele que apoiou os senhores da guerra de sete séculos atrás."

O autor William Greider, ex-editor assistente de administração do *Washington Post*, escreveu: "A ilusão do dinheiro foi transferida para um novo objeto com o surgimento dos

depósitos à vista, mais conhecidos como contas correntes... Levou gerações para o público superar sua desconfiança natural em cheques, mas em 1900 a maioria das pessoas estava convencida. Cheques pessoais, escritos pelos próprios compradores, eram aceitos como tão valiosos quanto as notas de um dólar. A nacionalização da emissão de moeda, concluída com a criação do Federal Reserve em 1913, simplesmente continuou este arranjo. Uma nova dimensão de confiança foi adicionada à ilusão. Finalmente, o último suporte para a ilusão do dinheiro foi removido neste século: o padrão ouro foi abandonado." Hoje, o dinheiro é cada vez mais apenas números em um computador acessados por cartões plásticos em caixas eletrônicos. Não há nada para lastreá-lo. No entanto, à medida que esse dinheiro ilusório é emprestado por instituições, os juros são adicionados. À medida que a quantidade total cresce, o valor do dinheiro diminui. Isso é chamado de inflação, na prática um imposto embutido sobre o uso do dinheiro.

Na Grande Depressão da década de 1930, o dinheiro manteve seu valor. Era simplesmente difícil de obter e os preços caíram para refletir sua escassez. Hoje, a América está passando por uma depressão inflacionária — os preços continuam a aumentar devido a uma oferta de dinheiro inflacionada.

A resposta para o que controla esta oferta de dinheiro é o banco central dos Estados Unidos, mais conhecido como Sistema de Reserva Federal, ou "o Fed" — uma coleção de doze grandes bancos regionais descritos como um "departamento independente" do governo federal. Sua conexão com o governo é tênue, na melhor das hipóteses. Os doze bancos do Fed são propriedade e controlados por bancos comerciais, que, por sua vez, são propriedade e controlados por investidores privados.

Discussões sobre a necessidade de um banco central ocorrem desde antes da elaboração da Constituição dos EUA. "Acredito sinceramente", escreveu Thomas Jefferson, um importante oponente de um banco central, "que as instituições bancárias são mais perigosas do que os exércitos permanentes; e que o princípio de gastar dinheiro a ser pago pela posteridade, sob o nome de financiamento, é apenas enganar o futuro em larga escala." Do outro lado estava Alexander Hamilton, secretário do Tesouro de George Washington. "Hamilton, acreditando que o governo deve se aliar aos elementos mais ricos da sociedade para se fortalecer, propôs ao Congresso uma série de leis, que foram promulgadas, expressando esta filosofia", escreveu o historiador Howard Zinn. "Um Banco dos Estados Unidos foi criado como uma parceria entre o governo e certos interesses bancários."

Uma rápida olhada no destino dos dois primeiros bancos centrais dos Estados Unidos é instrutiva. O primeiro, o Banco da América do Norte, foi criado pelo Congresso Continental em 1781 e foi modelado segundo o Banco da Inglaterra. Devido às conveniências da Guerra Revolucionária, foi concedido ao banco um monopólio sancionado pelo governo para criar e emitir papel-moeda. Antes de completar três anos, a inflação descontrolada rapidamente provocou o desejo por dinheiro sonante. Isso resultou no fim do banco.

O Banco dos Estados Unidos não se saiu muito melhor. Com uma carta de vinte anos concedida em 1791, era quase uma duplicata do fracassado Banco da América do Norte. A este banco também foi dado um monopólio para emitir notas bancárias, bem como servir como o repositório oficial de todos os fundos do governo. Este banco também criou inflação através da emissão de notas de reservas fracionárias. Os comerciantes de dinheiro prosperaram, mas o cidadão comum sofreu. Uma votação para renovar sua carta foi derrotada por um voto tanto no Senado quanto na Câmara em 1811. Foi o fim de um banco central por um tempo.

Embora os nomes dos americanos proeminentes que lucraram com este banco tenham se perdido na história, um nome apontava para um arranjo internacional. O autor Gustavus Myers escreveu em 1936: "Sob a superfície, os Rothschilds [a famosa família bancária europeia] há muito tinham uma poderosa influência na ditadura das leis financeiras americanas. Os registros legais mostram que eles eram o poder no antigo Banco dos Estados Unidos." É claro que banqueiros europeus conspiradores e seus associados do Novo Mundo estavam tentando ganhar controle sobre a oferta de dinheiro da América.

Apesar da oposição pública contínua a um banco central, os interesses bancários internacionais nunca desistiram. Após a virada do século, houve uma série de pânicos bancários causados não por consumidores ou falta de dinheiro, mas por problemas bancários internos, como saques de moeda. Em novembro de 1910, o senador Nelson Aldrich — sogro de John D. Rockefeller Jr. — convocou uma reunião secreta entre os principais executivos dos interesses de Morgan e Rockefeller no lodge de caça do financista J. P. Morgan na Ilha Jekyll, na costa da Geórgia. Ali foram lançados os planos para criar um banco central para os Estados Unidos.

Griffin observou: "O que emergiu [da reunião da Ilha Jekyll] foi um acordo de cartel com cinco objetivos: impedir a crescente competição dos bancos mais novos da nação; obter uma franquia para criar dinheiro do nada para fins de empréstimo; obter o controle das reservas de todos os bancos para que os mais imprudentes não fossem expostos a saques de moeda e corridas bancárias; fazer o contribuinte arcar com as perdas inevitáveis do cartel; e convencer o Congresso de que o objetivo era proteger o público."

Após esta reunião, Aldrich introduziu a legislação apropriada no Congresso, mas ela foi derrotada devido a profundas suspeitas sobre suas conexões bancárias internacionais. Aldrich, um republicano, estava intimamente identificado com os banqueiros de Wall Street. Envolta em um novo invólucro, a legislação foi finalmente aprovada pelo Congresso em 1913 pelo presidente do Comitê Bancário e Monetário da Câmara, Carter Glass, da Virgínia — um democrata. Vinte e dois anos depois, Frank Vanderlip, presidente do Rockefeller National City Bank e participante da reunião da Ilha Jekyll, escreveu: "Embora o Plano

Aldrich do Federal Reserve tenha sido derrotado quando levava o nome Aldrich, no entanto, seus pontos essenciais estavam todos contidos no plano que finalmente foi adotado."

O Fed — hoje apenas publicamente reconhecido como banco central — controla a economia dos Estados Unidos através do uso de três ferramentas principais: definir as exigências de reserva de todas as instituições depositárias (que fração da riqueza devem manter em caixa; aumentar as exigências reduz os empréstimos e desacelera a economia), definir a taxa de desconto que o Fed cobra dos bancos comerciais para tomar dinheiro emprestado e operações de mercado aberto nas quais o Fed compra e vende diretamente títulos do governo. Além disso, o Fed controla outros bancos através da Corporação Federal de Seguro de Depósitos. Além disso, através da compra e venda de moedas estrangeiras, influencia a taxa de câmbio e coordena a política financeira internacional.

"Os governadores do Federal Reserve também faziam profecias", acrescentou Greider, "mas eles tinham a capacidade de fazer suas próprias previsões se tornarem realidade."

Em outras palavras, o Fed controla a economia e, portanto, a própria vida dos Estados Unidos. Greider escreveu que o Sistema de Reserva Federal "coexistia com o governo eleito, compartilhava poder com o Congresso e o Presidente, e colaborava com eles. Em algumas circunstâncias, opunha-se a eles e os frustrava." Ele acrescentou que o Fed era "a anomalia crucial no próprio cerne da democracia representativa, uma contradição desconfortável com a mitologia cívica do autogoverno."

Outros observadores foram menos gentis. Wright Patman, o veterano congressista do Texas que chefiou o Comitê Bancário e Monetário da Câmara, afirmou: "Nos Estados Unidos hoje, temos efetivamente dois governos. Temos o governo devidamente constituído. Então temos um governo independente, incontrolado e não coordenado no Sistema de Reserva Federal, operando os poderes monetários que são reservados ao Congresso pela Constituição."

Em 1913, o congressista Charles Lindbergh Sr. alertou que a criação do Fed "estabeleceu o trust mais gigantesco da Terra. Quando o Presidente assinar esta lei, o governo invisível pelo poder do dinheiro... será legitimado. A nova lei criará inflação sempre que os trustes quiserem inflação." O representante Louis McFadden, sucessor de Glass como presidente do Comitê Bancário e Monetário, afirmou: "Quando a Lei do Federal Reserve foi aprovada, o povo destes Estados Unidos não percebeu que um sistema bancário mundial estava sendo criado aqui — um superestado controlado por banqueiros internacionais e industrialistas internacionais agindo juntos para escravizar o mundo para seu próprio prazer. Todo esforço foi feito pelo Fed para ocultar seus poderes, mas a verdade é — o Fed usurpou o governo."

Em uma publicação de 1963, as autoridades do Fed explicaram: "A função do Federal Reserve é promover um fluxo de dinheiro e crédito que facilite o crescimento econômico

ordenado, um dólar estável e o equilíbrio de longo prazo em nossos pagamentos internacionais." Se esta é realmente a função do Fed, ele falhou miseravelmente. O autor Epperson evocou uma visão conspiratória ao sugerir ironicamente que talvez o "sistema foi criado para fazer exatamente o oposto do que diz ao povo americano!"

Griffin pediu a abolição do Federal Reserve porque é incapaz de cumprir seus objetivos declarados, é um cartel operando contra o interesse público, é o "instrumento supremo da usura", é o nosso "imposto mais injusto", incentiva a guerra e desestabiliza a economia, e é um "instrumento do totalitarismo".

Todo estudante sabe que grande parte das receitas anuais dos Estados Unidos vai para "pagar a dívida nacional" — que hoje se aproxima de seis trilhões de dólares, um valor totalmente inimaginável. Em 1994, de acordo com o Departamento do Tesouro, $296,3 bilhões, ou mais de 20% do total das despesas federais, foram para pagar juros sobre uma dívida pública de $4,6 trilhões. O que isso significa é que quase um quarto dos nossos dólares de impostos vão para pagar juros sobre o dinheiro emprestado no passado para administrar o governo. Como foram os bancos do Federal Reserve que emprestaram o dinheiro em primeiro lugar — com a autorização de um Congresso com falta de dinheiro — eles recebem os pagamentos de juros. Eles são pagos para criar nosso dinheiro, que diminui de valor à medida que a oferta cresce cada vez mais, exigindo cada vez mais empréstimos.

Usura é um termo que praticamente desapareceu da linguagem. Uma vez, a palavra foi definida como qualquer juro cobrado por um empréstimo. Mas hoje os dicionários a definem como juro "excessivo". A Constituição do Texas definiu "usura" como qualquer juro superior a 6%. Esse limite foi aumentado ao longo dos anos até que todo o conceito foi excluído do documento. Os críticos observaram que até a Bíblia exigia apenas 10% para Deus.

"Cobrar juros sobre empréstimos fictícios é usura, e isso se tornou institucionalizado sob o Sistema de Reserva Federal", argumentou Griffin. "O... mecanismo pelo qual o Fed converte dívida em dinheiro pode parecer complicado no início, mas é simples se lembrarmos que o processo não pretende ser lógico, mas sim confundir e enganar." Greider observou: "Os detalhes das ações do Fed eram presumidos como sendo esotéricos demais para os cidadãos comuns entenderem."

De acordo com Greider, os negociantes de dinheiro projetaram detalhes tão intrincados e esotéricos sobre suas operações financeiras que isso assumiu as proporções de um culto. "Para as mentes modernas, parecia bizarro pensar no Federal Reserve como uma instituição religiosa", escreveu ele. "No entanto, os teóricos da conspiração, em sua própria maneira demente, estavam se aproximando de algo real e significativo... [O Fed] também funcionava no reino da religião. Seus misteriosos poderes de criação de dinheiro, herdados de antepassados sacerdotais, protegiam um complexo feixe de significados sociais e

psicológicos. Com sua própria forma de encantamento secreto, o Federal Reserve presidia um ritual social impressionante, transações tão poderosas e assustadoras que pareciam estar além do entendimento comum... Afinal, o dinheiro era uma função da fé. Exigia um consentimento social implícito e universal que era de fato misterioso. Para criar dinheiro e usá-lo, cada um deve acreditar e todos devem acreditar. Só então pedaços de papel sem valor assumem valor."

Ao longo dos anos de sua existência, o Fed rejeitou todas as tentativas de uma auditoria independente significativa.

"O resultado de todo este sistema é uma dívida maciça em todos os níveis da sociedade", escreveu William Bramley, que começou sua pesquisa estudando as causas subjacentes da guerra. "Os bancos estão em dívida com os depositantes, e o dinheiro dos depositantes é emprestado e cria endividamento para com os bancos. Tornando este sistema ainda mais semelhante a algo saído do delírio de um maníaco está o fato de que os bancos, como outros credores, muitas vezes têm o direito de apreender propriedade física se seu papel-moeda não for pago. Nos níveis nacional e internacional, lemos hoje sobre nações do Terceiro Mundo cambaleando sob enormes dívidas. A maioria dessas dívidas é 'ilusória' no sentido de que a maior parte dos empréstimos vem de bancos que geram ou canalizam dinheiro 'criado do nada'. Alguns desses bancos, como alguns representados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), têm o direito de ditar políticas econômicas e exigir medidas de austeridade dentro das nações endividadas para que os empréstimos sejam pagos." Este tipo de controle representa poder real e significativo.

Governo por Poucos

Não há dúvida de que o Fed incompreensível e inauditável é a nossa instituição mais poderosa, mas ele sempre age no melhor interesse dos cidadãos dos Estados Unidos?

Greider enfatizou a distribuição desigual da riqueza das famílias americanas, conforme relatado em um estudo do Conselho do Federal Reserve: "54% do total dos ativos financeiros líquidos eram detidos pelos 2% das famílias com a maior quantidade desses ativos e 86% pelos 10% superiores; 55% das famílias na amostra tinham patrimônio líquido zero ou negativo."

Este ciclo dos ricos ficando mais ricos enquanto os pobres ficam mais pobres tem crescido desde 1968. Ganhou impulso adicional na década de 1990, de acordo com o U.S. Census Bureau. De 1992 a 1994, a participação dos 5% mais ricos na renda nacional aumentou 14%, quase o dobro do ganho de todos os outros durante os últimos vinte e cinco anos. Foi essa porcentagem mais rica que Hamilton queria aliar ao governo, e pode-se contar com esse grupo para agir em seu próprio interesse. É a "Regra de Ouro" — aqueles que possuem

o ouro fazem as regras — como alguns humoristas colocaram. Obviamente, é esta oligarquia — esses 2% — que representa os verdadeiros governantes de nossa nação.

David Wallechinsky, que junto com Irving Wallace produziu o popular *The People's Almanac*, escreveu: "Há muitas forças em ação na sociedade dos EUA, mas a mais poderosa de longe são as diretorias interligadas dos grandes bancos, corporações e companhias de seguros, com o apoio dos líderes militares."

Essa interconexão dos principais bancos e corporações foi confirmada em 1978 por um Subcomitê de Relatórios, Contabilidade e Gestão do Comitê do Senado sobre Assuntos Governamentais. "Presidido por um senador democrata ocidental, Lee Metcalf de Montana, o subcomitê pergunta quem controla os negócios americanos, e dá a resposta: interesses monetários orientais", relatou o jornalista Milton Moskowitz. "Os bancos da cidade de Nova York, através de seus departamentos de trust, exercem uma enorme parcela de controle através dos votos dos acionistas que exercem. Mesmo que possam estar segurando essas ações para os verdadeiros proprietários, como trusts de pensão, eles têm os direitos de voto... Como os bancos são tão importantes, quem é dono dos bancos? A resposta, você não saberia, é que os grandes bancos são controlados por outros grandes bancos. Por exemplo, o maior votante de ações do J. P. Morgan & Co., a matriz do Morgan Guaranty, é o Citibank, que tem 2,6% dos votos. E o maior votante de ações do Citicorp, a matriz do Citibank, é o Morgan Guaranty, que detém 3,2% dos votos.

"Morgan também é o maior votante de ações em outros três gigantescos bancos da cidade de Nova York, Manufacturers Hanover, Chemical e Bankers Trust. O Chase Manhattan é o maior votante de ações em um dos gigantes bancários de Chicago, o First Chicago. E entre eles, o Morgan Guaranty e o Citibank votam mais de cinco por cento das ações no maior banco da nação, o Bank of America, sediado em São Francisco. Chegar ao fundo de quem controla é um pouco como uma cena de *Alice no País das Maravilhas* ou de uma rotina de comédia de Abbott e Costello." Embora os dados de Moskowitz estejam um pouco desatualizados hoje — o Manufacturers Hanover não existe mais, tendo se fundido primeiro com o Chemical em 1992, que por sua vez se fundiu com o Chase Manhattan em 1996 — o sistema só se tornou mais concentrado.

Para o cidadão comum, é frequentemente difícil conceber como um punhado de pessoas poderia controlar uma grande nação ou o mundo inteiro. No entanto, qualquer pessoa que tenha vivido em uma cidade pequena entende facilmente que em cada comunidade de pessoas existe uma ordem hierárquica de poder. Em qualquer cidade ou vila, alguns indivíduos são os tomadores de decisão reconhecidos. Esses indivíduos podem incluir o político local, o banqueiro, o chefe de polícia, ou talvez até o agente funerário. Mas geralmente a pessoa no topo da hierarquia representa riqueza e prestígio na comunidade. Às vezes, essa pessoa toma as decisões, às vezes ela apenas guia outros para um consenso. Mas não se engane, a pirâmide de comando existe.

Todo adulto pode entender este fato da vida. Também entendemos que, às vezes, esses tomadores de decisão podem ser criminosos. Muitos se lembram nos velhos faroestes de série B que era o bondoso banqueiro que acabava sendo o chefe dos ladrões de gado que expulsavam os colonos de suas terras para que pudessem ser compradas pelo banco e vendidas à ferrovia com grande lucro. Os pesquisadores desta questão estão perplexos que tantas pessoas pareçam não conseguir extrapolar esse entendimento para a política nacional e internacional. É claro, a mídia corporativa nos diz diariamente que está tudo realmente bem e deprecia qualquer conversa de "teóricos da conspiração".

A elite dominante faz sua vontade ser sentida de várias maneiras, não menos importante o controle da propriedade sobre os principais meios de comunicação de nações como os Estados Unidos, que hoje está se tornando concentrada em cada vez menos mãos. Não admira que seis das dez "histórias censuradas" de 1995, conforme determinado pela *Alternet*, envolveram questões de negócios, como a monopolização das telecomunicações, a piora da situação do trabalho infantil, o aumento dos gastos do governo com armas nucleares, a fraude na indústria médica, a batalha da indústria química para subverter as leis ambientais e as promessas quebradas do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA).

Como a propriedade da mídia, o Sistema de Reserva Federal é dirigido por homens e mulheres fiéis à oligarquia. Greider, que basicamente favorece o Fed, explicou: "Com apenas exceções esparsas, os governadores do Fed foram recrutados de duas disciplinas — economia financeira e bancária. No caso do Conselho do Federal Reserve, a meritocracia americana permitiu que pessoas capazes chegassem ao topo, mas também os selecionou cuidadosamente. Não havia pensadores radicais ou teóricos originais entre eles. Ninguém com opiniões não ortodoxas seria escolhido." Este retrato parecia idêntico ao de muitas corporações hoje. Obviamente, não havia espaço para alguém que pudesse considerar questionar a necessidade do Fed ou de um sistema bancário baseado em papel-moeda e crédito. A conexão entre negócios e o Fed foi explicada por Greider como uma "porta giratória" que "criou uma fraternidade não oficial de pessoas de dentro da indústria, homens que falavam a mesma língua e trocavam fofocas, não diferente dos oficiais militares que deixavam o Pentágono para trabalhar para empreiteiros de defesa. De fato, o espírito profissional no Fed se assemelhava ao corpo de oficiais profissionais das forças armadas. 'Você quase não precisa dar ordens', disse um ex-economista, 'porque as tropas já sabem quais serão as ordens'."

Que tanto os atuais quanto os ex-funcionários do Sistema de Reserva Federal são membros desta "fraternidade" é inegável. Além de seus contatos comerciais, esses funcionários são membros de organizações com conexões internacionais, como a Comissão Trilateral e o Conselho de Relações Exteriores (CFR). Tais funcionários incluem o presidente do Fed Alan Greenspan, o ex-presidente Paul Volcker (que passou a ser presidente norte-americano

da notória Comissão Trilateral), Cyrus R. Vance, Bobby Ray Inman, E. Gerald Corrigan, Robert P. Forrestal, Anthony M. Solomon e muitos outros homens proeminentes.

Os membros da mídia do CFR parecem um "Quem é Quem" da indústria. Eles incluem o chefe da CBS Laurence A. Tisch, o âncora Dan Rather, o chefe da NBC John F. Welch Jr., os âncoras Tom Brokaw e David Brinkley, o chefe da ABC Thomas S. Murphy e a âncora Diane Sawyer, Robert MacNeil e Jim Lehrer da PBS, Katharine Graham do *Washington Post*, Daniel Schorr da CNN, David Gergen da *U.S. News*, Harrison Salisbury do *New York Times*, os colunistas George Will, Meg Greenfield, William F. Buckley Jr., Georgie Ann Geyer, Ben J. Wattenberg e muitos outros.

O CFR é o ramo americano dos grupos Round Table britânicos fundados por Cecil Rhodes, que no final dos anos 1800 enriqueceu com seu monopólio dos diamantes sul-africanos graças à cooperação do Banco da Inglaterra e dos interesses bancários Rothschild. Carroll Quigley, professor de história na Foreign Service School da Universidade de Georgetown, escreveu: "As Bolsas Rhodes... são conhecidas por todos. O que não é tão amplamente conhecido é que Rhodes em cinco testamentos anteriores deixou sua fortuna para formar uma sociedade secreta, que se dedicaria à preservação e expansão do Império Britânico. E o que parece não ser conhecido por ninguém é que esta sociedade secreta... continua a existir até hoje."

Em seu livro de 1966 *Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time* (Tragédia e Esperança: Uma História do Mundo em Nosso Tempo), Quigley abordou a questão da conspiração histórica escrevendo: "Existe, e tem existido por uma geração, uma rede internacional anglófila que opera, até certo ponto, da maneira que a direita radical acredita que os comunistas agem. Na verdade, esta rede, que podemos identificar como os Grupos Round Table, não tem aversão a cooperar com os comunistas, ou com quaisquer outros grupos, e frequentemente o faz. Conheço as operações desta rede porque a estudei por 20 anos e tive permissão por dois anos, no início dos anos 1960, para examinar seus papéis e registros secretos. Não tenho aversão a ela ou à maioria de seus objetivos e, por grande parte da minha vida, estive próximo dela e de muitos de seus instrumentos. Objetei, tanto no passado quanto recentemente, a algumas de suas políticas — notavelmente à sua crença de que a Inglaterra era uma potência atlântica em vez de europeia e devia ser aliada, ou mesmo federada, aos Estados Unidos e devia permanecer isolada da Europa — mas, em geral, minha principal diferença de opinião é que ela deseja permanecer desconhecida, e acredito que seu papel na história é significativo o suficiente para ser conhecido."

Quigley acrescentou: "Desde 1925, houve contribuições substanciais de indivíduos ricos e de fundações e empresas associadas à fraternidade bancária internacional, especialmente o Carnegie United Kingdom Trust, e outras organizações associadas a J. P. Morgan, as famílias Rockefeller e Whitney... A espinha dorsal principal desta organização cresceu ao longo da já existente cooperação financeira que se estendia do Morgan Bank em Nova York

a um grupo de financistas internacionais em Londres liderado por Lazard Brothers... No final da guerra de 1914 [Primeira Guerra Mundial], tornou-se claro que a organização deste sistema tinha que ser muito estendida."

Quigley explicou que "organizações de fachada" foram criadas para o Grupo Round Table. Em Londres, isso foi chamado de Royal Institute of International Affairs. Na América, era o Council on Foreign Relations, uma "fachada para o J. P. Morgan and Company em associação com o muito pequeno American Round Table Group."

Deve-se notar que Quigley não é um "teórico da conspiração", mas um historiador respeitado, e o mentor reconhecido do presidente Bill Clinton, ele próprio um bolsista Rhodes. Mas a grande mídia consistentemente deixa de mencionar as conexões entre os líderes da América e as organizações às quais pertencem. Outros membros do CFR da primeira administração Clinton incluíam, mas não se limitavam a: Vice-presidente Al Gore, Conselheiro de Segurança Nacional Anthony Lake, Secretário de Estado Warren Christopher, Secretário de Defesa Les Aspin, Secretário do Interior Bruce Babbitt, Secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano Henry Cisneros, e Secretária de Saúde e Serviços Humanos Donna Shalala.

Pesquisadores inclinados à conspiração têm se preocupado por anos que esses funcionários do governo, juntamente com seus associados da mídia, raramente mencionem sua própria filiação a tais grupos, nem quebrem o silêncio e relatem sobre essas atividades.

Um exemplo recente envolveu a reunião de 1996 dos Bilderbergers, um grupo sombrio de internacionalistas e membros do CFR com o nome do Hotel Bilderberg em Oosterbeek, Holanda, onde foram descobertos pela primeira vez em 1954. Suas conferências secretas são frequentadas por líderes mundiais do governo, finanças, negócios, mídia e trabalho. Embora os Bilderbergers estejam comprometidos com o silêncio sobre os assuntos de suas reuniões, o primeiro presidente do grupo, Príncipe Bernhard da Holanda, deu uma boa indicação do que eles pretendem em 1964, quando escreveu: "É difícil reeducar as pessoas que foram criadas no nacionalismo para a ideia de renunciar a parte de sua soberania para um corpo supranacional..."

Entre 30 de maio e 2 de junho de 1996, o grupo Bilderberger se reuniu em King City, perto de Toronto, Canadá. Os participantes incluíram o conselheiro sênior do presidente Clinton, George Stephanopoulos, o Secretário de Defesa William Perry, Henry Kissinger, Lloyd Bentsen e David Rockefeller. Pelo menos alguns dos atuais funcionários do governo que participaram da reunião viajaram às custas dos contribuintes. A mídia canadense estava cheia do que podia reunir de notícias, com manchetes como "[o primeiro-ministro canadense Jean] Chretien falará em reunião mundial secreta", "[o editor canadense Conrad] Black recebe líderes mundiais" e "Dominação Mundial ou uma volta de golfe?" A mídia americana, como de costume, ficou em silêncio sobre o assunto.

Autoridades do Bilderberg há muito tentam retratar esta reunião de ricos e poderosos como apenas um grupo de discussão informal. Esta imagem foi destruída por um membro franco, Jack Sheinkman, presidente do Amalgamated Bank, que disse à repórter Trisha Katson que havia participado de dez reuniões anuais do Bilderberg. Sheinkman disse: "Em alguns casos, as discussões têm um impacto e se tornam [oficial] política. A ideia de uma moeda europeia comum foi discutida vários anos antes de se tornar política. Tivemos uma discussão sobre o estabelecimento de relações formais dos EUA com a China antes de Nixon realmente fazê-lo."

Se a futura política pública está sendo discutida nessas reuniões, por que elas não são relatadas pela mídia "guardiã" da América? Uma secretária do participante William F. Buckley Jr. respondeu: "Acho que não é a natureza da reunião, é?" Paul Gigot do *The Wall Street Journal* foi mais explícito quando explicou: "As regras da conferência, que todos nós seguimos, são que não falamos sobre o que é dito. Tudo é off the record. O fato de eu ter participado não é segredo."

Com base nas evidências disponíveis hoje, pode haver pouca dúvida de que um pequeno grupo da elite rica exerce um controle conspiratório sem precedentes sobre grande parte dos negócios e do governo mundiais, apesar das negações da própria mídia que eles possuem. Mas este grupo teria algum interesse em vida extraterrestre?

A resposta teria que ser sim por causa do possível impacto de qualquer tecnologia de energia alienígena isoladamente. Mas esta é uma área altamente especulativa, com apenas uma pequena quantidade de evidência disponível.

O que é claro e inegável é que, através de planejamento/conspirações governamentais e corporativas calculadas e agressivas, nosso mundo se tornou totalmente dependente de duas formas principais de energia: petróleo e nuclear. O ativista Barry Commoner escreveu que desenvolver uma fonte de energia barata, abundante e não poluente é uma "necessidade social, e é inútil esperar construí-la com base em decisões de produção que produzem mercadorias em vez de soluções para tarefas essenciais; que produzem bens que são maximamente lucrativos em vez de maximamente úteis; que aceitam como teste final o lucro privado em vez do valor social."

Don Kelly, engenheiro projetista e autor de *The Free Energy Manual* (O Manual da Energia Livre), afirmou: "Tanto as opções de petróleo quanto as nucleares trouxeram o surgimento de monopólios que funcionaram às custas do meio ambiente do planeta. Não é de admirar que os visitantes extraterrestres relatados devam considerar nosso planeta um hospício aberto quando consentimos com a adoção de fontes de energia duvidosas que têm o potencial claro de destruir o planeta e todos os seus habitantes."

Mais do que alguns pesquisadores de conspiração veem este inegável monopólio de energia — apoiado por enormes subsídios e proteções governamentais — como prova adicional de um plano para suprimir qualquer fonte de energia não controlada, seja de OVNIs ou de inventores humanos inovadores como Nikola Tesla. Um estudo de possíveis fontes alternativas de energia levou a editora de revista Vicki Cooper a concluir que "a verdadeira solução energética não está em uma mudança de política ou prioridades governamentais, mas em uma mudança de consciência."

Certos membros da elite rica do mundo expressaram mais do que um interesse casual em OVNIs e seus ocupantes. Laurance S. Rockefeller, por exemplo, patrocinou um projeto de OVNIs dentro da fundação sem fins lucrativos BSW, Inc. Um relatório recente da BSW disse que os resultados preliminares do projeto de OVNIs — que é tanto multidisciplinar quanto multinacional — foram apresentados a líderes governamentais. Limitado a apenas mil cópias, o relatório de 1995, intitulado *Unidentified Flying Objects: The Best Available Evidence* (Objetos Voadores Não Identificados: A Melhor Evidência Disponível), observou: "Mas se os OVNIs são reais, como a informação neste relatório sugere fortemente, a questão neste caso é o acesso ao conhecimento de significado potencialmente profundo em relação ao lugar do homem no universo, à sociedade humana e à ciência." O relatório também afirmou: "Acreditamos que este material causou uma impressão substancial no atual governo [dos EUA] e que há um interesse agora em abrir gradualmente a porta para informações sobre OVNIs."

A rapidez com que essa porta se abrirá está para ser vista.

Como a elite rica — através de mecanismos como o Sistema de Reserva Federal, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, juntamente com grupos privados como o Conselho de Relações Exteriores e a Comissão Trilateral — exerce um grau substancial de controle sobre os governos mundiais, seria razoável supor que eles estariam muito preocupados com OVNIs e vida no espaço. Tal grupo desejaria estar na vanguarda de qualquer contato alienígena para obter controle ou suprimir qualquer tecnologia alienígena que pudesse desequilibrar o *status quo*. Qualquer tecnologia que pudesse desalojar os monopólios de energia, comunicação ou saúde seria vista como perigosa para uma posição de poder. Afinal, o público sofredor continuaria a pagar preços cada vez mais altos por reservas cada vez menores de gasolina e petróleo se soubesse com certeza que existia tecnologia eletromagnética ou antigravidade sem combustível e não poluente? O público permaneceria passivo com o conhecimento certo de que havia curas para AIDS, câncer e talvez até para a velhice?

Visto desta perspectiva, a causa do sigilo em relação ao contato extraterrestre torna-se abundantemente clara.